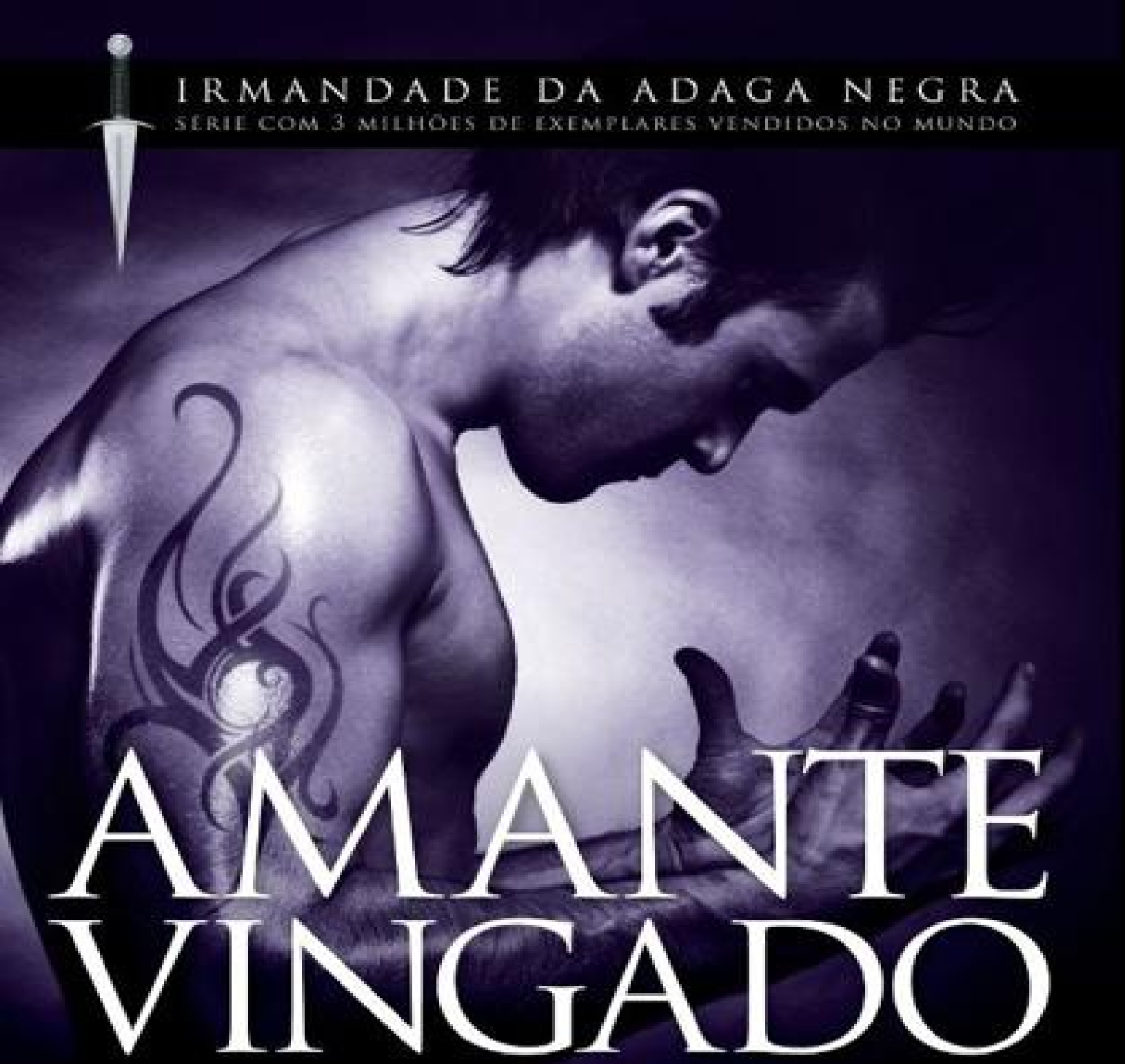
IRMANDADE DA ADAGA NEGRA

SÉRIE COM 3 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NO MUNDO



# AMANTE VINGADO

J.R. WARD

UMA HISTÓRIA DE VAMPIROS, GUERREIROS, ENVOLVENTES E SEDUTORES

UNIVERSO DOS LIVROS

# Amante Vingado

**Universo dos Livros Editora Ltda.**
Rua do Bosque, 1589 - Bloco 2 - Conj. 603/606
Barra Funda - CEP 01136-001 • São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
*E-mail:* editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

# Amante Vingado

*J. R. WARD*

SÃO PAULO
2011

UNIVERSO DOS LIVROS

**Copyright © Jessica Bird, 2009**
Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer forma. Esta edição foi publicada em parceria com Penguin Group (USA) Inc.

**Título original**
*Lover Avenged*

**© 2011 by Universo dos Livros**
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

**Diretor-Editorial:** Luis Matos
**Tradução:** Carolina Curossá Rosa e [OK Linguística]
**Preparação:** Felipe C. F. Vieira
**Revisão:** Fernanda Duarte e Fernanda Fonseca
**Assistentes-Editoriais:** Noele Rossi e Talita Gnidarchichi
**Arte:** Camila Kodaira e Stephanie Lin
**Capa:** Zuleika Iamashita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

W259a Ward, J. R.

Amante Vingado / J. R. Ward ; [tradução de Carolina Curassá Rosa ].

– São Paulo : Universo dos Livros, 2011.
720 p. – (Irmandade da Adaga Negra)

Tradução de: Lover Avenged

ISBN 978-85-7930-264-0

1. Vampiros. 2. Ficção. I. Título. II. Série

CDD 813.6

# Sumário

Capa Página
Página de Título
Direitos Autorais Página
GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57
CAPÍTULO 58
CAPÍTULO 59
CAPÍTULO 60
CAPÍTULO 61
CAPÍTULO 62
CAPÍTULO 63
CAPÍTULO 64

CAPÍTULO 65
CAPÍTULO 66
CAPÍTULO 67
CAPÍTULO 68
CAPÍTULO 69
CAPÍTULO 70
CAPÍTULO 71
CAPÍTULO 72
CAPÍTULO 73
CAPÍTULO 74
A SEGUIR UMA PRÉVIA DO OITAVO ROMANCE DA IRMANDADE DA ADAGA NEGRA, LOVER MINE
SOBRE A AUTORA

# Páginas

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20
21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40
41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60
61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80
81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100
101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117
118 119 120
121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137
138 139 140
141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157
158 159 160
161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177
178 179 180
181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197
198 199 200
201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217
218 219 220
221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237
238 239 240
241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257
258 259 260
261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277
278 279 280
281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297
298 299 300
301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317
318 319 320
321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337
338 339 340
341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357
358 359 360
361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377

378 379 380
381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397
398 399 400
401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417
418 419 420
421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437
438 439 440
441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457
458 459 460
461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477
478 479 480
481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497
498 499 500
501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517
518 519 520
521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537
538 539 540
541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557
558 559 560
561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577
578 579 580
581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597
598 599 600
601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617
618 619 620
621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637
638 639 640
641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657
658 659 660
661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677
678 679 680
681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697
698 699 700
701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717
718 719 720

Dedicado a você:

*Bem* e *mal* nunca foram termos tão relativos como quando aplicados a você. Mas eu concordo com ela. Para mim, você sempre foi um herói.

*Todos os reis são cegos.*
*Os bons enxergam isso e utilizam mais que sua visão para governar.*

# AGRADECIMENTOS

Dedico imensa gratidão aos leitores da Irmandade da Adaga Negra e um salve para os Cellies!

Muito obrigada: Steven Axelrod, Kara Cesare, Claire Zion, Kara Welsh e Leslie Gelbman.

Obrigada Lu e Opal, assim como agradeço aos Mods e todos os nossos Hall Monitors, por fazerem tudo do fundo do coração!

Como sempre, agradeço muito ao meu Comitê Executivo: Sue Grafton, Dra. Jessica Andersen e Betsey Vaughan. E dedico muito respeito à incomparável Suzanne Brockmann e à sempre fabulosa Christine Feehan (e família).

A D.L.B. – dizer que admiro você é muito óbvio, mas está dito. Amo você, beijos, mamãe.

A N.T.M. – que sempre está certo e ainda consegue ser amado por todos.

A LeElla Scott – que *detona*, meu bem, sim é isso mesmo.

A Kaylie e a sua mamãe – eu as amo demais.

Nada disso seria possível sem: meu amado marido, meu conselheiro, que cuida de mim e é um visionário; minha maravilhosa mãe, que me deu tanto amor que eu não poderia nunca retribuir; minha família (tanto a de sangue quanto a adotiva); e meus tão queridos amigos.

Ah, e com amor para a cara-metade do WriterDog, como sempre.

# GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS

***Ahstrux nohstrum*:** Segurança particular com licença para matar, designado pelo rei.

***Chrih*:** Símbolo de morte honrada no Antigo Idioma.

**Cio:** Período fértil das vampiras. Em geral, dura dois dias e é acompanhado por intenso desejo sexual. Ocorre pela primeira vez aproximadamente cinco anos após a transição da fêmea e, a partir daí, uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em certa medida se estiverem por perto de uma fêmea no cio. Pode ser uma época perigosa, com conflitos e lutas entre os machos, especialmente se a fêmea não tiver companheiro.

***Conthendha*:** Conflito entre dois machos que competem pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

***Dhono*:** Termo de respeito usado por uma fêmea sexualmente submissa ao se referir a seu dominador.

***Dhunhd*:** Inferno.

***Doggen*:** Membro da classe servil no mundo dos vampiros. Os *doggen* seguem antigas e conservadoras tradições de servir aos seus superiores, obedecendo a códigos formais no comportamento e no vestir. Podem sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. Sua expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

***Duplo bhanido*:** O gêmeo mal ou amaldiçoado, o segundo a nascer.

***Ehnclausuramento*:** *Status* conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia em resposta a uma petição de seus familiares. Subjuga uma fêmea à autoridade de um responsável único, o *tuhtor*, geralmente o macho mais velho da casa. Seu *tuhtor*, então, tem o direito legal de determinar todos os aspectos de sua vida, restringindo, segundo sua vontade, toda e qualquer interação dela com o mundo.

***Ehros*:** Uma Escolhida treinada nas artes sexuais.

**As Escolhidas:** Vampiras educadas para servirem à Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam voltadas mais para as coisas espirituais que temporais. Têm pouca, ou nenhuma, interação com os machos, com exceção do Primaz, mas podem acasalar com guerreiros a fim de reproduzir sua espécie, segundo a orientação da Virgem Escriba. Algumas possuem a capacidade de predizer o futuro. No passado, eram utilizadas para satisfazer a necessidade de sangue de membros solteiros da Irmandade, e essa prática tem sido restabelecida pelos Irmãos.

**Escravo de sangue:** Vampiro macho ou fêmea que foi subjugado para satisfazer a necessidade de sangue de outros vampiros. A prática de manter escravos de sangue caiu em desuso, mas não é ilegal.

**Fade:** Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos por toda eternidade.

***Ghia*:** Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

***Glymera*:** A nata da aristocracia, equivalente a corte no período de Regência na Inglaterra.

***Granhmen*:** Avó.

***Hellren*:** Vampiro macho que tem uma companheira. Os machos podem ter mais de uma fêmea.

**Intocada:** Uma virgem.

**Irmandade da Adaga Negra:** Guerreiros vampiros altamente treinados para proteger sua espécie contra a Sociedade Redutora. Resultado de cruzamentos seletivos dentro da raça, os membros da Irmandade possuem imensa força física e mental, assim como a capacidade de se recuperar de ferimentos rapidamente. Não é constituída majoritariamente por irmãos de sangue. São iniciados na Irmandade por indicação de seus membros. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem separados dos vampiros civis e têm pouco contato com membros das outras classes, a não ser quando precisam se alimentar. São temas de lendas e reverenciados no mundo dos vampiros. Só podem ser mortos por ferimentos muito graves, por exemplo, tiros ou uma punhalada no coração, entre outros.

***Leelan*:** Termo carinhoso que pode ser traduzido aproximadamente por "muito amada".

***Lewlhen*:** Presente.

***Libhertador*:** Salvador.

***Lídher*:** Uma pessoa de poder e influência.

***Lys*:** Instrumento de tortura usado para extrair os olhos.

***Mahmen*:** Mãe. Usado afetuosamente e também como designativo.

***Mhis*:** O disfarce de um determinado ambiente físico, a criação de um campo de ilusão.

***Nalla/Nallum*:** Um termo carinhoso que significa "amada" ou "amado".

**Ômega:** Figura mística e maligna que almeja a extinção dos vampiros em razão de um ressentimento contra a Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes, entre os quais, no entanto, não se encontra a capacidade de criar.

**Perdição:** Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. Tal fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como uma paixão.

**Primeira Família:** O rei e a rainha dos vampiros e seus filhos.

***Princeps*:** O nível mais elevado da aristocracia dos vampiros, só superado pelos membros da Primeira Família ou pelas Escolhidas da Virgem Escriba. O título é hereditário, não pode ser outorgado.

***Redutor*:** Membro da Sociedade Redutora. É um humano sem alma empenhado na exterminação dos vampiros. Os *redutores* só morrem se forem apunhalados no peito; do contrário, vivem eternamente, sem envelhecer. Não comem nem bebem e são impotentes. Com o tempo, seus cabelos, a pele e os olhos perdem a pigmentação. Cheiram a talco de bebê. Depois de iniciados na sociedade por Ômega, conservam uma urna de cerâmica onde seu coração é depositado após ter sido removido.

***Ríhgido*:** Termo que se refere à potência do órgão sexual masculino. A tradução literal seria algo aproximado de "digno de penetrar uma fêmea".

***Rytho*:** Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta perante ele desprotegido.

***Shellan*:** Vampira que tem um companheiro. Em geral, as fêmeas não têm mais de um macho em razão da natureza fortemente territorial dos machos.

**Sociedade Redutora:** Ordem de assassinos constituída por Ômega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

***Sympatho*:** Subespécie dentro da raça vampira, caracterizada pela capacidade e desejo de manipular emoções nos outros (com o propósito de troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, foram discriminados e, em certas épocas, caçados pelos vampiros. Estão quase extintos.

***Trahyner*:** Termo usado entre machos em sinal de respeito mútuo e afeição. Pode ser traduzido como "querido amigo".

**Transição:** Momento crítico na vida dos vampiros, quando ele ou ela se transforma em adulto. A partir daí, precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suportam a luz do dia. Geralmente, ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, sobretudo os machos. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos e indiferentes para o sexo, além de incapazes de se desmaterializar.

***Tuhtor*:** Guardião de um indivíduo. Há vários graus de *tuhtores*, e o mais poderoso é aquele responsável por uma fêmea *ehnclausurada*.

**Tumba:** Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Usada como local de cerimônias e como depósito das urnas dos *redutores*. Entre as cerimônias ali realizadas, estão as iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os Irmãos. O acesso a ela é proibido, exceto aos membros da Irmandade, à Virgem Escriba ou aos candidatos à iniciação.

**Vampiro:** Membro de uma espécie à parte do *Homo sapiens*. Os vampiros precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, mas sua força não dura muito tempo. Após sua transição, que geralmente ocorre aos vinte e cinco anos, são incapazes de sair à luz do dia e devem se alimentar na veia regularmente. Os vampiros não podem "converter" os humanos por meio de uma mordida ou transferência de sangue, embora, ainda que raramente, sejam capazes de procriar com a outra espécie. Podem se desmaterializar por meio da vontade, mas precisam estar calmos e concentrados para isso, e não podem levar consigo nada pesado. São capazes de apagar as lembranças das pessoas, desde que recentes. Alguns vampiros são capazes de ler a mente. Sua expectativa de vida ultrapassa os mil anos, em certos casos, vai além disso.

**Viajante:** Um indivíduo que morreu e voltou vivo do Fade. Inspiram grande respeito e são reverenciados por sua façanha.

***Vihngador*:** Agente de uma retaliação mortal executada tipicamente por um macho que tenha algum laço amoroso com a vítima.

**Virgem Escriba:** Força mística conselheira do rei, guardiã dos registros dos vampiros e dispensadora de privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Ela é capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os vampiros à existência.

# CAPÍTULO 1

**– O Rei tem** de morrer.

Cinco palavras. Separadas, não significam nada especial. Juntas? Trazem todo tipo de problemas. Assassinato. Deslealdade. Traição.

Morte.

Nos tensos momentos após ouvi-las, Rehvenge se manteve em silêncio, deixando o quinteto de palavras pairando no ar denso do escritório, cinco pontas de uma bússola maligna e obscura com a qual ele estava intimamente familiarizado.

– Tem alguma resposta? – perguntou Montrag, filho de Rehm.

– Não.

Montrag piscou e arrumou o cachecol de seda no pescoço. Como a maioria dos membros da *glymera*, ele se vestia e se comportava de acordo com os costumes da alta classe. Ou seja, era simplesmente impecável, em todos os aspectos. Com seu paletó personalizado, calça risca de giz e… caramba, aquilo eram polainas?… parecia ter acabado de sair das páginas da *Vanity Fair*. De uns cem anos atrás.

E com seu ar de superioridade e suas brilhantes ideias, ele era como Kissinger sem um presidente no que se refere à política: muita análise, nenhuma autoridade.

O que explicava aquela reunião, não é mesmo?

– Não pare – disse Rehv. – Você já está em queda livre. O impacto não será suave, de qualquer maneira.

Montrag franziu a testa.

– Desculpe, não consigo ver a situação com o mesmo senso de humor.

– E quem está rindo?

Uma batida na porta do escritório fez que Montrag virasse a cabeça, e ele tinha o perfil de um cachorro da raça Setter Irlandês: era todo nariz.

– Entre.

A *doggen* que respondeu à ordem entrou lutando com o peso da prataria

que carregava. Com uma bandeja de ébano do tamanho de uma porta nas mãos, atravessou a sala encurvada por causa da carga.

Até que levantou a cabeça e viu Rehv.

Congelou como numa fotografia instantânea.

– Tomaremos o chá aqui – Montrag apontou a mesa que havia no meio dos dois sofás de seda onde estavam sentados. – *Aqui*.

A *doggen* não se moveu, apenas encarava fixamente o rosto de Rehv.

– Qual *é* o problema? – perguntou Montrag quando as xícaras começaram a tremer, e um som tilintante surgiu da bandeja. – Ponha nosso chá aqui, agora.

A *doggen* inclinou a cabeça, murmurou algo e avançou devagar, pondo um pé diante do outro como se estivesse se aproximando de uma serpente pronta para dar o bote. Ficou tão afastada de Rehv quanto possível e, depois de deixar a prataria, suas mãos trêmulas mal conseguiam colocar as xícaras sobre os pires.

Quando chegou a vez do bule, era evidente que ia derramar o líquido por todos os lados.

– Deixe-me fazer isso – disse Rehv, esticando a mão.

Quando a *doggen* fez um movimento brusco para afastar-se dele, o bule escorregou de suas mãos e o chá começou a cair.

Rehv aparou a prata quente entre a palma das mãos.

– O que você fez! – exclamou Montrag, levantando-se com um salto do sofá.

A *doggen* encolheu-se, levando as mãos ao rosto.

– Sinto muito, meu amo. Verdadeiramente, eu…

– Oh, cale-se e nos traga um pouco de gelo…

– Não é culpa dela. – Rehv segurou calmamente o bule e começou a servir. – E eu estou muito bem.

Os dois olharam para ele como se estivessem esperando que Rehv começasse a pular e a gritar com as mãos queimadas. Mas ele apenas apoiou o bule de prata e encarou os olhos pálidos de Montrag.

– Um torrão, ou dois?

– Posso… posso oferecer algo para essa queimadura?

Rehv sorriu, mostrando as presas a seu anfitrião.

– Estou muito bem.

Montrag pareceu ofendido por não poder fazer nada e transferiu sua

insatisfação para a criada.

– Você é uma desgraça absoluta. Saia daqui.

Rehv lançou um olhar à *doggen*. Para ele, as emoções da moça eram como uma grade tridimensional de medo, vergonha e pânico, uma trama que enchia o espaço que a rodeava da mesma maneira como faziam seus ossos, músculos e pele.

*Fique tranquila* – disse a ela em pensamento. – *E saiba que vou consertar isso*.

A surpresa queimou seu rosto, mas a tensão deixou seus ombros e ela deu a volta aparentando estar muito mais calma.

Quando se foi, Montrag pigarreou e voltou a se sentar.

– Não acredito que ela vá se encaixar aqui. É absolutamente incompetente.

– Por que não começamos com um torrão? – Rehv deixou cair um cubo de açúcar dentro do chá. – E depois veremos se vai querer outro.

Estendeu a mão com a xícara, mas não a aproximou muito, para que Montrag se visse forçado a levantar mais uma vez do sofá e a inclinar-se sobre a mesa.

– Obrigado.

Rehv não soltou o pires enquanto plantava uma mudança de pensamento na mente de seu anfitrião.

– Deixo as fêmeas nervosas. Não foi culpa dela.

Abriu a mão de repente, e Montrag se esforçou para segurar a porcelana.

– Ops! Não derrame. – Rehv voltou a se reclinar no sofá. – Seria uma pena manchar este tapete tão fino. Aubusson, não é?

– Ah… sim. – Montrag voltou a sentar-se e franziu a testa, como se não tivesse ideia de por que se sentia diferente com relação à sua criada. – Hum… sim, é. Meu pai comprou faz muitos anos. Tinha um gosto requintado, não? Construímos esta sala para este tapete, pois é muito grande e a cor das paredes foi escolhida especificamente para ressaltar seus tons de pêssego.

Montrag observou o escritório e sorriu para si mesmo enquanto bebia, com o dedo mindinho estendido no ar como se fosse uma bandeira.

– Como está seu chá?

– Perfeito, mas você não tomará um pouco?

– Não gosto muito de chá. – Rehv esperou até que a xícara estivesse nos lábios do cara. – Então, estava falando de assassinar Wrath?

Montrag cuspiu, o chá salpicou seu roupão vermelho sangue e sujou o

estupendo tapete do papai.

Quando o homem começou a golpear as manchas com a mão vacilante, Rehv lhe estendeu um guardanapo.

– Aqui, use isto.

Montrag pegou-o e deu tapinhas sem jeito no peito e, em seguida, esfregou o tapete com a mesma falta de resultados. Evidentemente, ele era o tipo de homem que fazia bagunças, não o homem que as limpava.

– O que estava dizendo? – murmurou Rehv.

Montrag atirou o guardanapo na bandeja e ficou em pé, deixando o chá para trás ao passear pelo cômodo. Deteve-se em frente a um quadro de uma grande paisagem montanhosa e pareceu estar admirando a dramática cena, onde havia um soldado colonial rezando.

Começou a falar voltado à pintura.

– Está ciente de que muitos irmãos de sangue foram abatidos nos ataques dos *redutores*.

– E eu aqui pensando que tinham me escolhido *lídher* do Conselho por causa da minha animada personalidade.

Montrag o olhou agressivamente por cima do ombro, seu queixo erguido de uma maneira classicamente aristocrática.

– Perdi meu pai, minha mãe e todos os meus primos e irmãos. Enterrei cada um deles. Pensa que isso é motivo de piada?

– Minhas desculpas. – Rehv colocou a palma da mão direita sobre o coração e inclinou a cabeça, apesar de não dar a mínima para isso. Não seria manipulado pela menção de suas perdas. Especialmente quando todas as emoções do cara falavam de cobiça e não de dor.

Montrag deixou a pintura atrás de si e sua cabeça ocupou o lugar da montanha sobre a qual estava o soldado colonial… o que dava a impressão de que o pequeno homem de uniforme vermelho estava tentando subir pela sua orelha.

– A *glymera* tem sofrido perdas sem precedentes por causa dos ataques. Não apenas vidas, mas também propriedades. Casas invadidas, antiguidades e obras de arte roubadas, contas de banco desaparecem. E o que Wrath fez? *Nada*. Não deu qualquer resposta às frequentes perguntas a respeito de como foram encontradas as residências dessas famílias… por que a Irmandade não deteve os ataques… e onde foram parar todos esses bens. Não há um plano para assegurar que isso nunca mais volte a acontecer. Não nos oferecem

nenhuma garantia de que se os poucos membros restantes da aristocracia retornassem a Caldwell, estariam protegidos. – Montrag realmente se entusiasmou, sua voz se elevava e ricocheteava contra o teto dourado. – Nossa raça está morrendo e precisamos de uma verdadeira liderança. No entanto, por lei, enquanto o coração de Wrath continuar pulsando em seu peito, continuará sendo o rei. A vida de um é mais valiosa que a vida de muitos? Examine seu coração.

Oh, Rehv o examinava, observava todo aquele músculo rígido, mal e obscuro.

– E então?

– Assumimos o controle e fazemos o correto. Durante seu reinado, Wrath reestruturou coisas… Olhe o que fez pelas Escolhidas. Agora estão autorizadas a se acasalar deste lado… isso não tem precedentes! E a escravidão está abolida, junto com o *ehnclausuramento* para as fêmeas. Caríssima Virgem Escriba, só falta a Irmandade começar a aceitar fêmeas como guerreiras! Se nós estivermos na liderança, podemos reverter o que ele tem feito e reformar as leis adequadamente para preservar as tradições. Podemos organizar uma nova ofensiva contra a Sociedade Redutora. Podemos triunfar.

– Você está usando muitos *nós*, mas não acredito que isso represente exatamente o que tem em mente.

– Bem, é obvio que precisa haver um indivíduo que seja o primeiro entre seus iguais. – Montrag alisou as lapelas do roupão e inclinou a cabeça e o corpo como se tivesse posando para uma estátua de bronze. – Um macho escolhido que esteja à altura do cargo e que tenha valor.

– E de que maneira seria escolhido esse modelo de virtudes?

– Vamos nos tornar uma democracia. Uma democracia há muito esperada e que substituirá a convenção injusta e desleal da monarquia.

Enquanto o blá-blá-blá continuava, Rehv se reclinou para trás, cruzou a perna sobre o joelho e uniu os dedos. Sentado no macio sofá de Montrag, suas duas metades entraram em conflito, vampiro e *sympatho* começaram a se confrontar. O único benefício disso era que os gritos internos sufocavam o som de todo aquele "Eu-sei-tudo".

A intenção era óbvia: livrar-se do Rei e tomar o controle da raça. Mas aquele ato era impensável. Matar um bom macho, um bom líder e… uma espécie de amigo.

– … e escolheríamos quem será nosso líder. Faríamos que fosse responsável pelo Conselho. Asseguraríamos que nossas preocupações fossem atendidas. – Montrag retornou ao sofá, sentou e se acomodou como se pudesse prosseguir inflando aquela história sobre o futuro durante horas. – A monarquia não está funcionando e a democracia é a única maneira…

Rehv interrompeu:

– Mas em geral, a democracia implica que todos podem votar. Digo isso só para o caso de você não estar familiarizado com a definição.

– Mas assim seria. Todos que servem no Conselho estariam na junta eleitoral. Todos seriam levados em conta.

– Mas veja bem, o termo *todos* não significa apenas "todos iguais a mim".

Montrag lhe dirigiu um olhar carregado de "não seja ridículo" e disse:

– Você realmente confiaria a raça às classes baixas?

– Não depende de mim.

– Mas poderia. – Montrag levou a xícara aos lábios e observou-o por cima da borda com olhos penetrantes. – Seria perfeitamente possível. Você é nosso *lídher*.

Olhando fixamente o homem, Rehv viu o caminho tão claramente como se estivesse pavimentado e iluminado com holofotes: se Wrath fosse assassinado, sua linhagem real terminaria, porque ainda não tinha gerado um filho. As sociedades, particularmente aquelas em guerra como a dos vampiros, abominam os vazios da liderança, portanto, uma mudança radical da monarquia à "democracia" não seria tão impensável quanto em outra época mais racional e segura.

A *glymera* poderia estar fora de Caldwell, escondida nos refúgios espalhados por toda a Nova Inglaterra, mas essa turma de filhos da mãe decadentes tinha dinheiro e influência e sempre desejou tomar o poder. Com esse plano em particular, podiam disfarçar suas ambições com as vestimentas da democracia e fingir que estavam protegendo o povo.

A natureza obscura de Rehv fervilhava como um criminoso impaciente para obter a liberdade condicional. As más ações e os jogos de poder eram uma compulsão inerente àqueles que levavam o sangue de seu pai, e parte dele desejava criar o caos… E entrar nele.

Interrompeu as tolices presunçosas de Montrag:

– Me poupe da propaganda. O que está sugerindo exatamente?

O macho colocou demoradamente a xícara na mesa, como se quisesse

aparentar que estava reunindo as palavras. Certo. Rehv podia apostar que o homem sabia exatamente o que ia dizer. Uma coisa dessa natureza não é algo que simplesmente se pensa na hora, e havia outras pessoas envolvidas. Tinha de haver.

– Como bem sabe, o Conselho irá se reunir em Caldwell dentro de alguns dias especificamente para ter uma audiência com o Rei. Wrath chegará e… haverá um acontecimento mortal.

– Ele sempre é acompanhado pela Irmandade. O que não é exatamente o tipo de força física que possa ser evitada facilmente.

– A morte pode usar muitas máscaras. E tem muitos e variados cenários onde atuar.

– E qual seria o meu papel? – Rehv perguntou, embora já soubesse.

Os pálidos olhos de Montrag pareciam de gelo, resplandecentes e frios.

– Sei que tipo de homem você é. Por isso, sei exatamente do que é capaz.

Aquilo não era surpresa. Durante os últimos vinte e cinco anos Rehv tinha sido um senhor das drogas e, embora não houvesse anunciado sua vocação para a aristocracia, os vampiros iam a seus clubes regularmente, e parte deles estava nas filas de clientes para obter seus produtos químicos.

Ninguém além dos Irmãos sabia de seu lado *sympatho* – e ele não teria revelado se pudesse evitar. Além disso, Rehv pagou muito bem sua chantagista nas últimas duas décadas para garantir que aquilo continuasse sendo um segredo.

– É por isso que o chamei – disse Montrag. – Você saberá como se encarregar disso.

– É verdade.

– Como *lídher* do Conselho, estará em uma posição de enorme poder. Mesmo que não seja eleito presidente, o Conselho não irá ser dissolvido. E fique tranquilo com respeito à Irmandade da Adaga Negra. Sei que sua irmã é parceira de um deles. Os Irmãos não serão afetados por isso.

– Não acha que vai enfurecê-los? Wrath não é apenas o rei deles. Também compartilha seu sangue.

– Proteger a nossa raça é obrigação primária da Irmandade. Eles devem nos seguir onde quer que formos. E você deve saber que muitas pessoas não estão contentes com o trabalho que eles vêm desenvolvendo. Eu penso que talvez eles precisem de uma liderança melhor.

– Vinda de você. Sim. Claro.

Seria como um decorador de interiores comandando uma frota de tanques.

Que ótimo plano.

Mas… quem disse que Montrag tinha de ser o eleito? Acidentes acontecem tanto aos reis quanto aos aristocratas.

– Devo lembrar – continuou Montrag – aquilo que meu pai costumava me dizer: saber a hora de agir é tudo. Devemos nos apressar. Podemos confiar em você, meu amigo?

Rehv levantou e inclinou-se em direção ao outro macho. Ajeitou os punhos do seu casaco Tom Ford, esticou a mão e pegou sua bengala. Não sentia nada no corpo, nem a roupa, nem o apoio das pernas, nem a ponta da bengala contra a palma da mão que tinha queimado com o chá. A dormência era um efeito colateral da droga que utilizava para evitar que seu lado sombrio viesse à tona. Era a prisão onde matinha suas tendências sociopatas.

Se deixasse de tomar apenas uma dose, seu corpo voltava ao normal. E uma hora depois? Suas raízes de *sympatho* assumiriam o comando, e a maldade se libertaria, pronta para brincar.

– O que me diz? – incitou Montrag.

Eis a questão, pensou Rehv.

Em alguns momentos da vida, entre a miríade de decisões corriqueiras como o que comer, onde dormir e o que vestir, surge uma verdadeira encruzilhada. Nesses momentos, quando a névoa da aparente irrelevância surge e o destino requer o livre-arbítrio, existem apenas duas opções, a da esquerda ou a da direita… Não é possível forçar e seguir em frente entre os dois caminhos, não é possível negociar com a escolha que lhe é imposta.

Você deve responder ao chamado e escolher seu caminho. E não há volta.

Claro, o problema era que navegar por uma paisagem moralista foi algo que Rehv precisou aprender para se encaixar em meio aos vampiros. As lições que tinha aprendido tinham permanecido, embora só até certo ponto.

E suas drogas também tinham limites.

De repente, o rosto pálido de Montrag tornou-se uma variedade de tons de rosa, o cabelo escuro do homem ficou da cor de um vinho tinto e o roupão se tingiu da cor do sangue. Quando uma onda avermelhada coloriu tudo, o campo visual de Rehv se achatou como uma tela de cinema.

E talvez isso explicasse o motivo pelo qual os *sympathos* achavam tão fácil manipular as pessoas. Com seu lado obscuro assumindo o controle, o universo tinha a profundidade de um tabuleiro de xadrez, e as pessoas eram

como peões em sua mão onisciente. Todos eles. Inimigos… e amigos.

– Vou cuidar disso – anunciou Rehv. – Como você disse, sei o que tenho de fazer.

– Sua palavra – Montrag estendeu a suave palma da mão. – Dê-me a sua palavra de que isso será conduzido em segredo e discretamente.

Rehv deixou que a mão ficasse estendida no ar, mas sorriu, revelando uma vez mais suas presas.

– Confie em mim.

---

Revista americana sobre cultura *pop*, moda e política.
Diplomata americano e conselheiro de todos os presidentes dos USA, de 1968 a 1976.

# CAPÍTULO 2

**Enquanto Wrath, filho de** Wrath, percorria um dos becos urbanos de Caldwell, sangrava em dois lugares. Havia um corte ao longo do ombro esquerdo, feito por uma faca serrilhada, e um pedaço da coxa havia sido arrancado graças ao canto enferrujado de um contêiner de lixo. O *redutor* que ia à frente, o que estava a ponto de estripar como a um peixe, não foi o responsável por nenhuma das feridas: foram seus dois amigos de cabelo branco quem fizeram o estrago.

Logo antes de serem reduzidos a um monte de adubo, a uns trezentos metros dali, há três minutos.

Mas esse bastardo diante dele era o objetivo real.

O assassino corria, mas Wrath era mais rápido – não só porque suas pernas eram mais longas, apesar de estarem gotejando como uma cisterna corroída. Não havia dúvida nenhuma de que o terceiro morreria.

Era uma questão de vontade.

O *redutor* tinha escolhido o caminho errado essa noite – embora não fosse o caso daquele beco em particular. Provavelmente essa tinha sido a única coisa certa que o morto-vivo fez durante décadas, pois a privacidade era importante para lutar. A última coisa que a Irmandade ou a Sociedade Redutora precisavam era a polícia humana envolvida em algo que tivesse a ver com esta guerra.

Não, o maldito selou seu destino há quinze minutos, quando assassinou um macho civil. Com um sorriso no rosto. Diante de Wrath.

Foi pela fragrância de sangue fresco de vampiro que o rei encontrou o trio de assassinos, apanhando-os em flagrante ao tentarem sequestrar um civil. Ao ver Wrath, ficou evidente que eles souberam que era um membro da Irmandade, pois o *redutor* que agora corria matou o macho civil para que ele e seu esquadrão pudessem ter as mãos livres e, assim, concentrar-se totalmente na luta.

Pelo menos a chegada de Wrath poupou ao civil uma longa e lenta morte

por tortura em um dos campos de concentração da Sociedade. Mas, ainda assim, era doloroso ver um inocente apavorado fatiado e jogado sobre o frio pavimento como se fosse uma marmita vazia.

Por isso, Wrath iria acabar com aquele filho da mãe. Bem ao estilo olho por olho, dente por dente.

Ao chegar ao final do beco sem saída, o *redutor* preparou-se, girando, plantando os pés no chão e tirando sua faca. Wrath não diminuiu a velocidade. No meio da corrida, liberou uma de suas estrelas ninja e lançou a arma com um movimento do punho, fazendo um *show* de propósito com aquele golpe.

Algumas vezes você quer que seu oponente saiba o que está vindo.

O *redutor* seguiu a coreografia com perfeição, trocando o ponto de apoio e perdendo a postura de combate. Enquanto Wrath diminuía a distância entre eles, lançou outra estrela e mais outra, levando o *redutor* a se agachar.

O Rei Cego se desmaterializou bem em cima do filho da mãe, golpeando com as presas e mordendo a nuca do assassino. A doçura do sangue do *redutor* era o sabor do triunfo, e quando Wrath agarrou o bastardo pela parte superior dos braços, o coro da vitória não demorou a chegar.

A vingança aconteceu em um estalo. Ou, melhor, dois.

A coisa gritou quando os dois ossos saíram das cavidades, mas o uivo não foi muito longe depois que Wrath colocou a palma da mão sobre sua boca.

– Isto é só um aquecimento – Wrath sussurrou. – É importante relaxar antes de começar a se exercitar.

O rei girou o assassino e baixou o olhar para a coisa. Por trás dos óculos escuros de Wrath, seus olhos débeis estavam mais nítidos do que o habitual, a adrenalina navegava ao longo de suas veias, aumentando a acuidade visual. O que era bom. Precisava ver o que tinha matado de uma maneira que não tinha nada a ver com garantir a precisão de um golpe mortal.

Enquanto o *redutor* lutava para respirar, a pele de seu rosto brilhava de uma forma irreal e plástica, como se os ossos estivessem envolvidos por um saco de arroz. Os olhos estavam se esbugalhando, e o fedor doce da coisa era como o sangue de um animal atropelado na estrada durante uma noite cálida.

Wrath soltou a corrente de aço que pendia do ombro de sua jaqueta de motoqueiro e desenrolou os elos brilhantes que havia sob seu braço. Segurando o grande peso na mão direita, envolveu o punho, ampliando a envergadura dos nós dos dedos, aumentando seus contornos rígidos.

– Diga “xis”.

Wrath o golpeou no olho. Uma vez. Duas. Três vezes. Seu punho era um aríete, a órbita do olho cedia como se fosse apenas um buraco sem função. A cada excruciante impacto, o sangue negro saltava e salpicava, acertando o rosto de Wrath, sua jaqueta e seus óculos. Sentia todas as salpicadas, apesar do couro que vestia, e queria mais.

Era um glutão quando se tratava desse tipo de comida.

Com um sorriso duro, deixou que a corrente se desenrolasse do punho e caísse no sujo asfalto com uma risada efervescente, metálica, como se tivesse desfrutado o momento tanto quanto ele. A seus pés, o assassino não estava morto. Embora não houvesse dúvida de que o cérebro da coisa tinha virado mingau, ele ainda vivia, porque só havia duas maneiras de matar um *redutor*.

Uma delas era atravessar o peito com as adagas negras que os Irmãos carregavam. Isso enviava aqueles cretinos de volta ao seu criador, o Ômega, mas era só uma solução temporária, porque o mal simplesmente utilizaria aquela essência para transformar outro humano em uma máquina assassina. Não era a morte, mas uma maneira de retardar a coisa.

O outro modo era permanente.

Wrath tirou seu celular e discou. Quando uma voz masculina profunda com um sotaque de Boston respondeu, disse:

– Entre as ruas Oito e Trade. Três caídos.

Butch O’Neal, também conhecido como *Dhestroyer*, descendente de Wrath, filho de Wrath, era conhecido por ser impassível. Realmente calmo. Tolerante. E direto com as palavras:

– Oh, caramba, pelo amor de Deus. Está brincando? Wrath, você *tem* de parar com esta droga de sair por aí lutando. Você é o rei. Já não é mais um Irmão…

Wrath desligou o telefone.

Sim. A outra forma de se livrar destes filhos da mãe, a forma permanente, estaria ali em cinco minutos. Falando pelos cotovelos. Infelizmente.

Wrath se sentou sobre os calcanhares, voltando a enrolar a corrente no ombro, e levantou o olhar para o céu noturno visível sobre os telhados. Quando sua adrenalina diminuiu, só foi capaz de distinguir ligeiramente a massa escura dos edifícios contra as estrelas e piscou com força.

*Você não é mais um Irmão*.

Para o inferno que não era. Não lhe importava o que dissesse a lei. Sua

raça necessitava que fosse mais que um burocrata.

Com uma maldição no Antigo Idioma, voltou ao que estava fazendo e revistou a jaqueta e as calças do assassino em busca de uma identificação. No bolso de trás, encontrou uma carteira fina com uma licença de motorista e dois dólares…

– Você pensou… que ele era um dos seus…

A voz do assassino era, ao mesmo tempo, esganiçada e maliciosa, e aquele som de um filme de horror desencadeou a agressividade de Wrath mais uma vez. De repente, sua visão se tornou mais aguçada, e conseguiu obter um semifoco de seu inimigo.

– O que disse?

O *redutor* sorriu um pouco, parecendo não notar que metade de seu rosto tinha a consistência de uma omelete que escorria.

– Ele sempre foi… um dos nossos.

– Que droga é essa que está falando?

– Como… acha… – o *redutor* tomou um fôlego que o fez tremer – que encontramos… todas aquelas casas neste verão?

A chegada de um carro interrompeu as palavras, e Wrath girou a cabeça. Ainda bem que era o Escalade negro que estava esperando e não algum humano com um celular em mãos, discando 190.

Butch O'Neal saiu de trás do volante, com a matraca funcionando a todo vapor.

– Você perdeu essa maldita cabeça? O que vamos fazer com você? Vai…

Enquanto o tira continuava com todo o maldito repertório, Wrath voltou o olhar para o assassino.

– Como as encontraram? As casas?

O assassino começou a rir, o débil ofegar era o tipo de coisa que se ouvia de um desequilibrado.

– Porque ele tinha estado em todas elas… foi assim.

O bastardo desmaiou, e sacudir seu corpo não ajudou a lhe trazer de volta. Tampouco dar uma bofetada ou duas.

Wrath ficou em pé e a frustração se desencadeou cada vez mais.

– Faça seu trabalho, tira. Os outros dois estão atrás do contêiner no próximo quarteirão.

O tira apenas o encarou.

– Você não deveria lutar.

– Sou o rei. Posso fazer qualquer maldita coisa que eu quiser.

Wrath começou a afastar-se, mas Butch agarrou seu braço.

– Beth sabe onde você está? O que está fazendo? Disse a ela? Ou só eu tenho de guardar esse segredo?

– Preocupe-se com isso – Wrath apontou o assassino. – Não comigo e com minha *shellan*.

Quando se afastou, Butch gritou.

– Aonde vai?

Wrath avançou e encarou o tira.

– Pensei em ir recolher o cadáver de um civil para levá-lo até o Escalade. Tem algum problema com isso, filho?

Butch manteve os pés firmes ao chão. Só mais uma demonstração do sangue que compartilhavam:

– Se perdermos você como rei, a raça inteira estará perdida.

– E nós temos apenas quatro Irmãos no campo de batalha. Você gosta dessa matemática? Eu não.

– Mas…

– Faça seu trabalho, Butch. E fique longe do meu.

Wrath percorreu rapidamente os trezentos metros de volta, onde a luta tinha começado. Os assassinos espancados estavam exatamente onde os tinha deixado: gemendo no chão, os membros formando ângulos errados, o sangue negro escorrendo, formando poças de lama asquerosas sob o corpo deles. No entanto, já não eram mais problema dele. Rodeando o contêiner, observou o civil morto e sentiu dificuldade em respirar.

O rei se ajoelhou e cuidadosamente afastou o cabelo do rosto golpeado do macho. Era evidente que o cara tinha se defendido, recebendo um bom número de golpes antes que lhe apunhalassem o coração. Garoto corajoso.

Wrath espalmou a mão sob a nuca do macho, deslizou o outro braço sob os joelhos e o levantou lentamente. O peso daquela morte era maior que o correspondente aos quilos do corpo. Enquanto se afastava do contêiner e se aproximava do Escalade, Wrath sentia como se carregasse a raça inteira em seus braços, e ficou aliviado em usar óculos escuros para proteger seus olhos fracos.

As lentes escondiam o brilho das lágrimas.

Passou por Butch enquanto o tira caminhava em direção aos assassinos destroçados para fazer seu trabalho. Depois que as pisadas do homem se

detiveram, Wrath ouviu uma larga e profunda inalação que soava como o silvo de um balão esvaziando-se lentamente. O barulho do estômago de Butch que se seguiu foi ainda mais ruidoso.

Enquanto o trabalho do tira se repetia, Wrath deitou o morto na parte de trás do Escalade e revistou os bolsos. Não havia nada… Nem carteira, nem telefone, nem sequer uma embalagem de chiclete.

– Droga.

Wrath se virou e sentou no para-choque traseiro. Um dos *redutores* já tinha limpado o lugar no decorrer da luta… E isso significava que, como os assassinos tinham acabado de ser inalados, a identificação do civil já tinha virado pó.

Quando Butch se aproximou do Escalade cambaleando pelo beco, o tira parecia um bêbado farreando e já não cheirava mais a perfume Acqua di Parma. Fedia a *redutor*, era como se tivesse enchido sua roupa de amaciante, como se tivesse essência de baunilha para perfumar carros sob as axilas, e como se tivesse rolado no chão com algum peixe morto.

Wrath se levantou e fechou a parte traseira do Escalade.

– Tem certeza de que pode dirigir? – perguntou quando Butch se colocou cuidadosamente atrás do volante, parecendo estar a ponto de vomitar.

– Sim. Estou bem.

Wrath sacudiu a cabeça ao ouvir a voz rouca e examinou o beco. Não havia janelas nos edifícios, e apesar de Vishous poder chegar rápido para curar Butch, muita coisa já tinha acontecido entre a luta e a limpeza durante a última meia hora. Eles precisavam sair daquela área.

A princípio, o plano de Wrath era tirar uma foto da identidade do assassino com a câmera de seu celular, aumentá-la o suficiente para poder ler o endereço e, em seguida, ir até a casa do filho da mãe. Contudo, não poderia deixar Butch sozinho.

O tira pareceu surpreso quando Wrath entrou do lado do passageiro no Escalade.

– O que está…?

– Levaremos o corpo à clínica. V. pode encontrá-lo ali e cuidar de você.

– Wrath…

– Discutiremos no caminho, certo, meu primo?

Butch engatou o carro, saiu de marcha ré do beco e virou ao chegar no cruzamento das ruas. Quando chegou à Rua Trade, virou à esquerda e se

dirigiu à ponte que se estendia sobre o Rio Hudson. Enquanto dirigia, apertava as mãos sobre o volante… Não porque estivesse com medo, mas porque, sem dúvida, estava tentando conter a bílis no estômago.

– Não posso continuar mentindo assim – resmungou Butch quando alcançaram o outro lado de Caldwell. Ele engasgou e tossiu.

– Sim, você pode.

O tira levantou o olhar.

– Está me matando. Beth precisa saber.

– Não quero que ela se preocupe.

– Eu entendo isso… – Butch limpou a garganta. – Espere.

O tira parou o carro, abriu a porta de repente e teve violentos espasmos de vômito, mas nada saía de seu estômago.

Wrath deixou a cabeça cair para trás, uma dor se instalou por trás de seus olhos. A dor não era nem um pouco uma surpresa. Ultimamente, tinha enxaquecas com a mesma frequência que os alérgicos espirravam.

Com a parte superior do corpo ainda arqueada para fora do Escalade, Butch estendeu a mão para trás e apalpou o console central.

– Quer água? – perguntou Wrath.

– Si… – um espasmo interrompeu o restante da palavra.

Wrath agarrou uma garrafa de água, abriu e a colocou na mão de Butch.

Quando houve uma pausa nos espasmos sucessivos, o tira tragou um pouco de água, mas a porcaria não parou dentro dele.

Wrath pegou o celular.

– Vou chamar o V. agora.

– Só me dê um minuto.

Levou uns dez, até conseguir voltar para o carro e os colocar de volta na estrada. Os dois permaneceram em silêncio durante alguns quilômetros, o cérebro de Wrath funcionava a todo vapor enquanto sua dor de cabeça piorava.

*Você não é mais um Irmão*.

*Você não é mais um Irmão*.

Mas tinha de ser. Sua raça precisava dele.

Limpou a garganta.

– Quando V. aparecer no necrotério, você vai dizer que encontrou o corpo do civil e fez essa porcaria toda com os *redutores*.

– Ele vai querer saber por que você estava ali.

– Diremos que eu estava no quarteirão seguinte conversando com Rehvenge no ZeroSum e pressenti que precisava de ajuda. – Wrath se inclinou no assento dianteiro e fechou a mão sobre o antebraço do cara. – Ninguém vai saber, entendido?

– Isso não é uma boa ideia. Isso não é, nem um *pouco*, uma boa ideia.

– É sim.

Quando caíram no silêncio, as luzes dos carros do outro lado da estrada fizeram que Wrath apertasse os olhos, apesar de as pálpebras estarem baixas e os óculos escuros estarem em seu devido lugar. Para evitar o brilho, girou o rosto para o lado, como se olhasse pela janela.

– V. acha que você está escondendo algo – resmungou Butch depois de um momento.

– E pode continuar achando. Preciso estar no campo de batalha.

– E se você se machucar?

Wrath colocou o antebraço sobre o rosto com a esperança de bloquear aqueles malditos faróis. Cara, agora era *ele* quem estava ficando enjoado.

– Não vou me machucar. Não se preocupe.

# CAPÍTULO 3

**– Preparado para seu** suco, pai?

Quando não houve resposta, Ehlena, filha de sangue de Alyne, parou de abotoar o uniforme que estava vestindo.

– Pai?

No outro lado do corredor, em meio ao som melódico de Chopin, ela ouviu um par de chinelos andando sobre um assoalho de madeira junto com uma cascata de palavras.

Isso era bom. Ele conseguiu levantar sozinho.

Ehlena jogou o cabelo para trás, enrolou e colocou um elástico branco para manter o coque em seu lugar. Depois de metade de seu turno ela teria de refazer o penteado. Havers, o médico da raça, exigia que suas enfermeiras estivessem tão limpas e bem-arrumadas quanto tudo em sua clínica.

Os padrões, ele sempre dizia, são muito importantes.

Saindo de seu quarto, pegou uma mochila preta que tinha comprado em uma loja de departamento. Dezenove dólares. Um roubo. Nela estavam a saia curta e a blusa que imitava a marca Polo que iria vestir por volta de duas horas antes do amanhecer.

Um encontro. Ela realmente ia ter um encontro.

A viagem ao andar superior onde estava a cozinha envolvia só um lance de escada, e a primeira coisa que fez quando emergiu do porão foi dirigir-se ao antiquado refrigerador. Dentro, havia dezoito pequenas garrafas de suco organizadas em três filas de seis. Pegou uma da frente e, em seguida, moveu cuidadosamente as outras para que ficassem todas alinhadas.

Os comprimidos estavam localizados atrás da empoeirada pilha de livros de receita. Pegou dois medicamentos antipsicóticos e os colocou em uma caneca branca. A colher de aço inoxidável que utilizou para amassá-los estava ligeiramente dobrada, assim como todas as demais.

Ela esmagava comprimidos como esse há quase dois anos.

O suco atingiu o fino pó branco e se movimentou em círculos, e para

garantir que o gosto do remédio ficaria devidamente oculto, colocou dois cubinhos de gelo na caneca. Quanto mais frio melhor.

– Pai, seu suco está pronto – deixou a caneca na mesinha, bem em cima de um círculo feito com fita adesiva que delineava onde precisava ser colocada.

Os seis armários ao longo do caminho estavam igualmente ordenados e relativamente vazios, assim como a geladeira – e, de um deles, ela pegou uma caixa de cereais e tirou uma tigela de outro. Depois de servir-se, pegou leite, e assim que terminou de utilizá-lo, voltou a deixá-lo onde estava: junto a outros dois iguais, com os rótulos virados para frente.

Deu uma olhada em seu relógio e falou no Antigo Idioma:

*– Pai? Tenho de partir*.

O sol já se punha e isso significava que seu turno, que começava quinze minutos depois do anoitecer, estava prestes a iniciar.

Observou a janela que havia sobre a pia da cozinha, contudo, não poderia medir o quão escuro estava lá fora. Os painéis estavam cobertos por lâminas de alumínio fixas às molduras com fita adesiva.

Mesmo se ela e seu pai não fossem vampiros e incapazes de suportar a luz do sol, essas persianas teriam sido colocadas em cada janela da casa da mesma maneira: elas eram um tipo de proteção para o resto do mundo, isolando a casa, contendo-a, para que aquela miserável casinha alugada estivesse protegida e ilhada… Longe de ameaças que só seu pai podia perceber.

Quando terminou o café da manhã reforçado, lavou e secou sua tigela com toalhas de papel – porque as esponjas e panos de cozinha não eram permitidos – e a colocou de volta ao lugar junto com a colher que tinha utilizado.

*– Meu pai?*

Apoiou o quadril contra o balcão de fórmica lascada e esperou, tentando não olhar muito atentamente o papel de parede desbotado nem o chão de linóleo com as faixas desgastadas.

A casa era um pouco melhor que um sórdido galpão, mas era tudo que podia pagar. Entre as visitas de seu pai ao médico, os remédios e a enfermeira, não sobrava muito de seu salário, e há muito tempo já havia gastado o pouco que restava do dinheiro da família, prata, antiguidades e joias.

Eles mal conseguiam se manter.

E, ainda assim, quando seu pai apareceu na porta da adega, teve de sorrir. Seu fino cabelo acinzentado se expandia na cabeça formando um círculo fofo que o fazia parecer-se com Beethoven, e seus olhos excessivamente observadores e ligeiramente frenéticos lhe davam um aspecto de gênio louco. Ainda assim, parecia melhor que tinha estado em muito tempo. Em primeiro lugar, estava vestindo da maneira certa o roupão já gasto de cetim e o pijama de seda – tudo voltado para frente, com a parte de cima e de baixo combinando e o cinto preso. Além disso, estava limpo, tinha acabado de tomar banho e estava cheirando à loção pós-barba.

Era uma enorme contradição: necessitava que seu ambiente estivesse impecável e organizado de forma precisa, mas sua higiene pessoal e o que vestia não lhe representavam nenhum problema. Contudo, talvez isso fizesse algum sentido. Preso ao emaranhado de seus pensamentos, distraía-se muito em meio aos seus delírios para ser consciente de si mesmo.

Entretanto, os remédios estavam ajudando, e teve certeza disso quando encontrou seu olhar e realmente a viu.

– *Filha minha* – disse no Antigo Idioma. – *Como estás esta noite?*

Ela respondeu como ele preferia, na língua mãe:

– *Bem, meu pai. E você?*

Ele curvou-se com a graça do aristocrata que era por sua linhagem e pelos cargos que havia exercido.

– *Como sempre, estou encantado por encontrar-te. Ah, sim, a* doggen *preparou meu suco. Que amável da parte dela*.

Seu pai se sentou com um movimento do roupão e pegou a caneca de cerâmica como se fosse uma fina porcelana inglesa.

– *Aonde vai?*

– *Ao trabalho. Vou trabalhar.*

Seu pai franziu a testa enquanto bebia.

– *Sabe bem que não aprovo que trabalhe fora de casa. Uma dama com a sua criação não deveria ocupar seu tempo dessa forma.*

– *Sei, meu pai. Mas me faz feliz.*

Sua expressão suavizou-se.

– *Bem, isso é diferente. Ai de mim, não entendo a geração mais jovem. Sua mãe se encarregava da casa, dos serventes e dos jardins, e isso era suficiente para ocupar seu ímpeto noturno.*

Ehlena baixou o olhar, pensando que sua mãe choraria se visse como

tinham terminado.

*– Eu sei.*

*– Contudo, deve fazer o que desejar e eu sempre te amarei.*

Ela sorriu ante as palavras que tinha ouvido durante toda sua vida. E falando sobre isso…

*– Pai?*

Ele baixou a caneca.

*– Sim?*

*– Pode ser que eu chegue um pouco tarde esta noite.*

*– Mesmo? Por quê?*

*– Vou tomar um café com um macho…*

*– O que é isso?*

A mudança em seu tom de voz a fez levantar a cabeça e olhar a seu redor para ver o que… *Oh, não*.

*– Nada, pai, de verdade, não é nada.* – Ela correu até a colher que tinha usado para esmagar os comprimidos e a levou para a pia como se tivesse uma queimadura que necessitasse de água fria imediatamente.

A voz de seu pai ficou embargada.

*– O que… O que isso estava fazendo aí? Eu…*

Ehlena secou rapidamente a colher e a deslizou na gaveta.

*– Vê? Não tem mais nada. Vê?* – assinalou onde tinha estado a colher. *– A mesa está limpa. Não há nada aí.*

*– Estava ali… Eu a vi. Não deve deixar os objetos de metal para fora… Não é seguro… Quem a deixou… Quem deixou… Quem deixou a colher…?*

*– A criada.*

*– A criada! Outra vez! Deve ser despedida. Já disse isso a ela… Nada de metal fora do lugar, nada de metal fora do lugar, nada de metal. Eles-estão-observando-ecastigarãoquemdesobedecerestãomaispertodoquepossaimaginar…*

A princípio, quando os primeiros ataques de seu pai começaram, Ehlena se aproximava dele no momento em que começava a se agitar, pensando que uma mão reconfortante lhe ajudaria. Mas agora ela aprendeu a lição. Quanto menos informação sensorial entrasse em seu cérebro, mais rapidamente passava a histeria avassaladora: por conselho de sua enfermeira, Ehlena mostrava a realidade uma vez e depois não se movia nem falava.

Contudo, era difícil observá-lo sofrendo e ser incapaz de fazer qualquer

coisa para ajudar. Especialmente quando era culpa dela.

A cabeça de seu pai sacudia para frente e para trás, a agitação bagunçava seu cabelo, transformando-o em uma peruca arrepiada de fios loucos, enquanto o pulso tremia e derrubava o suco, salpicando-o sobre a mão, na manga do roupão e no revestimento de fórmica da mesa. Com lábios trêmulos, o soar articulado das sílabas aumentava, seu disco riscado interno funcionava na velocidade máxima, o rubor de loucura subia pela coluna até a garganta e flamejava nas bochechas.

Ehlena rezou para que aquele não fosse um dos mais severos. Os ataques, quando vinham, variavam de intensidade e duração, e as drogas ajudavam, minimizando as duas coisas. Mas, algumas vezes, a enfermidade superava a química.

Quando as palavras de seu pai se tornaram confusas demais para que fossem compreendidas, e ele deixou cair a caneca no chão, tudo o que Ehlena pôde fazer foi esperar e rezar à Virgem Escriba para que passasse logo. Forçando os pés a ficarem presos ao gasto chão de linóleo, fechou os olhos e envolveu os braços ao redor de si.

Se tivesse se lembrado de guardar a colher. Se ela simplesmente tivesse…

Quando a cadeira do pai caiu para trás e golpeou o chão, soube que ia se atrasar para o trabalho.

Outra vez.

Os humanos são realmente como gado, pensou Xhex enquanto olhava por cima de todas as cabeças e ombros apinhados ao redor do bar do ZeroSum. Era como se algum fazendeiro tivesse jogado ração e o rebanho inteiro estivesse lutando para afundar o focinho nele.

Não que as características bovinas do *Homo sapiens* fossem uma coisa ruim. A mentalidade de rebanho fazia que as coisas ficassem mais fáceis de serem administradas do ponto de vista da segurança. Além disso, assim como os bois, eles também serviam de sustento: aquela aglomeração em torno das garrafas era apenas um pretexto para gastarem dinheiro e encherem os cofres da boate.

A venda de bebidas era boa. Mas as drogas e o sexo tinham uma margem de lucro ainda maior.

Xhex caminhava lentamente pelo lado externo do bar, atiçando os olhares ardentes de homens heterossexuais e mulheres homossexuais. Cara, ela não

entendia. Nunca tinha entendido. Como uma fêmea que não vestia nada além de camisas sem manga, calças de couro e usava o cabelo curto como um soldado captava tanta atenção quanto as prostitutas seminuas da área VIP?

O sexo violento estava na moda, e voluntários para asfixia autoerótica, sadomasoquismo e afins eram como ratos no esgoto de Caldwell: estavam em todas as partes e saíam durante a noite. O que resultava em mais de um terço dos lucros mensais do clube.

O ZeroSum agradece.

Entretanto, ao contrário das garotas do clube, ela nunca aceitava dinheiro em troca de sexo. Na realidade não praticava sexo, de jeito nenhum. A não ser com Butch O'Neal, aquele tira. Bem, aquele tira e…

Xhex chegou à altura da corda de veludo da seção VIP e deu uma olhada para a parte exclusiva do clube.

*Droga*. Ele estava ali.

Exatamente o que precisava naquela noite.

O doce favorito de sua libido estava sentado na parte mais afastada, na mesa da Irmandade, seus dois amigos estavam bem ao lado dele e o protegiam das três garotas que também se apertavam no banco. Que inferno, ele parecia gente grande naquele local, vestido com uma camiseta da Affliction e uma jaqueta de couro negra que era algo meio motociclista meio colete à prova de balas.

Havia armas debaixo dela. Pistolas. Adagas.

Como as coisas tinham mudado. A primeira vez que tinha aparecido por ali, era do tamanho de um banquinho do bar, apenas com músculos suficientes para partir um palito de mexer coquetéis. Mas esse já não era mais o caso.

Enquanto ela saudava com a cabeça o segurança e subia os três degraus, John Matthew elevou o olhar de sua cerveja Corona. Mesmo através da penumbra, seus olhos azuis brilharam quando a viu, cintilando como um par de safiras.

Caramba, que olhar profundo. O filho da mãe tinha acabado de passar pela transição. O rei era seu *tuhtor*. Vivia com a Irmandade. E era um maldito mudo.

Droga. E ela achava que Murhder tinha sido uma má ideia? Qualquer um pensaria que tinha aprendido a lição com esse Irmão há duas décadas. Mas nããããão…

O problema era que enquanto olhava o garoto, tudo que conseguia ver era ele estendido nu sobre uma cama, com seu grosso membro na mão e a palma baixando e subindo… Até que seu nome escapasse daqueles lábios em um gemido surdo e tivesse um orgasmo sobre seu firme abdômen definido.

A tragédia é que aquilo não era uma fantasia. Esses exercícios pneumáticos com o punho realmente aconteciam. Com frequência. E como ela sabia? Porque podia ler mentes e captou suas lembranças, tão claramente como se fosse ao vivo e em cores.

Enjoada demais de si mesma, Xhex caminhou pela área VIP se afastando dele e foi verificar como estava a gerente das garotas. Marie-Terese era uma morena com pernas magníficas e uma aparência elegante. Era uma das que mais ganhavam dinheiro, uma excelente profissional e, por causa disso, era exatamente o tipo de mulher no comando que se poderia querer: nunca caía em tolices maliciosas, sempre chegava na hora a seus turnos e nunca trazia o que quer que fosse de sua vida pessoal para o trabalho. Era uma bela mulher com um trabalho horrível, enchendo as mãos de dinheiro por uma boa razão.

– Como estamos? – perguntou Xhex. – Precisa de alguma coisa de mim e dos meus meninos?

Marie-Terese percorreu o olhar às outras garotas, suas altas maçãs do rosto captavam a tênue luz, fazendo-a parecer não apenas sexualmente atraente, mas também muito bonita.

– Estamos bem por enquanto. Há duas na parte de trás nesse momento. Os negócios estão seguindo como de costume, a não ser pelo fato de que nossa garota não está aqui.

Xhex uniu as sobrancelhas bruscamente.

– Chrissy outra vez?

Marie-Terese inclinou a cabeça de cabelos compridos, negros e encantadores.

– Alguma coisa precisa ser feita com o namorado dela.

– Alguma coisa já foi feita, mas não foi suficiente. – Xhex apertou os dois punhos. – Aquele filho da mãe…

– Chefe?

Xhex olhou sobre o ombro. Além da montanha que era o segurança tentando atrair sua atenção, captou outra visão de John Matthew. Que ainda a olhava fixamente.

– Chefe?

Xhex voltou a se concentrar.

– O quê?

– Há um policial aqui que quer ver você.

Não afastou os olhos do segurança.

– Marie-Terese, diga às garotas que descansem dez minutos.

– Certo.

A garota no comando se movimentou rápido, aparentando que apenas passeava sobre os saltos altos, indo de uma garota a outra lhes tocando o ombro esquerdo, para depois bater em cada uma das portas dos banheiros privativos.

Quando o lugar ficou vazio de prostitutas, Xhex disse:

– Quem e por quê?

– Detetive de homicídios – o segurança lhe ofereceu um cartão. – Disse que seu nome era José De la Cruz.

Xhex pegou o cartão e soube exatamente por que o homem tinha vindo. E por que Chrissy não.

– Faça-o esperar em meu escritório. Estarei lá em dois minutos.

– Entendido.

Xhex levou seu relógio de pulso aos lábios.

– Trez? iAm? A casa está quente. Diga aos apostadores que descansem um pouco e ao Rally que guarde a balança.

Quando chegou a confirmação em seu fone, certificou-se mais uma vez se todas as garotas tinham abandonado o andar – depois, voltou à parte pública do clube.

Enquanto abandonava a seção VIP, pôde sentir os olhos de John Matthew e tentou não pensar no que tinha feito dois dias antes, ao chegar em casa… e o que provavelmente voltaria a fazer quando estivesse sozinha ao final da noite.

Dane-se John Matthew. Desde que ela invadiu seu cérebro e viu o que fazia a si mesmo cada vez que pensava nela… Xhex começou a fazer o mesmo.

Dane-se. John Matthew.

Como se precisasse dessa porcaria.

Agora, enquanto atravessava o rebanho humano, ela agia com raiva e não se importou em empurrar com força um casal que dançava. Quase esperava que alguém se queixasse para poder descontar sua ira.

Seu escritório ficava no mezanino dos fundos, tão longe quanto possível do

sexo por dinheiro e do espaço privado de Rehvenge onde aconteciam as surras e outros negócios. Como chefe de segurança, ela era o primeiro contato com a polícia e não havia razão alguma para levar os uniformes azuis mais perto da ação do que devessem estar. Limpar a mente dos humanos era uma ferramenta útil, mas tinha suas complicações.

Sua porta estava aberta e mediu o detetive que estava de costas. Não era muito alto, mas aprovou sua boa constituição corporal. Sua jaqueta esporte era da Men's Wearhouse, os sapatos eram Florsheim. O relógio que aparecia por baixo da manga era Seiko.

Quando se voltou para olhá-la, seus olhos castanhos pareciam inteligentes como os de Sherlock. Pode ser que não estivesse ganhando montes de dinheiro, mas não era tolo.

– Detetive – ela disse, fechando a porta e passando junto a ele para tomar seu lugar atrás da mesa.

Seu escritório estava praticamente vazio. Não havia fotos. Nem plantas. Nem sequer um telefone ou um computador. Os arquivos nas prateleiras à prova de fogo eram relativos à parte legítima do negócio e o cesto de lixo era um triturador de papel.

O que significava que o detetive não foi capaz de captar qualquer informação durante os cento e vinte segundos que tinha passado sozinho na sala.

De la Cruz tirou sua credencial e a mostrou.

– Estou aqui por causa de uma de suas funcionárias.

Xhex fingiu inclinar-se e estudar a credencial, mas não precisava. Seu lado *sympatho* lhe dizia tudo que precisava saber: as emoções do detetive continham uma mistura de suspeita, preocupação, determinação e tédio. Levava seu trabalho a sério, e estava aqui a negócios.

– Qual funcionária? – perguntou.

– Chrissy Andrews.

Xhex se recostou na cadeira.

– Quando foi assassinada?

– Como sabe que está morta?

– Não brinque comigo, detetive. Por qual outra razão alguém da seção de homicídios iria perguntar por ela?

– Sinto muito, estou no modo interrogatório – deslizou sua credencial de volta no bolso interno do peito e sentou na cadeira dura que havia em frente a

ela. – O inquilino que mora embaixo do apartamento dela acordou, viu uma mancha de sangue no teto e chamou a polícia. Ninguém no prédio admitiu conhecer a senhorita Andrews e não tinha nenhum parente próximo a quem possamos localizar. No entanto, enquanto revistávamos sua casa, encontramos declarações fiscais deste clube como sendo empregador dela. Resumindo, precisamos que alguém identifique o corpo…

Xhex se levantou, com as palavras "filho da mãe" golpeando seu crânio.

– Vou fazer isso. Deixe-me organizar meus homens para poder sair.

De la Cruz piscou, como se estivesse surpreso por ela ser tão rápida.

– Você… ah, quer que a leve ao necrotério?

– St. Francis?

– Sim.

– Conheço o caminho. Encontro com você lá em vinte minutos.

De la Cruz ficou em pé lentamente, com os olhos penetrantes fixos no rosto dela, como se estivesse procurando sinais de hesitação.

– Fechado.

– E não se preocupe, detetive. Não vou desmaiar ao ver um cadáver.

Ele a olhou de cima a baixo.

– Sabe… de alguma maneira, isso não me preocupa.

# CAPÍTULO 4

**Quando Rehvenge se dirigiu** para dentro dos limites da cidade de Caldwell, desejou intensamente ir direto ao ZeroSum. No entanto, sabia bem o que estava acontecendo. Estava em apuros.

Desde que tinha deixado o refúgio de Montrag em Connecticut, já tinha estacionado seu Bentley no acostamento duas vezes para injetar dopamina em si mesmo. Contudo, sua droga milagrosa estava falhando mais uma vez. Se tivesse mais dessa porcaria no carro, teria tomado outra injeção, mas já tinha acabado.

Era uma ironia um traficante precisar de *outro* traficante, mas não havia muita demanda para dopamina no mercado negro. Tal como a coisa estava, o único fornecimento de Rehv era por meios legítimos, mas ia ter de corrigir isso. Se era esperto o suficiente para comercializar *ecstasy*, cocaína, erva e heroína em seus dois clubes, certamente poderia descobrir como diabos conseguir suas próprias ampolas de dopamina.

– Ah, vamos, *mexa-se*. É só um maldito cruzamento. Você já viu um antes.

Percorreu a estrada em um bom tempo, mas agora que estava na cidade, o tráfego retardava seu progresso, e não só por causa do congestionamento. Com sua falta de percepção de profundidade, julgar distâncias entre para-choques era complicado, por isso tinha de ter muito mais cuidado.

E à frente dele estava um maldito idiota com seu calhambeque de mil e duzentos anos e sua hiperatividade nas freadas.

– Não… Não… Por tudo que é sagrado não mude de faixa. Você nem sequer consegue enxergar seu espelho retrovisor direito…

Rehv pisou nos freios, pois o Sr. Tímido realmente pensava que seu lugar era na via rápida e pensava que a forma de conseguir entrar nela requeria parar por completo.

Normalmente, Rehv adorava dirigir. Inclusive preferia dirigir a se desmaterializar, pois, estando medicado, era o único momento em que se sentia como se fosse ele mesmo: rápido, ágil e poderoso. Dirigia um Bentley

não só por ser chique e poder manter um desses, mas sim pelos seiscentos cavalos que tinha sob o capô. Estar sempre entorpecido e confiar em uma bengala para manter o equilíbrio o faziam sentir-se como um macho velho e aleijado a maior parte do tempo e era bom ser… normal de vez em quando.

É claro, a coisa de ficar entorpecido tinha seus benefícios. Por exemplo, quando ele bateu a testa contra o volante depois de alguns minutos, sabia que só veria estrelas. Dor de cabeça? Sem problemas.

A nova clínica improvisada da raça de vampiros ficava a quinze minutos depois da ponte que ele estava subindo. As instalações não eram suficientes para as necessidades de seus pacientes, sendo pouco mais que um refúgio transformado em hospital de campanha. Ainda assim, essa alternativa era tudo que a raça tinha no momento, um jogador reserva posto em jogo porque a perna do zagueiro tinha partido no meio.

Após os ataques durante o verão, Wrath estava trabalhando com o médico da raça para conseguir um novo estabelecimento permanente, mas, como todo o resto, isso levaria tempo. Com tantos lugares saqueados pela Sociedade Redutora, ninguém pensava que fosse boa ideia utilizar imóveis que já tinham sido propriedade da raça, porque só Deus sabia quantas localizações mais tinham vazado. O rei estava procurando outro lugar para comprar, mas tinha de ser isolado e…

Rehv pensou em Montrag.

Será que a guerra realmente chegou ao ponto em que Wrath seria assassinado?

Essa pergunta, feita pelo lado vampiro herdado de sua mãe, alastrou-se em sua mente, mas não desencadeou qualquer emoção. O cálculo tomava conta de seus pensamentos. O cálculo sem as amarras da moralidade. A conclusão que chegou ao deixar a casa de Montrag não vacilou, sua determinação só ficou cada vez mais forte.

– Obrigado, querida Virgem Escriba – murmurou quando o calhambeque deslizou fora de seu caminho e a saída se apresentou como um presente, o sinal verde incandescente tinha uma etiqueta com seu nome.

Verde…?

Rehv olhou em volta. A onda vermelha tinha começado a sumir de sua visão, e as outras cores do mundo reapareciam através da névoa bidimensional. Ele deu um profundo suspiro de alívio. Não queria ir drogado à clínica.

Como esperado, começou a sentir frio, apesar de que, sem dúvida, o Bentley estava a uma temperatura agradável de aproximadamente vinte e um graus. Estendeu o braço para frente e girou o controle do aquecedor. Os calafrios eram outro bom sinal, apesar de inconveniente, de que a medicação começava a surtir efeito.

Durante toda sua vida, viu-se obrigado a manter em segredo o que era. Os devoradores de pecado como ele tinham duas escolhas: fingir ser normal ou ser enviado para à colônia ao norte do estado, deportados da sociedade como o lixo tóxico que eram. Ser mestiço não importava. Se tivesse um pouco de *sympatho* em você, era considerado um deles, e com toda razão. A questão com os *sympathos* é que eles adoram muito a maldade em si mesmos para que outros possam confiar neles.

Pelo amor de Deus, dê uma olhada nesta noite. Olhe o que estava disposto a fazer. Apenas com uma conversa ele pensou em apertar o gatilho… Nem sequer porque tivesse de fazê-lo, mas sim porque desejava. *Precisava*, melhor dizendo. Os jogos de poder eram oxigênio para seu lado maligno, eram inegáveis e concretos. E os motivos por trás de sua escolha eram tipicamente *sympatho*: serviam a ele e a ninguém mais, nem sequer ao rei com quem tinha uma espécie de amizade.

Essa era a razão pela qual se um vampiro comum soubesse de um devorador de pecados que andasse rondando entre a população geral, a lei dizia que tinha de denunciar o indivíduo, para que fosse feita sua deportação ou enfrentasse os atos criminais: regular o paradeiro dos sociopatas e mantê-los afastados dos cidadãos é um saudável instinto de sobrevivência em qualquer sociedade.

Vinte minutos depois, Rehv estacionou em frente a um portão de ferro que definitivamente tinha sido reformado para que sua função prevalecesse sobre seu aspecto. A coisa não tinha elegância nenhuma, nada além de sólidas varas fixadas e soldadas entre si e coroadas na parte superior com uma bobina de arame farpado. À esquerda havia um interfone e, quando baixou o vidro para apertar o botão de chamada, as câmeras de segurança focaram a placa do carro, o para-brisa dianteiro e a porta do motorista.

Assim, não lhe surpreendeu a tensão na voz feminina que respondeu.

– Senhor… não estava ciente de que tinha uma consulta.

– Não tenho.

Pausa.

– Como paciente não emergencial, o tempo de espera pode ser bastante longo. Talvez prefira agendar uma…

Ele fulminou com o olhar o visor da câmera mais próxima.

– Deixe-me entrar. Agora. Tenho que ver o Havers. E isso é uma emergência.

Tinha de voltar para a boate e marcar presença. As quatro horas que já tinha perdido dessa noite eram toda uma vida quando se tratava de administrar lugares como o ZeroSum e o Iron Mask. Problemas não aconteciam somente de vez em quando, eles eram procedimento padrão. E Rehv era o único que podia dar fim a eles.

Depois de um momento, aquelas feias grades sólidas como rochas se abriram, e não perdeu tempo no caminho de acesso de um quilômetro.

Quando virou na última curva, a casa que apareceu diante dele não merecia o tipo de segurança que tinha, ao menos não à primeira vista. A estrutura de dois andares era um tanto colonial e estava totalmente nua. Sem alpendres. Sem portinhas. Sem chaminés. Sem plantas.

Comparada com a velha casa e clínica do Havers, parecia como um pobre abrigo de ferramentas no jardim.

Estacionou em frente à fileira de garagens independentes onde eram mantidas as ambulâncias e saiu. O fato de que a fria noite de dezembro lhe fazia estremecer foi outro bom sinal e, com isso, estendeu o braço para o assento traseiro do Bentley para tirar sua bengala e um de seus sobretudos de flanela. Junto com a dormência, a desvantagem de sua máscara química era uma queda na temperatura interna que transformava suas veias em espirais de ar condicionado. Viver noite e dia em um corpo que não podia sentir nem aquecer não era nenhuma festa, mas ele não tinha escolha.

Talvez se sua mãe e sua irmã não tivessem sido normais, poderia ter se rendido ao Darth Vader interior e abraçado o lado negro da força, viveria seus dias apenas acabando com a mente de seus companheiros causadores de danos. Mas ele se colocou na posição de líder de sua família, e isso o mantinha nessa situação de não estar nem lá nem cá.

Rehv caminhou ao longo da lateral colonial, fechando o sobretudo até o pescoço. Quando chegou à altura da porta de aspecto insignificante, apertou o botão que estava embutido na lateral de alumínio e olhou para a câmera. Um momento depois, uma fechadura pneumática se abriu com um chiado e ele adentrou em uma sala branca do tamanho de um armário embutido. Depois

de olhar fixamente para outra câmera, abriu-se outra fechadura, um painel oculto retrocedeu e desceu um lance de escadas. Outra verificação. Outra porta. E, então, estava dentro.

A recepção era como a sala de espera de pacientes e familiares de qualquer clínica, com filas de cadeiras e revistas sobre mesinhas, uma TV e algumas plantas. Era menor que a da antiga clínica, mas estava limpa e bem-ordenada. As duas fêmeas sentadas ficaram tensas quando o viram.

– Por aqui, senhor.

Rehv sorriu à enfermeira que saiu detrás do escritório de recepção. Para ele, uma "longa espera" era sempre uma espera em uma sala de exames. As enfermeiras não gostavam dele assustando as pessoas que estavam naquelas filas de cadeiras e estas tampouco gostavam de tê-lo por perto.

Tudo bem para ele. Não era do tipo sociável.

A sala de exames a que foi conduzido estava localizada ao lado do atendimento ambulatorial da clínica e já tinha estado ali antes. Tinha estado em todas elas antes.

– O doutor está em cirurgia e os outros funcionários estão com outros pacientes, mas farei que uma colega venha tomar seus sinais vitais assim que possível.

A enfermeira lhe deixou como se alguém tivesse tido uma parada cardíaca no corredor abaixo e ela fosse a única com os desfibriladores.

Rehv subiu na maca, permanecendo com o casaco e com a bengala na palma da mão. Para passar o tempo, fechou os olhos e deixou que as emoções do lugar gotejassem nele como uma vista panorâmica: as paredes do porão se dissolveram e os ralos emocionais de cada indivíduo emergiram na escuridão, uma multidão de diferentes vulnerabilidades, ansiedades e fraquezas foram expostas a seu lado *sympatho*.

Ele tinha o controle remoto de todas elas, sabendo instintivamente quais botões pressionar para instigar a enfermeira que estava na sala ao lado e que se preocupava que seu *hellren* já não se sentisse mais atraído por ela… mas que mesmo assim havia comido demais na primeira refeição. E o macho que ela estava tratando por ter caído pelas escadas, cortando o braço… isso aconteceu porque estava bêbado. E o farmacêutico do outro lado do corredor que até a pouco estava roubando remédios para uso pessoal… até descobrir que as câmeras escondidas que havia no local estavam captando sua imagem.

A autodestruição nos outros era o *reality show* favorito de um *sympatho* e

era especialmente bom quando você era o produtor. E apesar de sua visão ter voltado ao "normal" e seu corpo estar entorpecido e frio, o que ele era em seu interior estava reprimido, mas não esgotado.

Para o tipo de espetáculo que podia produzir, havia uma fonte interminável de inspiração e financiamento.

– Droga.

Enquanto Butch estacionava o Escalade em frente à garagem da clínica, a boca de Wrath continuou a se exercitar no terreno dos xingamentos. Ante os faróis do veículo, Vishous ficou iluminado como se fosse uma garota de calendário, todo estendido sobre o capô de um Bentley muito familiar.

Wrath soltou seu cinto de segurança e abriu a porta.

– Mas que surpresa, meu senhor – disse V. enquanto se endireitava e dava uns golpes no capô do sedã. – Deve ter sido uma reunião muito curta no centro da cidade com nosso amigo Rehvenge, não? A menos que esse cara tenha descoberto como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Em todo caso, tenho de conhecer seu segredo, não é verdade?

Filho. Da. Mãe.

Wrath saiu do carro e decidiu que a melhor maneira de agir era ignorar o Irmão. Outras opções incluíam tentar achar uma saída para sua mentira, o que não era uma boa ideia porque, dentre todos os defeitos de V., nenhum era no terreno intelectual; a outra alternativa era instigar uma briga, o que seria só uma distração temporária e desperdiçaria tempo quando os dois tinham de reparar aquela confusão.

Rodeando o carro, Wrath abriu a porta traseira do Escalade.

– Cure o garoto. Eu cuido do corpo.

Quando ergueu o peso sem vida do civil e se virou, V. olhou fixamente o rosto que tinha sido golpeado até ficar irreconhecível.

– Maldito seja – ofegou V.

Nesse momento, Butch saiu cambaleando detrás do volante, feito uma geleia. Ainda com o aroma de talco de bebê flutuando sobre ele, seus joelhos vacilaram e mal conseguiu agarrar a porta em busca de apoio a tempo.

Vishous se aproximou como um raio e pegou o tira nos braços, segurando-o com firmeza.

– Droga, cara, como está?

– Preparado… para tudo – Butch se pendurou em seu melhor amigo. – Só

preciso ficar um pouco debaixo do seu abajur.

– Cure-o – disse Wrath enquanto começava a caminhar para a clínica. – Eu vou entrar.

Enquanto se afastava, as portas do Escalade se fecharam uma após outra e depois houve um brilho como se as nuvens tivessem se afastado da lua. Sabia o que os dois estavam fazendo no interior do carro, pois já tinha visto a rotina uma ou duas vezes: abraçavam um ao outro e a luz branca da mão de V. banhava os dois, o mal que Butch tinha inalado era removido por Vishous.

Graças a Deus que havia uma forma de limpar aquela porcaria do tira. E ser um curandeiro também era bom para V.

Wrath se aproximou da primeira porta da clínica e apenas olhou a câmera de segurança. Houve um zumbido imediato, e no instante em que a fechadura se abriu, o painel oculto para as escadas surgiu. Não demorou nada para descer à clínica.

O rei da raça com um macho morto nos braços não se deteve por nem sequer um segundo. Fez uma pausa enquanto se abria a última fechadura. Olhando à câmera, disse:

– Antes de mais nada, tragam uma maca e um lençol.

– Faremos isso agora mesmo, meu senhor – disse uma voz diminuta.

Não mais que um segundo depois, duas enfermeiras abriram a porta, uma transformava um lençol em uma cortina para aumentar a privacidade enquanto a outra empurrava uma maca até o pé das escadas. Com braços fortes e gentis, Wrath apoiou o civil com tanto cuidado que era como se o homem estivesse vivo e cada osso de seu corpo fraturado; então a enfermeira que tinha levado a maca abriu outro lençol. Wrath a deteve antes que cobrisse o corpo.

– Eu faço isso – disse, tomando o lençol.

Ela o entregou com uma reverência.

Pronunciando as palavras sagradas no Antigo Idioma, Wrath converteu a humilde capa de algodão em uma mortalha apropriada. Depois de ter rezado pela alma do homem e lhe desejado uma viagem livre e fácil ao Fade, ele e as enfermeiras fizeram um momento de silêncio antes que o corpo fosse coberto.

– Não temos identificação – disse Wrath, suspirando enquanto alisava a borda do lençol. – Alguma de vocês reconhece suas roupas? O relógio? Qualquer coisa?

As duas enfermeiras sacudiram a cabeça e uma murmurou:

– Vamos colocá-lo no necrotério e esperaremos. É tudo que podemos fazer. A família virá procurar por ele.

Wrath retrocedeu e observou enquanto levavam o corpo na maca. Sem nenhuma razão específica, notou que a roda dianteira direita oscilava ao avançar, como se fosse nova no trabalho e se preocupasse com seu desempenho… mas não se fixou nela porque a enxergava, mas sim pelo suave assobio que fazia por estar mal-calibrada.

Não tinha firmeza. Não aguentava bem seu peso.

Wrath se identificou com ela.

Esta maldita guerra com a Sociedade Redutora já tinha ido longe demais, e mesmo com todo o poder que tinha e toda a determinação que sentia em seu coração, sua raça não estava ganhando: aguentar firmemente contra o inimigo era simplesmente uma forma de perder por pontos, porque inocentes continuavam morrendo.

Virou-se para as escadas e sentiu o cheiro de medo e admiração das duas fêmeas sentadas nas cadeiras de plástico da área de espera. Com um frenético movimento com as pernas, ficaram em pé e se inclinaram a ele, a deferência ressoou em suas vísceras como um chute nas partes baixas. Ali estava ele entregando a mais recente, mas nem de longe a última, vítima da guerra e essas duas ainda lhe dedicavam respeito.

Devolveu-lhes a inclinação, mas não conseguiu dispor de qualquer palavra. O único vocabulário que tinha nesse momento estava cheio de críticas sociais e todas eram dirigidas contra si mesmo.

A enfermeira que tinha produzido a cortina terminou de dobrar o lençol que tinha utilizado.

– Meu senhor, talvez tenha um momento para ver Havers. Deverá sair da sala de cirurgia em uns quinze minutos. Parece que o senhor está ferido.

– Tenho de voltar para… – deteve-se antes que as palavras "campo de batalha" escapassem de sua boca. – Tenho de ir. Por favor, deixem-me informado sobre o que souberem da família desse macho, ok? Quero conhecê-los.

Ela fez uma reverência e esperou, porque tinha intenção de beijar o enorme diamante negro que descansava no dedo anelar da mão direita de Wrath.

O rei fechou com força os débeis olhos e estendeu aquilo que ela estava procurando para homenageá-lo. Sentiu os dedos frios e leves da mulher sobre

a pele, o hálito e os lábios apenas roçaram sua pele. E ainda assim sentiu como se lhe açoitassem.

Enquanto se endireitava, disse-lhe com reverência no Antigo Idioma:

– *Que tudo corra bem esta noite, meu senhor*.

– *Para você também, no decorrer de suas horas, leal súdita*.

Virou e subiu correndo as escadas, precisava de mais oxigênio do que havia na clínica. Assim que chegou à última porta, tropeçou em uma enfermeira que estava entrando tão rápido quanto ele ia saindo. O impacto arrancou a bolsa negra do ombro da mulher e ele só teve tempo de apanhar a garota antes que caísse ao chão junto com a bolsa.

– Oh, droga – ele disse, caindo de joelhos para recolher as coisas da moça. – Desculpe.

– Meu senhor! – Ela fez uma profunda reverência e logo percebeu quem estava recolhendo as coisas dela. – Não deve fazer isso. Por favor, deixe-me…

– Não, a culpa foi minha.

Ele empurrou o que parecia ser uma saia e uma blusa de volta ao interior da bolsa e depois quase acertou a garota com a cabeça ao levantar-se de repente.

Voltou a agarrar o braço dela.

– Droga, sinto muito. Mais uma vez…

– Estou bem… de verdade.

A bolsa trocou de mãos em uma precipitada confusão, passando de alguém que tinha pressa a alguém que estava sobressaltado.

– Mesmo? – perguntou ele, preparado para começar a suplicar à Virgem Escriba que lhe deixasse ir embora.

– Ah, sim, mas… – seu tom mudou de reverente para clínico. – Está sangrando, meu senhor.

Ele ignorou o comentário e a soltou. Aliviado por ver que se mantinha em pé por si mesma, desejou-lhe boa noite e que ficasse bem no Antigo Idioma.

– Meu senhor, deveria ver…

– Lamento tê-la derrubado – disse por cima do ombro.

Abriu com um golpe a última porta e cedeu quando o ar fresco o penetrou. As profundas inspirações limparam sua mente e ele permitiu a si mesmo apoiar-se contra o revestimento de alumínio da clínica.

Quando a dor de cabeça começou a instalar-se atrás dos olhos novamente,

colocou os óculos escuros e esfregou o osso do nariz. Certo. Próxima parada… O endereço que constava no documento falso do *redutor*.

Tinha muito trabalho a fazer.

Deixando cair os óculos de volta ao lugar, endireitou-se e…

– Não tão rápido, meu senhor – disse V., materializando-se de repente diante dele. – Temos de conversar.

Wrath arreganhou as presas.

– Não estou disposto a conversas, V.

– Problema. Seu.

# CAPÍTULO 5

**Ehlena observou o rei** da raça se afastar e quase quebrar a porta em duas ao sair.

Cara, ele era grande e tinha um aspecto assustador. E praticamente ser derrubada por ele colocou a cereja final no topo do bolo de seu drama.

Alisando o cabelo e pendurando a bolsa em seu lugar, começou a descer pela escada depois de passar o ponto de controle interno. Estava apenas uma hora atrasada para trabalhar, pois – milagre dos milagres – a enfermeira de seu pai estava livre e conseguiu ir cedo. Agradecia à Virgem Escriba por Lusie.

No que se referia a ataques fortes, o de seu pai não tinha sido tão terrível quanto poderia, e tinha a sensação de que isso ocorreu pelo fato de que acabara de tomar os medicamentos logo antes de ser atingido pelo ataque. Antes dos comprimidos, a pior de suas crises tinha durado uma noite inteira, por isso, de certa forma, esta noite foi um sinal de progresso.

No entanto, isso ainda partia seu coração.

Ao se aproximar da última câmera, Ehlena sentiu que o peso de sua bolsa aumentava. Estava preparada para cancelar seu encontro e deixar a muda de roupa em casa, mas Lusie a convenceu do contrário. A pergunta que a outra enfermeira fez a tocou profundamente: *Quando foi a última vez que saiu desta casa para outra coisa que não fosse trabalho?*

Ehlena não tinha respondido, pois era reservada por natureza… e porque teve um branco total.

E esse era o argumento de Lusie, não? Cuidadores também precisam cuidar de si mesmos e isso implicava ter uma vida além da enfermidade que lhes colocou nessa situação. Deus era testemunha de que Ehlena falava disso com os membros da família de seus pacientes com enfermidades crônicas o tempo todo e o conselho parecia sensato e prático.

Ao menos quando se tratava dos outros. Aconselhando a si mesma, sentia-se egoísta.

Portanto… estava indecisa com relação ao encontro. Com seu turno terminando perto do amanhecer, não teria tempo para ir até sua casa e dar uma olhada em seu pai antes do encontro. Da maneira como as coisas estavam, ela e o macho que a tinha convidado para sair teriam sorte se conseguissem ter sequer uma hora de bate-papo no restaurante vinte e quatro horas antes que a intrometida luz do sol colocasse um fim às coisas.

Mas ela queria sair um pouco. Na verdade, estava quase desesperada para ter um tempo longe de casa, e isso a fazia se sentir culpada como o inferno.

Deus… tão típico. A consciência a impulsionava em uma direção; a solidão; a outra.

Na recepção, foi diretamente até a supervisora da enfermaria, que estava em frente à mesa do computador.

– Sinto muito, eu…

Catya interrompeu o que estava fazendo e estendeu a mão.

– Como ele está?

Por uma fração de segundo, Ehlena só conseguiu piscar. Odiava que todos no trabalho soubessem dos problemas de seu pai e que alguns, inclusive, o tivessem visto em sua pior fase.

Embora a enfermidade o tivesse destituído de seu orgulho, ela ainda tinha algum com relação a seu nome.

Segurou rapidamente a mão de sua chefe e saiu do alcance dela.

– Obrigada por perguntar. Ele está calmo, e a enfermeira está com ele agora. Felizmente, eu tinha acabado de lhe dar a medicação.

– Precisa de um minuto?

– Não. Como estamos?

O sorriso de Catya parecia mais uma careta, como se estivesse mordendo a língua. Mais uma vez.

– Você não precisa ser forte assim.

– Sim. Tenho de ser. – Ehlena olhou ao redor e guardou um estremecimento para si. Mais funcionários se aproximavam dela pelo corredor, um pelotão de dez pessoas caminhando lado a lado, levando uma enorme quantidade de preocupada determinação. – Onde precisa de mim?

Tinha de se livrar disso… não teve sorte.

Logo, todas as enfermeiras, exceto as da Sala de Operações que estavam ocupadas com Havers, tinham formado um círculo ao redor dela, e a garganta de Ehlena se fechou quando suas colegas soltaram um coro de “Como você

está?". Deus, sentia tanta claustrofobia como uma fêmea grávida presa em um elevador sufocante.

– Estou bem, obrigada a todas…

A última integrante do pessoal se aproximou. Depois de expressar sua compaixão, a fêmea sacudiu a cabeça.

– Não é minha intenção falar de trabalho…

– Por favor, faça isso – resmungou Ehlena.

A enfermeira sorriu com respeito, como se estivesse impressionada pela fortaleza de Ehlena.

– Bom… *ele* voltou e está em uma das salas de exame. Devo pegar uma moeda para o cara e coroa?

Todas resmungaram. Havia apenas um *ele* dentre a multidão de pacientes machos que se tratavam ali, e o cara e coroa era como os funcionários decidiam quem deveria se ocupar *dele*.

De um modo geral, todas as enfermeiras mantinham uma distância profissional com seus pacientes, pois tinham de fazer isso ou seriam despedidas. Entretanto, com *ele*, os funcionários permaneciam afastados por outros motivos que não estavam relacionados ao trabalho. A maioria das fêmeas ficava nervosa perto dele… Mesmo as mais fortes.

Ehlena? Nem tanto. Sim, o cara tinha um estilo de *O Poderoso Chefão* com aqueles ternos pretos listrados, o corte de cabelo moicano e os olhos de ametista irradiando uma mensagem de "não me irrite se quiser continuar respirando". E era verdade. Quando se encontrava presa em uma das salas de exame com ele, sentia-se impulsionada a manter o olho na saída se por acaso tivesse que usá-la. E havia aquelas tatuagens no peito… e o fato de que sempre carregava sua bengala, mas não era como se fosse apenas uma ajuda para caminhar, parecia também uma arma. E…

Tudo bem, o cara fazia que Ehlena ficasse nervosa também. Mesmo assim, ela interrompeu a discussão sobre quem faria isso.

– Eu faço. Assim, compensarei meu atraso.

– Tem certeza? – alguém perguntou. – Parece que você já pagou suas dívidas essa noite.

– Só me deixem tomar um pouco de café. Está em qual sala?

– Coloquei-o na três – disse a enfermeira.

Em meio aos elogios de "Essa é a minha garota", Ehlena foi à sala dos funcionários, colocou suas coisas no armário e se serviu de uma xícara de

café quente e fumegante, um "levanta defunto". O café era forte o suficiente para ser considerado um estimulante e cumpriu muito bem sua função, apagando a confusão mental.

Bem, apagou a maior parte.

Ao tomar um gole, contemplou a fileira de armários amarelados, os pares de sapatos que usavam fora dali colocados ao acaso e os casacos de inverno pendurados em ganchos. No refeitório, os funcionários colocavam suas canecas favoritas sobre o balcão e seus petiscos prediletos nas estantes, e sobre a mesa redonda havia uma travessa cheia de… o que tinha esta noite? Pequenas embalagens de balas Skittles. Em cima da mesa havia um jornal de anúncios coberto com folhetos sobre eventos, cupons, tirinhas de histórias em quadrinhos bobas e fotos de caras bonitos. A lista de escalas vinha em seguida, o quadro branco tinha um quadriculado desenhado que representava as próximas duas semanas e estava cheia de nomes escritos em diferentes cores.

Esses eram os detalhes de uma vida normal – nada disso parece importante até que você se lembra de todas as pessoas no planeta que não possuem um emprego, nem desfrutam de uma existência independente, nem podem deixar de pensar em coisas pequenas… como, digamos, o fato de que você economiza alguns centavos se comprar papel higiênico em pacotes de doze rolos.

Levando tudo isso em conta, lembrou-se mais uma vez de que sair para o mundo real era um privilégio dado pela sorte, não um direito, e lhe chateava pensar em seu pai escondido naquela espantosa casinha, lutando com demônios que existiam apenas na mente dele.

Ele teve uma vida antes, uma vida plena. Tinha sido um membro da aristocracia, tinha servido no Conselho e tinha sido um pesquisador de renome. Teve uma *shellan* a quem adorava, uma filha da qual sempre se orgulhou e uma mansão reconhecida por suas festas. Agora tudo o que tinha era alucinações que lhe torturavam, e embora fossem apenas ilusões, as vozes não deixavam de ser uma prisão menos real só pelo fato de que ninguém mais pudesse ver as grades nem ouvir o carcereiro.

Enquanto Ehlena enxaguava sua caneca, não conseguiu deixar de pensar na injustiça de tudo isso. O que ela acreditava ser bom. Apesar de tudo que via em seu trabalho, não tinha se acostumado ao sofrimento e rezava para que isso nunca acontecesse.

Antes de deixar o vestiário, olhou-se rapidamente no espelho de corpo inteiro que havia ao lado da porta. Seu uniforme branco estava perfeitamente engomado e limpo como uma gaze estéril. Suas meias não estavam desfiadas. Seus sapatos de sola de borracha estavam sem manchas e livre de arranhões.

Seu cabelo estava tão bagunçado quanto ela se sentia por dentro.

Soltou-o com um rápido puxão, torceu e o prendeu com o elástico, em seguida, dirigiu-se para a sala de exames número três.

O prontuário do paciente estava no suporte de plástico transparente montado na parede junto à porta e respirou fundo quando o tirou e abriu. Havia poucas anotações, considerando a frequência com que viam o macho, e não havia quase nenhuma informação registrada na capa, apenas seu nome, um telefone móvel e o nome de uma fêmea como parente mais próximo.

Depois de bater na porta, entrou na sala demonstrando uma confiança que não sentia, com a cabeça alta, a coluna ereta e a inquietação camuflada por uma combinação de atitude e foco profissionais.

– Como está esta noite? – disse, olhando o paciente diretamente nos olhos.

No instante em que o penetrante olhar ametista dele encontrou o seu, ela não conseguiria dizer o que tinha acabado de falar nem se ele tinha respondido. Rehvenge, filho de Rempoon, sugou os pensamentos da cabeça dela, como se tivesse drenado o tanque de combustível de seu cérebro e a tivesse deixado sem uma centelha intelectual sequer na qual pudesse se apoiar.

E, em seguida, ele sorriu.

Este macho era uma cobra; com certeza era… hipnotizava por ser mortal e por ser bonito. Com aquele corte moicano, um rosto severo e inteligente e seu grande corpo, ele era sexo, poder e imprevisibilidade. Tudo envolto em… bem, um terno negro listrado que claramente tinha sido feito sob medida.

– Estou bem, obrigado – respondeu, solucionando o mistério quanto ao que lhe tinha perguntado. – E você?

Quando ela fez uma pausa, ele sorriu um pouco, sem dúvida porque estava totalmente ciente de que nenhuma das enfermeiras gostava de compartilhar o mesmo espaço fechado com ele e, evidentemente, gostava desse fato. Ao menos, foi como ela leu sua expressão controlada e velada.

– Perguntei como você está – ele disse arrastando as palavras.

Ehlena colocou o prontuário clínico na escrivaninha e tirou o estetoscópio do bolso.

– Estou muito bem.

– Tem certeza disso?

– Absoluta – respondeu, girando-se para ele. – Só vou tirar sua pressão arterial e o ritmo cardíaco.

– Minha temperatura também.

– Sim.

– Quer que abra a boca para você agora?

Ehlena corou e disse a si mesma que não era porque aquela voz profunda parecia tão sensual quanto uma carícia sobre seu peito nu.

– Hum… não.

– Que pena.

– Por favor, tire o casaco.

– Que grande ideia. Retiro totalmente o "pena".

Bom plano, pensou ela, pois se sentia propensa a lhe fazer engolir a palavra com o termômetro.

Os ombros de Rehvenge giraram quando fez o que lhe tinha pedido e com um movimento casual da mão tirou o que evidentemente era uma obra de arte da moda masculina e envolveu cuidadosamente uma cadeira com a peça. Era estranho: não importava a estação do ano, ele sempre usava um daqueles casacos de pele.

E essas coisas valiam mais que a casa que Ehlena alugava.

Quando seus dedos longos foram para a abotoadura de diamantes que tinha no pulso direito, ela o deteve.

– Poderia, por favor, subir a manga do outro lado? – disse assinalando com a cabeça o outro braço. – Há mais espaço para mim à sua esquerda.

Ele hesitou, mas, em seguida, começou a subir a manga oposta. Elevando a seda negra acima do cotovelo, até ficar sobre os bíceps grossos, manteve o braço junto ao tronco.

Ehlena tirou o aparelho de pressão de uma gaveta e começou a abri-lo enquanto se aproximava dele. Tocá-lo era sempre uma experiência estranha, e esfregou a mão no quadril para se preparar. Não ajudou. Como sempre, quando entrou em contato com seu pulso, a corrente que subia pelo braço correu até aterrissar em seu coração, fazendo que a maldita coisa pulsasse até que as batidas lhe obrigassem a respirar fundo.

Rezando para que aquilo não levasse muito tempo, moveu o braço, colocando-o em uma posição adequada para o aparelho de pressão.

– Bom… *Deus*.

As veias que corriam pela curva do cotovelo dele estavam dizimadas pelo uso excessivo, inchadas, arroxeadas, tão ásperas como se tivessem usado pregos em vez de agulhas.

Os olhos dela encararam os dele.

– Deve estar com muita dor.

Movimentou o pulso para ficar fora do alcance dela.

– Não. Não me incomoda.

Cara durão. Como ela ainda se surpreendia?

– Bem, posso entender por que precisa ver Havers.

Ela estendeu a mão de maneira incisiva, voltou a lhe girar o braço e pressionou gentilmente uma linha vermelha que subia sobre os bíceps e que ia em direção ao coração.

– Há sinais de infecção.

– Vou ficar bem.

Tudo o que ela conseguiu fazer foi arquear as sobrancelhas.

– Já ouviu falar em septicemia?

– Aquela banda independente? Claro, mas não poderia imaginar que você tivesse ouvido falar dela.

Ela lhe lançou um olhar.

– Septicemia é uma infecção grave do sangue.

– Hum, poderia se inclinar sobre a escrivaninha e desenhar para mim um quadro explicativo? – seus olhos vagaram, descendo pelas pernas. – Acredito que isso seria… muito educativo.

Se qualquer outro macho tivesse se saído com uma dessas, ela teria esbofeteado até ele ver estrelas. Infelizmente, quando era aquela voz celestial que falava e aquele olhar penetrante de ametista que percorria seu corpo, não se sentia ofendida.

Sentia-se acariciada por um amante.

Ehlena teve de resistir à vontade de dar um tapa na testa. Que diabos estava fazendo? Esta noite tinha um encontro. Com um macho civil bom e equilibrado que não era outra coisa além de agradável, razoável e muito educado.

– Não tenho de desenhar quadro explicativo algum – disse assinalando seu braço com a cabeça. – Pode ver por si mesmo bem aí. Se não se tratar, isso vai se transformar em uma infecção sistêmica.

E embora usasse roupas elegantes como se fosse o manequim ideal de todo alfaiate, a fria capa cinza da morte não ficaria bem nele.

Rehv manteve o braço contra seu forte abdômen.

– Vou levar isso em consideração.

Ehlena sacudiu a cabeça e lembrou-se de que não podia salvar as pessoas da própria estupidez só porque usava uniforme branco e tinha a palavra "enfermeira" em seu crachá. Além disso, Havers ia ver isso em toda sua glória sangrenta quando fosse examiná-lo.

– Tudo bem, mas vamos tirar a leitura no outro braço. E vou ter de pedir que tire a camisa. O doutor vai precisar observar até onde a infecção chegou.

A boca de Rehvenge se elevou formando um sorriso enquanto alcançava o botão superior da camisa.

– Continue assim e logo estarei nu.

Ehlena afastou rapidamente o olhar e desejou com todas as suas forças poder considerá-lo desprezível. Certamente seria bom poder se injetar uma dose de indignação que lhe ajudasse a defender-se dele.

– Sabe, não sou tímido – disse com uma voz grave tão sua. – Pode olhar se quiser.

– Não, obrigada.

– Pena – acrescentou em um tom mais obscuro. – Não me importaria que me olhasse.

Enquanto o som da seda movendo-se contra a pele se elevava da mesa de exame, Ehlena manteve-se ocupada revisando seu histórico médico, voltando a verificar dados que estavam absolutamente corretos.

Era estranho. Pelo que as outras enfermeiras haviam dito, não se comportava com elas dessa maneira tão libertina. Na verdade, mal falava com suas colegas e isso era parte do motivo pelo qual ficavam tão ansiosas quando estavam com ele. Com um macho grande como aquele, o silêncio se interpretava como uma ameaça. Isso era fato. Ainda mais com aquele ar de caçador que a tatuagem e o moicano lhe davam.

– Estou pronto – disse.

Ehlena girou sobre os calcanhares e manteve os olhos fixos na parede junto à cabeça dele. Entretanto sua visão periférica funcionava muito bem e era difícil não sentir-se agradecida. O peito de Rehvenge era magnífico, a pele era de uma cor castanho dourado, com músculos definidos apesar de seu corpo estar relaxado. Em cada um dos peitorais tinha uma estrela vermelha de

cinco pontas tatuada na parte superior e ela sabia que havia mais.

No estômago.

Não que ela tenha olhado.

Certo, na verdade, ela estava olhando.

– Vai examinar meu braço? – disse ele suavemente.

– Não, o doutor vai fazer isso – esperou que voltasse a dizer "pena".

– Acho que já usei essa palavra o suficiente em sua companhia.

Então o olhou nos olhos. Era daquele raro tipo de vampiro que podia ler a mente dos outros de sua própria espécie, mas, de alguma maneira, não lhe surpreendeu que este macho fizesse parte desse grupo pequeno e rarefeito.

– Não seja grosseiro – ela disse. – E não quero que volte a fazer isso.

– Desculpe.

Ehlena deslizou o aparelho de pressão ao redor dos bíceps dele, colocou o estetoscópio nos ouvidos e tirou a pressão arterial. Entre os pequenos *piff-piff-piff* do balão inflando na manga até que o aparelho estivesse bem-justo, sentiu seu tenso poder, e seu coração deu um salto. Estava particularmente incisivo esta noite e ela se perguntava por quê.

Só que não era problema dela, era?

Quando liberou a válvula e o punho, soltou um assobio comprido e lento de alívio, deu um passo atrás, afastando-se. Ele era simplesmente… demais, de todas as maneiras. Especialmente agora.

– Não tenha medo – ele sussurrou.

– Não tenho.

– Tem certeza?

– Absoluta – ela mentiu.

# CAPÍTULO 6

**Ela estava mentindo,** Rehv pensou. Com certeza, ela tinha medo dele. E por falar em pena.

Esta era a enfermeira que Rehv esperava que o tocasse cada vez que ia até lá. Era a que fazia que suas visitas fossem parcialmente suportáveis. Esta era sua Ehlena.

Certo, não era nem um pouco sua. Sabia seu nome só porque estava escrito na placa azul e branca de seu uniforme. Conseguia vê-la apenas quando vinha ser tratado. E ela não gostava nem um pouco dele.

Mas, ainda assim, pensava nela como dele, e assim caminhavam as coisas. Acontece que tinham algo em comum, algo que transcendia os limites entre espécies, eclipsava a estratificação social e os unia, embora ela teria negado.

Ela também estava sozinha, como ele.

Sua grade emocional tinha os mesmos sinais que a dele, que a de Xhex, de Trez e de iAm: seus sentimentos estavam rodeados pelo vazio de alguém que foi separado de sua tribo. Vivendo entre os outros, mas, essencialmente, estavam separados de tudo. Um eremita, um pária, alguém que tinha sido expulso.

Não sabia os motivos, mas tinha plena certeza de que a vida era assim para ela, e isso foi o que primeiro chamou sua atenção quando a conheceu. Seus olhos, sua voz e seu perfume foram os próximos. Sua inteligência e respostas rápidas selaram o negócio.

– Dezesseis por nove. Está alta. – Desabotoou o aparelho com um rápido puxão, sem dúvida desejando que fosse uma tira de sua pele. – Acredito que seu corpo está tentando lutar contra a infecção do braço.

Oh, seu corpo estava lutando contra algo, mas não tinha absolutamente nada a ver com aquilo que estava acontecendo em suas veias. Com seu lado *sympatho* lutando contra a dopamina, a condição de impotência na qual normalmente se encontrava quando estava totalmente medicado ainda não se apresentava.

Resultado?

Seu membro estava rígido como um taco de beisebol dentro das calças folgadas. O que, ao contrário da opinião popular, não era um bom sinal… especialmente esta noite. Depois daquela conversa com Montrag, ele estava com fome, estimulado… e um pouco enlouquecido pelo ardor interno.

E Ehlena era simplesmente… linda.

Contudo, não era como suas garotas no trabalho, não era uma forma tão óbvia, exagerada, injetada, implantada e escultural. Ehlena era naturalmente encantadora, tinha traços finos e delicados, o cabelo loiro dourado e braços e pernas longos e esbeltos. Seus lábios eram rosados porque eram rosados… não por causa de uma capa de maquiagem brilhante e cristalizada com uma durabilidade de dezoito horas. E seus olhos cor de caramelo eram luminescentes porque eram uma mescla de amarelo, vermelho e dourado… não por ter passado várias camadas de sombra e rímel. E sua face estava ruborizada porque ela estava começando a gostar dele.

E, mesmo pressentindo que ela teve uma noite difícil, não se incomodava com isso.

Mas isso é ser um *sympatho*, não é? – pensou com escárnio.

Engraçado, a maior parte do tempo não lhe importava ser o que era. Sua vida como a tinha conhecido sempre foi uma miragem constante onde alternava mentiras e enganos e isso era tudo. Contudo, quando estava com ela? Desejava ser normal.

– Vamos ver sua temperatura – disse ela, indo procurar um termômetro eletrônico na mesa.

– Está mais quente que o normal.

Ehlena lançou os olhos direto nos dele.

– Seu braço.

– Não, seus olhos.

Ela piscou, depois pareceu sacudir a si mesma.

– Duvido muito disso.

– Então subestima sua atração.

Quando sacudiu a cabeça e encaixou uma capa plástica no termômetro digital, ele captou o aroma fugaz de seu perfume.

Suas presas se alongaram.

– Abra – levantou o termômetro e esperou. – Vamos, abra.

Rehv olhou fixamente aqueles olhos de três cores incríveis e deixou cair o

queixo. Ela se inclinou, tão profissional como sempre, apenas para ficar congelada. Enquanto se surpreendia com os caninos, o perfume dela aflorou algo obscuro e erótico.

O triunfo inflamou as veias de Rehv, que disse:

– E então?

Passou-se um longo momento, durante o qual os dois estiveram unidos por fios invisíveis de calor e desejo. Em seguida, a boca dela se deteve.

– Nunca. Vou apenas medir sua temperatura, porque tenho de fazer isso.

Embutiu-lhe o termômetro entre os lábios e ele teve de apertar os dentes para evitar que a coisa lhe cravasse as amídalas.

Contudo, estava tudo bem. Embora não pudesse tê-la, ele a excitava. E isso era mais que merecia.

Houve um bipe, um intervalo, outro bipe.

– Quarenta e dois graus – disse ela enquanto retirava a ponta de plástico descartável e a jogava no cesto de lixo. – Havers estará com você assim que for possível.

A porta se fechou atrás dela com força, como se fosse um xingamento.

Cara, ela era *sexy*.

Rehv franziu a testa, toda a questão da atração sexual o lembrava de algo que não gostava de pensar.

De alguém, melhor dizendo.

A ereção que sentia passou instantaneamente quando se deu conta de que era segunda-feira à noite. O que significava que amanhã era terça-feira. Primeira terça-feira do último mês do ano.

O *sympatho* nele vibrou como se cada centímetro de sua pele se esticasse, como se seus bolsos estivessem cheios de aranhas.

Amanhã, ele e sua chantagista teriam outro de seus encontros. Cristo, como era possível que tivesse passado outro mês? Parecia que o tempo nem tinha passado e já era hora de um novo encontro terrível naquela cabana abandonada fora da cidade.

O cafetão se transformava em uma vadia.

Jogos de poder, limites extremos e favores sexuais eram basicamente a moeda de troca nas reuniões com sua chantagista e tinha sido a base de sua vida "amorosa" durante os últimos vinte e cinco anos. Tudo isso era sujo, errado, maligno, degradante e ele o fazia várias vezes para manter seu segredo a salvo.

E também porque seu lado obscuro se liberava com isso. Era *Amor, estilo Sympatho*, o único momento em que podia ser como era sem precisar se conter, era sua parcela de uma liberdade horrível. Afinal, por mais que medicasse a si mesmo e tentasse se encaixar, estava preso ao legado de seu pai morto, ao sangue maligno que corria em suas veias. Não podia negociar com seu DNA e, embora fosse mestiço, o devorador de pecados nele era dominante.

Assim, quando se tratava de uma mulher de valor como Ehlena, ele sempre estaria do outro lado do vidro, pressionando o nariz contra ele, com as palmas estendidas pelo desejo, sem jamais poder aproximar-se o suficiente para tocar. Era o mais justo para ela. Ao contrário de sua chantagista, ela não merecia o que ele tinha para oferecer.

A moralidade que ensinou a si mesmo indicava que ao menos isso era certo.

Sim. Ótimo. Bom para ele.

Sua próxima tatuagem ia ser a de uma maldita auréola sobre a cabeça.

Quando baixou o olhar ao desastre que se estendia por seu braço esquerdo, viu com total clareza que estava piorando. Não era apenas uma infecção bacteriana por utilizar deliberadamente agulhas sem esterilizar. Era um lento suicídio e era por isso que estaria ferrado se mostrasse ao médico. Sabia exatamente o que ocorreria se esse veneno se aprofundasse dentro da corrente sanguínea e desejava que acontecesse logo e se apoderasse dele.

A porta se abriu e ele levantou o olhar, preparado para dançar tango com Havers… Só que não era o doutor. A enfermeira de Rehv estava de volta e não parecia feliz.

Na verdade, parecia exausta, como se ele fosse um incômodo em seu castelo e não tivesse energia para lidar com aquele transtorno que trazia quando estava com ela.

– Falei com o doutor – ela disse. – Está preso na sala de cirurgias agora, portanto, vai demorar um pouco. Pediu-me que coletasse um pouco de sangue…

– Desculpe – desabafou Rehv.

A mão de Ehlena foi até o pescoço, em seu uniforme e fechou-o um pouco mais.

– Como?

– Desculpe-me por ter brincado com você. Não precisa disso em um

paciente. Especialmente em uma noite como esta.

Ela franziu a testa.

– Estou bem.

– Não, não está. E não, não estou lendo sua mente. É só que parece cansada. – De repente, soube como ela se sentia. – Eu gostaria de compensar isso.

– Não é necessário…

– Convidando você para jantar.

Certo, ele não queria ter dito isso. E levando em conta que tinha acabado de se parabenizar por saber manter a distância, isso também lhe transformava em um hipócrita.

Era evidente que sua próxima tatuagem devia seguir mais na linha de umas orelhas de burro. Porque estava agindo como um idiota.

Na sequência do convite, não lhe surpreendeu nem um pouco que Ehlena o olhasse como se estivesse louco. Em termos gerais, quando um macho se comportava como ele tinha feito, a última coisa que qualquer fêmea desejaria fazer era passar mais tempo com ele.

– Sinto muito, mas não. – Ela nem sequer arrematou com um "obrigada, nunca saio com pacientes".

– Certo. Entendo.

Enquanto preparava os instrumentos para coletar o sangue e colocava um par de luvas de látex, Rehv estendeu o braço para o casaco e tirou seu cartão, ocultando-o em sua grande palma.

Ela foi rápida no processo, trabalhando sobre o braço bom, enchendo com rapidez as ampolas de alumínio. Ainda bem que não eram de vidro e que Havers fazia todas as análises sozinho. O sangue dos vampiros era vermelho. O dos *sympathos* era azul. A cor do seu era algo entre as duas, mas ele e Havers tinham um acordo. Certo, o doutor não tinha consciência de como as coisas funcionavam entre eles, mas era a única maneira de ser tratado sem comprometer o médico da raça.

Quando Ehlena acabou, selou as ampolas com plugues de plástico branco, tirou as luvas e se dirigiu para a porta como se ele fosse um cheiro ruim.

– Espere – ele disse.

– Quer algum analgésico para o braço?

– Não, quero que fique com isto – estendeu seu cartão. – E me ligue se algum dia estiver disposta a me fazer um favor.

– Sob o risco de soar pouco profissional, nunca vou estar disposta para você. Sob nenhuma circunstância.

Essa doeu. Mas ele não a culpava.

– O favor é me perdoar. Não tem nada a ver com um encontro.

Ela baixou o olhar ao cartão, depois sacudiu a cabeça.

– É melhor ficar com isso. Para dar a alguém que possa usá-lo um dia.

Quando a porta se fechou, ele amassou o cartão em sua mão.

Droga. De qualquer maneira, em que diabos estava pensando? Provavelmente ela tinha uma vida agradável em uma casa simples com pais amorosos. Talvez tivesse um namorado também, que algum dia seria seu *hellren*.

Sim, sendo ele o amigável senhor das drogas da vizinhança, cafetão e valentão, realmente se encaixaria no meio de uma família perfeita. Totalmente.

Jogou seu cartão no cesto de papéis que havia junto a mesa, observou como a coisa fez um círculo e em seguida caiu entre os lenços de papel, as folhas amassadas e uma lata de refrigerante vazia.

Enquanto esperava o doutor, olhou o lixo descartado, pensando que para ele a maioria das pessoas do planeta era como aqueles objetos: coisas para usar e descartar sem qualquer tipo de remorso. Graças ao seu lado mau e ao negócio que conduzia, tinha quebrado muitos ossos, partido várias cabeças e tinha sido a causa de muitas overdoses.

Ehlena, entretanto, passava suas noites salvando as pessoas.

Sim, tinham muitíssimo em comum, é claro. Os esforços dele possibilitavam que ela mantivesse seu emprego.

Simplesmente perfeito.

No ar gelado de fora da clínica, Wrath encarava Vishous peito a peito.

– Saia do meu caminho, V.

Vishous, é claro, não retrocedeu. Não foi uma surpresa. Mesmo antes de descobrirem que ele é filho da Virgem Escriba, V. já tinha sérios problemas com autoridades.

Um Irmão teria tido mais sorte dando ordens a uma pedra.

– Wrath…

– Não, V. Não aqui. Não agora…

– Eu o vi. Essa tarde, em meus sonhos – a dor naquela voz obscura era do

tipo que normalmente se associa a funerais. – Tive uma visão.

Wrath falou sem querer.

– O que viu?

– Você estava em pé em um campo escuro, sozinho. Todos nós o cercávamos, mas ninguém podia alcançá-lo. Você se afastava de nós e nós de você – o Irmão estendeu a mão e lhe agarrou com força. – Por causa do Butch, sei que está saindo para lutar sozinho e mantive a boca fechada até agora. Mas não posso permitir que continue fazendo isso. Se você morrer, a raça está perdida, sem falar na Irmandade.

Os olhos de Wrath se esforçavam para focar o rosto de V., mas a luz de segurança que havia sobre a porta era fluorescente e o brilho da coisa ardia como o inferno.

– Não sabe o que quer dizer o sonho.

– E nem você.

Wrath pensou no peso daquele civil em seus braços.

– Pode não ser nada…

– Pergunte-me quando tive a visão pela primeira vez.

– … pode ser apenas um medo seu.

– Pergunte-me. Quando tive a visão pela primeira vez.

– Quando?

– Mil novecentos e nove. Passaram-se cem anos desde que a vi pela primeira vez. Agora pergunte quantas vezes a tive no mês passado.

– Não.

– Sete vezes, Wrath. Essa tarde foi a gota d'água.

Wrath se desvencilhou do Irmão.

– Vou embora agora. Se me seguir, vai encontrar uma briga.

– Não pode sair sozinho. Não é seguro.

– Está brincando comigo, não é? – Wrath olhou furiosamente através dos óculos escuros. – Nossa raça está caindo e você fica me importunando por ir atrás de nosso inimigo? Até parece. Não vou ficar preso atrás de nenhuma maldita mesa de escritório cuidando de papéis enquanto meus irmãos estão lá fora fazendo alguma coisa de fato…

– Mas você é o rei. É mais importante que nós…

– Pro inferno com essa história! Sou um de vocês! Fui convocado, bebi dos Irmãos e eles de mim, quero lutar!

– Olhe, Wrath… – V. assumiu um tom tão racional que poderia fazer que

alguém quisesse arrancar todos os seus dentes. Com um machado. – Sei exatamente o que é não querer ser quem nasceu para ser. Acha que eu não gostaria de me libertar desses malditos sonhos? Acha que ter esta luz na minha mão é uma festa? – levantou a mão enluvada como se fosse ajudar na "discussão". – Não pode mudar quem é. Não pode mudar quem foram seus pais. Você é o rei, as regras se aplicam de forma diferente para você e é assim que as coisas são.

Wrath deu o melhor de si para lidar com a calma, tranquilidade e compostura de V.

– E eu digo que venho lutando há mais de trezentos anos, assim, não sou exatamente um principiante na batalha. E eu também gostaria de assinalar que ser o rei não significa ter perdido o direito de escolher…

– Você não tem herdeiro. E pelo que ouvi de minha *shellan*, mandou Beth se calar quando ela disse que quer tentar ter um filho quando vier seu primeiro cio. E fez isso com dureza. Como foi mesmo que ela disse que você falou? Oh… sim: "Não quero nenhuma criança em um futuro próximo… se é que vou querer um dia."

A respiração de Wrath escapou com força.

– Não posso acreditar que tocou nesse assunto.

– Moral da história? Se você morrer? A sociedade entraria em colapso, e se acha que isso vai ajudar na guerra, está redondamente enganado. Encare isso, Wrath. Você é o coração de todos nós. Portanto, não, não pode sair por aí sem mais nem menos, lutando sozinho porque você simplesmente quer. As coisas não funcionam assim para você…

Wrath agarrou as lapelas do Irmão e o prensou contra o edifício da clínica.

– Cuidado, V. Está ultrapassando os malditos limites.

– Se acredita que me esfolar vai mudar as coisas, vá em frente.

Mas garanto que depois de os murros terminarem e nós dois estarmos sangrando no chão, a situação seguirá exatamente a mesma. Não pode mudar quem é por nascimento.

Ao fundo, Butch saiu do Escalade e ajeitou o cinto da calça como se estivesse se preparando para interromper uma briga.

– A raça precisa de você vivo, seu idiota – disse V. – Não me obrigue a apertar o gatilho, porque o farei.

Wrath voltou a fixar os olhos débeis em V.

– Pensei que me queria vivo e contente. Além disso, disparar em mim seria

traição e sua punição seria a morte. Não importa de quem seja filho.

– Olhe, não estou dizendo que não deva…

– Cale a boca, V. Só uma vez, apenas cale essa maldita boca.

Wrath soltou a jaqueta de couro do cara e recuou. Jesus Cristo, tinha de parar ou aquele confronto ia acabar também envolvendo Butch.

Wrath apontou um dedo no rosto de V.

– Não me siga. Estamos entendidos? Você não vai me seguir.

– Tolo estúpido – disse V. totalmente exausto. – Você é o rei. *Todos nós* devemos segui-lo.

Wrath se desmaterializou com uma maldição, suas moléculas se apressaram ao longo da cidade. Enquanto viajava, não podia acreditar que V. tivesse jogado na sua cara o assunto de Beth e do bebê. Ou que Beth compartilhava essas questões particulares com a doutora Jane.

Mas ele não estava pensando em si mesmo quando disse aquilo para Beth. V. estava louco se pensava que Wrath ia pôr a vida de sua amada em perigo deixando-a grávida quando passasse pelo cio dentro de um ano, aproximadamente. As fêmeas morriam no parto com mais frequência que se podia imaginar.

Daria sua própria vida pela raça se tivesse de fazê-lo, mas de nenhuma maldita e louca maneira colocaria a vida de sua *shellan* em risco.

E mesmo se tivesse a garantia que sobreviveria a tudo isso, não queria que seu filho terminasse onde ele estava… Aprisionado e sem escolha, servindo a sua gente com um coração pesado enquanto um após outro morria em uma guerra onde ele pouco ou nada podia fazer para terminar.

# CAPÍTULO 7

**O complexo do Hospital** St. Francis era uma cidade em si, uma aglomeração sempre em expansão de blocos arquitetônicos erguidos em diferentes épocas, cada um dos componentes formava sua própria minivizinhança, e as partes se conectavam com o todo por uma série de sinuosas ruas e calçadas. Havia o estilo elegante de mansões que poderia ser visto na seção da administração, o da simplicidade suburbana no nível das estadias de unidades ambulatoriais e o das torres de hospitalização parecidas com arranha-céus com as janelas empilhadas. O único traço unificador do hospital, aliás, um presente dos céus, eram os sinais vermelhos e brancos com as flechas assinalando direita, esquerda e siga em frente, dependendo de onde se queria ir.

No entanto, o destino de Xhex era óbvio.

O departamento de emergências era a dependência mais recente do centro médico, havia tecnologia avançada ali, instalações de vidro e aço que eram iluminadas como um clube noturno sempre brilhante e com um murmúrio constante.

Era impossível passar batido. Impossível perder de vista.

Xhex tomou forma à sombra de algumas árvores que tinham sido plantadas em círculo em torno de alguns bancos. Enquanto caminhava para a fileira de portas giratórias da Emergência, estava, ao mesmo tempo, naquele ambiente e totalmente fora dele. Apesar de desviar de outras pessoas, notar o cheiro da área de fumantes e sentir o ar frio no rosto, ela estava muito distraída com a batalha em seu interior para conseguir perceber muita coisa.

Quando entrou na instalação, as mãos estavam úmidas, um suor frio brotava da testa e ficou paralisada pela luz fluorescente, o linóleo branco e os funcionários que andavam por ali com os uniformes cirúrgicos.

– Precisa de ajuda?

Xhex virou-se e ergueu as mãos, fechando-as em posição de luta.

O médico que tinha falado com ela manteve a postura, mas pareceu

surpreso.

– Ei. Calma.

– Desculpe – deixou cair os braços e leu a identificação de seu jaleco branco: DR. MANUEL MANELLO, CIRURGIÃO CHEFE. Franziu a testa ao percebê-lo, ao captar seu aroma.

– Você está bem?

Não importava. Não era da sua conta.

– Preciso ir ao necrotério.

O médico não ficou impressionado, pois parecia perfeitamente possível que alguém como ela poderia estar ali por causa de alguns cadáveres.

– Sim, tudo bem, vê aquele corredor ali? Vá até o fundo. Verá uma porta com um letreiro indicando o necrotério. Apenas siga as setas. É no porão.

– Obrigada.

– Por nada.

O doutor saiu pela porta giratória por meio da qual ela tinha entrado e Xhex passou pelo detector de metais pelo qual ele tinha acabado de passar. Nenhum bipe, em seguida, lançou um tenso sorriso ao vigilante que por sua vez deu uma boa olhada nela.

A faca que levava na parte de trás da cintura era de cerâmica e tinha substituído seu cinturão de penitência de metal por um de couro e pedra. Sem problemas.

– Boa noite, senhor – ela disse.

O cara a saudou com a cabeça ao passar, mas manteve a mão sobre a coronha da arma.

Ao final do corredor, encontrou a porta que procurava, abriu-a de um golpe e encarou as escadas, seguindo as flechas vermelhas como o doutor tinha indicado. Quando chegou a um trecho com paredes de cimento branco, calculou que deveria estar perto e estava certa. O detetive De la Cruz estava mais adiante no corredor, junto a um par de portas duplas de aço inoxidável rotuladas com as palavras NECROTÉRIO e APENAS PESSOAL AUTORIZADO.

– Obrigado por vir – disse quando ela se aproximou. – Entraremos na sala de observação que está um pouco mais à frente. Vou só dizer a eles que chegou.

O detetive abriu uma das portas com um empurrão e pela fresta ela viu uma série de mesas metálicas com blocos para a cabeça dos mortos.

Seu coração parou e depois disparou, mesmo repetindo a si mesma que não

era culpada. Que ela não estava ali dentro. Que aquilo não era o passado. Que não havia ninguém com uma roupa branca erguendo-se sobre ela e fazendo coisas "em nome da ciência".

E, além disso, ela tinha superado tudo aquilo já fazia uma década…

Um som começou baixinho e seu volume foi aumentando, ecoando atrás dela. Virou-se e ficou congelada, sentindo tanto temor que seus pés ficaram presos no chão…

Mas era apenas um empregado da limpeza que vinha dobrando a esquina, empurrando um carrinho de roupa suja. Ao passar, nem sequer levantou a vista, estava inclinado para frente sobre a borda, utilizando toda sua energia.

Por um momento, Xhex piscou e viu outro carrinho rodando. Cheio de membros humanos emaranhados e imóveis, pernas e braços de cadáveres sobrepondo-se como se fossem gravetos.

Esfregou os olhos. Certo, tinha superado o que havia acontecido… contanto que não estivesse em uma clínica ou hospital.

Que droga! Ela tinha de dar o fora dali.

– Está bem para fazer isso? – perguntou De la Cruz.

Engoliu em seco e ergueu a mão, duvidando de que o cara pudesse entender que o que a assustava era uma pilha de lençóis em um carrinho e não o cadáver que estava a ponto de ver.

– Sim. Podemos entrar agora?

Ele a olhou por um momento.

– Escute, quer mais um minuto? Tomar um pouco de café?

– Não – quando ele não se moveu, ela se encaminhou sozinha até a porta onde se lia ENTRADA RESTRITA.

De la Cruz se apressou na frente dela e abriu caminho. A sala de espera que havia mais à frente tinha três cadeiras de plástico negras, duas portas e cheirava a morangos químicos, resultado do formol misturado com um aromatizador de ambientes. Num canto, longe dos assentos, havia uma mesa pequena com alguns copos descartáveis de papel cheios com o que parecia ser um café ruim.

Enquanto olhava ao redor, captou as emoções que foram sentidas naquela área e que persistiam no ar como mofo. Coisas ruins aconteceram aqui para as pessoas que ultrapassaram aquela porta. Corações foram partidos. Vidas foram destroçadas. Mundos que nunca voltariam a ser como eram antes.

Não deveriam servir café a esta gente antes de entrar ali. Já estavam

nervosos o suficiente.

– Por aqui.

De la Cruz a fez passar para uma sala estreita e claustrofóbica: a coisa era do tamanho de uma caixa de fósforos, quase sem ventilação, tinha luzes fluorescentes que piscavam e a única janela que havia estava longe de exibir uma paisagem bonita.

No fundo da sala havia uma cortina esticada de um lado a outro, bloqueando a visão do resto do espaço.

– Você está bem? – perguntou o detetive mais uma vez.

– Podemos fazer logo isso?

De la Cruz se inclinou para a esquerda e apertou um botão. Ao som do zumbido, as cortinas se separaram, abrindo-se pela metade com um lento movimento, revelando um corpo que estava coberto pelo mesmo tipo de lençol branco que havia no cesto de roupa suja. Um homem vestido com uniforme médico verde estava de pé na cabeceira e quando o detetive fez um gesto com a cabeça, ele esticou a mão para frente e retirou a mortalha.

Os olhos de Chrissy Andrews estavam fechados e sua face tinha a cor cinza pálida das nuvens de dezembro. Não parecia estar em paz em seu repouso permanente. A boca era um talho azul, os lábios estavam partidos pelo que poderia ter sido um soco, uma frigideira ou o batente de uma porta.

As dobras do lençol que repousavam sobre a garganta ocultavam grande parte das marcas de estrangulamento.

– Eu sei quem fez isso – disse Xhex.

– Só para que fique claro, pode identificá-la como sendo Chrissy Andrews?

– Sim. E sei quem fez isso.

O detetive fez um gesto com a cabeça para o clínico, que cobriu o rosto de Chrissy e fechou as cortinas.

– O namorado?

– Sim.

– Há um longo histórico de chamadas por violência doméstica.

– Longo demais. É claro que agora acabou. O filho da mãe finalmente conseguiu finalizar o trabalho, não é mesmo?

Xhex saiu pela porta e entrou na sala de espera, o detetive teve de se apressar para não ficar atrás.

– Espere…

– Tenho de voltar ao trabalho.

Ao saírem bruscamente e entrarem no corredor do porão, o detetive a obrigou a se deter.

– Quero que saiba que o departamento de polícia está conduzindo uma investigação sobre esse assassinato e vamos lidar com qualquer suspeito de maneira apropriada e legal.

– Tenho certeza de que vai fazer isso.

– E você fez sua parte. Agora é a nossa vez. Deixe-nos encontrá-lo, certo? Não quero que você vá atrás dele sozinha.

A imagem do cabelo de Chrissy surgiu em sua mente. A mulher era exigente sobre esse assunto, estava sempre escovando e passando *spray* para mantê-lo no lugar. Totalmente ao estilo da série *Melrose Place*, na época em que Heather Locklear usava aquele penteado.

O cabelo que havia embaixo daquela mortalha estava esmagado como uma tábua de carne, amassado dos dois lados, por causa, sem dúvida, da bolsa para cadáveres em que tinha sido transportada.

– Você já fez sua parte – disse De la Cruz.

Não, ainda não.

– Tenha uma boa noite, detetive. E boa sorte na busca por Grady.

Ele franziu a testa, em seguida pareceu engolir a atuação de "serei uma boa garota".

– Precisa de uma carona de volta?

– Não, obrigada. E, de verdade, não se preocupe comigo – sorriu de maneira tensa. – Não farei nada estúpido.

Ao contrário, era uma assassina muito inteligente. Treinada pelos melhores.

E *olho por olho* era mais que uma frase clichê.

José De la Cruz não era um cientista da Nasa, nem um membro do grupo de pessoas de QI extremamente elevado, nem um geneticista molecular. Tampouco era um apostador e isso não só por causa de sua fé Católica.

Não tinha motivos para apostar. Tinha um instinto que se assemelhava à bola de cristal de uma vidente.

Assim, sabia exatamente o que estava fazendo quando acompanhou, a uma distância discreta, a senhorita Alex Hess em seu caminho até a saída do hospital. Depois de sair pelas portas giratórias, não foi à esquerda para o

estacionamento nem à direita, em direção aos três táxis estacionados na entrada. Seguiu em frente, passando pelos carros que recolhiam e deixavam pacientes e pelos táxis que estavam livres. Depois de subir na calçada, continuou pela grama congelada e seguiu caminhando em linha reta, cruzando a estrada e infiltrando-se entre as árvores que a cidade tinha plantado há alguns anos para incrementar a vegetação no centro da cidade.

No intervalo de um piscar de olhos, ela tinha desaparecido, como se nunca tivesse estado ali.

O que era, naturalmente, impossível. Estava escuro e ele estava acordado desde às quatro da manhã de dois dias atrás, por isso seus olhos enxergavam com tanta nitidez como quando estava debaixo da água.

Ia ter de vigiar aquela mulher. Sabia de primeira mão como era duro perder um colega e ficou claro que ela se preocupava com a garota morta. Ainda assim, este caso não necessitava de um curinga civil quebrando as leis e possivelmente chegando até o extremo de assassinar o principal suspeito da investigação.

José se dirigiu de volta ao carro sem marcas oficiais que tinha deixado na parte de trás do hospital, onde lavavam as ambulâncias e os médicos descansavam durante as pausas no trabalho.

O namorado de Chrissy Andrews, Robert Grady, também conhecido como Bobby G, tinha alugado um apartamento desde que ela o dispensou no último verão. Não havia ninguém no lugar quando José bateu à porta naquela tarde. Ele então pediu um mandado de busca baseado nas chamadas ao 190 que Chrissy fez nos últimos seis meses, e com isso o proprietário foi obrigado a abrir o apartamento.

Encontrou montes de comida apodrecendo na cozinha, pratos sujos na sala de estar e roupa suja atirada por todo o chão.

Também havia numerosas trouxinhas de celofane com pó branco que era – que surpresa – heroína. Quem poderia imaginar?

Não se via o namorado em parte alguma. A última vez que o tinham visto no apartamento foi na noite anterior por volta das dez. O vizinho ao lado tinha ouvido Bobby G gritar. E depois uma porta bater. E os registros de ligações indicavam que realizou uma chamada para o telefone de Chrissy às nove e trinta e seis.

Policiais à paisana foram chamados imediatamente e já faziam relatórios, mas, até agora, não tinham nenhuma notícia. Mas José não achava mesmo

que achariam algo dessa maneira. Havia grandes chances de que o lugar permanecesse assim, como uma casa fantasma.

Portanto, havia duas coisas em seu radar: encontrar o namorado e seguir a chefe de segurança do ZeroSum.

E seus instintos lhe diziam que seria melhor para todos se ele encontrasse o Bobby G antes que Alex Hess o fizesse.

# CAPÍTULO 8

**Enquanto Havers cuidava de** Rehvenge, Ehlena reabastecia um dos armários de suprimentos. Que, por acaso, ficava do lado da sala de exame número três. Empilhou rolos de gaze. Fez uma torre com os pacotes de luvas. Criou uma obra prima com caixas de lenços, curativos e capas para termômetros.

Estava ficando sem coisas para organizar quando a porta da sala de exame abriu com um estalo. Colocou a cabeça para fora no corredor.

Havers parecia mesmo um médico, com os óculos com aro de tartaruga marinha, o cabelo castanho precisamente partido no meio, a gravata-borboleta e o jaleco branco. Também se comportava como um – sempre com calma e ponderação no que dizia respeito aos funcionários, às instalações e acima de tudo aos pacientes.

Mas não parecia ele mesmo ao ficar em pé no corredor, com a testa franzida como se estivesse confuso e esfregando a cabeça como se as têmporas lhe doessem.

– Você está bem, doutor? – perguntou ela.

Ele olhou em sua direção, o olhar vago de maneira incomum por trás das lentes.

– Hum… sim, obrigado – sacudindo a si mesmo, entregou-lhe uma receita deslizando-a por cima do histórico médico de Rehvenge. – Eu… ah… Seria tão gentil de sua parte trazer a dopamina deste paciente, assim como duas doses de antídoto contra veneno de escorpião. Eu mesmo o faria, mas acho que preciso comer alguma coisa. Estou me sentindo um pouco hipoglicêmico.

– Sim, doutor. Imediatamente.

Havers fez um gesto afirmativo com a cabeça e colocou o histórico do paciente no suporte que havia junto à porta.

– Agradeço muito.

O doutor se afastou como se estivesse em um transe parcial.

O pobre macho devia estar exausto. Esteve na sala de cirurgia a maior

parte das últimas duas noites, atendendo ao parto de uma fêmea, a um macho que tinha sofrido um acidente de trânsito e a um menino pequeno que tinha sofrido graves queimaduras ao tentar alcançar uma panela com água fervendo sobre o fogão. E a isso se somava o fato de que ele não tinha tirado uma folga ao longo dos dois anos que ela trabalhava na clínica. Estava sempre de plantão, sempre presente.

Situação parecida com a que ela vivia com seu pai. Então, sim, ela sabia exatamente como ele devia estar cansado.

Na farmácia, entregou a receita ao farmacêutico, que nunca conversava com ninguém e não rompeu com a tradição nesse dia. O macho foi para o fundo e retornou com seis caixas de ampolas de dopamina e um pouco de antídoto.

Ao lhe entregar os medicamentos, virou um cartaz que dizia: VOLTO EM 15 MINUTOS e saiu pela portinhola do balcão.

– Espere – ela disse, lutando para segurar a carga. – Isto não pode estar certo.

O macho já tinha o cigarro e o isqueiro na mão.

– Sim, está.

– Não, isto é… onde está a receita?

Os olhos do macho mostraram toda a fúria de um fumante sendo impedido de tirar sua folga. Mas ela não deu a mínima.

– Traga-me a receita.

O farmacêutico resmungou ao longo do caminho de volta até o balcão e logo se ouviu um excessivo ruído de papéis, como se talvez tivesse a esperança de poder começar um incêndio ao esfregar as receitas entre si.

– Despachar seis caixas de dopamina – girou a receita para que ela pudesse enxergá-la. – Vê?

Inclinou-se. Realmente, dizia seis caixas e não seis ampolas.

– O doutor sempre receita o mesmo a este paciente. Isso e o antídoto.

– Sempre?

A expressão do macho foi "menina, me dá um tempo" e falou lentamente, como se ela não falasse o idioma fluentemente.

– Sim. Geralmente é o doutor mesmo quem vem pegar. Está satisfeita ou quer falar sobre isso com Havers?

– Não… e obrigada.

– Por *nada*.

Voltou a atirar a receita sobre a pilha e apressou o passo para sair dali como se temesse que ela pudesse ter outra brilhante ideia relacionada a mais um projeto de investigação.

Que tipo de maldita enfermidade requeria cento e quarenta e quatro doses de dopamina? E o antídoto? A não ser que Rehvenge fosse sair em uma looonga viagem fora da cidade para um lugar hostil que tivesse uma quantidade de escorpiões ao estilo do filme *A Múmia*.

Ehlena caminhou pelo corredor até a sala de exame, equilibrando precariamente as caixas: assim que apanhava uma que estava caindo, tinha de socorrer outra. Bateu na porta com o pé e quase produziu um efeito dominó com a carga ao girar a maçaneta.

– Isso é tudo? – perguntou Rehvenge em um tom severo.

Queria uma mala cheia da coisa?

– Sim.

Deixou que as caixas caíssem sobre a mesa e logo as arrumou rapidamente.

– Deveria lhe conseguir uma sacola.

– Está bem. Eu dou um jeito.

– Precisa de seringas?

– Tenho muitas – ele disse com tom irônico.

Desceu da maca de exame com cuidado e colocou o casaco de pele, o que alongou ainda mais a grande amplitude dos ombros, a ponto de parecer ter um aspecto ameaçador mesmo estando do outro lado da sala. Com os olhos fixos nela, pegou sua bengala e se aproximou lentamente, como se estivesse inseguro com relação ao seu equilíbrio… e sua receptividade.

– Obrigado – disse.

Deus, a palavra era tão simples e dita com tanta frequência e, ainda assim, vinda dele, significava mais do que gostaria.

Na verdade, tratava-se menos de como ele a pronunciou do que de sua expressão facial: havia certa vulnerabilidade naquele olhar ametista, enterrada profundamente.

Ou talvez não.

Talvez fosse ela que se sentisse vulnerável e estava procurando simpatia do macho que a tinha colocado naquele estado. E se sentiu muito fraca naquele momento. Quando Rehvenge ficou em pé ao seu lado, recolhendo as caixas da mesa e colocando uma por uma nos bolsos internos de seu casaco de pele, sentia-se nua apesar de uniformizada, desmascarada apesar de não ter nada

para ocultar no rosto.

Levantou os olhos e viu apenas aquele olhar.

– Cuide-se… – sua voz era muito profunda. – E como eu disse, obrigado. Sabe, por ter cuidado de mim.

– Por nada – disse encostada na mesa de exame. – Espero que tenha conseguido o que precisava.

– Um pouco… de qualquer forma.

Ehlena não se virou até que ouviu o clique da porta se fechando. Em seguida, proferiu um xingamento, sentou-se na cadeira que estava na frente da mesa e voltou a se perguntar se devia ir mesmo ao encontro naquela noite. Não apenas por seu pai, mas também porque…

Oh, certo. Que ótimo raciocínio. Por que ela não dispensava um cara legal e perfeitamente normal só por que se sentia atraída por um cara proibido, de outro planeta, onde as pessoas usavam roupas que valiam mais que carros? Perfeito.

Se continuasse assim poderia ganhar o Prêmio Nobel de estupidez, um objetivo de vida que ela mal podia esperar para realizar.

Passeou os olhos pela sala enquanto tratava de aconselhar a si mesma a voltar à realidade… até que se fixou no cesto de papéis. Em cima de uma lata de refrigerante, havia um cartão de visitas transformado em uma bola enrugada.

REHVENGE, FILHO DE REMPOON.

Só havia um número abaixo, nenhum endereço.

Agachou-se e o pegou, alisando-o contra a mesa. Ao percorrer a frente do cartão com a palma da mão algumas vezes, não encontrou nenhum desenho em relevo na superfície, apenas um pequeno recuo. Gravada. É claro.

Ah, Rempoon. Conhecia esse nome e agora o parente mais próximo de Rehvenge fazia sentido. A pessoa indicada nos formulários, Madalina, era uma Escolhida renegada que tinha se tornado uma conselheira espiritual, uma amada fêmea de valor de quem Ehlena tinha ouvido falar, mas que nunca tinha conhecido pessoalmente. A fêmea acasalou com Rempoon, um macho de uma das linhagens mais antigas e proeminentes. Mãe. Pai.

Então aqueles casacos de pele não eram só uma demonstração de riqueza exibida por um novo-rico. Rehvenge procedia do lugar que Ehlena e sua família estavam acostumadas a fazer parte, a *glymera* – o nível mais elevado da sociedade civil dos vampiros, os árbitros do bom gosto, o bastão da

civilização… e o enclave de figurões mais cruel do planeta, capazes de fazer que os ladrões de Manhattan parecessem pessoas às quais poderia se convidar para jantar.

Desejava que ele se desse bem dentre o grupo. Deus era testemunha de que ela e sua família não tinham se dado bem com eles: seu pai tinha sido traído e expulso, sacrificado para que um ramo mais poderoso de sua linhagem pudesse sobreviver financeira e socialmente. E esse foi apenas o início de sua ruína.

Ao sair da sala de exame, jogou o cartão de volta no lixo e recolheu o prontuário do suporte. Depois de fazer um relatório para Catya, Ehlena se dirigiu à área de registro para cobrir a enfermeira que estava em seu descanso e incluiu no sistema as breves anotações de Havers a respeito de Rehvenge e as receitas entregues.

Não havia menção sobre a doença. Mas talvez tivesse sido tratada durante tanto tempo que a referência tenha sido feita nos registros anteriores.

Havers não confiava nos computadores e fazia todo seu trabalho no papel, mas felizmente três anos atrás Catya insistiu em manter uma cópia eletrônica de tudo e também pediu que um grupo de *doggen* transferisse a totalidade dos históricos médicos de cada um dos pacientes ao servidor. E graças à Virgem Escriba por isso. Quando se mudaram para as novas instalações por causa dos ataques dos *redutores*, a única coisa que restou foram os históricos eletrônicos dos pacientes.

Seguindo um impulso, rolou a página para cima para checar o histórico de Rehvenge. Nos últimos dois anos as doses de dopamina tinham aumentado. E o antídoto também.

Saiu de sua página e se reclinou contra a cadeira do escritório, cruzando os braços sobre o peito e fixando os olhos no monitor. Quando a proteção de tela foi ativada, apareceu uma chuva de estrelas que emanavam das profundezas do monitor à velocidade da luz.

Decidiu que iria àquele maldito encontro.

– Ehlena?

Levantou o olhar para Catya.

– Sim?

– Temos um paciente chegando de ambulância. Tempo estimado de chegada: dois minutos. Overdose, com substância desconhecida. Paciente entubado e com respiração assistida. Você e eu cuidaremos dele.

Quando outro funcionário apareceu para encarregar-se dos registros, Ehlena saltou da cadeira e saiu correndo pelo corredor atrás de Catya em direção às salas de emergência. Havers já estava lá, apressando-se para terminar o que parecia um sanduíche de presunto com pão de centeio.

Assim que entregou o prato vazio a um *doggen*, o paciente entrou pelo túnel subterrâneo que se comunicava com a garagem das ambulâncias. Os paramédicos eram dois vampiros machos vestidos iguais aos paramédicos humanos, porque passar despercebidos era uma missão importante.

O paciente estava inconsciente e permanecia com vida apenas porque o médico junto a sua cabeça bombeava o respirador a um ritmo lento e constante.

– Um amigo dele nos ligou – disse o macho – e depois o deixou desacordado em um beco frio próximo ao ZeroSum. As pupilas não respondem. A pressão arterial é de sete por três. O pulso é de trinta e dois.

Que desperdício, pensou Ehlena ao começar a trabalhar.

Drogas ilícitas eram um mal totalmente inconcebível.

Do outro lado da cidade, na parte suburbana de Caldwell, Wrath encontrou o apartamento daquele *redutor* morto com bastante facilidade. O complexo residencial no qual se encontrava chamava-se Fazenda Hunterbred, e os edifícios de dois andares estavam decorados com motivo equino que era tão autêntico quanto as toalhas de plástico de um restaurante italiano barato.

Não havia cavalos por lá. E a palavra *fazenda*, geralmente, não significa cem unidades de apartamentos espremidas entre uma concessionária Ford e um hipermercado. Área rural? Talvez tenha sido no passado. Hoje, a grama perdeu espaço para o asfalto, e o único lago daquela área era artificial.

Considerando a quantidade de humanos que viviam nas unidades, era surpreendente que a Sociedade Redutora colocasse suas tropas em um lugar tão chamativo, mas talvez fosse apenas algo temporário. Ou talvez todo aquele maldito lugar estivesse repleto de assassinos.

Cada edifício tinha quatro apartamentos agrupados ao redor de uma escada comum e os números na parede externa estavam iluminados de baixo para cima. Os olhos fracos de Wrath não conseguiam decifrar o que estava logo à frente, então ele usou o tato para identificar os números. Quando encontrou uma fileira de dígitos em relevo que se parecia com *oito, um* e *dois* escritos em letra cursiva, apagou as luzes de segurança com a mente e se

desmaterializou para aterrissar na parte superior das escadas.

O cadeado da unidade oito, um, dois era frágil e fácil de ser manipulado com a mente, mas decidiu não arriscar. Em pé, encostado contra a parede, girou o trinco com forma de ferradura e abriu apenas uma fresta da porta.

Fechou os inúteis olhos e escutou. Nenhum movimento, só o zumbido de uma geladeira. Considerando que sua audição era aguçada o suficiente para ouvir a respiração de um camundongo, constatou que estava seguro, e logo depois de colocar uma estrela ninja alojada na palma de sua mão, deslizou para dentro.

Havia grandes chances de que houvesse um sistema de segurança piscando no local, mas não planejava ficar tempo suficiente para dançar tango com o inimigo. Além disso, ainda que um assassino aparecesse não poderiam lutar. O lugar estava cheio de humanos.

Moral da história: ia procurar as jarras e ponto. Além disso, a sensação de umidade que descia por sua perna não era por ter pisado em um atoleiro de lodo na entrada. Estava sangrando dentro de sua bota desde a batalha no beco, então, sim, se alguém que cheirasse a torta de creme misturado com xampu barato aparecesse, ele desapareceria.

Ao menos… era o que havia dito a si mesmo.

Fechando a porta, Wrath inspirou, longa e lentamente… e desejou poder lavar o interior do nariz e o fundo da garganta com uma mangueira de pressão. Ainda assim, embora começasse a ter ânsias, as notícias eram boas: havia três aromas doces diferentes entrelaçados no ar viciado, o que significava que três *redutores* estiveram ali.

Enquanto se dirigia aos fundos, onde os aromas enjoativos estavam mais concentrados, perguntava-se que diabos estava acontecendo. Os *redutores* raramente viviam em grupo porque brigavam entre si – é o que acontece quando só se recruta maníacos homicidas. Caramba, o tipo de homem que o Ômega escolhia não podia simplesmente mudar sua índole só porque a Sociedade gostaria de economizar no aluguel.

Ou talvez tivessem um novo *Redutor Principal* mais forte na parada.

Depois dos ataques do verão, era difícil acreditar que os *redutores* tivessem escassez de dinheiro, mas que outra razão haveria para poupar com as tropas? Os Irmãos e Wrath estavam vendo armas cada vez menos sofisticadas nos coldres dos *redutores*. Antes, quando lutavam com os assassinos, tinham de estar preparados para qualquer tipo de novidade

especial que tivesse saído no mercado para qualquer tipo de arma. Ultimamente? Tinham lutado contra canivetes, socos ingleses e na semana passada até contra um maldito cassetete, todas armas baratas que não requeriam balas nem manutenção. E agora estavam brincando de se esconder na fazendinha? Que diabos estava acontecendo?

O primeiro quarto que encontrou estava marcado por dois aromas diferentes e encontrou duas jarras junto às camas desprovidas de lençóis e cobertores.

O quarto seguinte também cheirava como uma velha senhora… isso e algo mais. Uma rápida inspiração disse a Wrath que se tratava de… Cristo, desodorante Old Spice.

Vai entender. Aqueles cretinos cheiravam mal sozinhos, por que iriam acrescentar algo pior?

De repente, o rei sentiu algo. Wrath inalou profundamente e fez que seu cérebro filtrasse algo bem diferente do aroma doce.

Pólvora.

Seguindo o aroma metálico mordaz que havia no ar, foi até um armário que tinha o tipo de portas finas que se espera encontrar em uma casa de bonecas. Ao abri-las, o cheiro aumentou e ele se agachou para tatear o que havia ao redor.

Caixas grandes de madeira. Quatro. Todas fechadas com pregos.

As armas que havia dentro com certeza tinham sido disparadas, mas não recentemente, ele pensou. O que indicava que podem ter sido compradas usadas.

De segunda mão, mas fornecidas por quem?

Enfim, não ia deixar aquelas coisas ali. O esconderijo ia ser usado pelo inimigo contra sua população civil e Irmãos, por isso, ele explodiria o apartamento inteiro antes de permitir que essas armas fossem utilizadas na guerra.

Mas e se ele informasse isso à Irmandade? Seu segredo seria revelado. O problema era que levar essas caixas nas costas, sozinho, era uma situação um tanto improvável. Não tinha carro e não havia como se desmaterializar com esse tipo de peso nas costas, mesmo se o separasse em cargas menores.

Wrath se afastou do armário e fez um balanço do quarto usando mais o tato que a visão. Oh, bom. À esquerda havia uma janela.

Proferindo um palavrão tirou seu celular e o abriu…

E então ouviu alguém subindo a escada.

Ficou imóvel, fechou os olhos para se concentrar ainda mais. Humano ou *redutor*?

Só um lhe preocupava.

Wrath se inclinou para um lado e deixou as duas jarras em uma gaveta, encontrando, naturalmente, a terceira e um frasco de desodorante. Segurando sua arma calibre quarenta, firmou-se sobre as botas e apontou a pistola para o curto corredor, diretamente para a porta da frente.

Houve um tinido de chaves, em seguida um som metálico, como se tivessem caído no chão.

O palavrão veio de uma voz feminina.

Quando seu corpo relaxou, deixou que a arma caísse sobre sua coxa. A Sociedade, assim como a Irmandade, aceitava apenas machos em seus exércitos, portanto, aquele não era nenhum assassino jogando pega-varetas com as chaves.

Ouviu a porta do apartamento se fechar e, de repente, o som da TV surgiu alto suficiente para que pudesse identificar a reprise de um episódio da série *The Office*.

Gostava daquele. Era um onde um morcego entrava no escritório…

Gritos chegaram até ele, vindos da cena da comédia.

Isso mesmo. Agora o morcego voava entre os personagens.

Com a mulher ocupada, voltou a retomar seu foco, mas permaneceu onde estava, esperando para saber se algum *redutor* apareceria também. Contudo, ficar como uma estátua respirando não melhorou a proporção de *redutores* que havia nas proximidades do lugar. Uns quinze, talvez vinte minutos depois, ainda não havia nenhum assassino ao seu redor.

Mas não tinha sido uma perda de tempo total. Estava ouvindo *The Office* enquanto isso, naquela cena em que o Dwight tenta capturar o morcego com um saco.

Bom, hora de se mexer.

Ligou para Butch, deu o endereço ao Irmão e disse ao tira que dirigisse como se seu pé fosse feito de pedra. Sim, Wrath queria tirar as armas dali antes que alguém chegasse. Mas se ele e seu Irmão conseguissem tirar as caixas rapidamente e Butch sumir com aquela porcaria, talvez Wrath pudesse ficar nas imediações por mais uma hora mais ou menos.

Para passar o tempo, revistou o apartamento, medindo as superfícies com a

palma das mãos em uma tentativa de encontrar computadores, telefones ou mais alguma maldita arma. Acabava de retornar ao segundo quarto quando algo ricocheteou contra a janela.

Wrath voltou a tirar a arma do coldre e encostou as costas na parede próxima à janela. Com a mão, tirou o cadeado e abriu apenas uma fresta do vidro.

O sotaque de Boston do tira era quase tão sutil quanto um alto-falante.

– Oi Rapunzel, vai jogar seu maldito cabelo?

– Shh, quer acordar os vizinhos?

– Como se pudessem ouvir alguma coisa com o som dessa TV. Ei, esse é o episódio do morcego…

Wrath deixou Butch falando sozinho e voltou a guardar a pistola no quadril. Abriu bem a janela e logo se dirigiu ao armário. A única advertência que deu ao tira enquanto fazia voar a caixa de noventa quilos de peso foi:

– Cuidado, cara.

– Jesus Cr… – um grunhido interrompeu o xingamento.

Wrath colocou a cabeça pela janela e sussurrou:

– Você parece ser um bom católico. Isso não foi uma blasfêmia?

O tom de Butch foi de alguém muito bravo.

– Você acabou de atirar uma tonelada sem nenhum aviso!

– Certo, agora seja macho.

Enquanto o tira amaldiçoava seu caminho até o Escalade, que tinha estacionado sob alguns pinheiros, Wrath voltou ao armário.

Quando Butch retornou, o rei lançou outra.

– Faltam duas.

Ouviu-se outro grunhido e uma reclamação.

– Pode me ferrar depois.

– Não nesta vida.

– Muito bem. Vá se ferrar, então.

Quando a última caixa estava embalada como um bebê dormindo nos braços de Butch, Wrath apareceu.

– Tchau.

– Não quer que eu leve você de volta à mansão?

– Não.

Houve uma pausa, como se Butch estivesse esperando que Wrath lhe dissesse como pretendia ocupar as poucas horas que restavam da noite.

– Vá para casa – indicou ao tira.

– O que digo aos outros?

– Que é um gênio e que encontrou as caixas com armas quando estava caçando.

– Você está sangrando.

– Estou ficando de saco cheio de todos me dizerem isso.

– Tudo bem, então deixe de se comportar como um imbecil e vá ver a doutora Jane.

– Eu já não me despedi de você?

– Wrath…

O rei fechou a janela, foi até a penteadeira e colocou as três jarras na jaqueta.

A Sociedade Redutora queria reivindicar o coração de seus mortos tanto quanto os Irmãos, por isso, assim que sabiam da morte de um deles, os outros apareciam para pegar as jarras com os corações. Certamente algum dos bastardos que tinha matado essa noite pediu reforços durante o processo. Eles tinham de saber.

Tinham que voltar àquele lugar.

Wrath escolheu a melhor posição defensiva, que era no quarto do fundo e apontou sua pistola para a porta dianteira.

Não sairia dali até que fosse absolutamente necessário.

# CAPÍTULO 9

**Nos subúrbios da cidade** de Caldwell podia se encontrar fazendas ou florestas e havia duas variedades de fazendas, as leiteiras e as que cultivavam milho – predominando as leiteiras, por causa do curto período de desenvolvimento necessário. As florestas também tinham dois tipos, com pinheiros que acabavam nas montanhas e os carvalhos que seguiam até os pântanos do rio Hudson.

Não importava a paisagem, campestre ou industrializada, encontravam-se estradas que eram pouco transitadas, casas distantes quilômetros umas das outras e vizinhos que eram tão reclusos e rápidos no gatilho quanto qualquer pessoa reclusa e rápida no gatilho poderia ser.

Lash, filho do Ômega, estava sentado em uma mesa velha de cozinha numa cabana de caça situada numa das áreas florestais. Em cima da mesa estavam estendidos todos os registros financeiros da Sociedade Redutora que tinha sido capaz de encontrar, imprimir ou descarregar em seu *notebook*.

Aquilo era ridículo.

Estendeu a mão e recolheu um extrato do banco Evergreen que tinha lido uma dúzia de vezes. A maior conta da Sociedade tinha cento e vinte e sete mil, quinhentos e quarenta e dois dólares e quinze centavos. As outras, que estavam em outros seis bancos, incluindo o Glens Falls National e o Farrel Bank & Trust, tinham saldos entre vinte e vinte mil dólares.

Se isso era tudo que a Sociedade tinha, estavam se equilibrando em uma corda bamba a ponto de entrarem em falência.

As invasões feitas durante o verão tinham produzido alguns bons artigos de revenda em forma de antiguidades e prata, mas transformar esses recursos em dinheiro era complicado porque implicava muitos contatos com humanos. E tinham se apropriado de algumas contas financeiras, mas extrair dinheiro dos bancos humanos também era uma confusão complicada. Como já havia aprendido da maneira mais difícil.

– Querem um pouco mais de café?

Lash levantou o olhar para o número dois na linha de comando e pensou que era um milagre que o Sr. D ainda estivesse por aí. Quando Lash entrou na sociedade, renascido por obra de seu verdadeiro pai, o Ômega, seu mundo virou de cabeça para baixo: o inimigo tinha virado sua família. O Sr. D foi seu guia durante essa transição – como um mapa velho, porém, Lash achava que sua utilidade acabaria assim que ele se acostumasse com o novo trajeto.

Não foi bem assim. O pequeno texano que tinha sido o instrutor de Lash era agora seu discípulo.

– Sim – disse Lash –, e que tal um pouco de comida?

– Sim, senhor. Vou conseguir um pouco de bacon agora mesmo e aquele queijo que gosta.

O café foi servido generosa e lentamente na caneca de Lash. O açúcar foi colocado em seguida e a colher utilizada para mexer produziu um suave tinido. O Sr. D teria limpado alegremente o traseiro de Lash se tivesse pedido, mas ele não era um mero puxa-saco. Aquele cara podia matar como ninguém: ele era o maior dos psicopatas entre os *redutores*. E também um ótimo cozinheiro de pratos rápidos. Fazia panquecas tão altas e macias como um travesseiro.

Lash consultou seu relógio coberto de diamantes, que sob a luz tênue da tela do computador pareciam como mil pontos de luz. Mas a coisa era uma réplica que tinha conseguido na internet. Queria outro autêntico, só que… Jesus Cristo… não podia pagar por isso. Claro que manteve todas as contas de seus "pais" depois de matar o casal de vampiros que o tinha criado como se fosse seu filho, mas embora houvesse uma boa quantidade de verdinhas naqueles sacos, era muito precavido para gastar com frivolidades.

Tinha contas a pagar. Como as hipotecas, armas, munições, roupas, aluguel de casas e carros. Os *redutores* não comiam, mas consumiam muitos recursos e o Ômega não se preocupava com dinheiro. Mas, claro, ele vivia no inferno e tinha a habilidade de materializar coisas no ar, desde uma refeição quente até túnicas elegantes com que gostava de cobrir seu negro e sombrio corpo.

Lash odiava admitir, mas tinha a sensação de que seu verdadeiro pai era um pouco exibido. Nenhum homem de verdade seria pego com aquelas porcarias brilhantes.

Ao erguer a caneca de café, o relógio brilhou e ele franziu a testa. Bom, no seu caso era diferente, o relógio era um símbolo de *status*.

– Seus garotos estão atrasados – se queixou.

– Estão chegando – o Sr. D se levantou e abriu a geladeira velha. Que não só tinha uma porta que rangia e era da cor de uma azeitona podre, mas também babava como um cão.

Aquilo era ridículo demais. Precisavam modernizar as casas dos *redutores*. Se não todas, pelo menos seu maldito quartel general.

Mas o café estava perfeito, embora guardasse isso para si mesmo.

– Eu não gosto de esperar.

– Estão chegando, não se preocupe. Três ovos na omelete?

– Quatro.

Enquanto uma série de rangidos e estalos se difundiu através da cabana, Lash golpeou ligeiramente a ponta da caneta sobre o extrato do Evergreen. Os gastos da Sociedade, incluindo as faturas de celulares, conexões de internet, aluguéis/hipotecas, armas, roupas e carros chegavam facilmente em torno de uns cinquenta mil ao mês.

Quando se colocou pela primeira vez em seu novo papel, tinha toda certeza de que alguém em seu exército estava tirando um pedaço da maçã secretamente. Mas durante meses tinha estudado as coisas cuidadosamente e não achou ninguém desviando dinheiro. Era uma simples questão de contabilidade, não de fraude: os custos eram mais altos que os lucros. E ponto.

Estava dando seu melhor para armar a suas tropas, tinha se rebaixado tanto que inclusive chegou a ponto de comprar quatro caixas de armas de motoqueiros que tinha conhecido na prisão durante o verão. Mas não era suficiente. Seus homens precisavam de algo melhor que armas de segunda mão para acabar com a Irmandade.

E já que estava elaborando a lista de desejos, precisava de mais homens. Achava que os motoqueiros seriam bons recrutas, mas eles eram unidos demais. Baseando-se em suas negociações com eles, sua intuição lhe dizia que tinha de atrair a todos ou a nenhum – pois estava muito claro que se escolhesse a dedo, os escolhidos voltariam para seu clube e contariam a seus colegas sobre seu novo entretenimento matando vampiros. E se recrutasse todos, depois correria o risco de se rebelarem contra sua autoridade.

O recrutamento um por um ia ser a melhor estratégia, mas não tinha tempo para fazer nada disso. Entre as sessões de treinamento com seu pai – as quais estavam provando ser extremamente úteis – os acampamentos de persuasão e os saques, além de precisar manter o exército em ordem para cumprir suas

tarefas, não sobrava nem uma hora sequer.

Assim, aquela porcaria estava ficando difícil: para ser um líder militar bem-sucedido é preciso três coisas, os recursos e os recrutas eram duas delas. E apesar do fato de ser filho de Ômega proporcionar muitas vantagens, o tempo era o tempo, não se detinha por nenhum homem, vampiro e nem por nenhuma semente do mal.

Considerando o estado das contas, sabia que tinha de começar com os recursos primeiro. Depois poderia ocupar-se dos outros dois.

O som de um carro estacionando junto à cabana o fez colocar a mão sobre sua arma calibre quarenta, e o Sr. D pegar sua Magnum 357. Lash manteve a arma sob a mesa, mas o Sr. D ficou bem à mostra com a sua, segurando a peça no alto com o braço estendido em linha reta ao ombro.

Quando houve uma batida na porta, Lash disse bruscamente:

– É melhor ser quem eu acho que é.

O *redutor* respondeu da maneira correta.

– Sou eu, o Sr. A e sua carga.

– Entre – disse o Sr. D, sempre bom anfitrião, apesar da sua 357 ainda estar levantada e pronta para a ação.

Os dois assassinos que atravessaram a porta eram os últimos pálidos, o último par de veteranos que esteve na Sociedade por tempo suficiente para ter perdido a coloração de cabelo e olhos originais.

O humano que foi arrastado para dentro era um tipo qualquer de um metro e oitenta de altura sem nada particularmente interessante, um garoto branco de uns vinte e poucos anos com um rosto comum e entradas que seriam um problema dentro de alguns anos. O aspecto de *playboy* e a atitude de "E daí?" explicava sem deixar dúvida o motivo pelo qual ele se vestia daquela maneira: uma jaqueta de couro com uma águia bordada nas costas, uma camisa Fender Rock & Roll Religion, correntes penduradas na calça *jeans* e tênis Ed Hardy.

Triste. Realmente triste. Era como colocar aros de vinte e quatro polegadas em um Toyota Camry. E se o menino estivesse armado? Sem dúvida estava com um canivete suíço que usava principalmente como palito de dentes.

Mas ele não precisava ser um lutador para ser útil. Lash já tinha vários lutadores. Desse cretino ele precisava de algo mais.

O cara olhou a Magnum de boas-vindas do Sr. D e olhou para trás, em direção à porta como se estivesse se perguntando se poderia correr mais

rápido que uma bala. O Sr. A resolveu a questão fechando a porta com todos eles dentro e ficando diante da saída.

O humano olhou Lash e franziu a testa.

– Ei… conheço você. Da prisão.

– Sim, conhece – Lash permaneceu sentado e sorriu um pouco. – Então, quer saber os prós e os contras desta reunião?

O humano engoliu em seco e voltou a focar a arma do Sr. D.

– Sim. Claro.

– Foi fácil encontrá-lo. Tudo que meus homens tiveram de fazer foi ir à porta de um bar, esperar um pouco e… lá estava você. – Lash se recostou na cadeira e o assento de vime rangeu. Quando o olhar do humano se moveu inquieto, teve a tentação de dizer para esquecer de qualquer som e se preocupar com a arma calibre quarenta que havia debaixo da mesa apontada para as joias da família. – Você se manteve fora de problemas desde que o vi na prisão?

O humano sacudiu a cabeça e disse:

– Sim.

Lash riu.

– Quer tentar de novo? Não está em sincronia.

– Quero dizer, ainda continuo com o negócio, mas não me pegaram.

– Bom, bom. – Quando os olhos do homem voltaram a saltar para o Sr. D, Lash riu. – Se eu fosse você, ia querer saber por que o trouxeram aqui.

– Ah… sim. Isso seria legal.

– Minhas tropas estiveram observando você.

– Tropas?

– Você possui um negócio estável na cidade.

– Eu ganho sim um bom dinheiro.

– Gostaria de ganhar mais?

Agora o humano olhava para Lash, com um olhar bajulador e ganancioso.

– Mais quanto?

O dinheiro é realmente uma grande motivação, não?

– Está indo bem para um varejista, mas dirige apenas um pequeno negócio. Felizmente, estou com humor para fazer um investimento em alguém como você, alguém que necessite de um empurrão para passar ao nível seguinte. Quero fazer de você não apenas um varejista, quero transformá-lo em um intermediário para os grandões.

O humano levou uma mão ao queixo e a desceu pelo pescoço como se tivesse que despertar o cérebro massageando a garganta. No silêncio, Lash franziu a testa. Os dedos do cara estavam esfolados e faltava uma pedra no anel barato do Colégio de Caldwell.

– Isso parece interessante – murmurou o humano. – Mas… tenho de ficar fora de atividade por um tempo.

– Como assim? – Cara, se isso era uma tática de negociação, Lash estava mais que preparado para lembrá-lo de que havia outros cem distribuidores menores que saltariam diante desse tipo de acordo. E logo depois faria um gesto para o Sr. D e o assassino colocaria uma bala bem no meio da cabeça dele.

– Eu, ah, preciso ficar quieto em Caldwell. Por um tempo.

– Por quê?

– Não está relacionado com a distribuição de drogas.

– Tem algo a ver com seus dedos esfolados? – O humano escondeu rapidamente o braço depois disso. – Foi o que pensei. Pergunta: se tem de se manter discreto, porque diabos estava no bar Screamer's?

– Digamos que queria comprar algumas coisas para uso pessoal.

– Você é um idiota se usa o que vende. – E não era um bom candidato para o que Lash tinha em mente. Não queria fazer negócios com um viciado.

– Não se tratava de drogas.

– Uma nova identidade?

– Talvez.

– Conseguiu o que procurava? No bar?

– Não.

– Posso te ajudar com isso. – Pelo amor de Deus, a Sociedade tinha sua própria máquina de laminação. – E eis o que proponho. Meus homens, esses dois aí atrás, trabalharão com você. Se não pode ser o homem que dá a cara nas ruas, pode conseguir a mercadoria e eles podem continuar o movimento se você der as indicações de como tudo funciona. – Lash olhou o Sr. D. – Meu café da manhã?

O Sr. D deixou a arma no chão ao lado do chapéu de caubói que tirava apenas quando estava dentro de casa e depois acendeu a chama sob uma panela que havia no pequeno fogão.

– De quanto dinheiro estamos falando? – perguntou o homem.

– Cem mil para o primeiro investimento.

Os olhos do homem pareciam máquinas registradoras, fazendo *ding-ding-ding* de excitação.

– Bom… droga, isso é suficiente para começar o jogo. Mas quanto há para mim?

– Repartiremos os lucros. Setenta para mim. Trinta para você. De todas as vendas.

– Como sei que posso confiar em você?

– Não sabe.

Quando o Sr. D colocou um pouco de *bacon* no fogo, o chiado e o cheiro encheu a casa e Lash sorriu com o som.

O humano olhou ao redor e praticamente podiam-se ler seus pensamentos: cabana no meio do nada, quatro caras o encarando, um deles tinha uma arma capaz de transformar uma vaca em hambúrguer.

– Certo. Sim. Tudo bem.

A qual era, obviamente, a única resposta.

Lash colocou a trava de segurança de sua arma para trás e quando pousou sua automática sobre a mesa, os olhos do humano se arregalaram.

– Qual é, você achou que eu estivesse sem cobertura? Por favor.

– Sim. Claro. Está certo.

Lash ficou em pé e deu a volta na mesa para ir em direção ao cara. Quando estendeu a mão, disse:

– Qual é o seu nome, Jaqueta de Águia?

– Nick Carter.

Lash riu com força.

– Tenta de novo, idiota. Quero o verdadeiro.

– Bob Grady. Mas me chamam de Bobby G.

Deram as mãos, e Lash apertou forte, esmagando os dedos machucados.

– Fico feliz em fazer negócio com você, Bobby. Eu sou Lash. Mas pode me chamar de Deus.

John Matthew examinou as pessoas da área VIP do ZeroSum não porque estivesse procurando paquera, como Qhuinn fazia, nem porque estivesse se perguntando quem Qhuinn ia paquerar, como Blay fazia.

Não, John tinha suas próprias fixações.

Normalmente Xhex aparecia a cada meia hora, mas depois que o segurança apareceu e ela saiu com pressa, havia desaparecido desde então.

Quando uma ruiva passou lentamente junto a eles, Qhuinn se moveu no banco, sua bota de combate batia inquieta sob a mesa. A mulher humana media mais ou menos um metro e setenta e tinha as pernas de uma gazela, longas, frágeis e encantadoras. E não era uma profissional – andava de braço dado com um cara que parecia ser um homem de negócios.

Não significava que não estivesse fazendo isso por dinheiro, mas o fazia em uma modalidade mais legal chamada relacionamento.

– Droga – resmungou Qhuinn, com seus olhos desiguais e predadores. John deu um tapinha na perna do colega e na linguagem de sinais disse:

*Olhe, por que não vai lá atrás com alguém? Está me enlouquecendo com toda essa sua tensão*.

Qhuinn assinalou a lágrima que tinha tatuada sob o olho.

– Não posso deixá-lo. Nunca. Esse é o ponto de se ter um *ahstrux nohstrum*.

*E se não fizer sexo logo, vai se tornar inútil*.

Qhuinn observou enquanto a ruiva arrumava a saia curta para poder se sentar sem mostrar o que sem dúvida era uma depilação total.

A mulher passeou a vista pelo lugar sem interesse… até que chegou ao Qhuinn. No momento em que ela o viu, seus olhos se iluminaram como se tivesse encontrado uma superpromoção em uma loja elegante. Não foi surpresa. A maioria das mulheres e fêmeas fazia o mesmo e era compreensível. Qhuinn se vestia de maneira simples, mas com um estilo durão: camisa preta colocada por dentro do *jeans* azul-escuro. As botas negras de combate. *Piercings* de metal negro percorrendo toda a longitude da orelha. O cabelo penteado formando picos negros. E recentemente tinha furado o lábio inferior no centro, colocando um aro negro.

Qhuinn parecia o tipo de cara que mantinha sua jaqueta de couro no colo porque carregava armas nela.

O que fazia mesmo.

– Não, estou bem – resmungou Qhuinn antes de terminar sua cerveja Corona. – As ruivas não fazem muito meu tipo.

Blay afastou o olhar bruscamente, assumindo um repentino e fingido interesse por uma morena. A verdade era que estava interessado em uma só pessoa – e essa pessoa lhe tinha dado um fora tão verdadeiro e amável como só um melhor amigo poderia.

Era evidente, muito claro e bem certo de que Qhuinn não estava

interessado em ruivas… nem em ruivos.

*Quando foi a última vez que esteve com alguém?*, gesticulou John.

– Sei lá. – Qhuinn pediu, por gestos, outra rodada de cerveja. – Um tempo.

John tentou recordar e se deu de conta que tinha sido desde… Cristo, desde o verão, com aquela garota da loja Abercrombie & Fitch. Considerando que Qhuinn costumava fazê-lo ao menos com três pessoas em uma noite, isso era uma maldita seca e era difícil imaginar que uma dieta à base de masturbação fosse contentá-lo. Droga, inclusive quando se alimentava das Escolhidas, continha-se, apesar do fato de ficar ereto até suar frio. Os três se alimentavam da mesma fêmea ao mesmo tempo, e mesmo que Qhuinn não tivesse problema algum em ter uma plateia, conservava as calças no lugar por consideração a Blay e a John.

*Sério, Qhuinn, que diabos vai me acontecer? Blay está aqui*.

– Wrath disse: sempre com você. Assim devo estar. Sempre. Com você.

*Acho que você está levando isso muito a sério. Tipo, a sério demais*.

Do outro lado da seção VIP, a gazela ruiva se acomodou em seu assento de forma que os atributos que tinha mais abaixo da cintura ficassem expostos completamente, as suaves pernas emergiram debaixo da mesa e ficaram a plena vista de Qhuinn.

Dessa vez, quando o cara se moveu, era bastante óbvio que estava acomodando algo duro no colo. E não era uma de suas armas.

*Pelo amor de Deus, Qhuinn, não digo que tenha de ser ela. Mas temos de conseguir alguém que se ocupe de…*

– Ele disse que vai ficar tudo bem – interveio Blay. – Deixe-o em paz.

– Tem um jeito – os olhos desiguais de Qhuinn se voltaram para John. – Você podia vir comigo. Não vamos fazer nada, pois sei que não faria mesmo. Mas você também poderia conseguir alguém. Se quisesse. Poderíamos fazer em um dos banheiros privados e você poderia ficar com o reservado e, dessa forma, eu não poderia ver você. É só dizer, ok? Não vou mais oferecer.

Enquanto Qhuinn afastava o olhar mostrando não dar importância àquilo, era difícil não simpatizar com o cara. A consideração, assim como a grosseria, tinha muitas maneiras diferentes de se manifestar e a oferta de ter uma agradável sessão dupla de sexo era uma espécie de gentileza: Qhuinn e Blay sabiam o motivo pelo qual, apesar de já ter passado oito meses da transição de John, não tinha estado com uma fêmea. Sabiam o motivo e ainda assim continuavam a querer sair com ele.

Contar o segredo de John para seus amigos foi a última sacanagem de Lash antes de morrer. E também foi a razão pela qual Qhuinn matou o idiota.

Quando a garçonete trouxe uma nova rodada de cerveja, John olhou a ruiva e, para sua surpresa, ela sorriu quando percebeu que ele olhava.

Qhuinn riu baixinho.

– Talvez eu não seja o único que ela goste.

John levou a Corona à boca e tomou um gole para ocultar seu rubor. A questão era que desejava ter sexo e, como Blay, desejava-o com alguém em particular. Mas uma vez que já tinha perdido uma ereção diante de uma fêmea nua e disposta, não tinha nenhuma pressa em tentar de novo, especialmente não com a pessoa que lhe interessava.

Inferno. Não. Xhex não era o tipo de fêmea diante da qual você podia vacilar. Se ficasse mole por medo de entrar em ação? Seu ego nunca voltaria a ser o mesmo…

Uma onda de inquietação na multidão fez que deixasse de lado a história de "coitado de mim" e se endireitasse no banco.

Um cara de olhos selvagens estava sendo escoltado através da área VIP por dois seguranças enormes, cada um com uma das mãos sobre a parte superior do braço dele. Ele sapateava sobre os sapatos caros, os pés mal tocavam o chão e a boca também se agitava como se estivesse fazendo uma imitação de Fred Astaire, embora John não pudesse ouvir o que estava dizendo por cima da música.

O trio entrou no escritório privado dos fundos.

John acabou sua Corona e olhou fixamente a porta enquanto se fechava. Coisas ruins aconteciam às pessoas que eram levadas ali. Especialmente se eram arrastados por um par de seguranças.

De repente, a chegada de alguém fez todos ficarem quietos na área VIP, fazendo que a música parecesse muito alta.

John soube quem era antes de virar a cabeça.

Rehvenge tinha chegado pela porta lateral, sua entrada foi silenciosa, mas tão óbvia quanto a explosão de uma granada: em meio a seus clientes bem-vestidos com as bonecas no braço, as garotas com encantos à venda e as garçonetes correndo com as bandejas, ele diminuía o tamanho do espaço e não só porque era um macho enorme vestido com um casaco de pele, mas sim pela maneira com que olhava em volta.

Os brilhantes olhos ametistas viam a todos e não se preocupavam com

ninguém.

Rehv – ou Reverendo, como lhe chamava a clientela humana – era um senhor das drogas e cafetão que não dava a mínima para a maioria das pessoas. O que significava que era capaz de fazer qualquer coisa que quisesse e fazia isso com frequência.

Especialmente a caras como aquele arrastado pelos seguranças.

Cara, a noite ia terminar mal para ele.

Quando Rehv passou ao seu lado, saudou com a cabeça John e seus amigos, e eles lhe devolveram a saudação, elevando as Coronas. A questão era que Rehv era uma espécie de aliado da Irmandade, tendo sido nomeado *lídher* do Conselho da *glymera* depois das invasões… porque era o único daqueles aristocratas com coragem para permanecer em Caldwell.

Assim, o cara que se importava muito pouco estava responsável por coisas demais.

John se virou em direção à corda de veludo, sem nem se preocupar em ser discreto. Xhex tinha de estar…

Apareceu na porta da seção VIP, com o aspecto de um bilhão de dólares, ao menos em sua opinião: quando se inclinou para um dos seguranças para que o cara pudesse lhe sussurrar ao ouvido, seu corpo estava tão tenso que os músculos do estômago se insinuavam através da camiseta sem mangas que se ajustava como uma segunda pele.

Falando de revolver-se no assento, agora era ele quem tinha problemas com a posição.

Contudo, enquanto ela caminhava para o escritório privado de Rehv, sua libido congelou. Nunca tinha sido do tipo que sorria muito, mas quando passou ao seu lado, estava sombria. Igual a Rehv.

Era evidente que estava acontecendo alguma coisa, e John não conseguia evitar o impulso de querer salvá-la que acendia no peito. Mas, caramba, Xhex não precisava de um salvador. Na verdade, ela era do tipo que cuidava muito bem de si mesma.

– Você parece um pouco nervoso – disse Qhuinn baixinho quando Xhex entrou no escritório. – Pense na minha oferta, John. Não sou o único com necessidades, não é mesmo?

– Eu já volto – disse Blay, ficando em pé e pegando os cigarros e o isqueiro dourado. – Preciso de um pouco de ar fresco.

O macho tinha começado a fumar recentemente, um hábito que Qhuinn

desprezava apesar do fato de que os vampiros não tinham câncer. Entretanto, John compreendia. A frustração tem de ser liberada de alguma maneira – e só podia fazer isso sozinho até certo ponto em seu quarto ou na sala de musculação.

Que inferno, todos eles tinham ganhado músculos nos últimos três meses, ombros, braços e coxas tinham ultrapassado as roupas. Se continuassem ganhando músculos assim, iam acabar parecendo uma turma de lutadores profissionais.

Qhuinn encarou a cerveja Corona.

– Quer sair daqui? Por favor, diga que quer sair daqui.

John desviou o olhar para a porta do escritório de Rehv.

– Vamos ficar – Qhuinn resmungou enquanto fazia um sinal à garçonete, que logo se aproximou. – Vou precisar de outra dessas. Ou talvez de uma caixa.

# CAPÍTULO 10

**Rehvenge fechou a porta** do escritório e sorriu de maneira tensa, para evitar que as presas aparecessem. Entretanto, ainda que não exibisse os caninos para o recolhedor de apostas espremido entre Trez e iAm, o cara era inteligente o suficiente para saber que estava em sérios problemas.

– Reverendo, o que é isso? Por que me chamou aqui assim? – o cara disse com pressa. – Estava trabalhando em meu negócio para o senhor e, de repente, esses dois…

– Ouvi algo interessante sobre você – disse Rehv, circulando a mesa.

Quando se sentou, Xhex entrou no escritório, com os olhos cinza tensos. Após fechar a porta, apoiou as costas contra ela, sendo melhor que qualquer cadeado quando se tratava de manter os trapaceiros ali dentro e longe dos olhos curiosos dos que estavam lá fora.

– É mentira, é uma mentira total…

– Você não gosta de cantar? – Rehv se recostou na cadeira, seu corpo anestesiado encontrando uma posição familiar atrás da mesa de escritório negra. – Não foi você quem deu um pequeno espetáculo para a multidão do bar Sal's na outra noite?

O recolhedor de apostas franziu a testa.

– Bom, sim… eu acho que tenho uma boa voz.

Rehv fez um gesto com a cabeça para iAm que, como sempre, tinha o rosto inexpressivo. O cara nunca demonstrava as emoções, exceto quando se tratava de um *cappuccino* perfeito. Só assim para ver um pouco de alegria nele.

– Meu companheiro aqui… diz que você cantou realmente bem. Que agradou mesmo a multidão. O que ele cantou, iAm?

A voz de iAm era como a do Darth Vader, baixa e profunda.

– *Three coins in the fountain*.

O recolhedor de apostas ajeitou o casaco num gesto orgulhoso.

– Tenho habilidade. Tenho ritmo.

– Então, você é um tenor como o bom e velho Tony Bennett, não? – Rehv tirou o casaco de pele. – Os tenores são os meus favoritos.

– Sim – o recolhedor de apostas olhou os seguranças. – Olhe, se importaria em me dizer o que é tudo isto?

– Quero que cante para mim.

– Quer dizer, em uma festa? Faria qualquer coisa por você, sabe disso, chefe. É só pedir… quero dizer, nem isso é necessário.

– Não em uma festa, embora nós quatro gostemos de ouvir sua atuação. É para me compensar pelo que me roubou no mês passado.

O rosto do recolhedor de apostas empalideceu.

– Eu não roubei…

– Sim, roubou. Olhe, iAm é um contador fantástico. Toda semana faz seus relatórios. Quanto ganhamos, em qual time e categoria. Você acha que ninguém confere as contas? Com base nos jogos do mês passado, você deveria ter pagado… qual era o valor, iAm?

– Cento e setenta e oito mil quatrocentos e oitenta e dois.

– Isso mesmo – Rehv fez um rápido gesto com a cabeça em sinal de agradecimento a iAm. – Mas em vez disso veio com… quanto?

– Cento e trinta mil novecentos e oitenta e dois – respondeu iAm rapidamente.

O recolhedor replicou imediatamente.

– Está errado. Ele adicionou o…

Rehv sacudiu a cabeça.

– Adivinha de quanto é a diferença? Apesar de acreditar que já saiba. iAm?

– Quarenta e sete mil e quinhentos.

– Que é exatamente vinte e cinco mil em uma margem de noventa por cento de lucro. Não é assim, iAm? – quando o Mouro assentiu com a cabeça uma vez, Rehv golpeou o chão com a bengala e ficou em pé. – E acontece que essa é a taxa de cortesia cobrada pela máfia de Caldwell. Então Trez investigou um pouco e o que foi que encontrou?

– Meu amigo Mike diz que emprestou vinte e cinco mil a este cara aqui uns dias antes da final do campeonato.

Rehv deixou a bengala sobre a cadeira e rodeou a mesa do escritório, mantendo a mão sobre a superfície para se equilibrar. Os seguranças voltaram a ficar em posição, ao lado do recolhedor de apostas, voltando a segurá-lo pela parte superior dos braços.

Rehv parou bem em frente ao homem.

– Assim, vou perguntar mais uma vez, acha que ninguém confere as contas?

– Reverendo! Chefe… por favor, eu ia devolver isso!

– Sim, é claro que vai me devolver o dinheiro. E vai pagar os juros dos bastardos que tentam brincar comigo. Cento e cinquenta por cento ao final deste mês ou sua esposa vai recebê-lo pelo correio em pedaços. Ah, e você está demitido.

O cara rompeu em lágrimas e não eram de crocodilo. Eram autênticas, do tipo que fazia que o nariz de um homem ficasse vermelho e os olhos inchassem.

– Por favor… a máfia iria me procurar…

Rehv estendeu a mão de repente e a fechou entre as pernas do cara. O uivo, quase um guincho, indicou que, embora ele não pudesse sentir nada, o recolhedor de apostas podia, e que a pressão estava sendo exercida no ponto exato.

– Não gosto de ser roubado – disse Rehv no ouvido do homem. – Acaba comigo. E, se acredita que o que a máfia iria fazer com você seria ruim, garanto que sou capaz de algo pior. Agora… quero que cante para mim, filho da mãe.

Rehv torceu com força, e o cara gritou com tudo o que tinha, o som foi alto e agudo e ecoou na sala de teto baixo. Quando o grito começou a falhar porque o recolhedor de apostas tinha esgotado seu fornecimento de ar, Rehv cedeu e lhe deu a oportunidade de refrescar as cordas vocais com uma e outra respiração ofegante. E depois disso…

O segundo grito foi mais alto e ruidoso que o primeiro, provando que os cantores soltavam melhor a voz depois de um pequeno aquecimento.

O recolhedor se sacudiu e saltou entre os seguranças, mas Rehv continuou apertando, seu lado *sympatho* assistia extasiado, como se fosse o melhor espetáculo da televisão.

Levou cerca de nove minutos para perder a consciência.

Depois de ter apagado, Rehv o soltou e voltou para a cadeira. Fez um gesto com a cabeça em direção a Trez e a iAm, e estes tiraram o humano pela porta de trás, para o beco, onde o frio o acordaria em algum momento.

Quando partiram, Rehv teve uma súbita imagem de Ehlena equilibrando todas aquelas caixas de dopamina nos braços enquanto entrava na sala de

exame. O que pensaria dele se soubesse o que fazia para administrar seu negócio? O que diria se soubesse que, quando disse ao recolhedor de apostas que ou pagava, ou sua esposa receberia pacotes pelo correio que gotejariam sangue, não tinha sido apenas uma ameaça? O que faria se soubesse que estava completamente preparado para cortá-lo em pedacinhos ou ordenar Xhex, Trez ou iAm que o fizessem por ele?

Bom, já sabia a resposta, não é?

A voz de Ehlena, aquela clara e encantadora voz, voltou a ressoar em sua mente: *É melhor guardar isto. Para dar a alguém que vá usá-lo um dia*.

Com certeza ela não conhecia os detalhes, mas era esperta o suficiente para desprezar seu cartão de visita.

Rehv se concentrou em Xhex, que não se moveu de sua posição contra a porta de entrada. Quando o silêncio se prolongou, ela baixou o olhar ao tapete negro, desenhando um círculo ao redor de si mesma com o salto da bota.

– O que foi? – perguntou. Quando ela não levantou o olhar, ele sentiu a luta para se recompor. – Que inferno aconteceu com você?

Trez e iAm voltaram a entrar no escritório e se colocaram contra a parede negra que estava em frente à mesa de Rehv. Cruzaram os braços diante dos enormes peitos e mantiveram a boca fechada.

O silêncio era algo característico das Sombras… mas combinado com a expressão tensa de Xhex e o movimento que estava fazendo com aquela bota, queria dizer que o problema era sério.

– Fale. Agora.

Os olhos de Xhex voaram em direção aos dele.

– Chrissy Andrews está morta.

– Como? – embora já soubesse.

– Golpeada e estrangulada até morrer em seu apartamento. Tive de ir ao necrotério para identificar o corpo.

– Filho da mãe!

– Vou cuidar disso. – Xhex não estava pedindo permissão e não importava o que ele dissesse, iria atrás daquele lixo que era o namorado. – E vou fazer isso logo.

Tecnicamente falando, Rehv estava no comando, mas não ia ficar no caminho dela sobre esse assunto. Para ele, suas garotas não eram somente uma fonte de lucro… eram funcionárias pelas quais se preocupava e com as quais se identificava intimamente. Assim, se alguém machucava alguma

delas, fosse um cliente, um namorado ou um marido, assumia um interesse pessoal na vingança.

As prostitutas mereciam respeito e as suas o tinham.

– Ensine uma lição a ele primeiro – grunhiu Rehv.

– Não se preocupe com isso.

– Droga… a culpa é minha – murmurou Rehv enquanto estendia o braço para frente e pegava o abridor de envelopes. A coisa tinha forma de adaga e estava tão afiada quanto uma arma. – Deveríamos tê-lo matado antes.

– Ela parecia estar melhor.

– Talvez ela estivesse apenas *escondendo* melhor.

Os quatro ficaram um pouco em silêncio. Havia muitas perdas na profissão deles – pessoas que acabavam sendo mortas não era nenhuma novidade –, mas na maioria dessas mortes, ele e sua equipe eram os sinais negativos da equação: eram eles quem faziam as pessoas desaparecerem. Perder um dos seus pelas mãos de outro era inaceitável.

– Quer ouvir as novidades desta noite? – perguntou Xhex.

– Ainda não. Tenho uma pequena notícia para compartilhar – forçando a cabeça para entrar em ação, olhou Trez e iAm. – O que estou a ponto de dizer vai tornar as coisas bastante complicadas e quero dar aos dois a oportunidade de sair. Xhex, você não tem essa opção. Sinto muito.

Trez e iAm permaneceram imóveis, o que não o surpreendeu em nada. Trez ainda lhe mostrou o dedo maior. Isso também não foi surpresa.

– Fui até Connecticut – disse Rehv.

– Também foi à clínica – acrescentou Xhex. – Por quê?

Às vezes, ter um GPS é um saco. Era difícil ter um pouco de privacidade.

– Esquece a maldita clínica. Escutem, preciso que façam um trabalho para mim.

– Um trabalho como…?

– Pense no namorado de Chrissy como um aperitivo antes do jantar.

Isso arrancou um sorriso frio de Xhex.

– Conte-me.

Rehv olhou fixamente a ponta do abridor de envelopes, pensando que ele e Wrath riram porque os dois tinham um desses: depois dos ataques no verão, o rei tinha feito uma visita para discutir assuntos do Conselho e observou a coisa sobre a mesa do escritório. Wrath brincou a respeito de que os dois trabalhavam diariamente com algo afiado, mesmo quando tinham uma caneta

entre as mãos.

Não se afastava muito da verdade. Embora Wrath tivesse a moralidade do seu lado e Rehv só o interesse próprio. Logo, não usou a virtude ao tomar a decisão e escolher o caminho a seguir. Tinha-o feito, como sempre, apoiado no que mais lhe convinha.

– Não vai ser fácil – murmurou.

– O divertido nunca é.

Rehv se concentrou na ponta afiada do abridor de envelopes.

– Isto… não será divertido.

Ao se aproximar o fim da noite e com seu turno a ponto de terminar, Ehlena se sentia impaciente. Hora do encontro. Hora de decidir. Acreditava que em vinte minutos o macho chegaria à clínica para pegá-la.

Deus! Divagava novamente.

Seu nome era Stephan. Stephan, filho de Tehm, embora não conhecesse nem a ele nem a sua família. Era um civil, não um aristocrata e esteve ali com seu primo, que machucou a mão quando cortava lenha para o fogo. Enquanto preenchia a papelada da alta, falou com Stephan de todas essas coisas das que falam os solteiros: gostava de Radiohead, ela também. Gostava de comida indonésia, ele também. Ele trabalhava no mundo humano, programando computadores, pois assim podia trabalhar em casa. Ela era enfermeira, claro. Ele morava com os pais, filho único de uma sólida família civil… ou pelo menos parecia ser, seu pai trabalhava para empreiteiros vampiros, sua mãe ensinava o Antigo Idioma como professora *freelance*.

Agradável, normal. Confiável.

Levando em consideração o que os aristocratas tinham feito à saúde mental de seu pai, ocorreu-lhe que tudo isso parecia uma boa aposta, e quando Stephan a tinha convidado para tomar café, aceitou.

Combinaram para esta noite e trocaram os números de celulares.

Mas, o que ia fazer? Ligar para ele e dizer que não podia por causa de sua situação familiar? Ir ao encontro e permanecer preocupada com seu pai?

Entretanto, após um rápido telefonema para Lusie do vestiário, ela recebeu notícias favoráveis: o pai de Ehlena havia tirado um longo cochilo e agora estava trabalhando tranquilamente em seus papéis na mesa do escritório.

Meia hora em uma lanchonete vinte e quatro horas. Talvez dividir um bolinho. Que mal podia fazer?

Quando finalmente decidiu ir, não gostou da imagem que passou em sua

mente. Agora que acabava de decidir que iria a um encontro com um macho, não deveria estar pensando no peito nu de Rehv com aquelas estrelas vermelhas tatuadas.

O que precisava era se concentrar em tirar o uniforme e em melhorar minimamente a aparência.

Durante o intervalo no qual os funcionários diurnos entravam e os que trabalhavam durante a noite saíam, ela trocou o uniforme pela saia e o suéter que trouxera…

Tinha esquecido os sapatos.

Genial. Sapatos brancos com sola de borracha não são nada *sexy*.

– O que há de errado? – disse Catya.

Ehlena virou-se.

– Alguma possibilidade de que estas duas lanchas brancas em meus pés não arruínem totalmente o visual?

– Hum… honestamente? Não parecem tão mal.

– Você não mente bem.

– Pelo menos tentei.

Ehlena guardou o uniforme em sua mochila, refez o penteado e checou a maquiagem. E, claro, tinha esquecido também o delineador de olhos e o rímel, assim, a cavalaria ficou desfalcada nessa parte.

– Fico contente que você vai – disse Catya enquanto apagava a lista do horário noturno no quadro branco.

– Considerando que é minha chefe, isso me deixa nervosa. Preferiria que ficasse contente ao me ver entrar na clínica.

– Não, não se trata de trabalho. Fico contente que esteja saindo para se divertir.

Ehlena franziu a testa e olhou ao redor. Por algum milagre, estavam sozinhas.

– Quem disse que vou a algum lugar além de ir para casa?

– Uma fêmea que vai para casa não troca o uniforme aqui. E não se preocupa em como estão os sapatos com a saia. Mas não se preocupe, vou poupá-la do "quem é ele?".

– Que alívio.

– A menos que queira compartilhar isso por conta própria.

Ehlena riu em voz alta.

– Não, prefiro manter em segredo. Mas, se acontecer alguma coisa a partir

disso… vou contar.

– Vou fazer que cumpra sua palavra – Catya foi até seu armário e ficou apenas olhando.

– Você está bem? – disse Ehlena.

– Odeio esta maldita guerra. Odeio receber os mortos e ver no rosto deles o quanto sofreram. – Catya abriu o armário e se ocupou tirando o jaleco. – Desculpe, não queria ser desmancha-prazeres.

Ehlena se aproximou e colocou a mão sobre o ombro dela.

– Sei exatamente como se sente.

Houve um momento entre elas em que seus olhares se fixaram um ao outro. Então, Catya limpou a garganta:

– Bem, vá. Seu macho está esperando.

– Ele vai me pegar aqui.

– Hum, talvez eu fique por aqui e fume um cigarro lá fora.

– Você não fuma.

– Droga, me pegou outra vez.

No caminho à saída, Ehlena verificou a mesa de registros para se certificar de que não havia mais nada a fazer antes da substituição do novo turno. Satisfeita de que tudo estava em ordem, atravessou as portas e subiu as escadas até que finalmente estava fora da clínica.

A noite já mostrava seu ar frio e parecia cheirar azul, se é que uma cor pudesse ter algum aroma: é que sentia algo que simplesmente era muito fresco, glacial e claro quando respirava profundamente e exalava formando suaves nuvens. A cada inspiração, sentia como se estivesse inalando as safiras espalhadas pelos céus nos pulmões e que as estrelas eram faíscas que saltavam através de seu corpo.

Quando as últimas enfermeiras saíram, desmaterializando-se ou dirigindo, dependendo do que tivessem planejado, Ehlena se despediu de uma a uma. Em seguida, Catya também saiu e se foi.

Ehlena tamborilou com o pé e checou o relógio. Seu macho estava dez minutos atrasado. Não era grande coisa.

Recostando-se contra o revestimento de alumínio, sentiu que o sangue cantava nas veias, uma estranha sensação de liberdade inchando o peito enquanto pensava em sair a alguma parte com um macho por sua própria…

Sangue. Veias.

*Rehvenge não tratou o braço*.

O pensamento penetrou sua mente e permaneceu ali como o eco de um grande ruído. Não tinha tratado o braço. Não havia nada no relatório sobre a infecção e Havers era tão escrupuloso em suas notas quanto com os uniformes dos funcionários, a limpeza dos quartos dos pacientes e a organização dos armários de suprimentos.

Quando ela voltou da farmácia com os medicamentos, Rehvenge tinha vestido a camisa, e os punhos estavam abotoados, mas tinha concluído que era porque o exame tinha terminado. Contudo, poderia apostar que tinha feito isso logo após ela ter terminado de tirar sangue.

Só que… não era da conta dela, era? Rehvenge era um macho adulto que tinha todo o direito de tomar más decisões sobre sua saúde. Assim como aquele paciente com overdose de drogas que mal tinha conseguido sobreviver àquela noite e também como o grande número de pacientes que apenas balançavam a cabeça quando o médico estava diante deles, mas que quando iam para casa deixavam de lado o indicado nas receitas e os cuidados posteriores.

Não havia nada que ela pudesse fazer para salvar alguém que não queria ser salvo. Nada. E essa era uma das maiores tragédias de seu trabalho. Tudo que podia fazer era apresentar as opções e as consequências e esperar que o paciente escolhesse sabiamente.

Uma brisa soprou, penetrando sua saia e fazendo-a invejar o casaco de pele de Rehvenge. Inclinando-se na lateral da clínica, tentou ver o caminho abaixo, procurando faróis de carro.

Dez minutos mais tarde, voltou a olhar o relógio.

E dez minutos depois, elevou o punho mais uma vez.

Ela tinha levado um fora.

Não era surpresa. O encontro tinha sido marcado de maneira muito apressada e não conheciam um ao outro de verdade, não é mesmo?

Quando outra brisa fria a golpeou, tirou o celular e escreveu: *Olá, Stephan, sinto não tê-lo visto esta noite. Talvez em outro momento. E.*

Colocou o telefone no bolso e desmaterializou-se para casa. Em vez de entrar direto, enterrou-se no casaco e passeou daqui para lá pela calçada rachada que percorria a lateral da casa até a porta traseira. Quando o vento gelado voltou a soprar, uma rajada atingiu seu rosto em cheio.

Seus olhos ardiam.

Ao dar as costas para a rajada, algumas mechas de cabelo voaram para

frente como se estivessem tentando fugir do frio e ela estremeceu.

Ótimo. Agora, quando sua visão ficasse embaçada pelas lágrimas, não teria a desculpa de um vento forte.

Deus, estava chorando? Por aquilo que poderia ter sido apenas um mal-entendido? Por um homem que mal conhecia? Por que se importava tanto?

Ah, mas não era por ele, de jeito nenhum. O problema era ela. Odiava estar como estava ao sair de casa: sozinha.

Tentando conseguir um apoio, literalmente, estendeu a mão para a maçaneta da porta dos fundos, mas não conseguiu entrar. A imagem daquela cozinha miserável e organizada ao extremo, o conhecido som das escadas rangentes que conduziam ao porão e o aroma de pó e papel do dormitório de seu pai lhe eram tão familiares quanto seu próprio reflexo em qualquer espelho. Esta noite tudo estava muito claro, havia uma lanterna brilhante cravada nos olhos, um ruído soando nos ouvidos, um enjoativo cheiro bombardeando o nariz.

Deixou cair o braço. O encontro tinha sido um cartão para "sair da prisão". Um bote para abandonar a ilha. Uma mão estendida sobre o precipício do qual ela estava pendurada.

O desespero a fez voltar bruscamente para a realidade como nenhuma outra coisa podia ter feito. Não servia de nada sair com alguém se essa era a sua atitude. Não era justo com o cara nem bom para ela. Quando Stephan ligasse outra vez, se o fizesse, simplesmente diria que estava muito ocupada…

– Ehlena? Você está bem?

Ehlena saltou, afastando-se da porta que havia sido escancarada.

– Lusie! Sinto muito, eu apenas… só estava pensando demais. Como está papai?

– Bem, de verdade, bem. Está dormindo outra vez.

Lusie saiu da casa e fechou a porta para evitar que o calor escapasse da cozinha. Depois de dois anos, era uma figura dolorosamente familiar, as roupas refinadas e o comprido cabelo grisalho a deixavam à vontade. Como sempre, tinha uma bolsa de remédios em uma das mãos e sua enorme bolsa pendurada no ombro oposto. Dentro da bolsa de remédios havia um medidor de pressão, um estetoscópio e medicamentos leves… Ehlena já a tinha visto usar todos. Dentro da bolsa levava as palavras cruzadas do *New York Times*, chicletes de hortelã, a carteira e o batom cor de pêssego que passava pelos

lábios em intervalos regulares. Ehlena sabia das palavras cruzadas porque Lusie e seu pai as faziam juntos, sabia dos chicletes por causa dos papéis que havia no cesto de lixo e o batom era evidente. A carteira era uma dedução.

– Como você está? – Lusie esperou, com os olhos cinza-claros focados. – Você voltou um pouco cedo.

– Ele me deixou plantada.

A forma que a mão de Lusie aterrissou sobre o ombro de Ehlena era o que fazia da fêmea uma grande enfermeira: com apenas um toque, ela transmitia consolo, calor e empatia, tudo que ajudava a reduzir a pressão sanguínea, o ritmo cardíaco e a agitação.

Tudo que podia ajudar uma mente confusa.

– Sinto muito – disse Lusie.

– Oh, não, é melhor assim. Quero dizer, estou querendo demais.

– Acha mesmo? Você parecia bastante sensata quando me falou sobre isso. Vocês iam apenas tomar um café…

Por alguma razão disse a verdade:

– Não. Estava procurando uma saída. O que nunca vai acontecer, porque nunca vou deixá-lo. – Ehlena sacudiu a cabeça. – De qualquer forma, muito obrigada por vir…

– Não tem de ser uma situação onde precise escolher entre isso ou aquilo. Seu pai e você…

– Realmente aprecio que tenha vindo cedo esta noite. Foi muito amável de sua parte.

Lusie sorriu da mesma forma que Catya tinha feito mais cedo, naquela mesma noite: de uma maneira tensa e triste.

– Certo, vou deixar isso de lado, mas tenho razão. Pode ter uma relação e continuar sendo uma boa filha para seu pai. – Lusie encarou a porta. – Escute, terá de cuidar daquela ferida na perna dele. A que ele fez com a unha. Coloquei um novo curativo, mas estou preocupada. Acredito que está infeccionando.

– Vou cuidar disso. Obrigada.

Depois que Lusie se desmaterializou, Ehlena entrou na cozinha, trancou a porta, passou o cadeado e dirigiu-se ao porão.

No quarto, seu pai dormia na enorme cama vitoriana, a cabeceira maciça esculpida parecia o arco emoldurado de uma tumba. Sua cabeça descansava contra uma pilha de travesseiros brancos de seda e o edredom de veludo

vermelho sangue estava dobrado precisamente a meio caminho do peito dele.

Parecia um rei em repouso.

Quando a enfermidade mental se apropriou dele, o cabelo e a barba se tornaram brancos, fazendo com que Ehlena se preocupasse que estivesse começando a aparecer nele as mudanças do final da vida. Mas depois de cinquenta anos, ainda parecia o mesmo, seu rosto não apresentava rugas e as mãos continuavam fortes e firmes.

Era tão difícil. Não podia imaginar a vida sem ele. E não podia imaginar-se tendo uma vida com ele.

Ehlena fechou parcialmente a porta e foi para o próprio quarto, onde tomou banho, trocou-se e se esticou sobre a cama. Tudo o que tinha era uma cama de solteiro sem cabeceira, um travesseiro e lençóis de algodão, mas o luxo não lhe importava. Só precisava de um lugar onde deitar os ossos cansados todos os dias e isso era tudo.

Normalmente lia um pouco antes de dormir, mas hoje não. Estava simplesmente sem energia. Estendendo a mão para um lado, apagou o abajur, cruzou os pés sobre os tornozelos e estendeu os braços em linha reta.

Com um sorriso, percebeu que ela e seu pai dormiam exatamente na mesma posição, não é mesmo?

No escuro do quarto, pensou em Lusie e na forma como tinha insistido sobre o ferimento de seu pai. Ser uma boa enfermeira era preocupar-se com o bem-estar dos pacientes, mesmo depois de deixá-los. Tratava-se de treinar os familiares em como continuar com os cuidados necessários e ser um apoio.

Não era o tipo de trabalho que simplesmente você ia embora porque tinha terminado o turno.

Voltou a ligar o abajur com um clique.

Levantando-se, foi ao computador que tinha conseguido grátis na clínica quando os sistemas foram atualizados. A conexão de internet estava lenta, como sempre, mas finalmente conseguiu acessar a base de dados dos registros médicos da clínica.

Colocou a senha, efetuou uma busca… depois outra. A primeira foi por impulso; a segunda, por curiosidade.

Salvou as duas, desligou o *notebook* e pegou o telefone.

---

Considerado um dos melhores cantores populares do século 20; o cantor

norte-americano é tido como uma lenda do *jazz*.

Banda inglesa de *rock* alternativo, formada em 1988.

# CAPÍTULO 11

**Nos últimos instantes da** madrugada, pouco antes de a luz começar a se reunir no céu do leste, Wrath tomou forma nos densos bosques da parte norte da montanha da Irmandade. Ninguém apareceu no apartamento do assassino, e a iminente luz do dia o forçou a abandonar o lugar.

Pequenos gravetos rangiam ruidosamente sob as botas, as finas agulhas dos pinheiros estavam quebradiças pelo frio. Ainda não havia neve para atenuar os sons, mas podia cheirá-la no ar, podia sentir aquela mordida gélida no fundo das narinas.

A entrada secreta do templo da Irmandade da Adaga Negra ficava no extremo mais afastado de uma caverna, bem no fundo. Suas mãos localizaram o gatilho que abria a porta de pedra, e o pesado portal deslizou atrás da parede de rocha. Entrando em um piso revestido de mármore negro, avançou enquanto a porta se fechava atrás de si.

Com a força da mente, tochas se acenderam de cada lado, estendendo-se a uma longa distância e iluminando as enormes portas de ferro instaladas no final do século XVIII, quando a Irmandade converteu aquela caverna na Tumba.

Ao se aproximar, as grossas barras da porta adquiriram a aparência de uma fila de sentinelas armadas ante sua visão imprecisa, as chamas cintilantes animavam algo que na realidade não tinha movimento. Abriu as duas metades e continuou seu caminho, adentrando o longo corredor cheio de prateleiras que cobriam toda a extensão das paredes de mais de doze metros.

Jarras de *redutores* de todo tipo e espécie estavam empilhadas uma ao lado da outra, em uma exposição que marcava gerações de matanças feitas pela Irmandade. As jarras mais antigas eram somente vasos simples feitos à mão que tinham sido trazidos do Antigo País. A cada metro que avançava, as jarras se tornavam mais modernas, até chegar ao próximo portal e encontrar as louças baratas produzidas em massa na China e vendidas em lojas de departamento.

Não havia muito espaço livre nas prateleiras e isso o deprimiu. Com as próprias mãos ajudou a construir este monumento à morte de seus inimigos, junto com Darius, Tohrment e Vishous, todos eles se esforçaram em excesso durante um mês seguido, trabalhando durante o dia e dormindo sobre o chão de mármore. Tinha sido ele quem havia decidido aprofundar a terra e estendeu o corredor das prateleiras vários metros a mais que consideravam necessário. Quando o rei e seus Irmãos terminaram de instalar tudo e depois empilharam as jarras mais antigas, ficou convencido de que não necessitariam de tanto espaço para armazenamento. Com certeza, no momento em que enchessem três quartos do local, a guerra teria terminado.

E aí estava, séculos mais tarde, tentando encontrar mais espaço.

Com uma terrível sensação de presságio, Wrath mediu com sua vista fraca os últimos espaços que restavam nas prateleiras originais. Era difícil não ver isso como uma evidência de que a guerra estava chegando ao fim, e que o lado vampiro estava vendo seus dias se esgotarem.

O preenchimento das últimas vagas não estava acompanhado da glória da vitória, como ele havia previsto naqueles dias. Nessa altura do jogo, duas coisas estavam para acontecer: ou ficariam sem a raça a qual proteger, ou ficariam sem Irmãos para protegê-los.

Wrath tirou as três jarras de sua jaqueta e as colocou juntas, formando um pequeno grupo; em seguida, afastou-se.

Havia sido responsável por muitas dessas jarras… antes de ser coroado rei.

– Eu já sabia que você tinha saído para lutar.

Wrath girou a cabeça bruscamente ao som da voz autoritária da Virgem Escriba. Sua Santidade pairava junto às portas de ferro, sua túnica negra estava a trinta centímetros acima do chão de pedra e sua luz resplandecia por baixo de seus trajes.

Houve um tempo em que seu resplendor foi incrivelmente brilhante. Agora, mal provocava sombras.

Wrath voltou-se para as jarras.

– Então, foi isso que V. quis dizer… sobre apertar o gatilho.

– Sim, meu filho veio até mim.

– Mas você já sabia. E isso não foi uma pergunta.

– Sim, ela odeia perguntas.

Wrath levantou o olhar e observou V. atravessar as portas.

– Bom, olha só isso – proferiu Wrath. – Mãe e filho finalmente juntos.

A Virgem Escriba se aproximou, movendo-se lentamente entre as jarras. Antigamente – ou, diabos, mesmo um ano atrás – teria assumido o controle da conversa. Agora, apenas flutuava.

V. fez um som de desgosto, como se tivesse esperado muito para que sua queridíssima mamãe começasse a dar o sermão de "nem-mais-uma-palavra" para seu rei e ficou decepcionado ao ver que ela não se manifestava.

– Wrath, você não me deixou terminar.

– E acha que vou deixar agora? – esticou a mão para cima e com os dedos tocou a beira de uma das três jarras que havia adicionado à coleção.

– Você deixará que termine – disse a Virgem Escriba em um tom desinteressado.

Vishous avançou, as botas pisavam firmemente o chão que ele mesmo tinha ajudado a assentar.

– A questão é que se vai sair para lutar, faça isso com reforços. E diga à Beth. De outra forma se transformará em um mentiroso… e poderá deixá-la viúva. Maldito seja, ignore minha visão, se quiser. Mas ao menos seja prático.

Wrath caminhou para cima e para baixo, pensando que o cenário para aquela conversa era perfeito: estava rodeado por testemunhos da guerra.

Finalmente, deteve-se frente às três jarras que tinha obtido durante aquela noite.

– Beth pensa que fui para o norte me encontrar com Phury. Para ajudar com as Escolhidas. Mentir é uma droga. Mas a ideia de termos apenas quatro Irmãos no campo de batalha? É pior.

Houve um longo silêncio, durante o qual o único som que se ouvia era o vibrante crepitar das chamas das tochas.

Vishous rompeu o silêncio.

– Acho que você deve ter uma reunião com a Irmandade e esclarecer as coisas a Beth. É como eu disse, se for lutar, lute. Mas faça abertamente, entende? Dessa forma não vai sair sozinho. E nenhum de nós vai. Do jeito que está, quando temos o rodízio para descanso, alguém sempre termina lutando sem companheiro. Se você lutasse abertamente resolveria esse problema.

Wrath teve de sorrir.

– Cristo, se eu achasse que você concordaria comigo, teria falado antes – olhou para a Virgem Escriba. – Mas o que diz as leis? A tradição?

A mãe da raça se voltou para encará-lo e com uma voz distante disse:

– Tantas coisas mudaram. O que seria mais uma mudança? Fiquem bem, Wrath filho de Wrath e Vishous, filho de meu ventre.

A Virgem Escriba desapareceu como uma brisa na noite fria, dissipando-se no éter como se nunca tivesse estado ali.

Wrath se reclinou contra as prateleiras e, quando a cabeça começou a doer, subiu os óculos e esfregou os olhos inúteis. Quando parou, fechou as pálpebras e ficou tão quieto como a rocha que o rodeava.

– Você parece moído – murmurou V.

Sim, ele estava mesmo, não? E como isso era triste.

O tráfico de drogas era um negócio muito lucrativo.

Em seu escritório privado do ZeroSum, Rehvenge examinava o faturamento da noite em sua mesa, verificando meticulosamente os valores, até o último centavo. iAm estava fazendo o mesmo no restaurante e a primeira tarefa de cada noite era encontrar-se ali para comparar resultados.

Na maioria das vezes chegavam ao mesmo total. Quando não, ele transferia os valores de iAm.

Entre o álcool, as drogas e o sexo, a receita bruta do faturamento superava os duzentos e noventa mil só para o ZeroSum. No clube trabalhavam vinte e duas pessoas com salário fixo, isso incluía dez seguranças, três *barmen*, seis prostitutas, Trez, iAm e Xhex. O custo por todos eles girava em torno dos setenta e cinco mil por noite. Os recolhedores de apostas e os traficantes autorizados a trabalhar no local eram comissionados, e o que restava após cobrarem sua parte era dele. Também, uma vez por semana, ele ou Xhex e os seguranças realizavam negociações de maior importância com um seleto número de distribuidores que tinham suas próprias redes de tráfico de drogas em Caldwell ou em Manhattan.

Com tudo isso e depois de subtrair os custos do pessoal, ficavam aproximadamente duzentos mil por noite para pagar os custos das drogas e do álcool vendidos, cobrir a calefação, eletricidade, reparos e pagar a equipe de limpeza de sete pessoas que entrava às cinco da manhã.

Por ano, tirava perto de cinquenta milhões de seus negócios… o que parecia obsceno, e era, especialmente considerando que pagava impostos somente por uma fração disso. A questão era que drogas e sexo são um negócio arriscado, mas os lucros potenciais são enormes. E precisava de

dinheiro. Muito. Manter sua mãe no estilo de vida a que estava acostumada e que merecia, era um assunto multimilionário. Além disso, ele tinha suas próprias casas para manter, e a cada ano trocava o Bentley assim que os novos modelos estavam disponíveis.

Entretanto, o maior gasto pessoal de todos estava em pequenas bolsas negras de veludo.

Rehv estendeu a mão sobre as planilhas e pegou a que tinha sido enviada do distrito dos diamantes em Nova York. Agora as entregas chegavam na segunda-feira – costumava ser na última sexta-feira do mês, mas depois de abrir o Iron Mask, o dia em que o ZeroSum fechava mudou para domingo.

Puxou o cordão de cetim e abriu a bolsa, despejando um punhado de brilhantes rubis. Um quarto de milhão de dólares em pedras cor de vermelho-sangue. Voltou a colocá-las na bolsa, amarrou o cordão com um nó apertado e olhou o relógio. Faltavam dezesseis horas para iniciar sua viagem para o norte.

A primeira terça-feira do mês era quando pagava à Princesa de duas maneiras. Uma era com pedras preciosas. A outra era com seu corpo.

Entretanto, ele fazia que custasse alguma coisa para ela também.

Pensar aonde iria e o que seria obrigado a fazer provocou um formigamento na nuca e não o surpreendeu que sua visão começasse a mudar, que o rosa-escuro e o vermelho-sangue substituíssem o preto e o branco de seu escritório e que seu campo visual se nivelasse de tal maneira que se tornou uma superfície plana.

Abrindo uma gaveta, tirou uma das caixas novas de dopamina e agarrou a seringa que tinha usado nas últimas duas vezes que se injetou no escritório. Arregaçando o braço esquerdo da manga, fez um torniquete no meio do bíceps mais por hábito que por verdadeira necessidade. As veias estavam tão inchadas que parecia que várias toupeiras haviam feito tocas debaixo da pele, e sentiu uma pontada de satisfação diante do horrível estado em que estavam.

Não havia proteção na agulha para ser retirada, assim, encheu o êmbolo da seringa com a prática de um usuário habitual. Levou um momento para encontrar uma veia que fosse viável e colocou a diminuta agulha de aço no corpo sem sentir nada. Soube que finalmente tinha encontrado um lugar adequado quando puxou o êmbolo e viu que o sangue se mesclava com a solução clara da droga.

Quando liberou o torniquete e pressionou o êmbolo com o polegar, olhou a

podridão do braço e pensou em Ehlena. Mesmo não confiando nele e fazendo de tudo para ficar longe, ainda assim ela quis tentar salvá-lo. Continuava querendo o melhor para ele e para sua saúde.

Isso era o que chamavam de uma fêmea de valor.

Já tinha injetado a metade quando o celular tocou. Um rápido olhar à tela indicou que o número não era conhecido, por isso deixou que a chamada se perdesse. As únicas pessoas que tinham seu número eram aquelas com as quais queria falar, e essa era uma lista realmente curta: sua irmã, sua mãe, Xhex, Trez e iAm. E o Irmão Zsadist, o *hellren* de sua irmã.

Era isso.

Quando puxou a agulha de volta, amaldiçoou ante o sinal que indicava que tinham deixado uma mensagem de voz. De vez em quando recebia algo assim, pessoas que deixavam partes e retalhos da própria vida em seu celular, pensando que era o de outra pessoa. Ele nunca retornava a chamada, jamais mandava uma mensagem de texto com um "não sou quem está pensando". Conseguiriam se dar conta disso quando a pessoa a qual pensavam ter telefonado não devolvesse o favor.

Fechando os olhos, inclinou-se contra o encosto da cadeira e atirou a seringa sobre as planilhas, e não queria nem saber se a droga não funcionasse.

Sentado sozinho em seu covil, no silencioso momento em que todos se foram e o pessoal da limpeza não tinha entrado ainda, não se importava se os planos de sua visão retornavam a um modo tridimensional. Não se importava se reaparecia o espectro de cores em sua totalidade. Não se perguntava a cada segundo se voltaria ou não ao "normal".

Aquilo era novo. Até agora sempre se desesperou até que a droga funcionasse.

O que mudou?

Deixou a pergunta no ar enquanto pegava o celular e agarrava a bengala. Com um gemido, ficou em pé com cuidado e caminhou para seu quarto privado. A dormência estava retornando rapidamente aos pés e pernas, mais rapidamente que quando vinha dirigindo de Connecticut, mas, enfim, isso fazia parte do processo. Quanto menos impulsos de *sympatho*, melhor funcionava a droga. E caramba: era engraçado, mas ser selecionado para matar o rei o deixou animado.

Ao contrário de ficar sentado sozinho em casa.

O sistema de segurança já estava funcionando em seu escritório, e ativou

outro para seus aposentos particulares. Logo se fechou no dormitório sem janelas no qual dormia de vez em quando. O banheiro estava do outro lado do quarto, e atirou o casaco de pele sobre a cama antes de entrar e abrir a ducha. Enquanto se movia pelo lugar, um frio que impregnava até os ossos se apoderou do corpo, emanando de dentro para fora, como se tivesse se injetado uma dose de gás para refrigeração.

Isso sim ele temia. Odiava ter frio todo o tempo. Droga, talvez devesse ter ficado sem a droga. Afinal, não ia interagir com ninguém.

Sim, mas se ele negligenciasse demais as doses, voltar ao equilíbrio seria terrível.

O vapor subia em ondas atrás da porta de vidro do chuveiro, Rehv se despiu deixando o traje, a gravata e a camisa sobre o balcão de mármore que havia entre as duas pias. Em pé sob a ducha, tremeu violentamente e os dentes bateram.

Por um momento, caiu de costas contra a parede de mármore liso, mantendo-se no centro das quatro fontes da ducha. Enquanto a água quente, que não podia sentir, caía em forma de cascata descendo pelo peito e abdômen, tentou não pensar na noite seguinte, mas falhou.

Oh, Deus… seria capaz de voltar a fazer aquilo? Ir até lá e se prostituir com aquela vadia?

Bom, a alternativa era… ser denunciado para o Conselho por ser um *sympatho* e ser deportado para a colônia.

A escolha era evidente.

Dane-se, não havia escolha. Bella não sabia o que Rehv era, e ela morreria ao descobrir a mentira da família. E não seria a única vítima. Sua mãe desmoronaria. Xhex ficaria furiosa e se mataria tentando salvá-lo. Trez e iAm fariam o mesmo.

Todo o castelo de cartas cairia.

Em um impulso, agarrou uma barra de sabonete amarelo do suporte de cerâmica e esfregou entre as mãos até fazer espuma. Rehv não usava em si mesmo um sabonete fino e caro. Usava um produto barato, um desinfetante que parecia um nivelador de asfalto sobre a pele.

Suas prostitutas usavam o mesmo. Era com aquilo que abastecia os banheiros, a pedido delas.

Sua regra era três vezes. Três vezes para cima e para baixo pelos braços e pelas pernas, peitorais e abdômen, pescoço e ombros. Três vezes o afundava

entre as coxas, ensaboando o membro e os testículos. O ritual era estúpido, mas era algo compulsivo. Poderia ter usado três dúzias de barras e ainda assim continuar a se sentir imoral.

Engraçado, suas prostitutas sempre se surpreendiam pela maneira como eram tratadas. Cada vez que chegava uma nova, esperava ter de excitá-lo como parte de seu trabalho, e elas sempre estavam preparadas para serem agredidas. Em vez disso, recebiam um vestiário privado com ducha, horário garantido, a segurança de que nunca, jamais, seriam agredidas e aquela coisa chamada respeito… que significava que podiam escolher os seus clientes. E se os filhos da mãe que pagavam pelo privilégio de estar com elas tocassem em um fio de cabelo, tudo que tinham de fazer era dizer uma palavra, e um monte de seguranças caía sobre o sujeito.

Mais de uma vez, aparecia alguma das mulheres na porta de seu escritório e pedia para falar com ele em particular. Geralmente isso acontecia um mês depois que começavam a trabalhar, e o que diziam era sempre o mesmo e sempre de um modo confuso que, se ele fosse normal, teria partido seu coração:

*Obrigada*.

Não era muito do tipo que dava abraços, mas sabia colocá-las entre os braços e apertá-las durante um instante. Nenhuma delas compreendia que isso acontecia não por ele ser legal, mas, sim, porque era igual a elas. A dura realidade era que a vida tinha colocado todos onde não desejavam estar, quer dizer, dependendo de pessoas com as quais não queriam transar. Sim, havia algumas que não se importavam com o trabalho, mas, como todo mundo, não queriam trabalhar o tempo todo. E Deus era testemunha de que os clientes sempre apareciam.

Assim como sua chantagista.

Sair do chuveiro era um total e absoluto inferno e adiou o profundo congelamento o máximo que pôde, encolhendo-se sob a ducha enquanto discutia consigo mesmo sobre a saída. Enquanto o debate continuava, ouvia a água tilintar contra o mármore e tagarelar no ralo de bronze, mas seu corpo totalmente adormecido não sentia nada, salvo um leve alívio do Alasca que havia em seu interior. Apenas soube que a água quente tinha acabado quando os tremores pioraram, e as unhas das mãos passaram de uma cor cinza-pálida a um azul-profundo.

Enxugou-se no caminho até a cama e se lançou sob o edredom o mais

rápido que pôde. Justo quando estava puxando as mantas para subirem até a garganta, o celular emitiu um toque. Outra mensagem de voz.

Maldito serviço de telefonia.

Ao verificar as chamadas perdidas, descobriu que a última era de sua mãe e endireitou-se rapidamente, mesmo sabendo que mudar para a posição vertical significava que o peito ficaria descoberto. Sua mãe, sendo a dama que era, não ligava nunca, porque não queria "interromper seu trabalho".

Pressionou alguns botões, colocou a senha e preparou-se para apagar a primeira mensagem que achava ser um engano.

"Mensagem de 518-blá-blá-blá…" Pressionou a tecla para pular aquela maldita coisa de identificação do número e preparou-se para pressionar o sete e se livrar da coisa de uma vez.

O dedo estava se encaminhando para baixo quando a voz de uma fêmea disse:

– Oi, eu…

Aquela voz… aquela voz era… Ehlena?

– Droga!

Contudo, o correio de voz era cruel e não dava a mínima para o fato de que tinha acabado de apertar o botão para apagar a mensagem dela. Enquanto amaldiçoava, o sistema continuou funcionando até que escutou a suave voz de sua mãe falando no Antigo Idioma.

*Saudações, queridíssimo filho, espero que esteja bem. Por favor, desculpe-me a intromissão, mas me perguntava se poderia vir até em casa nos próximos dias? Há um assunto sobre o qual devo falar contigo. Eu te amo. Adeus, meu primogênito de sangue.*

Rehv franziu a testa. Tão formal, era o equivalente verbal de um elaborado bilhete escrito por sua formosa mão, mas aquela solicitação era incomum e isso dava um caráter de urgência. Só que estava ferrado – literalmente. Amanhã à noite era impossível por causa de seu "encontro", portanto teria de ser na noite seguinte, supondo que estaria suficientemente bem.

Ligou para casa, e quando uma das *doggen* atendeu, disse à criada que estaria lá na quarta-feira à noite, assim que houvesse o pôr do sol.

– Senhor, se me permite – disse a criada –, realmente estou contente que venha.

– O que está acontecendo? – Quando houve uma longa pausa, sua frieza interior piorou. – Diga!

– Ela está… – a voz do outro lado se agitou. – Está tão encantadora como de costume, mas nos alegra que venha. Se me desculpar, irei transmitir sua mensagem.

A linha ficou muda. No fundo de sua mente, tinha um pressentimento do que estava acontecendo, mas ignorou com cuidado tal convicção. Ele não podia ir até lá. Simplesmente não podia.

Além disso, era provável que não fosse nada. Afinal, a paranoia era um efeito colateral quando se consumia muita dopamina e Deus sabia que estava tomando mais que deveria. Iria até o abrigo onde estava sua mãe assim que pudesse, e ela estaria bem… espere! O solstício de inverno. Devia ser isso. Sem dúvida, desejava planejar as festividades que incluía Bella, Z. e a menina, já que seria o primeiro ritual de solstício de Nalla. E sua mãe levava esse tipo de coisa muito a sério. Podia viver neste lado, mas as tradições das Escolhidas sob as quais tinha sido criada ainda faziam parte dela.

Era isso mesmo.

Aliviado, memorizou o número de Ehlena e ligou para ela.

Tudo o que podia pensar enquanto o telefone chamava, além de *atende, atende, atende*, era que esperava sinceramente que estivesse bem. O que era loucura. Por que ela ligaria para ele se tivesse algum problema?

Então por que ela…

– Alô?

O som da voz dela no ouvido produziu algo que a ducha quente, o edredom e a temperatura ambiente de quarenta graus não tinham conseguido. O calor se espalhou no peito, fazendo retroceder a dormência e o frio, inundando-o de… vida.

Apagou as luzes para poder concentrar tudo o que tinha nela.

– Rehvenge? – disse ela após um momento.

Inclinou-se contra os travesseiros e sorriu na escuridão.

– Olá.

# CAPÍTULO 12

**– Há sangue em** sua camisa… e… oh, Deus… a sua calça. Wrath, o que aconteceu?

Em pé no seu escritório, na mansão da Irmandade, encarando a sua amada *shellan*, Wrath puxou as duas metades da jaqueta de motoqueiro para fechá-las mais sobre o peito e pensou: bem, ao menos tinha lavado o sangue do *redutor* das mãos.

A voz de Beth diminuiu.

– Quanto do que estou vendo é seu?

Estava tão linda quanto sempre tinha sido para ele, a única fêmea a quem desejava, a única companheira possível para ele. Com o *jeans*, a blusa preta e o cabelo escuro caindo sobre os ombros, era a coisa mais atraente que já tinha visto. Ainda.

– Wrath!

– Nem tudo – o corte no ombro sem dúvida tinha gotejado sobre a regata, mas também tinha segurado o macho civil contra o peito, por isso, o sangue do macho sem dúvida se mesclou com o dele.

Incapaz de permanecer quieto, caminhou pelo escritório, indo da mesa à janela e voltando. O tapete que as botas cruzavam era azul, cinza e creme, um Aubusson, cujas cores combinavam com o azul-pálido das paredes e cujas espirais curvilíneas se harmonizavam com a delicada mobília estilo Luís XIV.

Ele nunca tinha gostado muito da decoração. E não ia começar agora.

– Wrath… como isso foi parar aí? – o tom duro de Beth dizia que já sabia a resposta, mas que ainda conservava a esperança de que houvesse outra explicação.

Juntando forças, virou-se para encarar o amor de sua vida através daquele escritório cheio de toques femininos.

– Estou lutando outra vez.

– Está o quê?

– Estou lutando.

Quando Beth ficou em silêncio, Wrath ficou aliviado pela porta estar fechada. Viu os cálculos mentais que ela estava fazendo e sabia que o resultado do que estava somando ia chegar a uma única coisa: estava pensando em todas aquelas "noites no norte" com Phury e as Escolhidas. Todas as vezes que foi para a cama com camisetas de manga longa, boas para ocultar hematomas, porque tinha pegado "uma gripe". Todas essas desculpas de "estou mancando porque fiz exercícios demais".

– Está lutando – Beth afundou as mãos nos bolsos do *jeans* e, embora não pudesse enxergar direito, Wrath sabia muito bem que a blusa preta era o complemento perfeito para o olhar dela. – Somente para que fique claro. Está me dizendo que vai *começar* a lutar? Ou que *esteve* lutando?

Isso era uma pergunta retórica, mas era evidente que ela queria desvendar a mentira por completo.

– Estive. Durante os últimos meses.

A fúria e a dor fluíram dela, derramando-se sobre o rei, lembrando-o do cheiro de madeira chamuscada e plástico queimado.

– Olhe Beth, eu tinha de…

– Tinha de ser honesto comigo! – disse bruscamente. – Isso é o que tinha de ter feito.

– Não esperava ter de sair por mais de um mês ou dois…

– Um mês ou dois! Quantos malditos meses fazem?… – limpou a garganta e baixou a voz. – Há quanto tempo está fazendo isso?

Wrath disse, hesitando:

– … desde agosto? Agosto.

Quando o rei respondeu, Beth voltou a ficar calada. Ele desejava que ela liberasse toda sua raiva. Que gritasse. Que o insultasse.

– Sinto muito. Eu… droga, realmente sinto muito.

Ela não disse nada, e o aroma de suas emoções se afastou à deriva, dispersado pelo ar quente que soprava pelas aberturas da calefação que havia no chão. No corredor, uma *doggen* estava passando o aspirador, o som do aparelho zumbia para cima e para baixo, para cima e para baixo. No silêncio que reinava entre eles, aquele som corriqueiro, habitual, era algo para se apegar – era o tipo de coisa que ouvia todo o tempo e raramente notava porque estava ocupado com a papelada, ou distraído pela fome, ou tentando decidir se preferia relaxar assistindo TV, ou lutando no ginásio… era um som

seguro.

E durante aquele momento devastador para sua união, apegou-se ao som do aspirador com todas as forças, perguntando-se se alguma vez teria a sorte de poder ignorá-lo outra vez.

– Nunca me passou pela cabeça… – limpou a garganta mais uma vez. – Nunca me passou pela cabeça que haveria algo do qual não pudesse falar comigo. Sempre achei que me dizia… tudo o que podia.

Quando parou de falar, ele estava gelado até os ossos. Sua voz tinha adquirido o tom que usava quando respondia chamadas equivocadas no telefone: dirigia-se a ele como se fosse um estranho, sem nenhuma ternura, nem interesse particular.

– Olhe Beth, tenho de estar lá fora. Tenho…

Ela sacudiu a cabeça e levantou a mão para detê-lo.

– Não se trata de você lutar.

Beth o encarou durante o pulsar de uma batida de coração. Logo se voltou e se dirigiu para as portas duplas.

– *Beth* – aquele ganido estrangulado era sua voz?

– Não, me deixe sozinha. Preciso de espaço.

– Beth, escute, não temos guerreiros suficientes no campo de batalha…

– Não é a luta! – girou e o enfrentou. – Mentiu para mim! Mentiu. E não foi só uma vez, mas sim durante quatro meses seguidos.

Wrath queria argumentar, defender-se, dizer que tinha perdido a noção do tempo, que essas cento e vinte noites e dias tinham passado à velocidade da luz, que tudo o que esteve fazendo era pôr um pé na frente do outro e repetindo o movimento, andando minuto a minuto, hora a hora, tentando manter a raça livre da submersão, tratando de conter os *redutores*. Não tinha a intenção de permanecer fazendo isso durante tanto tempo. Não tinha planejado enganá-la durante todo esse tempo.

– Só me responda uma coisa – ela disse. – Uma única coisa. E é melhor que me diga a verdade, ou, que Deus me ajude, vou… – levou a mão à boca, contendo um débil soluço em sua mão gentil. – Honestamente, Wrath… honestamente, você pensou que iria parar? No fundo de seu coração, achou mesmo que iria parar…?

Ele engoliu em seco enquanto ela pronunciava as palavras com a voz estrangulada.

Wrath respirou fundo. Ao longo de sua vida, tinha sido ferido muitas,

muitas vezes. Mas nada, nenhuma ferida que pudessem ter infligido tinha doído uma fração da dor que sentiu ao responder.

– Não – voltou a respirar fundo. – Não, não acredito… que eu iria parar.

– Quem conversou com você esta noite? Quem foi que o convenceu a me dizer a verdade?

– Vishous.

– Eu já devia saber. Ele é provavelmente a única pessoa além de Tohr que poderia ter feito isso. – Beth cruzou os braços abraçando a si mesma, e Wrath teria dado a mão com que empunhava a adaga para que tivesse sido ele quem a estivesse abraçando. – Que esteja lá fora lutando me assusta demais, mas está se esquecendo de uma coisa… me uni com você sem saber que, como rei, não deveria estar no campo de batalha. Estava preparada para apoiá-lo mesmo ficando apavorada com isso… porque lutar nesta guerra está em sua natureza e em seu sangue. Tolo… – sua voz embargou. – Tolo, eu teria deixado que fizesse isso. Mas ao invés, você…

– Beth…

Ela o interrompeu.

– Lembra-se da noite em que saiu no início do verão? Quando interveio para salvar Z. e depois permaneceu no centro da cidade, e lutou com os outros?

Com certeza ele se lembrava. Quando voltou para casa, o rei correu atrás dela nas escadas e fizeram sexo sobre o tapete na sala de estar do segundo andar. Várias vezes. Ele até guardou a *lingerie* que rasgou de seu corpo como lembrança.

Jesus… voltando a pensar nisso… essa tinha sido a última vez que estiveram juntos.

– Você me disse que seria apenas uma noite. Uma noite. Somente. Jurou, e confiei em você.

– Droga… eu sinto muito.

– Quatro meses – balançou a cabeça e seu magnífico cabelo negro balançou sobre os ombros, capturando a luz de uma maneira tão bela que até os inúteis olhos registraram o esplendor. – Sabe o que mais me dói? Que os Irmãos sabiam e eu não. Sempre aceitei essa coisa de sociedade secreta, entendi que há coisas que não posso saber…

– Eles também não tinham a mínima ideia.

Bem, Butch sabia, mas não havia razão para jogá-lo na frente do trem… e

V. descobriu esta noite.

Beth vacilou e se firmou contra uma das paredes de um azul-pálido.

– Estava saindo sozinho?

– Sim – estendeu a mão para tocar seu braço, mas ela o afastou. – Beth…

Abriu a porta com força.

– *Não me toque*.

A coisa bateu ao se fechar atrás dela.

A raiva de si mesmo fez que Wrath girasse e ficasse frente à sua mesa, e no instante em que viu todos os documentos, todas as solicitações, todas as queixas, todos os problemas, foi como se alguém tivesse conectado dois cabos cortados nas suas costas e tivesse dado uma descarga elétrica. Lançou-se para frente, varreu com os braços a superfície da mesa e fez voar aquela porcaria por toda parte.

Enquanto os papéis caíam suavemente como neve, tirou os óculos de sol e esfregou os olhos, a dor de cabeça estava pressionando a testa. Ficou sem fôlego, tropeçou, encontrou a cadeira pelo tato e se jogou sobre a maldita coisa. Com um áspero grunhido, deixou que a cabeça caísse para trás. Ultimamente, aquelas enxaquecas por estresse estavam se tornando uma ocorrência diária, acabando com ele e prolongando-se como uma gripe que se recusava a ser curada.

Beth. Sua Beth…

Quando ouviu uma batida na porta, gritou um xingamento em alto e bom som.

A batida voltou a soar.

– O que foi? – gritou.

A cabeça de Rhage apareceu por uma fresta, em seguida, congelou.

– Ah…

– O quê?

– Sim, bem… hum, ouvi a porta bater… e, uau, que vento forte que deve ter acabado de soprar sobre sua mesa… ainda quer se reunir conosco?

Oh, Deus… como faria para manter outra daquelas conversas?

Mas, bom, talvez devesse ter pensado nisso antes de decidir mentir a seus entes mais próximos e queridos.

– Meu senhor? – a voz de Rhage adquiriu um tom gentil. – Deseja ver a Irmandade?

*Não*.

– Sim.

– Precisa que Phury fique no viva-voz?

– Sim. Ouça, não quero os meninos nesta reunião. Blay, John e Qhuinn… não estão convidados.

– Já imaginava. Ei, que tal se eu ajudar a limpar as coisas aqui?

Wrath olhou o tapete coberto de papéis.

– Eu cuido disso.

Hollywood provou sua inteligência ao não voltar a oferecer. Simplesmente saiu e fechou a porta.

Do outro lado, o velho relógio de torre badalou. Era outro som familiar que geralmente Wrath não ouvia, mas agora, enquanto estava sentado sozinho no escritório, as badaladas soavam como se fossem emitidas através de alto-falantes.

Deixou as grandes mãos caírem sobre os braços da frágil cadeira giratória. Aquela peça de mobília era mais do estilo de algo que uma fêmea usaria ao final da noite para apoiar o pé e tirar as meias.

Não era um trono. E essa era a razão pela qual a usava.

Não queria aceitar a coroa por muitos motivos, apesar de ser rei por direito de nascimento, não por vocação, e em trezentos anos não assumiu o trono. Mas assim que Beth chegou, as coisas mudaram e finalmente foi até a Virgem Escriba.

Isso tinha acontecido há dois anos. Duas primaveras, dois verões, dois outonos e dois invernos.

Ele tinha grandes planos naquele tempo, no início. Geniais e maravilhosos planos para unir a Irmandade, para que todos estivessem sob o mesmo teto, consolidando forças, preparando-se para lutar contra a Sociedade Redutora. Triunfando.

Salvando.

Reivindicando.

Em vez disso, a *glymera* foi sacrificada. Havia mais civis mortos. E havia ainda menos Irmãos.

Não tinham feito progressos. Tinham perdido terreno.

A cabeça de Rhage apareceu outra vez.

– Ainda estamos aqui fora.

– Droga, eu disse que preciso de um…

O relógio cuco voltou a soar, e enquanto Wrath escutava a quantidade de

badaladas, deu-se conta de que fazia uma hora que estava sentado sozinho.

Esfregou os olhos doloridos.

– Dê-me mais um minuto.

– O que for preciso, meu senhor. Não temos pressa.

# CAPÍTULO 13

**Quando Rehvenge disse "olá"** no celular, Ehlena se ergueu do travesseiro sobre o qual estava deitada e engoliu um "*caramba*"… até que se perguntou por que estava tão surpresa. Ela tinha ligado para ele e, segundo o manual das boas maneiras… bem, as pessoas retornam a ligação.

– Oi – disse ela.

– Não atendi sua chamada apenas porque não reconheci o número.

Cara, sua voz era *sexy*. Profunda. Baixa. Como a voz de um macho deveria ser.

No silêncio que se seguiu, pensou, *e por que tinha ligado para ele?* Oh, certo.

– Queria fazer o acompanhamento depois de sua consulta. Quando preparei os papéis para a alta, notei que não tinha recebido nada para seu braço.

– Ah.

A pausa que seguiu foi algo que não conseguiu interpretar. Talvez estivesse zangado por sua interferência?

– Só queria ter certeza de que estava bem.

– Faz muito isso com os pacientes?

– Sim – mentiu.

– Havers sabe que está verificando o trabalho dele?

– Ele ao menos olhou suas veias?

A risada de Rehvenge foi baixa.

– Preferia que tivesse ligado por um motivo diferente.

– Não entendo – ela disse tensa.

– O quê? Que alguém possa querer fazer algo com você fora do trabalho? Você não é cega. Olhe-se no espelho. E com certeza sabe que é inteligente, assim não se trata apenas de um enfeite na estante.

Até onde ela sabia, ele estava falando em um idioma estrangeiro.

– O que eu não entendo é por que você não se cuida.

– Hum – ele riu suavemente, e Ehlena se arrepiou ao sentir sua voz no

ouvido. – Então talvez seja só uma desculpa para me ver outra vez.

– Olhe, a única razão pela qual eu liguei foi…

– Porque precisava de uma desculpa. Você me esnobou na sala de exame, mas na realidade queria falar comigo. Assim, me ligou com a desculpa do braço para conversar comigo pelo telefone. E agora conseguiu – sua voz baixou ainda mais. – Vai me deixar escolher o que quero que faça comigo?

Ela permaneceu em silêncio. Até que ele disse:

– Alô?

– Terminou? Ou quer continuar andando em círculos, procurando todo tipo de significado na minha ligação?

Houve um breve silêncio e logo ele irrompeu em uma profunda e sincera gargalhada com seu vivo tom de barítono.

– Sabia que havia mais um motivo para gostar de você.

Ela se negou a ser cativada. Mas, de qualquer maneira, foi.

– Liguei para saber sobre seu braço. Ponto. A enfermeira de meu pai acabou de sair e estávamos falando de uma…

Fechou a boca assim que se deu conta do que tinha revelado, sentindo como se tivesse tropeçado numa ponta de tapete solta.

– Continue – ele disse com gravidade. – Por favor.

Ela ficou quieta.

– Ehlena? Ehlena… você está aí, Ehlena?

Mais tarde, muito mais tarde, concluiria que aquelas palavras tinham sido o começo do precipício: *você está aí, Ehlena?*

De fato, foi o começo de tudo o que se seguiu, o ponto de partida de uma jornada angustiante disfarçada sob a forma de uma simples pergunta.

Estava feliz por não saber para onde estava se dirigindo. Porque às vezes a única coisa que pode ajudar enquanto você atravessa o inferno é saber que está envolvido demais para poder sair.

Enquanto Rehv esperava a resposta, seu punho se apertou tanto sobre o celular que acionou uma das teclas emitindo um *bip* que parecia dizer "ei, cara, relaxe um pouco".

O palavrão eletrônico pareceu quebrar o feitiço entre os dois.

– Desculpe – murmurou ele.

– Tudo bem. Eu, ah…

– O que dizia?

Não esperava que respondesse, mas então… ela o fez.

– A enfermeira de meu pai e eu estávamos falando de um corte que está causando problemas e foi isso que me fez pensar em seu braço.

– Seu pai está doente?

– Sim.

Rehv aguardou mais informações, tentando decidir se deveria perguntar ou se isso a deixaria ainda mais quieta… mas ela resolveu a questão.

– Alguns dos medicamentos que toma o tornam instável, e por isso ele vive esbarrando contra coisas e nem sempre se dá conta de que se machucou. É um problema.

– Sinto muito. Cuidar dele deve ser difícil para você.

– Sou uma enfermeira.

– E uma filha.

– Enfim, foi por um motivo clínico. Minha ligação.

Rehv sorriu.

– Deixe-me perguntar uma coisa.

– Eu primeiro. Por que não deixa seu braço ser examinado? E não me diga que Havers viu essas veias. Se tivesse, teria receitado antibióticos, e se você tivesse recusado haveria uma nota em seu histórico informando sua má-conduta. Olhe, tudo que precisa para se tratar é de alguns comprimidos, e sei que você não tem medo de remédio. Toma uma quantidade infernal de dopamina.

– Se estava preocupada com meu braço, por que não me falou na clínica?

– Eu fiz isso, lembra-se?

– Não dessa maneira. – Rehv sorriu na escuridão e percorreu com a mão o edredom. Não podia senti-lo, mas imaginava que a textura era tão suave quanto o cabelo dela. – Ainda acho que queria apenas conversar comigo no telefone.

Com mais uma pausa que se seguiu, Rehv achou que ela fosse desligar.

Sentou-se, como se a posição vertical evitasse que ela pressionasse o botão para finalizar a ligação.

– Só estou dizendo… bom, droga, o que quero dizer é que fico contente por ter me ligado. Não importa o motivo.

– Não falei mais sobre isso na clínica porque foi antes de eu acrescentar as notas de Havers no computador. Esse foi o momento em que me dei conta.

Ele ainda não acreditava nessa história de que a ligação fosse algo

estritamente profissional. Poderia ter mandado um *e-mail*. Poderia ter falado com o doutor. Poderia passar a uma das enfermeiras do turno do dia para que fizesse o acompanhamento.

– Então… existe alguma chance de você estar se sentindo mal por ter me esnobado daquela maneira?

Ela limpou a garganta.

– Desculpe por isso.

– Bom, eu a desculpo. Totalmente. Completamente. Parecia que não estava tendo uma boa noite.

A respiração dela mostrava sua exaustão.

– Sim, não foi a melhor.

– Por quê?

Outra longa pausa. Então, ela disse:

– Você é muito melhor por telefone, sabia?

Ele riu.

– Muito melhor como?

– É mais fácil conversar. Na verdade… é muito fácil conversar com você.

– É, acho que sei como manter uma boa conversa cara a cara.

De repente, franziu a testa pensando no recebedor de apostas que tinha ajustado as contas em seu escritório. Droga, o pobre bastardo era apenas um dentre o enorme número de traficantes de drogas, *barmen* e cafetões que nos últimos anos tinha persuadido a golpes. Sua filosofia sempre tinha sido que a confissão era boa para a alma, especialmente quando se tratava de caras que pensavam que Rehv não notaria que estava sendo passado para trás. Seu estilo de administração também lançava uma importante mensagem em um negócio onde a fraqueza poderia ser mortal. O comércio clandestino requer uma mão forte, e sempre tinha acreditado que essa era apenas a realidade em que vivia.

Entretanto, naquele momento tranquilo, com Ehlena tão perto, sentia como se seu "cara a cara" fosse algo que requeria uma desculpa e precisava ser encoberto.

– Então? Por que esta noite não foi boa? – perguntou desesperado para tranquilizar a si mesmo.

– Meu pai. E depois… bom, levei um bolo.

Rehv franziu a testa tão forte que de fato sentiu uma leve pontada entre os olhos.

– Num encontro?

– Sim.

Odiava a ideia dela saindo com outro macho. E, mesmo assim, invejava o filho da mãe, quem quer que fosse.

– Que imbecil. Sinto muito, mas que imbecil.

Ehlena riu e ele amou o som, especialmente a forma com que seu corpo se esquentou um pouquinho mais como reação disso. Cara, para o inferno com as duchas quentes. Aquela risada suave e tranquila era do que precisava.

– Está sorrindo? – ele disse brandamente.

– Sim. Quero dizer, acho que sim. Como soube?

– Simplesmente tinha a esperança de que estivesse.

– Bom, até que você sabe ser amável e encantador. – Rapidamente, como se quisesse disfarçar o elogio, ela complementou: – O encontro não era grande coisa nem nada. Não o conhecia muito bem. Era apenas um café.

– Mas terminou a noite no telefone comigo. O que é muito melhor.

Ela voltou a rir.

– Bom, agora nunca saberei como seria sair com ele.

– Não?

– Acontece que eu… bom, pensei nisso e acho que ter encontros neste momento não é uma boa ideia para mim…

Rehv sentiu uma onda de triunfo que foi interrompida quando ela acrescentou:

– Com ninguém.

– Hum.

– Hum? O que significa "*hum*"?

– Significa que tenho seu número de telefone.

– Ah, sim, você tem… – sua voz se deteve quando ele se movimentou.

– Espere, você está… na cama?

– Sim. E antes que continue, não vai querer saber.

– Não quero saber o quê?

– O quanto não estou vestindo.

– Ah… – enquanto ela hesitava, soube que estava sorrindo outra vez. E provavelmente estava ficando vermelha. – Eu não tinha a intenção de perguntar.

– Muito esperta. Somos somente eu e os lençóis… ops, eu disse isso em voz alta?

– Sim. Sim, você disse – sua voz baixou um tom como se ela o estivesse imaginando nu… e gostando da imagem mental que teve.

– Ehlena… – Rehv parou, com seus impulsos de *sympatho* trazendo seu autocontrole de volta. Sim, a desejava tão nua quanto ele estava. Mas, mais que isso, desejava que permanecesse no telefone.

– O quê? – disse ela.

– Seu pai… está doente há muito tempo?

– Ah… sim, sim, está. É esquizofrênico. Contudo, o mantemos medicado agora e está melhor.

– Que… droga. Isso deve ser realmente difícil. Porque ele está aí, mas ao mesmo tempo não está, certo?

– Sim… é exatamente como a situação parecer ser.

Era parecido com a maneira pela qual ele vivia, seu lado *sympatho* era uma constante realidade alternativa, que o perseguia enquanto tratava de viver as noites como uma pessoa normal.

– Bom, espero que não se importe se eu perguntar – disse ela com cuidado –, para que precisa da dopamina? Não há nenhum diagnóstico imediato em seu histórico médico.

– Provavelmente porque Havers me trata desde sempre.

Ehlena riu sem jeito.

– É, deve ser por causa disso.

Droga, que diabos ele estava dizendo?

O *sympatho* que havia nele dizia *não importa, simplesmente minta*. O problema era que, vinda do nada, havia outra voz em seu cérebro, rivalizando com a primeira, uma que era desconhecida e muito baixa, mas totalmente irresistível. Entretanto, como não tinha ideia do que era aquela voz, continuou com sua rotina de sempre.

– Tenho Parkinson. Ou, melhor dizendo, o equivalente vampiro disso.

– Oh… sinto muito. Então é por isso que usa bengala.

– Meu equilíbrio é ruim.

– Mas parece que a dopamina está fazendo bem. Você quase não treme.

Aquela voz fraca em sua cabeça se transformou em uma estranha dor no centro do peito e, por um momento, deixou de lado o fingimento e disse a verdade:

– Não tenho nem ideia do que faria sem essa droga.

– Os medicamentos do meu pai também têm sido um milagre.

– Você é a única que cuida dele? – quando ela respondeu com um sim, ele perguntou: – Onde está o resto de sua família?

– Somos apenas ele e eu.

– Então você está levando uma carga tremenda.

– Bom, eu o amo. E se os papéis estivessem invertidos, ele faria o mesmo. É o que pais e filhos fazem uns pelos outros.

– Nem sempre. É evidente que você vem de uma família de pessoas boas – antes que pudesse parar, prosseguiu: – Mas é por isso que se sente sozinha, não é verdade? Sente-se culpada com a ideia de o deixar, ainda que seja por uma hora, e se fica em casa não pode ignorar o fato de que a vida está passando. Está presa e gritando, mas você não mudaria nada.

– Tenho de desligar.

Rehv fechou os olhos com força, aquela dor no peito se espalhava por todo corpo como um incêndio sobre capim seco. Ele ascendeu uma lâmpada com a mente, pois aquela escuridão em que se encontrava era simbólica demais.

– Acontece que… sei como é, Ehlena. Não pelas mesmas razões… mas entendo todo esse assunto de separação. Sabe? A ideia de que está vendo todo o resto do mundo viver a própria vida… oh, droga, enfim. Espero que durma bem…

– É assim que me sinto a maior parte do tempo – agora sua voz tinha um tom suave e Rehv ficou contente por ela ter entendido o que estava tentando dizer, apesar de ter sido tão eloquente quanto um gato de rua.

Agora era ele quem se sentia constrangido. Não estava acostumado a falar dessa maneira… ou se sentir como sentia.

– Olha, vou deixá-la descansar um pouco. Fiquei feliz por ter ligado.

– Sabe… eu também.

– E, Ehlena?

– Sim?

– Acho que está certa. Não é uma boa ideia se envolver com alguém neste momento.

– Sério?

– Sim. Bom dia.

Houve uma pausa.

– Bom… dia. Espere…

– O quê?

– Seu braço. O que vai fazer sobre o braço?

– Não se preocupe, vai ficar bem. Mas obrigado por seu interesse. Significa muito para mim.

Rehv desligou primeiro e colocou o telefone sobre o edredom. Fechou os olhos, deixando a luz acesa. E não dormiu nada.

# CAPÍTULO 14

**De volta ao complexo** da Irmandade, Wrath desistiu da ideia de que se desse um tempo, sentiria-se melhor sobre a situação com Beth. Inferno, ele poderia passar o próximo mês tricotando naquela cadeira fraca que isso somente deixaria seu traseiro dormente.

E, enquanto isso, os caras no corredor já estavam mofando e ficando irritados.

Com a mente, abriu bem as portas duplas e, como um pelotão, seus Irmãos entraram. Ao olhar o corpo grande e rígido deles na extensão azul-pálida do escritório, reconheceu-os não pelo rosto, nem por suas roupas ou expressão, mas, sim, pelo eco de cada um em seu sangue.

As cerimônias na Tumba que uniu a todos ressonavam não importava quanto tempo tivesse ocorrido.

– Não fiquem aí parados quietos – disse, enquanto a Irmandade o olhava fixamente. – Não abri essas malditas portas para me transformar em uma exibição de zoológico.

Os Irmãos entraram com as pesadas botas – a não ser Rhage, que usava chinelos, o calçado que vestia normalmente dentro de casa, não importava a ocasião. Cada um dos guerreiros tomou sua posição habitual na sala, com Z. ficando junto à lareira e V. e Butch sentados no sofá que tinha sido reforçado para aguentar o peso. Rhage se aproximou da mesa arrastando os chinelos para ligar o viva-voz do telefone, deixando que os dedos abrissem caminho para Phury que estava na linha.

Ninguém disse nada a respeito dos papéis no chão. Ninguém tentou recolhê-los. Era como se ali não houvesse qualquer sinal de bagunça ou confusão, e era assim como Wrath preferia.

Enquanto o rei fechava as portas com a mente, pensou em Tohr. O Irmão estava na casa, mais precisamente no corredor das estátuas, apenas umas poucas portas de distância, mas estava em um continente diferente. Convidá-lo não era uma opção. Seria mais uma crueldade, considerando onde estava

sua mente.

– Alô? – a voz de Phury soou ao telefone.

– Estamos todos aqui – disse Rhage antes de desembrulhar um pirulito e dirigir-se com os chinelos para uma poltrona verde feia como o diabo.

A monstruosidade era de Tohr e tinha sido levada ao escritório para que John Matthew dormisse nela depois que Wellsie foi assassinada e Tohrment desapareceu. Rhage costumava utilizar a coisa porque, com seu peso, era realmente a opção mais segura, incluindo sofás reforçados.

Com todos acomodados, a sala ficou em silêncio, excetuando-se apenas o rangido dos molares de Hollywood sobre aquela coisa de cereja que tinha na boca.

– Oh, pelo amor de Deus… – Rhage finalmente resmungou com seu pirulito na boca. – Apenas diga. Seja o que for. Estou a ponto de começar a gritar. Morreu alguém?

Não, mas sentia como se tivesse matado algo.

Wrath olhou em direção ao Irmão, em seguida, olhou para cada um deles.

– Serei seu parceiro, Hollywood.

– Parceiro? Você quer dizer… – Rhage passou a vista pela sala para comprovar e ver se todos tinham ouvido o mesmo que ele. – Não está falando de sinuca, está?

– Não – disse Z. em voz baixa. – Não acho que seja isso.

– Caramba… – Rhage tirou outro pirulito do bolso da blusa preta. – Isso é legal?

– Agora é – murmurou V.

Phury falou ao telefone.

– Espera, espera… é para me substituir?

Wrath sacudiu a cabeça, embora o Irmão não pudesse vê-lo.

– É para substituir as muitas pessoas que perdemos.

A conversa borbulhou como uma lata de refrigerante aberta de repente. Butch, V., Z. e Rhage começaram a falar todos ao mesmo tempo até que uma voz baixa interrompeu o falatório:

– Então, também quero voltar.

Todos olharam para o telefone, exceto Wrath, que encarou Z. para avaliar a reação do cara. Zsadist não tinha problemas em demonstrar ira. Nunca teve. Mas escondia a preocupação e a inquietação como se fosse dinheiro e estivesse rodeado de assaltantes: quando a declaração de seu irmão gêmeo

ressoou, ligou o modo de completa autoproteção, ficou tenso e não emitiu absolutamente nada em termos de emoção.

Ah, certo, pensou Wrath. O bastardo durão estava assustado e não enganava ninguém.

– Tem certeza de que é uma boa ideia? – disse Wrath lentamente. – Talvez lutar não seja o que precisa neste momento, meu Irmão.

– Não fumo há quase quatro meses – disse Phury pelo viva-voz. – E não pretendo voltar às drogas.

– O estresse não fará essa porcaria toda mais fácil.

– Mas ficar aqui sentado enquanto você está lutando lá fora fará?

Maravilha. O rei e o Primaz no campo de batalha pela primeira vez na história. E por quê? Porque a Irmandade estava nas últimas.

Grande recorde para superar. Era como ultrapassar os perdedores olímpicos dos cinquenta metros.

Cristo!

Só que, então, Wrath pensou naquele civil morto. Aquele seria um resultado melhor? Não.

Recostando-se em sua delicada cadeira, olhou fixamente para Z.

Como se sentisse os olhos sobre ele, Zsadist se afastou da lareira e começou a andar pelo escritório. Todos sabiam do que estava lembrando: Phury com uma overdose no chão do banheiro, uma seringa de heroína vazia atirada ao seu lado sobre o piso de azulejos.

– Z.? – a voz de Phury saiu do telefone. – Z.? Pegue o telefone…

Quando Zsadist foi conversar com seu irmão gêmeo, seu rosto, com aquela cicatriz, ficou tão tenso que até Wrath podia ver o olhar enfurecido. E a expressão não melhorou ao dizer:

– Hum. Certo. Hum. Sei. Certo. – Houve uma longa, longa pausa. – Não, ainda estou aqui. Certo. Tudo bem.

Pausa.

– Jure! Pela vida da minha filha.

Depois de um momento, Z. apertou o viva-voz outra vez, colocou o gancho no lugar e voltou para a lareira.

– Estou dentro – disse Phury.

Wrath se mexeu na fraca cadeira, desejando que várias coisas fossem diferentes.

– Sabe? Em outro momento, talvez eu dissesse para você ir se danar. Mas

hoje, só posso dizer… quando pode começar?

– Ao anoitecer. Deixarei Cormia responsável pelas Escolhidas enquanto estiver fora no campo de batalha.

– A sua fêmea vai encarar bem isso?

Houve uma pausa.

– Ela sabe com quem se casou. E serei honesto com ela.

Essa doeu.

– Agora tenho uma pergunta – disse Z. brandamente. – A respeito do sangue seco que está em sua camiseta, Wrath.

O rei pigarreou.

– Na verdade, já faz um tempo que voltei. Para a luta.

A temperatura do cômodo caiu. Z. e Rhage ficaram irritados por não saberem.

E então, de repente, Hollywood soltou um palavrão.

– Espere… espere. Vocês dois sabiam… sabiam antes de nós, não é mesmo? Porque nenhum parece surpreso.

Butch limpou a garganta como se o estivessem encarando.

– Ele precisava de mim para fazer a limpeza. E V. tentou fazer que mudasse de ideia.

– Quanto tempo faz que começou isso, Wrath? – ladrou Rhage.

– Desde que Phury parou de lutar.

– *Está brincando comigo!*

Z. foi a passos largos até uma das janelas que iam do chão ao teto e, apesar de estarem fechadas, olhou fixamente a coisa como se pudesse ver os campos que havia do outro lado.

– Ainda bem que você não se matou por aí.

Wrath mostrou as presas:

– Acha que luto como uma mocinha só porque estou atrás desta mesa agora?

A voz de Phury soou no telefone.

– Certo, relaxem! Todos nós sabemos que as coisas vão ser diferentes de agora em diante. Ninguém lutará sozinho, mesmo se tivermos de ir de três em três. Mas, preciso saber, isso vai ser de conhecimento geral? Você vai fazer um anúncio depois de amanhã na reunião do Conselho?

Cara, aquele pequeno enfrentamento não era algo que estivesse planejando.

– Acho melhor mantermos isso em silêncio por enquanto.

– Claro… – replicou Z. – Afinal, para que ser honesto?

Wrath o ignorou.

– Contudo, vou contar a Rehvenge. Sei que há membros da *glymera* que estão se queixando das invasões. Se isso piorar, ele poderá acalmar as coisas com esse tipo de informação.

– Já terminamos? – perguntou Rhage com a voz equilibrada.

– Sim. Isso é tudo.

– Estou indo, então.

Hollywood abandonou a sala indignado, e Z. partiu logo depois dele, mais duas vítimas da bomba que Wrath tinha deixado cair.

– Então, como Beth reagiu? – perguntou V.

– O que você acha? – Wrath ficou em pé e seguiu o exemplo dos dois que tinham saído.

Hora de procurar a doutora Jane para que o costurasse, supondo que os cortes ainda não tivessem se fechado.

Precisava estar pronto para sair e lutar novamente amanhã.

Na fria e brilhante luz da manhã, Xhex se desmaterializou do outro lado de uma parede alta entre os galhos nus de uma robusta árvore. A mansão que estava mais à frente descansava na paisagem cultivada como uma pérola cinza. Árvores finas e cortadas pelo vento se elevavam ao redor da velha casa de pedra, ancorando-a na ondulada grama, prendendo-a contra a terra.

O débil sol de dezembro se derramava, transformando o que deveria ter sido austero durante a noite em algo simplesmente adorável e distinto.

Seus óculos de sol eram quase pretos, e era a única concessão que precisava fazer a seu lado vampiro quando ela saía durante o dia. Por trás das lentes, sua visão permanecia aguda, e via cada detector de movimento, cada luz de segurança e cada janela de vidro chumbado coberta por uma persiana de ferro.

Entrar seria um desafio. Os vidros daqueles filhos da mãe estavam, sem dúvida, reforçados com aço, o que significava que entrar se desmaterializando seria impossível, mesmo se as venezianas estivessem levantadas. E usando suas habilidades de *sympatho*, sentiu que havia muitas pessoas lá dentro: os funcionários estavam na cozinha. Alguns estavam dormindo no andar de cima. Outros estavam se movimentado no local. Não era uma casa feliz, as grades emocionais deixadas pelas pessoas que haviam

ali estavam cheias de sentimentos sombrios e pesados.

Xhex se desmaterializou até o telhado da seção principal da mansão, lançando a versão *sympatho* do *mhis,* uma espécie de névoa onde ela ficava oculta. Não era um ocultamento total, era como se fosse mais uma sombra dentre as sombras da noite. Mas foi o suficiente para ultrapassar os detectores de movimento.

Aproximando-se de um duto de ventilação, encontrou uma placa de aço grossa, fixada junto às paredes de metal. A chaminé era igual. Coberta com aço resistente.

Não era uma surpresa. Tinham uma segurança muito boa ali.

A melhor oportunidade de infiltração seria durante a noite, utilizando uma pequena furadeira à pilha em uma das janelas. As acomodações dos criados estavam nos fundos, seria um bom lugar para entrar, uma vez que o pessoal estaria trabalhando e, então, aquela parte da casa estaria mais tranquila.

Entrar. Encontrar o alvo. Eliminá-lo.

As instruções de Rehv eram deixar o cadáver exposto, assim não teria de se preocupar em escondê-lo nem tampouco em se desfazer do corpo.

Quando atravessou os pequenos seixos que cobriam o telhado, o cilício que levava ao redor das coxas lhe dava pontadas nos músculos a cada passo, a dor a drenava de certa quantidade de energia e lhe proporcionava a concentração necessária… as duas coisas ajudavam a manter seus impulsos de *sympatho* presos no fundo do cérebro.

As tiras do cilício não continuariam ali quando ela saísse para concluir o trabalho.

Xhex se deteve e ergueu o olhar ao céu. O vento seco e cortante prometia neve e logo. O profundo frio do inverno estava chegando a Caldwell.

Mas já estava em seu coração há muito tempo.

Abaixo dela, sob os pés, voltou a sentir as pessoas, lia suas emoções, as sentia. Mataria a todos se fosse solicitado. Mataria sem pensar ou hesitar enquanto dormiam em suas camas ou se dirigiam a seus deveres profissionais ou faziam um lanche ao meio-dia, ou se levantavam para ir ao banheiro antes de voltar a dormir.

A bagunça, os resíduos da morte, todo aquele sangue, também não lhe incomodavam, assim como uma pistola Glock não se importaria com as manchas no tapete ou com ladrilhos melados, ou com as artérias que gotejavam. Quando saía em serviço, a única coisa que via era a cor vermelha

e, além disso, depois de um tempo, todos aqueles olhos horrorizados e aquelas bocas afogadas com a última respiração ficavam iguais.

Essa era a grande ironia. Na vida, todos eram como um floco de neve de proporções distintas e belas, mas quando a morte chegava, as deixavam com pele, músculos e ossos anônimos, os quais se esfriavam e deterioravam a um ritmo bem previsível.

Ela era a arma anexada ao dedo indicador de seu chefe. Ele apertava o gatilho, ela disparava, o corpo caía e, apesar do fato de algumas vidas mudarem para sempre, no dia seguinte, o sol ainda se erguia e se punha para todas as pessoas no planeta, incluindo ela.

Tal era o curso de seu trabalho-obrigação: metade emprego, metade obrigação, em razão do que Rehv fazia para proteger os dois.

Quando voltasse àquele lugar ao anoitecer, faria o que tinha de fazer ali e sairia com a consciência tão intacta e segura quanto um cofre bancário.

Entrar, sair e nunca voltar a pensar nisso.

Assim era o caminho e a vida de um assassino.

# CAPÍTULO 15

**Os aliados eram a** terceira engrenagem na roda da guerra.

Os recursos e os recrutas proporcionavam o motor tático que permite encontrar, enfrentar e reduzir o tamanho e a força de seus inimigos. Ter aliados é uma vantagem estratégica, são pessoas cujos interesses estão alinhados aos seus, embora suas filosofias e metas finais possam não se cruzar. São tão importantes quanto os dois primeiros elementos quando se quer ganhar, são, porém, um pouco menos controláveis.

A menos que você saiba negociar.

– Estamos dirigindo já faz um tempo – disse o Sr. D atrás do volante do Mercedes do falecido pai adotivo de Lash.

– E vamos continuar a dirigir um pouco mais – Lash olhou seu relógio.

– Você não me disse para onde estamos indo.

– Não. Não disse mesmo, não é?

Lash olhou pela janela do sedã. As árvores nas laterais da rodovia Northway pareciam esboços de troncos sem as folhas. As únicas a ter um pouco de verde eram as atarracadas e firmes coníferas, as quais iam aumentando em número conforme se aprofundavam no Parque Adirondack.

Céu cinzento. Estrada cinzenta. Árvores cinzentas. Era como se a paisagem do estado de Nova York estivesse com gripe ou alguma porcaria assim, com um aspecto tão sadio quanto o de alguém que não tinha recebido sua injeção para pneumonia a tempo.

Havia duas razões pelas quais Lash não tinha adiantado o lugar para onde ele e seu número dois se dirigiam. A primeira era relacionada a ser um maricas e mal podia admitir a si mesmo: não tinha certeza se iria ao encontro que tinha marcado.

A questão era que aquele aliado era complicado e Lash sabia que só o fato de se aproximar era como cutucar um ninho de vespas. Sim, havia potencial para uma grande aliança, mas se a lealdade é um bom atributo num soldado, num aliado ela é indispensável. E para onde estavam indo, a lealdade era um

conceito tão desconhecido quanto o medo. Assim, de qualquer maneira, estava mais ou menos ferrado e por isso não falava. Se a reunião não corresse bem, Lash iria abortar aquela ideia e, nesse caso, o Sr. D não precisava saber os prós e os contras sobre com quem estava negociando.

A outra razão pela qual Lash guardava segredo era que não tinha certeza se a outra parte apareceria. Nesse caso, outra vez, não queria que soubessem o que estava planejando.

Na lateral da estrada, em um pequeno sinal verde com letras refletivas brancas se lia: fronteira americana a 61 km.

Sim, mais sessenta e um quilômetros e estaria fora do país… e por isso a colônia *sympatho* tinha sido colocada lá. O objetivo era manter todos aqueles filhos da mãe psicóticos tão longe da população civil vampira quanto fosse possível e o objetivo foi alcançado. Um pouco mais perto do Canadá e logo teria de dizer *dane-se* e *morra* em francês.

Lash fez o contato graças à velha agenda com os conhecidos de seu pai adotivo que, assim como o carro do macho, tinha provado ser muito útil. Sendo um antigo *lídher* do Conselho, Ibix tinha uma maneira de entrar em contato com os *sympathos* no caso de algum deles se esconder entre a população geral e ter que ser deportado. É obvio que a diplomacia entre as espécies nunca tinha sido oficial. Isso não seria apenas como oferecer a garganta a um assassino em série, mas também a faca para cortá-la.

O *e-mail* de Lash ao rei dos *sympathos* foi curto e objetivo e, na breve missiva, identificou-se como quem era realmente, não como quem tinha crescido pensando que era: ele era Lash, chefe da Sociedade Redutora. Lash, filho de Ômega. E estava procurando uma aliança contra os vampiros que tinham discriminado e rejeitado os *sympathos*.

Com certeza o rei queria vingança pela falta de respeito demonstrada ao seu povo.

A resposta que recebeu foi tão gentil que quase vomitou. Mas então se lembrou de seu treinamento que dizia que os *sympathos* tratavam tudo como se fosse uma partida de xadrez – até capturarem seu rei, transformarem a rainha em uma vadia e queimarem seu castelo. A resposta do líder da colônia indicou que uma conversa associada a um interesse mútuo seria bem-vinda, e perguntou se Lash poderia ir ao norte, já que as opções de viagem do rei exilado estavam, por assim dizer, limitadas.

Lash também impôs uma condição, que era a assistência do Sr. D. A

verdade era que estabeleceu a condição simplesmente para igualar as demandas. Queriam que fosse a eles, certo, mas Lash levaria um de seus homens. E como o *redutor* não podia se desmaterializar era necessário dirigir.

Cinco minutos depois, o Sr. D pegou uma saída na rodovia e atravessou um centro urbano que era do tamanho de um dos parques da cidade de Caldwell. Ali não havia arranha-céus, só edifícios de tijolos de quatro e cinco andares. Parecia que os duros meses de inverno tinham impedido não só o crescimento das árvores, mas também da arquitetura.

Seguindo as orientações de Lash, dirigiram-se para o oeste, passando por pomares de maçãs desfolhados e fazendas de gado.

Como tinha feito na rodovia, aqui também desfrutou da paisagem com olhos ávidos. Ainda o surpreendia poder presenciar a leitosa luz solar de dezembro projetando sombras sobre as calçadas, telhados de casas e sobre a terra marrom. Com seu renascimento, ele ganhou um novo propósito de seu verdadeiro pai, além da habilidade de viver na luz do dia, e Lash adorava essas duas coisas intensamente.

O GPS do Mercedes apitou alguns minutos depois e a leitura ficou instável. Imaginou que isso significava que se aproximavam da colônia e foi isso mesmo: a estrada que estavam procurando se apresentou diante deles. A avenida Ilene estava indicada somente por uma diminuta placa. E avenida uma ova; aquilo não passava de um caminho de terra que cruzava os milharais.

O sedã fazia o que podia sobre o caminho acidentado, seus amortecedores absorviam as crateras criadas pelos atoleiros, a viagem teria sido mais fácil se estivessem em um maldito quatro por quatro. Contudo, em um dado momento, apareceu um grosso círculo de árvores à distância, e a fazenda que havia no centro estava em ótimas condições, toda pintada de um branco brilhante com venezianas e teto verde-escuro. Era como algo tirado de um cartão de natal, com fumaça saindo lentamente das quatro chaminés e o alpendre equipado com cadeiras de balanço e arbustos de folhas sempre verdes.

Ao se aproximarem, passaram por uma discreta placa branca e verde que dizia: Ordem MONÁSTICA TAOISTA, FUND. 1982.

O Sr. D estacionou o Mercedes, desligou o motor e fez o sinal da cruz sobre o peito. O que foi muito idiota.

– Isto não parece correto.

Acontece que o pequeno texano tinha razão. Apesar de a porta da frente estar aberta e a luz do sol se derramar sobre um piso de madeira, alguma coisa errada espreitava por trás da fachada da casa. Era simplesmente perfeito demais e calculado demais para fazer uma pessoa relaxar e, assim, enfraquecer seus instintos de defesa.

Lash pensou que era como uma garota bonita com uma DST.

– Vamos – disse.

Os dois saíram, e enquanto o Sr. D empunhava sua Magnum, Lash não se preocupou em procurar sua arma. Seu pai tinha proporcionado muitos truques, e ao contrário daqueles casos quando lidou com humanos, não tinha problemas em mostrar suas habilidades especiais diante de um *sympatho*. Na verdade, montar uma cena mostraria a eles quem realmente era.

O Sr. D colocou seu chapéu de caubói.

– Isto realmente não parece correto.

Lash apertou os olhos. Havia cortinas de renda penduradas em cada uma das janelas, mas, apesar do branco do tecido, aquela droga era horripilante… Espere. Estavam se mexendo?

Nesse momento, compreendeu que não era renda, mas teias de aranha. Povoadas por aracnídeos brancos.

– São… aranhas?

– Sim – claro, não seria a escolha decorativa de Lash, mas ele não morava ali.

Os dois se detiveram no primeiro dos três degraus que levavam ao alpendre dianteiro. Cara, às vezes portas abertas não são acolhedoras e, definitivamente, aquele era o caso… menos "*olá-como-vai*", mais "*entre-assim-poderemos-usar-sua-pele-para-fazer-uma-capa-de-superherói-para-um-dos-pacientes-de-Hannibal-Lecter*".

Lash sorriu. Quem quer que estivesse naquela casa o espreitava.

– Quer que eu suba e toque a campainha? – disse o Sr. D. – Se houver uma?

– Não. Vamos esperar. Eles virão até nós.

E, veja só, alguém apareceu na extremidade do corredor da frente.

O que veio na direção deles usava uma túnica com tecido suficiente para fazer uma tenda de circo. O tecido era estranho, de um branco reluzente, um branco que capturava a luz e a refletia entre as fartas dobras, e o volume todo preso com um forte cinturão branco.

Muito impressionante. Para quem gosta do estilo "monarca do monastério".

– Saudações, amigo – disse uma voz baixa e sedutora. – Sou quem você procura, o líder dos rejeitados.

Os sons da letra "s" se arrastavam até quase formar palavras independentes, o sotaque soava muito parecido ao sibilar de advertência de uma cauda de cascavel.

Um tremor passou por Lash, e o formigamento desceu até seu membro. O poder era, afinal, um afrodisíaco melhor que o ecstasy, e aquela coisa que veio até eles e se deteve entre os batentes da porta dianteira era toda autoridade.

Longas e elegantes mãos se estenderam até o capuz e jogaram as brancas dobras para trás. O rosto do líder dos *sympathos* era tão suave quanto sua túnica espetacular, os planos da face e queixo eram formados por elegantes e suaves ângulos. O conjunto de genes que tinha gerado esse formoso assassino era tão refinado que seu sexo era quase único, fundindo as características de macho e fêmea, com a predominância do feminino.

Entretanto, o sorriso era uma pedra de gelo. E os cintilantes olhos vermelhos eram sagazes ao ponto da malevolência.

– Não querem entrar?

A voz encantadora de serpente fundiu as palavras umas com as outras, e Lash se viu desfrutando do som.

– Sim – disse, voltando a focar sua mente. – Vamos fazer isso.

Quando se aproximou, o rei ergueu a mão.

– Um momento, se não se importa. Por favor, diga a seu associado que não tenha medo. Nada irá machucá-los aqui. – A declaração foi bastante amável superficialmente, mas o tom foi duro, e Lash deduziu que não eram bem-vindos na casa se o Sr. D levasse uma arma na mão.

– Guarde a arma – disse Lash calmamente. – Eu vou cuidar da nossa proteção.

O Sr. D colocou sua 357 no coldre com um *sim, senhor* inaudível, e o *sympatho* se afastou do caminho de entrada da porta.

Enquanto subiam os degraus, Lash franziu a testa e baixou o olhar. As pesadas botas de combate não faziam nenhum som sobre a madeira, e o mesmo aconteceu sobre as placas do alpendre quando se aproximaram da porta.

– Preferimos as coisas silenciosas – o *sympatho* sorriu, revelando que tinha os dentes uniformes, o que foi uma surpresa. Evidentemente, as presas daquelas criaturas, que uma vez foram muito parecidas com as dos vampiros, tinham sido extirpadas. Se ainda se alimentavam, não deveria ser com frequência, a menos que gostassem de usar facas.

O rei estendeu o braço à esquerda.

– Passemos à sala de estar?

A "sala de estar" poderia ser descrita mais precisamente como "pista de boliche com cadeiras de balanço". O espaço não era mais que um lustroso piso de madeira e paredes cobertas apenas com uma pintura branca. No meio do caminho havia quatro cadeiras agrupadas formando um semicírculo ao redor da lareira acesa como se tivessem medo de todo aquele vazio e se unissem em busca de apoio.

– Sentem-se – disse o rei enquanto levantava e afastava a túnica para sentar-se em uma das altas e finas cadeiras.

– Você fica em pé – ordenou Lash ao Sr. D, que de maneira obediente se posicionou atrás de seu assento.

As chamas não estalavam de alegria ao consumir a lenha que lhes tinham dado vida e as alimentavam. As cadeiras de balanço não rangeram quando o rei e Lash colocaram seus pesos sobre elas. As aranhas não emitiram som quando cada uma caiu no centro de sua rede, como se estivessem preparadas para presenciar a reunião.

– Você e eu temos uma causa comum – disse Lash.

– Parece acreditar nisso.

– Acredito que sua raça acharia a vingança atraente.

Quando o rei sorriu, aquele estranho tremor desceu até o sexo de Lash.

– Está mal-informado. A vingança não é mais que uma defesa emocional contra um desprezo recebido.

– Está me dizendo que isso não está à sua altura? – Lash se inclinou para trás e colocou sua cadeira em movimento, levando-a para frente e para trás. – Hum… posso ter julgado mal sua raça.

– Sim, somos mais sofisticados que isso.

– Ou talvez sejam só um bando de maricas.

O sorriso desapareceu.

– Somos muito superiores àqueles que acreditam nos haver aprisionado. Na verdade, preferimos nossa própria companhia. Acredita que não

projetamos este resultado? Tolo. Os vampiros são somente a base rudimentar a partir da qual evoluímos, são chimpanzés quando comparados ao nosso raciocínio superior. Gostaria de permanecer entre animais se pudesse viver em uma civilização junto da sua própria espécie? É obvio que não. Os iguais se encontram. Os iguais precisam uns dos outros. Aqueles com mentes semelhantes e superiores devem ser alimentados somente por aqueles de *status* similar. – Os lábios do rei se elevaram. – Sabe que isso é verdade. Você também não ficou onde começou, não é mesmo?

– Não, não fiquei. – Lash exibiu as presas pensando que ele também não se encaixou no mundo dos vampiros, da mesma forma que os *sympathos*. – Agora estou onde preciso estar.

– Então, você pode entender. Se não tivéssemos desejado o resultado exato que obtivemos nesta colônia, poderíamos ter empreendido não precisamente uma vingança, mas, sim, uma ação corretiva de maneira que nosso destino fosse favorável aos nossos interesses.

Lash parou de se balançar.

– Se não está interessado em uma aliança, poderia ter me dito isso em um maldito *e-mail*.

Uma estranha luz cintilou nos olhos do rei, uma que fez que Lash se sentisse ainda mais excitado, mas que também o repugnou. Ele não era homossexual, mas… bem, que inferno, seu pai gostava dos machos, e talvez algo disso estivesse no sangue dele também.

E não é que aquilo daria ao Sr. D algo pelo que rezar?

– Mas se tivesse enviado um *e-mail*, não teria o prazer de conhecê-lo. – Aqueles olhos vermelhos-rubi percorreram o corpo de Lash. – E isso teria sido um assalto aos meus sentidos.

O pequeno texano limpou a garganta, como se estivesse se engasgando com a língua.

Quando a tosse desaprovadora se desvaneceu, a cadeira do rei começou a se mover para frente e para trás silenciosamente.

– Entretanto, há algo que poderia fazer por mim… algo que, por sua vez, faria que eu me sentisse obrigado a proporcionar o que busca… que é localizar vampiros, não é? Essa vem sendo a longa luta da Sociedade Redutora. Encontrar vampiros dentro de seus lares ocultos.

O bastardo colocou o dedo na ferida. No verão, Lash soube onde atacar porque tinha estado nos imóveis dos que tinha matado, participando de festas

de aniversário de seus amigos, bodas de seus primos e bailes da *glymera* celebrados naquelas mansões. Agora, entretanto, o que restava da elite dos vampiros tinha se dispersado pelos subúrbios da cidade ou tinha recorrido a seus refúgios fora do estado, e ele não conhecia esses endereços. E quanto aos civis? Aí não tinha nem ideia de onde começar, porque nunca tinha confraternizado com o proletariado.

Contudo, os *sympathos* podiam sentir os outros, humanos e vampiros da mesma maneira, os viam através de paredes sólidas e alicerces de porões subterrâneos. Precisava daquele tipo de visão se quisesse fazer algum progresso; era a única coisa que faltava entre todas as ferramentas que seu pai estava lhe proporcionando.

Lash empurrou as botas de combate no chão outra vez e adotou o mesmo ritmo que o rei.

– E o que exatamente poderia obter de mim? – disse arrastando as palavras.

O rei sorriu.

– Formar casais é o nosso pilar fundamental, não é? A união de um macho e uma fêmea. Dentro dessas relações íntimas é comum a discórdia, porém. Promessas são feitas, mas não são mantidas. Pronunciam-se votos e ainda assim são descartados. Medidas devem ser tomadas contra essas transgressões.

– Parece que está falando de vingança, garotão.

Aquele rosto suave adquiriu uma expressão de autossatisfação.

– Não, não é vingança. Uma ação punitiva. Onde uma morte estaria envolvida… é apenas o que a situação requer.

– Morte, hum? Então os *sympathos* não acreditam no divórcio?

Os olhos cor de rubi cintilaram com desprezo.

– No caso de um cônjuge infiel, cujas ações fora da cama atuam contra a essência da relação, a morte é o único divórcio.

Lash assentiu com a cabeça.

– Entendo a lógica. Então, quem é o alvo?

– Está se comprometendo a agir?

– Ainda não. – Lash não sabia exatamente o quão longe estava disposto a chegar. Sujar as mãos dentro da colônia não fazia parte de seu plano original.

O rei parou de se balançar e ficou em pé.

– Pense nisso, até que tenha certeza. Quando estiver preparado para

receber de nós o que necessita para a guerra, recorra a mim novamente e mostrarei como proceder.

Lash também se levantou.

– Por que simplesmente não mata você mesmo sua companheira?

O lento sorriso do rei foi como o de um cadáver, rígido e frio.

– Meu queridíssimo amigo, o insulto que mais reprovo não é tanto a deslealdade, a qual poderia esperar, mas antes a presunção arrogante de que eu nunca descobriria a traição. O primeiro é uma ninharia. O último é indesculpável. Agora… posso acompanhá-lo até o carro?

– Não. Sairemos sozinhos.

– Como desejar – o rei estendeu sua mão de seis dedos. – Foi um prazer…

Lash estendeu a mão, e quando as palmas se encontraram, sentiu a eletricidade lambendo seu braço.

– Sim. Seja como for. Receberá notícias minhas.

# CAPÍTULO 16

**Ela estava com ele…** oh, Deus, finalmente estava de volta com ele.

Tohrment, filho de Hharm, estava nu e pressionado contra o corpo de sua amada, sentindo a pele macia e ouvindo a respiração quando levava a mão até o seio dela. Cabelo vermelho… seu cabelo vermelho estava esparramado por todo o travesseiro e lençóis brancos que cheiravam como limões… cabelo vermelho entrelaçado ao redor do grosso antebraço.

O mamilo estava tenso contra o polegar que se movia em círculos e sentiu a suavidade dos lábios ao beijá-la profunda e lentamente. Quando estivesse suplicando por ele, colocaria o corpo sobre o dela e a tomaria por cima, penetrando-a com força, segurando-a em seu lugar.

Ela gostava do seu peso. Gostava da sensação de quando a cobria. Em sua vida juntos, Wellsie era uma fêmea independente com uma mente forte e uma teimosia que rivalizava com a de um cão bulldog, mas na cama gostava que ele ficasse por cima.

Deslizou a boca sobre o seio, sugando o mamilo, circulando-o, beijando-o.

– Tohr…

– O que, minha *leelan*? Mais? Talvez tenha de fazê-la esperar…

Mas não podia. Ocupou-se dela e acariciou o ventre e os quadris. Quando ela se retorceu, lambeu o pescoço e passou as presas pela jugular. Não podia esperar para alimentar-se. Por alguma razão, estava ávido de sangue. Talvez estivesse lutando muito.

Os dedos dela se afundaram em seu cabelo.

– Tome minha veia…

– Ainda não.

O estímulo da espera tornaria aquilo ainda melhor… quanto mais a desejasse, mais doce seria o sangue.

Deslocando-se para sua boca, beijou-a com mais força que antes, penetrando-a com a língua enquanto deliberadamente esfregava seu membro contra a coxa, uma promessa de outra invasão, mais profunda, em sua parte

inferior. Ela estava completamente excitada, sua fragrância se sobressaía ao aroma de limão dos lençóis, fazendo que as presas brotassem em sua boca e a ponta de seu sexo se umedecesse.

Sua *shellan* tinha sido a única fêmea que havia conhecido. Os dois eram virgens na noite de seu acasalamento… e ele nunca desejou mais ninguém.

– Tohr…

Deus! Amava o som baixo de sua voz. Amava tudo nela. Foram prometidos um ao outro antes de nascerem, e no momento em que se conheceram foi amor à primeira vista. O destino foi gentil com eles.

Deslizou a palma até sua cintura e então…

Deteve-se, compreendendo que alguma coisa estava errada. Alguma coisa…

– Seu ventre… seu ventre está plano.

– Tohr…

– Onde está o pequeno? – retirou-se, sentindo pânico. – Estava grávida. Onde está o pequeno? Está bem? O que aconteceu… você está bem?

– Tohr…

Ela abriu os olhos, e o olhar que conhecia há centenas de anos se concentrou nele. Uma tristeza, do tipo que o fazia desejar não ter nascido nunca, eliminou o rubor sexual de seu belo rosto.

Aproximando-se dele, colocou a mão em seu rosto.

– Tohr…

– *O que aconteceu*?

– Tohr…

O brilho em seus olhos e o tremor de sua voz encantadora o partiram pela metade. Logo começou a se distanciar, o corpo começou a desaparecer sob as mãos, o cabelo vermelho, o rosto refinado, os olhos desesperados começaram a se desvanecer até que diante dele houvesse apenas travesseiros. Logo, com um golpe final, o aroma de limão dos lençóis e sua fragrância límpida deixaram seu nariz, substituídos pelo nada…

Tohr levantou-se com um salto do colchão, com os olhos alagados de lágrimas, com o coração dolorido como se pregos atravessassem seu peito. Respirando com dificuldade, agarrou o peito e abriu a boca para gritar.

Não veio qualquer som. Não tinha forças.

Caindo para trás sobre os travesseiros, limpou a face úmida com mãos trêmulas e tentou acalmar aquele inferno. Quando finalmente recuperou o

fôlego, franziu a testa. Seu coração saltava dentro do peito, mais vibrando que batendo, e um enjoo causado pelos espasmos irregulares fazia sua cabeça girar em um redemoinho.

Levantando a camiseta, baixou o olhar até o peito e o tronco encolhidos e desejou que seu corpo continuasse falhando. As crises estavam acontecendo com crescente regularidade e força, e desejava demais que se organizassem de uma vez e o ajudassem a despertar morto. Se quisesse ir ao Fade para estar com seus entes queridos, o suicídio não era uma opção, mas ele estava agindo sob o pressuposto de que podia negligenciar a si mesmo até a morte. O que tecnicamente não era um suicídio, como seria se disparasse um tiro ou amarrasse um nó ao redor do pescoço, ou cortasse os pulsos.

O aroma de comida que chegava do corredor fez que olhasse o relógio. Quatro da tarde. Ou era da manhã? As cortinas estavam fechadas, assim não sabia se as persianas estavam levantadas ou baixadas.

A batida na porta foi suave.

O que, graças aos céus, significava que não era Lassiter, que simplesmente entrava sempre que queria. Evidentemente os anjos caídos não conheciam muito de boas maneiras. Nem de privacidade. Nem de qualquer tipo de limites. Estava claro que aquele anjo brilhante foi chutado do céu porque Deus não gostava muito mais de sua companhia do que Tohr.

A batida se repetiu. Então, devia ser John.

– Sim – disse Tohr, deixando cair a camiseta enquanto se elevava para recostar-se sobre os travesseiros. Seus braços, uma vez fortes como guindastes, lutaram sob o peso dos ombros caídos.

O garoto, que já não era mais um garoto, entrou levando uma bandeja pesada carregada de comida e uma expressão cheia de otimismo infundado.

Tohr examinou o conteúdo com o olhar enquanto a carga era colocada na mesinha de cabeceira. Frango com ervas, arroz com açafrão, feijões verdes e pão fresco.

A porcaria poderia ser muito bem carne de animal atropelado envolta em arame farpado que ele não se importaria, mas agarrou o prato, desenrolou o guardanapo, pegou o garfo e a faca e os fez entrar em ação.

Mastigar. Mastigar. Mastigar. Engolir. Mastigar mais. Engolir. Beber. Mastigar. Comer era tão mecânico quanto respirar, algo do qual era apenas levemente consciente, uma necessidade, não um prazer.

O prazer era coisa do passado… e uma tortura dentro de seus sonhos.

Quando evocava sua *shellan* contra ele, nua, sobre lençóis com aroma de limão, a fugaz imagem acendia seu corpo de dentro para fora, fazendo-o sentir-se vivo e não apenas sobrevivente. Entretanto, o golpe do encontro se desvanecia rapidamente, era como uma chama sem nenhum pavio para sustentá-la.

Mastigar. Cortar. Mastigar. Engolir. Beber.

Enquanto comia, o garoto se sentou em uma cadeira junto às cortinas fechadas, com os cotovelos nos joelhos, os punhos no queixo, era a personificação de *O Pensador*, de Rodin. John estava sempre assim ultimamente, sempre com alguma coisa em mente.

Tohrment sabia muito bem do que se tratava, mas aquilo que terminaria com a triste preocupação de John lhe doeria mais que a primeira vez de uma prostituta.

E Tohr lamentava por isso. Lamentava muito.

Cristo, por que Lassiter não pôde deixá-lo deitado onde estava naquele bosque? Aquele anjo poderia ter ficado quietinho, mas não, o maldito tinha que bancar o herói.

Tohr desviou os olhos para John, e seu olhar focou-se sobre o punho do garoto. A coisa era enorme, e o queixo e mandíbula que descansavam sobre ele eram fortes, másculos. O garoto tinha se transformado em um homem bonito, mas, bem, como filho de Darius, provinha de um bom conjunto genético. Um dos melhores.

O que o fazia pensar que… realmente parecia-se com D., uma cópia no carbono, com exceção daquela calça *jeans* azul. Darius não usaria uma daquelas nem morto, nem mesmo se fosse assinado por estilistas elegantes como as que John usava.

E para falar a verdade… D. ficava naquela exata mesma posição quando estava pensando na vida…

Um brilho prateado cintilou na mão livre de John. Era uma moeda de vinte e cinco centavos que o garoto passava ao redor dos dedos, sua versão de um tique nervoso.

Naquela noite, John estava mais silencioso que o normal. Alguma coisa tinha acontecido.

– O que aconteceu? – perguntou Tohr com voz áspera. – Você está bem?

Os olhos de John se ergueram de repente com surpresa.

Para evitar o olhar, Tohr baixou os seus, espetando um pouco de frango e

metendo-o na boca. Mastigar. Mastigar. Engolir.

John se moveu lentamente, como se quisesse evitar que a pergunta que pairava entre eles escapasse.

Tohr levantou o olhar de novo e, enquanto esperava, John meteu a moeda no bolso e gesticulou com economia e graça.

*Wrath está lutando de novo. V. acaba de contar isso a mim e aos caras*.

Tohr estava enferrujado na linguagem de sinais, mas nem tanto. A surpresa baixou seu garfo.

– Espere… Ele ainda é o rei, certo?

*Sim, mas ele disse aos Irmãos essa noite que vai voltar a ocupar seu lugar na rotação das lutas. Parece que esteve lutando sem dizer a ninguém. Acho que a Irmandade está chateada com ele.*

– Rotação? Não pode ser. Não se permite que o rei lute.

*Agora sim. E Phury também voltará*.

– Que droga é essa? O Primaz não… – Tohr franziu a testa. – Há alguma mudança na guerra? Aconteceu alguma coisa?

*Não sei*. John deu de ombros e se recostou na cadeira, cruzando as pernas à altura dos joelhos. Outra coisa que Darius sempre fazia.

Naquela pose, o filho parecia tão velho quanto o pai tinha sido, embora tivesse menos a ver com sua posição e mais com a exaustão que havia em seus olhos azuis.

– As leis não permitem isso – disse Tohr.

*Agora permitem. Wrath se reuniu com a Virgem Escriba*.

Questões começavam a zumbir na mente de Tohr, seu cérebro brigava com a carga desacostumada. No meio do redemoinho desarticulado, era difícil pensar de maneira coerente e sentia como se estivesse tentando segurar cem bolas de tênis entre os braços, e mesmo que tentasse arduamente, algumas escorregavam e ricocheteavam a seu redor, criando uma bagunça.

Deixou de tentar encontrar sentido em alguma coisa.

– Bem, isso é uma mudança… desejo boa sorte.

A respiração baixa de John resumiu tudo muito bem, e Tohr voltou a se desconectar do mundo e retornou a sua comida. Quando terminou, dobrou o guardanapo cuidadosamente e tomou o último gole do copo de água.

Ligou a TV e colocou na CNN, porque não queria pensar e não podia aguentar o silêncio. John ficou aproximadamente meia hora, e quando ficou evidente que já não suportava ficar quieto durante mais tempo, ficou em pé e

se despediu.

*Vejo você no fim da noite*.

Ah, então era o período da tarde.

– Estarei aqui.

John recolheu a bandeja e saiu sem fazer pausa, nem hesitar. A princípio, havia muito das duas ações, como se a cada vez que chegasse à porta esperasse que Tohr o detivesse e dissesse: *Estou preparado para enfrentar a vida. Vou seguir adiante como um soldado. Estou melhor o suficiente para não dar a mínima a você*.

Mas a esperança não era uma eterna primavera.

Quando a porta se fechou, Tohr afastou os lençóis das pernas finas e passou os pés sobre a beirada do colchão.

Estava preparado para confrontar algo, sim, mas não sua existência. Com um gemido e uma inclinação brusca, foi cambaleando até o banheiro, foi ao vaso e levantou o assento de porcelana. Inclinando-se, deu a ordem e seu estômago evacuou a comida sem qualquer objeção.

No início tinha de colocar o dedo na garganta, agora não mais. Só esticava o diafragma e tudo saía como ratos fugindo de um esgoto que transbordava.

–Você tem que parar com essa porcaria.

A voz de Lassiter harmonizava-se com o som da descarga. O que fazia sentido.

– Cristo, você nunca bate na porta?

– Sou Lassiter. L-A-S-S-I-T-E-R. Como é possível que ainda continue a me confundir com outra pessoa? Será que preciso de um crachá?

– Sim e vamos colocar isso sobre sua boca. – Tohr apoiou o corpo sobre o mármore e deixou a cabeça cair entre as mãos. – Sabe, você pode voltar para sua casa. Pode ir embora quando quiser.

– Tome uma atitude, então. Pois só assim isso vai acontecer.

– Agora tenho uma razão para viver.

Com um movimento, o anjo subiu e sentou na bancada do banheiro.

– Então, o que vamos fazer esta noite? Espere, deixe-me adivinhar, vamos sentar e permanecer em um silêncio sombrio. Ou quem sabe… você queira mudar as coisas e ficar deitado chorando.

Com uma maldição, Tohr se levantou e foi abrir a ducha, com a esperança de que se ignorasse aquele cretino, Lassiter cansaria e iria arruinar a tarde de outra pessoa.

– Pergunta – disse o anjo. – Quando vamos cortar esse ninho que está crescendo em sua cabeça? Se essa coisa ficar mais longa, vamos ter de usar um cortador de grama.

Quando Tohr tirou a camiseta e a cueca, desfrutou do único consolo que tinha quando sofria a companhia de Lassiter: expor-se diante do filho da mãe.

– Caramba, olha só isso – resmungou Lassiter. – Sua bunda parece dois pneus murchos. Hum, acho que Fritz tem uma bomba de ar lá no porão…

– Você não gosta da vista? Já sabe onde está a porta. É aquela em que nunca bate.

Tohr não deu tempo para a água esquentar, simplesmente se meteu sob a ducha e se limpou sem nenhuma boa razão que soubesse – não tinha orgulho, assim não importava nem um pouco com o que outros pensassem de sua higiene.

Vomitar tinha um propósito. A ducha… talvez fosse apenas um hábito.

Fechando os olhos, abriu os lábios e ficou em pé encarando o jato. A água lambeu o interior da boca varrendo a bílis, e quando a ardência deixou a língua, um pensamento entrou em seu cérebro.

*Wrath estava lá fora lutando. Sozinho*.

– Ei, Tohr.

Ele franziu a testa. O anjo nunca dizia seu nome próprio.

– O que foi?

– Esta noite é diferente.

– Sim, apenas se me deixar em paz. Ou se enforque no banheiro. Há seis duchas para escolher aqui dentro.

Tohr pegou o pedaço de sabonete e o passou sobre o corpo, sentindo os duros e agudos impulsos dos ossos e articulações através da pele fina.

*Wrath lá fora sozinho*.

Xampu. Enxaguar. Voltar à ducha. Abrir a boca.

*Fora. Sozinho*.

Quando terminou a ducha, o anjo estava no centro do banheiro com uma toalha, todo amabilidade e um pé no saco.

– Esta noite é diferente – disse Lassiter suavemente.

Tohr encarou de fato o anjo, vendo-o pela primeira vez, mesmo tendo passado quatro meses juntos. Ele tinha o cabelo preto e loiro, tão longo quanto o de Wrath, mas, apesar de todo esse estilo Cher descendo pelas costas, não era nenhum efeminado. Seu guarda-roupa parecia ter saído

diretamente do exército, camisetas negras, calças de camuflagem e botas de combate, mas não era totalmente um soldado. O idiota estava perfurado como uma almofada de agulhas e tinha tantos acessórios quanto uma caixa de joias, com aros de ouro e correntes penduradas nos buracos que tinha nas orelhas, pulsos e sobrancelhas. E podia apostar que tinha acessórios no peito e mais abaixo da cintura – algo em que Tohr se negava a pensar. Não precisava de ajuda para vomitar, muito obrigado.

Quando a toalha trocou de mãos, o anjo disse com gravidade.

– Hora de acordar, Cinderela.

Tohr estava a ponto de dizer que essa era a Bela Adormecida quando uma lembrança surgiu como se tivesse sido injetada em seu cérebro. Era a da noite em que salvou a vida de Wrath lá em 1958, e as imagens chegaram com a clareza do dia em que estava vivendo.

O rei estava fora. Sozinho. No centro da cidade.

Meio morto e sangrando sobre a sarjeta.

Um Ford Edsel o atropelou. Uma porcaria de um Edsel conversível azul como a sombra de olho de uma garçonete.

Pelo que Tohr pôde deduzir mais tarde, Wrath devia estar perseguindo um *redutor* a pé, e ao cruzar uma esquina à toda, esse carro grande como uma lancha o atingiu. Tohr estava a dois quarteirões de distância e ouviu o chiado dos freios e o impacto, e estava preparado para fazer absolutamente nada.

Acidentes de trânsito humanos? Não era problema seu.

Mas então dois *redutores* passaram correndo pelo beco onde ele estava. Os assassinos fugiam como loucos sob a garoa de outono, como se algo os perseguisse, só que não havia ninguém correndo atrás de seus calcanhares. Esperou para ver se algum de seus Irmãos viria. Nenhum deles apareceu.

Não fazia sentido nenhum. Se um assassino tivesse sido atingido por um carro em companhia de seus cúmplices, eles não teriam abandonado o cenário. Os outros teriam matado o motorista humano e qualquer outro passageiro, em seguida, teriam metido o seu morto no porta-malas e teriam saído fora da cena: a última coisa que a Sociedade Redutora queria era um *redutor* incapacitado derramando sangue negro sobre a rua.

Contudo, talvez fosse só coincidência. Um pedestre humano. Ou alguém em uma moto. Ou dois carros.

Tinha sido apenas uma freada. E nada disso explicaria os dois caras empalidecidos que passaram correndo junto a ele como se fossem

incendiários fugindo de um incêndio provocado.

Tohr caminhou rápido até a Rua Trade e, ao virar a esquina, captou a visão de um macho humano com um chapéu e um casaco agachado sobre um corpo encolhido que era duas vezes o seu tamanho. A esposa do homem, que estava vestida com um daqueles vestidos de saias rendadas dos anos 1950, estava em pé bem na frente dos faróis, aconchegada em seu casaco de pele.

Sua brilhante saia vermelha era da cor do sangue que havia no pavimento, mas o aroma derramado não era humano. Era vampiro. E o que tinha sido atropelado tinha um cabelo negro comprido…

A voz da mulher era estridente.

– Temos que levá-lo ao hospital…

Tohr interveio, interrompendo-a:

– Ele está comigo.

O homem levantou o olhar.

– Seu amigo… não o vi… vestido de preto… saiu do nada…

– Vou cuidar dele – nesse ponto, Tohr parou de se explicar e apenas colocou os dois humanos num estado de estupor. Uma rápida sugestão mental os enviou de volta a seu carro e os colocou em seu caminho com a impressão de que tinham atingido uma lata de lixo. Achou que a chuva se ocuparia do sangue na frente do carro e o amassado poderia ser consertado por eles mesmos.

Quando se inclinou sobre o corpo do herdeiro do trono da raça, o coração de Tohr pulsava tão rápido como um martelo hidráulico. Havia sangue por toda parte, emanando rápido de um corte na cabeça de Wrath, então, Tohr tirou a jaqueta, mordeu a manga e rasgou uma tira de couro. Depois de envolver as têmporas do herdeiro e atar a bandagem improvisada tão forte quanto possível, parou uma caminhonete que passava, apontou a arma ao motorista atrás do volante e fez que o humano conduzisse até o bairro de Havers.

Ele e Wrath viajaram na carroceria sob a chuva fria, o tempo todo manteve pressão sobre a cabeça ferida de Wrath. Uma chuva tardia de novembro, talvez dezembro. Entretanto, agradecia que não fosse verão. Sem dúvida o frio diminuiu o batimento cardíaco de Wrath e aliviou sua pressão sanguínea.

A meio quilômetro da casa de Havers, na parte luxuosa de Caldwell, Tohr havia dito ao humano que estacionasse e apagou suas lembranças em seguida.

Os minutos que Tohr levou para chegar até a clínica foram os mais

compridos de sua vida, mas conseguiu levar Wrath até lá e Havers fechou o que era o corte de uma das artérias temporais.

O dia seguinte foi crítico. Inclusive, Marissa teve de alimentar Wrath, o rei tinha perdido tanto sangue que não evoluía como se esperava, e Tohr ficou todo o tempo sentado em uma cadeira junto à cama. Enquanto Wrath continuava deitado em silêncio, Tohr sentia como se a raça inteira estivesse pendendo entra a vida e a morte. O único que podia ocupar o trono estava preso em um sonho que se distanciava por apenas uns poucos neurônios de um estado vegetativo permanente.

A notícia se espalhou, e as pessoas vinham desesperadas. As enfermeiras e o médico. Outros pacientes se detiveram sobre ele para rezar pelo rei a quem serviriam. Os Irmãos se ligavam a cada quinze minutos.

A sensação coletiva era a de que sem Wrath não havia esperança. Não havia futuro. Nada.

Entretanto, Wrath sobreviveu, despertando daquela maneira irascível que fez Thor suspirar de alívio… porque se um paciente tinha a energia para estar de saco cheio, ia superar a situação.

Na noite seguinte, depois de ter estado inconsciente durante vinte e quatro horas seguidas e tendo matado de susto a todos que lhe cercavam, Wrath desligou o monitor cardíaco, vestiu-se e se foi.

Sem dizer nenhuma palavra a nenhum deles.

Tohr esperava… alguma coisa. Não um obrigado, mas algum reconhecimento ou… algo assim. Diabos, Wrath era um filho da mãe mal-humorado, mas antes disso? Era ainda mais carrancudo. Mesmo assim… nada? Depois de ter salvado a vida do cara?

Isso o lembrou de como ele mesmo vinha tratando John. E seus Irmãos.

Tohr envolveu a toalha ao redor da cintura e voltou para o ponto mais importante da lembrança. Wrath tinha saído lá fora para lutar sozinho. Naquele ano de 1958, foi um golpe de sorte que Tohr estivesse onde estava e tivesse encontrado o rei antes que fosse tarde demais.

– Hora de acordar – disse Lassiter.

# CAPÍTULO 17

**Quando a noite se** iniciou, Ehlena rezou para não chegar atrasada ao trabalho outra vez. Com o relógio correndo, esperou no andar de cima, na cozinha, com o suco e os remédios esmagados. Foi meticulosa com a limpeza: lembrou de guardar a colher. Verificou duas vezes todas as superfícies. Até mesmo se certificou de que a sala estivesse toda arrumada.

– Pai? – chamou em direção ao porão.

Enquanto ouvia os sons de pés se arrastando e palavras sem sentido pronunciadas baixinho, pensou nos sonhos estranhos que teve durante o dia. Imaginou Rehv nas sombras com os braços pendurado nas laterais. Seu magnífico corpo nu estava iluminado como numa exposição, seus músculos se sobressaíam como num poderoso espetáculo, sua pele era de um marrom quente e dourado. Sua cabeça estava inclinada para baixo e tinha os olhos fechados como se estivesse em repouso.

Cativada e intimada, atravessou um chão de pedra fria até ele, pronunciando seu nome repetidas vezes.

Ele não respondia. Não levantava a cabeça. Não abria os olhos.

O medo correu em suas veias, seu coração estremeceu e ela se apressou para chegar até ele, mas Rehv permanecia sempre distante, um objetivo nunca realizado, um destino nunca alcançado.

Despertou com lágrimas nos olhos e um corpo que tremia. Quando a comoção sufocante retrocedeu, o significado do sonho ficou claro, mas ela não precisava que seu subconsciente dissesse o que já sabia.

Sacudindo-se para afastar esses pensamentos, voltou a gritar para baixo.

– Pai?

Quando não houve resposta, Ehlena pegou a xícara de seu pai e desceu ao porão. Foi lentamente, não porque tivesse medo de derramar o suco vermelho-sangue sobre seu uniforme branco. De vez em quando seu pai não se levantava sozinho e ela tinha de descer, e cada vez que descia os degraus por esse motivo, perguntava-se se finalmente teria ocorrido, se seu pai teria

sido chamado ao Fade.

Não estava pronta para perdê-lo. Ainda não. E não importava o quanto as coisas estivessem difíceis.

Colocando a cabeça através da porta de seu quarto, viu seu pai sentado em sua escrivaninha esculpida à mão, cheia de pilhas irregulares de papéis e velas apagadas ao seu redor.

Obrigada, Virgem Escriba.

Quando seus olhos se ajustaram à penumbra, preocupou-se que a falta de luz pudesse danificar a visão dele, mas as velas ficariam como estavam, porque não havia nenhum fósforo nem acendedor na casa. A última vez que ele tinha posto as mãos sobre um fósforo tinha sido em sua antiga casa… e tinha incendiado o apartamento porque as vozes haviam dito para que o fizesse.

Isso havia acontecido há dois anos e foi a razão pela qual ele foi colocado sob medicação.

– Pai?

Ele levantou o olhar da desordem e pareceu surpreso.

– *Filha minha, como vais esta noite*?

Sempre a mesma pergunta e sempre dava a mesma resposta no Antigo Idioma.

– *Bem, meu pai. E você*?

– *Como sempre, encantado com sua saudação. Ah, sim, a* doggen *preparou meu suco. Que amável* – seu pai pegou a caneca. – *Aonde vai?*

Isso levou à conversa de sempre a respeito de não aprovar que trabalhasse e ela explicava que o fazia porque gostava, ele dava de ombros e afirmava não entender aquela nova geração.

– *Em verdade, tenho de ir agora* – ela disse –, *mas Lusie deve chegar em questão de momentos*.

– *Sim, bom, bom. Na verdade, estou ocupado com meu livro, mas a entreterei durante um momento, como é apropriado. Entretanto, tenho de me concentrar em meu trabalho* – ele mostrou a representação física do caos de sua mente, seu gesto elegante estava em desacordo com as pilhas de papéis cheios de coisas sem sentido. – *Isto tem de ser feito*.

– *Claro que sim, pai*.

Ele terminou o suco, e quando Ehlena foi pegá-lo de sua mão, franziu a testa.

– *Certamente, a criada pode fazer isso.*

– *Gosto de ajudá-la. Ela tem muitas responsabilidades*. – E era verdade mesmo. A *doggen* tinha de seguir todas as regras dos objetos e de onde pertenciam, assim como fazer as compras e ganhar o dinheiro e pagar as contas e o vigiar. A *doggen* estava cansada. A *doggen* estava esgotada.

Mas era absolutamente necessário que a caneca subisse até a cozinha.

– *Pai, por favor, solte a caneca para que eu possa levá-la para cima. A criada teme incomodá-lo e eu gostaria de poupar-lhe essa preocupação*.

Por um momento, os olhos de seu pai se focaram em Ehlena como ele fazia antes da doença.

– *Tem um coração lindo e generoso. Tenho muito orgulho em chamá-la de filha*.

Ehlena piscou ferozmente e com voz firme disse:

– *Seu orgulho significa tudo para mim*.

Ele estendeu o braço e apertou sua mão.

– *Vá, minha filha. Vá a esse seu "trabalho" e volte para casa, junto a mim, com histórias de sua noite*.

Oh… Deus.

Era exatamente o que ele havia dito há muito tempo, quando estudava em um colégio particular, sua mãe estava viva e viviam em meio à *glymera* como pessoas importantes.

Mesmo sabendo que quando chegasse em casa não teria restado qualquer memória de sua gentileza, ela sorriu e se alimentou das saborosas migalhas do passado.

– *Como sempre, meu pai. Como sempre*.

Saiu ao som do passar de páginas e de um bico de pluma golpeando a borda de um tinteiro de cristal.

No andar de cima, enxaguou a caneca, a secou e a guardou na despensa, em seguida, certificou-se de que tudo estava como deveria na geladeira. Quando recebeu a mensagem de texto de que Lusie estava a caminho, saiu pela porta, fechou-a e se desmaterializou para a clínica.

Quando chegou ao trabalho, sentiu um grande alívio ao se portar como uma pessoa normal, chegando na hora, colocando as coisas em seu armário, jogando conversa fora antes de começar o turno.

Mas, então, quando estava próxima à cafeteira, Catya se aproximou dela, toda sorrisos.

– Então… como foi ontem à noite? Vamos, conte.

Ehlena terminou de encher o copo e escondeu uma careta depois de um profundo primeiro gole que queimou sua língua.

– Acho que "não apareceu" resume tudo.

– Não apareceu?

– Sim. Ele não apareceu e me deixou plantada.

Catya balançou a cabeça.

– Que droga…

– Não, está tudo bem. De verdade. Quero dizer, já não esperava muito. – Sim, apenas uma fantasia completa sobre o futuro, que incluía coisas como um *hellren*, uma família, uma vida que valesse a pena viver. Nada demais. – Está tudo bem.

– Sabe? Ontem à noite estive pensando. Tenho um primo que é…

– Obrigada, mas não. Do jeito que meu pai está, eu não deveria sair com ninguém. – Ehlena franziu a testa ao se lembrar de como foi rápido para que Rehv concordasse com ela a respeito disso. Apesar de parecer uma gentileza da parte dele, Ehlena não podia deixar de se sentir um pouco incomodada com aquilo.

– Cuidar do seu pai não significa…

– Ei, acho que vou cuidar do balcão da recepção durante a mudança de turno, certo?

Catya se deteve, mas os olhos da fêmea se iluminaram, lançando várias mensagens que poderiam se resumir a "quando esta garota vai acordar?".

– Irei agora mesmo – disse Ehlena, dando a volta e afastando-se.

– As coisas não duram para sempre.

– É claro que não. A maioria do pessoal do nosso turno já chegou.

Catya sacudiu a cabeça.

– Não foi o que eu quis dizer e você sabe disso. A vida não dura para sempre. Seu pai tem uma séria enfermidade psicológica e você cuida bem dele, mas ele pode ficar assim durante um século.

– Nesse caso ainda sobrará mais ou menos setecentos anos para mim. Estarei na recepção. Desculpe.

Na recepção, Ehlena se posicionou em frente ao computador e introduziu sua senha. Não havia ninguém na sala de espera porque o sol tinha acabado de se pôr, mas os pacientes começariam a chegar muito em breve e ela mal podia esperar a distração.

Revisando o cronograma de Havers, não viu nada fora do comum. Exames. Tratamentos. Cirurgias…

A campainha externa tocou e ergueu o olhar para o monitor de segurança. Havia um macho na entrada que se encolhia em seu casaco para se proteger do vento frio.

Apertou o botão do interfone e disse:

– Boa noite. Como posso ajudá-lo?

O rosto que olhou para a câmera era um que já tinha visto antes. Três noites atrás. O primo de Stephan.

– Alix? – disse. – É Ehlena. Como está…?

– Vim para saber se trouxeram ele para cá.

– Ele?

– Stephan.

– Acho que não, mas deixe-me verificar enquanto você entra.

Ehlena pressionou o botão para abrir a fechadura e foi ao computador ver a lista de pacientes internados. Revisava os nomes, um a um, enquanto abria a série de portas para Alix.

Nenhuma menção ao ingresso de Stephan como paciente.

No instante em que Alix entrou na sala de espera, o sangue em suas veias congelou ao ver a cara do macho. Os cruéis círculos escuros sob seus olhos revelavam algo mais que uma simples falta de sono.

– Stephan não voltou para casa ontem à noite – ele disse.

Rehv não gostava do mês de dezembro, e não só por causa do frio ao norte de Nova York. A noite chegava mais cedo em dezembro. O sol, aquele preguiçoso idiota, flácido, interrompia seus esforços assim que chegava as quatro e meia da tarde, e para Rehv isso significava que o "pesadelo do encontro da primeira terça-feira do mês" começava cedo.

Eram dez horas em ponto quando entrou no Parque Estadual Black Snake depois de uma viagem de carro de duas horas de Caldwell para o norte. Trez, que sempre se desmaterializava ali, sem dúvida já tinha assumido sua posição ao redor da cabana, camuflando-se e dispondo-se a atuar como um guarda.

E como testemunha também.

O fato de o cara, que era indiscutivelmente seu melhor amigo, ter de observar tudo que acontecia ali era a cereja no bolo de porcaria daquela situação. Acontece que, após tudo terminar, Rehv precisava de ajuda para

voltar para casa, e Trez era bom nesse tipo de coisa.

Xhex queria fazer isso, claro, mas não podia confiar nela. Não quando se tratava da Princesa. Se ele se descuidasse por um segundo, a cabana ia ganhar uma pintura de sangue nas paredes.

Como sempre, Rehv estacionou no lote de terra que havia ao redor da montanha. Não havia outros carros e esperava que as trilhas que se abriam nos fundos do estacionamento estivessem vazias também.

Olhando através do para-brisa, tudo parecia vermelho e plano diante de seus olhos. Mas, apesar de desprezar sua meia-irmã e odiar ter de vê-la, seu corpo não estava adormecido e frio, mas sim vivo e tinindo: dentro das calças, seu membro duro estava preparado e pronto para o que estava prestes a acontecer.

Agora, se pudesse apenas obrigar-se a sair do carro.

Pousou a mão no trinco da porta, mas não conseguiu puxá-lo.

Tudo tão calmo. Apenas o som macio do motor do Bentley perturbava o silêncio.

Sem motivo, pensou na adorável risada de Ehlena, e isso foi o que fez abrir a porta. Com um movimento rápido, tirou a cabeça do carro assim que o estômago se fechou como um punho e quase vomitou. Quando o frio acalmou sua náusea, tentou tirar Ehlena da mente. Ela era tão limpa, honrada e gentil que não podia suportar tê-la em seus pensamentos quando estava a ponto de fazer aquilo.

O que foi uma surpresa.

Proteger alguém do mundo cruel, do mortal e perigoso, do contaminado, do obsceno e do asqueroso não era seu estilo. Mas aprendeu sozinho a fazer exatamente isso quando se tratava das únicas três fêmeas normais em sua vida. Aquela que o trouxe para este mundo, aquela que ele criou como se fosse sua filha e, agora, a pequena recém-nascida que sua irmã tinha dado à luz. Confrontaria todo tipo de perigos, mataria com as próprias mãos algo que as ameaçasse, perseguiria e destruiria até mesmo a menor ameaça.

E, de alguma maneira, a cálida conversa que teve com Ehlena a colocou nesta seleta lista. O que significava que tinha de protegê-la. Junto com as outras três.

Estava conformado em viver como um prostituto, pois exigia um preço alto daquela que se aproveitava dele e, além disso, a prostituição não era nada melhor do que merecia, considerando o modo como seu verdadeiro pai tinha

forçado sua concepção em sua mãe. Mas ele assumia a responsabilidade. Ia sozinho à cabana e obrigava seu corpo a fazer o que tinha de ser feito.

Aquelas poucas pessoas normais que havia em sua vida tinham de permanecer muito, muito longe de toda aquela situação, e isso significava que quando ia até lá devia tirá-las do pensamento e do coração. Mais tarde, logo depois de ter se recuperado, tomado banho e dormido, poderia voltar a se lembrar dos olhos cor de caramelo de Ehlena, de seu perfume de canela e como riu quando conversaram. Por enquanto, afastava ela, sua mãe, sua irmã e sua amada sobrinha da mente, fechando e trancando cada lembrança que tinha em uma seção separada do cérebro.

A Princesa sempre tentava entrar em sua cabeça e não queria que soubesse nada sobre com quem se importava ou protegia.

Quando uma rajada de vento quase fechou violentamente a porta do carro, Rehv puxou o casaco de pele, saiu e fechou o Bentley. Enquanto caminhava para o início do caminho, notou que o terreno estava congelado sob os sapatos, a terra que rangia sob os pés era dura e resistente.

Tecnicamente, o parque estava fechado por causa da temporada. Uma corrente pendurada atravessava a entrada do atalho que levava para as cabanas de aluguel. Entretanto, era mais provável que fosse o clima que mantinha as pessoas afastadas, e não o serviço do Parque Adirondack. Depois de passar sobre a corrente, contornou o registro que estava pendurado em uma prancheta. Ele nunca deixava seu nome.

Sim, como se os guardas florestais humanos realmente precisassem saber o que dois *sympathos* estavam fazendo em uma daquelas cabanas.

Ceeeeerto.

Uma coisa boa em dezembro era que as florestas ficavam menos claustrofóbicas, os carvalhos e as sebes não eram mais que troncos e ramos fracos que deixavam ver bastante da noite estrelada. Ao redor deles, as árvores de folha perene estavam em festa, os ramos amaciados eram com um "viu?" a seus irmãos que agora estavam nus, vingando-se por toda a vistosa folhagem outonal que as outras árvores tinham acabado de mostrar.

Penetrando a linha de árvores, seguiu a trilha principal que ia diminuindo gradativamente. Trilhas menores se separavam à direita e à esquerda, marcadas com placas de madeira rústicas com nomes como Passeio da Turma, Ataque Relâmpago, Grande Pico e Pequeno Pico. Ele seguiu em linha reta, a respiração formava nuvens ao sair dos lábios e o som dos mocassins

sobre o chão congelado parecia muito ruidoso. No alto, a lua estava brilhante e tinha a forma de uma lâmina afiada como uma faca, que com os impulsos de *sympatho* totalmente fora de controle, parecia da cor dos olhos rubi de sua chantagista.

Trez fez sua aparição em forma de uma brisa gelada que percorria a trilha.

– Ei, cara – disse Rehv em voz baixa.

A voz de Trez flutuou no interior de sua cabeça como se a forma da Sombra do cara tivesse se condensado em uma onda cintilante.

*Termine isso logo com ela. O quanto antes conseguirmos o que você precisa, melhor*.

– As coisas são como são.

*Quanto antes. Melhor*.

– Veremos.

Trez disse um palavrão e voltou a se dissolver em uma fria rajada de vento, lançando-se para frente, fora de sua visão.

A verdade era que, por mais que Rehv odiasse vir, algumas vezes não queria partir. Gostava de fazer mal à Princesa, e ela era uma boa oponente. Inteligente, rápida, cruel. Era a única válvula de escape de seu lado mau e, como um atleta com fome de treinamento, precisava do exercício.

Além disso, talvez fosse como seu braço: a podridão fazia se sentir bem.

Rehv virou a sexta entrada à esquerda, ingressando em uma trilha pela qual só se passava uma pessoa e, logo, a cabana ficou à vista. Sob a brilhante luz da lua, as placas de madeira eram de uma cor parecida com vinho tinto.

Quando chegou à porta, estendeu a mão esquerda para frente, e ao pegar a alavanca de madeira, pensou em Ehlena e em como se preocupou o suficiente com ele para telefonar e perguntar sobre seu braço.

Durante um breve momento se permitiu um deslize e evocou o som da voz dela em seu ouvido.

*Não entendo por que não está se tratando*.

A porta escapou de sua mão, abrindo-se tão rápido que o golpeou contra a parede.

A Princesa estava em pé no centro da cabana, com as brilhantes vestes vermelhas, rubis no pescoço e os olhos vermelhos-sangue, toda a cor do ódio. Com o austero cabelo enrolado por cima do pescoço, a pele pálida e os escorpiões albinos vivos que usava como brincos, ela era a imagem de um horror requintado, uma boneca ao estilo do antigo teatro japonês *kabuki*,

construída por uma mão maligna. Sua escuridão o atingia em forma de ondas, emanando do centro do peito mesmo quando ela não se movia e o rosto permanecia despido de qualquer ruga.

Sua voz, por outro lado, era astuta como uma lâmina.

– Nada de cenas de praia esta noite em sua mente. Não, nada de praia esta noite.

Rehv cobriu Ehlena rapidamente com uma imagem de um glorioso estereótipo das Bahamas, todo sol, mar e areia. Era algo que tinha visto na TV anos atrás, em um programa especial de turismo "para escapar no fim de semana", como havia dito o locutor, com pessoas em trajes de banho passeando de mãos dadas. Dada sua vivacidade, a imagem era o suporte perfeito para seus assuntos cinzentos.

– Quem é ela?

– Quem é quem? – disse enquanto entrava.

A cabana estava quente, graças a ela, um pequeno truque de agitação molecular do ar que ficava mais forte quando estava irritada. Contudo, o calor que gerava não era alegre como o que provinha de uma lareira – era mais do tipo que sufocava quando se estava numa panela.

– Quem é a fêmea em sua mente?

– Só uma modelo de um anúncio de TV, minha queridíssima vadia – disse tão suavemente quanto ela. Sem lhe dar as costas, fechou a porta com tranquilidade. – Com ciúmes?

– Para ter ciúmes, ela teria de ser uma ameaça. E isso seria absurdo – a Princesa sorriu. – Mas acho que deve me dizer quem é ela.

– Isso é tudo o que quer fazer? Conversar? – Rehv deliberadamente deixou que seu casaco se abrisse e colocou a mão sobre o pesado membro. – Normalmente, você me quer para mais que uma conversa.

– É verdade. Seu melhor uso é para aquilo que os humanos chamam de… consolo, não é? Um brinquedo para uma fêmea que dá prazer a si mesma.

– *Fêmea* não é necessariamente a palavra que utilizaria para descrever você.

– De fato. Amada seria melhor.

Ela ergueu a mão horrenda até o coque, deslizando os dedos ossudos de três articulações sobre a cuidadosa obra, o pulso era mais fino que a haste de um garfo. O corpo não era diferente: todos os *sympathos* tinham a constituição de jogadores de xadrez, não a de zagueiros, o que resultava a

preferência da raça em lutar com a mente e não com o corpo. A vestimenta que usava não era nem masculina nem feminina, era apenas uma versão destilada dos dois sexos, e, por isso, a Princesa o desejava tanto. Gostava do corpo dele, dos músculos, a óbvia e brutal masculinidade, e gostava de ser fisicamente dominada durante o sexo… algo que, com certeza, não recebia em casa. Pelo que ele sabia, a versão *sympatho* do ato não era nada além de algumas posturas mentais seguidas de duas carícias e um suspiro por parte do macho. Além disso, poderia apostar que o tio deles tinha o pênis como o de um rato e os testículos do tamanho de borrachas de lápis.

Não que alguma vez tenha comprovado isso… mas, vamos lá, o cara não era exatamente um modelo de testosterona.

A Princesa se movia pela cabana como se estivesse exibindo sua graça, mas havia um propósito em deslocar-se de janela em janela e olhar para fora.

Que inferno, sempre com as janelas.

– Onde está seu cão de guarda esta noite? – disse ela.

– Sempre venho sozinho.

– Você mente para seu amor.

– Por que ia querer que alguém visse isto?

– Porque sou linda – deteve-se diante dos painéis de vidro mais próximos à porta. – Está ali à direita, junto ao pinheiro.

Rehv não precisava inclinar-se e olhar para saber que tinha razão. É óbvio que ela podia sentir Trez, só que não podia ter certeza absoluta de onde estava ou o que era.

Ainda assim, disse:

– Não há nada além de árvores.

– Mentira.

– Com medo das sombras, Princesa?

Quando ela olhou sobre o ombro, o escorpião albino que estava pendurado no lóbulo da orelha também fez contato visual com ele.

– O medo não é problema. É a deslealdade. Não suporto a deslealdade.

– A menos que seja você quem esteja praticando, claro.

– Oh, sou muito fiel a você, meu amor. Exceto pelo irmão de nosso pai, como já sabe – girou e levantou os ombros em toda sua altura. – Meu companheiro é o único além de você. E vim aqui sozinha.

– Suas virtudes são muitas, mas eu já disse, por favor, leve outros à sua cama. Leve uma centena de outros machos.

– Ninguém se compararia a você.

Rehv tinha vontade de vomitar cada vez que fazia um falso elogio e ela sabia. Era evidentemente por isso que insistia que ele dissesse porcarias como aquelas.

– Diga-me – ele disse para mudar de assunto. – Já que tocou no assunto de nosso tio, como vai aquele grande idiota?

– Ainda acredita que você está morto. Assim, minha parte em nosso relacionamento continua honrada.

Rehv colocou a mão no bolso do casaco de pele e tirou os duzentos e cinquenta mil dólares em rubis cortados. Atirou o feliz pacotinho ao chão próximo à borda da túnica dela e tirou o casaco. O paletó do terno e os sapatos foram retirados em seguida. Depois, as meias três quartos de seda, as calças e a camisa. Nenhuma cueca para tirar. Para que colocar uma?

Rehvenge permaneceu diante dela completamente ereto, com os pés bem plantados no chão, respirando tranquilamente, inalando e exalando com o forte peito.

– E estou preparado para completar nossa transação.

Os olhos rubis percorreram seu corpo e se detiveram em seu sexo. Abriu a boca e percorreu o lábio inferior com a língua bipartida. Nas orelhas, os escorpiões retorceram as garras em antecipação, como se respondessem a seu impulso sexual.

A Princesa apontou para a sacola de veludo.

– Pegue isso e me dê da maneira apropriada.

– Não.

– *Pegue!*

– Você gosta de se inclinar diante de mim. Por que iria estragar seu passatempo favorito?

A Princesa colocou as mãos nas longas mangas da túnica e se aproximou dele da forma suave com que se moviam os *sympathos*, praticamente flutuando sobre o chão de madeira. Quando se aproximou, ele manteve sua posição, pois preferia estar morto e decadente antes de dar um passo para trás a pessoas como ela.

Eles se encararam, e no profundo e maligno silêncio, Rehv sentiu uma terrível comunhão com ela. Eram iguais e, embora fosse um pensamento que odiava, sentia alívio em ceder à sua autêntica natureza.

– Pegue…

– Não.

Ela descruzou os braços e a mão de seis dedos rasgou o ar em direção ao rosto dele. O tapa foi forte e agudo como seus olhos rubi. Rehv se negou a deixar que sua cabeça retrocedesse pelo impacto enquanto o som reverberava tão ruidosamente quanto um prato que se quebrava.

– Quero que me pague seu tributo adequadamente. E quero saber quem é ela. Já percebi seu interesse por essa mulher antes… quando está longe de mim.

Rehv manteve o anúncio de praia aceso no cérebro, pois sabia que ela estava blefando.

– Não me inclino a você nem a ninguém, vadia. Assim, se quiser essa bolsa, vai ter de se abaixar. E quanto ao que acredita saber, está errada. Não há ninguém para mim.

Ela deu outro tapa, a ardência desceu pela medula espinhal e pulsou na cabeça de seu membro.

– Você se inclina diante de mim toda vez que vem aqui com seu patético pagamento e seu sexo faminto. Você precisa disso, precisa de mim.

Ele aproximou o rosto.

– Não adule a si mesma, Princesa. Você é uma obrigação, não uma escolha.

– Errado. Você vive para me odiar.

A Princesa pegou o membro, envolvendo-o firmemente com os dedos decrépitos. Quando sentiu o contato e a carícia, o estômago revolveu… e ainda assim a ereção se umedeceu com a atenção: embora não a achasse nem um pouco atraente, seu lado *sympatho* estava totalmente engajado na batalha de vontades. E era isso que tornava a situação tão erótica.

A Princesa se aproximou, esfregando o dedo indicador no brilho que havia na base da ereção.

– Seja lá quem for essa fêmea em sua cabeça, não pode competir com o que temos.

Rehv envolveu as mãos no pescoço de sua chantagista e a pressionou com os polegares até que ela ofegou.

– Posso arrancar sua cabeça.

– Não vai fazer isso – ela passou os lábios vermelhos e brilhantes sobre a garganta de Rehv, e o batom de pimenta o queimou. – Porque não poderíamos fazer isto se eu estivesse morta.

– Não subestime o apelo da necrofilia. Especialmente quando se trata de você – agarrou a parte de trás do coque dela e o puxou com força. – Vamos direto ao assunto?

– Depois de pegar a bolsa…

– *Isso não vai acontecer*. Eu não me inclino para ninguém. – Com a mão livre, rasgou a frente da túnica, expondo a malha fina que sempre envolvia o corpo. Girando em torno dela, forçou-a a ficar com o rosto rente à porta, puxando as dobras de cetim vermelho enquanto ela ofegava. A malha que vestia estava empapada de veneno de escorpião, e enquanto abria caminho até seu ventre, o veneno encharcava sua pele. Com sorte, poderia transar um pouco com ela enquanto ainda vestia a túnica…

A Princesa se desmaterializou para fora de suas garras e voltou a tomar forma bem diante da janela através da qual Trez conseguia ver. Com um rápido movimento, a túnica a abandonou, eliminada por sua vontade, e sua carne foi revelada. O corpo parecia a serpente que era, musculosa e muito magra, e os fios entremeados da reluzente malha dava a impressão de ter escamas quando a luz do luar se refletia sobre ela.

Seus pés estavam plantados no chão com a bolsa de rubis entre eles.

– Vai me adorar – disse isso, passando a mão entre as coxas e acariciando seu sexo. – Com a boca.

Rehv se aproximou e ficou de joelhos. Levantando o olhar para ela, disse com um sorriso:

– E você irá pegar a bolsa.

# CAPÍTULO 18

**Ehlena deteve-se fora** do necrotério da clínica, os braços envolviam o peito, o coração estava na garganta e as preces saiam dos lábios. Apesar de seu uniforme, não estava lá como uma profissional, e o cartaz de apenas funcionários teria o mesmo efeito se usasse roupas normais. Enquanto os segundos passavam lentos como séculos, olhava as letras como se tivesse esquecido como ler. A palavra *apenas* estava em uma metade da porta e *funcionários* em outra. Em letras vermelhas maiúsculas. Embaixo, estava a tradução no Antigo Idioma.

Alix tinha acabado de passar por ele com Havers ao seu lado.

*Por favor... que não seja Stephan. Por favor, não permita que esse cadáver sem identificação seja Stephan.*

O pranto que veio através das portas a fez fechar os olhos tão forte que a cabeça girou.

Ela não tinha ficado plantada afinal.

Alix saiu dez minutos depois, tinha o rosto pálido, e a parte inferior dos olhos avermelhada por causa da quantidade de vezes que enxugou as muitas lágrimas. Havers estava logo atrás dele, o médico se mostrava igualmente desconsolado.

Ehlena se adiantou e envolveu Alix nos braços.

– Sinto tanto.

– Como… como vou dizer aos pais… eles não queriam que eu viesse até aqui… oh, Deus…

Ehlena segurou o corpo trêmulo do macho até que Alix se endireitou e passou as mãos sobre o rosto.

– Ele estava ansioso para sair com você.

– E eu com ele.

Havers colocou a mão sobre o ombro de Alix.

– Quer levá-lo?

O macho olhou mais uma vez para as portas e fechou a boca até que se

transformou em apenas uma fina linha.

– Temos de começar com os… rituais mortuários… mas…

– Você gostaria que o envolvêssemos com a mortalha? – disse Havers brandamente.

Alix fechou os olhos e assentiu.

– Não podemos deixar que a mãe veja o rosto dele. Isso a mataria. Eu faria isso se não fosse…

– Vamos cuidar muito bem dele – disse Ehlena. – Pode confiar que iremos fazer isso com respeito e reverência.

– Acho que eu não conseguiria… – Alix olhou em sua direção. – Essa minha atitude é muito ruim?

– Não – disse segurando as mãos. – E eu prometo, faremos com amor.

– Mas eu deveria ajudar…

– Pode confiar em nós. – Enquanto o macho piscava rapidamente, Ehlena o guiou gentilmente, afastando-o das portas do necrotério. – É melhor você esperar em uma das salas de familiares.

Ehlena acompanhou o primo de Stephan pelo corredor até chegar nas salas de pacientes. Quando outra enfermeira passou por ali, Ehlena pediu que o levasse a uma sala de espera privada e logo voltou ao necrotério.

Antes de entrar, respirou fundo e endireitou os ombros. Quando entrou empurrando as portas, sentiu um cheiro de ervas e viu Havers em pé junto a um corpo coberto por um lençol branco. Os pés de Ehlena vacilaram.

– Meu coração está pesado – disse o médico. – Muito pesado. Não queria que aquele pobre moço visse seu parente de sangue assim, mas depois de identificar as roupas, ele insistiu. Tinha de vê-lo.

– Porque tinha de ter certeza.

Era o que ela precisaria ter feito nessa situação.

Havers levantou o lençol dobrando-o sobre o peito, e Ehlena tampou bruscamente a boca com a mão para não engasgar.

O rosto de Stephan, golpeado e sujo, estava quase irreconhecível.

Ela engoliu em seco uma vez. E outra. E uma terceira vez.

Oh, minha cara Virgem Escriba, vinte e quatro horas atrás, ele estava vivo. Vivo e no centro da cidade, desejando vê-la. Em seguida, uma má decisão de ir para um lado e não para outro o fez terminar assim, deitado sobre uma cama fria de aço inoxidável, prestes a ser preparado para seu ritual de morte.

– Vou pegar as mortalhas – disse Ehlena de repente quando Havers tirou

completamente o lençol do corpo.

O necrotério era pequeno, com apenas oito unidades de refrigeração e duas mesas de exame, mas estava bem-abastecido com equipamentos e suprimentos. As mortalhas cerimoniais eram guardadas em um armário perto da mesa, e quando abriu a porta, sentiu uma fresca rajada de ervas. As tiras de linho tinham sete centímetros e meio de largura e eram enroladas em cilindros do tamanho dos punhos de Ehlena. Embebidos em uma combinação de alecrim, lavanda e sal marinho, emanavam um aroma bastante agradável que, no entanto, fazia que ela tremesse todas as vezes que sentia aquele odor.

Morte. Era o aroma da morte.

Tirou dez rolos e os empilhou nos braços, em seguida, voltou onde estava o corpo de Stephan totalmente exposto, com apenas um tecido sobre os quadris.

Depois de um momento, Havers saiu de um vestiário que havia no fundo, usando uma túnica negra atada com uma faixa negra. Ao redor do pescoço, suspensa em uma corrente de prata longa e pesada, havia uma ferramenta cortante ornamentada, muito afiada, tão antiga que os desenhos no cabo já apresentavam as marcas do tempo.

Ehlena curvou a cabeça enquanto Havers dizia à Virgem Escriba as preces necessárias para o pacífico descanso de Stephan no Fade. Quando o médico estava pronto, passou o primeiro dos rolos de tecido aromático e começaram com a mão direita de Stephan, como era adequado. Com toda delicadeza e cuidado, ela sustentou o membro frio e cinzento no alto, enquanto Havers envolvia a carne com firmeza, voltando a colocar a tira de linho sobre si. Quando terminaram o trabalho até o ombro, moveram-se para a perna direita, depois foi a mão esquerda, o braço esquerdo e, em seguida, a perna esquerda.

À medida que tiraram o tecido dos quadris, Ehlena virou-se, como era necessário por ser fêmea. Se fosse um corpo feminino, não teria de fazer isso, contudo, um assistente macho teria feito por respeito. Depois que os quadris foram envoltos, enfaixaram o tronco até o peito e cobriram os ombros.

Com cada passada do linho, o aroma das ervas golpeava seu nariz até que sentiu como se não pudesse respirar.

Ou talvez não fosse o aroma que havia no ar; talvez fossem os pensamentos que havia em sua mente. Ele teria sido seu futuro? Será que ela teria conhecido seu corpo? Poderia ter sido seu *hellren* e o pai de seus filhos?

Perguntas que nunca seriam respondidas.

Ehlena franziu a testa. Não, na verdade, todas foram.

Cada uma delas com um não.

Enquanto passava outro cilindro ao médico da raça, imaginou se Stephan tinha vivido uma vida plena e satisfatória.

Não, pensou. Foi trapaceado. Totalmente trapaceado.

Enganado.

O rosto foi o último a ser coberto, e levantou a cabeça de Stephan enquanto o doutor enrolava o linho lentamente. Ehlena respirava com dificuldade, e assim que Havers cobriu os olhos, uma lágrima se desvencilhou de seu rosto e caiu sobre a mortalha branca.

Havers colocou a mão sobre o ombro dela brevemente e, então, terminou o trabalho.

O sal que havia nas fibras do linho funcionava como um selador para que nenhum fluido escoasse através do tecido, e o mineral também preservava o corpo para o sepultamento. As ervas serviam para a função óbvia em curto prazo de mascarar qualquer odor, mas também eram emblemáticas, pois representavam os frutos da terra e os ciclos de crescimento e morte.

Com uma maldição, ela voltou para o armário e retirou uma mortalha negra, com a qual Havers e ela envolveram Stephan. O exterior negro simbolizava a carne mortal corruptível, o interior branco, a pureza e incandescência da alma dentro de seu lar eterno no Fade.

Ehlena tinha escutado uma vez que os rituais serviam a importantes propósitos além de seu aspecto prático. Eles deveriam ajudar na cura psicológica, mas estando junto ao corpo de Stephan, sentia que isso era uma grande besteira. Era uma aceitação falsa, uma patética tentativa para conter as exigências de um destino cruel com um tecido de aroma doce.

Nada além de uma capa sobre um sofá manchado de sangue.

Ficaram em pé junto à cabeça de Stephan para prestar um momento de silêncio, e logo empurraram a maca deslocando-a do fundo do necrotério para o sistema de túneis subterrâneos que seguiam até as garagens. Ali, puseram Stephan em uma das quatro ambulâncias.

– Vou levar os dois para a casa dos pais dele – disse ela.

– Precisa que alguém vá junto?

– Acho que Alix prefere que não.

– E você vai tomar cuidado? Não só com eles, mas também com sua própria segurança?

– Sim.

Cada uma das ambulâncias tinha uma pistola debaixo do banco do motorista e, assim que Ehlena começou a trabalhar na clínica, Catya lhe ensinou a atirar: sem dúvida, poderia lidar com algo que ficasse em seu caminho.

Quando Havers e ela fecharam as portas duplas da ambulância, Ehlena olhou para a entrada do túnel.

– Acho que vou voltar para a clínica pelo estacionamento. Preciso de ar.

Havers concordou.

– Vou fazer o mesmo. Acho que também preciso de ar.

Juntos andaram pela noite fria e clara.

Como o bom prostituto que era, Rehv fez tudo o que foi pedido. O fato de ter sido rude e cruel foi uma concessão ao seu livre-arbítrio – e também parte da razão pela qual a Princesa gostava dele.

Quando tudo terminou e os dois estavam esgotados – ela por ter tido orgasmos múltiplos, ele porque o veneno de escorpião tinha penetrado profundamente em sua corrente sanguínea – aqueles malditos rubis continuavam onde os tinha jogado. No chão.

A Princesa estava escancarada contra o batente da janela, ofegando com dificuldade, com os dedos de três nódulos estendidos, provavelmente porque sabia que lhe causavam náuseas. Ele estava do outro lado da cabana, tão longe dela quanto possível, cambaleando.

Enquanto tentava respirar, odiava que o ar da cabana cheirasse a sexo sujo. Da mesma maneira, o cheiro dela estava por todo seu corpo, cobrindo-o, sufocando-o a tal ponto que, apesar de ter sangue *sympatho* nas veias, sentia vontade de vomitar. Ou talvez fosse o veneno. Quem poderia saber?

Ela levantou a mão ossuda e apontou para a bolsa de veludo.

– Pegue. Essa. Bolsa.

Os olhos de Rehv se fixaram nos dela e balançou a cabeça de um lado a outro lentamente.

– É melhor você voltar para nosso tio – disse com um tom áspero. – Posso apostar que já está ausente tempo demais para que ele não desconfie.

Ele tinha razão nesse ponto. O irmão do pai deles era um calculista e desconfiado sociopata. Assim como os dois.

Tudo em família, como costumavam dizer.

A túnica da Princesa se ergueu do chão e flutuou até ela e, enquanto pairava no ar ao seu lado, retirou do bolso interno uma bandagem longa e vermelha. Deslizando-a entre as pernas, envolveu o sexo, mantendo dentro dela o que ele havia deixado. Então, se vestiu cobrindo a metade da túnica que ele tinha rasgado, formando uma dobra sob a capa superior. O cinturão de ouro, ou ao menos ele achava que era, considerando a forma como refletia a luz, foi o próximo a ser colocado.

– Mande lembranças ao meu tio – disse Rehv pronunciando bem as palavras. – Ou… não.

– Pegue… isso.

– Ou você se abaixa para pegar essa bolsa, ou vai deixá-la para trás.

Os olhos da Princesa cintilaram com o tipo de rancor que tornava tão divertido quanto discutir com assassinos, e permaneceram olhando um para o outro durante longos e hostis minutos.

A Princesa se curvou. Exatamente como ele havia dito que faria.

Para sua eterna satisfação, foi ela quem recolheu a bolsa. O momento em que pegou aquilo quase o fez gozar de novo, seu membro ameaçou ficar ereto apesar de não haver motivo algum para isso.

– Você poderia ser rei – disse ela estendendo a mão e fazendo que a bolsa de veludo com os rubis se elevasse do chão. – Mate-o e você poderá ser rei.

– E se matar você eu ficaria feliz.

– Nunca será feliz. É de uma raça diferente, vivendo uma mentira entre inferiores – ela sorriu e uma alegria verdadeira se refletiu em seu rosto. – Exceto aqui comigo. Aqui, pode ser honesto. Até o próximo mês, meu amor.

Atirou-lhe um beijo com as horríveis mãos e se desmaterializou, dissipando-se como o vapor da respiração no ar frio.

Os joelhos de Rehv cederam e ele desabou no chão, caindo como um monte de ossos. Deitado sobre as pranchas rústicas, estava consciente de tudo: os músculos das coxas com cãibras, a ardência na ponta do pênis, os espasmos compulsivos causados pelo veneno de escorpião.

Com o calor da cabana dissipado, náuseas o percorreram como uma maré fétida e oleosa, o estômago se fechou como um punho e a garganta antecipou o vômito. Ele obedeceu as ordens do corpo e abriu a boca, mas nada saiu.

Sabia muito bem que não deveria comer antes de ter um daqueles encontros.

Trez atravessou a porta tão silenciosamente que foi apenas quando as botas

do cara estavam em frente a seu rosto que Rehv notou que seu melhor amigo estava com ele.

A voz do Mouro foi amável:

– Vamos tirá-lo daqui.

Rehv esperou um intervalo da ânsia para conseguir se levantar do chão.

– Deixe… eu me vestir.

O veneno de escorpião disparou a toda velocidade através do sistema nervoso central, atingindo a autoestrada de neurônios e fazendo que arrastar o corpo até onde estavam as roupas envolvesse uma exibição vergonhosa de fraqueza. O problema era que o antídoto devia permanecer no carro, caso contrário, a Princesa o teria encontrado. E mostrar uma debilidade tão grande como essa era como entregar sua arma carregada ao inimigo.

Trez com certeza perdeu a paciência com o espetáculo, pois se aproximou e recolheu o casaco.

– Basta colocar isto para que possamos tratar de você.

– Eu… vou me vestir – era o orgulho de um prostituto.

Trez amaldiçoou e se ajoelhou com o casaco.

– Pelo amor de Deus, Rehv…

– Não… – um espasmo o interrompeu e fez que caísse sobre o chão.

Cara, aquela noite estava ruim. Pior que qualquer outra.

– Desculpe, Rehv, mas vou assumir o controle.

Trez ignorou as tentativas patéticas de Rehv para rejeitar sua ajuda, e depois de envolvê-lo com o casaco de pele, seu amigo o levantou e o carregou para fora como a peça quebrada de um equipamento.

– Não pode continuar fazendo isso – disse Trez enquanto suas pernas longas os levavam rapidamente para o Bentley.

– Vou… sim.

Para manter a ele e a Xhex vivos num mundo livre, tinha de fazer.

# CAPÍTULO 19

**Rehv acordou em seu** quarto no grande rancho Adirondack que ele usava como refúgio. Poderia dizer onde estava pelas janelas que percorriam as paredes do chão ao teto, pelo alegre fogo diante dele e pelo fato de que havia um menino nu esculpido no estribo de mogno da cama. Do que não tinha certeza era de quantas horas havia passado desde seu encontro com a Princesa. Uma? Cem?

Do outro lado do quarto escuro, Trez estava sentado em uma poltrona castanho-avermelhada, lendo à luz fraca e amarelada de uma luminária de haste fina e curvada. Rehv limpou a garganta.

– Que livro é esse?

O Mouro ergueu os olhos amendoados e o encarou com um olhar desaprovador, que Rehv poderia ter passado sem.

– Você está acordado?

– Que livro?

– É *O dicionário da morte das Sombras.*

– Leitura leve. E eu aqui pensando que você era fã de Candace Bushnell.

– Como está se sentindo?

– Bem. Ótimo. Superanimado – Rehv grunhiu enquanto impulsionava o corpo sobre os travesseiros. Apesar do casaco de pele que tinha em volta do corpo nu e das colchas, mantas e edredons de plumas que tinha em cima, continuava tão frio quanto o corpo de um pinguim, portanto, era evidente que Trez lhe tinha injetado muita dopamina. Mas pelo menos o antídoto tinha funcionado, então, a tosse e a falta de ar tinham passado.

Trez fechou lentamente a capa do antigo livro.

– Só estou me preparando, isso é tudo.

– Para ingressar no sacerdócio? Achei que aquela coisa toda de rei era mais sua especialidade.

O Mouro colocou o volume sobre a mesa baixa ao lado e levantou-se. Depois de esticar bem o corpo, aproximou-se da cama.

– Quer comer?

– Sim. Seria bom.

– Me dê uns quinze minutos.

Quando a porta se fechou atrás do cara, Rehv procurou ao redor e encontrou o bolso interior do casaco. Quando tirou o telefone e verificou o visor, não havia mensagens. Nenhuma mensagem de texto.

Ehlena não tentou entrar em contato com ele. Mas, oras, por que teria feito?

Olhou fixamente o telefone e percorreu o teclado com o polegar. Ansiava demais ouvir a voz dela, como se escutá-la pudesse apagar tudo o que tinha acontecido naquela cabana.

Como se ela pudesse fazer desaparecer as duas décadas e meia passadas.

Rehv entrou em seus contatos e fez aparecer o número dela na tela. Era provável que estivesse no trabalho, mas se deixasse uma mensagem, talvez pudesse ligar no intervalo. Hesitou, mas logo pressionou *send* e colocou o telefone na orelha.

No instante em que ouviu o sinal de chamada, teve uma imagem vívida e vil dele fazendo sexo com a Princesa, os quadris se movimentando, da luz da lua lançando sombras obscenas sobre o piso rústico.

Interrompeu a ligação com um golpe rápido, sentindo como se o corpo estivesse revestido de uma loção fétida.

Deus, não havia uma quantidade de banhos suficientes no mundo para limpá-lo a ponto de se sentir digno de falar com Ehlena. Nem sabonete, nem água sanitária, nem bucha. Enquanto a imaginava com seu uniforme de enfermeira imaculado, o cabelo loiro-avermelhado recolhido para trás em um rabo de cavalo e os silenciosos sapatos brancos, soube que se alguma vez a tocasse a mancharia pela vida toda.

Com o polegar dormente, acariciou a tela plana do telefone, como se fosse o rosto dela, em seguida, deixou que a mão caísse sobre a cama. A visão das brilhantes veias vermelhas no braço fez se lembrar de mais algumas coisas que tinha feito com a Princesa.

Nunca pensou no próprio corpo como um dom especial. Era grande e musculoso, por isso era útil, e o sexo oposto gostava dele, ou seja, tinha uma espécie de vantagem. E funcionava bem… bom, exceto pelos efeitos colaterais que a dopamina causava e a alergia ao veneno de escorpião.

Mas, na verdade, quem se importava?

Deitado na cama na quase escuridão, com o celular na mão, viu mais cenas horrorosas de seu tempo com a Princesa… ela o sugando, ele agachando-se e tomando-a por trás, sua boca entre as coxas dela. Recordou o que sentia quando sua ereção foi introduzida e os dois ficaram enganchados.

Então pensou em Ehlena medindo sua pressão… e em como tinha recuado, afastando-se dele.

Estava certa em fazer isso.

Foi um erro ligar para ela.

Com todo cuidado, moveu o polegar sobre os botões e entrou em sua agenda. Não se deteve ao apagá-la da lista de contatos e quando desapareceu, um calor inesperado encheu seu peito… indicando que, de acordo com o lado que herdou de sua mãe, tinha feito a coisa certa.

Pediria que outra enfermeira o atendesse na próxima vez que fosse à clínica. E, se voltasse a ver Ehlena, a deixaria em paz.

Trez entrou com uma bandeja com mingau de aveia, um pouco de chá e algumas torradas.

– Hum – disse Rehv sem entusiasmo.

– Seja um menino bom e acabe com isso. Na próxima refeição trarei ovos com *bacon*.

Quando a bandeja foi colocada sobre as pernas, Rehv atirou o telefone sobre o casaco e levantou a colher. De repente, e definitivamente sem nenhuma e qualquer razão em especial, disse:

– Já se apaixonou alguma vez, Trez?

– Não – o Mouro retornou para a cadeira no canto do quarto, a luminária encurvada iluminava o rosto belo e escuro dele. – Vi iAm tentar uma vez e decidi que não era para mim.

– iAm? Não brinca. Não sabia que seu irmão já tinha tido uma garota.

– Ele não fala sobre ela e nunca a conheci. Mas se sentiu muito infeliz por um tempo de uma maneira que só uma fêmea pode fazer com um cara.

Rehv mexeu a aveia com a colher.

– Acha que vai se casar um dia?

– Não – Trez sorriu, os dentes perfeitamente brancos cintilaram. – Por que pergunta?

Rehv levou a colher à boca e comeu.

– Por nada.

– Sim. Certo.

– Essa aveia está fantástica.

– Você odeia mingau.

Rehv riu um pouco e continuou comendo para se calar, pensando que o tema do amor não era sua especialidade. Mas com certeza o trabalho era.

– Aconteceu alguma coisa nos clubes? – perguntou.

– Está tudo caminhando muito bem.

– Bom.

Rehv afastou lentamente o mingau, perguntando-se por que tinha uma sensação ruim nas entranhas se tudo estava indo tão bem em Caldwell.

Provavelmente foi o mingau, pensou.

– Disse a Xhex que estou bem, certo?

– Sim – disse Trez, erguendo o livro que estava lendo. – Menti.

Xhex estava sentada atrás de sua mesa e olhava fixamente para seus dois melhores seguranças, Big Rob e Silent Tom. Eram humanos, mas eram espertos, e com os *jeans* baixos emitiam a enganosa sensação de tranquilidade que ela procurava.

– O que podemos fazer por você, chefe? – perguntou Big Rob.

Inclinando-se para frente na cadeira, tirou dez notas dobradas do bolso traseiro das calças de couro. Mostrava aquilo sem reservas, dividindo em duas pilhas e deslizando-as para os homens.

– Preciso que façam um trabalho extraoficial.

Eles concordaram com a cabeça tão rápido quanto colocaram as mãos no dinheiro.

– O que você quiser – disse Big Rob.

– Durante o verão, tivemos um *barman* que despedimos por roubar. O cara se chamava Grady. Lembram-se dele?…

– Vi aquela porcaria a respeito de Chrissy no jornal.

– Maldito idiota – Silent Tom interveio pela primeira vez.

Xhex não se surpreendeu que soubessem de toda a história.

– Quero que encontrem Grady – quando Big Rob começou a estalar as juntas dos dedos, ela balançou a cabeça. – Não. A única coisa que quero que façam é que consigam o endereço para mim. Se ele os vir, cumprimentem de longe e se afastem. Está claro? Não façam nada além de esbarrar nele.

Ambos sorriram de maneira amarga.

– Sem problema, chefe – murmurou Big Rob. – Vamos guardá-lo para

você.

– O departamento de polícia também está procurando por ele.

– Aposto que sim.

– Não queremos que a polícia saiba o que estão fazendo.

– Sem problema.

– Vou tratar de cobrir os turnos. Quanto mais rápido o encontrarem, mais feliz vou ficar.

Big Rob olhou Silent Tom. Depois de um momento, tiraram as notas de volta e as deslizaram sobre a mesa.

– Faremos a coisa certa pela Chrissy, chefe. Não se preocupe.

– Com vocês no caso, não vou me preocupar.

A porta se fechou atrás deles, e Xhex passou as mãos pelas coxas, forçando os cilícios que tinha nas pernas a entrar mais profundamente na pele. Estava louca para sair lá fora sozinha, mas com Rehv no norte e as negociações que deveriam ser feitas naquela noite, não podia deixar o clube. Eram duas coisas importantes e não poderia fazer o trabalho com Grady sozinha. Aquele detetive do departamento de homicídios a estava vigiando.

Deslocando os olhos para o telefone, quis amaldiçoar. Trez ligou para ela mais cedo para dizer que Rehv tinha terminado o negócio com a Princesa, e o som da voz do Mouro indicava o que suas palavras não diziam: o corpo de Rehv não ia mais aguentar tanta tortura.

Essa era mais uma situação que se via forçada a suportar, sentada, esperando.

A impotência não era um estado no qual se sentia à vontade, mas quando se tratava da Princesa, estava acostumada a sentir-se impotente. Há vinte anos, quando as escolhas de Xhex os tinham colocado nessa situação, Rehv havia dito que consertaria as coisas com uma condição: ela deixaria que cuidasse de tudo, do jeito dele, sem intervir. Fez que jurasse que permaneceria afastada e, embora aquilo a matasse, mantinha a promessa e convivia com a realidade de que Rehv tinha sido forçado a cair nas mãos daquela vadia por causa dela.

Maldição. Desejava que ele perdesse a paciência e a atacasse. Só uma vez. Em vez disso, continuava suportando, pagando com o corpo a dívida que Xhex fez.

Ela o transformou em um prostituto.

Xhex deixou o escritório porque não podia suportar passar mais tempo

consigo mesma, e, no clube, rezou para que acontecesse alguma das situações habituais, alguma briga, algum drogado, alguma confusão. Droga, estava tão desesperada que agarraria até mesmo um bêbado de saco cheio com seu patrão ou algum casal num canto escuro que estivesse indo longe demais nas carícias.

Precisava bater em alguma coisa e sua melhor oportunidade era com as massas. Se pelo menos houvesse…

Que sorte a dela. Todos estavam se comportando.

Miseráveis estúpidos.

Finalmente, acabou indo à seção VIP porque estava enlouquecendo os seguranças da pista ao ficar rodando por ali em busca de briga. E, além disso, tinha de usar os músculos em alguma coisa maior.

Ao atravessar a corda de veludo, seus olhos foram diretos à mesa da Irmandade. John Matthew e seus companheiros não estavam ali, mas, bom, sendo tão cedo, deveriam estar lá fora caçando *redutores*. Aqueles bebedores de cerveja Corona viriam mais tarde, se é que viriam.

Não importava se John viria.

Nem um pouco.

Aproximando-se de iAm, disse:

– Estamos prontos?

O segurança assentiu.

– Rally está com o produto preparado. Os compradores devem estar aqui em vinte minutos.

– Bom.

Dois acordos de seis dígitos com coca seriam negociados naquela noite, e com Rehv fora de combate e Trez fazendo companhia para ele no norte, ela e iAm estavam no comando das transações. Embora o dinheiro fosse trocar de mãos no escritório, o produto ia ser carregado nos carros, no beco dos fundos, porque quatro quilos de pó sul-americano puro não era o tipo de coisa que ela quisesse ver dançando pelo clube. Droga, o fato de que os compradores estavam chegando com maletas contendo dinheiro vivo era problema suficiente.

Xhex estava na porta do escritório quando avistou Marie-Terese insinuando-se a um homem com terno. O homem a olhava com pasmo e admiração, como se fosse o equivalente feminino de um carro esportivo que alguém acabava de lhe dar as chaves.

A luz cintilou na aliança de casamento que usava quando estendeu a mão para pegar a carteira.

Marie-Terese balançou a cabeça e levantou a elegante mão para detê-lo, em seguida, fez que o homem extasiado ficasse em pé e seguiu o caminho até os banheiros particulares da parte de trás, onde o dinheiro trocaria de mãos.

Xhex virou-se e viu que estava em frente à mesa da Irmandade.

Enquanto olhava o lugar onde John Matthew costumava se sentar, pensou no mais atual "John" de Marie-Terese. Xhex podia apostar que o filho da mãe que estava a ponto de soltar quinhentos dólares para transar não olhava a própria esposa com aquele tipo de excitação e luxúria. Era a fantasia. Ele não sabia nada a respeito de Marie-Terese, não tinha nem ideia de que há dois anos seu filho tinha sido sequestrado por seu ex-marido e que ela estava trabalhando para pagar o custo de poder ter de volta o menino. Para ele, ela era um lindo pedaço de carne, algo para brincar e ser deixado para trás.

Todos os "Johns" eram assim.

O de Xhex também. Era uma fantasia para ele. Nada mais. Uma mentira erótica que trazia à mente para se masturbar… na verdade, não podia culpá-lo, porque ela fazia o mesmo com ele. E a ironia era que ele era um dos melhores amantes que jamais tinha tido, embora isso se devesse ao fato de que ela poderia fazer o que quisesse a ele pelo tempo que fosse necessário para se sentir saciada e nunca havia queixas, reservas ou exigências.

A voz de iAm chegou a seu fone de ouvido.

– Os compradores acabam de entrar.

– Perfeito. Vamos acabar logo com isso.

Lidaria com as duas negociações e, em seguida, tinha um serviço particular para fazer. Agora, isso sim era algo que valia a pena esperar. Ao final da noite, ia conseguir exatamente o tipo de alívio que precisava.

Do outro lado da cidade, em um beco sem saída tranquilo em uma vizinhança segura, Ehlena estava estacionada em frente a uma modesta casa colonial, sem perspectiva de ir a algum outro lugar tão cedo.

A chave não entrava na ignição da ambulância.

Tendo terminado o que deveria ter sido a parte mais difícil da viagem – entregar Stephan a salvo nos braços de seus familiares de sangue – foi uma surpresa ver que colocar a maldita chave no contato era mais difícil.

– *Vamos lá*… – Ehlena se concentrou em estabilizar a mão. E acabou

olhando bem de perto a maneira como o pedaço de metal saltava ao redor do vão onde deveria encaixar.

Recostou-se no assento com uma maldição, sabendo que estava aumentando a infelicidade da casa, uma ambulância estacionada ali fora era uma grande e gritante declaração da tragédia.

Como se o corpo do amado filho da família não fosse o suficiente.

Girou a cabeça e olhou fixamente as janelas coloniais. Havia sombras deslocando-se do outro lado das cortinas.

Depois de entrar de ré pelo caminho de entrada, Alix entrou na casa, e ela esperou na noite fria. Um momento depois, a porta da garagem foi erguida, e Alix saiu com um macho mais velho que se parecia muito com Stephan. Ela se inclinou e apertou sua mão e, em seguida, abriram a porta traseira da ambulância. O macho teve de pôr uma mão sobre a boca enquanto ela e Alix tiravam a maca.

– Meu filho… – gemeu.

Nunca esqueceria o som daquela voz. Vazia. Sem esperança. Inconsolável.

O pai de Stephan e Alix o levaram para a casa e, assim como no necrotério, ouviu-se um pranto um momento depois. Dessa vez, entretanto, tinha sido o lamento mais agudo de uma fêmea. A mãe de Stephan.

Alix voltou no momento em que Ehlena estava empurrando a maca para o interior da ambulância e estava piscando rapidamente, como se estivesse enfrentando um forte vento. Depois de dar mais condolências e despedir-se, ela subiu até o volante e… não conseguiu ligar o maldito veículo.

Do outro lado das cortinas, viu duas silhuetas se unirem em um abraço. E logo foram três. E logo vieram mais.

Sem nenhuma razão, pensou nas janelas da casa que alugava para ela e seu pai, todas cobertas com papel alumínio, isolando o mundo lá fora.

Quem estaria junto a seu corpo quando sua vida acabasse? Seu pai sabia quem era ela a maior parte do tempo, mas raramente estava conectado a ela. Os funcionários da clínica eram muito amáveis, mas isso era trabalho, não era pessoal. E pagava Lusie para vir.

Quem cuidaria de seu pai?

Sempre achou que ele seria levado primeiro, mas, sem dúvida, a família de Stephan tinha pensado o mesmo.

Ehlena afastou o olhar e fixou no para-brisa dianteiro da ambulância.

A vida era muito curta, não importava o quanto vivesse. Quando chegava

sua vez, ninguém estava preparado para deixar amigos, familiares e as coisas que os faziam felizes, ainda que tivessem quinhentos anos, como seu pai, ou cinquenta, como Stephan.

O tempo era uma fonte interminável de dias e noites assim como a galáxia em toda sua extensão.

Isso a fez se perguntar: que diabos estava fazendo com o tempo que tinha? Seu trabalho dava um propósito, certo, e cuidava de seu pai, pois era sua família. Mas aonde estava indo? A lugar nenhum. E não apenas por estar sentada naquela ambulância com as mãos tão trêmulas que não conseguia colocar a chave na ignição.

A questão era: não queria mudar tudo. Só queria algo para si mesma, algo que a fizesse saber que estava viva.

Os profundos olhos cor ametista de Rehvenge vieram à mente como se tivessem saído do nada, e como uma câmera que vai se afastando, viu seu rosto esculpido, o penteado moicano, a roupa fina e a bengala.

Desta vez, quando se inclinou para frente com a chave, a coisa entrou com firmeza e o motor a diesel despertou com um rugido. Quando o aquecedor soltou uma rajada de ar frio, desligou o ventilador, engatou o câmbio e saiu da casa, do beco sem saída e da vizinhança. Que já não parecia mais tão tranquila para ela.

Atrás do volante, dirigia e, ao mesmo tempo, estava ausente, cativada pela imagem de um macho que não podia ter, mas que nesse momento precisava como se fosse uma loucura.

Seus sentimentos eram errados de muitas maneiras. Pelo amor de Deus, era uma traição a Stephan, apesar de não o ter conhecido de verdade. Simplesmente parecia uma falta de respeito estar desejando outro macho enquanto seu corpo era chorado pelos entes queridos.

Só que teria desejado Rehvenge de qualquer maneira.

– Maldito seja.

A clínica estava do outro lado do rio e ficou satisfeita com isso, pois não poderia encarar o trabalho naquele momento. Estava muito doída, triste e zangada consigo mesma.

O que precisava era…

Uma cafeteria Starbucks. Oh, sim, precisava exatamente disso.

A uns oito quilômetros dali, em uma galeria onde havia um supermercado, uma floricultura, uma butique e uma locadora, encontrou uma Starbucks que

permanecia aberta até as duas da manhã. Estacionou a ambulância e saiu.

Quando deixou a clínica com Alix e Stephan, não teve a ideia de levar o casaco, assim encolheu-se junto à bolsa, correu pela calçada e atravessou a porta com pressa. No interior, o lugar era como a maioria: detalhes em madeira, chão de ladrilhos cinza-escuro, muitas janelas, cadeiras estofadas e pequenas mesas. No balcão havia canecas a venda e havia uma vitrine com *cinnamon roll* de limão, *brownies* e doces, e havia dois humanos com vinte e poucos anos manuseando as máquinas de café. O ar cheirava a avelã, café e chocolate, e esse aroma apagou de seu nariz o persistente cheiro de ervas da mortalha.

– Posso ajudá-la? – perguntou o cara mais alto.

– Café com leite quente, com espuma, sem creme. Copo reforçado, dois guardanapos.

O macho humano sorriu e se afastou. Tinha uma barba escura recortada e um brinco no nariz, a camiseta estava salpicada de desenhos que soletravam as palavras comedor de tomate dentro de gotas do que poderia ser sangue ou, considerando o nome da banda, *ketchup*.

– Gostaria de algo mais? Os pães doces de canela são espetaculares.

– Não, obrigada.

Os olhos dele não se afastaram dela enquanto se encarregava de seu pedido, e para evitar ter de lidar com a atenção, procurou na bolsa e checou o telefone no caso de Lusie…

*CHAMADA PERDIDA. Visualizar?*

Pressionou o *sim*, rezando para que não se tratasse de seu pai…

O número de Rehvenge apareceu, embora não seu nome, porque não tinha registrado no telefone. Olhou fixamente os dígitos.

Deus! Era como se ele tivesse lido a mente dela.

– Seu café. Olá?

– Desculpe – guardou o telefone, pegou o café e agradeceu.

– Reforcei colocando dois copos como pediu. O guardanapo também.

– Obrigada.

– Ei, trabalha em um dos hospitais por aqui? – perguntou, observando o uniforme.

– Em uma clínica particular. Obrigada outra vez.

Saiu rapidamente e entrou na ambulância. Quando estava novamente atrás do volante, travou as trancas das portas, girou a chave e ligou o aquecimento

imediatamente, porque o ar que saía ainda estava morno.

O café estava realmente bom. Superquente. O sabor perfeito.

Pegou o telefone outra vez, foi à lista de chamadas recebidas e selecionou o número de Rehvenge.

Respirou fundo e tomou um grande gole do café.

E pressionou *send*.

---

Colunista de um jornal de Nova York que escreve sobre sexo, tendo sua coluna inspirada na série *Sex and the City*.

# CAPÍTULO 20

**Lash estacionou a Mercedes** 550 debaixo de uma das pontes de Caldwell, o sedã negro ficou indistinguível entre as sombras projetadas pelas gigantescas bases de concreto. O relógio digital que havia no painel indicou que a hora do *show* se aproximava.

Supondo que nada tivesse dado errado.

Enquanto esperava, pensou na reunião com o líder dos *sympathos*. Relembrando, não gostava mesmo do modo como o macho o fazia sentir-se. Ele transava com garotas. Ponto. Nada de machos. Jamais.

Aquela coisa idiota era para cretinos como John e seu bando de maricas.

Mudando de assunto mentalmente, Lash sorriu na escuridão, pensando que mal podia esperar para voltar a ser apresentado àqueles estúpidos. A princípio, logo depois de ter sido trazido de volta por seu pai verdadeiro, quis apressar as coisas. Afinal, John e seus meninos, sem dúvida, continuavam frequentando o ZeroSum, assim, encontrá-los não seria um problema. Mas saber o momento certo de agir era fundamental. Lash ainda estava descobrindo sua nova vida e queria estar firme quando tiver de esmagar John e matar Blay diante de Qhuinn e, em seguida, matar o idiota que o tinha assassinado.

O momento certo era importante.

Como se tivessem obedecido a um sinal, dois carros se detiveram entre alguns dos pilares. O Ford Escort era da Sociedade Redutora e o Lexus prateado era o carro dos traficantes de Grady.

Belas rodas as do Lexus. Belas rodas.

Grady foi o primeiro a sair do Escort, e quando o Sr. D e os outros dois *redutores* o seguiram, foi como olhar a evacuação de um carro de palhaços, por causa da quantidade de pessoas que estava apinhada ali dentro.

Quando se aproximaram do Lexus, dois homens usando elegantes casacos de inverno saíram dele. De maneira sincronizada, os dois machos humanos puseram a mão direita, cada um em sua própria jaqueta, e tudo que Lash pôde

pensar foi: *melhor que saiam armas e não emblemas desses bolsos*. Se Grady tivesse ferrado tudo e aqueles fossem policiais disfarçados brincando de *Miami Vice* da era moderna, as coisas iriam se complicar.

Mas não… nenhuma insígnia da polícia, só um pouco de conversa, sem dúvida na linha de "quem são estes três otários que você trouxe para nossa negociação particular?".

Grady olhou o Sr. D com o pânico de "estou fora dessa" e o pequeno texano tomou as rédeas, dando um passo adiante com uma maleta de alumínio. Depois de colocá-la sobre o porta-malas do Lexus, abriu para revelar o que pareciam ser maços de notas de cem dólares. Na verdade, eram apenas montes de notas de um dólar com só uma de cem por cima de cada maço. Os traficantes olharam para baixo e…

Dois tiros.

Grady saltou para trás enquanto os traficantes caíam ao chão como dois montes de roupa, e sua boca ficou aberta como um vaso sanitário. Antes que começasse a dizer um monte de "Oh meu Deus o que você fez?", o Sr. D se aproximou até ficar bem perto dele, desferiu uma bofetada e o calou.

Os dois assassinos voltaram a guardar as armas nas jaquetas de couro enquanto o Sr. D fechou a mala, deu a volta e ficou atrás do volante do Lexus. Enquanto se afastava, Grady ergueu os olhos para o rosto dos homens pálido como se esperasse que também lhe dessem um tiro.

Em vez disso, voltaram ao Escort.

Depois de um momento de confusão, Grady correu atrás deles, mas quando abriu a porta traseira, os assassinos se negaram a permitir que ele entrasse no carro. Quando Grady se deu conta de que ia ser deixado para trás, começou a ficar assustado, a agitar os braços e a gritar. O que era algo muito idiota, considerando que estava a quatro metros e meio de dois caras com balas no cérebro.

Silêncio cairia bem nesse momento.

Foi evidente que um dos assassinos pensou o mesmo. Com absoluta calma, sacou a arma e mirou na cabeça de Grady.

Silêncio. Quietude. Pelo menos por parte do idiota.

Duas portas se fecharam, e o motor do Escort ligou com um estrondo. Os assassinos se afastaram, fazendo chiar os pneus e salpicando as botas e pernas de Grady com terra congelada.

Lash acendeu as luzes do Mercedes e Grady virou-se, erguendo os braços

para proteger os olhos.

Teve a tentação de atropelá-lo, mas no momento, a utilidade do homem justificava o batimento do coração.

Lash arrancou a Mercedes, deteve-se junto ao filho da mãe e baixou o vidro da janela.

– Entre no carro.

Grady abaixou os braços.

– Que diabos aconteceu…

– Feche essa maldita boca. Entre no carro.

Lash fechou a janela e esperou enquanto Grady se jogava no assento do passageiro. Enquanto o homem colocava o cinto, notou que tremia os dentes, mas não era pelo frio. O estúpido estava pálido e suando muito.

– Você está louco? – balbuciou Grady enquanto se dirigiam à estrada que percorria a lateral do rio. – Há olhos por toda parte…

– Esse era o ponto – o telefone de Lash soou e ele respondeu enquanto acelerava pela rampa em direção à estrada. – Ótimo, Sr. D.

– Acho que fizemos tudo direito – disse o texano. – Só que não consigo ver nenhuma droga. Deve estar no porta-malas.

– Estão nesse carro. Em algum lugar.

– Seguimos com o plano de nos encontrar no Hunterbred?

– Sim.

– Ouça, ah, escute, estão planejando fazer algo com este carro?

Lash sorriu na escuridão, pensando que a ganância era uma grande fraqueza para um subordinado.

– Vou pintar e comprar placas novas.

Houve um silêncio, como se o *redutor* esperasse mais.

– Oh, vai ficar bom. Sim, senhor.

Lash desligou e se virou para Grady.

– Quero conhecer todos os outros traficantes importantes da cidade. Os nomes deles, territórios, os produtos, tudo.

– Não sei se posso conseguir toda essa…

– Então, é melhor que descubra – Lash atirou o telefone no colo do homem. – Faça quantas ligações precisar. Investigue. Quero todos, cada um dos traficantes da cidade. Em seguida, quero o elefante que os alimenta. O maior traficante de Caldwell.

Grady deixou cair a cabeça contra o assento.

– Droga. Pensei que isso seria sobre… os meus negócios.

– Esse foi seu segundo engano. Comece a ligar e providencie o que quero.

– Olhe… não acho que isso seja… provavelmente eu deveria voltar para casa…

Lash sorriu para o cara, revelando as presas e fazendo os olhos brilharem.

– Você está em casa.

Grady se encolheu no assento e começou a procurar com a mão o trinco da porta, apesar de viajarem pela estrada a mais de cem quilômetros por hora.

Lash travou as portas.

– Sinto muito, está de carona agora e não paro no meio do caminho. Agora use essa droga de telefone e faça isso direito. Ou vou te desmembrar e desfrutarei de cada segundo de seus gritos.

Wrath estava do lado de fora do Abrigo sob um vento capaz de adormecer o corpo, embora não desse a mínima para o clima desagradável. Erguendo-se diante dele, a casa, que era um refúgio para vítimas de violência doméstica, era grande e acolhedora, as janelas estavam cobertas com cortinas acolchoadas, havia uma coroa de flores na porta e um tapete no primeiro degrau onde se lia bem-vindos em letras cursivas.

Como macho, ele não podia entrar, então esperou como uma escultura de jardim na dura grama marrom, rezando para que sua amada *leelan* estivesse lá dentro – e disposta a vê-lo.

Depois de ter passado o dia inteiro no escritório esperando que Beth viesse até ele, finalmente percorreu a mansão procurando-a. Quando não a encontrou, rezou para que estivesse como voluntária ali, coisa que fazia frequentemente.

Marissa apareceu na escadaria dos fundos e fechou a porta atrás dela. A *shellan* de Butch, e anterior prometida de Wrath, mostrava-se como uma típica profissional com calça e jaqueta negras, tinha o cabelo loiro torcido e recolhido em um elegante coque e seu aroma era como o do oceano.

– Beth acabou de sair – disse enquanto se aproximava dele.

– Voltou para casa?

– Foi à avenida Redd.

Wrath se enrijeceu.

– Que diab… por que ela foi até lá? – droga, sua *shellan* tinha saído sozinha em Caldwell? – Quer dizer, ela foi ao seu velho apartamento?

Marissa assentiu.

– Eu acho que ela queria voltar para onde tudo começou.

– Está sozinha?

– Até onde sei, sim.

– Jesus Cristo, ela já foi sequestrada uma vez – disse com brutalidade. Quando Marissa recuou, amaldiçoou a si mesmo. – Olhe, sinto muito. Não estou agindo de maneira muito racional.

Depois de um momento, Marissa sorriu.

– Isto pode soar mal, mas fico satisfeita que esteja nervoso. Merece estar.

– Sim, fui uma porcaria. Das grandes.

Marissa ergueu a cabeça para o céu.

– Já que estamos nesse assunto, darei um conselho para quando for procurá-la.

– Diga.

O rosto perfeito de Marissa se nivelou outra vez, e quando voltou a focar nele, sua voz adquiriu um tom triste.

– Tente não ficar nervoso. Parece um ogro quando se irrita e, neste momento, Beth precisa se lembrar do motivo pelo qual ela pode confiar em você.

– Está certo.

– Fique bem, meu senhor.

Saudou-a com uma rápida inclinação de cabeça e se desmaterializou diretamente para o endereço da Avenida Redd, onde Beth tinha um apartamento quando se encontraram pela primeira vez. Enquanto se transportava, pôde perceber muito bem o gosto que sua *shellan* sentia quando ele saía para lutar na cidade todas as noites. Querida Virgem Escriba, como ela lidava com o medo? A ideia de que as coisas pudessem não estar indo bem? O fato de que onde ele estava havia mais perigo que segurança?

Quando se materializou diante do edifício, pensou na noite que tinha ido procurá-la depois da morte de seu pai. Foi um salvador hesitante e inadequado porque seu melhor amigo tinha pedido em seu testamento para que ele a ajudasse a passar pela transição – quando ela nem sequer sabia o que era.

Sua primeira aproximação não foi boa, mas a segunda vez que tentou falar com ela? Nessa tinha ido *muito* bem.

Deus! Queria voltar a estar com ela daquela maneira. Pele nua sobre pele

nua, movendo-se juntos, ele profundamente em seu interior, marcando-a como dele.

Mas isso agora estava muito distante, se é que fosse um dia acontecer de novo.

Wrath caminhou até o pátio dos fundos; as botas eram silenciosas, sua grande sombra se projetava no chão gelado sob os pés.

Beth estava encolhida numa mesa, olhando fixamente o apartamento diante dela, exatamente como tinha feito anos antes. O vento frio fazia revoar seu cabelo escuro, dando a impressão de que estivesse sob a água e nadando entre fortes correntes.

O perfume dele deve ter chegado até ela, pois girou a cabeça bruscamente. Enquanto o olhava, sentou-se mais reta e manteve os braços ao redor do blusão que ele tinha comprado para ela.

– O que faz aqui? – perguntou.

– Marissa me disse onde estava – jogou um olhar à porta corrediça de vidro do apartamento e logo voltou a olhar para ela. – Importa se me unir a você?

– Ah… certo. Tudo bem – afastou-se um pouco enquanto ele se aproximava. – Não ia ficar aqui muito tempo.

– Não?

– Ia te ver. Não tinha certeza de quando sairia para lutar e pensei que possivelmente teria tempo antes… mas então, não sei, eu…

Ao deixar a frase no ar, ele sentou à mesa ao seu lado, os suportes chiaram quando a coisa aceitou seu peso. Queria envolvê-la com o braço, mas se conteve e esperou que a blusa estivesse fazendo bem o trabalho de mantê-la suficientemente aquecida.

No silêncio, as palavras zumbiam em sua cabeça, todas elas pertenciam à classe das desculpas, todas eram bobagens. Já havia dito que sentia muito, e ela sabia que dizia a verdade, mas levaria muito tempo até que ele conseguisse parar de pedir desculpas.

Nesta noite fria, enquanto se sentavam suspensos entre seu passado e seu futuro, tudo o que podia fazer era ficar ali sentado com ela, olhando fixamente as janelas obscurecidas do apartamento no qual ela tinha morado uma vez… antes que o destino os tivesse unido.

– Não me lembro de ter sido especialmente feliz aí dentro – disse ela baixinho.

– Não?

Ela passou a mão pelo rosto, afastando algumas mechas de cabelo dos olhos.

– Não gostava de voltar para casa do trabalho e ficar aí sozinha. Graças a Deus pelo Boo. Sem aquele gato? Quero dizer, a televisão não pode fazer muita coisa por uma pessoa.

Ela odiava ter de ficar sozinha.

– Então não desejaria voltar atrás?

– Cristo, não.

Wrath exalou.

– Fico feliz.

– Trabalhava no jornal para aquele imbecil do Dick, fazendo o trabalho de três pessoas, sem possibilidade de conseguir nada, porque eu era mulher e os meninos não formavam um clube… formavam uma conspiração – balançou a cabeça. – Mas sabe o que era o pior de tudo?

– O quê?

– Vivia com uma sensação de que algo estava acontecendo, algo importante, mas não sabia do que se tratava. Era como saber que o segredo estava ali e que era obscuro, mas simplesmente não podia alcançá-lo. Aquilo me deixava quase louca.

– Então, descobrir que não era apenas uma humana foi…

– Esses últimos meses com você foram piores – olhou para ele. – Quando penso no outono… sabia que havia alguma coisa errada. No fundo de minha mente, sabia, podia pressentir. Deixou de ir para a cama com regularidade, e se o fazia, não era para dormir. Você não conseguia se acalmar. Não comia de verdade. Nunca se alimentava. O reinado sempre o deixou tenso, mas esses últimos meses foram diferentes – voltou a olhar fixamente seu velho apartamento. – Eu sabia, mas não queria enfrentar a realidade de você estar mentindo sobre algo tão significativo e aterrador quanto estar saindo para lutar sozinho.

– Droga, não tinha intenção de fazer isso.

O perfil de Beth era belo e duro ao mesmo tempo enquanto continuava a falar.

– Acho que isso faz parte do raciocínio que há em minha cabeça neste momento. Todo o assunto me leva de volta ao modo em que estava acostumada a viver cada dia de minha vida. Depois que passei pela transição

e nos mudamos para viver com os Irmãos, senti-me tão aliviada porque finalmente soube, com certeza, o que sempre tinha me perguntado. A verdade era incrivelmente sólida. Fez que eu me sentisse a salvo – voltou-se para ele. – O problema com você? A mentira? Faz que eu sinta, mais uma vez, que não posso confiar em minha realidade. Simplesmente não me sinto a salvo. Quero dizer, todo meu mundo gira em torno de você. Meu mundo inteiro. Está tudo baseado em você, porque nosso casamento é a base da minha vida. Portanto, isso implica muito mais que o fato de estar lutando.

– Sim. – Droga. Que diabos poderia dizer?

– Sei que teve suas razões.

– Sim.

– E sei que não queria me magoar – isso foi dito com uma elevação no tom ao final, as palavras eram mais uma pergunta que uma afirmação.

– Definitivamente, não tinha essa intenção.

– Mas sabia que acabaria me magoando, não?

Wrath apoiou os cotovelos nos joelhos e se reclinou sobre os fortes braços.

– Sim, sabia. É por isso que não dormia. Sentia que estava fazendo mal ao não lhe dizer isso.

– Tinha medo de que eu não permitisse que você saísse ou algo assim? Que pudesse denunciá-lo por violar a lei? Ou…?

– O negócio é o seguinte… no final de cada noite eu voltava para casa e dizia a mim mesmo que não ia fazer outra vez. E em cada pôr do sol me encontrava atando as correntes de minhas adagas. Não queria que se preocupasse e dizia a mim mesmo que isso não continuaria. Mas você teve razão ao me chamar a atenção sobre isso. Eu não planejava parar – esfregou os olhos sob os óculos quando a cabeça voltou a doer. – Estava tão enganado e não podia enfrentar o que estava fazendo com você. Aquilo estava me matando.

A mão de Beth pousou sobre a perna dele, e Wrath congelou, o amável contato era mais do que merecia. Enquanto acariciava a coxa, voltou a encaixar os óculos escuros sobre os olhos e, com cuidado, capturou a mão dela.

Nenhum dos dois disse qualquer coisa enquanto seguravam um ao outro, palma contra palma.

Às vezes as palavras são menos valiosas que o ar que as transporta quando se trata de aproximação.

Enquanto o vento frio soprava através do pátio, levando algumas folhas marrons a passarem diante deles, acenderam-se as luzes no velho apartamento de Beth, a iluminação alagou a cozinha e a pequena sala principal.

Beth riu um pouco.

– Colocaram os móveis exatamente como coloquei os meus, o sofá contra a única parede longa.

O que significava que tinham uma vista panorâmica do casal que entrou tropeçando no escritório e se encaminhou em linha reta até a cama. Os humanos estavam entrelaçados, lábios contra lábios, quadril contra quadril e aterrissaram na cama em uma confusão, o homem montando a mulher.

Como se estivesse envergonhada pelo espetáculo, Beth desceu da mesa e pigarreou.

– Acho que será melhor que volte para o Abrigo.

– Esta noite é meu descanso na rotação. Estarei em casa a noite toda, sabe?

– Isso é bom. Trate de descansar.

Deus, a distância era horrível, mas ao menos estavam conversando.

– Quer que a acompanhe até lá?

– Vou ficar bem – Beth se aconchegou na blusa, afundando o rosto na gola. – Cara, que frio.

– Sim. Está. – Quando chegou o momento de se despedir, estava ansioso por saber como ficariam as coisas entre eles, e o medo esclarecia muito sua visão. Deus, como odiava a expressão desolada do rosto dela. – Não pode imaginar o quanto sinto por tudo isso.

Beth estendeu a mão e tocou seu queixo.

– Ouço em sua voz.

Ele pegou a mão dela e a colocou sobre o coração.

– Não sou nada sem você.

– Não é verdade – disse, afastando-se. – Você é o rei. Não importa quem seja sua *shellan*, você é tudo.

Beth se desmaterializou no ar fino, sua presença vital e cálida substituída somente com o glacial vento de dezembro.

Wrath esperou uns dois minutos, em seguida, desmaterializou-se para o Abrigo. Depois de tanto tempo alimentando-se um do outro, havia tanto de seu sangue nela que podia sentir sua presença, inclusive dentro das robustas paredes da instalação carregada de segurança e soube que ela estava

protegida.

Com o coração pesado, Wrath se desmaterializou outra vez e se dirigiu de volta à mansão: tinha pontos na perna que deviam ser retirados e uma noite inteira para passar sozinho em seu escritório.

---

Série americana de 1980 que se passa em Miami, tendo como protagonistas dois policiais.

# CAPÍTULO 21

**Uma hora mais tarde,** Trez levou a bandeja de volta à cozinha. Rehv tinha o estômago completamente revolto. Caramba, se o mingau de aveia já não era uma comida viável para depois, o que restava? Bananas? Arroz branco?

Um maldito mingau de bebê?

E não era só o sistema digestivo que estava em pedaços. Se pudesse sentir alguma coisa, tinha certeza de que teria uma enxaqueca junto com as náuseas. Cada vez que uma luz era acesa, como quando Trez entrava para verificar como estava, os olhos de Rehv piscavam automaticamente, movendo-se para cima e para baixo, em seguida, começava a salivar e a engolir compulsivamente. Então, logo após, ficava enjoado.

Quando soou seu telefone, colocou a mão sobre ele e o levou ao ouvido sem girar a cabeça. Muita coisa estava acontecendo esta noite no ZeroSum e precisava manter-se informado.

– Sim.

– Oi… você me ligou?

Os olhos de Rehv se lançaram para a porta do banheiro, onde havia uma luz suave brilhando ao redor do batente.

Oh, Deus, ele não havia tomado banho ainda.

Ainda estava coberto do sexo que teve.

Mesmo que Ehlena estivesse a três horas de carro de distância e ele não estivesse aparecendo em uma *webcam*, sentia-se um absoluto canalha só por falar com ela.

– Oi – respondeu com voz rouca.

– Você está bem?

– Sim.

O que era uma maldita mentira. E o tom rouco de sua voz deixava aquilo óbvio.

– Bem, eu, ah… vi que tinha me ligado… – quando um som estrangulado

saiu de sua boca, Ehlena se deteve. – Você está doente.

– Não…

– Pelo amor de Deus! Por favor, venha até a clínica…

– Não posso. Estou… – Deus, não podia suportar falar com ela. – Não estou na cidade.

Houve uma longa pausa.

– Levarei os antibióticos para você.

– Não. – Ela não podia vê-lo assim. Droga, ela nunca mais poderia vê-lo. Ele era asqueroso. Um prostituto sujo e asqueroso que deixava que alguém a quem odiasse o tocasse, o chupasse e o usasse, e o obrigasse a fazer o mesmo a ela.

A Princesa tinha razão. Ele era apenas um maldito consolo em forma de vampiro.

– *Rehv*? Deixe-me ir onde está…

– Não.

– Mas que droga, não faça isso com você mesmo!

– Não pode me salvar! – gritou.

Depois de sua explosão, pensou: Jesus… de onde aquilo tinha saído?

– Sinto muito… tem sido uma noite ruim para mim.

Quando Ehlena finalmente falou, sua voz foi um fino sussurro:

– Não faça isso comigo. Não me obrigue a te ver no necrotério. Não faça isso comigo.

Rehv fechou os olhos com força.

– Não estou fazendo nada com você.

– Pro inferno que não está! – sua voz falhou em um soluço.

– Ehlena…

Seu gemido de desespero veio através do telefone com muita clareza.

– Oh… Cristo. Como você quiser. Certo, vá em frente, se mate.

E desligou na cara dele.

– Que droga! – disse esfregando o rosto. – *Droga*!

Rehv se sentou e lançou o celular contra a porta do quarto. E assim que a coisa ricocheteou contra os painéis e saiu voando, deu-se conta de que tinha destroçado a única coisa que tinha com o número dela.

Com um rugido e uma corrida confusa, lançou o corpo fora da cama, e os edredons aterrissaram por toda parte. Não foi uma boa ideia. Quando os pés adormecidos tocaram o tapete, ele escorregou e caiu, voando brevemente

antes de pousar sobre o rosto. O impacto produziu um som como a explosão de uma bomba que retumbou no assoalho e se arrastou em direção ao telefone, seguindo a luz da tela que ainda brilhava.

*Por favor, oh droga, por favor, se existe um Deus…*

Estava quase lá quando a porta se abriu, errando por pouco sua cabeça e atingindo o telefone… que saiu disparado na direção contrária como um disco de hóquei. Enquanto Rehv se virava e corria em direção à coisa, gritou para Trez:

– Não atire!

Trez estava em posição de combate, levantando a pistola e apontando-a para a janela, em seguida para o armário e depois para a cama.

– Que merda foi essa?

Rehv se esticou no chão para alcançar o telefone, que estava girando em torno de si mesmo debaixo da cama. Quando o pegou, fechou os olhos e o aproximou do rosto.

– Rehv?

– Por favor…

– O quê? Por favor… o quê?

Abriu os olhos. A tela estava piscando e pressionou os botões com rapidez. Chamadas recebidas… chamadas recebidas… chamadas rece…

– Rehv, que diabos está acontecendo?

Lá estava. O número. Olhou fixamente os sete dígitos que havia depois do código de área como se fossem a combinação de seu cofre, tentando reter todos.

A tela se obscureceu e ele deixou a cabeça cair sobre o braço.

Trez se agachou ao seu lado.

– Você está bem?

Rehv se impulsionou para sair de baixo da cama e se esticou, o quarto girou como um carrossel.

– Oh… droga.

Trez guardou a arma.

– O que aconteceu?

– Deixei meu telefone cair.

– Claro. É obvio. Porque pesa o suficiente para fazer esse tipo de barulho… ei, devagar, calma. – Trez o agarrou enquanto tentava se levantar. – Aonde vai agora?

– Preciso de um banho. Preciso…

Mais imagens dele com a Princesa martelaram seu cérebro. Viu as costas arqueadas, aquela malha vermelha dividida à altura do traseiro dela, viu a si mesmo enterrado profundamente em seu sexo, pressionando até que seu membro estivesse travado dentro dela, para que seu orgasmo encontrasse o caminho certo.

Rehv pressionou os punhos contra os olhos.

– Preciso…

Oh Jesus… ele tinha orgasmos quando estava com sua chantagista. E não só uma vez, normalmente eram três ou quatro. Ao menos as garotas de seu clube, que odiavam o que faziam por dinheiro, podiam achar conforto no fato de que não gostavam daquilo. Mas o orgasmo dizia tudo, não?

As náuseas de Rehv ficaram mais fortes e, em um ataque de pânico, caminhou com os pés vacilantes e com o corpo todo curvado até o banheiro. A aveia e a torrada fizeram um trabalho muito bem-sucedido para se liberarem, e Trez estava ali para segurá-lo sobre a privada. Rehv não podia sentir a ânsia de vômito, mas tinha total certeza de que seu esôfago estava começando a rasgar porque depois de uns minutos tossindo, tentando respirar e vendo estrelas, começou a aparecer sangue.

– Deite-se – disse Trez

– Não, banho…

– Não está em condições…

– *Tenho de tirá-la de mim!* – O rugido de Rehv não só reverberou no quarto, mas por toda a casa. – Pelo amor de Deus… não posso suportá-la.

Houve um momento em que tudo cheirava a um monte de excremento: Rehv não era o tipo de pessoa que pedisse um colete salva-vidas, nem mesmo se estivesse se afogando, e nunca se queixava do acordo que tinha com a Princesa. Suportava aquilo, fazia o que tinha de fazer e pagava as consequências, porque, para ele, valia a pena o preço que pagava por manter seu segredo e o de Xhex.

*E uma parte de você gosta disso*, assinalou uma voz em seu interior. *Pode ser você mesmo sem se desculpar quando está dentro dela*.

*Vá se ferrar*, disse a si mesmo

– Desculpe ter gritado com você – disse a seu amigo com voz rouca.

– Não… está tudo bem. Não culpo você. – Trez o ergueu dos azulejos gentilmente e tentou apoiá-lo contra a pia. – Já era hora.

Rehv cambaleou para o chuveiro.

– Não – disse Trez, puxando-o. – Deixe que a água esquente.

– Não vou senti-la.

– Sua temperatura interna já tem problemas suficientes. Apenas espere mais um pouco.

Quando Trez se inclinou dentro da ducha de mármore e abriu a água, Rehv ficou olhando fixamente o pênis, o qual jazia frouxo e longo sobre a coxa. Tinha a sensação de que era o pênis de outra pessoa e isso era bom.

– Sabe que eu poderia matá-la por você – disse Trez. – Posso fazer que pareça um acidente. Ninguém saberia.

Rehv balançou a cabeça.

– Não quero que se envolva nessa porcaria. Já temos muitas pessoas envolvidas.

– A oferta vai continuar de pé.

– Está anotado.

Trez estendeu a mão para o interior da ducha e a colocou sob o jato. Com a palma debaixo da água que corria, os olhos cor de chocolate se voltaram para ele e, de repente, ficaram brancos de raiva.

– Então, só para que fique claro. Se você morrer, vou esfolar aquela vadia viva segundo a tradição Hisbe e enviarei as tiras a seu tio. Em seguida, assarei a carcaça e mastigarei a carne dos ossos.

Rehv sorriu um pouco, pensando que não era canibalismo porque geneticamente as Sombras tinham tanto em comum com os *sympathos* quanto os humanos com os frangos.

– Estilo Hannibal Lecter – murmurou.

– Você sabe como fazemos. – Trez sacudiu a água da mão. – *Sympathos*… é o que gostamos de jantar.

– Vai desprezar as vagens?

– Não, mas um delicioso vinho Chianti poderia acompanhar a refeição e algumas batatas fritas. Eu gosto de comer batatas junto com carne. Vamos, deixe-me colocá-lo em baixo da água e lavar o fedor daquela vadia.

Trez se aproximou de Rehv e o levantou do balcão.

– Obrigado – disse Rehv em voz baixa enquanto ia mancando em direção ao chuveiro.

Trez deu de ombros, sabendo muito bem que não estava falando da ajuda no banheiro.

– Você faria o mesmo por mim.

– Faria.

Sob o jato, Rehv utilizou o sabonete sobre o corpo até que a pele ficou vermelha como uma framboesa, e saiu da ducha só depois de ter realizado sua tripla lavagem. Quando deu um passo fora da água, Trez entregou uma toalha e Rehv se secou o mais rápido que pôde sem perder o equilíbrio.

– Falando em favores… – disse. – Preciso do seu telefone. Seu telefone e um pouco de privacidade.

– Certo. – Trez o ajudou a voltar para a cama e o cobriu. – Cara, que bom que este edredom não caiu sobre o fogo.

– Então, me empresta seu telefone?

– Vai jogar futebol com ele?

– Não, contanto que deixe minha porta fechada.

Trez entregou seu Nokia.

– Tome cuidado com ele. É novinho.

Quando ficou sozinho, Rehv digitou cuidadosamente e apertou *send* com esperança e uma prece, sem ter a mínima ideia se era mesmo o número correto ou não.

O telefone chamava…

– Alô?

– Ehlena, eu sinto tanto…

– Ehlena? – disse a voz feminina. – Desculpe, não há nenhuma Ehlena neste número.

Ehlena sentou-se na ambulância contendo as lágrimas por uma questão de hábito. Ninguém poderia vê-la, mas o anonimato era importante. Enquanto seu café esfriava dentro do copo duplo e o ar quente do carro fluía, ela conservava a integridade porque era o que sempre fazia.

Até que o rádio ligou com um chiado e a assustou, arrancando-a de seu paralisante desalento.

– Base para Quatro – disse Catya. – Responda, Quatro.

Enquanto Ehlena se esticava para pegar o aparelho, pensou: "vê, é exatamente por isso que nunca posso baixar a guarda. E se tivesse se entregado ao choro e tivesse de responder? Não precisava disso.".

Apertou o botão com o polegar para falar.

– Aqui é Quatro.

– Você está bem?

– Ah, sim. Só precisava… estou voltando agora mesmo.

– Não tem pressa. Leve o tempo que precisar. Só queria me certificar de que estava bem.

Ehlena deu uma olhada no relógio. Deus, eram quase duas da manhã. Esteve sentada ali fora, asfixiando a si mesma ao deixar ligado o motor e o ar quente durante quase duas horas.

– Sinto muito, não fazia ideia de que horas eram. Precisa da ambulância?

– Não, só estávamos preocupados com você. Sei que ajudou Havers com aquele corpo e…

– Estou bem – baixou a janela para deixar entrar um pouco de ar e engatou a marcha. – Vou voltar agora mesmo.

– Não se apresse. Escute, por que não fica com o resto da noite livre?

– Está tudo bem…

– Isso não é um pedido. E troquei os horários para que amanhã também fique com o dia livre. Precisa descansar depois do que aconteceu esta noite.

Ehlena queria discutir, mas sabia que daria a impressão de estar na defensiva e, além disso, se Catya já tinha decidido, não havia nada pelo que lutar.

– Está bem.

– Leve o tempo que precisar para voltar.

– Vou fazer isso. Câmbio e desligo.

Colocou o fone no lugar e se colocou a caminho da ponte que a levaria através do rio. Assim que estava acelerando na rampa, seu telefone tocou.

Então Rehv estava retornando a chamada? Não a surpreendia.

Levantou o telefone só para confirmar que era ele, não porque tivesse a intenção de atender à sua ligação.

Número desconhecido?

Apertou *send* e levou o telefone ao ouvido

– Alô?

– É você?

A voz profunda de Rehv disparou pelo seu corpo um quente estremecimento, mesmo estando de saco cheio dele. E dela mesma. Basicamente de toda a situação.

– Sim – disse. – Contudo, este não é o seu número.

– Não, não é. Meu celular sofreu um acidente.

Ela se apressou em falar antes que ele viesse com as desculpas.

– Olhe, não é da minha conta. Seja lá o que estiver acontecendo. Tem razão, eu não posso salvar você…

– E por que você quis tentar?

Ela franziu a testa. Se a pergunta tivesse sido por piedade ou acusação, simplesmente teria finalizado a ligação e trocado seu número. Mas não havia nada além de uma sincera confusão no tom da voz dele. Isso e uma exaustão absoluta.

– Eu só não entendo… a razão – murmurou ele.

A resposta dela foi simples e vinha do fundo de sua alma.

– Como não poderia?

– E se eu não merecer?

Pensou em Stephan deitado sobre aquele aço inoxidável, seu corpo frio e machucado.

– Qualquer um que tenha um coração pulsando merece ser salvo.

– É por isso que se formou enfermeira?

– Não. Me tornei enfermeira porque queria ser médica um dia. A coisa de ser uma salvadora é só minha maneira de ver o mundo.

O silêncio entre eles durou uma eternidade.

– Está em um carro? – disse ele em dado momento.

– Em uma ambulância, na verdade. Estou voltando à clínica.

– Está sozinha? – rosnou ele.

– Sim e pode cortar essa história de super-homem. Tenho uma arma sob o assento e sei como usá-la.

Uma risada sutil saiu do telefone.

– Certo, isso me excita. Desculpe, mas é o que acontece.

Ela teve de sorrir um pouco

– Você me deixa louca, sabia? Mesmo que seja um completo desconhecido, você me deixa louca.

– De certa forma, me sinto elogiado. – Houve uma pausa. – Desculpe pelo que aconteceu antes. Tive uma noite ruim.

– Sim, bom, eu também. Nas duas partes: a parte da desculpa e a da noite ruim.

– O que aconteceu?

– Aconteceram coisas demais para entrar em detalhes. E você?

– Idem.

Quando ele se moveu, houve um chiado de lençóis.

– Está na cama de novo?

– Sim. E, sim, você ainda não vai querer saber.

Ela sorriu abertamente.

– Está me dizendo que não deveria perguntar o que está vestindo?

– É isso aí.

– Estamos caindo na rotina, sabe? – ficou séria. – Sua voz soa como se estivesse realmente doente. Está rouco.

– Vou ficar bem.

– Olhe, posso levar o que precisa. Se não puder ir à clínica, posso levar os remédios a você. – O silêncio do outro lado da linha era tão denso e foi tão longo que ela acabou dizendo: – Alô? Você está aí?

– Amanhã à noite… pode se encontrar comigo?

Suas mãos apertaram com força o volante.

– Sim.

– No último andar do Commodore. Conhece o edifício?

– Conheço.

– Pode estar ali à meia-noite? No lado leste do prédio.

– Sim.

Seu suspiro pareceu de resignação.

– Vou ficar esperando. Dirija com cuidado, ok?

– Vou dirigir. E não volte a jogar seu telefone.

– Como soube?

– Porque se houvesse um espaço aberto na minha frente em lugar do para-brisa de uma ambulância, teria feito a mesma coisa.

A risada dele a fez sorrir, mas perdeu a expressão ao apertar a tecla *end* no telefone e colocá-lo na bolsa.

Apesar de estar dirigindo a uma velocidade constante de cem quilômetros e a estrada fosse reta e livre de obstáculos, sentia como se estivesse totalmente fora de controle, oscilando entre uma pista e outra, deixando um rastro de faíscas enquanto destroçava partes do veículo da clínica.

Encontrar-se com ele amanhã à noite, estar a sós com ele em um lugar privado, era exatamente a pior coisa que poderia fazer.

Mas ia fazer de qualquer forma.

# CAPÍTULO 22

**Montrag, filho de Rehm,** desligou o telefone e olhou fixamente através das portas francesas do escritório de seu pai. Os jardins, as árvores e a grama ondulada, assim como a grande mansão e todo o resto, eram seus agora, não mais um legado que herdaria algum dia.

Ao lançar um olhar sobre a extensão de terras, desfrutou da sensação de propriedade que cantava em seu sangue, mas não estava de todo satisfeito com a visão. Tudo tinha sido atingido pelo inverno, os canteiros estavam vazios, as árvores frutíferas estavam cobertas com ervas daninhas e as grandes árvores e os carvalhos tinham perdido as folhas. Como resultado disso, podia-se ver o muro de contenção e isso não era muito atrativo. Era melhor que toda aquela segurança tão antiestética estivesse coberta.

Montrag virou-se e caminhou até uma visão mais agradável, apesar de estar pendurada na parede. Com um rubor de reverência, contemplou sua pintura favorita da maneira que sempre fazia, afinal, Turner merecia veneração tanto por seu talento quanto por sua escolha de temas. Especialmente naquele trabalho: a representação do sol se pondo sobre o mar era uma obra-prima em muitos aspectos, os tons de ouro e pêssego e o vermelho profundo ardente eram uma festa para os olhos.

Tal pintura seria o orgulho de qualquer coleção.

E ele tinha três obras de Turner só naquela casa.

Com a mão que se contraiu em antecipação, pegou no canto inferior direito da moldura dourada e retirou a paisagem marítima da parede. O cofre que havia atrás se ajustava com precisão às dimensões da pintura e estava inserido na parede. Depois de colocar a combinação e girar o seletor, houve um deslocamento sutil que era quase inaudível e que não dava nenhum indício de que cada uma das travas era tão grossa quanto seu braço.

O cofre se abriu sem emitir som e acendeu uma luz interna, iluminando um espaço amontoado com estojos finos de couro de joalheria, maços de cédulas de cem dólares e documentos em pastas.

Montrag pegou um pequeno banco e subiu nele. Esticando-se para alcançar o fundo do cofre, atrás de todas as escrituras de imóveis e certificados de ações, tirou uma caixa e, em seguida, deixou o cofre e a pintura tal e qual estavam antes. Com um sentimento de excitação e possibilidade, levou a caixa metálica para a escrivaninha e tirou a chave do compartimento secreto que havia na gaveta inferior esquerda.

Seu pai tinha ensinado a combinação do cofre e a localização do esconderijo, e quando Montrag tivesse filhos, transmitiria esse conhecimento. Era assim que alguém poderia garantir que as coisas de valor não se perderiam. Transmitindo-as de pai para filho.

A tampa da caixa de títulos não se abriu da mesma maneira bem-calibrada e bem-lubrificada do cofre. Ela se abriu completamente com um rangido, as dobradiças protestaram por incomodarem seu descanso e a contragosto revelaram o que estava dentro do ventre metálico da caixa.

Ainda estavam lá. Dava graças à Virgem Escriba de que ainda estivessem ali.

Enquanto Montrag colocava a mão em seu interior, pensava em como era relativo o valor daquelas páginas que valiam em si uma fração de centavo. A tinta utilizada nas fibras também não valia mais de um centavo. E, ainda assim, pelo que nelas estava escrito, eram inestimáveis.

Sem aquelas palavras, ele corria um perigo mortal.

Tirou um dos dois documentos, sem se importar com qual, pois eram idênticos. Entre os dedos e com extremo cuidado, sustentou o equivalente vampiro de um depoimento, uma dissertação de três páginas, escrita à mão e assinada com sangue a respeito de um acontecimento de vinte e quatro anos atrás. A assinatura, reconhecida oficialmente na terceira página, estava muito malfeita, uns garranchos em marrom que mal podiam ser considerados legíveis.

Ora, foram feitos por um homem em seu leito de morte.

Rempoon, “o pai” de Rehvenge.

O documento expunha toda a desagradável verdade no Antigo Idioma: o rapto da mãe de Rehvenge por parte dos *sympathos*, sua concepção e nascimento, a fuga dela e seu posterior matrimônio com o aristocrata Rempoon. O último parágrafo era tão condenatório quanto todo o resto:

*Em nome da minha honra e da honra de meus antepassados e descendentes de sangue, refiro-me, em verdade, que nesta noite meu enteado, Rehvenge, veio sobre mim e provocou feridas mortais que ocasionaram a meu corpo, pela aplicação de suas mãos nuas sobre minha carne, minha rendição. Atuou com malícia e premeditação, atraindo-me a meu escritório com o propósito de provocar uma discussão. Eu estava desarmado. Após me ferir, ocupou-se do escritório e preparou a sala de forma que parecesse que tinha sido invadida por intrusos. Na verdade, abandonou-me sobre o chão para que a fria mão da morte capturasse minha forma corpórea e abandonou o imóvel. Fui despertado pouco tempo depois por meu querido amigo Rehm, que veio me visitar para discutir questões de negócios.*

*Não espero sobreviver. Meu enteado me matou. Esta é minha confissão final na Terra como espírito encarnado. Que a Virgem Escriba me leve ao Fade com toda sua graça e vivacidade.*

O pai de Montrag explicou mais tarde que Rempoon compreendeu bem a maior parte da situação. Rehm foi até lá para falarem de negócios e encontrou não só uma casa vazia, mas também o corpo ensanguentado de seu sócio – e fez o que qualquer macho razoável faria: ele mesmo vasculhou o escritório. Agindo com a certeza de que Rempoon estava morto, começou a tentar encontrar os papéis do negócio para que as ações que tinha com Rempoon não fossem mais propriedade dele e Rehm viesse a ser o único proprietário absoluto do próspero negócio.

Tendo êxito em sua busca, Rehm estava a caminho da porta quando Rempoon evidenciou sinais de vida e um nome brotou de seus lábios rachados.

Rehm sentia-se à vontade sendo um oportunista, mas cair no papel de cúmplice de assassinato era ir longe demais. Chamou o médico e, no tempo que Havers levou para chegar, os murmúrios de um macho agonizante relataram uma história chocante, que excedia, até mesmo, o valor da empresa. Pensando rapidamente, Rehm documentou a história e a surpreendente confissão sobre a verdadeira natureza de Rehvenge, e fez que Rempoon assinasse as páginas – transformando-as, dessa forma, em um documento legal.

Em seguida, o macho ficou inconsciente, e quando Havers chegou, já estava morto.

Rehm levou com ele tanto os documentos comerciais quanto o depoimento ao partir e foi considerado como um valente herói por tentar resgatar o macho agonizante.

Na sequência, a utilidade da confissão era óbvia, mas a sabedoria em colocar tal informação em jogo era menos óbvia. Defrontar-se com um *sympatho* era perigoso – como atestava o sangue derramado de Rempoon. O sempre intelectual Rehm ocultou a informação… até que fosse tarde demais para fazer qualquer coisa com ela.

Por lei, tinha a obrigação de entregar um *sympatho*, e Rehm tinha o tipo de prova que reunia todas as informações para denunciar alguém. Considerar, porém, suas opções durante tanto tempo o colocou na arriscada posição de proteger a identidade de Rehvenge. Se tivesse revelado isso vinte e quatro ou quarenta e oito horas depois do fato? Tudo bem. Mas uma semana? Duas semanas? Um mês…?

Tarde demais. Em vez de desperdiçar todo aquele ativo, Rehm contou a Montrag a existência do depoimento e o filho compreendeu o equívoco do pai. Não havia nada a fazer a curto prazo e havia apenas um único cenário onde isso pudesse chegar a ter algum valor – e isso aconteceu durante o verão. Rehm foi assassinado durante os ataques e o filho tinha herdado tudo, incluindo os documentos.

Não poderiam responsabilizar Montrag por seu pai não ter revelado o que sabia. Tudo o que tinha de fazer era declarar que se deparou com os papéis entre as coisas de seu pai e quando os entregasse e delatasse Rehv, estaria simplesmente cumprindo seu dever.

Nunca descobririam que ele sabia da existência de tudo aquilo desde o começo.

E nunca ninguém acreditaria que a ideia de matar Wrath não tinha sido de Rehv. Afinal, ele era um *sympatho* e não se podia confiar em nada do que dissesse. Na verdade, tudo indicaria que Rehv era mesmo o culpado, pois sendo o *lídher* do Conselho, era ele quem estava na posição que mais lucraria com a morte do rei. Razão pela qual Montrag tinha negociado com o macho a execução de tal tarefa.

Rehvenge faria sua parte do acordo com o rei, em seguida, Montrag iria ao Conselho e se prostraria diante de seus colegas. Diria que não tinha

encontrado os papéis até o momento de ter se mudado devidamente para a casa de Connecticut, um mês depois das invasões e de Rehv ter sido nomeado *lídher*. Juraria que assim que os encontrou, comunicou-se com o rei e revelou a natureza do assunto por telefone… mas Wrath o forçou a manter silêncio em razão da posição comprometedora a qual essa situação colocava o Irmão Zsadist: afinal, o Irmão era o companheiro da irmã de Rehvenge e isso significaria que tinha um parente *sympatho*.

É óbvio que Wrath não poderia desmentir, já que estaria morto e, além do mais, o rei já era malvisto por ter ignorado a "crítica construtiva" da *glymera*. O Conselho estava preparado para receber mais outro erro vindo dele, fosse verdadeiro ou forjado.

Tratava-se de uma manobra intrincada, mas ia funcionar, pois com o rei morto, o primeiro lugar onde a raça iria procurar o assassino seria dentre os membros remanescentes do Conselho, e Rehv, um *sympatho*, era o bode expiatório perfeito: é obvio que um *sympatho* faria algo assim! E Montrag contribuiria para tal conclusão ao declarar que Rehv tinha ido vê-lo antes do assassinato e que tinha falado com estranha convicção a respeito de mudanças de uma natureza sem precedentes. Além disso, as cenas do crime nunca seriam completamente esclarecidas. Sem dúvida, ficaria alguma coisa que vinculasse Rehv com a morte, fosse por estar no local de fato ou porque todo mundo estaria procurando exatamente esse tipo de evidência.

E quando Rehv acusasse Montrag? Ninguém acreditaria. Em primeiro lugar, porque era um *sympatho*, mas também porque, seguindo a tradição de seu pai, Montrag sempre cultivou uma reputação de seriedade e honra nos negócios e na sua conduta social. Até onde seus colegas membros do Conselho sabiam, ele estava acima de qualquer reprovação, incapaz de enganar alguém, um macho de valor e de linhagem impecável. Nenhum deles tinha a mínima ideia de que seu pai e ele tinham traído muitos sócios, colegas e parentes de sangue, pois eram muito cuidadosos ao escolher suas presas e manter as aparências.

O resultado? Rehv seria acusado de traição, seria preso e morreria segundo a lei dos vampiros, ou seria deportado à colônia *sympatho*, onde seria assassinado por ser um mestiço.

Qualquer resultado era aceitável.

Estava tudo estabelecido e, por isso, Montrag tinha acabado de chamar seu melhor amigo.

Pegou o depoimento, dobrou e o deslizou dentro de um envelope grande.

Pegando uma folha de seu papel timbrado personalizado de uma caixa de couro, escreveu uma rápida carta ao macho que designaria como seu subcomandante e que consolidava a queda de Rehvenge. Na nota, explicava que, assim como haviam conversado pelo telefone, havia descoberto tudo aquilo em documentos particulares de seu pai – e se o documento fosse verdadeiro, estava preocupado com o futuro do Conselho. Naturalmente, o documento seria averiguado pelo escritório de advocacia de seu colega. E, no seu devido tempo, Wrath seria morto e Rehv seria culpado por isso.

Montrag aqueceu uma haste de cera vermelha, pingou um pouco sobre a aba do envelope e selou o depoimento. Na frente, escreveu o nome do macho e, no Antigo Idioma, escreveu ENTREGAR EM MÃOS; em seguida, fechou e trancou a caixa de metal, guardou-a sob a mesa e voltou a colocar a chave no cofre da gaveta secreta.

O pressionar de um botão no telefone chamou o mordomo, que pegou o envelope e, imediatamente, passou a executar a tarefa de entregar o item nas mãos certas.

Satisfeito, Montrag levou a caixa até o cofre da parede, tirou a pintura, digitou a combinação de seu pai e colocou o depoimento que restava de volta ao seu lugar: manter uma cópia para si era uma questão de prudência, uma garantia no caso de alguma coisa acontecer com o documento que estava atravessando a fronteira de Rhode Island.

Enquanto colocava o quadro de Turner de volta ao lugar, a paisagem falou com ele, como sempre e, por um momento, permitiu-se sair da confusão que estava criando de propósito e penetrou naquele mar pacífico e encantador. Pensou que a brisa deveria ser morna.

Queridíssima Virgem Escriba, como sentia falta do verão durante aqueles meses frios, mas, era esse contraste que animava o coração. Sem o frio do inverno, as pessoas não apreciariam de fato as noites abafadas de julho e de agosto.

Imaginou onde estaria dentro de seis meses quando a lua cheia do solstício se elevasse sobre a extensa cidade de Caldwell. Em junho, ele seria rei, um monarca eleito e respeitado. Se seu pai estivesse vivo para ver isso…

Montrag tossiu. Inalou emitindo um soluço. E sentiu algo molhado na mão.

Olhou para baixo. Havia sangue cobrindo toda a frente de sua camisa.

Abrindo a boca para gritar, tentou respirar fundo, mas o que saiu foi apenas

um som gorgolejante…

Suas mãos agarraram o pescoço e encontraram sangue jorrando de sua artéria exposta. Virando-se, viu uma fêmea diante dele com um corte de cabelo masculino e calças de couro negras. A lâmina da faca na mão dela estava vermelha, e o rosto era uma máscara calma de indiferença.

Montrag caiu de joelhos diante dela e, em seguida, contorceu-se para a direita, as mãos continuavam tentando manter o sangue vital dentro do corpo e não sobre o tapete Aubusson de seu pai.

Ainda estava vivo quando ela o colocou de barriga para cima, tirou um instrumento arredondado feito de ébano e ajoelhou-se ao lado dele.

Como uma assassina, o desempenho de Xhex era medido em duas dimensões. A primeira: ela matou seu alvo? A resposta era óbvia. A segunda: foi um assassinato limpo? Quer dizer, teria algum efeito colateral, como a necessidade de outras mortes para proteger a si mesma, sua identidade e/ou a identidade do indivíduo que lhe tinha encarregado do trabalho?

Neste caso, a primeira dimensão seria muito fácil de ser constatada, considerando o modo como a artéria de Montrag tinha se transformado num cano furado. A segunda ainda estava em aberto, por isso, tinha de trabalhar rápido. Ela retirou o *lys*, um instrumento de tortura, de seu coldre de couro e não hesitou.

Agarrou-o pelo queixo e o obrigou a olhar para ela.

– Olhe para mim. *Olhe* para mim!

O selvagem olhar dele se lançou com violência ao dela e, quando o fez, Xhex apresentou a arma.

– Sabe por que estou aqui e quem me enviou. Não foi Wrath.

Ficou evidente que Montrag ainda tinha oxigênio suficiente no cérebro, pois seus lábios pronunciaram *Rehvenge* com horror, antes que os globos oculares começassem a girar mais uma vez.

Soltou-lhe o queixo e o esbofeteou com força.

– Preste atenção, imbecil. *Olhe para mim*.

Com os olhares travados e agarrando a mandíbula dele de novo, abriu-lhe ainda mais as pálpebras superior e inferior do olho esquerdo.

– *Olhe para mim*.

Quando ela pegou o *lys* e o encostou abaixo do olho esquerdo, fez uma busca em seu cérebro que desencadeou todo tipo de lembranças. Ah…

interessante. Tinha sido mesmo um verdadeiro filho da mãe, especializado em extorquir pessoas por dinheiro.

Montrag apalpou o tapete com as mãos e cravou os dedos com força enquanto borbulhava tentando dar um grito. O globo ocular saiu do crânio como se uma colherada de doce caramelizado tivesse sido retirada, de maneira perfeita, todo redondo e limpo. Com o olho direito foi a mesma coisa. Xhex colocou os dois em uma bolsa de veludo forrada enquanto os braços e pernas de Montrag se sacudiam e se debatiam sobre o caro tapete, e os lábios se retraíam para trás de maneira que os dentes ficaram expostos, incluindo os molares.

Ela o abandonou em sua morte desleixada, saiu pela porta francesa que ficava à direita, atrás do balcão, e se desmaterializou próxima à árvore onde tinha feito o reconhecimento do lugar pela primeira vez no dia anterior. Esperou ali durante aproximadamente vinte minutos, e logo observou como uma *doggen* entrou no escritório, viu o corpo e deixou cair a bandeja de prata que carregava.

Quando o bule e a porcelana caíram, Xhex levantou a tampa do telefone, apertou *send* e o levou à orelha. Quando a voz profunda de Rehv atendeu, disse:

– Está feito e o encontraram. A execução foi limpa e estou levando uma lembrança. Tempo estimado de chegada: dez minutos.

– Muito bom – disse Rehv com a voz rouca. – Muito bom mesmo.

# CAPÍTULO 23

**Wrath franziu a testa** ao falar no celular.

– Agora? Quer que vá ao norte do Estado agora?

A voz de Rehv parecia dizer "estou falando sério".

– Temos de conversar pessoalmente, e eu não posso sair daqui.

Do outro lado do escritório, Vishous, que foi até lá para contar o que descobriu sobre as caixas de armas, apenas moveu os lábios dizendo: *Que porcaria é essa?*

Que era exatamente o que Wrath estava pensando. Um *sympatho* te liga às duas horas antes da alvorada e pede que vá ao norte do Estado porque "tem algo que precisa lhe dar". Sim, certo, o bastardo era irmão de Bella, mas sua natureza era o que era e, com certeza, esse "algo" não era uma cesta de fruta.

– Wrath, isso é importante – disse o cara.

– Está certo, vou agora mesmo – Wrath fechou a tampa do telefone e olhou para Vishous. – Eu estou…

– Phury está fora caçando esta noite. Não pode ir até lá sozinho.

– As Escolhidas estão lá. – E estavam entrando e saindo do rancho de Rehv desde que Phury tinha tomado as rédeas como Primaz.

– Não é exatamente o tipo de proteção que eu tinha em mente.

– Posso cuidar de mim mesmo sozinho, dane-se cara.

V. cruzou os braços, os olhos de diamante cintilaram.

– Podemos ir agora? Ou você ainda quer perder tempo tentando me convencer a ficar?

– Muito bem. Como quiser. Encontro você na entrada em cinco minutos.

Enquanto deixavam o escritório juntos, V. disse:

– Sobre aquelas armas? Ainda estou tentando encontrar a fonte. Neste momento, não tenho nada, mas você me conhece. Isso não vai continuar assim por muito tempo. Não me importa que os números de série tenham sido apagados, vou averiguar onde conseguiram todas elas.

– A confiança é preciosa, meu Irmão. A confiança é muito preciosa.

Depois de se armarem completamente, os dois viajaram ao norte em uma dança de moléculas, concentrando-se no rancho de Rehv, nas montanhas Adirondack, e materializando-se às margens de um tranquilo lago. Mais à frente, a casa era um enorme rancho de estilo Vitoriano, com painéis de madeira, janelas em forma de diamante e alpendres com postes de cedro nos dois andares.

Muitas extremidades. Muitas sombras. E muitas daquelas janelas pareciam olhos.

A mansão era bastante horripilante por si só, mas ao estar rodeado por um campo de força do equivalente *sympatho* do *mhis*, o lugar poderia muito bem ser a casa do Freddy Krueger: o medo era uma cerca de arame farpado mental intangível ao redor do local e até Wrath, que sabia o que estava fazendo, ficou satisfeito em atravessar o outro lado da barreira.

No momento em que forçou os olhos para poder focar melhor, Trez, um dos guardas pessoais de Rehv, abriu as portas duplas da varanda que havia em frente ao lago e levantou a mão dando as boas-vindas.

Wrath e V. andaram pela grama cristalizada e rangente, e embora mantivessem as armas embainhadas, V. tirou a luva da mão direita incandescente. Trez era o tipo de macho que se respeitava e não só porque fosse uma criatura das Sombras. O Mouro tinha o corpo musculoso de um lutador e o olhar inteligente de um estrategista, e sua lealdade era para com Rehv e apenas Rehv. Se fosse para proteger o macho? Trez arrasaria um quarteirão inteiro da cidade em um piscar de olhos.

– Como vai, grandalhão? – disse Wrath enquanto subia os degraus da varanda.

Trez avançou e bateram a palma das mãos.

– Firme. E você?

– Bem como sempre – Wrath deu um pequeno golpe no ombro do macho. – Ouça, se alguma vez quiser um trabalho de verdade, venha lutar conosco.

– Estou feliz onde estou, mas obrigado – o Mouro sorriu abertamente e se voltou para V., os olhos escuros desceram rapidamente para a mão exposta. – Sem ofender, mas eu não aperto essa coisa.

– Muito sábio de sua parte – disse Vishous enquanto oferecia a esquerda. – Mas você entende minha posição.

– Com certeza, e eu faria o mesmo pelo Rehv – Trez liderou o caminho para as portas. – Está em seu quarto esperando por vocês.

– Está doente? – perguntou Wrath ao entrar na casa.

– Querem algo para beber? Comer? – ofereceu Trez, enquanto viravam à direita.

Como a pergunta permaneceu sem resposta, Wrath olhou para V.

– Estamos bem, obrigado.

O lugar estava decorado como se tivesse saído de um museu Vitoriano, com móveis pesados ao estilo imperial em toda parte. Fiel ao gosto do período, cada cômodo tinha um tema diferente. Havia uma sala de estar cheia de relógios antigos marcando o tempo. Outra tinha conchas, corais e madeiras de naufrágios com séculos de idade. Na biblioteca, havia vasos e pratos orientais, e a sala de jantar estava equipada com ícones medievais.

– Fico surpreso que não haja mais Escolhidas por aqui – disse Wrath enquanto atravessavam um cômodo vazio atrás do outro.

– Rehv deve vir aqui toda primeira terça-feira de cada mês. Ele deixa as mulheres um pouco nervosas, então a maioria delas volta para o Outro Lado. Entretanto, Selena e Cormia sempre ficam. – Havia uma grande quantidade de orgulho em sua voz quando acrescentou: – São muito fortes, essas duas.

Subiram por uma magnífica escada até o segundo andar e continuaram por um comprido corredor até um par de portas esculpidas que, sem dúvida, gritavam que ali eram os aposentos do *senhor da casa*.

Trez fez uma pausa.

– Ouça, ele está um pouco doente, certo? Nada contagioso. É só que… quero que estejam preparados. Demos tudo que ele precisava e vai ficar bem.

Quando Trez bateu e abriu as duas portas, Wrath franziu a testa e sua visão ficou mais nítida uma vez que seus instintos foram provocados.

No meio de uma cama esculpida, Rehvenge jazia imóvel como um cadáver, com um edredom de veludo vermelho até o queixo e pele de zibelina envolvendo seu corpo. Tinha os olhos fechados, a respiração era superficial e a pele estava pálida e amarelada. Seu corte de cabelo moicano era a única coisa que parecia remotamente normal… isso e o fato de que à sua direita estava Xhex, a fêmea *sympatho* mestiça que tinha o aspecto de realizar castrações por diversão.

Rehv abriu os olhos e a cor ametista se via opaca, aproximando-se mais a um roxo sombrio.

– É o rei.

– Tudo bem?

Trez fechou as portas, e como sinal de respeito, postou-se ao lado delas e não no centro como se estivesse bloqueando o caminho.

– Já ofereci bebida e comida.

– Obrigado, Trez. – Rehv fez uma careta de dor e um movimento com a intenção de erguer-se sobre os travesseiros. Quando cedeu e voltou a cair, Xhex se inclinou para ajudar e ele lançou um olhar ameaçador de "nem pense nisso". O qual ela ignorou.

Depois de se colocar em posição vertical, subiu o edredom até o pescoço, cobrindo as estrelas vermelhas que tinha tatuadas no peito.

– Então, tenho algo para você, Wrath.

– É mesmo?

Rehv fez um gesto com a cabeça para Xhex, que colocou a mão dentro da jaqueta de couro que usava. No instante em que se moveu, V. puxou sua arma, rápido como um piscar de olhos, e apontou diretamente ao coração da fêmea.

– Quer ir com calma? – ela disse a V.

– Nem um pouco. Sinto muito. – V. parecia tão arrependido quanto uma bola de demolição fazendo seu trabalho.

– Certo, vamos relaxar – disse Wrath enquanto inclinava a cabeça para Xhex. – Vá em frente.

A mulher tirou uma bolsa de veludo e a lançou em direção a Wrath. Enquanto a coisa se dirigia até ele, ouviu o suave assobio de seu voo e a apanhou, não porque a viu, mas pelo som.

Dentro havia dois olhos azul-claros.

– Ontem à noite eu tive uma reunião interessante – disse Rehv arrastando as palavras.

Wrath olhou o *sympatho*.

– De quem é o olhar vazio que tenho na palma de minha mão?

– De Montrag, filho de Rehm. Veio até mim pedindo que eu matasse você. Tem grandes inimigos dentro da *glymera*, meu amigo, e Montrag era apenas um deles. Não sei quem mais estava metido nessa conspiração, mas eu não quis arriscar e agi antes de saber mais.

Wrath colocou os olhos na bolsa e fechou o punho em torno deles.

– Quando o fariam?

– Na reunião do Conselho, depois de amanhã à noite.

– Filho da mãe.

V. guardou a arma e cruzou os braços sobre o peito.

– Sabe, desprezo esses filhos da mãe.

– Junte-se ao clube – disse Rehv antes de voltar a focar sua atenção em Wrath. – Não fui a você antes de solucionar o problema porque gostei muito da ideia de o rei me dever alguma coisa.

Wrath teve de rir.

– Devorador de pecados.

– Sabe como é.

Wrath movimentou a bolsa na mão.

– Quando aconteceu?

– Faz mais ou menos meia hora – respondeu Xhex. – E não apaguei o rastro.

– Bem, certamente captaram sua mensagem. E ainda vou a essa reunião.

– Tem certeza de que é uma atitude sábia? – perguntou Rehv. – Seja lá quem for que estiver por trás disso não voltará a recorrer a mim, porque sabem onde parece estar minha lealdade. Mas isso não significa que não encontrarão outra pessoa para fazer o trabalho.

– Então, deixe que façam – disse Wrath. – Aceito o combate mortal – desviou o olhar para Xhex. – Montrag delatou alguém?

– Cortei sua garganta de orelha a orelha. Falar seria difícil.

Wrath sorriu e olhou para V.

– Sabe? É surpreendente que vocês dois não se deem melhor.

– Não acho mesmo – os dois disseram ao mesmo tempo.

– Posso adiar a reunião do Conselho – murmurou Rehv –, se você quiser fazer um reconhecimento por sua conta para averiguar quem mais está envolvido.

– Não! Se honrassem as calças que vestem, teriam tratado de me matar eles mesmos e não teriam recorrido a você para que o fizesse. Assim vai acontecer uma coisa ou outra: como não sabem se Montrag os delatou antes de ser impedido, vão se esconder, porque isso é o que os covardes fazem, ou vão colocar a culpa em outro. Então, a reunião continua marcada.

Rehv sorriu de maneira sombria, o *sympatho* nele ficou óbvio.

– Como quiser.

– Contudo, quero uma resposta honesta de sua parte – disse Wrath.

– Qual é a pergunta?

– De verdade, pensou em me matar? Quando ele pediu.

Rehv ficou em silêncio durante um momento. Logo, assentiu devagar com a cabeça.

– Sim, pensei. Mas como já disse, agora está em dívida comigo, e considerando as minhas… minhas circunstâncias de nascimento, por assim dizer… isso é muito mais valioso do que qualquer aristocrata puxa-saco e imbecil pode fazer por mim.

Wrath assentiu com a cabeça uma vez.

– Essa lógica eu posso respeitar.

– Além disso, vamos encarar os fatos – Rehv sorriu outra vez. – Minha irmã se casou com alguém de sua família.

– Foi o que ela fez, *sympatho*. Foi o que fez.

Depois que Ehlena estacionou a ambulância na garagem, cruzou o estacionamento e entrou na clínica. Precisava recolher suas coisas do armário, mas isso não era o que a motivava. Em geral, a essa hora da noite, Havers estava em seu escritório trabalhando nos históricos e foi para lá que ela se dirigiu. Quando chegou a sua porta, tirou a presilha, alisou o cabelo para trás e o amarrou bem preso na base do pescoço. Ainda vestia o casaco, que mesmo sendo barato, era de lã negra e parecia feito sob medida, assim imaginou que tinha um bom aspecto.

Bateu na porta, e quando uma voz educada respondeu, entrou. O antigo escritório de Havers tinha sido um esplêndido escritório do velho mundo, cheio de antiguidades e livros encadernados em couro. Agora que estavam nesta nova clínica, sua zona de trabalho privada não era diferente de qualquer outra: paredes brancas, chão de linóleo, escrivaninha de aço inoxidável e cadeira negra com rodinhas.

– Ehlena – disse ele quando ergueu o olhar do histórico que estava revisando. – Como está?

– Stephan está onde pertence…

– Querida, não tinha nem ideia de que o conhecesse. Catya me contou.

– Eu… o conhecia – mas talvez não devesse ter mencionado isso à fêmea.

– Queridíssima Virgem Escriba, por que não disse?

– Porque quis honrá-lo.

Havers tirou os óculos de tartaruga marinha e esfregou os olhos.

– Infelizmente, isso é algo que posso entender. De qualquer maneira, eu gostaria de que tivesse me contado. Lidar com os mortos nunca é fácil, mas é

especialmente difícil quando se trata de um relacionamento pessoal.

– Catya me deu o resto do turno de folga…

– Sim, eu disse a ela para fazer isso. Você teve uma noite longa.

– Bem, obrigada. Entretanto, antes de partir, gostaria de perguntar sobre outro paciente.

Havers colocou os óculos novamente.

– Claro que sim. Qual?

– Rehvenge. Ingressou na noite passada.

– Eu me lembro. Ele está tendo alguma dificuldade com os medicamentos?

– Por acaso o senhor viu o braço dele?

– Braço?

– A infecção que havia nas veias do lado direito.

O médico da raça deslizou os óculos de tartaruga marinha por cima do nariz.

– Ele não me indicou que seu braço o estivesse incomodando. Se quiser voltar para ser examinado de novo, ficarei feliz em observar isso. Mas, como sabe, não posso prescrever nada sem examiná-lo.

Ehlena abriu a boca para argumentar quando apareceu a cabeça de outra enfermeira.

– Doutor? – disse a fêmea. – Seu paciente está preparado na sala de exame número quatro.

– Obrigado – Havers olhou novamente a Ehlena. – Agora vá para casa e descanse.

– Sim, doutor.

Ela saiu do escritório e observou como o médico da raça se afastava rapidamente e desaparecia ao virar a esquina.

Rehvenge não voltaria para ver Havers. De jeito nenhum. Primeiro: parecia estar muito doente para fazê-lo; e segundo: já havia demonstrado ser um idiota teimoso ao ocultar deliberadamente aquela infecção do médico.

Macho estúpido.

E ela também era estúpida, considerando o que estava dando voltas em sua mente.

Em termos gerais, a ética nunca tinha sido um problema para ela: fazer as coisas certas não requeria reflexão, nenhuma negociação de princípios, nem um cálculo de custos e benefícios. Por exemplo, seria incorreto ir ao fornecimento de penicilina da clínica e surrupiar, ah, digamos, oitenta

comprimidos de quinhentos miligramas.

Especialmente se fosse dar o comprimido a um paciente que não tinha sido visto pelo médico para tratar a doença.

Seria simplesmente errado. De todas as maneiras.

A coisa certa a fazer seria telefonar ao paciente e convencê-lo a comparecer à clínica para que o doutor o visse. E se não conseguisse fazer que se mexesse? Então, isso seria tudo.

Sim, sem muitas complicações.

Ehlena se dirigiu à farmácia.

Decidiu deixar nas mãos do destino. E, veja só, era a hora do intervalo do cigarro. A pequena placa de volto já marcava três e quarenta e cinco.

Olhou seu relógio. Três e trinta e três.

Destrancando a porta do balcão, entrou na farmácia, foi direito para a penicilina e enfiou os frascos de comprimidos de quinhentos miligramas no bolso do uniforme… exatamente o que tinha sido prescrito para um paciente com um problema semelhante há três noites.

Rehvenge não ia voltar àquela clínica tão cedo. Então, levaria o que ele precisava.

Disse a si mesma que estava ajudando a um paciente e que isso era o mais importante. Inferno, provavelmente estava salvando a vida dele. Ela também disse à sua consciência que aquilo não era nenhuma droga mais forte, nem Valium, nem morfina. Até onde ela sabia, nunca ninguém tinha moído umas pílulas de penicilina para aspirá-las procurando sentir um barato.

Quando entrou no vestiário e pegou o almoço que havia trazido, mas não tinha comido, não se sentiu culpada. E quando se desmaterializou para sua casa, não sentiu nenhuma vergonha ao ir à cozinha e colocar as pílulas em uma pequena sacola plástica e, em seguida, colocá-la em sua bolsa.

Esse era o caminho que estava escolhendo. Stephan já havia morrido quando chegou até ela e o melhor que tinha sido capaz de fazer foi ajudar a envolver seus membros frios e rígidos no linho cerimonial. Rehvenge estava vivo. Vivo e sofrendo. E, se ele era o causador disso ou não, ainda podia ajudá-lo.

O resultado era moral, mesmo se o método não fosse.

E, às vezes, isso é o melhor que se pode fazer.

# CAPÍTULO 24

**Quando Xhex retornou ao** ZeroSum eram três e meia da manhã, bem a tempo de fechar o clube. Além do mais, tinha um trabalhinho para fazer a si mesma e, diferente de fechar os caixas e despachar o pessoal, não podia esperar para resolver seu assunto pessoal.

Antes de deixar o rancho de Rehv, entrou no banheiro e tornou a colocar os cilícios, mas os malditos não estavam funcionando. Estava excitada. Repleta de energia. No limite. Levando em conta o que estavam fazendo, poderia até achar que estava levando um par de cadarços atados às coxas.

Deslizando pela porta lateral da seção VIP, examinou a multidão, muito consciente de estar procurando um macho em particular.

E ele estava ali.

Maldito John Matthew. Um trabalho bem-feito sempre a deixava faminta e a última coisa que precisava era a proximidade de gente como ele.

Como se notasse que estava sendo observado, levantou a cabeça e seus olhos de um azul profundo brilharam. Como se soubessem exatamente o que ela desejava. E dada à forma como discretamente se reacomodou nas calças, estava pronto para lhe ser útil.

Xhex não conseguia parar de torturar os dois. Enviou-lhe uma imagem mental, incutindo-a diretamente dentro de sua cabeça: era a deles dois em um banheiro privado, ele estava em pé, reclinando-se para trás sobre a pia, ela tinha um pé plantado no balcão, o sexo dele estava profundamente enterrado no dela e os dois estavam ofegando.

Enquanto olhava através do espaço lotado, a boca de John se abriu, e o rubor que cobriu suas bochechas nada tinha a ver com constrangimento e tudo com o orgasmo que, sem dúvida, estava pulsando em seu membro.

Deus, ela o queria.

Seu amigo, o ruivo, arrancou-o de seu frenesi. Blaylock retornou à mesa segurando três cervejas pelo gargalo e quando deu uma olhada ao endurecido e excitado rosto de John, ele parou e olhou surpreso.

Droga.

Xhex acenou para os seguranças que estavam se aproximando dela e saiu da seção VIP tão rápido que quase derrubou uma garçonete como se fosse um pino de boliche.

Seu escritório era o único lugar seguro e se dirigiu para lá correndo. O assassinato era um motor que, uma vez que o ligava, era difícil desacelerar, e as lembranças da matança, do doce momento em que olhou para Montrag para logo arrancar seus olhos, estavam instigando seu lado *sympatho*. Para consumir essa energia e voltar a se controlar, precisava de uma dentre duas coisas.

Fazer sexo com John Matthew com certeza era uma delas. A outra era muito menos prazerosa, mas não tinha muita escolha. Estava a ponto de tirar o *lys* e usá-lo em todos os humanos que encontrasse em seu caminho. O que não seria bom para os negócios.

Fechou a porta ao ruído e às pessoas que se apertavam como gado, mas não encontrou descanso em seu desértico refúgio. Diabos, nem sequer podia acalmar-se o suficiente para apertar os cilícios. Caminhou ao redor do escritório, sentindo-se enjaulada, pronta para entrar em ebulição, tentando se acalmar para que pudesse…

Com um rugido, a mudança a fulminou, seu campo visual se transformou, lançando vários tons de vermelho como se alguém acabasse de colocar uma viseira sobre seus olhos. De repente, as grades emocionais de cada coisa viva que havia no clube surgiram em seu cérebro: as paredes e o chão desapareceram e foram substituídos pelos vícios, desesperos, raivas, cobiças, crueldades e dores que eram tão sólidos para ela quanto a estrutura do clube.

Seu lado *sympatho* estava cansado de ser inibido e estava preparado para esfolar aquele bando de humanos que havia lá fora.

Quando Xhex saiu como se o chão da pista estivesse em chamas e ela fosse a única com um extintor, John voltou a afundar no banco. Depois do que tinha visto em sua mente ter se dissipado, o incômodo das alfinetadas que sentia na pele começou a se desvanecer, mas a ereção não estava nem perto de sumir.

Dentro do *jeans*, tinha o membro duro, aprisionado atrás da braguilha de botões.

Droga, pensou John. Que droga. Simplesmente… droga!

– Que estraga prazeres, Blay – resmungou Qhuinn.

– Desculpe – disse Blay enquanto deslizava no banco e distribuía as cervejas. – Sinto muito…

Bem, não é que aquilo resumia tudo perfeitamente?

– Sabe, ela está mesmo interessada em você – disse Blay com uma ponta de admiração. – Quero dizer, pensei que tínhamos vindo aqui só para que você ficasse olhando para ela. Mas não sabia que ela olhava para você assim também.

John abaixou a cabeça para ocultar o rosto que estava mais vermelho que o cabelo de Blay.

– Sabe onde é o escritório dela, John. – Os olhos díspares de Qhuinn se mantiveram no mesmo nível enquanto bebia a cerveja. – Vá até lá. Agora. Pelo menos um de nós terá um pouco de alívio.

John reclinou para trás e esfregou as coxas, pensando exatamente o mesmo que Qhuinn. Mas tinha coragem suficiente para fazer isso? E se ele se aproximasse e Xhex o rejeitasse?

E se perdesse a ereção de novo?

Contudo, ao se lembrar do que tinha visto em sua mente, já não se sentiu tão preocupado com isso. Estava preparado para chegar ao clímax ali mesmo onde estava sentado.

– Poderia entrar no escritório dela sozinho – continuou Qhuinn em voz baixa. – Posso esperar no começo do corredor e garantir que ninguém os interrompa. Estará a salvo e será em particular.

John pensou no único momento em que ele e Xhex estiveram juntos e a sós em um espaço fechado. Tinha sido em agosto, no banheiro dos homens, ela o tinha encontrado saindo, tropeçando, completamente bêbado. Apesar de intoxicado como estava, bastou vê-la para ficar pronto, desesperado por seu sexo… e graças a uma grande quantidade de confiança proporcionada pela cerveja, teve uma coragem colossal para se aproximar dela e escrever uma mensagem num guardanapo de papel. Foi uma vingança por aquilo que ela exigia dele.

O justo era justo. Queria que dissesse seu nome quando chegasse ao orgasmo durante a masturbação.

Desde então se mantiveram afastados no clube, mas muito próximos quando estavam em suas próprias camas… e sabia que ela continuava a fazer o que tinha pedido, podia saber pela forma como o olhava. E o pequeno intercâmbio telepático desta noite a respeito do que ela pensava que deveriam

estar fazendo em um dos banheiros era a prova suficiente de que até ela seguia ordens de vez em quando.

Qhuinn colocou a mão sobre o braço de John, e quando ele ergueu o olhar, o macho gesticulou: *Saber o momento certo de agir é tudo, John*.

Muito verdadeiro. Ela o desejava e esta noite não tinha sido unicamente no sentido da fantasia, como quando estava sozinha em casa. John não sabia o que havia mudado, nem qual gatilho foi disparado, mas seu membro não dava a mínima para esse tipo de detalhe.

O resultado era tudo o que importava.

Literalmente.

Além disso, pelo amor de Deus, por um acaso permaneceria virgem o resto da vida por uma coisa que tinha acontecido fazia muito tempo? Saber agir no momento certo era tudo, e estava farto de atar as próprias mãos, negando a si mesmo o que queria de verdade.

John ficou em pé e fez um gesto com a cabeça para Qhuinn.

– Até que enfim! – disse o cara enquanto deslizava para sair do banco. – Blay, voltamos já.

– Leve o tempo que for necessário. E, John, boa sorte, ok?

John bateu sobre o ombro de seu amigo e se acomodou no *jeans* antes de encaminhar-se para a saída da seção VIP. Qhuinn e ele passaram e cumprimentaram os seguranças junto à corda de veludo e, em seguida, passaram também pelos dançarinos suados que estavam girando, pelos que estavam se beijando e por uma multidão que estava amontoada ao redor do grande balcão do bar. Xhex não estava em parte alguma e se perguntou se não teria ido embora.

Não, pensou. Tinha de estar ali para fechar, porque Rehv estava fora.

– Acho que ela já entrou no escritório – disse Qhuinn.

John lembrou da primeira vez que a tinha visto, enquanto subiam as escadas para o mezanino. E por falar em começar com o pé esquerdo… Ela o tinha arrastado por este mesmo corredor e o tinha interrogado depois de tê-lo pegado escondendo uma arma para que Qhuinn e Blay pudessem fazer sexo em paz. Foi assim que ela soube seu nome e de sua ligação com Wrath e a Irmandade. E o jeito que ela o tratou acabou excitando-o… mas só depois de ter superado a convicção de que ela ia despedaçá-lo membro a membro.

– Estarei bem aqui – disse Qhuinn parando no começo do corredor. – Vai dar tudo certo.

John assentiu e logo colocou um pé frente ao outro, frente ao anterior, e o corredor começou a ficar mais e mais escuro à medida que avançava. Quando chegou à porta do escritório, não parou para pensar, pois não queria dar chance a si mesmo para se apavorar.

Sim, e como aquilo ia parecer covardia, não?

Além disso, ela o desejava. *Precisava* dele.

John levantou o punho para bater na porta… e ficou congelado. Sangue. Cheirava… sangue.

Dela.

Sem pensar, abriu a porta e…

*Oh, meu Deus!*, mexeu a boca sem pronunciar qualquer som.

Xhex ergueu a cabeça bruscamente do que estava fazendo e aquela visão dela queimou seus olhos. Suas calças de couro estavam penduradas nas costas da cadeira, as pernas estavam manchadas pelo próprio sangue… sangue que fluía das tiras de metal farpado que abraçavam as coxas. Tinha uma bota preta sobre a mesa e estava a ponto de… apertar aquelas tiras?

– Saia daqui!

*Por quê?*, gesticulou com a boca, indo até ela, estendendo a mão. *Oh… Deus, tem de parar.*

Com um profundo grunhido da garganta, ela apontou o dedo para ele.

– Não se aproxime de mim.

John começou a gesticular rapidamente, apesar de Xhex não entender a linguagem de sinais. *Por que está fazendo isto a si…*

– Droga, saia daqui! Agora!

*Por quê?*, gritou silenciosamente.

Em resposta, seus olhos flamejaram com uma cor vermelho-rubi, como se tivesse *flashes* coloridos no crânio, e John ficou totalmente congelado.

Havia só uma coisa no mundo da Irmandade que fazia isso.

– *Vá*.

John virou-se e foi apressadamente em direção à porta. Quando estendeu a mão para agarrar a maçaneta, viu que era possível trancá-la, e com um rápido giro da chave, a fechou para que ninguém mais pudesse vê-la.

Quando chegou onde estava Qhuinn, não se deteve. Apenas continuou, sem se importar se seu amigo e guarda pessoal estava atrás dele.

De todas as coisas que John poderia saber sobre ela, esta era a única que nunca conseguiria ter previsto.

Xhex era uma maldita *sympatho*.

# CAPÍTULO 25

**Do outro lado de** Caldwell, em uma rua arborizada, Lash estava sentado em uma poltrona com capa de veludo escuro, dentro de um apartamento com fachada de pedra. Pendurados ao seu lado estavam os únicos outros vestígios dos elegantes e enriquecidos humanos que moraram no lugar anteriormente: metros de bonitas cortinas cor de damasco que iam do chão ao teto, ressaltando as janelas que se curvavam ao longo da calçada.

Lash adorava as malditas cortinas. Tinham tons de vinho, dourado e negro, adornadas com franjas e pompons de cetim dourados do tamanho de bolas de gude. Em sua exuberante glória, recordavam-lhe as coisas que sempre teve quando vivia naquela grande mansão Tudor, localizada na colina.

Sentia falta da elegância dessa vida. Dos funcionários. Das comidas. Dos carros.

Estava passando tempo demais com as classes mais baixas.

Droga, as classes baixas dos *humanos*, levando em conta de onde vinham os *redutores*.

Esticou-se e acariciou uma das cortinas, ignorando a nuvem de pó que flutuou no ar assim que a tocou. Encantadora. Tão pesada e substancial, não havia nada de barato nela, nem o tecido, nem os corantes que a tingiam, nem as pregas e costuras à mão.

A sensação o fez pensar que precisava de uma boa casa própria e talvez este apartamento poderia servir. Segundo o Sr. D, a Sociedade Redutora era proprietária deste lugar fazia três anos, o lugar tinha sido comprado por um *redutor principal* convencido de que havia vampiros na área. Tinha uma garagem para dois carros nos fundos, então havia privacidade, e era o mais próximo à elegância que poderia conseguir ao menos durante um bom tempo.

Grady entrou com um celular na orelha, na última volta da pista que tinha afundado com os pés de tanto andar nas últimas duas horas. Enquanto falava, a voz do cara ecoava nos altos tetos ornamentados.

Agora, devidamente motivado pelo medo, o cara havia revelado o nome de

sete distribuidores e estava ligando para um após o outro, conversando até convencê-los de se reunirem com ele.

Lash deu uma olhada no papel onde Grady havia rabiscado sua lista. Se todos os contatos dariam certo, só o tempo diria, mas um deles era definitivamente sólido. A sétima pessoa, cujo nome estava circulado de preto, era alguém a quem Lash conhecia: o Reverendo.

Mais conhecido como Rehvenge, filho de Rempoon. Proprietário do ZeroSum.

Mais conhecido como o sacana da área que tinha jogado Lash a pontapés de seu clube porque havia vendido uns poucos gramas aqui e ali. Droga, Lash não podia acreditar que não tivesse pensado nisso antes. É claro que Rehvenge estaria na lista. Inferno, ele era o rio onde desembocavam todas as correntes, o cara com quem os fabricantes sul-americanos e chineses tratavam diretamente.

E isso não fazia das coisas ainda mais interessantes?

– Bom, vejo você nesse dia – disse Grady ao telefone. Quando desligou, deu-lhe uma olhada. – Não tenho o número do Reverendo.

– Mas sabe onde encontrá-lo, certo? – É claro. Todos no negócio da droga, de traficantes a usuários, passando pela polícia, sabiam onde o cara passava seu tempo e, por essa razão, era um milagre que o lugar não tenha sido fechado há muito tempo.

– Só que isso será um problema. Minha entrada está proibida no ZeroSum.

Bem-vindo ao clube.

– Vamos trabalhar nisso.

Contudo não seria enviando um *redutor* que tentariam fazer negócio. Precisariam de um humano para isso. Ao menos um que pudesse tirar Rehvenge da toca, o que era pouco provável.

– Meu trabalho terminou? – perguntou Grady, olhando desesperadamente para a porta principal, como se fosse um cão que precisava sair para urinar.

– Disse que precisava passar despercebido – Lash sorriu deixando que visse suas presas. – Assim, voltará com meus homens.

Grady não discutiu, apenas assentiu e cruzou os braços sobre a ridícula jaqueta de águia. Ele concordou com partes iguais de medo e exaustão. Obviamente, deu-se conta de que estava metido em muito mais problemas que achava a princípio. Sem dúvida, pensava que as presas eram implantes cosméticos, mas alguém que acreditasse ser um vampiro poderia ser quase

tão mortal e perigoso quanto alguém que realmente fosse.

A porta de serviço que dava para a cozinha se abriu e o Sr. D entrou com dois pacotes quadrados envoltos em celofane. Eram do tamanho de uma cabeça, e Lash podia imaginar o dinheiro que aquilo daria enquanto o *redutor* se aproximava.

– Encontrei nos painéis laterais traseiros.

Lash tirou seu canivete e fez um pequeno buraco em cada um. Uma rápida lambida no pó branco e estava sorrindo novamente.

– Boa qualidade. Vamos distribuir a coisa. Sabe onde colocar.

O Sr. D assentiu e voltou para a cozinha. Quando retornou, os outros dois assassinos estavam com ele, e Grady não era o único que parecia exausto. Os *redutores* precisavam recarregar-se a cada vinte e quatro horas e, segundo constava, estavam trabalhando a dois dias consecutivos. Até Lash, que podia aguentar vários dias, sentia-se esgotado.

Hora de dormir.

Levantando-se da cadeira, vestiu o casaco.

– Eu dirijo. Sr. D, você irá sentado na parte de trás do Mercedes e vai se certificar de que Grady aproveite o fato de ter um motorista. Vocês dois, assumam seus lugares.

Saíram todos, deixando o Lexus sem placa na garagem e com o número de identificação do veículo apagado.

A viagem ao complexo de apartamentos Hunterbred não levou muito tempo, mas Grady conseguiu tirar uma soneca. Através do espelho retrovisor, viu como o idiota estava apagado como uma luz, com a cabeça recostada contra o assento e a boca aberta enquanto roncava.

O que beirava a falta de respeito.

Lash estacionou no apartamento onde ficavam o Sr. D e seus dois companheiros e, esticando o pescoço, olhou para Grady.

– Acorda, imbecil. – Enquanto o homem piscava e bocejava, Lash desprezou sua fraqueza, e o Sr. D também não pareceu impressionado. – As regras são simples. Se tentar fugir, meus homens vão atirar em você ou chamarão a polícia e dirão exatamente onde está. Concorde com essa cabeça de idiota se entende o que estou dizendo.

Grady assentiu, embora Lash tivesse a impressão de que ele aceitaria de qualquer jeito. Tudo bem, perfeito.

Lash destravou as fechaduras.

– Dê o fora do meu carro.

Enquanto as portas se abriam, o implacável vento entrou. Dando um passo fora do Mercedes, Grady se encolheu na jaqueta, com aquela estúpida e maldita águia que tinha as asas estendidas enquanto o humano se encurvava sobre si mesmo. O frio não incomodava o Sr. D. Esse era um dos benefícios de já estar morto.

Lash deu marcha a ré para sair do estacionamento e se dirigiu para sua casa na cidade. O lugar onde ficava era simplesmente um buraco em uma área cheia de gente velha – com janelas que só tinham cortinas compradas em lojas de departamento para ocultar a vizinhança dependente química de olhos esbranquiçados. A única vantagem era a de que ninguém da Sociedade sabia o endereço. Apesar de ter dormido na casa de Ômega por razões de segurança, voltar para aquele lugar o deixava adormecido durante uma meia hora ou algo assim e não queria que ninguém o pegasse de surpresa.

A questão era: dormir era um nome inadequado para o que ele precisava. Não era como se fechasse os olhos e dormisse; praticamente desmaiava, o que, segundo o Sr. D, é o que acontece quando se é um *redutor*. Por alguma razão, com o sangue de seu pai dentro deles, eram como telefones celulares que não podiam ser utilizados enquanto carregavam a bateria.

Quando pensou em voltar àquele buraco, deprimiu-se e, ao invés disso, viu-se dirigindo para a parte mais rica de Caldwell. Conhecia essas ruas tão bem como as linhas da palma de sua mão e encontrou os pilares de sua antiga casa facilmente.

Os portões estavam bem-fechados e não podia ver por cima do alto muro que rodeava a propriedade, mas sabia o que havia dentro: o terreno, as árvores, a piscina e o terraço… tudo mantido perfeitamente.

Droga. Queria voltar a viver assim. Aquela existência com a Sociedade Redutora se parecia com miseráveis. Não com ele. De maneira alguma.

Estacionou o Mercedes e simplesmente ficou ali sentado, observando o caminho de entrada. Depois de assassinar os vampiros que o tinham criado e enterrá-los no quintal ao lado da casa, tirou tudo o que não estava pregado no chão. As antiguidades estavam armazenadas em várias casas de *redutores* das redondezas e de fora da cidade. Não voltou desde que tinha pegado aquele carro e concluiu que no testamento de seus pais, a propriedade teria passado a qualquer parente de sangue sobrevivente das invasões que ele tinha efetuado contra a aristocracia.

Duvidava de que a propriedade estivesse ainda em nome da raça. Afinal, os *redutores* tinham se infiltrado nela e, portanto, ficou permanentemente comprometida.

Lash sentia falta da mansão, embora não a pudesse utilizar como Quartel General. Lembranças demais, e mais importante que isso: estava muito perto do mundo dos vampiros. Seus planos, suas contas e os detalhes íntimos da Sociedade Redutora não eram o tipo de coisa que queria arriscar cair nas mãos da Irmandade.

Haveria um tempo em que voltaria a se encontrar com aqueles guerreiros, mas seria sob suas condições. Desde que foi assassinado por aquele defeituoso mutante do Qhuinn e que seu verdadeiro pai o socorreu, ninguém, exceto aquele idiota do John Matthew, o tinha visto – e mesmo aquele mudo idiota o viu apenas de uma maneira nebulosa, o tipo de coisa que, considerando que todos tinham visto seu cadáver, considerariam aquela visão como sendo um equívoco.

Lash gostava de fazer grandes entradas. Quando aparecesse no mundo dos vampiros, seria em uma posição de domínio. E a primeira coisa que ia fazer seria vingar sua morte.

Seus planos futuros o fizeram sentir um pouco menos de saudade do passado, e ao olhar as árvores nuas serem açoitadas pelo forte vento, pensou na força da natureza.

E desejou ser exatamente isso.

Quando soou seu celular, abriu e o colocou na orelha.

– O que é?

O Sr. D foi direto ao assunto.

– Tivemos uma infiltração, senhor.

As mãos de Lash apertaram o volante com força.

– Onde?

– Aqui.

– Filhos da mãe. O que pegaram?

– Jarras. As três. Por isso, concluímos que foram os Irmãos. As portas estão firmes, janelas também, então não temos ideia de como entraram. Deve ter acontecido em algum momento nas últimas duas noites, pois não dormimos aqui desde domingo.

– Entraram no apartamento de baixo?

– Não, com certeza.

Pelo menos havia uma coisa a seu favor. Ainda assim, perder jarras era um problema.

– Por que o alarme de segurança não disparou?

– Não estava ativado.

– *Jesus Cristo*. Melhor que esteja aí quando eu chegar. – Lash encerrou a ligação e girou o volante. Quando pisou fundo no acelerador, o sedã saiu disparado em direção aos portões, o para-choque dianteiro raspou nas chapas de ferro.

Que ótimo.

Quando chegou ao apartamento, estacionou ao lado da entrada para as escadas e, em fúria, quase arrancou a porta do carro ao sair. Com o vento gelado fazendo seu cabelo esvoaçar, subiu a escada saltando os degraus de dois em dois e entrou disparado, pronto para castrar alguém.

Grady estava sentado num banco em frente ao balcão da cozinha, estava sem jaqueta, as mangas arregaçadas e uma expressão no rosto que dizia "vou ficar fora dessa".

O Sr. D estava saindo de um dos quartos no meio de uma frase:

– … não entendo como encontraram isso aqui…

– Quem foi responsável por isso? – perguntou Lash, fechando a porta e bloqueando o vento que uivava. – Isso é tudo o que me interessa. Quem foi o idiota que não ativou o alarme e comprometeu esta localização? E se o cara não aparecer, você – apontou para o Sr. D – será o responsável.

– Não fui eu. – O Sr. D olhou fixamente seus homens. – Faz dois dias que não venho aqui.

O *redutor* da esquerda levantou os braços, mas como era típico em sua raça, não foi um ato de submissão, mas, sim, porque estava pronto para lutar.

– Peguei minha carteira e não falei com ninguém.

Todos os olhos se voltaram para o terceiro assassino, que ficou irritado:

– Que droga é essa? – Com gestos exagerados procurou em seu bolso traseiro. – Eu peguei mi…

Aprofundou mais a mão como se isso pudesse ajudar. Então, fez uma atuação ao estilo dos Três Patetas, verificando cada bolso que tinha nas calças, a jaqueta e a camisa. Sem dúvida, o desgraçado teria aberto o próprio traseiro para dar uma olhada se achasse que havia alguma possibilidade de sua carteira ter aberto passagem por seu cólon.

– Onde está sua carteira? – perguntou Lash suavemente.

O cabeça dura se deu conta do que estava acontecendo.

– O Sr. N… aquele filho da mãe. Discutimos porque ele queria tirar uma grana de mim. Lutamos e deve ter pegado minha carteira.

O Sr. D caminhou tranquilamente até ficar atrás do assassino e o golpeou do lado da cabeça com a coronha de sua Magnum. A força do impacto fez que o assassino começasse a girar como a tampa de uma cerveja até bater contra a parede, onde deixou um borrão negro que manchou a pintura branca quando deslizou para baixo, até cair no tapete marrom barato.

Grady deixou escapar um latido de surpresa, como um cachorrinho que tivesse sido golpeado com um jornal.

E então a campainha tocou. Todos olharam para a origem do som e, em seguida, para Lash.

Ele apontou para Grady.

– Permaneça exatamente onde está. – Quando a campainha voltou a soar, fez um gesto com a cabeça ao Sr. D. – Atenda.

Enquanto o pequeno texano passava por cima do assassino derrubado, enfiou a arma nas costas, na altura da cintura, e abriu apenas uma fresta da porta.

– Pizzaria Domino – disse uma voz masculina quando uma rajada de vento passou pela porta. – Ah, cuidado!

Então aconteceu uma verdadeira comédia, o tipo de coisa que se via em filmes pastelão. Quando o entregador retirou a caixa de *pizza* da bolsa térmica vermelha, o vento forte a atingiu e a calabresa e algo mais saíram voando em direção ao Sr. D. Sendo um bom funcionário, o menino voou com a tampa e se esticou para frente para agarrar a coisa… e acabou golpeando o Sr. D com força e invadindo o apartamento.

Lash podia apostar que os funcionários da Domino recebiam instruções específicas sobre jamais fazerem tal coisa e com toda razão. Você invade a casa de alguém e pode encontrar todo tipo de porcarias: pornografia pervertida na televisão. Uma dona de casa gorda vestida somente com as calcinhas da avó e nenhum sutiã. Um casebre asqueroso com mais baratas que pessoas.

Ou um membro da raça dos mortos-vivos com sangue negro escorrendo de uma ferida na cabeça.

Não tinha jeito de o cara deixar de ver o que havia na frente dele. E isso significava que teriam de cuidar dele.

Após ter passado o restante da noite andando sem rumo pelo centro de Caldwell em busca de um *redutor* com quem lutar, John tomou forma no pátio da mansão da Irmandade, próximo aos carros que estavam estacionados em uma fila ordenada. O vento implacável empurrava seus ombros, como um valentão querendo derrubá-lo, mas se manteve firme contra a investida.

Uma *sympatho*. Xhex era uma *sympatho*.

Enquanto sua mente se agitava com a revelação, Qhuinn e Blay se materializaram ao seu lado. Não perguntaram o que tinha acontecido no ZeroSum. Os dois, porém, ainda olhavam para ele como se fosse uma amostra em um laboratório de ciência, como se esperassem que trocasse de cor ou jorrasse espuma da cabeça ou algo assim.

*Preciso de espaço*, gesticulou sem encarar os olhares deles.

– Sem problema – respondeu Qhuinn.

Houve uma pausa enquanto John esperava que entrassem na casa. Qhuinn limpou a garganta uma vez. Duas vezes.

Então, com uma voz estrangulada, disse:

– Sinto muito. Não queria voltar a te pressionar. Eu…

John sacudiu a cabeça e gesticulou, *Não tem nada a ver com o sexo*. *Então, não se preocupe, ok?*

Qhuinn franziu a testa.

– Certo. Sim, legal. Ah… se precisar de nós, estaremos por aqui. Vamos, Blay.

Blay o seguiu, os dois subiram os degraus baixos de pedra e entraram na mansão.

Finalmente sozinho, John não tinha a menor ideia do que fazer ou aonde ir, mas o amanhecer chegaria em breve, por isso, além de um rápido passeio pelos jardins, tinha poucas opções ao ar livre.

Embora, Deus, perguntava a si mesmo se ao menos poderia entrar. Sentia-se contaminado pelo que tinha descoberto.

Xhex era uma *sympatho*.

Será que Rehvenge sabia? Mais alguém?

Ele tinha plena consciência do que a lei exigia que fizesse. Aprendeu durante seu treinamento: quando se tratava de *sympathos*, devia denunciá-los para que os deportassem ou seria considerado cúmplice. Era bem claro.

Só que, o que acontecia em seguida?

Sim, não precisava adivinhar essa. Xhex seria transportada como lixo a um esgoto – e as coisas não seriam boas para ela. Estava claro que era uma mestiça. Tinha visto fotografias de *sympathos* e ela não se parecia em nada com aqueles altos, magros e horripilantes filhos da mãe. Então, havia grandes chances de que a matassem na colônia, pois pelo que sabia, os *sympathos* eram iguais à *glymera* quando se tratava de discriminação.

Exceto pelo fato de que gostavam de torturar aqueles que desprezavam.

Que droga ele tinha feito?…

Quando o frio o fez tremer sob a jaqueta de couro, entrou na casa e subiu diretamente para a escada principal. As portas do escritório do rei estavam abertas e podia ouvir a voz de Wrath, mas não se deteve para ver o rei. Continuou andando, virando a esquina para o corredor das estátuas.

Não estava indo para seu quarto, porém.

John se deteve diante da porta de Tohr, fazendo uma pausa para alisar o cabelo com a mão. Havia só uma pessoa com quem queria falar sobre isso e rezou pedindo que, pela primeira vez, pudesse receber algum tipo de resposta.

Precisava de ajuda. Muito.

John bateu de leve na porta.

Não houve resposta. Voltou a bater.

Enquanto esperava e esperava, observou os painéis da porta e considerou as últimas duas ocasiões em que tinha invadido salas sem ser convidado. A primeira foi durante o verão quando invadiu o quarto de Cormia e a encontrou nua e com sangue nas coxas. O resultado? Surrou Phury sem nenhuma razão, pois o sexo tinha sido consensual.

A segunda tinha sido na sala de Xhex, esta noite. E veja só em que situação tinha se colocado.

John bateu de novo, os nódulos golpearam forte o bastante para despertar os mortos.

Não houve resposta. Pior ainda, não havia nenhum som. Nenhuma televisão, nenhuma ducha, nenhuma voz.

Deu um passo para trás para ver se saía alguma claridade por debaixo da porta. Nada. Ou seja, Lassiter não estava lá.

O terror o fez engolir em seco ao abrir lentamente a porta. Os olhos foram primeiro à cama e, quando não encontrou Tohr, John definitivamente entrou em pânico. Atravessando o tapete oriental às pressas, foi direto para o

banheiro, esperando encontrar o Irmão escancarado na banheira com os pulsos cortados.

Não havia ninguém.

Uma estranha e vertiginosa esperança queimou em seu peito enquanto saía novamente ao corredor. Olhando para a esquerda e para a direita, decidiu começar pelo quarto de Lassiter.

Não houve resposta e, olhando para dentro, encontrou tudo muito limpo e arrumado junto a um leve aroma de ar fresco.

Isso era bom. O anjo tinha de estar com Tohr.

John saiu correndo para o escritório de Wrath e, depois de bater na porta, colocou a cabeça para dentro, inspecionando rapidamente o comprido e fino sofá, as poltronas e a lareira onde os Irmãos gostavam de se encostar.

Wrath levantou o olhar da escrivaninha.

– Olá, filho. Tudo bem?

*Oh, nada. Você sabe. É só que… desculpe*.

John desceu correndo a escada principal, sabendo que se Tohr estava fazendo sua primeira incursão de volta ao mundo, não ia querer fazer muito barulho com isso. Provavelmente, começaria de maneira simples, indo à cozinha com o anjo para procurar comida.

Descendo, John chegou ao chão de mosaico do corredor no andar de baixo e quando ouviu vozes de macho à direita, olhou dentro da sala de bilhar. Butch estava inclinado sobre a mesa a ponto de dar uma tacada, e Vishous estava atrás dele, provocando. A tela plana da TV exibia o canal de esportes e só havia dois copos baixos e largos na sala, um com um líquido âmbar, o outro contendo um produto cristalino que não era água.

Tohr não estava ali, mas nunca se interessou muito por jogos. Além disso, pela maneira com que Butch e V. atacavam um ao outro, não eram o tipo de companhia que desejaria ter se estivesse a ponto de voltar a afundar os pés nas águas da sociabilidade.

Dando a volta, John cruzou apressadamente o refeitório, que já estava preparado para a última refeição, e entrou na cozinha, onde encontrou… uma *doggen* preparando três tipos diferentes de molho para massa, tirando pão italiano caseiro do forno, mexendo as saladas e abrindo garrafas de vinho tinto para que respirassem e… nada de Tohr.

A esperança escapou do peito de John, deixando para trás uma tensão amargurada.

Aproximou-se de Fritz, o extraordinário mordomo, que o saudou com um brilhante sorriso no rosto velho e enrugado.

– Olá, senhor, como está?

John fez os gestos diante do peito para que ninguém mais pudesse ver.

*Escute, você viu…*

Droga, não queria instalar o pânico na casa por razão nenhuma além da que estava tirando conclusões precipitadas. A mansão era enorme e Tohr podia estar em qualquer lugar.

*…alguém por aí?*

As emaranhadas sobrancelhas brancas de Fritz se juntaram.

– Alguém, senhor? Refere-se às senhoras da casa ou…

*Machos…* gesticulou. *Viu algum dos Irmãos?*

– Bom, estive preparando o jantar durante a última hora, mas sei que vários já voltaram. Rhage pegou seus sanduíches assim que chegou, Wrath está no escritório e Zsadist está dando banho na pequena. Deixe-me ver… oh, acredito que Butch e Vishous estão na sala de jogos, já que um de meus funcionários serviu bebidas na sala de bilhar há um momento.

Certo, pensou John. Se um Irmão que ninguém tinha visto sair durante digamos, quatro meses, aparecesse, sem dúvida seu nome teria sido o primeiro da lista.

*Obrigado, Fritz*.

– Está procurando alguém em particular?

John sacudiu a cabeça e voltou a sair do refeitório, desta vez movendo-se com passos pesados. Quando entrou na biblioteca, não esperava encontrar ninguém e, veja só, a sala estava cheia de livros e completamente desprovida de qualquer Tohr.

Onde poderia…?

Talvez não estivesse na casa afinal.

John saiu com pressa da biblioteca e deu a volta ao redor da escada principal, as solas das botas chiaram quando dobrou a esquina. Abrindo violentamente a porta oculta sob os degraus, entrou no túnel subterrâneo da mansão.

É claro. Tohr foi ao centro de treinamento. Se ia despertar e começar a viver, significava que voltaria para o campo de batalha. E significava se exercitar para conseguir que seu corpo voltasse a ficar em forma.

Quando John emergiu no escritório das instalações, não tinha voltado

totalmente à terra da esperança, e quando não encontrou Tohr, não se surpreendeu.

Foi ali que o informaram sobre a morte de Wellsie.

John percorreu o corredor e o leve som dos pesos ressoando foi uma bendita sinfonia para seus ouvidos, o alívio floresceu em seu peito até que as mãos e os pés formigaram.

Mas tinha de ficar calmo. Aproximando-se da sala de treinamento, abriu um sorriso e escancarou a porta…

Blaylock lançou um olhar do banco. A cabeça de Qhuinn se movimentava para cima e para baixo no simulador de escadas.

Enquanto John olhava ao redor, os dois pararam o que estavam fazendo. Blay colocou a barra de peso de volta no lugar, Qhuinn desceu lentamente ao chão.

*Viram o Tohr?*, gesticulou John.

– Não – disse Qhuinn enquanto enxugava o rosto com uma toalha. – Por que ele estaria aqui?

John saiu correndo e se dirigiu ao ginásio, onde não encontrou nada além de luzes embutidas, chãos de tábuas resplandecentes e colchonetes de um azul brilhante. A sala de equipamentos estava vazia. A sala de primeiros socorros e fisioterapia também. A clínica médica de Jane a mesma coisa.

Saiu correndo, disparado pelo túnel até a casa principal.

Quando chegou ali, subiu diretamente para as portas abertas do escritório do rei e não bateu na porta desta vez. Caminhou diretamente até a escrivaninha de Wrath e gesticulou, *Tohr sumiu*.

Enquanto o entregador de *pizza* tentava agarrar a caixa, todos os outros ficaram imóveis.

– Essa foi por pouco – disse o humano. – Não queria estragar o…

O homem congelou agachado como estava quando seus olhos captaram a mancha negra na parede indo em direção ao enfraquecido *redutor* que a tinha produzido.

– … seu… tapete.

– Oh, droga – cuspiu Lash, pegando o canivete do bolso no peito, acionando a lâmina e aproximando-se das costas do homem. Quando o moço da pizzaria ficou em pé, Lash passou o braço ao redor de seu pescoço e cravou a faca diretamente no coração.

Enquanto ele se encolhia e ofegava, a caixa de *pizza* caiu no chão e se abriu, a cor do molho de tomate e da calabresa pertencia à mesma família de cores do sangue que vazava do ferimento.

Grady saltou do banco e apontou para o assassino que ainda estava em pé.

– Ele permitiu que eu chamasse a *pizza*!

Lash apontou a ponta da faca em direção ao idiota.

– Cale a boca.

Grady voltou a sentar.

O Sr. D estava muito irritado ao se aproximar do assassino:

– Permitiu que ele encomendasse uma *pizza*? Fez isso?

O *redutor* rosnou.

– Pediu-me que entrasse e montasse guarda na janela do quarto dos fundos. Foi assim que descobrimos que as jarras tinham desaparecido, lembra? O imbecil ensopando o tapete foi quem o deixou telefonar.

O Sr. D não parecia estar interessado na lógica, e por mais divertido que fosse espancar aquele rato *redutor*, não havia muito tempo. Aquele humano que tinha aparecido com a *pizza* não voltaria a fazer mais entregas e seus companheiros de uniforme se dariam conta disso bem rápido.

– Chame reforços – disse Lash, fechando o canivete e aproximando-se do *redutor* incapacitado. – Que venham com uma caminhonete. Assim, retiram as caixas com as armas. Evacuaremos este apartamento e o de baixo.

O Sr. D pegou o telefone e começou a ladrar ordens enquanto o outro assassino entrava no quarto dos fundos.

Lash examinou Grady, que olhava fixamente a *pizza* como se estivesse considerando seriamente levantá-la do tapete para comer.

– Da próxima vez, você…

– As armas desapareceram.

Lash girou a cabeça para o *redutor*.

– Como?

– As caixas com as armas não estão no armário.

Por uma fração de segundo, tudo que Lash pôde pensar foi em matar alguém, e a única coisa que salvou Grady de ser esse alguém foi que mergulhou rapidamente na cozinha, saindo de seu campo visual.

Contudo, a lógica prevaleceu sobre a emoção e olhou para o Sr. D.

– Você fica responsável pela evacuação.

– Sim, senhor.

Lash apontou para o assassino que estava no chão.

– Quero que o levem ao centro de persuasão.

– Sim, senhor.

– Grady? – Quando não houve resposta, Lash amaldiçoou e entrou na cozinha para encontrar o cara encostado na geladeira, sacudindo a cabeça diante das prateleiras vazias. O idiota ou era esperto, ou estava apenas envolvido com seus próprios interesses, e Lash apostava que era o último. – Estamos indo embora.

O humano fechou a porta da geladeira e veio como o cão que era: rapidamente e sem discutir, movendo-se tão rápido que deixou seu casaco para trás.

Lash e Grady saíram de repente no frio, e o interior quente do Mercedes foi um alívio.

Enquanto Lash saía lentamente do complexo, pois a pressa poderia ter atraído a atenção das pessoas, Grady o olhou.

– Aquele cara… não o da *pizza*… o que morreu… não era normal.

– Não. Não era.

– Nem você.

– Não. Eu sou divino.

# CAPÍTULO 26

**No final da noite,** Ehlena vestiu o uniforme mesmo sabendo que não ia para a clínica. Por duas razões: primeiro, isso ajudava com seu pai, que não tolerava bem mudanças na rotina. E segundo, sentia que aquilo lhe daria uma pequena distância quando se encontrasse com Rehvenge.

Não dormiu nada durante o dia. Imagens do necrotério e a lembrança de como a voz de Rehvenge parecia cansada soavam como uma equipe de atletas que corria desenfreada golpeando seu cérebro, suas emoções giravam e giravam até que lhe doeu o peito.

Ia mesmo encontrar-se com Rehvenge? Na casa dele? Como é que isso aconteceu?

As perguntas ajudaram a recordar que só ia entregar os remédios. Tratava-se de prestar cuidados em um nível clínico, de enfermeira para paciente. Pelo amor de Deus, ele concordou que ela não deveria sair com ninguém e não era como se a tivesse convidado para jantar. Estava levando os comprimidos e tentaria persuadi-lo a consultar Havers. Era isso.

Depois de verificar como estava seu pai e dar lhe os remédios, desmaterializou-se para a calçada em frente ao edifício Commodore no centro da cidade. Em pé entre as sombras, levantou o olhar para a lateral elegante do arranha-céu e ficou chocada com o contraste entre aquilo e o sórdido lugar chinfrim que ela alugava.

Caramba… viver entre todo esse aço cromado e paredes de vidro custava dinheiro. Muito dinheiro. E Rehvenge tinha um apartamento na cobertura. Além disso, esta devia ser só uma das propriedades que possuía, porque nenhum vampiro em sã consciência descansaria rodeado por todas aquelas janelas durante o dia.

A linha divisória entre as pessoas normais e as pessoas ricas parecia tão longa quanto a distância entre onde ela estava e onde Rehvenge a esperava e, por um breve momento, entreteve-se com a fantasia de que sua família ainda tinha dinheiro. Se fosse assim, talvez estivesse usando algo diferente de seu

casaco barato de inverno e seu uniforme.

Enquanto permanecia muito abaixo dele ali na rua, parecia improvável que tivessem gostado um do outro. O telefone, porém, era uma relação virtual, só um degrau acima da internet. Cada pessoa estava em seu próprio ambiente, invisíveis um ao outro e só as vozes se mesclavam. Era uma falsa intimidade.

Tinha mesmo roubado comprimidos para este macho?

Dê uma olhada nos bolsos, ela pensou.

Com uma maldição, Ehlena se materializou no terraço do apartamento de cobertura, aliviada de que a noite estivesse relativamente tranquila. De outro modo, com o frio que fazia, qualquer vento ali em cima…

Que… *diabos é isso?*

Através dos inumeráveis painéis de vidro, o brilho de centenas de velas transformava a noite escura em uma névoa dourada. Dentro, as paredes do apartamento de cobertura eram negras e havia… coisas penduradas nelas. Coisas como um chicote de nove pontas feito de metal, chicotes de couro e máscaras… e havia uma mesa grande, de aparência antiga que estava… não, espere, aquilo era uma mesa de tortura, não era? Com correias de couro penduradas nos quatro cantos.

Oh… mas que droga, não. Rehvenge gostava daquela porcaria?

Certo. Mudança de planos. Deixaria os antibióticos para ele, claro, mas os deixaria em frente a uma dessas portas corrediças, porque não havia qualquer possibilidade de entrar ali. De. Jeito. Nenhum…

Um macho enorme com cavanhaque saiu do banheiro, secando as mãos e endireitando as calças de couro enquanto ia para a mesa de tortura. Com um salto rápido, levantou-se sobre a coisa e logo começou a acorrentar o tornozelo.

Aquilo ia ficar ainda mais doentio. Um trio?

– Ehlena?

Ela girou tão rapidamente que golpeou o quadril contra o muro baixo que cercava todo o terraço. Quando viu quem era, franziu a testa.

– Doutora Jane? – disse, pensando que aquela noite estava passando de "oh, droga, não" direto para "que diabos está acontecendo?". – O que você está?…

– Acho que está no lado errado do edifício.

– Lado errado… oh, espere, este não é o apartamento de Rehvenge?

– Não, esse é o de Vishous e meu. Rehv está do lado leste.

– Oh… – Bochechas vermelhas. Muito vermelhas e não era por causa do vento. – Lamento muito, entendi errado…

A doutora fantasmagórica riu.

– Está tudo bem.

Ehlena voltou a olhar o vidro, mas logo afastou os olhos. Sem dúvida, aquele era o Irmão Vishous. Que tinha olhos de diamante e tatuagens no rosto.

– Você deve ir para o lado leste.

Foi o que Rehv havia dito, não foi?

– Vou para lá agora mesmo.

– Eu a convidaria para cortar caminho, mas…

– É… acho melhor ir sozinha.

A doutora Jane sorriu com uma boa dose de malícia.

– Acho que será melhor.

Ehlena se acalmou e se desmaterializou para a parte correta do prédio, pensando: a Doutora Jane, uma dominatrix?

Bem, coisas mais estranhas tinham acontecido.

Quando recuperou sua forma, quase teve medo de olhar através do vidro, considerando o que tinha acabado de ver. Se Rehvenge tivesse mais do mesmo – ou pior, coisas como roupas femininas ou plumas de aves movendo-se por toda parte –, não sabia se seria capaz de relaxar o bastante para desmaterializar seu corpo para longe dali.

Mas não. Nada de perversões. Apenas um encantador e moderno interior feito com aquele tipo de móveis simples e elegantes que deviam ter vindo da Europa.

Rehvenge apareceu e parou quando a viu. Quando levantou a mão, a porta corrediça de vidro diante dela se abriu, e ela sentiu um aroma maravilhoso vindo do apartamento de cobertura.

Era… carne assada?

Rehvenge aproximou-se dela, movendo-se com um andar suave, apesar de depender da bengala. Usava um suéter negro de gola alta que evidentemente era de caxemira e um casaco negro impressionante. Com sua roupa fina, parecia saído da capa de uma revista, sofisticado e sedutor, totalmente fora de alcance.

Ehlena se sentia uma idiota. Vendo-o ali em seu belo apartamento, não é que se sentisse inferior a ele. Era apenas que ficou claro que não tinham nada

em comum. Que tipo de delírio a tinha atingido quando falaram ou se viram na clínica?

– Bem-vinda. – Rehvenge se deteve na porta e estendeu a mão para ela. – Teria esperado por você lá fora, mas faz muito frio para mim.

Dois mundos totalmente diferentes, pensou ela.

– Ehlena?

– Desculpe. – Ela colocou a mão na dele e entrou no apartamento apenas por educação. Em sua mente, já tinha ido embora.

Quando as mãos se encontraram, Rehv se sentiu roubado, agredido, assaltado, quebrado e invadido: não sentiu nada quando as mãos se fundiram e desejava desesperadamente poder sentir o calor de Ehlena. Ainda assim, apesar de estar dormente, o simples fato de observar como a pele deles entrava em contato foi suficiente para fazer seu peito cintilar.

– Olá – disse ela com um tom rouco enquanto ele a conduzia para dentro.

Fechou a porta e continuou segurando a mão até que ela rompeu o contato, aparentemente para dar uma volta e dar uma olhada no lugar. Entretanto, pressentia que ela necessitava de espaço.

– A vista aqui é extraordinária – disse, detendo-se para olhar fixamente a vista da cidade cintilante que se estendia diante dela. – Engraçado, parece uma maquete daqui de cima.

– Estamos bem alto, é verdade. – Olhava-a com olhos obsessivos, absorvendo-a através de sua visão. – Adoro a vista – murmurou.

– Posso ver por quê.

– E é silencioso. – E Privado. Só eles e ninguém mais no mundo. E, estando a sós com ela aqui e agora, quase podia acreditar que todas as coisas sujas que tinha feito foram crimes cometidos por um desconhecido.

Ela sorriu um pouco.

– Claro que é silencioso. No apartamento ao lado estão utilizando mordaças de bola… e…

Rehv riu.

– Errou o lado do edifício?

– E como.

Aquele rubor indicou que tinha visto algo mais que meros objetos da coleção de brinquedos de V.

De repente Rehv ficou mortalmente sério.

– Preciso dizer algo ao meu vizinho?

Ehlena sacudiu a cabeça.

– Não foi culpa dele, e felizmente ele e Jane não haviam… hum, começado. Graças a Deus.

– Pelo que vejo, você não gosta muito desse tipo de coisa.

Ehlena voltou a olhar fixamente para a vista.

– Ouça, eles são pessoas adultas, então, está tudo bem. Mas eu, pessoalmente? Nunca na vida.

E isso dizia tudo. Se sadomasoquismo era muito para ela, concluiu que não compreenderia o fato de que ele transava com uma fêmea a quem odiava como forma de pagamento à chantagem que recebia. Que, por um acaso, era sua meia-irmã. Oh, e que era uma *sympatho*.

Como ele.

Seu silêncio a fez girar a cabeça sobre o ombro.

– Sinto muito. Ofendi você?

– Também não estou nessa. – Oh, não mesmo. Ele era um prostituto com valores… a droga da perversão só acontecia unicamente se fosse forçado a isso. Pro inferno com aquele consentimento mútuo de V. e sua companheira. Sim, porque aquilo estava simplesmente errado.

Cristo, ele estava muito abaixo dela.

Ehlena perambulou pelo lugar, os sapatos de suave revestimento não faziam nenhum som no chão de mármore negro. Enquanto a olhava, deu-se conta de que sob o casaco de lã negro estava de uniforme. O que era lógico, concluiu para si mesmo, se tivesse de ir trabalhar depois dali.

Vamos lá, disse a si mesmo. Pensou mesmo que ela ficaria a noite toda?

– Posso pegar seu casaco? – disse, sabendo que devia estar com calor. – Tenho de manter este lugar mais quente que a maioria das pessoas acha confortável.

– Na verdade… eu deveria ir embora – colocou a mão no bolso. – Só vim trazer a penicilina.

– Esperava que ficasse para jantar.

– Sinto muito – estendeu-lhe uma bolsa de plástico. – Não posso.

Imagens rápidas da Princesa passaram no cérebro de Rehv e se lembrou de como se sentiu bem ao fazer o certo com Ehlena… apagando seu número de telefone. Não tinha nada que cortejá-la. Não mesmo.

– Compreendo – pegou os comprimidos. – E obrigado por trazê-los.

– Tome dois comprimidos, quatro vezes ao dia. Dez dias. Promete isso?

Ele assentiu uma vez.

– Prometo.

– Bom. E tente ir se consultar com Havers, ok?

Houve um momento embaraçoso e, então, ela levantou a mão.

– Certo… então, tchau.

Ehlena se afastou e ele abriu o painel de vidro com a mente, já que não confiava em si mesmo para aproximar-se muito dela.

*Oh, por favor, não vá. Por favor, não*, pensou.

Só queria sentir-se… limpo por um tempo.

Assim que ela saiu, deteve-se, e o coração de Rehv bateu com força.

Ehlena olhou para trás, o vento despenteando as mechas de cabelo pálido ao redor de seu rosto encantador.

– Com comida. Deve tomar com a comida.

Certo. Informação médica.

– Tenho muita aqui.

– Bom.

Depois de fechar a porta, Rehv a viu desaparecer nas sombras e teve de se esforçar para se virar.

Andando lentamente e utilizando a bengala, caminhou ao longo da parede de vidro e girou numa extremidade em direção à luz da sala de jantar.

Havia duas velas acesas. Dois lugares dispostos com talheres de prata. Dois copos para vinho. Dois copos para água. Dois guardanapos dobrados com cuidado e colocados em cima de dois pratos.

Sentou-se na cadeira que teria oferecido a ela, a que estava à sua direita, a posição de honra. Apoiou a bengala contra a coxa e deixou a bolsa de plástico na mesa de ébano, alisando-a com a mão para que os antibióticos descansassem um ao lado do outro em uma fila simples e ordenada.

Perguntou-se por que não tinham vindo em um frasco laranja com uma etiqueta branca, mas, de qualquer forma, ela os havia trazido. Isso era o principal.

Sentado ali no silêncio, rodeado pela luz das velas e pelo aroma de carne assada que tinha acabado de sair do forno, Rehv acariciou de novo a bolsa de plástico com o indicador adormecido. Tinha certeza de que estava sentindo algo. No centro morto de seu peito, tinha uma dor atrás do coração.

Tinha realizado muitos atos malignos ao longo da vida. Grandes e

pequenos.

Tinha preparado armadilhas para pessoas só para brincar com elas, fossem traficantes vagabundos transgredindo seu território, ou cretinos que não tratavam bem suas prostitutas, ou idiotas que transavam em qualquer lugar do seu clube.

Tinha aproveitado o vício dos outros em seu benefício. Vendia drogas. Vendia sexo. Vendia a morte sob a forma das habilidades especiais de Xhex.

Transou por todas as razões erradas possíveis.

Tinha mutilado.

Tinha assassinado.

E, ainda assim, nada disso o tinha incomodado até aquele momento. Não havia dúvidas, nem arrependimentos, nada de empatia. Só mais esquemas, mais planos, mais ângulos para serem descobertos e explorados.

Contudo, ali, diante daquela mesa vazia, naquele apartamento de cobertura vazio, sentia dor no peito e sabia o que era: arrependimento.

Teria sido extraordinário merecer Ehlena.

Mas isso era só mais uma coisa que jamais sentiria.

# CAPÍTULO 27

**Quando a Irmandade se** reuniu no escritório, Wrath manteve o olhar sobre John de seu vantajoso posto atrás da leve mesa de escritório. Do outro lado, o menino parecia que tinha sido atropelado na estrada. Seu rosto estava pálido, seu grande corpo imóvel e não participava da discussão. No entanto, o aroma de suas emoções era a pior parte disso: não havia nenhum. Nem o ardor picante e vigoroso da ira. Nem o sombrio sopro da tristeza. Nem sequer um pingo do aroma ácido do medo.

Nada. Enquanto estava entre os Irmãos e seus dois melhores amigos, permanecia isolado por sua falta de reação e seu transe de indiferença… estava com eles, mas não de fato.

Nada bom.

A dor de cabeça de Wrath que, como os olhos, os ouvidos e a boca, parecia estar permanentemente ligada ao crânio, assaltou mais uma vez as têmporas. Ele se recostou naquela cadeira frágil com a esperança de que um ajuste na posição pudesse aliviar a pressão.

Não teve sorte.

Talvez uma amputação craniana funcionasse. Deus era testemunha de que a doutora Jane era boa com uma serra.

Em frente a ele, na feia poltrona verde, Rhage mordeu com força um pirulito, rompendo um dos muitos silêncios incômodos que tinham marcado a reunião.

– Tohr não pode ter ido longe – murmurou Hollywood. – Não está forte o suficiente.

– Verifiquei no Outro Lado – disse Phury no viva-voz. – Não está com as Escolhidas.

– Que tal se passarmos por sua antiga casa? – sugeriu Butch.

Wrath balançou a cabeça.

– Não posso imaginar que ele queira ir até lá. Muitas lembranças.

Droga, nem sequer a menção daquela casa onde John morou algum tempo

despertou algo no menino. Mas, pelo menos, finalmente tinha escurecido, então poderiam sair a procura de Tohr.

– Eu fico, para caso ele voltar – disse Wrath no momento em que se abriam as portas duplas e V. entrou a passos largos. – Quero que o resto de vocês saia para buscá-lo na cidade, mas antes de ir, vamos deixar que nossa jornalista coloque as notícias em dia – fez um gesto com a cabeça para Vishous. – Jornalista?

O olhar furioso de V. foi a versão ocular de um dedo médio completamente estendido, mas procedeu com o relatório.

– Ontem à noite, no registro policial, houve uma denúncia registrada por um detetive de homicídios. Um cadáver foi achado no lugar onde se encontravam as caixas de armas. Humano. Entregador de *pizza*. Com uma única ferida de faca no peito. Não há dúvida de que o pobre bastardo topou com algo que não deveria. Acabo de piratear os detalhes do caso e, veja só, descobri uma anotação a respeito de uma mancha negra e oleosa que encontraram na parede próxima à porta. – Ouviram-se vários xingamentos resmungados. – Sim, bem, agora vem a parte interessante. A polícia observou que uma Mercedes foi vista no estacionamento aproximadamente duas horas antes que o gerente da pizzaria denunciasse que um de seus empregados não havia retornado depois de levar o pedido a esse endereço. E uma das vizinhas viu um homem loiro, obviamente, entrar nele com outro cara de cabelo escuro. Disse que era estranho ver aquele tipo de sedã chamativo na área.

– Um Mercedes? – perguntou Phury no telefone.

Rhage, tendo terminado de triturar outro pirulito, lançou o palito branco dentro do lixo de papel.

– Desde quando a Sociedade Redutora investe essa quantidade de dinheiro em suas rodas?

– Exatamente – disse V. – Não faz sentido. Mas aqui vem a desgraça. Também há testemunhas que relataram ter visto um Escalade negro de aspecto suspeito na noite anterior… e um homem de preto carregando… oh, caramba! Será que eram… caixas? Sim, quatro malditas caixas da parte traseira daquele grupo de quatro apartamentos.

Quando seu companheiro de quarto olhou de maneira incisiva para Butch, o tira sacudiu a cabeça.

– Mas não houve menção de terem as placas do Escalade. E assim que cheguei, troquei o jogo de placas que tinha colocado antes. Quanto à

Mercedes? As testemunhas confundem as coisas o tempo todo. É possível que o loiro e o outro homem não tenham tido nada a ver com o assassinato. Bom, vou ficar de olho nesse assunto – disse V. – Não acredito que haja qualquer possibilidade de a polícia relacioná-lo com algo que envolva o nosso mundo. Inferno, muitas coisas deixam manchas negras, mas é melhor estarmos preparados.

– Se o detetive desse caso é quem estou pensando, é um dos bons – disse Butch com calma. – Muito bom.

Wrath ficou em pé.

– Certo, o sol se pôs. Saiam daqui. John, quero falar com você a sós por um momento.

Wrath esperou que as portas se fechassem depois do último dos Irmãos antes de falar.

– Vamos encontrá-lo, filho. Não se preocupe. – Não houve resposta. – John? O que está acontecendo?

O menino só cruzou os braços sobre o peito e ficou olhando fixamente para frente.

– John…

Ele descruzou as mãos e gesticulou algo que diante dos olhos irritados de Wrath pareceu ser: *Vou sair com os outros*.

– Pro inferno que vai! – Isso fez que John girasse a cabeça com força. – Sim, isso não vai acontecer, considerando o fato de que você parece um zumbi. E dane-se essa sua história de "vou ficar bem". Se pensar durante sequer meio segundo que vou deixar que saia para lutar, está extremamente enganado.

John caminhou ao redor do escritório como se estivesse tentando controlar a si mesmo. Finalmente se deteve e gesticulou: *Não posso estar aqui neste momento. Nesta casa*.

Wrath franziu a testa e tratou de interpretar o que ele havia dito, mas toda aquela tensão só fez que sua dor de cabeça cantasse como uma soprano.

– Desculpe, o que foi que disse?

John abriu a porta com um puxão e, um segundo depois, entrou Qhuinn. Houve muitos movimentos de mãos e logo Qhuinn limpou a garganta.

– Diz que esta noite não pode estar nesta casa. Simplesmente não pode.

– Ok, então vá a algum bar e beba até desmaiar. Mas nada de lutar. – Wrath agradeceu a si mesmo por Qhuinn ficar grudado ao lado do menino. –

E, John… vou encontrá-lo.

Mais sinais e logo John se voltou para a porta.

– O que ele disse, Qhuinn? – perguntou Wrath.

– Ah… ele disse que não importa se vai encontrá-lo.

– John, não está falando sério.

O garoto girou e gesticulou para que Qhuinn traduzisse.

– Ah… disse: sim, que está falando muito sério. Ele disse que não pode mais viver assim… esperando, pensando cada noite e dia quando vai àquele quarto se Tohr… John, um pouco mais devagar. Ah… se o macho enforcou-se ou se foi embora de novo. Mesmo se ele voltar… John diz que para ele já chega. Foi deixado para trás muitas vezes.

Difícil argumentar com isso. Tohr não tinha sido um grande pai ultimamente, tendo sido sua única realização nessa área a criação da próxima geração de mortos-vivos.

Wrath fez uma careta de dor e esfregou as têmporas.

– Olha, filho, não sou um supercientista, mas pode falar comigo.

Houve um comprido, um extenso silêncio marcado por um estranho aroma… um aroma seco, de algo envelhecido… desapontamento? Sim, ele estava desapontado.

John fez uma pequena reverência como se estivesse agradecendo e logo se esquivou pela porta.

Qhuinn hesitou.

– Não vou deixar que ele lute.

– Então, vai salvar a vida dele. Porque se pegar as armas no estado em que está agora, voltará para casa em um caixão.

– Entendido.

Quando a porta se fechou, a dor rugiu nas têmporas de Wrath, obrigando-o a sentar-se.

Deus, tudo o que queria fazer era ir ao quarto que ele e Beth compartilhavam, jogar-se em sua enorme cama e deixar a cabeça cair sobre os travesseiros que tinham o perfume dela. Queria chamá-la e implorar para que se aproximasse dele apenas para abraçá-la. Queria ser perdoado.

Queria dormir.

Em vez disso, o rei voltou a se levantar, pegou as armas que estavam no chão ao lado da mesa do escritório e as prendeu sobre o corpo. Deixando o escritório com a jaqueta de couro na mão, desceu a escada principal, passou

pelo corredor da entrada e saiu na noite amarga. Pelo jeito, a dor de cabeça o acompanharia onde quer que fosse, então ele poderia muito bem fazer algo de útil e sair para procurar Tohr.

Quando se acomodou no casaco, foi atingido pela lembrança de sua *shellan* e o lugar onde ela tinha ido na noite anterior.

Que droga. Sabia exatamente onde Thor estava.

Ehlena tinha a intenção de deixar o terraço de Rehvenge imediatamente, mas enquanto entrava nas sombras, teve de olhar para o apartamento de cobertura. Através dos painéis de vidro, viu Rehvenge se virar e caminhar devagar ao longo da lateral do elegante apartamento…

Sua canela atingiu algo duro.

– Droga!

Saltitando sobre um pé e esfregando a perna, lançou um olhar desagradável ao vaso de mármore contra o qual bateu.

Quando se endireitou, esqueceu de toda a dor.

Rehvenge tinha entrado em outra sala e se deteve frente a uma mesa posta para dois. Velas resplandeciam em meio ao brilho dos cristais e da prataria, a longa parede de vidro deixava ver todo o trabalho que teve por ela.

– Droga… – sussurrou.

Rehvenge se sentou tão lenta e deliberadamente quanto tinha caminhado, olhando para trás primeiro, como para se certificar de que a cadeira estava onde deveria estar para logo agarrá-la com as mãos e sentar-se. Deixou o saquinho que lhe deu sobre a mesa e, enquanto parecia acariciá-lo, a gentileza de seus dedos contradizia aqueles fortes ombros e o escuro poder que era inerente ao seu rosto rígido.

Olhando para ele, Ehlena já não sentiu frio, nem o vento, nem a dor na canela. Banhado pela luz das velas, com a cabeça inclinada para baixo, tinha um perfil forte e verdadeiro, Rehvenge era incalculavelmente belo.

De repente, sua cabeça se elevou e a olhou diretamente, apesar de ela estar na escuridão.

Ehlena recuou e sentiu o muro do terraço contra o quadril, mas não se desmaterializou. Nem sequer quando ele colocou a bengala no chão e se levantou em toda sua estatura.

Nem mesmo quando a porta se abriu diante dele segundo sua vontade.

Precisava mentir melhor para fingir que estava apenas admirando a noite. E

não era uma covarde para fugir.

Ehlena caminhou até ele.

– Não tomou nenhum comprimido.

– É isso o que está esperando?

Ehlena cruzou os braços sobre o peito.

– Sim.

Rehvenge olhou para a mesa e para os dois pratos vazios.

– Disse que deviam ser tomados com a comida.

– Sim, disse.

– Bom, então, parece que vai me olhar comer. – O elegante movimento de seu braço convidando-a a entrar era uma provocação que ela não queria aceitar. – Vai se sentar comigo? Ou quer ficar aqui fora no frio? Oh, espere, talvez isso ajude – inclinando-se fortemente sobre a bengala, aproximou-se e soprou as velas.

As sinuosas ondas de fumaça que se formaram no ar pareceram um lamento por todas as possibilidades extintas de coisas que poderiam ter sido: tinha preparado um agradável jantar para os dois. Fez o esforço. Vestiu-se bem.

Ela entrou porque já tinha arruinado sua noite o suficiente.

– Sente-se – disse. – Voltarei com meu prato. A menos que…

– Já comi.

Inclinou-se ligeiramente quando ela puxou uma cadeira.

– Claro que já.

Rehvenge deixou a bengala apoiada contra a mesa e saiu, apoiando-se nos encosto das cadeiras, no aparador e no batente da porta de serviço que levava à cozinha. Quando voltou alguns minutos depois, repetiu a sequência com a mão livre, e logo se sentou na cabeceira da mesa com uma concentração cuidadosa. Pegando um brilhante garfo de prata, não disse uma palavra enquanto cortava cuidadosamente a carne e comeu com moderação e boas maneiras.

Cristo! Sentia-se como a vadia da semana, sentada frente a um prato vazio enquanto seu casaco continuava completamente abotoado.

O som do roçar da prata contra a porcelana fazia que o silêncio entre eles gritasse.

Acariciando o guardanapo que tinha em frente, sentiu-se horrível por muitos motivos e, embora não fosse muito boa para conversar, viu-se falando

porque simplesmente já não podia guardar tudo aquilo por mais tempo.

– Na noite de anteontem…

– Hum? – Rehvenge não a olhou, permaneceu concentrado em seu prato.

– Não me deixaram plantada. Sabe? Naquele encontro.

– Certo, bom para você.

– Ele foi assassinado.

Rehvenge levantou bruscamente a cabeça.

– O quê?

– Stephan, o macho que ia me encontrar… foi assassinado pelos *redutores*. O rei trouxe o corpo, mas eu não sabia que se tratava dele até que seu primo chegou procurando por ele. Eu… ah, ontem à noite passei meu turno preparando o corpo e devolvendo-o à família – sacudiu a cabeça. – Eles o surraram… não era possível identificá-lo.

Sua voz ficou embargada e se recusou a continuar, por isso simplesmente ficou ali sentada acariciando o guardanapo, com a esperança de poder acalmar a si mesma.

Dois sutis tinidos evidenciaram o fato de que o garfo e a faca de Rehv tinham pousado sobre o prato e, em seguida, estendeu a mão para ela, colocando-a sobre seu antebraço de maneira sólida.

– Eu sinto tanto – disse. – Não admira que não esteja interessada em nada disso. Se eu soubesse…

– Não, está tudo bem. De verdade. Deveria ter lhe tratado melhor ao chegar. É só que estou meio ausente esta noite. Acho que não sou eu mesma, afinal.

Ele apertou o braço dela e se acomodou de novo na cadeira como se não quisesse invadir seu espaço. Coisa que normalmente ela teria gostado, mas naquela noite pareceu uma pena – para usar uma palavra que ele gostava. O peso de seu toque sobre o casaco tinha sido muito agradável.

Falando disso, estava ficando com muito calor.

Ehlena desabotoou e tirou a lã dos ombros.

– Está quente aqui.

– Como disse antes, posso esfriar as coisas para você.

– Não – franziu a testa e o olhou. – Por que está sempre com frio? Efeitos colaterais da dopamina?

Ele assentiu.

– É também a razão pela qual preciso da bengala. Não posso sentir meus

braços nem minhas pernas.

Não tinha ouvido muito sobre vampiros reagindo assim com a droga, mas de qualquer maneira, as reações individuais eram muito diversas. E, além disso, a versão vampira do mal de Parkinson era uma enfermidade muito desagradável.

Rehvenge afastou o prato e os dois ficaram em silêncio por um longo tempo. À luz das velas ele parecia, de alguma maneira, esmaecido, sua energia habitual minguada, com seu humor muito sombrio.

– Você também não parece ser o de sempre – ela disse. – Não que eu o conheça muito bem, mas parece…

– Como?

– Igual a mim. Como num estado de coma ambulante.

Ele riu em uma pequena explosão.

– Isso é tão apropriado.

– Quer falar sobre isso?…

– Quer comer alguma coisa?…

Os dois riram e pararam.

Rehvenge balançou a cabeça.

– Olha, deixe-me trazer um pouco de sobremesa para você. É o mínimo que posso fazer. E não é um encontro. As velas estão apagadas.

– Na verdade, sabe de uma coisa?

– Mentiu sobre já ter comido antes de vir e agora está faminta?

Ela riu novamente.

– É isso aí.

Quando seus olhos ametista se fixaram nos dela, o clima entre eles mudou e teve a sensação de que via muitas coisas, coisas demais. Especialmente quando disse com um tom de voz enigmático:

– Vai deixar que eu a alimente?

Hipnotizada, cativada, sussurrou:

– Sim. Por favor.

O sorriso dele revelou presas longas e brancas.

– Essa é exatamente a resposta que eu procurava.

Como seria o sangue dele em sua boca?, perguntou-se de repente.

Rehvenge emitiu um ruído no fundo da garganta, como se soubesse exatamente o que estava pensando. Mas não levou aquilo adiante e, erguendo-se em toda sua grande estatura, foi para a cozinha.

Quando retornou com seu prato, tinha conseguido se recompor um pouco, mas quando colocou a comida em frente a ela, o aroma apimentado que flutuava ao seu redor era delicioso demais – e não tinha nada a ver com o que tinha cozinhado.

Decidida a manter-se centrada, Ehlena colocou o guardanapo no colo e provou a carne assada.

– Meu Deus, isto está fabuloso.

– Obrigado – disse Rehv enquanto sentava. – A *doggen* que temos em nossa mansão faz sempre dessa maneira. Aquece o forno a duzentos e quarenta graus e coloca a carne, por meia hora, em seguida, apaga o fogo e deixa a carne repousar. Não se pode abrir a porta para ver como está. Essa é a regra e de que confiar na receita. Duas horas depois?

– O paraíso.

– O paraíso.

Ehlena riu quando falaram ao mesmo tempo.

– Bem, está realmente boa. Derrete na boca.

– Mas para interesse geral, não pense que sou um *chef*, é a única coisa que sei cozinhar.

– Bom, pelo menos você faz uma coisa perfeita, e isso é mais que algumas pessoas podem fazer.

Ele sorriu e baixou os olhos para os comprimidos.

– Se eu tomar um desses agora, vai embora logo depois do jantar?

– Se eu disser que não, vai me dizer por que está tão quieto?

– Boa negociante.

– Só estou fazendo disso uma via de mão dupla. Já contei o que estava me pesando.

A tristeza escureceu seu rosto, fazendo sua boca se apertar e as sobrancelhas se unirem.

– Não posso falar sobre isso.

– Claro que pode.

Seus olhos, agora endurecidos, fixaram-se nela.

– Assim como você pode falar sobre seu pai?

Ehlena baixou o olhar para seu prato e tomou um cuidado especial ao cortar um pedaço de carne.

– Desculpe – disse Rehv. – Eu… droga.

– Não, tudo bem. – Apesar de não estar. – Às vezes pressiono muito. É

ótimo quando se lida com a saúde das pessoas. Mas não tão bom quando se trata de coisas pessoais.

Quando o silêncio se instalou novamente entre eles, passou a comer mais rápido, pensando em sair assim que terminasse.

– Estou fazendo algo do qual não me sinto orgulhoso – disse ele abruptamente.

Ela levantou o olhar. A expressão dele era definitivamente vil, a raiva e o ódio o transformaram em alguém que, se ela não o tivesse visto agindo de outras maneiras, teria medo. Contudo, nada do maligno olhar era dirigido a ela. Era uma manifestação do que sentia por si mesmo. Ou por outra pessoa.

Ela sabia que era melhor não pressioná-lo. Especialmente considerando seu humor.

Por isso se surpreendeu quando ele disse:

– É uma coisa permanente.

Perguntou-se se seria um assunto pessoal ou negócios.

Rehv levantou os olhos para observá-la.

– Trata-se de uma determinada fêmea.

Certo. Uma fêmea.

Ok, não tinha direito a sentir aquela fria pressão ao redor do peito. Não era da conta dela se ele estava envolvido com alguém. Nem que fosse um ator que interpretava aquela cena de jantar com carne assada, luz de velas e sedução especial para, só Deus sabia, quantas fêmeas diferentes.

Ehlena limpou a garganta e baixou a faca e o garfo. Ao limpar a boca com o guardanapo, disse:

– Uau. Sabe? Nunca pensei em perguntar se era casado. Não tem um nome nas costas…

– Não é minha *shellan*. E não a amo nem um pouco. É complicado.

– Têm um filho em comum?

– Não, graças a Deus.

Ehlena franziu a testa.

– Entretanto, é uma relação?

– Acho que pode chamar assim.

Sentindo-se uma total e completa idiota por ter se deixado envolver com ele, Ehlena colocou o guardanapo sobre a mesa ao lado do prato e ofereceu um sorriso muito profissional enquanto ficava em pé e pegava seu casaco.

– Devo ir agora. Obrigada pelo jantar.

Rehv amaldiçoou.

– Não deveria ter dito nada…

– Se seu objetivo era me levar para a cama, tem razão. Foi uma jogada ruim. Ainda assim, agradeço por ter sido honesto…

– Não estava tentando levá-la para a cama.

– Oh, claro que não, porque estaria traindo sua mulher. – Cristo, por que se chateava tanto com isso?

– Não – ele retrucou –, é porque sou impotente. Acredite em mim, se pudesse ter uma ereção, a cama seria o primeiro lugar onde eu gostaria de ir com você.

# CAPÍTULO 28

– **Passar o tempo com você** é como ver tinta secar – a voz de Lassiter ecoou até as estalactites que pendiam do alto teto da Tumba. – Sem a reforma da casa, porém. O que é uma tragédia, visto como está este lugar. Vocês sempre procuram a melancolia e a desgraça? Nunca ouviram falar em loja de decoração?

Tohr esfregou o rosto e olhou ao redor da caverna, que durante séculos serviu como lugar sagrado de reunião para a Irmandade. Atrás do altar de pedra maciça ao lado do qual estava sentado, corria a parede de mármore negro que continha todos os nomes dos Irmãos, estendendo-se ao longo da parte de trás da caverna. Velas negras em pesados suportes projetavam uma luz flutuante sobre todas as gravuras feitas no Antigo Idioma.

– Somos vampiros – ele disse. – Não fadas.

– Às vezes não tenho tanta certeza disso. Viu aquele escritório onde seu rei costuma ficar?

– Ele é quase cego.

– O que explica por que não se enforcou dentro daquele desastre em tons pastéis.

– Achei que estivesse reclamando da decoração de estilo melancólico e trágico.

– Só estou fazendo uma livre associação.

– Claro. – Tohr não olhou o anjo, já que imaginou que o contato visual só encorajaria o cara. Oh, espere. Lassiter não precisava de ajuda nisso.

– Espera que essa caveira sobre o altar fale com você ou alguma coisa assim?

– Na verdade, nós dois esperamos que você finalmente fique calado. – Tohr encarou o cara. – Quando estiver preparado. *A qualquer hora*.

– Diz as coisas mais doces. – O anjo sentou seu radiante traseiro em um dos degraus de pedra ao lado de Tohr. – Posso perguntar uma coisa?

– Um "não" é uma opção?

– Não. – Lassiter mudou de posição e olhou fixamente a caveira. – Essa coisa parece mais velha que eu. Sendo gentil.

– Foi o primeiro Irmão, o primeiro guerreiro que combateu o inimigo com bravura e poder, é o símbolo mais sagrado de força e propósito no seio da Irmandade.

Lassiter parou de brincar pela primeira vez.

– Deve ter sido um grande guerreiro.

– Pensei que ia me perguntar alguma coisa.

O anjo ficou em pé com uma maldição e sacudiu as pernas.

– Sim, quero dizer… como você consegue ficar sentado tanto tempo? Meu traseiro está me matando.

– Sim, as cãibras cerebrais são terríveis.

Embora o anjo tivesse razão quanto ao tempo transcorrido, Tohr estava sentado ali, olhando fixamente a caveira e a parede de nomes mais à frente do altar, durante tanto tempo, que seu traseiro já não estava só adormecido como também indistinguível dos degraus.

Tinha chegado ali na noite anterior, atraído por uma mão invisível, compelido a buscar inspiração, clareza e se reconectar com a vida. Em vez disso, encontrou apenas uma pedra. Fria. E um monte de nomes que outrora significaram algo para ele e agora não eram nada mais que uma lista de mortos.

– É porque está buscando no lugar errado – disse Lassiter.

– Pode ir agora.

– Toda vez que diz isso, traz uma lágrima aos meus olhos.

– Engraçado, aos meus também.

O anjo se inclinou, e a essência de ar fresco o precedia.

– Nem essa parede nem essa caveira darão o que está procurando.

Tohr apertou os olhos e desejou ser suficientemente forte para lutar contra o cara.

– Não vão? Bem, então eles estão o transformando em um mentiroso. “Chegou o momento. Esta noite tudo muda”. Você não acredita em presságios?

Lassiter sorriu e ajustou o aro de ouro que perfurava sua sobrancelha.

– Se pensa que sendo rude vai chamar minha atenção, vai ficar muito entediado antes que eu me importe.

– Droga, por que está aqui? – O esgotamento de Tohr penetrou sua voz,

debilitando-a e enchendo-a de chateação. – Por que diabos não me deixou onde me encontrou?

O anjo subiu os degraus negros de mármore e andou para cima e para baixo diante da lustrosa parede com os nomes esculpidos, detendo-se de vez em quando para inspecionar um ou dois.

– O tempo é um luxo, acredite ou não – disse.

– Parece mais como uma maldição para mim.

– Sem o tempo, sabe o que se obtém?

– O Fade. Que era para onde estava indo até você chegar.

Lassiter percorreu com o dedo uma linha gravada de caracteres e Tohr afastou o olhar rapidamente quando se deu conta do que soletravam. Era seu nome.

– Sem o tempo – disse o anjo –, você tem apenas o atoleiro informe e sem fundo da eternidade.

– Para sua informação, filosofia nunca foi meu forte.

– Não é filosofia. É a realidade. O tempo é o que dá significado à vida.

– Vá se danar. Sério… vá se danar.

Lassiter inclinou a cabeça para o lado, como se tivesse ouvido alguma coisa.

– Finalmente – murmurou. – O bastardo estava me deixando louco.

– Como?

O anjo voltou a se aproximar, inclinou-se para ficar bem em frente ao rosto de Tohr e disse com uma dicção clara:

– Ouça, meu amigo. Sua *shellan*, Wellsie, me enviou. É por isso que não deixei você morrer.

O coração de Tohr parou no peito quando o anjo elevou o olhar e disse:

– Por que demorou tanto?

A voz de Wrath estava irritada quando suas botas retumbaram ao descer até o altar.

– Bem, da próxima vez diga a alguém onde diabos vai estar…

– O que você disse? – inspirou Tohr.

Lassiter estava sem qualquer sinal de remorso quando voltou a prestar atenção nele.

– Não é essa parede que você precisa olhar. Experimente um calendário. Já faz um ano que Wellsie foi morta pelo inimigo. *Droga, acorde e supere logo isso!*

Wrath amaldiçoou.

– Calma Lassiter…

Tohrment saltou do chão da caverna com algo parecido à antiga força que uma vez teve e golpeou o anjo como se fosse um zagueiro de futebol americano e, apesar da diferença de peso, derrubou-o com força sobre o chão de pedra. Envolvendo as mãos ao redor de sua garganta, olhou fixamente dentro dos olhos brancos e apertou, revelando suas presas.

Lassiter apenas o encarou e infiltrou sua voz diretamente na mente de Tohr: *O que vai fazer, idiota? Vai vingá-la ou desonrá-la desperdiçando o tempo assim?*

A enorme mão de Wrath agarrou o ombro de Tohr como a garra de um leão, cravando-a sobre ele e o puxando para trás.

– Solte-o.

– Não… –Tohr bufava. – Nunca… mais…

– Chega – exclamou Wrath.

Tohr foi afastado até cair para trás e, enquanto ricocheteava como um pau deixado cair ao chão, saiu de seu transe assassino. Despertando também. Não sabia de que outra maneira descrever. Foi como se algum interruptor fosse acionado e sua fileira de luzes, que estava extinta, tivesse voltado à vida de repente, cheia de eletricidade outra vez.

O rosto de Wrath entrou em seu raio de visão e Tohr o viu com uma clareza que não teve desde… nunca.

– Você está bem? – perguntou seu Irmão. – Caiu com força.

Tohr estendeu a mão e percorreu os fortes braços de Wrath tentando obter alguma ideia da realidade. Jogou um olhar a Lassiter e, em seguida, olhou fixamente ao rei.

– Sinto muito… sobre isso.

– Está brincando? Todo mundo quer estrangular Lassiter.

– Sabe? Vou acabar adquirindo um complexo – disse o anjo entre tosses enquanto tentava recuperar o fôlego.

Tohr agarrou os ombros do rei.

– Ninguém diz nada sobre ela – gemeu. – Ninguém diz seu nome, ninguém fala sobre… o que aconteceu.

Wrath segurou a nuca de Tohr e o sustentou.

– Por respeito a você.

Os olhos de Tohr se dirigiram à caveira que havia sobre o altar e em

seguida para a parede esculpida. O anjo estava certo. Havia apenas um nome que poderia despertá-lo e não estava inscrito ali.

*Wellsie*.

– Como soube onde estávamos? – perguntou a seu rei, ainda concentrado na parede.

– Às vezes, as pessoas precisam retornar ao início. Onde tudo começou.

– Está na hora – disse o anjo caído em voz baixa.

Tohr olhou a si mesmo, ao debilitado corpo por baixo das folgadas roupas. Era um quarto do macho que tinha sido, talvez menos. E isso não se devia apenas a todo o peso que tinha perdido.

– Oh, meu Deus… olhe para mim.

A resposta de Wrath foi clara e concisa.

– Se você está pronto, também estamos prontos para tê-lo de volta.

Tohr olhou o anjo, notando, pela primeira vez, a aura dourada que o envolvia. O enviado do céu. O enviado de Wellsie.

– Estou pronto – disse a todos e a ninguém ao mesmo tempo.

Quando Rehv encarou Ehlena do outro lado da mesa, pensou: bem, pelo menos, ela não saiu correndo depois que eu joguei a bomba.

*Impotente* não era uma palavra que alguém gostaria de usar perto de uma fêmea na qual está interessado. A menos que fosse usar algo no estilo: *Droga, não, é claro que NÃO sou impotente.*

Ehlena voltou a se sentar.

– É… por causa da medicação?

– Sim.

Os olhos dela se distanciaram, como se estivesse fazendo cálculos mentais, e o primeiro pensamento que veio à mente foi: *Minha língua ainda funciona e meus dedos também.*

Guardou o pensamento para si.

– A dopamina tem um efeito estranho em mim. Ao invés de estimular a testosterona, drena toda essa droga do meu corpo.

Os cantos da boca dela se ergueram.

– O que vou dizer é absolutamente inapropriado, mas considerando o quanto é viril…

– Eu seria capaz de fazer amor com você – ele disse com calma. – É o que eu faria.

Os olhos dela o fulminaram cheios de uma expressão que dizia "*Por que diabos ele acabou de dizer isso?*".

Rehv passou a mão sobre seu moicano.

– Não vou me desculpar pelo fato de gostar de você, mas não vou desrespeitá-la tentando fazer alguma coisa sobre isso. Quer café? Já está pronto.

– Ah… claro – como se esperasse que aquilo pudesse esclarecer suas ideias. – Escute…

Deteve-se ao levantar.

– Sim?

– Eu… ah…

Quando ela não continuou, ele encolheu os ombros.

– Só me permita trazer o café. Quero servi-la. Fico feliz com isso.

Feliz era extremamente pouco.

Enquanto retornava à cozinha, uma satisfação gritante atravessou seu torpor. O fato de estar alimentando-a com a comida que preparou para ela, dando bebida para aliviar sua sede, proporcionando um abrigo para o frio…

O nariz de Rehv captou um aroma apimentado e, a princípio, pensou tratar-se da carne assada que tinha deixado para fora. Mas não… não era isso.

Concluindo que tinha outras coisas com que se preocupar além de seu nariz, foi até os armários e tirou uma xícara e um pires. Depois de servir o café, ajeitou a gola do paletó…

E congelou.

Ergueu a mão ao nariz, inalou profundamente e não pôde acreditar no que estava cheirando. Não era possível…

Só que esse aroma só podia significar uma coisa e não tinha nada a ver com seu lado *sympatho*: a misteriosa fragrância que saía dele era o aroma da vinculação, a marca que os vampiros machos deixavam na pele e no sexo de suas fêmeas a fim de que outros machos soubessem quem iriam enfrentar se chegassem perto dela.

Rehv baixou o braço e olhou para a porta de serviço, atordoado.

Quando se tem uma certa idade, não se espera mais surpresas de seu corpo. Ao menos, não mudanças positivas. Talvez articulações frágeis. Pulmões falhando. Visão ruim. Claro, quando a idade chega é o que acontece. E, de fato, depois dos novecentos anos ou mais que se seguiram após sua transição, experimentava aquilo.

Embora *positiva* pudesse não ser a palavra exata que utilizaria para essa mudança.

Sem qualquer motivo aparente, pensou na primeira vez em que fez sexo. Foi logo após sua transição, e quando o ato acabou, estava convencido de que a fêmea e ele se casariam e viveriam juntos e felizes para o resto da vida deles. Tinha uma beleza perfeita, uma fêmea que o irmão de sua mãe trouxera para casa para que Rehv usasse quando entrasse na mudança.

Era morena.

Jesus, não conseguia se lembrar do nome dela agora.

Olhando para trás, com tudo que tinha aprendido sobre machos, fêmeas e atração, sabia que a surpreendeu com o fato de que o tamanho de seu corpo aumentou muito após a transição. Ela não esperava gostar do que viu. Não esperava desejá-lo. Mas desejou e eles transaram, e o sexo foi uma revelação, a sensação de toda a carne, o ímpeto viciante, o poder que tinha ao assumir o controle depois das primeiras vezes.

Foi nesse momento que ele descobriu que possuía uma farpa em seu sexo – contudo, ela estava tão ávida por ele que nem notou que Rehv teve de esperar um pouco antes que pudesse retirar-se de seu interior.

No final, sentiu-se em paz, contente. Mas não houve um desenlace no estilo "viveram felizes para sempre". Com o suor ainda secando sobre o corpo, ela vestiu as roupas e se dirigiu à porta. Quando estava saindo, sorriu docemente e disse que não cobraria de sua família pelo sexo.

Seu tio a tinha comprado para que o alimentasse.

Engraçado considerar tudo isso agora. Parecia mesmo uma surpresa onde tinha acabado? O sexo por conveniência foi incutido em seu interior muito cedo – apesar de aquele primeiro ato sexual, ou dos seis primeiros, ter saído por conta da casa, por assim dizer.

Por isso, sim, se aquele misterioso aroma significava que sua natureza vampira tinha se vinculado a Ehlena, não era uma boa notícia.

Rehv pegou o café e, com cuidado, o carregou passando pela porta de serviço, indo até a sala de jantar. Quando o colocou frente a ela, desejou tocar seu cabelo, mas, em vez disso sentou.

Ela levou a xícara aos lábios.

– Faz um bom café.

– Ainda não provou.

– Posso cheirá-lo. E adorei o aroma.

Não é o café, pensou. Não tudo, de qualquer forma.

– Bom, adoro seu perfume também – disse ele, pois era um idiota.

Ela franziu a testa.

– Não estou usando nada. Quero dizer, além de sabonete e xampu.

– Bem, então gosto do aroma deles. E estou muito contente por ter ficado.

– É isso o que tinha planejado?

Seus olhos se encontraram. Droga, ela era perfeita. Radiante como as velas.

– Que ficasse até a hora do café? Sim, acho que eu buscava um encontro.

– Pensei que concordava comigo.

Cara, aquele tom de voz ofegante o fazia a desejar contra seu peito nu.

– Concordar com você? Que inferno, se fosse para fazê-la feliz diria sim a tudo. Mas a que se refere especificamente?

– Disse… que eu não deveria me encontrar com ninguém.

Ah, claro.

– Não deveria.

– Não entendo.

Que se dane, mas ele iria em frente. Rehv colocou seu cotovelo adormecido sobre a mesa e se inclinou para ela. Enquanto encurtava a distância, os olhos dela ficaram maiores, mas ela não recuou.

Fez uma pausa, para dar a oportunidade de interrompê-lo. Por quê? Não fazia nem ideia. Seu lado *sympatho* só se detinha para analisar ou para melhor aproveitar uma fraqueza. Mas ela fazia que quisesse ser decente.

Contudo, Ehlena não pediu para que se afastasse.

– Não… entendo – sussurrou ela.

– É simples. Não acho que deva se encontrar com qualquer um. – Rehv se aproximou ainda mais, até que pôde ver os pontinhos dourados nos olhos dela. – Mas eu não sou qualquer um.

# CAPÍTULO 29

*Eu não sou qualquer um*.

Enquanto olhava fixamente os olhos de ametista de Rehvenge, Ehlena pensou que ele tinha toda razão. Naquele momento de silêncio, com uma explosiva vibração sexual entrelaçando-os e o aroma de uma misteriosa colônia no ar, Rehvenge era tudo e todos.

– Você vai me deixar beijá-la – ele disse.

Não era uma pergunta, mas, de qualquer forma, ela assentiu e ele estreitou a distância entre a boca deles.

Seus lábios eram suaves e seu beijo ainda mais suave. E, na opinião dela, afastou-se muito rápido. Muito rápido mesmo.

– Se quiser mais – disse em voz baixa e rouca. – Quero lhe dar.

Ehlena olhou sua boca fixamente e pensou em Stephan… e em todas as escolhas que ela não tinha mais. Estar com Rehvenge era algo que desejava. Não fazia sentido, mas isso não importava naquele momento.

– Sim. Quero mais. – Só que, logo em seguida, tudo ficou claro para ela. Ele não podia sentir nada, podia? Então o que aconteceria se levassem isso adiante?

Sim, como abordar esse assunto sem fazê-lo se sentir um aleijado? E quanto àquela outra fêmea dele? Era evidente que não dormia com ela, mas havia algo sério acontecendo.

Os olhos ametista baixaram até seus lábios.

– Quer saber o que eu ganho com isso?

Cara, aquela voz era puro sexo.

– Sim – suspirou.

– Consigo vê-la como está agora.

– Como… estou?

Percorreu um dedo por seu rosto.

– Está corada. – Seu toque passou para seus lábios. – Sua boca está aberta porque está pensando em mim, beijando-a outra vez. – Desceu com aquela

tenra carícia até a garganta. – Seu coração está bombeando. Posso vê-lo nesta veia aqui. – Deteve-se entre os seios, abriu a boca e suas presas se alongaram. – Se continuo, acredito que descobriria que seus mamilos endureceram e sem dúvida há outros sinais de que está preparada para mim. – Inclinou-se sobre seu ouvido e sussurrou. – Está preparada para mim, Ehlena?

Mas. Que. Droga.

Sua caixa torácica ficou tensa ao redor dos pulmões, e uma doce e estonteante sensação de sufocamento fez que o fluxo que sentiu de repente entre as coxas ficasse ainda mais atordoante.

– Ehlena, responda. – Rehvenge acariciou seu pescoço com o nariz, percorrendo um afiado canino sobre a veia dela.

Quando a cabeça dela caiu para trás, agarrou-se à manga do elegante casaco, apertando o tecido. Tinha passado tanto tempo… uma eternidade… desde a última vez que alguém a abraçou. Desde que ela foi algo mais que a cuidadora de um doente. Desde que sentiu seus seios, quadris e coxas como sendo algo mais que partes que deviam ser cobertas antes de sair em público. E agora aquele belo macho, que não era qualquer um, desejava estar com ela com o único propósito de agradá-la.

Ehlena teve de piscar rapidamente, sentindo como se acabassem de lhe dar um presente e se perguntou até onde poderia ir. Antes de sua família ser expulsa da *glymera* e antes de serem rechaçados, era prometida a um macho. A cerimônia de casamento foi programada, mas não chegou a se realizar depois do retrocesso no *status* de sua família.

Quando estavam juntos, deitou-se com o macho, contudo, sendo uma fêmea de valor da *glymera*, não deveria tê-lo feito porque ainda faltava unirem-se formalmente. Mas a vida parecia muito curta para esperar.

Agora, sabia que era ainda mais curta.

– Tem uma cama neste lugar? – perguntou.

– E eu mataria para poder levá-la até lá.

Foi ela quem se levantou e estendeu a mão para ele.

– Vamos.

O que fazia tudo aquilo correto era que tudo se tratava de agradar Ehlena. A falta de sensações de Rehv o deixava completamente fora da equação, liberando os dois das desagradáveis implicações que teriam se ele estivesse envolvido.

Cara, que alegria era aquela. Ele era obrigado a entregar seu corpo à Princesa. Mas estava escolhendo dar a Ehlena…

Bom, droga, não sabia exatamente o quê, mas envolvia muito mais que sexo. Valia muito mais a pena também.

Agarrando a bengala, porque não queria ter que depender de Ehlena para se equilibrar, levou-a ao quarto onde havia sua cama do tamanho de uma piscina, a colcha de cetim negro e a vista panorâmica.

Fechou a porta com a mente, mesmo sabendo que não havia mais ninguém no apartamento, e a primeira coisa que fez foi virar Ehlena para que ela o olhasse de frente e soltasse seu cabelo. As ondas de uma intensa cor loiro-avermelhada caíram, chegando abaixo dos ombros e, apesar de não poder sentir as sedosas mechas, pôde cheirar a leve e natural fragrância de seu xampu.

Era limpa e fresca, como um riacho onde poderia tomar banho.

Deteve-se, uma pontada desconhecida de consciência o paralisou. Se Ehlena soubesse o que ele era, se soubesse o que fazia para viver, se soubesse o que fazia com seu corpo, não o escolheria. Tinha certeza disso.

– Não pare – ela disse, erguendo o rosto. – Por favor…

A força de vontade o dividiu em compartimentos, colocando para fora do quarto as coisas más e cruéis da vida e todas as realidades perigosas que já tinha enfrentado, as trancou do lado de fora e as isolou.

Assim, eram apenas eles dois ali.

– Não vou parar a menos que você queira. – E, se ela quisesse, ele o faria, sem fazer perguntas. A última coisa que ele queria era que ela se sentisse da mesma maneira que ele a respeito do sexo.

Rehv se inclinou para frente, colocou os lábios sobre os dela e a beijou com cuidado. Como não tinha sensibilidade, não queria esmagá-la, e tinha a impressão de que ela se apertaria contra ele se quisesse mais…

Ehlena fez exatamente isso, envolveu os braços ao seu redor e os juntou quadril com quadril.

E… droga, ele sentiu algo. Vinda do nada, uma chama de emoção abriu caminho através de seu torpor. A onda que irradiava era fraca, mas, definitivamente, ele podia sentir seu calor. Durante uma fração de segundo ele se afastou, o medo o atingiu… mas sua visão permaneceu em três dimensões e o único vermelho que via provinha do brilho do relógio digital que havia sobre o criado-mudo.

– Está tudo bem? – ela perguntou.

Ele esperou mais alguns batimentos cardíacos.

– Sim… sim, totalmente – Traçou seu rosto com o olhar. – Posso despi-la?

Oh, Deus, ele disse mesmo aquilo?

– Sim.

– Oh… obrigado…

Rehv desabotoou a frente de seu uniforme devagar, cada centímetro de pele era uma revelação. O ato não era tanto para despi-la, mas para revelá-la. E foi com mãos atentas que deslizou a metade superior do que vestia por seus ombros, para baixo, passando sobre os quadris até cair ao chão. Quando a viu de frente com o sutiã branco, as meias brancas e o indício da calcinha branca aparecendo sob as meias finas, sentiu-se estranhamente honrado.

Mas isso não era tudo. O aroma do sexo dela acendeu um zumbido em seus ouvidos que o fez sentir como se estivesse consumindo carreiras de cocaína durante uma semana e meia sem parar. Ela o desejava. Quase tanto quanto ele desejava atender a seus desejos.

Rehv a levantou rodeando sua cintura com os braços e apertando-a contra si. Ela não pesava nada, e ele soube disso porque sua respiração não mudou enquanto a carregava.

Quando recuou para observá-la, Ehlena não era como as fêmeas com as quais esteve. Não estendeu e abriu as pernas, não brincou consigo mesma, não se arqueou e nem atuou como uma garota de programa dizendo "venha-me-possuir-grandalhão".

Ela também não queria lhe causar dor e não tinha nenhum interesse em envergonhá-lo – não havia qualquer rastro de crueldade ardente e erótica em seus olhos.

Ela apenas o olhava com admiração e uma expectativa sincera, uma fêmea sem artifícios ou cálculos em mente – o que era um trilhão de vezes mais *sexy* que qualquer outra fêmea que tenha conhecido.

– Quer que eu fique vestido? – perguntou.

– Não.

Rehv dispensou o casaco como se tivesse sido feito por uma loja qualquer: jogou a obra de arte da Gucci ao chão sem nenhum cuidado. Tirou os mocassins com um chute, desabotoou o cinto e deixou as calças caírem. A camisa foi tirada rapidamente. Assim como as meias.

Hesitou com a cueca, colocou os polegares na cintura preparado para dar o

puxão, mas falhou com o movimento.

A falta de uma ereção o envergonhava.

Rehv não teria pensado que aquilo tinha importância. Diabos, seu membro flácido foi o que tornou isso possível. Mas, de qualquer forma, sentia-se menos macho.

Na verdade, não se sentia nem um pouco macho.

Tirou as mãos e as colocou sobre o sexo.

– Vou deixar isso.

Ehlena se aproximou dele, com uma expressão de desejo nos olhos.

– Quero você da maneira que vier.

Ou não vier, como era o caso.

– Sinto muito – disse baixinho.

Houve um momento incômodo, mas o que ela poderia responder? E, no entanto, ele esperava, desejava… alguma coisa dela.

Reafirmação?

Cristo, o que havia de errado com ele? Todos esses pensamentos e reações bizarras estavam entrecortando a paisagem de sua mente, iluminando caminhos que levava a lugares dos quais ele só ouvia falar, lugares como a vergonha, a tristeza e a preocupação. Insegurança também.

Talvez os hormônios sexuais que ela estava agitando nele eram como a dopamina e provocavam o efeito contrário. Transformando-o num medroso.

– Está bonito sob esta luz – disse em tom rouco. – Seus ombros e peito são tão grandes, não posso imaginar como é ser tão forte. E sua barriga… gostaria que a minha fosse tão plana e firme. Suas pernas são muito poderosas também, só músculos, sem um grama de gordura.

Enquanto subia a mão do abdômen até um dos peitorais, percorreu com o olhar a barriga dela levemente arredondada.

– Penso que é perfeita assim como é.

A voz dela adotou um tom grave.

– E eu penso o mesmo sobre você.

Rehv respirou com dificuldade.

– Mesmo?

– Você é muito *sexy* para mim. Basta olhar para você… o desejo chega a doer.

Bem… aí está. E, ainda assim, precisou de um estranho tipo de coragem para voltar a deslizar os polegares sob a cintura da cueca e baixá-la

lentamente pelas coxas.

Quando se deitou ao lado dela, seu corpo tremia e sabia disso porque podia ver os músculos tremerem.

Importava-se com o que ela pensasse sobre ele. Sobre seu corpo. Pelo que ia acontecer naquela cama. Com a Princesa? Ele não dava a mínima se ela gostava do que fazia. E nas poucas ocasiões em que esteve com suas garotas, não quis machucá-las, é obvio, mas tinha sido uma troca de sexo por dinheiro.

Xhex e ele foi simplesmente um erro. Nem bom nem mau. Aconteceu e nunca voltaria a acontecer.

Ehlena passou as mãos pelos braços e ombros dele.

– Beije-me.

Rehv a olhou nos olhos e fez exatamente isso, aproximando seus lábios dos dela, acariciou-os, e então estendeu a língua e a beijou. Continuou beijando-a até que ela se agitou na cama e o apertou com as mãos de maneira tão firme que o estranho eco de emoção queimou outra vez. A sensação fez que se detivesse e abrisse os olhos para checar sua visão, mas estava tudo normal, sem manchas de vermelho.

Voltou para o que estava desfrutando, sendo cuidadoso porque não podia medir a pressão do contato, deixando-a se aproximar dele para não esmagá-la com a boca.

Ele queria ir muito mais longe… e ela leu sua mente.

Ehlena tomou a iniciativa e tirou o sutiã, soltando o fecho frontal e despindo-se. Oh… droga, sim. Seus seios eram perfeitamente proporcionais e coroados com rijos mamilos rosados – os quais ele sugou rapidamente com a boca um após o outro.

O som de seus gemidos acendeu seu corpo, substituindo o frio por vida e energia, calor e necessidade.

– Quero descer por seu corpo – ele rosnou.

O "por favor" dela foi mais um gemido que uma voz e seu corpo ofereceu uma resposta ainda mais clara. Suas coxas se separaram e abriu as pernas, oferecendo o melhor convite que ele poderia receber.

Aquelas meias teriam que sair dali antes que começasse a mastigá-las.

Rehv estava tão lento e cuidadoso quanto poderia, despindo de sua pele a fina meia, acariciando-a com o nariz ao longo de todo o caminho até os tornozelos, respirando profundamente enquanto o fazia.

E deixou a calcinha no lugar.

A ternura de Rehvenge foi o que mais surpreendeu Ehlena.

Apesar de seu grande tamanho, foi tão cuidadoso com ela quanto possível, movendo-se suavemente sobre seu corpo, dando-lhe toda a oportunidade de dizer não ou de desviá-lo, ou de parar as coisas por completo.

Não tinha intenção de fazer nada disso.

Especialmente quando a grande mão perambulou pela parte superior interna de sua perna nua e, sutil e inexoravelmente, abriu suas coxas ainda mais. Quando os dedos roçaram a calcinha, um tiro de eletricidade disparou em seu sexo, o rápido orgasmo a deixou ofegante.

Rehvenge se impulsionou para cima e falou em seu ouvido com um grunhido.

– Eu gosto desse som.

Tomou sua boca e acariciou seu sexo por cima do modesto algodão que a cobria. Os profundos arremessos da língua contrastavam com as carícias suaves, e ela jogou a cabeça para trás, perdendo-se completamente nele. Inclinando os quadris, queria que ele colocasse a calcinha de lado e rezou para que captasse a indireta, porque estava sem ar e desesperada demais para falar.

– O que você quer? – disse em seu ouvido. – Quer que não haja nada entre nós?

Quando assentiu, o dedo do meio deslizou sob o elástico e, em seguida… era pele contra pele.

– Oh… Deus – ela gemeu quando um orgasmo atingiu seu corpo.

Rehvenge sorriu como um tigre ao acariciá-la enquanto ela tinha prazer, ajudando-a a suportar as pulsações. Quando finalmente se acalmou, sentiu-se envergonhada. Não tinha estado com ninguém há muito tempo e nunca com alguém como ele.

– É incrivelmente bonita – sussurrou antes que ela pudesse dizer algo.

Ehlena virou o rosto para seus bíceps e beijou a suave pele que cobria o tenso músculo.

– Já faz muito tempo.

Um calmo brilho se acendeu no rosto dele.

– Gosto disso. Muito. – Deixou a cabeça cair sobre o peito e beijou seu mamilo. – Gosto que respeite seu corpo. Nem todo mundo faz isso. Oh, e a

propósito, ainda não terminei.

Ehlena cravou as unhas em sua nuca quando ele puxou sua calcinha fazendo-a descer por suas coxas. A visão da língua rosada provocando seu seio a cativou, especialmente quando os olhos cor ametista se encontraram com os seus enquanto rodeava o mamilo e começava a movê-lo de um lado a outro com rápidas passadas da língua – como se lhe oferecesse uma amostra da atenção que poderia esperar a seguir, mais abaixo.

Ela gozou de novo. Intensamente.

Dessa vez Ehlena se deixou levar completamente, e foi um prazer o simples fato de estar em sua pele e com ele. Enquanto se recuperava da sensação, nem sequer se sobressaltou quando ele começou a abrir caminho para baixo beijando a barriga e mais abaixo até sua…

Gemeu tão alto que produziu um eco.

Assim como tinha acontecido com os dedos, a sensação da boca sobre seu sexo era muito mais vívida, pois ele mal a tinha tocado. As suaves carícias pareciam suspensas sobre aquele vulnerável e ardente lugar de seu corpo, tornando difícil distingui-lo, transformando cada passada de seus lábios e sua língua em uma fonte de prazer e de frustração.

– Mais – exigiu, levantando os quadris.

Seus olhos ametista se ergueram.

– Não quero ser muito bruto.

– Não será. *Por favor*… está me matando…

Com um grunhido, mergulhou nela e cobriu seu sexo com a boca, chupando-a, sugando-a. Ela gozou novamente, dessa vez com fortes e devastadores golpes, mas ele a tomou muito bem. Continuou, lidando com seus empurrões e curvaturas, o som de lábios contra lábios se elevou junto com os gritos guturais dela enquanto a acariciava e a fazia chegar ao clímax várias vezes.

Depois de só Deus sabia quantas vezes chegou ao clímax, ficou quieta e ele também. Os dois estavam ofegando, sua boca reluzente sobre a parte interior da coxa e três dedos enterrados firmemente dentro dela, o aroma deles misturando-se no ar aquecido de…

Ela franziu a testa. Parte do perfume inebriante que havia na casa era… apimentado. E quando inalou profundamente, ele ergueu os olhos para os dela.

Sua expressão emocionada deve ter mostrado exatamente a conclusão a

que tinha chegado.

– Sim, também estou captando o aroma – disse asperamente.

Só que ele não poderia ter se vinculado a ela, poderia? Será que isso poderia acontecer tão rápido?

– Para alguns machos acontece – disse ele. – Evidentemente.

De repente, percebeu que estava lendo sua mente, mas não se importou. Considerando onde esteve, entrar em seu cérebro não parecia ser nem a metade daquela intimidade.

– Não esperava isso – ela disse.

– Também não estava na minha lista. – Rehvenge retirou os dedos e os lambeu até ficarem limpos com carícias deliberadas de sua língua.

O que naturalmente voltou a excitá-la.

Seus olhos permaneceram nele enquanto voltava a se acomodar sobre os travesseiros que ela tinha espalhado.

– Se não tem nem ideia do que dizer, junte-se ao clube.

– Não temos de dizer nada – ela murmurou. – É o que é.

– Sim.

Rehvenge virou sobre suas costas, e enquanto estavam deitados na escuridão com apenas uns quinze centímetros de distância, ela sentiu saudades dele como se tivesse deixado o país.

Ficando de lado, apoiou a cabeça na parte interior do braço e o contemplou enquanto ele olhava fixamente o teto.

– Gostaria de poder lhe dar alguma coisa – disse ela, deixando a coisa toda da vinculação para depois. Sabia que falar demais arruinaria o que acabavam de compartilhar e ela queria conservar isso um pouco mais.

Ele a olhou.

– Está louca? Preciso lembrá-la do que acabamos de fazer?

– Quero te dar algo parecido – ela fez uma careta. – Oh, não quis dizer que ficou faltando alguma coisa… quero dizer… oh, droga.

Ele sorriu e roçou seu rosto.

– É muito doce de sua parte, mas não se incomode por isso. E não subestime o quanto tudo isso me agradou.

– Quero que saiba uma coisa. Ninguém poderia ter feito que eu me sentisse melhor ou mais bonita do que acaba de fazer.

Ele se virou para ela e imitou sua posição, com a cabeça apoiada em seu grosso bíceps.

– Entende porque foi bom para mim?

Colocou a mão dela entre as suas e beijou a palma, apenas para franzir a testa.

– Você está ficando frio. Posso sentir.

Ela sentou-se e puxou o edredom para cobrir o corpo, envolvendo-o primeiro, então o abraçou, enquanto se estendia por cima das mantas.

Permaneceram assim durante um século.

– Rehvenge?

– Sim.

– Tome minha veia.

Poderia dizer que deu um susto tremendo nele pela forma como começou a ofegar.

– Desculpe… o-o quê?

Teve de sorrir, pensando que não era o tipo de macho que gaguejava muito.

– Tome minha veia. Deixe-me dar alguma coisa.

Através dos lábios entreabertos viu suas presas se alongarem e foi como se tivessem perfurado seu crânio ao saírem.

– Não tenho certeza… se isso seria… – conforme sua respiração se fazia mais irregular, sua voz se fazia mais grave ainda.

Ela colocou a mão no pescoço e massageou a jugular lentamente.

– Acho que é uma grande ideia.

Quando seus olhos brilharam com uma cor púrpura, ela se deitou sobre as costas e inclinou a cabeça para o lado, expondo a garganta.

– Ehlena… – os olhos percorreram seu corpo e retornaram para o pescoço dela.

Agora estava ofegante e corado e uma fina película de suor cobria a porção dos ombros que aparecia fora das mantas. E isso não era nem a metade. O aroma apimentado estalou até saturar o ar, sua química interna reagiu à necessidade que tinha dela e o que ela queria fazer por ele.

– Oh… droga, Ehlena…

De repente, Rehvenge franziu a testa e baixou o olhar para si mesmo. Sua mão, a que tinha sido terna sobre seu rosto, desapareceu sob as mantas e sua expressão mudou: o calor e o propósito se dissiparam, deixando apenas uma espécie de repulsa preocupante.

– Desculpe – disse com voz rouca. – Desculpe… não posso…

Rehvenge se arrastou para fora da cama e levou o edredom com ele, liberando-o com um puxão debaixo do corpo dela. Moveu-se rápido… mas não o suficiente para que ela deixasse de notar o fato de que tinha uma ereção.

Estava excitado. Grande, comprido e duro como um bastão.

E, ainda assim, desapareceu no banheiro e fechou a porta com firmeza.

Em seguida, a trancou.

# CAPÍTULO 30

**John disse ao Qhuinn** e Blay que ficaria em seu quarto o resto da noite, e quando teve certeza de que engoliram a mentira, fugiu pelos dormitórios dos funcionários da casa e foi direto ao ZeroSum.

Tinha de agir rápido, porque tinha certeza de que um dos dois iria dar uma olhada nele e, então, começariam uma maldita busca.

Evitando a entrada principal do clube, deu a volta pelo beco onde uma vez viu como Xhex rompia a cabeça de um imbecil que tinha uma boca grande e um punhado de cocaína. Encontrando a câmera de segurança que havia em cima da saída lateral, John levantou a cabeça e olhou para a lente.

Quando a porta se abriu, nem precisou olhar para saber que era ela.

– Quer entrar? – disse.

Ele balançou a cabeça e, pela primeira vez, a barreira da comunicação não o incomodou. Droga, não sabia o que dizer. Não sabia por que estava ali. Só sabia que tinha de vir.

Xhex saiu do clube e apoiou as costas contra a porta, cruzando uma bota com ponta de aço sobre a outra.

– Contou a alguém?

Ele a olhou nos olhos serenamente e negou com a cabeça.

– Vai fazer isso?

Voltou a negar.

Com um tom suave, um que nunca escutou ou esperou dela, sussurrou:

– Por quê?

Ele simplesmente deu de ombros. Sinceramente, estava surpreso por ela não ter tentado apagar suas lembranças. Seria mais fácil. Mais limpo…

– Deveria ter apagado suas lembranças – ela disse, fazendo que se perguntasse se estava lendo sua mente. – A noite passada eu estava completamente louca e tudo foi tão rápido que não consegui mexer na sua cabeça. E claro, agora suas memórias já se tornaram de longo prazo, então…

Percebeu que foi por isso que tinha vindo. Queria garantir a ela que

permaneceria calado.

A partida de Thor fortaleceu a decisão. Quando John foi falar com o Irmão e viu que o macho tinha desaparecido de novo, sem dizer nenhuma palavra *outra vez*, alguma coisa mudou em seu interior, como uma rocha sendo movida de um lado a outro dentro de seu jardim, uma mudança permanente na paisagem.

John estava sozinho. E, portanto, suas decisões eram apenas dele. Respeitava Wrath e a Irmandade, mas não era um Irmão e talvez nunca fosse. Claro, era um vampiro, mas tinha passado a maior parte de sua vida separado da raça, por isso a repulsa por *sympathos* era algo que nunca compreendeu totalmente. Sociopatas? Inferno, até onde ele sabia, essa coisa acontecia até em casa, com a maneira como Zsadist e V. agiam antes de se casarem.

John não ia entregar Xhex ao rei para que fosse deportada à colônia. De jeito nenhum.

Agora, a voz dela era dura.

– Então, o que quer?

Considerando o tipo de gente de baixa índole, oportunista e desesperada com quem ela lidava noite após noite, John não ficou nada surpreso com a pergunta.

Sustentando seu olhar, balançou a cabeça e realizou um movimento de corte sobre a garganta. *Nada*, disse com os lábios.

Xhex observou com seus frios olhos cinzentos, e John percebeu que ela iria entrar em sua cabeça, sentindo a pressão contra os pensamentos. Deixou-a explorar para que visse qual era a sua posição, porque isso, mais que qualquer palavra que pudesse pronunciar, daria lhe maior tranquilidade.

– John Matthew, você é um em um milhão – disse em voz baixa. – A maioria das pessoas se aproveitaria disso. Especialmente considerando o tipo de vícios que proporciono aqui no clube.

Ele deu de ombros.

– Então, aonde vai esta noite? E onde estão seus amigos?

Ele balançou a cabeça.

– Quer falar sobre Thor? – Quando os olhos dele dispararam para os dela, disse-lhe: – Desculpe, mas ele está em sua mente.

Quando John balançou a cabeça outra vez, algo tocou seu rosto e olhou para cima. Estava começando a nevar, flocos pequenos e diminutos formavam redemoinhos no vento.

– A primeira nevada do ano – disse Xhex, afastando-se da porta. – E você sem um casaco.

Ele olhou para baixo e percebeu que tudo o que vestia era um *jeans* e uma camiseta. Pelo menos se lembrou de calçar sapatos.

Xhex colocou a mão no bolso e tirou algo. Uma chave. Uma pequena chave de bronze.

– Sei que não quer ir para casa e tenho um lugar não muito longe daqui. É seguro e subterrâneo. Vá para lá se você quiser, fique todo o tempo que precisar. Consiga a privacidade que busca até arrumar toda essa porcaria em sua mente.

Estava a ponto de balançar a cabeça para negar quando ela disse no Antigo Idioma:

– *Deixe-me compensá-lo assim*.

Ele pegou a chave sem tocar a mão dela e expressou com os lábios: *Obrigado*.

Depois de pegar o endereço, deixou-a naquele beco com a neve flutuando, descendo do céu noturno. Quando chegou à Rua Trade, olhou sobre o ombro. Ela ainda estava ao lado da porta lateral, observando-o com os braços cruzados e as botas plantadas firmemente no chão.

Os delicados flocos que aterrissavam em seu cabelo curto e escuro e em seus ombros nus e fortes não a suavizavam nem um pouco. Não era um anjo fazendo um favor por motivos simples. Era misteriosa, perigosa e imprevisível.

E ele a amava.

John ergueu a mão em um gesto de despedida e dobrou a esquina, unindo-se a um desfile de humanos encolhidos que caminhavam rapidamente de bar em bar.

Xhex permaneceu onde estava mesmo depois que o grande corpo de John desapareceu de vista.

Um em um milhão, pensou mais uma vez. Aquele garoto era um em um milhão.

Enquanto voltava a entrar no clube, soube que era questão de tempo antes que seus dois amigos, ou talvez os membros da Irmandade, aparecessem tentando encontrá-lo. Sua resposta ia ser a que não o tinha visto e que não fazia ideia de onde estava.

Ponto.

Ele a protegia, ela o protegia.

Assunto encerrado.

Estava saindo da seção VIP quando seu fone de ouvido soou. Depois que o segurança parou de falar, amaldiçoou e levantou seu relógio para falar no comunicador.

– Leve-o ao meu escritório.

Depois de se certificar de que o andar estava livre das garotas, entrou na parte do clube onde estava o público em geral e observou enquanto o detetive De la Cruz era levado através da multidão de frequentadores.

– Sim, Qhuinn? – disse sem se virar.

– Cristo, você deve ter olhos na parte de trás da cabeça.

Olhou-o por cima do ombro.

– E você não deve se esquecer disso.

O *ahstrux nohstrum* de John era o tipo de macho com quem a maioria das fêmeas queria transar. E muitos caras também. Ele gostava de usar roupas pretas, com sua camisa da Affliction e jaqueta de motoqueiro, mas fazia uma confusão de estilos. O cinto e as barras do *jeans* desgastado eram puro anos oitenta. O cabelo negro espetado, o *piercing* no lábio e os sete brincos negros que subiam ao longo da orelha esquerda eram totalmente estilo emo. As botas New Rocks com plataformas eram góticas. As tatuagens na nuca eram da Hart & Huntington.

E quanto às armas ocultas que sabia muito bem que tinha guardadas sob os braços? Eram totalmente estilo Rambo. E aqueles punhos pendurados nas laterais? Tinha tudo a ver com luta livre.

O pacote inteiro, sem importar a procedência dos componentes, era sensual, e pelo que tinha visto no clube até pouco tempo, ele dava muita importância à sua atratividade. A ponto dos banheiros privativos dos fundos serem como o escritório de sua casa.

Entretanto, depois de ter sido promovido a guarda pessoal do John, havia diminuído o ritmo.

– E aí? – disse ela.

– John esteve aqui?

– Não.

Qhuinn apertou os olhos desiguais.

– Não o viu em lugar nenhum?

– Não.

Enquanto o tipo a olhava fixamente, ela sabia que não estava captando nada. Mentir era a melhor coisa que sabia fazer. Mentir e assassinar.

– Maldito seja – murmurou, passeando o olhar pelo clube.

– Se o vir, direi que está procurando por ele.

– Obrigado. – Voltou a encará-la. – Escuta, não sei que porcaria aconteceu entre vocês dois e não é da minha conta…

Xhex revirou os olhos.

– O que explica bem por que está mencionando o assunto agora.

– Ele é um cara bom. Apenas mantenha isso em mente, está bem? – O olhar verde e azul de Qhuinn estava cheio de um tipo de clareza que só uma vida realmente dura daria a um macho. – Muitas pessoas não iam gostar se puxassem o tapete dele. Especialmente eu.

No silêncio que seguiu, teve de dar crédito ao Qhuinn: a maioria das pessoas não teria coragem para enfrentá-la, e a ameaça por trás daquelas palavras era óbvia.

– Tudo bem, Qhuinn. Você é um cara legal.

Bateu em seu ombro e, em seguida, dirigiu-se para o escritório pensando que o rei tinha feito uma escolha inteligente com o *ahstrux nohstrum* de John. Qhuinn era um pervertido filho da mãe, mas um autêntico assassino, e ficava satisfeita que fosse ele quem protegesse seu macho.

Que protegesse John Matthew, quis dizer.

Porque não era seu macho. Nem um pouco.

Quando chegou à sua porta, abriu-a sem hesitar.

– Boa noite, detetive.

José De la Cruz ostentava outro terno de duas peças barato e ele, seu terno e o casaco que levava em cima pareciam igualmente cansados.

– Boa noite – respondeu.

– O que posso fazer pelo senhor? – sentou-se atrás da escrivaninha e fez um sinal para que se sentasse na cadeira que tinha utilizado na última vez.

Ele foi direto ao assunto:

– Pode me dizer onde esteve ontem, tarde da noite?

Não completamente, pensou. Porque a uma hora em ponto estava matando um vampiro e isso não era da conta dele.

– Estive aqui no clube. Por quê?

– Tem algum empregado que possa confirmar isso?

– Sim. Pode falar com iAm ou com qualquer um dos meus funcionários. Desde que me diga que diabos está acontecendo.

– Ontem à noite encontramos uma peça de roupa pertencente a Grady na cena de um crime.

Oh, cara, se alguém mais tinha pipocado aquele filho da mãe, ela ficaria muito chateada.

– Mas não seu corpo?

– Não. Era uma jaqueta com uma águia nas costas, algo que ele era conhecido por vestir. Sua assinatura, por assim dizer.

– Interessante. Então, por que está me perguntando onde eu estava?

– A jaqueta tinha respingos de sangue. Não temos certeza se eram dele ou não, mas vamos descobrir amanhã.

– Volto a repetir, por que quer saber onde eu estava?

De la Cruz plantou as palmas das mãos na escrivaninha e inclinou-se, seus olhos castanhos estavam muito sérios.

– Porque tenho um palpite de que gostaria de vê-lo morto.

– Eu não gosto de homens violentos, certo. Mas tudo que tem é sua jaqueta, sem corpo e, indo mais direto ao ponto, eu estava aqui ontem à noite. Portanto, se alguém o liquidou, não fui eu.

Ele se endireitou.

– Vão fazer um funeral para Chrissy?

– Sim, amanhã. O aviso saiu no jornal de hoje. Ela podia não ter muitos parentes, mas era muito querida na Rua Trade. Somos uma grande família feliz aqui. – Xhex sorriu um pouco. – Detetive, vai usar uma braçadeira preta por ela?

– Estou convidado?

– É um país livre. E iria de qualquer maneira, não é mesmo?

De la Cruz sorriu de maneira verdadeira e seus olhos perderam a maior parte de sua agressividade.

– Sim, eu iria. Posso conversar com seus álibis? Pegar alguns depoimentos?

– Claro. Vou chamá-los agora mesmo.

Enquanto Xhex falava em seu relógio, o detetive olhou ao redor do escritório, e quando ela deixou cair o braço, disse-lhe:

– Não se importa muito com decoração.

– Gosto de que as coisas se limitem ao que preciso e nada mais.

– Hum. Minha esposa gosta de decoração. Tem um talento especial para fazer que os lugares pareçam acolhedores. É bom.

– Parece ser uma boa mulher.

– Oh, ela é. Além disso, faz o melhor queijo que já provei – observou a sala. – Sabe, ouvi muita coisa sobre este clube.

– Ah é?

– Sim. Especialmente do departamento de narcóticos.

– Ah.

– E fiz meu dever de casa sobre Grady. Foi preso no verão por posse ilegal de drogas. O caso ainda está pendente.

– Bem, sei que ele será levado à justiça.

– Foi demitido deste clube um pouco antes dessa detenção, não foi?

– Por desviar dinheiro do bar.

– E, mesmo assim, não apresentaram queixa?

– Se chamasse a polícia cada vez que um de meus empregados desviasse dinheiro, vocês já estariam programados na discagem rápida do meu telefone.

– Mas ouvi dizer que essa não foi a única razão pela qual o demitiram.

– Sério?

– A Rua Trade, como você disse, é uma família… mas isso não significa que não haja falatório. E as pessoas me disseram que foi despedido porque estava traficando aqui no clube.

– Bem, isso é compreensível, não é? Nunca permitiríamos que alguém traficasse em nossa propriedade.

– Porque é o território de seu chefe e ele não aprecia a concorrência.

Ela sorriu.

– Detetive, aqui não há concorrência.

E isso era verdade. Rehvenge era o cabeça do clube. Ponto final.

Qualquer idiota barato que tratasse de passar pequenas quantidades sob o teto do clube era punido. Severamente.

– Para ser honesto, não sei como vocês conseguem – murmurou De la Cruz. – Existem especulações há anos a respeito deste lugar e, mesmo assim, ninguém foi capaz de obter um motivo plausível para expedir um mandado de busca.

E isso acontecia porque as mentes humanas, inclusive as conectadas nos ombros dos policiais, eram facilmente manipuláveis. Qualquer coisa vista ou falada poderia ser apagada em um piscar de olhos.

– Nada de misterioso acontece por aqui – disse ela. – É assim que fazemos.

– Seu chefe está por aí?

– Não, está fora esta noite.

– Então ele confia em você para dirigir seu negócio enquanto não está.

– Como eu, ele nunca sai por muito tempo.

De la Cruz assentiu.

– Boa política. Falando nisso, não sei se já ouviu algo sobre isso, mas parece haver uma guerra por território acontecendo.

– Guerra por território? Pensei que as duas partes de Caldwell estavam em paz uma com a outra. O rio já não é mais uma divisão.

– Guerra por território de drogas.

– Não sei nada sobre isso.

– É meu outro caso. Encontramos dois traficantes mortos junto ao rio.

Xhex franziu a testa, pensando estar surpresa por não saber disso ainda.

– Bom, as drogas são um negócio difícil.

– Os dois foram baleados na cabeça.

– Isso é fatal.

– Ricky Martínez e Isaac Rush. Você os conhece?

– Já ouvi falar deles, pois os dois aparecem sempre nos jornais – disse ao colocar a mão sobre uma cópia do jornal de Caldwell que estava cuidadosamente dobrada em sua mesa. – Sou uma grande leitora.

– Então deve ter visto o artigo sobre eles que saiu hoje.

– Ainda não, mas estava prestes a fazer um intervalo. Já ia ler minha dose de tirinhas do Dilbert.

– É aquele sobre um escritório? Fui fã de Calvin e Haroldo por anos. Odiei quando pararam e nunca gostei de nenhuma das novas tirinhas. Acho que parei no tempo.

– Gosta do que gosta. Não há nada de errado nisso.

– É o que minha esposa diz. – Os olhos do detetive vagaram mais uma vez pelo ambiente. – Então, algumas pessoas disseram que os dois vieram ao clube na noite passada.

– Calvin e Haroldo? Um garoto e um tigre? Nenhum dos dois teria conseguido passar por meus seguranças.

De la Cruz sorriu brevemente.

– Não, Martinez e Rush.

– Ah, bem, você viu como é o clube. Todas as noites têm um grande

número de pessoas aqui.

– Verdade. Este é um dos clubes mais bem-sucedidos da cidade. – De la Cruz colocou as mãos nos bolsos laterais da calça, o casaco foi colocado para trás e o paletó do terno se esticou ao redor de seu peito. – Um dos viciados que vive sob a ponte viu um modelo antigo da Ford junto com uma Mercedes preta e um Lexus todo cromado deixando a área um pouco depois que os dois traficantes foram baleados.

– Os traficantes de droga podem pagar bons carros. Não tenho certeza do que faziam com o Ford.

– O que seu chefe dirige? Um Bentley, certo? Ou comprou um novo veículo?

– Não, ainda tem o B.

– Um carro caro.

– Muito.

– Conhece alguém que tenha uma Mercedes preta? Porque as testemunhas também viram uma rondando o apartamento onde foi achada a jaqueta de águia de Grady.

– Não posso dizer que conheça algum dono de Mercedes.

Houve uma batida na porta e Trez e iAm entraram. Os dois Mouros faziam que o detetive parecesse um carro pequeno estacionado entre dois caminhões enormes.

– Bem, vou deixá-los a sós para conversarem – disse Xhex com total confiança nos melhores amigos de Rehv. – Detetive, vejo você no funeral.

– Se não antes. Ei, alguma vez pensou em adquirir uma planta para colocar aqui dentro? Poderia fazer diferença.

– Não, sou boa demais matando coisas – sorriu tensa. – Sabe onde me encontrar. Até mais.

Quando fechou a porta atrás dela, parou e franziu a testa. A guerra de territórios não era boa para o negócio, e se Martínez e Rush foram assassinados, era um sinal certeiro de que, apesar do clima de dezembro, o lado negro de Caldwell estava começando a esquentar.

Droga, essa era a última coisa de que precisavam.

As vibrações que sentia em seu bolso indicaram que alguém tentava localizá-la e atendeu a chamada no instante em que viu de quem se tratava.

– Encontrou Grady? – ela perguntou em voz baixa.

A voz profunda de Big Rob estava cheia de frustração:

– O maldito deve estar escondido. Silent Tom e eu fomos a todos os clubes. Também em sua casa e falamos com alguns de seus amigos.

– Continue procurando, mas tenha cuidado. Sua jaqueta foi encontrada na cena de outro crime. Os policiais estão sendo implacáveis ao buscar por ele.

– Não vamos desistir até que tenhamos algo concreto para você.

– Bom garoto. Agora, desligue o telefone e volte ao trabalho.

– Sem problema, chefe.

# CAPÍTULO 31

**Dentro do banheiro escuro** como breu, Rehvenge bateu numa das paredes de mármore, tropeçou no piso e ricocheteou no balcão da pia. Seu corpo estava vivo, um formigamento o atravessava e a dor foi devidamente registrada, a respiração difícil queimava seus pulmões, o coração retumbava contra o peito.

Deixou cair o edredom de cetim, acendeu as luzes com a mente e olhou para baixo.

Seu pênis estava duro e grosso, a ponta brilhante e pronta para ação.

*Caramba.*

Olhou ao redor. Sua visão estava normal, via as cores preta, branca e os prateados do banheiro, e percebia que a borda da banheira se erguia do chão, a profundidade era óbvia. E, ainda assim, embora não visse nada plano nem de cor vermelho-rubi, seus sentidos estavam completamente vivos, o sangue estava quente e trovejava em suas veias, a pele estava pronta para ser tocada e o orgasmo que havia ao longo de sua ereção gritava para ser liberado.

Estava totalmente vinculado a Ehlena.

E isso significava que, ao menos naquele momento, quando estava tão desesperado para fazer sexo com ela, seu lado vampiro estava se impondo sobre a parte *sympatho* que havia nele.

Sua necessidade dela tinha triunfado sobre a escuridão que havia em seu interior.

Tinha de ser os hormônios da vinculação, ele pensou. Hormônios da vinculação que tinham alterado sua química interna.

Ao reconhecer sua nova realidade, não havia motivos para se sentir muito contente, nenhuma sensação de triunfo, nenhum impulso de atirar-se sobre ela e pressionar-se em seu interior com toda a força. Tudo que fez foi olhar fixamente para baixo, para seu membro e pensar onde havia estado antes. No que tinha feito com ele… e com o resto do corpo.

Rehvenge queria arrancar aquela maldita coisa de si.

Não havia chance alguma de dividir aquilo com Ehlena. Só que… não poderia voltar a sair naquele estado.

Rehv agarrou a ereção com a ampla mão e acariciou a si mesmo. Oh… droga… aquilo era bom…

Lembrou de quando desceu pelo corpo de Ehlena e a tomou em sua boca. Viu suas coxas estendidas, sua brilhante suavidade e seus próprios dedos deslizando para dentro e para fora enquanto ela gemia e balançava o quadril…

Seus testículos se comprimiram até ficarem duros como punhos, sua cintura se curvou como uma onda e aquela repugnante farpa que possuía na base do pênis foi acionada, mesmo não tendo nada em que enganchar. Um rugido ameaçou subir pela garganta, mas o conteve mordendo o lábio até que provou o gosto do próprio sangue.

Rehv gozou por toda a mão e continuou a estimular o sexo, apoiando-se contra o balcão. Gozou uma e outra vez, sujando o espelho e a pia, e mesmo assim precisava de mais – como se seu corpo não liberasse nada há, digamos, quinhentos anos.

Quando a tempestade finalmente passou, percebeu que estava… droga, que estava atirado contra a parede, com o rosto junto ao mármore, os ombros curvados e as coxas se contorciam convulsivamente, como se tivesse cabos elétricos conectados aos dedos dos pés.

Com as mãos trêmulas, começou a limpar tudo usando uma das toalhas dobradas com cuidado em uma prateleira, esfregando o balcão, o espelho e a pia. Em seguida, desdobrou outra e lavou as mãos, o pênis, o estômago e as pernas, porque se sujou tanto quanto o maldito banheiro.

Quando finalmente estendeu a mão à maçaneta, depois de ter passado quase uma hora, meio que esperava que Ehlena tivesse ido embora e ele não a culparia: que fêmea gostaria de ver seu macho correr e se trancar no banheiro depois de transarem?

E depois de ela oferecer sua veia.

Jesus Cristo. Aquela noite, que sequer começou muito bem, transformou-se em um engavetamento de dezesseis carros na estrada que ia para a Cidade do Relacionamento Sério.

Rehv se preparou e abriu a porta.

Quando a luz se derramou de dentro do banheiro, Ehlena sentou-se nos lençóis. Em seu rosto havia uma expressão preocupada… e completamente

imparcial. Não havia condenação, nenhum cálculo mental que poderia fazer ele se sentir ainda pior. Apenas uma honesta preocupação.

– Você está bem?

Eis a questão.

Rehvenge deixou a cabeça cair e pela primeira vez desejou desabafar tudo a outra pessoa. Nem sequer com Xhex, alguém que tinha sofrido até mais que ele, tinha interesse em fazer essa coisa de se abrir. Mas com os olhos cor de caramelo de Ehlena tão abertos e calorosos naquele rosto lindo e perfeito, sentiu vontade de confessar cada uma das coisas sujas, malditas, intrigantes, perversas e repugnantes que já tinha feito.

Só para ser honesto.

Sim, mas se jogasse sua vida sobre a mesa, em que posição ela ficaria? Na situação de ter de denunciá-lo por ser um *sympatho* e muito provavelmente temendo por sua própria vida. Grande desfecho. Perfeito.

– Gostaria de ser diferente – disse. Que era o mais perto que podia chegar da verdade que os separaria para sempre. – Gostaria de ser um macho diferente.

– Eu não.

Era por isso que ela não o conhecia. Não de verdade. E, ainda assim, não podia lidar com a ideia de não voltar a vê-la nunca mais depois da noite que tiveram juntos.

Ou de que ela poderia ter medo dele.

– Se eu pedisse que voltasse aqui outra vez – disse –, e que me deixasse ficar com você, voltaria?

Não houve hesitação.

– Sim.

– Mesmo que as coisas não sejam… normais… entre nós? Sexualmente falando.

– Sim.

Franziu a testa.

– Isto vai parecer errado…

– Tudo bem, porque já afundei meu pé nisso com relação a você quando estávamos na clínica. Vamos ficar quites.

Rehv teve de sorrir, mas a expressão não durou.

– Preciso saber… o porquê. Por que voltaria.

Ehlena deitou sobre os travesseiros e, com um gesto lento, moveu a mão

sobre o lençol de cetim que cobria a barriga.

– Só tenho uma resposta para isso, mas não acho que seja a que quer ouvir.

A dormência fria estava retornando, pois os restos daqueles orgasmos que teve estavam se dissipando.

Por favor, que não seja por *pena*, ele pensou.

– Diga-me.

Ela ficou calada durante um longo tempo, percorrendo com o olhar a vista panorâmica das duas metades de Caldwell que piscavam e resplandeciam.

– Pergunta por que eu voltaria? – disse suavemente. – E a única resposta que tenho é… como não poderia? – Desviou os olhos para ele. – De alguma maneira, não faz sentido para mim, mas enfim, sentimentos não fazem muito sentido, fazem? E não precisam ter. Hoje a noite… você me deu coisas que não só fazia muito tempo que eu não tinha, mas acredito que nunca tinha experimentado. – Balançou a cabeça. – Ontem preparei um corpo… um corpo de alguém da minha idade, um corpo de alguém que provavelmente saiu de sua casa na noite em que seria assassinado sem ter a mínima noção de que aquela seria sua última noite. Não sei aonde vai chegar este… – fez um gesto com a mão para trás e para frente entre os dois – … assunto entre nós. Talvez seja apenas uma noite ou duas. Talvez dure um mês. Talvez seja mais do que pode ser medido por uma década. Tudo o que sei é que a vida é curta demais para não voltar aqui e ficar com você de novo. A vida é mesmo curta demais e gosto muito de estar com você para dar a mínima importância à outra coisa além de ter outro momento como este.

Enquanto olhava Ehlena, o peito de Rehvenge se inflamou.

– Ehlena?

– Sim?

– Não me entenda mal.

Ela respirou fundo e ele viu que seus ombros nus se esticavam.

– Certo. Vou tentar.

– Se você continuar vindo aqui. Sendo quem é. – Houve uma pausa. – Vou me apaixonar por você.

John encontrou a propriedade de Xhex com bastante facilidade, pois estava a dez blocos de distância do ZeroSum. Mesmo assim, o bairro poderia muito bem estar em uma cidade completamente diferente. A fachada cor de café-avermelhado das edificações da rua era elegante, ao estilo velho mundo, com

um monte de gravuras esculpidas na madeira ao redor das janelas das sacadas que davam a impressão de ser Vitorianas – contudo, não fazia ideia de como sabia daquilo.

Ela não tinha uma propriedade inteira, apenas um apartamento no porão de um edifício sem elevador, particularmente bonito. Debaixo das escadas de pedra que desciam do meio-fio, havia uma alcova, dentro da qual usou a chave numa estranha fechadura de bronze. Uma luz se acendeu quando ele entrou e não viu nada de interessante: piso vermelho-lavado feito de lajes de pedra. Paredes caiadas construídas com blocos de concreto. Na outra extremidade havia outra porta com outra estranha fechadura.

Esperava que Xhex vivesse em algum lugar exótico e repleto de armas.

E que estivesse cheio de meias francesas e saltos-agulha.

Mas aquilo era apenas uma fantasia.

No fundo do corredor, abriu a outra porta e mais luzes se acenderam. O quarto que havia depois da porta não tinha janelas e estava vazio exceto por uma cama. Levando em consideração o aspecto da sala, a falta de decoração não o surpreendeu. Havia um banheiro, mas não havia cozinha, nem telefone, nem TV. A única cor no quarto vinha do antigo chão de tábuas de pinheiro que brilhava como a cor do mel fresco. As paredes eram brancas, como as da sala, mas feitas de tijolo.

O ar pareceu surpreendentemente fresco, mas então viu as aberturas de ventilação. Três delas.

John tirou a jaqueta de couro e a deixou no chão. Em seguida tirou as botas, mantendo as grossas meias pretas nos pés.

No banheiro, usou o vaso e lavou o rosto com água.

Não havia toalhas. Usou a camiseta preta.

Estirando-se sobre a cama, manteve as armas próximas, embora não por ter medo de Xhex.

Deus, talvez isso fizesse dele um estúpido. A primeira coisa que haviam ensinado no programa de treinamento da Irmandade era que nunca podia confiar nos *sympathos*, e aqui estava ele, arriscando a vida ao ficar na casa de um – muito provavelmente passaria o dia, sem dizer a ninguém onde estava.

Ainda assim, era exatamente o que ele precisava.

Quando a noite voltasse a cair, decidiria o que fazer. Não queria ficar fora da guerra – gostava muito de lutar. Parecia… correto. E ia além do fato de defender a raça. Sentia que era o que devia estar fazendo, tinha nascido e sido

educado para isso.

Mas não tinha certeza se poderia voltar para a mansão e continuar a morar ali.

Depois de um tempo sem se mover, as luzes se apagaram e apenas ficou olhando a escuridão. Enquanto estava ali estendido na cama com a cabeça sobre um dos dois travesseiros duros, deu-se conta de que era a primeira vez que estava verdadeiramente só desde que Tohr tinha ido procurá-lo, com seu enorme Range Rover negro, naquele buraco de apartamento.

Lembrava-se com total clareza de como tinha sido viver no inferno daquele estúdio que estava localizado na parte mais perigosa de Caldwell. Vivia aterrorizado todas as noites porque era magro, fraco e indefeso, e só podia se alimentar de suplementos dissolvidos em leite por causa de seus problemas intestinais, por isso pesava menos que um aspirador de pó. A porta que o separava dos drogados, das prostitutas e dos ratos do tamanho de cachorros parecia fina como um papel.

Desejava fazer bem ao mundo. Ainda desejava.

Desejava apaixonar-se e estar com uma mulher. Ainda desejava.

Desejava encontrar uma família, ter uma mãe e um pai, fazer parte de um clã.

Isso já não desejava mais.

John estava começando a entender que as emoções no coração eram como os tendões no corpo. Poderia puxar, puxar, puxar e sentir a dor da distensão e do estiramento… até certo ponto a articulação continuaria funcionando e o membro se dobraria e suportaria o peso e continuaria sendo útil depois que a pressão desaparecesse. Mas não era o tipo de coisa infinita.

Ele tinha sido rompido. E tinha total certeza de que não existia um equivalente emocional para uma cirurgia nas articulações.

Para ajudar a aliviar sua mente e descansá-la para que não ficasse louco, concentrou-se no que acontecia ao seu redor. O quarto estava em silêncio, a não ser pelo aquecimento que não fazia muito barulho. E o prédio acima estava vazio, não havia qualquer ruído de pessoas se movendo.

Fechando os olhos, sentiu-se mais seguro do que provavelmente deveria sentir.

Estava acostumado a ficar sozinho. O tempo que tinha passado com Tohr e Wellsie e em seguida com a Irmandade tinha sido uma anomalia. Tinha nascido sozinho naquela rodoviária e esteve sozinho no orfanato, embora

rodeado de um grupo em constante mudança de crianças. E, então, tinha saído ao mundo sozinho.

Foi tratado de maneira brutal e superou isso sem ajuda. Esteve doente e se curou sozinho. Fez o melhor que pôde ao trilhar seu caminho e achava que tinha feito um bom trabalho.

Hora de voltar ao princípio.

À essência de seu ser.

O tempo com Wellsie e Tohr… e com os Irmãos… foi como um experimento fracassado – algo que parecia ter potencial, mas que, por fim, foi um fracasso.

# CAPÍTULO 32

**Fosse noite ou dia,** Lash não se incomodava.

Enquanto entrava com o Sr. D no estacionamento de um moinho abandonado e os faróis do Mercedes oscilavam formando um grande arco, não se preocupava em encontrar-se com o rei dos *sympathos* ao meio-dia ou à meia-noite, pois, de algum modo, já não se sentia intimidado pelo idiota.

Fechou o carro e caminhou com o Sr. D, atravessando o asfalto deteriorado até uma porta que estava muito firme, considerando o estado de todo o moinho. Graças à pouca neve que caía, o cenário se parecia com algo tirado de uma propaganda de férias em Vermont, desde que não olhasse muito perto para o teto que envergava nem para o tapume gasto.

O *sympatho* já estava lá dentro. Lash tinha tanta certeza disso quanto sua capacidade de sentir as rajadas de vento no rosto e ouvir as pedras frouxas rangendo sob suas botas de combate.

O Sr. D abriu a porta e Lash entrou primeiro para demonstrar que não precisava de um subordinado para abrir caminho. Dentro do moinho não havia nada além de muito ar frio, o edifício retangular há muito tinha sido despojado de qualquer utilidade.

O *sympatho* estava esperando na outra extremidade, próximo à enorme roda que ainda se assentava no rio.

– Meu amigo, como é bom vê-lo novamente – disse o rei, a voz de serpente ondulando-se entre as vigas.

Lash se aproximou do cara com calma, levando o tempo que precisava, verificando e voltando a verificar as sombras projetadas pelas janelas de vidro. Nada além do rei. Isso era bom.

– Considerou minha proposta? – disse o rei.

Lash não estava com humor para fazer rodeios. Depois da bagunça da noite anterior com o entregador de *pizza* e com o fato de que em uma hora deviam eliminar outro traficante, aquele não era o momento para brincadeiras.

– Sim. E sabe de uma coisa? Não tenho certeza de que preciso fazer

qualquer favor a você. Estou pensando que ou me dá o que quero ou… talvez envie meus homens ao norte para matar você e a todos os anormais que vivem lá.

Aquele rosto plano e pálido abriu um sorriso sereno.

– Mas o que você ganharia com isso? Seria o mesmo que destruir as ferramentas que deseja utilizar para derrotar seus inimigos. Não é um passo lógico para qualquer governante dar.

Lash sentiu um formigamento na ponta de seu membro. O respeito o excitava, embora se recusasse a reconhecer o fato.

– Sabe, nunca pensei que o rei precisaria de ajuda. Por que não pode assassinar você mesmo?

– Há circunstâncias atenuantes e benefícios se parecer que o falecimento ocorreu fora do âmbito de minha influência. Vai aprender, ao longo do tempo, que as maquinações em segredo são, às vezes, muito mais eficazes que aquelas realizadas sob o olhar de toda sua gente.

Ponto para ele, contudo, Lash não iria reconhecer que estava certo.

– Não sou tão jovem quanto acha – disse. Droga, tinha envelhecido um trilhão de anos nos últimos quatro meses.

– E também não é tão velho quando acredita ser. Mas isso é outra conversa, para um momento diferente.

– Não estou procurando um terapeuta.

– O que é uma pena. Sou muito bom entrando na cabeça dos outros.

Sim, Lash podia ver isso.

– Este seu alvo. É um macho ou uma fêmea?

– Importaria?

– Nem um pouco.

O *sympatho* definitivamente ficou radiante.

– É um macho. E como disse, existem circunstâncias incomuns.

– Como quais?

– Será difícil chegar a ele. Seu guarda-costas é muito feroz. – O rei flutuou até uma janela e olhou para fora. Depois de um momento, voltou a cabeça como se fosse uma coruja, girando sobre a coluna até que quase olhou para o interior mesmo de costas e, em seguida, seus olhos brancos brilharam com uma luz vermelha por um instante. – Acredita que pode lidar com tal penetração?

– Você é homossexual? – desabafou Lash.

O rei riu.

– Está perguntando se prefiro amantes do mesmo sexo que o meu?

– Sim.

– Isso faria que se sentisse incomodado?

– Não. – Sim, porque significaria que de alguma forma ele se excitava com um cara que jogava no outro time.

– Não mente muito bem – murmurou o rei. – Mas isso vai melhorar com a idade.

Dane-se.

– Eu não acredito que seja tão poderoso quanto pensa que é.

Quando a especulação sexual acabou, Lash soube que tinha atingido um ponto sensível.

– Cuidado com as águas do confronto…

– Poupe-me dessa conversa barata, vossa alteza. Se preenchesse essa túnica com um pouco de coragem, você mesmo mataria esse cara.

A serenidade voltou ao rosto do rei, como se Lash tivesse acabado de provar sua inferioridade com aquela explosão.

– Mas faço que outra pessoa se encarregue disso por mim. É muito mais sofisticado, embora não espero que você compreenda.

Lash se desmaterializou, reapareceu em frente ao macho e fechou as palmas ao redor daquela garganta esbelta. Com um único impulso brutal, empurrou o rei contra a parede.

Seus olhos se encontraram, e quando Lash sentiu um intento de sondagem em sua mente, fechou instintivamente a entrada para seu interior.

– Não vai destrancar a caixa aí de acima, seu cretino. Sinto muito.

O olhar fixo do rei ficou tão vermelho quanto o sangue.

– Não.

– Não o quê?

– Não prefiro amantes do meu próprio sexo.

Foi o golpe perfeito: implicava que Lash, ao se aproximar do rei, demonstrava ser o único que gostava de machos. Soltou-o e começou a andar rápido pelo local.

Agora a voz do rei era menos sibilante e mais sincera.

– Você e eu nos enfrentamos em igualdade de condições. Acredito que os dois devem obter os benefícios dessa aliança.

Lash girou e encarou o rei.

– Esse macho que você deseja morto, onde o encontro?

– O momento de agir deve ser exato. Saber o momento certo de agir… é tudo.

Rehvenge assistiu Ehlena vestir as roupas novamente e, apesar de vê-la colocando aquele uniforme não ser exatamente o que desejava, o espetáculo dela inclinada subindo lentamente as meias pela perna não era nada ruim.

Nada. Mal. Mesmo.

Ela riu enquanto levantava o sutiã e o fazia girar ao redor do dedo.

– Posso colocar isso agora?

– Com certeza.

– Vou precisar levar um tempo com isso também?

– Alguém aqui está com pressa? – Ele sorriu como o lobo que estava se sentindo. – Quero dizer, eu não tenho nada marcado… oh, caramba…

Ehlena não esperou que terminasse de falar, mas arqueou as costas e puxou o sutiã ao redor do tronco. A maneira como ela o fechou na parte frontal o fez ofegar… e isso foi antes que subisse as alças sobre os ombros, deixando que as taças não cobrissem os seios.

Ela se voltou para ele.

– Esqueci como fazer isso. Pode me ajudar?

Rehv grunhiu e a atraiu para si, sugando um mamilo e acariciando o outro com o polegar. Enquanto ela ofegava, ele colocou as taças em seu lugar.

– Estou contente em ser seu engenheiro de *lingerie*, mas, sabe, você fica melhor sem elas. – Quando fez dançar as sobrancelhas de forma maliciosa, a risada de Ehlena foi tão espontânea e natural que seu coração parou. – Gosto desse som.

– Gosto de fazer isso.

Ela colocou as pernas dentro de seu uniforme e puxou para cima, em seguida, fechou os botões.

– Pena – disse ele.

– Quer saber uma coisa boba? Vesti meu uniforme hoje, mas não tenho de ir trabalhar esta noite.

– Mesmo? Por quê?

– Queria manter as coisas no plano profissional. Mas, veja só, aqui estou eu encantada por não ter sido assim.

Ele ficou em pé e a tomou nos braços, já sem se preocupar com o fato de

estar totalmente nu.

– Você está encantada? Então, somos dois.

Beijou-a com suavidade, e ao se separarem ela disse:

– Obrigada por uma noite encantadora.

Rehv colocou seu cabelo atrás das orelhas.

– O que vai fazer amanhã?

– Trabalhar.

– A que horas sai?

– Às quatro.

– Virá para cá?

Ela não vacilou.

– Sim.

Enquanto saíam do dormitório e atravessavam a biblioteca, ele disse:

– Agora vou ver minha mãe.

– Sério?

– Sim, ela me ligou e pediu para ir vê-la. Nunca faz isso. – Sentia-se bem ao compartilhar detalhes de sua vida. Bom, alguns deles, em todo caso. – Ela estava tentando me transformar em uma pessoa mais espiritual e espero que isso não se trate de uma isca para me colocar em algum tipo de retiro.

– A propósito, o que você faz? No que trabalha? – Ehlena riu. – Sei tão pouco de você.

Rehv se concentrou na vista da cidade sobre o ombro dela.

– Oh, em muitas coisas diferentes. Em sua maior parte no mundo humano. Só tenho a minha mãe para cuidar, agora que minha irmã está casada.

– Onde está seu pai?

Na tumba fria, onde o idiota pertence.

– Faleceu.

– Sinto muito.

Os olhos quentes de Ehlena dispararam algo através de seu peito, algo que parecia ser culpa. Não lamentava ter matado seu pai, lamentava ter de esconder isso dela.

– Obrigado – disse de maneira dura.

– Não quero me intrometer em sua vida ou na sua família. Só estou curiosa, mas se preferir…

– Não, é só que… não falo muito de mim mesmo. – E isso era verdade. – É que… isso é um celular tocando?

Ehlena franziu a testa e se afastou.

– É o meu. Em meu casaco.

Ela correu à sala de jantar e a tensão em sua voz ao atender era evidente.

– Sim? Ah, oi! Sim, não, eu… agora? Claro. E o engraçado é que não vou precisar trocar o uniforme, pois… oh. Sim. Certo. Tudo bem.

Ele ouviu a tampa do telefone se fechar.

– Tudo bem?

– Ah, sim. Só trabalho. – Ehlena se aproximou enquanto vestia o casaco. – Não é nada. Provavelmente seja apenas falta de pessoal.

– Quer que eu a leve? – Deus, adoraria levá-la ao trabalho, e não simplesmente porque poderiam ficar juntos um pouco mais. Um macho gostava de fazer coisas por sua fêmea. Protegê-la. Ocupar-se dela…

Caramba, mas por que diabos isso estava acontecendo? Não é que ele não gostasse dos pensamentos que estava tendo a respeito dela, mas era como se alguém tivesse trocado o CD. E não era do Barry Manilow… estava mais para Maroon 5.

Droga!

– Oh, não, irei sozinha, mas obrigada. – Ehlena se deteve diante de uma das portas corrediças. – Esta noite tem sido… uma revelação.

Rehv se aproximou dela rapidamente, tomou seu rosto entre as mãos e a beijou com força. Quando recuou, disse de maneira sombria:

– Isso aconteceu por sua causa.

Ela sorriu em seguida, brilhando de dentro para fora e, de repente, ele a desejou nua outra vez para poder entrar nela: o instinto de marcá-la estava gritando dentro dele, e a única maneira de aplacar isso era dizendo a si mesmo que tinha deixado bastante de seu aroma na pele dela.

– Envie uma mensagem de texto quando chegar à clínica, assim saberei que está bem – ele disse.

– Vou fazer isso.

Deu um último beijo, atravessou a porta e saiu pela noite.

Quando deixou Rehvenge, Ehlena estava voando, e não simplesmente porque estava desmaterializada passando pelo rio em direção à clínica. Para ela, a noite não estava fria: estava fresca. Seu uniforme não estava amassado por ter sido atirado em uma cama e ter ficado de baixo de um casal apaixonado: estava artisticamente desalinhado. Seu cabelo não estava

bagunçado: estava casual.

A chamada para ir à clínica não foi uma invasão, foi uma oportunidade.

Nada poderia estragar seu humor. Ela era uma das estrelas que havia no céu aveludado da noite, inalcançável, intocável, acima da confusão terrestre.

Contudo, ao tomar forma diante da garagem da clínica, algo do brilho cor de rosa se perdeu. Parecia injusto que pudesse sentir-se como se sentia, tendo em conta o que tinha acontecido na noite anterior: apostaria sua vida que nesse momento a família de Stephan não estaria aparentando nada similar à alegria. Mal terminaram o ritual da morte, pelo amor de Deus… levaria anos antes que pudessem sentir algo remotamente parecido ao que cantava em seu peito quando pensava em Rehv.

Ou talvez nunca. Tinha a sensação de que seus pais nunca seriam os mesmos.

Com uma maldição, caminhou rapidamente pelo estacionamento, seus sapatos deixaram pequenas pegadas pretas sobre a camada de neve que tinha caído. Por ser uma funcionária, o trajeto através dos postos de checagem para a sala de espera não demorou e, quando entrou na área de registros, tirou o casaco e se dirigiu diretamente ao balcão da recepção.

O enfermeiro que estava atrás do computador ergueu o olhar e sorriu. Rhodes era um dos poucos machos entre os funcionários e, definitivamente, um dos favoritos na clínica, o tipo de cara que se dava bem com todo mundo e era rápido com os sorrisos, os abraços e as saudações batendo na palma da mão das pessoas.

– Ei, garota, como… – ele franziu a testa quando ela se aproximou, em seguida, empurrou a cadeira para trás, impondo distância entre eles. – Oh… oi.

Estranhando aquele comportamento, ela olhou para trás, esperando ver um monstro, por causa da maneira como ele se encolhia diante dela.

– Você está bem? – ela disse.

– Oh, sim. Muito bem. – Seus olhos se estreitaram. – E como *você* está?

– Estou bem. Contente por vir e ajudar. Onde está Catya?

– Esperando por você no escritório de Havers, acho que foi o que ela disse.

– Vou até lá, então.

– Sim. Legal.

Ela reparou que sua caneca estava vazia.

– Quer um pouco de café quando eu voltar?

– Não, não – disse rapidamente, levantando as duas mãos. – Estou bem. Obrigado. De verdade.

– Tem certeza de que está bem?

– Sim. Superbem. Obrigado.

Ehlena se afastou, sentindo-se como uma leprosa total. Geralmente, ela e Rhodes se davam muito bem, mas não esta noite…

Oh, meu Deus, pensou. Rehvenge tinha deixado seu aroma sobre ela. Tinha que ser isso.

Deu a volta… mas o que poderia dizer?

Esperando que Rhodes fosse o único a sentir, entrou no vestiário para se desfazer do casaco e foi trabalhar, acenando para os funcionários e pacientes que encontrava no caminho. Quando chegou ao escritório de Havers, a porta estava aberta, o médico estava sentado atrás de sua mesa e Catya em uma cadeira, de costas para o corredor.

Ehlena bateu com suavidade na porta.

– Olá.

Havers levantou o olhar e Catya jogou uma olhada sobre o ombro. Os dois pareciam mesmo preocupados.

– Entre – disse o médico em tom áspero. – E feche a porta.

O coração de Ehlena começou a bater mais rápido. Havia uma cadeira vazia ao lado de Catya e sentou rapidamente porque de repente sentiu que seus joelhos vacilaram.

Ela já tinha estado naquele escritório várias vezes e, geralmente, foi para recordar ao médico que comesse, porque uma vez que começava com os históricos dos pacientes perdia a noção do tempo. Mas não se tratava dele agora, não é mesmo?

Houve um longo silêncio, durante o qual os pálidos olhos de Havers evitaram encontrar os dela, dedicando-se a brincar com os óculos de tartaruga marinha.

Catya foi quem falou e sua voz era tensa.

– Ontem à noite, antes de sair, um dos guardas de segurança que esteve monitorando todas as câmeras chamou minha atenção sobre o fato de que você esteve na farmácia. Sozinha. Disse que a viu pegar alguns comprimidos e sair com eles. Olhei a fita, verifiquei as prateleiras e percebi que estava faltando penicilina.

– Por que não o trouxe? – perguntou Havers. – Voltaria a examinar

Rehvenge imediatamente.

O momento que se seguiu foi como algo saído de uma telenovela, onde a câmera fazia um *zoom* sobre o rosto dos personagens: Ehlena sentiu como se tudo estivesse afastando-se dela, enquanto uma luz aparecia sobre sua cabeça como num interrogatório.

As perguntas giraram em seu cérebro. Realmente tinha pensado que poderia sair ilesa com o que tinha feito? Sabia que havia câmeras de segurança… e, mesmo assim, não pensou sobre isso quando atravessou o balcão da farmácia na noite passada.

Tudo mudaria em consequência disso. Sua vida sempre foi uma luta, mas ia se transformar em algo insuportável.

Destino? Não… estupidez.

Como diabos pode ter feito algo assim?

– Vou pedir demissão – ela disse com aspereza. – A partir desta noite. Nunca deveria ter feito isso… estava preocupada com ele, exausta por Stephan e fiz um julgamento terrível. Estou profundamente arrependida.

Nem Havers nem Catya disseram nada, nem tinham de dizer. Era uma questão de confiança e ela tinha violado a deles. Assim como várias normas do regulamento de segurança dos pacientes.

– Vou esvaziar meu armário. E vou embora imediatamente.

---

Famoso cantor e compositor americano dos anos 1970.

Banda de *rock* americana.

# CAPÍTULO 33

**Rehvenge não via sua** mãe o suficiente.

Esse foi o pensamento que lhe ocorreu quando estacionou diante do refúgio para o qual ela se mudou há quase um ano. Depois que a mansão familiar em Caldwell foi comprometida pelos *redutores*, tirou todos daquela casa e os instalou nessa mansão estilo Tudor, bem ao sul da cidade.

Foi a única coisa boa resultante do sequestro de sua irmã – bem, isso e o fato de que Bella encontrou um macho de valor no Irmão que a tinha resgatado. Por ter tirado sua mãe e amada *doggen* naquela época, elas escaparam dos ataques da Sociedade Redutora à aristocracia durante o verão.

Rehv estacionou o Bentley em frente à mansão, e antes que saísse do carro, a porta da casa se abriu e a *doggen* de sua mãe saiu e ficou sob a luz, encolhida com o frio.

Os sapatos ingleses de Rehv tinham solas escorregadias, assim, foi muito cuidadoso ao atravessar a camada de neve.

– Ela está bem?

A *doggen* olhou para ele, seus olhos estavam nebulosos de lágrimas.

– Está chegando a hora.

Rehv entrou, fechou a porta e se negou a ouvir isso.

– Não é possível.

– Sinto muito, senhor. – A *doggen* tirou um lenço branco do bolso de seu uniforme cinza. – Sinto… muito.

– Não está velha o suficiente.

– Sua vida foi muito mais longa que seus anos.

A *doggen* sabia bem o que acontecia na casa quando o pai de Bella ainda estava com eles. Tinha limpado vidros quebrados e porcelana destroçada. Tinha enfaixado ferimentos e prestado cuidados.

– Na verdade, não posso suportar que se vá – disse a criada. – Estarei perdida sem minha ama.

Rehv colocou a mão adormecida sobre seu ombro e o apertou levemente.

– Você não tem certeza. Ela não foi ver Havers. Deixe-me ir até ela, ok?

Quando a *doggen* assentiu, Rehv subiu lentamente a escada até o segundo andar, passando diante de retratos de família em óleo sobre tela que ele tinha retirado da antiga casa.

No patamar, foi para a esquerda e bateu em um conjunto de portas.

– *Mahmen*?

– *Aqui, meu filho*.

A resposta no Antigo Idioma veio por trás de outra porta. Ele identificou de onde vinha e entrou no grande *closet*, o familiar aroma de Chanel Número 5 o acalmou.

– Onde está? – disse aos metros e metros de roupa pendurada.

– Estou no fundo, meu queridíssimo filho.

Quando Rehv passou entre as fileiras de blusas, saias, vestidos e trajes de baile, respirou profundamente. A marca registrada do perfume de sua mãe estava em todas as peças de roupas, penduradas por cor e tipo, e o frasco de que provinha estava sobre a carregada penteadeira, entre maquiagens e loções.

Encontrou-a diante do espelho de corpo inteiro de três peças. Passando roupa.

O que era estranho demais e o levou a fazer um balanço sobre ela.

Sua mãe era majestosa, mesmo em sua camisola rosa. Deixava o cabelo branco recolhido em cima da cabeça perfeitamente proporcional e tinha uma postura requintada ao sentar naquela banqueta alta, com seus grandes diamantes em forma de pera brilhando na mão. A tábua de passar, atrás da qual se sentava, tinha uma cesta de um lado e uma pilha de lenços passados no outro. Quando a viu, estava na metade de um lenço, com o ferro marcando ao meio um quadrado amarelo pálido, o ferro que empunhava chiava enquanto o deslizava para cima e para baixo.

– *Mahmen*, o que está fazendo? – Certo, era bem óbvio de alguma maneira, mas sua mãe era a dona da casa. Não conseguia se lembrar de tê-la visto alguma vez fazendo tarefas domésticas, lavando a roupa ou qualquer coisa do tipo. Eles tinham os *doggen* para essas coisas.

Madalina ergueu o olhar para ele, seus olhos azuis desbotados pareciam cansados, seu sorriso era mais um esforço que uma alegria verdadeira.

– Estes eram de meu pai. Encontramos quando estávamos revisando as caixas que vieram do sótão da antiga casa.

A “antiga casa” era a de Caldwell onde viveram durante quase um século.

– Sua criada poderia fazer isso por você. – Inclinou-se e beijou seu rosto suave. – Ela adoraria ajudá-la.

– Sim, ela disse o mesmo. – Depois de colocar a mão em seu rosto, sua mãe voltou para o que estava fazendo, dobrando o quadrado de linho outra vez, pegando um *spray* e esguichando sobre o lenço. – Mas isto é algo que eu devo fazer.

– Posso me sentar? – perguntou, inclinando a cabeça para uma cadeira que havia ao lado do espelho.

– Oh, é claro, onde estão minhas maneiras? – Deixou o ferro e começou a descer da banqueta. – E devemos lhe servir algo…

Ele levantou a mão.

– Não, *mahmen*, acabei de comer.

Ela fez uma reverência e voltou a se acomodar no banco.

– Fico grata por este encontro, já que sei o quanto é ocupado…

– Sou seu filho. Como pode pensar que não viria?

O lenço passado foi colocado em cima de seus ordenados irmãos e o último foi tirado da cesta.

O ferro exalou vapor enquanto ela passava com cuidado sua base quente sobre o quadrado branco. Enquanto se movia lentamente, ele olhou o espelho. Suas costas eram proeminentes sob a camisola de seda e na nuca se via claramente sua coluna vertebral.

Quando voltou a prestar atenção em seu rosto, viu uma gota de lágrima cair de seus olhos até o lenço.

Oh… querida Virgem Escriba, pensou. Não estou pronto.

Rehv colocou com firmeza a bengala no chão e se ajoelhou diante dela. Girando a banqueta para ele, tirou o ferro da mão dela e o colocou de lado, preparado para levá-la a Havers, preparado para pagar qualquer medicamento que pudesse proporcionar mais tempo.

– *Mahmen, o que a aflige?* – Pegou um dos lenços passados do pai dela e deu suaves toques sob seus olhos. – *Fala com teu filho legítimo sobre o peso que há em teu coração*.

As lágrimas não tiveram fim, e ele as apanhou uma a uma. Apesar de sua idade e seu pranto, era encantadora, uma Escolhida caída que tinha vivido uma vida dura e, entretanto, permanecia cheia de graça.

Quando finalmente falou, sua voz era fraca.

– Estou morrendo. – Negou com a cabeça antes que ele pudesse falar. – Não, sejamos sinceros um com o outro. Meu fim chegou.

Veremos, pensou Rehv consigo mesmo.

– Meu pai – tocou o lenço com o qual Rehv secou suas lágrimas. – Meu pai… é estranho que agora pense nele dia e noite, mas o faço. Ele foi o Primaz há muito tempo e amava seus filhos. Sua maior alegria era sua linhagem e, embora fôssemos muitos, relacionava-se com todos nós. Estes lenços? Foram feitos com suas túnicas. De fato, eu me agradava muito com os trabalhos de costura e ele sabia, por isso me deu algumas de suas túnicas.

Esticou a mão ossuda e acariciou a pilha de peças que tinha passado.

– Quando deixei o Outro Lado, ele me fez levar alguns deles. Estava apaixonada por um Irmão e convencida de que minha vida só estaria completa se estivesse com ele. É claro, então…

Sim, foi esse *então* a parte de sua vida que lhe causou tamanha dor: então, foi violada por um *sympatho*, ficou grávida de Rehvenge e foi forçada a dar à luz a uma monstruosidade híbrida que de algum modo ela aconchegou em seu seio e amou como qualquer filho gostaria de ser amado. E, em todo o tempo que o rei *sympatho* a manteve aprisionada, o Irmão que amava procurou por ela – apenas para morrer no processo de seu resgate.

E aquela tragédia não foi o final.

– Depois que fui… resgatada, meu pai chamou-me em seu leito de morte. De todas as Escolhidas, dentre todos os seus amigos e filhos, ele quis ver a mim. Mas eu não queria ir. Não poderia suportar… eu não era mais a filha que ele conhecia. – Os olhos se encontraram com os de Rehv e havia uma súplica profunda neles. – Não queria que soubesse nada sobre mim. Estava desonrada.

Cara, ele conhecia aquele sentimento, mas sua *mahmen* não precisava daquela carga. Ela não fazia ideia do tipo de porcarias com as quais ele estava lidando e nunca saberia, porque era evidente que a principal razão pela qual se prostituía era para que ela não tivesse que suportar a tortura de ter seu filho deportado.

– Quando recusei a convocação, a Directrix veio a mim e disse que ele estava sofrendo. Que não iria ao Fade até que fosse vê-lo. Que permaneceria no doloroso leito de morte durante a eternidade a menos que o aliviasse. Na noite seguinte, fui com o coração pesado. – Nesse momento o olhar de sua mãe se tornou feroz. – Ao chegar ao templo do Primaz, ele quis me abraçar,

mas não pude… permitir. Eu era apenas uma estranha com o rosto de um ser amado e tentei falar de coisas educadas e distantes. Foi então que ele disse algo que até agora não conseguia compreender por completo. Disse: "a alma oprimida não passará, ainda que o corpo falhe". Ele era um prisioneiro do que tinha ficado pendente a meu respeito. Sentia como se tivesse falhado em sua função. Que se tivesse me mantido no Outro Lado, meu destino teria sido mais gentil do que se revelou depois que parti.

A garganta de Rehv ficou apertada, uma súbita e terrível suspeita se instalou em seu cérebro.

A voz de sua mãe era fraca, mas sincera.

– Aproximei-me da cama, ele estendeu sua mão para mim e a sustentei dentro da minha. Eu disse, então, que amava meu filho, que ia me casar com um macho da *glymera* e que nem tudo estava perdido. Meu pai examinou meu rosto em busca da verdade nas palavras que falei e quando se satisfez com o que viu, fechou os olhos… e se foi. Eu então entendi que se não tivesse ido… – respirou fundo – de fato, não posso deixar esta Terra com as coisas como estão.

Rehv negou com a cabeça.

– Todos estão bem, *mahmen*. Bella e sua filha estão bem e a salvo. Eu…

– *Pare.* – Sua mãe levantou a mão e o agarrou pelo queixo, da maneira como fazia quando era pequeno e propenso a causar problemas. – Sei o que fez. Sei que matou meu *hellren*, Rempoon.

Rehv pensou na possibilidade de continuar mantendo a mentira, mas, dada a expressão de sua mãe, a verdade tinha sido revelada e nada do que pudesse dizer poderia dissuadi-la.

– Como?… Como descobriu?

– Quem mais o faria? Quem mais poderia? – Quando o soltou e acariciou seu rosto, ele ansiava para sentir o quente contato. – Não se esqueça de que via este seu rosto cada vez que meu *hellren* perdia a paciência. Meu filho, meu forte e poderoso filho. Olhe para você.

O sincero e afetuoso orgulho que sentia por ele era algo que nunca tinha entendido, dadas as circunstâncias de sua concepção.

– Também sei… – sussurrou – que matou seu pai biológico. Faz vinte e cinco anos.

Agora, isso sim chamou sua atenção.

– Não deveria saber. Nada disso. Quem contou sobre essas coisas?

Ela tirou a mão de seu rosto e apontou a mesa de maquiagem, para a tigela de cristal que Rehv sempre tinha achado que ela usava para fazer as unhas.

– Os velhos hábitos de uma Escolhida escriba custam a morrer. Eu o vi na água. Logo depois que aconteceu.

– E manteve em segredo – disse ele com admiração.

– E não poderia mais. Por isso o trouxe aqui.

Aquela sensação horrível ressurgiu, era o resultado de estar preso entre o que sua mãe pediria que fizesse e a forte convicção de que sua irmã não seria beneficiada ao saber todos os segredos sujos e malignos da família. Bella tinha permanecido protegida dessa porcaria durante toda sua vida e não havia razão para fazer uma divulgação completa agora, especialmente se sua mãe estava morrendo.

Mas Madalina não estava, lembrou-se.

– *Mahmen*…

– Sua irmã não deve saber *nunca*.

Rehv se enrijeceu, rezando para que tivesse entendido bem.

– Como?

– Jure para mim que fará tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que ela nunca saiba. – Quando sua mãe se inclinou e agarrou seus braços, ele poderia dizer que ela realmente estava cravando os dedos nele pelo modo como os ossos das mãos e punhos se destacavam. – Não quero que ela carregue esse peso. Você foi forçado a fazê-lo e eu teria evitado isso se pudesse, mas não pude. E, se ela não sabe, então a próxima geração não terá de sofrer. Nalla também não vai suportar esse peso. Pode morrer contigo e comigo. Prometa!

Rehv encarou os olhos de sua mãe e nunca a amou tanto.

Concordou uma vez.

– *Olhe para minha face e garanta, jure. Bella e sua descendência nunca saberão. O passado morrerá contigo e comigo.*

Os ombros de sua mãe relaxaram sob a camisola, e o trêmulo suspiro que exalou expressou claramente seu alívio.

– Você é o filho que outras mães só podem desejar.

– Como isso pode ser verdade? – ele disse baixinho.

– Como pode não ser?

Madalina se recompôs e pegou o lenço da mão de Rehv.

– Devo engomar este outra vez – disse sua mãe – e, em seguida, talvez

possa me ajudar a ir para minha cama?

– Claro que sim. E quero chamar Havers.

– Não.

– *Mahmen*…

– Gostaria que minha passagem fosse sem intervenção médica. De qualquer maneira, ninguém poderia me salvar agora.

– Não pode saber disso…

Ela levantou sua encantadora mão com seu pesado anel de diamantes.

– Estarei morta antes do anoitecer de amanhã. Vi na tigela.

Rehv ficou sem fôlego, seu pulmão se negava a funcionar. *Não estou pronto para isso. Não estou pronto. Não estou pronto…*

Madalina foi muito precisa com o último lenço, alinhando as pontas com cuidado, deslizando o ferro lentamente para frente e para trás. Quando terminou, colocou o quadrado perfeito sobre os outros, certificando-se de que tudo estava alinhado.

– Pronto – disse.

Rehv apoiou-se em sua bengala para se levantar e oferecer o braço, e juntos partiram arrastando os pés para o quarto, os dois sem equilíbrio.

– Está com fome? – perguntou enquanto puxava as cobertas e a ajudava a se deitar.

– Não, estou bem como estou.

As mãos de ambos trabalharam em conjunto para arrumar os lençóis, o cobertor e o edredom de forma que tudo estivesse dobrado com precisão e posicionado de forma precisa sobre o peito dela. Quando ele se endireitou, soube que ela não voltaria a sair da cama outra vez e não pôde suportar.

– Bella deve vir aqui – ele disse com dificuldade. – Ela precisa dizer adeus.

Sua mãe concordou e fechou os olhos.

– Deve vir agora e, por favor, que traga a menina.

Em Caldwell, na mansão da Irmandade, Tohr caminhava por seu quarto. O que era uma piada, considerando como estava fraco. *Cambalear* era tudo o que podia fazer.

Observava o relógio a cada minuto e meio, o tempo passava a uma velocidade alarmante, até que sentiu como se a ampulheta do mundo tivesse se quebrado e os segundos, assim como a areia, estivessem se derramando por toda parte.

Precisava de mais tempo. Droga, mas será que isso poderia ajudar?

Simplesmente não podia imaginar como conseguiria passar por tudo que estava prestes a acontecer e sabia que postergar mais a situação não ia mudá-la. Por exemplo, não conseguia decidir se era melhor ter uma testemunha. A vantagem era que dessa forma seria menos pessoal. A desvantagem era que se ele fracassasse haveria outra pessoa no quarto para ver.

– Eu vou ficar.

Tohr observou Lassiter, que estava ajeitado na cadeira junto às janelas. As pernas do anjo estavam cruzadas à altura dos tornozelos e uma das botas de combate marcava um compasso de um lado a outro, outra forma odiosa de medir o tempo.

– Vamos lá – disse Lassiter. – Já vi até o seu traseiro nu. O que poderia ser pior que isso?

As palavras eram as bravatas típicas e o tom de voz foi surpreendentemente gentil…

A batida na porta foi suave. Então, não era um Irmão. E dado que não havia aroma de comida vindo por debaixo da porta, não era Fritz com uma bandeja destinada ao trono de porcelana.

Era evidente que a ligação para Phury tinha funcionado.

Tohr começou a tremer da cabeça aos pés.

– Certo, calminha aí. – Lassiter levantou e se aproximou rapidamente. – Quero que sente aqui. Não vai querer fazer isto perto de uma cama. Vamos… não, não brigue comigo. Sabe que é assim que tem de ser. É biologia, não uma escolha, então deve deixar a culpa de fora.

Tohr se sentiu puxado para uma cadeira de encosto rígido que estava perto da mesa de escritório e foi bem a tempo: seus joelhos perderam interesse em continuar a funcionar e os dois falharam de forma que bateu no assento de tecido com tanta força que ricocheteou.

– Não sei como fazer isso.

A magnífica face de Lassiter apareceu diante da sua.

– Seu corpo vai fazer isso por você. Afaste sua mente e seu coração, e deixe que seu instinto faça o que deve ser feito. Isso não é culpa sua. É assim que você sobrevive.

– Não quero sobreviver.

– Não diga? E eu pensando que toda aquela porcaria de autodestruição era só um passatempo.

Tohr não tinha forças para atacar o anjo. Não tinha forças para deixar o quarto. Nem sequer tinha a reserva de energia suficiente para chorar.

Lassiter foi até a porta e abriu.

– Ei, obrigado por vir.

Tohr não podia suportar o olhar da Escolhida que entrou, mas não havia como ignorar sua presença: seu aroma delicado e floral pairou até ele.

O perfume natural de Wellsie era mais forte que esse, não era feito apenas de rosa e jasmim, mas também da fragrância que vinha de seu interior.

– Meu senhor – disse uma voz feminina. – Sou a Escolhida Selena, estou aqui para servi-lo.

Houve uma longa pausa.

– Aproxime-se dele – disse Lassiter suavemente. – Precisamos acabar com isso.

Tohr colocou o rosto entre as mãos e deixou a cabeça cair de maneira solta sobre o pescoço. Era a única coisa que poderia fazer para continuar respirando, enquanto a fêmea se posicionava no chão aos seus pés.

Através de seus compridos e magros dedos viu o branco da túnica que se derramava ao redor. Wellsie não tinha muito interesse em vestidos. O único que verdadeiramente gostava era o vermelho e negro com o qual se casou.

A imagem daquela cerimônia sagrada apareceu em sua mente. Viu com trágica clareza o momento em que a Virgem Escriba apertou sua mão e a de Wellsie, declarando que era um bom casamento. Na verdade, um ótimo casamento. Ele sentiu algo muito terno ao estar ligado à sua fêmea por meio da mãe da raça, e essa sensação de amor, propósito e otimismo se incrementou um milhão de vezes ao olhar nos olhos de sua amada.

Parecia que tinham toda uma vida de felicidade e alegria diante deles… e, mesmo assim, lá estava ele, do outro lado de uma perda inconcebível, sozinho.

Não, pior que sozinho. Só e prestes a tomar o sangue de outra fêmea em seu corpo.

– Isto está acontecendo muito rápido – disse entre dentes por trás das palmas das mãos. – Não posso… preciso de mais tempo…

Que Deus o ajudasse, mas se aquele anjo dissesse uma só palavra a respeito de ser esse o momento certo, faria que o bastardo desejasse que seus dentes fossem blindados.

– Meu senhor – disse a Escolhida em voz baixa –, posso retornar depois se

for seu desejo. E retornarei e voltarei a retornar outra vez até que esteja pronto. Por favor… meu senhor, de verdade, só desejo ajudá-lo, não feri-lo.

Ele franziu a testa. Soava muito amável e não havia uma nota sensual em nenhuma das sílabas que deixaram seus lábios.

– Diga-me a cor de seu cabelo – disse através das mãos.

– É negro como a noite e está preso com a firmeza que minhas irmãs e eu pudemos dispor nisso. Também tomei a liberdade de envolvê-lo em um turbante, embora não tivesse pedido. Pensei… que talvez isso pudesse ajudar mais.

– Diga-me a cor de seus olhos.

– Azuis, meu senhor. Um azul pálido do céu.

Os de Wellsie eram castanho-avermelhados.

– Meu senhor – a Escolhida sussurrou –, nem sequer precisa me olhar. Permita-me que fique atrás do senhor e tome meu pulso dessa forma.

Ouviu o farfalhar do tecido macio e o aroma da fêmea deslocar-se ao seu redor até que ficou atrás dele. Deixando cair às mãos, Tohr viu as longas pernas de Lassiter vestidas em *jeans*. Os tornozelos do anjo estavam cruzados outra vez, e ele encontrava-se inclinado contra a parede.

Um braço esbelto envolto em um tecido branco apareceu diante dele.

Com lentos puxões, a manga da túnica foi sendo gradualmente levantada.

O pulso que ficou exposto era frágil, a pele era branca e fina.

As veias sob a superfície eram azul-claras.

As presas de Tohr surgiram e um grunhido saiu de seus lábios. O bastardo do anjo tinha razão. De repente, não havia nada em sua mente; tudo se resumia ao seu corpo e do que ele o privou durante tanto tempo.

Tohr fechou com firmeza sua mão sobre o ombro dela, sibilou como uma cobra e mordeu o pulso da Escolhida até o osso, travando suas presas ali. Houve um grito de alarme e ela tremeu, mas Tohr estava longe enquanto bebia. Os goles eram como punhos em uma corda, puxando aquele sangue para dentro das vísceras, tão rápido que não teve tempo de saboreá-lo.

Quase matou a Escolhida.

E soube disso mais tarde, quando finalmente Lassiter o afastou dela e o deixou fora de ação com um soco na cabeça – até porque, no instante em que foi separado da fonte daqueles nutrientes, tentou agarrar a fêmea outra vez.

O anjo caído estava certo.

A horrível biologia era a força condutora máxima, vencendo inclusive o

mais vigoroso coração.

E o mais devoto dos viúvos.

# CAPÍTULO 34

**Quando Ehlena chegou em** casa, assumiu uma expressão falsa, despediu-se de Lusie e foi ver seu pai, que "fazia incríveis avanços" em seu trabalho. Contudo, no segundo em que ficou livre disso tudo, foi ao seu quarto para entrar na internet. Tinha de verificar quanto dinheiro possuía, contando até o último centavo. Ela achava que não ia gostar do que veria. Depois de entrar em sua conta bancária, passou os cheques que teria de cobrir e assinalou os que venceriam na primeira semana do mês. A boa notícia era que ainda receberia seu pagamento de novembro.

Sua poupança tinha menos de onze mil.

Não havia mais nada para vender. E não sobrava nada do orçamento mensal.

Lusie teria de parar de vir. O que seria péssimo, pois ela aceitaria outro paciente para preencher o lugar, assim, quando Ehlena encontrasse um novo trabalho haveria um buraco em termos de cuidados médicos para preencher.

Isso se conseguisse outro emprego. Tinha plena certeza de que não seria na área de enfermagem. Ser despedida por justa causa não era o que qualquer empregador gostaria de ver em um currículo.

Por que tinha roubado aqueles malditos comprimidos?

Ehlena ficou sentada olhando a tela, somando e voltando a somar todos os pequenos números até perder o foco, nem sequer conseguiu mais registrar a soma.

– *Filha minha?*

Fechou rapidamente o *notebook*, porque seu pai não se dava bem com utensílios eletrônicos e recompôs o semblante.

– Sim? Quero dizer, *sim?*

– *Pergunto-me se gostaria de ler uma passagem ou duas de meu trabalho? Parece ansiosa e descobri que tais atividades acalmam minha mente.* – Aproximou-se de seu lado arrastando os pés e estendeu o braço muito cortês.

Ehlena se levantou porque às vezes tudo o que uma pessoa podia fazer era

aceitar a direção de outra. Não queria ler nenhuma das bobagens que tinha colocado naquelas páginas. Não suportava fingir que estava tudo bem. Desejava, mesmo que fosse só por uma hora, poder ter seu pai de volta para falar sobre a situação ruim que ela tinha colocado os dois.

– *Isso seria encantador* – disse com um tom de voz morto e elegante.

Seguindo-o até seu escritório, ajudou-o a acomodar-se em sua cadeira e olhou ao redor, para as descuidadas pilhas de papéis. Que bagunça. Havia pastas de couro pretas tão cheias que estavam a ponto de se romperem. Pastas de arquivo estufadas. Cadernos de espiral com páginas escapando além de seus limites como língua de cachorro. Folhas brancas soltas esparramadas aqui e ali, como se as páginas tivessem tentado voar.

Tudo isso era seu diário, ou assim ele afirmava ser. Na verdade, era apenas uma pilha atrás da outra de coisas sem sentido, a manifestação física de seu caos mental.

– *Aqui. Sente-se, sente-se.* – Seu pai limpou o assento ao lado de sua escrivaninha.

Depois de sentar-se, Ehlena colocou as mãos sobre os joelhos e os apertou com força, tentando não perder o controle. Era como se os resíduos daquele quarto fossem uma espiral magnética que fazia que seus próprios pensamentos e maquinações girassem ainda mais rápidos, e essa não era, de forma alguma, a ajuda que precisava.

Seu pai olhou ao redor do escritório e sorriu como se estivesse se desculpando.

– *Tanto trabalho para uma produção relativamente pequena. Algo como colher pérolas. As horas que passei aqui, as muitas horas foram para cumprir de maneira plena o meu propósito…*

Ehlena mal o ouvia. Se não pudesse pagar o aluguel, para onde iriam? Haveria alguma coisa ainda mais barata que não tivesse ratos e baratas passeando entre eles? Como seu pai enfrentaria um ambiente estranho? Queridíssima Virgem Escriba, concluiu que chegariam à fatídica noite em que ele queimaria a casa que alugavam. Haveria como chegar mais fundo que isso?

Soube que tinha problemas quando tudo ficou fora de foco.

A voz de seu pai continuava, percorrendo seu silencioso pânico.

– *Esforcei-me para registrar com fidelidade tudo o que vi…*

Ehlena não ouviu muito mais que isso.

Curvou-se. Sentada na pequena cadeira sem braços, inundada pelo inútil balbuciar sem sentido de seu pai, examinou suas ações e onde uma decisão ruim tinha levado os dois. Então, chorou.

E não se tratava apenas de ter perdido o trabalho. Chorou por Stephan. Pelo que tinha acontecido com Rehvenge. Pelo fato de seu pai ser um adulto que não podia compreender a realidade de sua situação.

Chorou por estar tão sozinha.

Ehlena abraçou a si mesma e chorou. Uma respiração rouca passava por entre seus lábios até que ficou exausta demais para fazer outra coisa além de permanecer curvada sobre seu próprio colo.

Finalmente, soltou um grande suspiro e limpou os olhos com a manga do uniforme que já não precisaria mais.

Quando ergueu o olhar, seu pai estava sentado completamente imóvel em sua cadeira, com uma expressão de choque total.

– *Minha filha… francamente.*

Entende, essa era a questão. Poderiam ter perdido toda sua condição monetária anterior, mas velhos hábitos demoram a morrer. A reserva da *glymera* ainda definia o discurso deles – então, uma grande crise de choro equivalia a atirar-se de costas sobre a mesa do café da manhã e a um alienígena sair de seu estômago.

– *Perdoe-me, pai* – disse, sentindo-se uma completa idiota. – *Com a sua licença...*

– *Não... espere. Você ia começar a ler*.

Fechou os olhos, sua pele esticando-se ao longo de todo o corpo. De certa maneira, toda sua vida estava definida pela patologia mental de seu pai e, embora encarasse seu sacrifício como algo que lhe devia na maior parte do tempo, aquela noite estava muito difícil para fingir que tivesse importância crucial alguma coisa tão inútil quanto o "trabalho" de seu pai.

– *Pai, eu...*

Uma das gavetas da escrivaninha abriu e fechou.

– *Aqui, filha. Tome em suas mãos algo mais que apenas uma passagem*.

Esforçou-se para abrir as pálpebras…

E teve que se inclinar para frente para ter certeza de que estava enxergando bem. Entre as mãos de seu pai havia uma pilha de páginas brancas perfeitamente alinhadas de quase três centímetros de espessura.

– *Este é o meu trabalho* – disse simplesmente. – *Um livro para você, filha*

*minha.*

No andar inferior do refúgio estilo Tudor, Rehv esperava junto às janelas da sala, com o olhar fixo na grama ondulada. As nuvens tinham desaparecido e uma lua crescente pendia no brilhante céu invernal. Em sua mão adormecida, sustentava seu novo telefone celular, que tinha acabado de fechar com uma maldição.

Não podia acreditar que no andar acima sua mãe estivesse em seu leito de morte, que nesse mesmo momento sua irmã e seu *hellren* estivessem correndo contra o nascer do sol para poder chegar… e, ainda por cima, seu trabalho levantava sua horrenda cabeça com chifres.

Outro traficante morto. O que somava três nas últimas vinte e quatro horas.

Xhex foi breve e concisa, muito ao seu estilo. Ao contrário de Ricky Martínez e Isaac Rush, cujos corpos foram encontrados no rio, o outro cara tinha aparecido em seu carro no estacionamento vazio de um *shopping center* com uma bala atravessando a parte de trás do crânio. O que significava que o carro foi levado até ali com o corpo dentro: ninguém seria tão estúpido de atirar em um idiota em um lugar que, sem dúvida, estava repleto de câmeras de segurança. Entretanto, como o relato da polícia não informava mais nada, teriam de esperar os jornais e as notícias matutinas da TV para conhecer mais detalhes.

Mas aí estava o problema e a razão de ter amaldiçoado.

Aqueles três tinham comprado material dele no decorrer das últimas duas noites.

Razão pela qual Xhex o incomodou na casa de sua mãe. O negócio das drogas não só era ilegal, como também era um campo de guerra. E a paz que havia em Caldwell e que permitia que ele e seus colegas de alto nível pudessem fazer dinheiro vinha de um equilíbrio muito delicado.

Sendo uma pessoa importante no negócio, seus fornecedores eram uma combinação de traficantes de Miami, importadores de Nova York, destiladores de Connecticut e fabricantes de Rhode Island. Todos eram homens de negócios, assim como ele, e a maioria era independente, ou seja, não filiados à máfia dos Estados Unidos. As ligações eram sólidas, os homens no outro extremo eram tão cuidadosos e escrupulosos quanto ele: o que faziam era simplesmente uma questão de transações financeiras e uma mudança de mãos de produtos, como em qualquer outro segmento legítimo

da economia. Os carregamentos chegavam à Caldwell por várias residências e eram transportados ao ZeroSum, onde Rally estava a cargo de provar, cortar e empacotar.

Era uma máquina bem-lubrificada que tinha levado dez anos para colocar em funcionamento e exigia uma combinação de empregados bem-pagos, ameaças de danos corporais, espancamentos e a constante manutenção de relacionamentos.

Três cadáveres era suficiente para lançar todo esquema ao espaço, causando não apenas um *déficit* econômico, mas uma luta pelo poder em níveis muito baixos, algo que ninguém precisava: alguém estava apagando as pessoas em seu território e seus colegas se perguntariam se ele estava promovendo algum tipo de disciplina ou, pior, se ele mesmo estava sendo castigado. Os preços flutuariam, as relações ficariam tensas e as informações seriam distorcidas.

Aquilo precisava ser resolvido.

Tinha de fazer algumas ligações para garantir a seus importadores e produtores que ainda mantinha o controle de Caldwell e que nada impediria a venda de suas mercadorias. Mas, Cristo, por que isso agora?

Os olhos de Rehv se deslocaram para o teto.

Por um momento, fantasiou desistindo de tudo, só que aquilo era uma grande besteira. Enquanto a Princesa estivesse em sua vida, permaneceria no negócio, porque ele não permitiria, de jeito nenhum, que aquela vadia ficasse com a fortuna de sua família. Deus era testemunha de que o pai de Bella fez o bastante nesse sentido ao tomar decisões financeiras ruins.

Enquanto a Princesa estivesse andando sobre a Terra, Rehv continuaria sendo o senhor das drogas de Caldwell e faria suas ligações. Contudo, não da casa de sua mãe, não durante o tempo que dedicava a sua família. Os negócios podiam esperar até que tivesse terminado de servir sua família.

Uma coisa estava clara, porém. De agora em diante, Xhex, Trez e iAm teriam de ficar de olhos ainda mais abertos, porque, com certeza, se alguém era ambicioso o suficiente para tentar derrubar todos esses intermediários, era mais que provável que tentaria pegar o peixe graúdo que era Rehv. Mas era de vital importância que ele fosse visto no clube. Marcar presença era crucial em tempos difíceis, pois seus contatos estariam observando para ver se fugia e se escondia. Era melhor que pensassem que era a pessoa que podia estar levando a cabo as matanças do que um maricas que se escondia em seu

território quando as coisas ficavam difíceis.

Sem razão aparente, abriu o telefone para checar se havia chamadas perdidas. Outra vez. Nada de Ehlena. Ainda.

Era provável que apenas estivesse ocupada na clínica, envolvida na agitação. É claro que sim. E o local não corria perigo de ser invadido. Estava localizado em um lugar remoto, tinha bastante segurança e teria sido informado se algo de mal tivesse acontecido.

Certo?

Maldição.

Franzindo a testa, verificou seu relógio. Hora de tomar mais dois comprimidos.

Dirigiu-se à cozinha e bebeu um copo de leite e tomou mais penicilina, quando um par de faróis iluminou a frente da casa. Enquanto o Escalade estacionava e abriam as portas, apoiou o copo, colocou a bengala no chão e foi cumprimentar sua irmã, seu parceiro e a filha deles.

Bella já estava com os olhos vermelhos quando entrou, porque ele deixou claro o que estava acontecendo. Seu *hellren* estava bem atrás dela, levando a sua sonolenta filha nos braços enormes, seu rosto com cicatrizes estava com uma expressão desagradável.

– Minha irmã – disse Rehv ao tomar Bella nos braços. Enquanto a abraçava ligeiramente, golpeou a palma da mão de Zsadist com a sua. – Fico feliz que esteja aqui, amigo.

Z. assentiu com sua cabeça raspada.

– Eu também.

Bella se afastou e enxugou os olhos rapidamente.

– Está lá em cima, na cama?

– Sim, a *doggen* está com ela.

Bella tomou a filha nos braços e, em seguida, Rehv abriu caminho para as escadas. Diante do quarto, bateu na porta primeiro e esperou enquanto sua mãe e a fiel criada se preparavam.

– Como está a situação? – sussurrou Bella.

Rehv olhou para sua irmã, pensando que esta era uma das poucas vezes onde ele não conseguia ser tão forte para ela quanto gostaria de ser.

Sua voz estava rouca.

– Chegou a hora.

Os olhos de Bella se fecharam com força exatamente quando sua *mahmen*

disse com um tom de voz instável:

– Entrem.

Quando Rehv abriu uma das duas portas, ouviu Bella inalar intensamente, mas, mais que isso, captou sua grade emocional: a tristeza e o pânico se entrelaçavam, dobrando-se e redobrando-se até que uma caixa sólida estivesse formada. Era um rastro de sentimentos que só tinha visto em funerais. E não é que aquilo fazia um trágico sentido?

– *Mahmen* – disse Bella caminhando até a cama.

Quando Madalina estendeu os braços, seu rosto estava impregnado de felicidade.

– Meus amores, meus queridíssimos amores.

Bella se inclinou e beijou o rosto de sua mãe, depois transferiu cuidadosamente o peso de Nalla. Como sua mãe não tinha forças para segurar a pequena, colocou um dos travesseiros como apoio para o pescoço e a cabeça da menina.

O sorriso de sua mãe era radiante.

– Olhem para o rosto dela… será linda, com certeza. – Ergueu uma mão esquelética em direção a Z. – E o orgulhoso papai, que cuida de suas fêmeas com tanta força e moral.

Zsadist se aproximou e segurou a mão estendida, inclinando-se e acariciando os dedos com a testa, como era costume entre mães e genros.

– Sempre as manterei em segurança.

– De fato. Disso tenho plena certeza. – Sua mãe sorriu ao poderoso guerreiro que parecia totalmente deslocado entre as rendas em volta da cama, e então suas forças falharam e deixou a cabeça cair para o lado.

– Minha maior alegria – sussurrou enquanto olhava a sua neta.

Bella encostou o quadril sobre o colchão e tocou gentilmente o joelho de sua mãe. O silêncio no quarto tornou-se suave como um pôr do sol, um casulo de calma que pousou sobre todos eles e aliviou a tensão.

Havia uma única coisa boa em tudo aquilo: uma morte tranquila que acontecia no momento adequado era uma bênção tão grande quanto uma vida longa e boa.

Sua mãe não teve o último adjetivo. Mas Rehv manteria sua promessa garantindo que a paz que havia naquele quarto continuaria também depois que ela partisse.

Bella se inclinou para sua filha e sussurrou:

– Dorminhoca, acorde para sua *granhmen*.

Quando Madalina roçou com suavidade a bochecha da pequena, Nalla despertou. Quando aqueles olhos amarelos, tão brilhantes quanto um diamante, focaram o velho e amado rosto que tinha diante dela, a pequena sorriu e estendeu as mãos rechonchudas. Quando a menina apertou o dedo de sua avó, Madalina elevou o olhar e espiou Rehv. Em seu olhar havia súplica.

E deu exatamente o que precisava. Pondo o punho sobre o coração, curvou-se ligeiramente, prometendo cumprir seu voto uma vez mais.

Sua mãe piscou os olhos, com lágrimas tremendo nos cílios, e uma onda de sua gratidão se derramou sobre Rehv. Embora não pudesse sentir o calor dela, sabia pela maneira como teve de abrir seu casaco de pele, pois sua temperatura corporal acabava de subir.

Sabia também que seria capaz de tudo para manter sua promessa. Uma boa morte não era somente rápida e indolor. Uma boa morte implicava deixar seu mundo em ordem, indo ao Fade com a satisfação de saber que seus entes queridos estariam bem-cuidados e seguros e, embora tivessem de atravessar o processo do luto, ficava a sensação de que não tinha deixado nada sem dizer ou por fazer.

Ou nada dito, como era o caso.

Era o maior presente que podia dar à mãe que o criou melhor do que merecia, a única forma em que poderia compensá-la pelas circunstâncias de seu cruel nascimento.

Madalina sorriu e soltou um comprido e agradecido suspiro.

E tudo ficou como tinha de ser.

# CAPÍTULO 35

**John Matthew acordou com** sua arma apontada para a porta que se abria no inóspito quarto de Xhex. Seu ritmo cardíaco estava tão sereno quanto sua mão estava firme e, mesmo quando as luzes se acenderam, ele não hesitou. Se não gostasse da aparência de quem estivesse abrindo a fechadura e virando o trinco, colocaria uma bala no meio de qualquer peito que surgisse.

– Calma – disse Xhex enquanto entrava e fechava a porta. – Sou eu.

Ele voltou a colocar a trava e baixou a arma.

– Estou impressionada – murmurou ela enquanto se recostava contra o batente da porta. – Você acorda como um lutador.

De pé do outro lado do quarto, com seu poderoso corpo relaxado, era a fêmea mais atraente que já tinha visto. O que significava que a menos que ela quisesse o mesmo que ele, John teria de ir embora. As fantasias eram boas, mas em carne e osso era melhor e não acreditava que pudesse manter-se longe dela.

John esperou. E esperou. Nenhum deles se moveu.

Certo. Hora de ir antes de agir como um imbecil.

Começou a baixar as pernas da cama, mas ela balançou a cabeça.

– Não, fique onde está.

Ceeeerto. Mas então ele teria de disfarçar.

Alcançando a jaqueta, arrastou o couro até o colo, porque sua arma não era a única coisa que estava preparada para ser usada. Como de costume, estava tendo uma ereção, que era o procedimento padrão ao acordar – também era um problema sempre que entrava no raio de alcance dela.

– Já vou sair – disse ela, deixando cair a jaqueta negra e dirigindo-se ao banheiro.

A porta se fechou e sua boca se abriu.

Aquilo poderia estar… acontecendo?

Alisou o cabelo, colocou a camisa para dentro da calça e acomodou o membro. O qual não só estava duro, mas também pulsava. Baixou o olhar

para o comprimento que lutava contra o zíper do *jeans* e tentou esclarecer para si mesmo que talvez ela ficasse, mas isso não queria dizer necessariamente que tivesse interesse em utilizar seus quadris para praticar equitação.

Xhex saiu um pouco depois e se deteve junto ao interruptor.

– Tem alguma coisa contra o escuro?

Ele negou lentamente com a cabeça.

O quarto se afundou na escuridão e ela dirigiu-se para a cama.

Com o coração disparado no peito e o pênis ardendo, John se movimentou rapidamente, deixando bastante espaço para ela. Quando se deitou, sentiu cada nuance do movimento do colchão, escutou o suave roçar de seu cabelo quando pousou no travesseiro e distinguiu seu aroma no fundo do olfato.

Não conseguia respirar.

Nem sequer quando ela suspirou relaxando.

– Não está com medo de mim, está? – disse em voz baixa.

Ele negou com a cabeça apesar de ela não poder vê-lo.

– Você está ereto.

Oh, Deus, pensou ele. Sim, estava.

Um pânico instantâneo foi deflagrado, como um chacal grunhindo ao saltar de um arbusto. Droga! Era difícil imaginar o que seria pior: que Xhex o quisesse, e ele perdesse a ereção… como aconteceu com a Escolhida Layla na noite de sua transição. Ou que Xhex não o quisesse de jeito nenhum.

Ela resolveu seu cara ou coroa mental ao colocar a mão sobre o peito dele.

– Calma – disse quando ele saltou.

Depois que se posicionou na cama, a carícia dela foi descendo pela barriga, e quando cobriu o pênis por cima dos *jeans* com a mão, ele se arqueou na cama, abrindo a boca para soltar um gemido silencioso.

Não houve preliminares, mas ele não queria nenhuma de qualquer forma. Ela baixou o zíper, tirou a ereção e logo houve um movimento e o som das calças de couro caindo no chão.

Ela montou sobre ele, plantando as palmas das mãos nos peitorais e o empurrando contra o colchão. Quando algo morno, suave e úmido se roçou nele, já não se preocupou nem um pouco em ficar flácido. Seu corpo rugia para entrar nela, nada do passado impedia seus instintos de acasalamento.

Xhex se ergueu sobre os joelhos, tomou a ereção na mão e a levantou. Quando se sentou, John sentiu uma deliciosa e tensa pressão ao longo do

pênis, a compressão eletrizante detonou um orgasmo, fazendo que seus quadris saltassem para cima. Sem pensar se era o correto, agarrou as coxas dela…

Congelou quando sentiu o metal, mas então já tinha ido longe demais. Tudo o que conseguia fazer era apertar as mãos enquanto estremecia várias vezes, perdendo a virgindade.

Era a coisa mais incrível que já tinha sentido. Sabia como era por suas masturbações. Tinha feito mil vezes desde a transição. Mas isso era muito superior a qualquer coisa que pudesse ter feito. Xhex era indescritível.

E isso foi antes de ela começar a se mover.

Quando terminou o primeiro momento de um orgasmo assombroso, ela permitiu um minuto para recuperar o fôlego e logo começou a movimentar os quadris para frente e para trás. Ele ofegou. Os músculos dentro dela apertavam e soltavam seu membro, a pressão intermitente fez seus testículos se esticarem e ficarem prontos mais uma vez.

Agora ele entendia muito bem a ânsia de Qhuinn para tirar a roupa. Aquilo era incrível, especialmente quando John deixou que seu corpo seguisse o ritmo dela e se movimentaram juntos. Inclusive quando o ritmo se tornou mais e mais rápido, tornando-se algo urgente, sabia exatamente o que estava acontecendo e onde estava cada parte do corpo dos dois. Desde as palmas das mãos em seu peito, passando pelo peso dela sobre ele, o atrito do sexo até a maneira como a respiração se enroscava na garganta.

Quando gozou outra vez, seu corpo ficou rígido da cabeça aos pés e os lábios articularam o nome dela como quando fantasiava com Xhex – só que com mais urgência.

E, então, acabou.

Xhex ergueu-se para se libertar, e seu pênis caiu sobre o ventre. Comparado com o quente casulo do corpo dela, o suave algodão da camiseta que usava era como lixa e a temperatura do ar estava congelando. A cama se moveu quando ela se deitou ao lado e ele virou para encará-la na escuridão. Sua respiração era difícil, mas desejava beijá-la naquele intervalo, antes que fizessem aquilo outra vez.

John estendeu a mão e sentiu Xhex se enrijecer quando tocou seu pescoço, mas ela não se afastou. Deus, sua pele era suave… oh, tão suave. Mesmo que os músculos de seus ombros fossem como aço, a pele que os cobria era macia como cetim.

John se moveu devagar ao levantar a parte superior do corpo e se inclinar sobre ela, erguendo a carícia até o rosto, acariciando suavemente, encontrando seus lábios com o polegar.

Não queria estragar tudo. Ela tinha feito a maior parte do trabalho e fez de uma maneira espetacular. Mais que isso, tinha lhe dado o dom do sexo e mostrou que, apesar do que ele tinha passado, ainda era um macho, ainda era capaz de desfrutar daquilo que seu corpo nasceu para fazer. Se era John quem faria o primeiro beijo entre eles acontecer, estava decidido a fazer isso direito.

Baixou a cabeça e…

– Não se trata disso – Xhex o empurrou, desceu da cama e entrou no banheiro.

A porta se fechou e o membro de John murchou sobre a camiseta quando ouviu a água cair: ela estava limpando-se dele, livrando-se do que seu corpo tinha feito. Com as mãos tremendo, vestiu de novo o *jeans*, tentando ignorar a umidade e o aroma erótico.

Quando Xhex saiu, recolheu a jaqueta e foi abrir a porta. Quando a luz do corredor entrou, ela era apenas uma sombra negra em pé, alta e forte.

– Já amanheceu, no caso de não ter checado seu relógio. – Fez uma pausa. – E agradeço que tenha sido discreto a respeito da minha… situação.

A porta se fechou atrás dela silenciosamente.

Então, esse era o *motivo* por trás daquela transa. Tinha dado sexo a ele para agradecê-lo por manter seu segredo.

Cristo, como ele pôde pensar que foi algo mais?

Completamente vestidos. Sem beijos. E ele tinha total certeza de que tinha sido o único que gozou: a respiração dela não se alterou, não tinha gemido, não esboçou a impressão de alívio depois que foi feito. Não que ele soubesse muito sobre fêmeas e orgasmos, mas foi o que aconteceu com ele quando chegou ao ápice.

Não foi uma transa por pena. Foi por gratidão.

John esfregou o rosto. Era tão estúpido. Por pensar que tinha significado alguma coisa.

Tão, mas tão estúpido.

Tohr acordou com o estômago como se tivesse sido pintado com as cores da dor. A agonia era tão intensa que em seu sono profundo, após a alimentação, envolveu o ventre com os braços e se encurvou sobre si mesmo.

Saindo de sua posição curvada e trêmula, perguntou-se se havia algo de errado com o sangue…

Os rugidos que emitia eram tão altos que podia disputar com um triturador de lixo.

A dor… era fome? Baixou os olhos para a fossa côncava que havia entre os quadris. Esfregou a superfície dura e plana. Ouviu outro rugido.

Seu corpo exigia comida, quantidades enormes de alimento.

Olhou o relógio. Dez da manhã. John não tinha passado por ali com a última refeição.

Tohr sentou-se sem utilizar os braços e foi ao banheiro sobre pernas que pareciam curiosamente firmes. Usou o vaso, mas não para vomitar, depois lavou o rosto e percebeu que não tinha roupa para vestir.

Deslizando um roupão felpudo, saiu do quarto pela primeira vez desde que tinha entrado nele.

As luzes do corredor das estátuas o fizeram piscar como se estivesse em um palco e precisou de um minuto para se adaptar a… tudo.

Andando pelo corredor, os machos de mármore em suas várias poses estavam exatamente como se lembrava: muito fortes, elegantes e estáticos e, sem uma boa razão para isso, lembrou-se de Darius comprando-os um a um, formando a coleção. Naquela época, quando D. começou a adquiri-la, enviou Fritz aos leilões da Sotheby's e Christie's em Londres e Nova York e, quando cada uma das obras-primas eram entregues em uma caixa, o irmão fazia uma festa de exibição.

D. amava a Arte.

Tohr franziu a testa. Wellsie e seu filho não nascido seriam sempre sua primeira e mais importante perda. Mas tinha mais mortos para vingar, não tinha? Os *redutores* levaram não só sua família, mas também seu melhor amigo.

A fúria se agitou em suas entranhas… acionando outro tipo de fome. A fome de guerra.

Com foco e determinação que eram estranhos e familiares ao mesmo tempo, Tohr se dirigiu à grande escadaria e se deteve quando chegou às portas quase fechadas do escritório. Sentiu Wrath atrás delas, mas, na realidade, não queria interagir com ninguém.

Pelo menos, achava que não.

Então, por que simplesmente não ligou para a cozinha e pediu comida?

Tohr espreitou através da fenda que havia entre as portas.

Wrath estava dormindo sobre a mesa, seu comprido e brilhante cabelo negro se abria em leque sobre a papelada e tinha um antebraço dobrado sob a cabeça como se fosse um travesseiro. Na mão livre, ainda sustentava a lupa que devia usar se quisesse tentar ler alguma coisa.

Tohr entrou na sala. Olhando ao redor, observou a lareira e pôde imaginar Zsadist inclinado contra ela, com uma expressão séria em seu rosto marcado e os olhos negros brilhantes. Phury sempre estava perto dele, geralmente sentado na cadeira azul-clara que havia ao lado da janela. V. e Butch tinham tendência de se apropriar daquele sofá frágil. Rhage escolhia diferentes lugares dependendo de seu humor…

Tohr franziu a testa quando notou o que estava próximo da escrivaninha de Wrath.

A horrível poltrona verde-abacate, com remendos gastos nas almofadas de couro… era a poltrona de Tohr. A que Wellsie insistiu em jogar fora porque era uma tragédia. A que ele tinha colocado no escritório do centro de treinamento.

– Trouxemos aqui para que John voltasse para a mansão.

Tohr girou bruscamente. Wrath estava levantando a cabeça do braço e sua voz estava tão atordoada quanto a aparência de seu rosto.

O rei falou devagar, como se não quisesse assustar seu visitante.

– Depois… do que aconteceu, John não queria sair do escritório. Recusava-se a dormir em outro lugar que não fosse nessa cadeira. Que confusão… ele estava faltando aos treinamentos. Envolvia-se em brigas. Finalmente, tomei uma posição, mudei esse traste inútil para cá e as coisas melhoraram. – Wrath girou para a poltrona. – Ele gostava de sentar ali e me observar trabalhando. Após sua transição e as invasões que aconteceram ao longo do verão, começou a sair para lutar de noite e dormir durante o dia, então já não ficava aqui tanto tempo. Eu meio que sinto falta dele.

Tohr estremeceu. Tinha feito um péssimo trabalho com aquele pobre menino. Claro, foi incapaz de agir diferente, mas John sofreu muito.

Ainda sofria.

Tohr se envergonhou de si mesmo ao pensar nele acordando naquela cama a cada manhã com John entrando com aquela bandeja e sentando com ele enquanto comia – e permanecia ali, como se o menino soubesse que ele vomitaria a maior parte assim que ficasse sozinho.

John teve de enfrentar a morte de Wellsie sozinho. Atravessar a transição sozinho. Atravessar muitas primeiras vezes sozinho.

Tohr se sentou no sofá de V. e Butch. Foi uma surpresa ver que a coisa parecia muito resistente, mais do que se lembrava. Colocou as mãos sobre as almofadas, empurrou.

– Foi reforçado enquanto esteve fora – disse Wrath com calma.

Houve um longo período de silêncio. A pergunta que Wrath queria fazer pairava no ar em um volume tão alto quanto o eco das badaladas dos sinos de uma pequena capela.

Tohr limpou a garganta. A única pessoa com a qual gostava de falar era Darius, mas o Irmão estava morto e enterrado. Contudo, Wrath era a segunda pessoa a quem considerava mais próxima…

– Deu tudo certo… – Tohr cruzou os braços sobre o peito. – Correu tudo bem. Ela ficou atrás de mim.

Wrath assentiu lentamente.

– Boa ideia.

– Foi ideia dela.

– Selena é correta. Gentil.

– Não tenho certeza quanto tempo vai levar – disse Tohr, sem querer tocar no assunto da fêmea. – Sabe? Estar preparado para lutar. Terei que treinar um pouco. Ir ao campo de tiro. Fisicamente? Não tenho ideia de como meu corpo vai se recuperar.

– Não se preocupe com o tempo. Apenas trate de se curar.

Tohr olhou para as mãos e as apertou fechando os punhos. Não tinha carne sobre os ossos, por isso os nódulos se sobressaíam na pele como se fossem um mapa em relevo do parque das Adirondacks, nada além de picos recortados e vales ocos.

Seria uma longa viagem de volta, pensou. E, mesmo quando estivesse fisicamente forte, ainda faltaria todos os ases em seu baralho de cartas mental. Não importaria o quanto pesasse nem quão bem lutasse, nada mudaria isso.

Houve uma batida seca na porta e fechou os olhos, rezando para que não fosse um de seus Irmãos. Não queria fazer um estardalhaço com sua volta à terra dos vivos.

– Como estão as coisas, Qhuinn? – perguntou o rei.

– Encontramos John. Mais ou menos.

As pálpebras de Tohr se arregalaram e virou-se, franzindo a testa ao menino que estava na porta. Antes que Wrath pudesse falar, Tohr exigiu:

– Estava desaparecido?

Qhuinn pareceu surpreso de vê-lo de novo em pé, mas o macho se recompôs rapidamente quando Wrath perguntou:

– Por que não fiquei sabendo que ele tinha saído?

– Eu não sabia que ele tinha saído – respondeu Qhuinn. O ruivo das aulas de treinamento, Blay, estava com ele. – Disse a nós dois que estava fora do turno de rotação e que iria dormir. Nós acreditamos na palavra dele e, antes que arranque minhas bolas, durante todo esse tempo fiquei em meu quarto porque pensei que ele estava no seu. Assim que me dei conta de que não estava lá, fomos procurar por ele.

Wrath amaldiçoou em voz baixa e depois interrompeu a desculpa de Qhuinn.

– Não, está bem, filho. Você não sabia. Não podia fazer nada. Mas onde diabos ele está?

Tohr não escutou a resposta por causa do rugido que havia na cabeça. John estava em Caldwell sozinho? Foi sem dizer a ninguém? E se alguma coisa tinha acontecido?

Interrompeu a conversa.

– Esperem, onde ele está?

Qhuinn ergueu o telefone.

– Não quis dizer. Sua mensagem só dizia que está em segurança e que vai se encontrar conosco amanhã à noite.

– Quando voltará para casa? – perguntou Tohr.

– Acho… – disse Qhuinn encolhendo os ombros – que ele não vai voltar.

# CAPÍTULO 36

**A mãe de Rehvenge** passou para o Fade às onze horas e onze minutos da manhã.

Estava cercada por seu filho, sua filha, sua neta adormecida, seu feroz genro e atendida por sua querida *doggen*.

Foi uma morte tranquila. Uma morte muito tranqula. Fechou os olhos, e uma hora depois engasgou duas vezes e deixou escapar uma longa exalação, como se o corpo suspirasse de alívio enquanto sua alma voava livre do aprisionamento corpóreo. E foi estranho… Nalla acordou nesse momento e a menina focou o olhar não em sua *granhmen*, mas acima da cama. As pequenas mãos gordinhas se estenderam para o alto, sorriu e se encolheu como se alguém acabasse de acariciar seu rosto.

Rehv olhou para o corpo. Sua mãe sempre acreditou que renasceria no Fade, as raízes de sua fé foram plantadas no fértil terreno de sua educação como Escolhida. Esperava que isso fosse verdade. Queria acreditar que ela ainda vivia em outro lugar.

Foi a única coisa que aliviou um pouco a dor que sentia no peito.

Quando a *doggen* começou a chorar baixinho, Bella abraçou a filha e Zsadist. Rehv permaneceu afastado deles, sentado sozinho aos pés da cama, observando como a cor começava a se esvair do rosto da mãe.

Quando um formigamento floresceu em suas mãos e pés, recordou que o legado de seu pai, assim como o de sua mãe, estaria sempre com ele.

Levantou-se, fez uma pequena reverência a todos e pediu licença. No banheiro do quarto onde se hospedava, olhou sob a pia e deu graças à Virgem Escriba por ter sido esperto e escondido duas ampolas de dopamina ali. Acendendo a luz do teto, tirou o casaco de pele e o paletó Gucci dos ombros. Quando o brilho vermelho o fez pensar que o estresse pela morte trouxe à tona seu lado perverso, apagou a luz, abriu a ducha, e antes de continuar, esperou que subisse o vapor.

Engoliu outras duas pílulas de penicilina enquanto tirava o mocassim.

Quando considerou ser capaz de suportar, enrolou a manga da camisa e teve o cuidado de ignorar seu reflexo no espelho. Depois de encher uma seringa, utilizou o cinto para formar um laço e colocou em torno do bíceps; em seguida, puxou o couro negro, dobrou-o e o segurou contra as costelas.

Introduziu a agulha dentro de uma das veias infectadas e apertou a seringa…

– O que está fazendo?

A voz de sua irmã o fez levantar a cabeça. Ela olhava pelo espelho fixamente a agulha que tinha no braço e as veias apodrecidas e avermelhadas.

Seu primeiro pensamento foi gritar para que saísse dali. Não queria que visse aquilo e não só porque significasse que teria de dizer mais mentiras. Era algo íntimo.

Em vez disso, tirou a seringa com calma, pôs a tampa e a jogou fora. Enquanto a ducha chiava, baixou a manga; em seguida, vestiu a jaqueta e o casaco de pele.

Desligou a água.

– Sou diabético – disse. Droga, disse a Ehlena que tinha Parkinson.

Bom, não era muito provável que elas fossem se encontrar algum dia.

Bella levou a mão à boca.

– Desde quando? Você está bem?

– Estou bem. – Forçou um sorriso. – Você está bem?

– Espere, desde quando isso está acontecendo?

– Venho injetando faz uns dois anos. – Ao menos isso não era mentira. – Vejo Havers com regularidade. – Outra verdade. – Estou controlando bem.

Bella olhou o braço dele.

– É por isso que sempre está com frio?

– Má-circulação. Por isso preciso da bengala. Péssimo equilíbrio.

– Pensei que havia dito que era por causa de uma lesão?

– A diabetes compromete meu processo de cura.

– Oh, certo – assentiu com tristeza. – Gostaria de ter sabido antes.

Quando ela o contemplou com os grandes olhos azuis, pensou que odiava ter de mentir, mas então lembrou da expressão pacífica de sua mãe.

Rehv envolveu a irmã com o braço e a conduziu para fora do banheiro.

– Não é grande coisa. Eu cuido disso.

O ar estava mais frio no quarto, mas soube disso apenas porque Bella se enfiou em seus braços e se aconchegou nele.

– Quando deveríamos fazer a cerimônia? – perguntou.

– Vou telefonar para a clínica e farei que Havers venha aqui ao cair da noite para envolvê-la. Então, temos de decidir onde sepultá-la.

– No complexo da Irmandade. É onde eu quero.

– Se Wrath permitir que a *doggen* e eu assistamos, está bem.

– É obvio. Z. está no telefone com o rei agora.

– Não acredito que tenham restado muitos integrantes da *glymera* na cidade que gostariam de se despedir.

– Pegarei a agenda dela no andar de baixo e farei um anúncio em conjunto.

Aquela conversa objetiva e prática demonstrava que a morte fazia, sem dúvida alguma, parte da vida.

Quando Bella soltou um soluço afogado, Rehv a puxou contra seu peito.

– Venha cá, minha irmã.

Enquanto permaneciam juntos com a cabeça dela apoiada em seu peito, pensou na quantidade de vezes que tinha tratado de salvá-la do mundo. A vida, porém, tinha seguido seu curso de qualquer maneira.

Deus, quando ela era pequena, antes de sua transição, tinha absoluta certeza de que poderia protegê-la e cuidar dela. Quando estava com fome se assegurava de que tivesse comida. Quando precisava de roupas, comprava para ela. Quando não podia dormir, ficava com ela até que fechasse os olhos. Contudo, agora que tinha crescido, sentia como se seu repertório estivesse limitado a nada além de conforto. Talvez, porém, fosse assim que as coisas funcionavam. Quando se é criança, uma boa canção de ninar é tudo que precisa para acalmar o estresse do dia e fazer que se sinta seguro.

Abraçando-a naquele momento, desejou que houvesse um jeito rápido de consertar as coisas também com adultos.

– Vou sentir falta dela – disse Bella. – Não éramos muito parecidas, mas sempre a amei.

– Você foi sua grande alegria. Sempre foi.

Bella se afastou.

– E você também.

Ele colocou uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha.

– Você e sua família gostariam de descansar aqui?

Bella assentiu.

– Onde ficaremos?

– Pergunte a *doggen*.

– Vou fazer isso. – Bella deu um apertão em sua mão, que ele não pôde sentir, e saiu do quarto.

Quando ficou sozinho, aproximou-se da cama e tirou o telefone celular. Ehlena não tinha enviado nenhuma mensagem na noite anterior, e enquanto procurava o número da clínica na agenda, tentou não se preocupar. Talvez tivesse ficado para o turno diurno. Deus! Esperava que sim.

Havia pouca chance de ter acontecido algo ruim. Pouca.

Mas ligaria para ela em seguida.

– *Alô, clínica hospitalar* – disse a voz no Antigo Idioma.

– Aqui é Rehvenge, filho de Rempoon. Minha mãe acaba de morrer e preciso tomar as providências para que seu corpo seja conservado.

A fêmea ofegou do outro lado. Nenhuma das enfermeiras gostava dele, mas todas elas adoravam sua mãe. Todo mundo a adora…

Todo mundo a adorava, melhor dizendo.

Passou a mão pelo cabelo moicano.

– Há alguma possibilidade de que Havers possa vir à casa ao anoitecer?

– Sim, claro que sim, e posso dizer em nome de todos que sentimos profundamente por sua morte e desejamos uma passagem segura ao Fade.

– Obrigado.

– Espere um momento. – Quando a fêmea retornou, disse: – O doutor chegará imediatamente após o pôr do sol. Com sua permissão, levará alguém para que o ajude…

– Quem? – Não tinha certeza sobre como se sentiria se fosse Ehlena. Não queria que ela tivesse de tratar de outro corpo tão cedo, e o fato de ser sua mãe poderia ser ainda mais duro. – Ehlena?

A enfermeira hesitou.

– Ah, não, Ehlena não.

Franziu a testa, seus instintos *sympatho* foram ativados pelo tom de voz da fêmea.

– Ehlena trabalhou ontem à noite? – Houve outra pausa. – Trabalhou?

– Sinto muito, não posso falar sobre…

Sua voz tornou-se um rosnado.

– Trabalhou ou não? É uma pergunta simples. Sim. Ou não.

A enfermeira ficou nervosa.

– Sim, sim, ela veio…

– E?

– Nada. Ela…

– Então, qual é o problema?

– Não há nenhum problema. – A exasperação naquela voz disse a ele que era por agir dessa maneira que as enfermeiras não gostavam dele.

Tratou de equilibrar mais a voz.

– É evidente que há um problema e vai me contar o que está acontecendo ou vou continuar telefonando até que alguém me diga. E, se ninguém o fizer, aparecerei frente ao balcão da recepção e vou enlouquecer até que um membro da equipe ceda e me conte o que aconteceu.

Houve uma pausa que soou com "você é tão imbecil".

– Tudo bem. Ela já não trabalha mais aqui.

Rehv respirou com dificuldade e atirou a mão para a sacola de plástico, cheia de penicilina, que estava guardando no bolso superior de seu terno.

– Por quê?

– Isso eu não vou revelar ao senhor, não importa o que faça.

Houve um clique quando desligou na cara dele.

Ehlena sentou-se no andar de cima, naquela porcaria de mesa da cozinha, com o manuscrito de seu pai diante dela. Tinha lido duas vezes no escritório dele, em seguida, o colocou para dormir e subiu até ali, onde o examinou mais uma vez.

O título era *Na floresta dos macacos da mente*.

Minha cara Virgem Escriba, se antes tinha acreditado que sentia compaixão pelo macho, agora se sentia identificada com ele. As trezentas páginas manuscritas eram uma excursão através de sua doença mental, um vívido estudo que convidava a colocar-se em seu lugar a respeito de quando tinha começado a doença e onde ela o tinha levado.

Lançou um olhar ao papel alumínio que cobria as janelas. As vozes que torturavam sua mente provinham de diversas fontes, e uma delas era das ondas de rádio que os satélites que orbitavam a Terra emitiam.

Ela já sabia de tudo isso.

Mas, no livro, seu pai descrevia o papel alumínio como uma interpretação tangível da psicose: o papel alumínio e a esquizofrenia mantinham afastado o mundo real, os dois o isolavam… e com os dois em seu devido lugar ele estava mais seguro do que se não estivessem ao seu redor. A verdade era que ele amava sua doença tanto quanto a temia.

Fazia muitos, muitos anos, depois que a família o traiu nos negócios e o

arruinou frente aos olhos da *glymera*, que havia deixado de confiar em sua habilidade de ler as intenções e motivações das outras pessoas. Tinha depositado sua confiança nas pessoas erradas e… isso havia lhe custado sua *shellan*.

A questão era: Ehlena tinha uma ideia equivocada a respeito da morte de sua mãe. Logo após a grande queda, sua mãe se entregou ao ópio para ajudá-la a suportar a situação, e o alívio transitório cresceu convertendo-se em uma muleta enquanto a vida como ela conhecia se desintegrava… o dinheiro, a posição, as casas, as posses, revoaram como pombas debandando sobre um campo, indo para um lugar mais seguro.

Depois veio o fracasso do noivado de Ehlena. O macho se distanciou antes de declarar publicamente que terminou o relacionamento – alegando que Ehlena o tinha seduzido levando-o para cama e tirando vantagem dele.

Isso para sua mãe foi a gota d'água.

O que tinha sido uma decisão conjunta entre Ehlena e o macho se voltou contra ela, transformando-a em uma fêmea sem valor, em uma meretriz que corrompeu um macho que tinha apenas as mais ilustres intenções. Com esse fato sendo conhecido da *glymera*, Ehlena nunca se casaria, mesmo se sua família mantivesse o *status* perdido.

Na noite do escândalo, a mãe de Ehlena foi para seu quarto e horas mais tarde foi encontrada morta. Ehlena sempre achou que foi por uma overdose de ópio, mas não. De acordo com o manuscrito, cortou os pulsos e sangrou sobre os lençóis.

Seu pai começou ouvir vozes no momento em que viu sua fêmea morta na cama matrimonial, com o pálido corpo emoldurado com o sangue vermelho-escuro derramado.

Conforme a doença mental progredia, ele se refugiava cada vez mais na paranoia, mas de uma maneira estranha se sentia mais seguro ali. Em sua mente, a vida real era uma constante preocupação sobre se as pessoas iriam traí-lo ou não. Contudo, as vozes em sua cabeça com certeza queriam pegá-lo. Com aqueles macacos loucos se lançando entre os galhos da floresta da doença, atirando pedras e caroços em forma de pensamentos, seu pai tinha certeza de quem eram os inimigos. Podia vê-los, senti-los e conhecê-los pelo que eram. E as armas que tinha para combatê-los era uma geladeira bem-organizada, alumínio nas janelas, rituais verbais e seus escritos.

Lá fora no mundo real? Estava desprotegido e perdido, a mercê dos outros,

sem defesa para julgar o que era perigoso e o que não era. Na doença, estava onde queria estar, porque, como dizia ele, conhecia os limites da floresta e as trilhas em volta dos troncos e as confusões dos macacos.

Ali, sua bússola indicava, de fato, o norte.

E Ehlena teve uma surpresa. Nem tudo era sofrimento para ele. Antes de ficar doente, foi um advogado em matérias da Antiga Lei, um macho reconhecido por sua afeição ao debate e sua paixão por encontrar fortes adversários. Na doença, tinha encontrado exatamente os mesmos tipos de conflitos pelos quais passava quando estava sadio. As vozes em sua mente, assim como descreveu ele com ironia, eram tão inteligentes quanto ele para debater. Para ele, suas violentas crises não eram nada mais que o equivalente mental de uma boa luta de boxe, e como sempre voltava ao normal, sentia-se vitorioso.

Ele também tinha consciência de que nunca deixaria a selva. Aquele era, como disse na última linha do livro, seu último discurso antes de ir para o Fade. E seu único pesar era que ali só havia espaço para um único habitante, que sua estada entre os macacos significava que não podia estar com ela, sua filha.

Entristecia-se pela separação e por representar uma carga para ela.

Sabia que era muito difícil lidar com ele. Tinha consciência dos sacrifícios que fazia. Afligia-se pela solidão em que ela se encontrava.

Era tudo o que ela queria ouvi-lo dizer, e enquanto segurava as páginas, não se importava que fosse expresso por escrito e não dito em voz alta. Em todo caso, era melhor dessa maneira porque podia ler várias vezes.

Seu pai sabia muito mais que ela imaginava.

E estava muito mais contente que jamais poderia imaginar.

Passou a palma da mão sobre a primeira página. Sua letra, que estava em azul, porque um advogado bem-treinado nunca escrevia em preto, era tão limpa e nítida quanto a narração do passado e tão elegante e de bom gosto quanto as consideráveis conclusões a que tinha chegado e as ideias que havia oferecido.

Deus… conviveu com ele durante tanto tempo e apenas agora sabia o que seu pai vivia.

Mas todas as pessoas são como ele, não é? Cada um em sua floresta particular, sozinho, sem importar com quantas pessoas andam ao seu lado.

Seria a saúde mental simplesmente uma questão de ter menos macacos?

Ou será que todos possuem a mesma quantidade, porém são comportados?

O som abafado de um telefone celular a fez erguer a cabeça. Esticando a mão ao longo da mesa, tirou-o do bolso do casaco e atendeu.

– Alô? – No silêncio que seguiu soube quem era. – Rehvenge?

– Você foi despedida.

Ehlena apoiou o cotovelo sobre a mesa e cobriu a testa com a mão.

– Estou bem. Estava quase indo dormir. E você?

– Foi por causa dos comprimidos que me trouxe, não foi?

– O jantar foi mesmo bom. Queijo cottage e palitos de cenoura…

– Pare com isso – ele exigiu.

Deixou cair o braço e franziu a testa.

– Como é?

– Por que fez isso, Ehlena? Por que diabos…

– Certo, vai repensar seu tom de voz ou vou pressionar *end* e dar um fim a essa conversa.

– Ehlena, você precisa desse trabalho.

– Não me diga o que preciso.

Ele soltou uma maldição. Soltou mais algumas.

– Sabe – murmurou ela –, se acrescentar uma trilha sonora e algumas metralhadoras, teremos um filme *Duro de Matar*. De qualquer forma, como ficou sabendo?

– Minha mãe faleceu.

Ehlena engasgou.

– O que…? Oh, meu Deus, quando? Quero dizer, sinto muito…

– Há quase meia hora.

Ela negou com a cabeça devagar.

– Rehvenge, sinto muito.

– Telefonei para a clínica… para tomar as providências. – Exalou com o mesmo tipo de esgotamento que ela sentia. – Enfim… sim. Não me enviou a mensagem dizendo que tinha chegado bem à clínica. Então perguntei sobre você e foi assim que soube.

– Caramba, eu tinha a intenção de enviar, mas… – Bem, estava ocupada sendo despedida.

– Mas essa não foi a única razão pela qual quis ligar para você agora.

– Não?

– Eu só… precisava ouvir sua voz.

Ehlena respirou fundo e fixou os olhos nas linhas do manuscrito de seu pai. Pensou em tudo, tanto nas coisas boas quanto nas ruins que tinha descoberto naquelas páginas.

– Engraçado – respondeu –, sinto a mesma coisa esta noite.

– Sério? Como?… De verdade?

– Com certeza absoluta… sim.

# CAPÍTULO 37

**Wrath estava de mau** humor, e sabia disso por que o ruído que o *doggen* fazia ao encerar o corrimão da escada principal lhe dava vontade de atear fogo em toda a maldita mansão.

Beth estava em seus pensamentos. O que explicava a dor no peito que sentia.

Ele compreendia porque ela estava magoada. E entendia que merecia algum tipo de castigo. Mas simplesmente odiava o fato de Beth não estar dormindo na casa e ter de mandar uma mensagem à sua *shellan* para pedir permissão para ligar para ela.

O fato de não ter dormido durante dias também contribuía para sua irritação e era provável que precisasse se alimentar. Mas, assim como com o sexo, passou tanto tempo da última vez que o fez que mal podia lembrar como era.

Passeou o olhar pelo escritório e desejou poder curar o impulso de sair lutando contra alguma coisa: suas opções eram ir ao ginásio ou embebedar-se. Mas acabou de voltar da primeira e não estava nem um pouco interessado na última.

Verificou o telefone outra vez. Beth não respondeu a mensagem e fazia três horas que tinha mandado. Mas tudo bem. Provavelmente estava ocupada ou dormindo.

Pro inferno que estava tudo bem.

Ficou em pé, deslizou o celular no bolso de trás da calça e se dirigiu para as portas duplas. O *doggen* no corredor estava colocando uma tonelada de cera na escada e um denso e fresco aroma de limão se erguia no ar graças ao seus esforços.

– Meu senhor – disse o *doggen*, fazendo uma grande reverência.

– Está fazendo um grande trabalho.

– É um prazer – sorriu o macho. – É minha alegria servir ao senhor e a sua família.

Wrath bateu a palma da mão no ombro do criado e saiu correndo escada abaixo. Quando chegou ao chão de mosaicos do corredor, virou à esquerda, em direção à cozinha, e ficou feliz por não haver ninguém dentro. Abrindo a geladeira, confrontou todo tipo de sobras e tirou um peru comido pela metade sem nenhum entusiasmo.

Voltando-se para os armários…

– Olá.

Voltou a cabeça bruscamente sobre o ombro.

– Beth? O que está… pensei que estava no Abrigo.

– Estava. Mas acabo de voltar.

Franziu a testa. Por ser mestiça, Beth podia tolerar a luz do sol, mas o deixava extremamente tenso cada vez que se aventurava durante o dia. Não entraria nesse assunto agora. Ela sabia o que ele sentia, e além disso, estava em casa e isso era tudo que importava.

– Estava fazendo algo para comer – ele disse, mesmo o peru sobre a tábua de açougueiro evidenciando isso. – Quer se juntar a mim?

Deus! Adorava o perfume dela. Rosas florescendo ao anoitecer. Mais acolhedor que qualquer cera com aroma de limão, mais magnífico que qualquer perfume.

– Que tal se eu fizer algo para nós dois? – disse ela. – Você parece que está a ponto de cair.

Ficou na ponta da língua dizer "não, estou bem" quando se deteve. Mesmo a menor das meias-verdades acentuaria os problemas entre eles – e o fato de ele estar absolutamente esgotado não era sequer uma pequena mentira.

– Isso seria genial. Obrigado.

– Sente-se – ela disse, aproximando-se.

Ele queria abraçá-la.

E então abraçou.

Os braços de Wrath se abriram de repente, fechando-se sobre ela e a atraíram contra o seu peito. Percebendo o que tinha feito, ia soltá-la, mas ela permaneceu com ele, mantendo o corpo deles juntos. Com um arrepio, ele deixou cair a cabeça sobre o perfumado e sedoso cabelo e a apertou, moldando sua suavidade contra os contornos de seus músculos rígidos.

– Senti tanto sua falta – disse ele.

– Também senti sua falta.

Quando ela relaxou contra ele, Wrath não foi tolo o suficiente para pensar

que aquilo seria uma cura instantânea para seus problemas. Mas ele aproveitou cada segundo daquela pequena trégua.

Afastando-se, subiu os óculos escuros acima da cabeça para que ela pudesse ver seus olhos inúteis. Para ele, o rosto de Beth estava impreciso e formoso, mas o aroma de chuva fresca que era a essência das lágrimas não o agradou.

Acariciou o rosto dela com os polegares.

– Posso beijá-la? – perguntou.

Quando ela concordou, Wrath envolveu o rosto entre as palmas das mãos e trouxe a boca até a dela. O agradável contato foi absoluta e esmagadoramente familiar e, ainda assim, parecia algo do passado. Parecia ter se passado uma eternidade desde que fizeram algo mais que trocarem beijos leves – e que a separação não tinha acontecido apenas pelo que ele tinha feito. Era por tudo. A guerra. Os Irmãos. A *glymera*. John e Tohr. A mansão.

Balançando a cabeça, disse:

– A vida se fez um obstáculo para a nossa vida.

–Tem toda razão. – Acariciou seu rosto com a palma da mão. – Também afetou sua saúde. Assim, quero que sente e me deixe te alimentar.

– Deveria ser o contrário. O macho alimenta sua fêmea.

– Você é o rei – sorriu. – Você faz as regras. E sua *shellan* gostaria de servi-lo.

– Amo você. – Ele a puxou novamente, a apertou e apenas ficou abraçado com sua companheira. – Não tem de dizer isso em troca…

– Também te amo.

Agora foi ele quem se aconchegou nela.

– Hora de comer – disse Beth, empurrando-o para a mesa de carvalho de estilo rústico e afastando uma cadeira para que se sentasse.

Quando se acomodou, fez uma careta, elevou os quadris e tirou o celular do bolso. A coisa deslizou sobre a mesa, batendo no saleiro e no pimenteiro.

– Sanduíche? – perguntou Beth.

– Seria ótimo.

– Vamos fazer dois para você.

Wrath colocou os óculos de volta no lugar, porque a luz do teto fazia sua cabeça pulsar. Quando isso não foi suficiente, fechou os olhos, e embora não pudesse ver Beth movimentando-se, os sons que fazia na cozinha o acalmaram como uma canção de ninar. Ele a ouviu abrindo as gavetas e os

utensílios dentro delas se chocarem. Em seguida, ouviu a geladeira abrir com um suspiro e houve um ruído de fricção, seguido de vidro batendo contra vidro. A gaveta do pão foi deslizada para fora, e o pacote de plástico rangeu. Houve o som de uma faca ao atravessar uma alface…

– Wrath?

O suave som de seu nome o fez abrir as pálpebras e levantar a cabeça.

– O que…?

– Você dormiu – A mão de sua *shellan* acariciou seu cabelo. – Coma. Depois, vou levá-lo para a cama.

Os sanduíches estavam exatamente como gostava: estufados de carne, pouca alface e tomates e com muita maionese. Comeu os dois, e embora aquilo devesse ter-lhe animado, a exaustão que o envolvia com seu punho mortal apenas o apertou com mais força.

– Anda, vamos. – Beth pegou sua mão.

– Não, espere – ele disse, espreguiçando. – Preciso dizer o que vai acontecer ao anoitecer.

– Certo. – Em seu tom de voz havia certa insinuação de tensão, como se estivesse se preparando.

– Sente-se. Por favor.

A cadeira foi puxada da mesa com um ranger e Beth acomodou lentamente seu peso.

– Fico feliz que esteja sendo sincero comigo – ela murmurou. – Seja o que for.

Wrath acariciou os dedos dela com os seus, tentando acalmá-la, pois sabia que o que tinha para dizer somente a preocuparia mais.

– Alguém… bem, provavelmente mais de uma pessoa, quer me matar. – A mão de Beth apertou a dele e Wrath continuou a acariciá-la. – Vou me reunir com o Conselho da *glymera* esta noite e já espero… problemas. Todos os Irmãos vêm comigo e não vamos agir como estúpidos, mas não vou mentir dizendo que é uma situação comum.

– Este… alguém… é obviamente parte do Conselho, certo? Então, vale a pena ir pessoalmente?

– A pessoa que começou tudo não é mais um problema.

– Como?

– Rehvenge cuidou para que ele fosse assassinado.

Voltou a apertar suas mãos.

– Jesus… – Respirou muito fundo. E mais uma vez. – Oh… meu Deus.

– A pergunta que todos nos fazemos agora é, quem mais está nisso? Isso é parte do motivo pelo qual minha presença nessa reunião é tão importante. É também uma demonstração de força e isso é importante. Eu não fujo. Nem os Irmãos.

Wrath se preparou para ouvir "não, não vá" e se perguntou o que faria então.

A voz de Beth, porém, estava calma.

– Entendo. Mas tenho um pedido.

As sobrancelhas se arquearam, aparecendo por cima da armação dos óculos.

– Qual é?

– Quero que use um colete à prova de balas. Não é que duvide dos Irmãos… é só que me daria um pouco mais de segurança.

Wrath piscou. Em seguida, levou as mãos dela aos lábios e as beijou.

– Posso fazer isso. Por você, com certeza posso fazer isso.

Ela assentiu uma vez e se levantou da cadeira.

– Certo. Ótimo… agora, anda, vamos nos deitar. Estou tão esgotada quanto você.

Wrath ficou em pé, atraiu-a para ficar ao seu lado e juntos saíram ao corredor, e seus pés cruzaram o mosaico de uma macieira em flor.

– Amo você – disse ele. – Sou tão apaixonado por você.

Beth apertou o braço que tinha ao redor de sua cintura e colocou o rosto no peito dele. O aroma acre e defumado do medo emanava dela, nublando sua fragrância natural de rosas. E, mesmo assim, concordou com a cabeça e disse:

– Sua rainha também não é de fugir, sabe?

– Sei. Eu… sei muito bem.

No quarto, no refúgio de sua mãe, Rehv empurrou o corpo para trás até que ficou todo apoiado contra os travesseiros. Enquanto acomodava o casaco de pele sobre os joelhos, disse ao celular:

– Tenho uma ideia. Que tal se começarmos essa ligação de novo?

A suave risada de Ehlena o fez se sentir flutuando.

– Certo. Vai me ligar outra vez ou…

– Diga uma coisa, onde você está?

– No andar de cima, na cozinha.

O que explicava o ligeiro eco.

– Pode ir até seu quarto? Relaxar?

– Vai ser uma conversa longa?

– Bem, repensei meu tom e vai notar isso. – Baixou a voz, transformando-se em um completo sedutor. – Por favor, Ehlena. Vá para cama e me leve com você.

Ela ficou sem fôlego e riu outra vez.

– Que melhora.

– Eu sei, certo… não pense que não cumpro bem ordens. Agora, que tal se me retribuir o favor? Vá para seu quarto e acomode-se. Não quero ficar sozinho e tenho a sensação de que você também não quer.

Em vez de um "é verdade", ouviu o gratificante som de uma cadeira sendo empurrada para trás. Quando começou a andar, o som amortecido dos passos dela pareceu encantador, mas o rangido da escada não… pois o som o fazia perguntar-se onde exatamente ela morava com seu pai. Esperava que fosse uma casa antiga com placas de madeira pitorescas e não uma que estivesse deteriorada.

Houve um chiado de uma porta se abrindo e uma pausa, e poderia apostar que estava verificando seu pai.

– Está dormindo? – perguntou Rehv.

As dobradiças chiaram outra vez.

– Como soube?

– Porque você é uma boa filha.

Houve outro ruído de porta e logo o clique de uma fechadura encaixando-se.

– Pode me dar um minuto?

Um minuto? Droga, daria o mundo se pudesse.

– Use o tempo que precisar.

Houve um som abafado, como se tivesse deixado o telefone sobre um edredom ou uma colcha. Mais protestos de porta. Silêncio. Outro chiado e o débil murmúrio da descarga de um vaso sanitário. Passos. Molas de colchão. Um sussurro próximo, e em seguida…

– Alô?

– Confortável? – disse ele, consciente de que estava sorrindo como um idiota… isso porque, Deus, a ideia de tê-la onde ele desejava que estivesse era fantástica.

– Sim, estou. E você?

– Pode acreditar. – Afinal, com a voz dela no ouvido, poderia estar sendo torturado que mesmo assim estaria todo alegre.

O silêncio que seguiu foi tão suave e quente quanto a pele de seu casaco.

– Quer falar sobre sua mãe? – disse ela gentilmente.

– Sim. Embora eu não saiba o que dizer, além de que se foi em paz e estava cercada por sua família e isso é tudo que qualquer um poderia pedir. Sua hora tinha chegado.

– Porém, vai sentir falta dela.

– Sim. Vou.

– Há algo que eu possa fazer?

– Sim.

– Diga.

– Deixe-me cuidar de você.

Ela riu baixinho.

– Certo. Que tal se eu der uma dica sobre uma coisa. Nesse tipo de situação, você é o único que deve ser cuidado.

– Mas nós dois sabemos que eu a privei de seu trabalho…

– Espere. – Houve um farfalhar, como se estivesse se acomodando sobre os travesseiros. – Eu escolhi levar os comprimidos, sou uma adulta suscetível a cometer erros. Não está em dívida comigo, porque fui eu quem provocou toda a confusão.

– Discordo completamente. Mas, deixando isso de lado, vou conversar com Havers quando vier aqui para…

– Não, não faça isso. Bom Deus, Rehvenge, sua mãe acaba de morrer. Não deve se preocupar com…

– O que eu podia fazer por ela, está feito. Deixe-me ajudá-la. Posso conversar com Havers…

– Não vai fazer diferença. Ele não vai mais confiar em mim e não posso culpá-lo.

– Mas as pessoas cometem erros.

– E alguns não podem ser remediados.

– Não acredito nisso. – Embora como *sympatho*, não era exatamente um especialista em moral. Nem um pouco. – Especialmente quando se trata de você.

– Não sou diferente de ninguém.

– Olhe. Não me faça fracassar com meu tom de voz outra vez – alertou. – Fez algo por mim. Quero fazer algo por você. É uma simples troca de favores.

– Mas vou conseguir outro trabalho e já venho cuidando sozinha das minhas coisas há muito tempo. Acontece que é uma das minhas especialidades.

– Não duvido. – Fez uma pausa para causar efeito e jogou a melhor carta que tinha. – Contudo, a questão é a seguinte: não pode me deixar com esta carga sobre minha consciência. Vai me comer por dentro. Sua má-escolha foi resultado da minha.

Ela riu baixinho.

– Por que não me surpreende que conheça minhas fraquezas? E realmente agradeço isso, mas se Havers adaptar as regras por mim, que tipo de mensagem transmitiria? Ele e Catya, minha supervisora, já anunciaram ao resto do pessoal. Ele não pode voltar atrás agora, nem eu quero que ele faça isso somente porque você o coagiu.

Droga, pensou Rehv. Tinha planejado manipular a mente de Havers, mas isso não incluía todas as demais pessoas que trabalhavam na clínica.

– Bom, então, deixe-me ajudá-la até que possa se recuperar.

– Obrigada, mas…

Ele quis amaldiçoar.

– Tenho uma ideia. Encontre-me em minha casa hoje à noite para conversarmos sobre isso.

– Rehv…

– Excelente. Tenho de cuidar da minha mãe no início da noite e tenho uma reunião mais tarde. Que tal às três da manhã? Maravilha… vejo você lá, então.

Houve um rápido instante de silêncio e, então, ela riu.

– Sempre consegue o que quer, não é?

– Quase sempre.

– Certo. Três em ponto.

– Estou *tão* feliz de ter trocado de tom, você não?

Os dois riram e a tensão sumiu como se fosse drenada.

Quando houve outro rangido, Rehv achou que ela estava voltando a se deitar e se acomodar outra vez.

– Então, posso contar uma coisa que meu pai fez? – disse ela de repente.

– Pode me contar isso e em seguida me explicar porque não comeu mais no jantar. E, depois, vamos falar sobre o último filme que assistiu, os livros que leu e a respeito do que pensa sobre o aquecimento global.

– Sério, tudo isso?

Deus! Amava sua risada.

– Sim. Estamos em rede, então, é grátis. Ah, e quero saber qual é sua cor favorita.

– Rehvenge… você realmente não quer ficar sozinho, não é mesmo? – As palavras foram ditas suavemente e de maneira quase distraída, como se o pensamento tivesse fugido de sua boca.

– Neste momento… só quero ficar com você. É tudo que sei.

– Também não estaria preparada. Se meu pai morresse esta noite, não estaria pronta para deixá-lo ir.

Ele fechou os olhos.

– Isso é… – teve que limpar a garganta – exatamente como me sinto. Não estou preparado.

– Seu pai também… faleceu. Assim sei que é muito mais difícil.

– Bem, sim, ele está morto, embora não sinta nem um pouco sua falta. Ela sempre foi a única para mim. E tendo partido… sinto como se tivesse acabado de chegar em meu lar para descobrir que alguém o queimou. Quero dizer, não a via todas as noites nem mesmo todas as semanas, mas sempre tinha a possibilidade de ir vê-la, me sentar e sentir seu perfume Chanel Número 5. De ouvir sua voz e vê-la do outro lado de uma mesa. Essa possibilidade… me sustentava e não sabia disso até que a perdi. Droga… não estou fazendo sentido.

– Não, faz muito sentido. Acontece o mesmo comigo. Minha mãe se foi e meu pai… está aqui, mas não está. Então, também sinto que não tenho um lar. Sinto que estou à deriva.

É para isso que as pessoas se casam, pensou Rehv de repente. Dane-se o sexo e a posição social. Se fossem espertos, fariam isso para construir uma casa sem paredes, um teto invisível e um chão que ninguém poderia pisar e, mesmo assim, a estrutura seria um abrigo que nenhuma tempestade poderia derrubar, nenhum fósforo incendiar, nem o passar dos anos poderia degradar.

Nesse momento se deu conta. Um vínculo matrimonial como esse ajudava a superar noites horríveis como aquela.

Bella tinha encontrado esse refúgio com seu Zsadist. E talvez seu irmão

mais velho precisasse seguir o exemplo.

– Bem – disse Ehlena um tanto desajeitada –, posso responder sobre minha cor favorita, se quiser. Talvez evite que as coisas fiquem muito pesadas.

Rehv voltou a mente ao assunto.

– E qual seria?

Ehlena pigarreou um pouco.

– Minha cor favorita é… ametista.

Rehv sorriu até as bochechas doerem.

– Acho que é uma cor excelente para se gostar. A cor perfeita.

# CAPÍTULO 38

**No funeral de Chrissy** havia quinze pessoas que a conheciam e uma que não – e enquanto Xhex percorria o olhar por todo o cemitério açoitado pelo vento, procurava uma décima sétima pessoa se escondendo entre as árvores, as tumbas ou as lápides maiores.

Não admirava que o maldito cemitério se chamasse Bosque dos Pinheiros. Havia ramos espalhados por todo o lugar, oferecendo ampla cobertura para alguém que não quisesse ser visto. Que droga.

Encontrou o cemitério nas Páginas Amarelas. Os dois primeiros para os quais telefonou não tinham espaço disponível. O terceiro só tinha espaço no Muro da Eternidade, como o cara o chamava, para corpos cremados. Finalmente, encontrou este Bosque dos Pinheiros e comprou o retângulo de terra onde estavam todos ao redor agora.

O caixão rosa custou quase cinco mil. O lote, outros três. O sacerdote, padre, seja lá qual era o nome que os humanos davam a ele, disse que uma doação de cem dólares seria apropriada.

Sem problemas. Chrissy merecia.

Xhex examinou os malditos pinheiros mais uma vez, na esperança de encontrar o filho da mãe que a assassinou. Bobby Grady tinha de vir. A maioria dos agressores que mata o objeto de sua obsessão continua conectada emocionalmente. E mesmo que a polícia o estivesse procurando, e ele devia saber disso, o impulso de ver como a colocariam para descansar superaria a lógica.

Xhex se concentrou no oficial da cerimônia. O macho humano vestia um casaco negro, expondo um colarinho branco sobre a garganta. Em suas mãos, sobre o bonito caixão de Chrissy, segurava uma Bíblia que lia em voz baixa e reverente. Pontas de cetim que estavam entre as páginas douradas para marcar as seções mais utilizadas se sobressaíam na parte inferior do livro, ondulando as cores vermelho, amarelo e branco no ar frio. Xhex se perguntou como seria sua lista de "favoritos". Casamentos. Batismos – se ela entendeu a

palavra direito. Funerais.

Será que ele rezava pelos pecadores? Se por acaso estivesse se lembrando direito daquela coisa de cristianismo, acreditava que era seu dever fazê-lo… assim, mesmo não sabendo que Chrissy era uma prostituta, e mesmo que soubesse, teria de adotar aquele tom e expressão de respeito de qualquer maneira.

Aquilo consolou Xhex, embora não pudesse dizer a razão.

Do norte, soprou uma brisa gélida e ela retomou o exame da paisagem. Chrissy não ia permanecer ali quando terminassem. Como tantos rituais, aquilo era somente uma exibição. Como a terra estava congelada, ia ter de esperar até a primavera em um depósito de carne do necrotério. Mas ao menos tinha a lápide de granito rosado, claro, colocada onde seria enterrada. Xhex manteve uma inscrição simples, só o nome de Chrissy e suas datas, mas havia lindos arabescos em torno das bordas.

Esta era a primeira cerimônia mortuária humana que Xhex comparecia, e pareceu muito estranho todo aquele sepultamento, primeiro na caixa, depois sob a terra. A noção de ficar presa sob a terra era suficiente para fazê-la puxar a gola da jaqueta de couro. Não. Isso não era para ela. Nesse aspecto, era inteiramente *sympatho*.

As piras funerárias eram a única forma de partir.

No túmulo, o oficial se inclinou com uma pá prateada e escavou o chão, em seguida, tomou um punhado de terra solta e pronunciou sobre o caixão:

– Do pó viestes, ao pó retornarás.

O homem deixou voar os grãos de terra, e quando o forte vento os levou, Xhex suspirou. Essa parte fazia sentido para ela. Na tradição *sympatho*, o morto era levantado sobre plataformas de madeira e ateavam fogo por baixo, a fumaça flutuava para cima e se espalhava da mesma forma como tinha acontecido com aquele pó, à mercê dos elementos. E o que restava? A cinza que era deixada onde repousava.

Claro que os *sympathos* eram queimados porque ninguém confiava que realmente estivessem mortos quando "morriam". Algumas vezes, estavam mesmo. Outras vezes só fingiam. E era melhor ter certeza.

Mas a elegante mentira era a mesma nas duas tradições, não é? Sendo reduzido a cinzas, o corpo se libertava de tudo e, ainda assim, continuava a fazer parte de tudo.

O sacerdote fechou a Bíblia e inclinou a cabeça, e enquanto todos seguiam

seu exemplo, Xhex voltou a olhar ao redor, rezando para que aquele maldito Grady estivesse em algum lugar.

Mas pelo que podia ver e sentir, ainda não tinha aparecido.

Droga, dê uma olhada em todas essas lápides… plantadas em colinas sinuosas que eram de um marrom invernal. Embora as lápides fossem todas diferentes – altas e finas, ou baixas e rentes ao chão, brancas, cinzas, negras, rosadas, douradas – havia um planejamento comum a todas elas, as fileiras de mortos estavam dispostas como casas em uma cidade, com pistas asfaltadas e trechos de árvores serpenteando entre elas.

Uma lápide chamou sua atenção. Era uma estátua de uma mulher vestida com uma túnica que olhava fixamente aos céus, seu rosto e sua postura era tão plácidos e serenos como o céu nublado que ela focava.

O granito em que foi esculpida era de um cinza pálido, a mesma cor que pairava sobre ela e, por um momento, era difícil dizer onde terminava a escultura e onde começava o horizonte.

Movimentando-se, Xhex olhou para Trez, e quando seus olhos se encontraram, ele fez um gesto negativo quase imperceptível com a cabeça. O mesmo ocorreu com iAm. Nenhum deles tinha captado a presença de Bobby também.

Enquanto isso, o detetive De la Cruz observava Xhex, e ela sabia, não porque lhe devolvesse o favor, mas sim porque cada vez que seus olhos pousavam sobre ela podia sentir suas emoções mudarem. Ele compreendia o que ela sentia. Mesmo. E havia uma parte dele que a respeitava por sua ânsia de vingança. Mas estava decidido.

Quando o sacerdote recuou e as pessoas começaram a conversar, Xhex percebeu que o serviço tinha terminado e observou como Marie-Terese foi a primeira a passar pelas pessoas, dirigindo-se ao sacerdote para apertar sua mão. Estava espetacular com o traje do funeral, a renda negra que cobria sua cabeça realmente parecia a de uma noiva, as contas e a cruz que tinha nas mãos a faziam parecer piedosa quase como uma freira.

Ficou claro que o sacerdote aprovava seu traje, com seu rosto sério e bonito, pois se inclinou e segurou sua mão. Quando entraram em contato, a grade emocional dele foi deslocada para o amor, um puro, indissolúvel e casto amor.

Xhex percebeu o motivo da estátua ter chamado sua atenção. Marie-Terese era exatamente igual à mulher da túnica. Que estranho.

– Foi um ritual bonito.

Deu a volta e olhou o detetive De la Cruz.

– Pareceu bom. Na verdade, não saberia dizer.

– Não é católica, então.

– Não. – Xhex saudou Trez e iAm enquanto a multidão se dispersava. Os meninos levariam todo mundo para almoçar antes de voltar ao trabalho, mais uma maneira de honrar Chrissy.

– Grady não veio – disse o detetive.

– Não.

De la Cruz sorriu.

– Sabe, você conversa da mesma maneira que decora seu escritório.

– Gosto de manter as coisas simples.

– Apenas os fatos? Pensei que essa frase era minha. – Jogou uma olhada para as pessoas que se afastavam em direção aos três carros estacionados. Um por um, o Bentley de Rehv, um esportivo Honda e o Camry de cinco anos de Marie-Terese arrancaram.

– Então, onde está seu chefe?–murmurou De la Cruz. – Esperava vê-lo aqui.

– Ele é uma coruja noturna.

– Ah.

– Olhe detetive, vou dar o fora.

– Sério? – Fez um amplo gesto abrangendo os arredores com o braço. – Como? Ou é das que gostam de caminhar com este tempo?

– Estacionei em outro lugar.

– É mesmo? Não pensou em ficar por aqui mais um pouco? Sabe, para ver se mais alguém aparece?

– Por que eu faria isso?

– Claro, por quê?

Houve uma longa, longa, longa pausa, durante a qual Xhex permaneceu olhando fixamente a estátua que lhe recordava Marie-Terese.

– Quer me dar uma carona até meu carro, detetive?

– Sim, claro.

O sedã sem marcas oficiais era tão utilitário quanto o figurino do detetive, mas como o grosso casaco do homem, era quente, e assim como o que havia dentro das roupas dele, era poderoso. O motor roncou como algo que se pudesse encontrar sob a capota de um Corvette.

De la Cruz olhou para trás e acelerou.

– Aonde vou?

– Ao clube, se não se importa.

– Foi onde deixou o carro?

– Peguei uma carona até aqui.

– Ah.

Enquanto De la Cruz dirigia ao longo do sinuoso caminho, ela olhou fixamente para as lápides, e por um breve momento pensou na quantidade de corpos dos quais tinha se afastado.

Incluindo o de John Matthew.

Estava fazendo o melhor que podia para não pensar no que tinham feito e na forma em que tinha deixado aquele corpo grande e duro totalmente esparramado sobre sua cama. A expressão de seus olhos ao vê-la atravessar a porta estava repleta de uma angústia que não podia permitir-se interiorizar. Não é que não se importava, o problema era que se importava demais.

Foi por isso que teve de sair e o motivo pelo qual não podia correr o risco de voltar a ficar a sós com ele outra vez. Já tinha passado por isso antes e os resultados foram além do trágico.

– Você está bem? – perguntou De la Cruz.

– Sim, estou bem, detetive. E você?

– Bem. Muito bem. Obrigado por perguntar.

Os portões do cemitério surgiram diante deles, as treliças de ferro estavam totalmente abertas, uma de cada lado do caminho.

– Vou voltar aqui – disse De la Cruz enquanto freava e em seguida avançava pela rua além das portas. – Porque penso que Grady aparecerá em algum momento. Tem de aparecer.

– Bem, não irá me encontrar.

– Não?

– Não. Pode contar com isso.

Afinal, sua especialidade era se esconder.

Quando o telefone de Ehlena fez um bipe em seu ouvido, teve de afastá-lo da cabeça.

– O quê?… Oh. A bateria está acabando. Espera.

A profunda risada de Rehvenge provocou uma pausa em sua busca pelo cabo, só para poder ouvir até o último rumor daquele som.

– Certo! Já estou conectada. – Voltou a se acomodar contra os travesseiros. – Bom, onde estávamos… oh, sim. Agora, eu sou a curiosa, que tipo de homem de negócios você é exatamente?

– Um bem-sucedido.

– O que explica o guarda-roupa.

Ele riu de novo.

– Não, meu bom gosto explica o guarda-roupa.

– Bom, então ser bem-sucedido é como paga por ele.

– Bem, minha família é rica. Vamos deixar assim por enquanto.

Ela se concentrou em seu edredom para não pensar na casa pobre de teto baixo em que estava. Melhor ainda… Ehlena estendeu a mão e apagou o abajur que ficava em cima de caixas que ela usava como mesa.

– O que foi isso? – perguntou ele.

– A luz. Acabei de apagar.

– Oh, cara, a mantive acordada tempo demais.

– Não, eu só… quis ficar no escuro, só isso.

A voz de Rehv foi tão baixa que mal pôde ouvi-la.

– Por quê?

Certo, como se fosse dizer que era porque não queria pensar sobre onde morava.

– Eu… queria ficar mais confortável.

– Ehlena. – A necessidade inundou seu tom de voz, alterando o teor da conversa casual para… algo muito sensual. E, num instante, lembrou-se de estar em sua cama naquele apartamento de cobertura, nua, com a boca dele sobre sua pele.

– Ehlena…

– O quê? – respondeu com voz rouca.

– Ainda está de uniforme? Aquele que tirei de você?

– Sim. – A palavra foi mais um suspiro do que outra coisa e foi muito mais que uma resposta à pergunta que fez. Sabia o que desejava e ela também queria.

– Os botões da frente… – murmurou. – Abra um para mim?

– Sim.

Quando soltou o primeiro, ele disse:

– E outro.

– Sim.

Prosseguiram até que o uniforme estava totalmente aberto na frente e ela ficou realmente satisfeita pelas luzes estarem apagadas – não porque se sentisse envergonhada, mas porque assim parecia que Rehv estava bem ao lado dela. Rehvenge gemeu, e ela o ouviu lamber os lábios.

– Se estivesse aí, sabe o que estaria fazendo? Estaria percorrendo seus seios com a ponta dos dedos. Encontraria um mamilo e faria círculos ao redor dele até que estivesse preparado.

Ela fez o que ele descrevia e ofegou quando tocou a si mesma. Logo se deu conta…

– Preparado para o quê?

Riu comprido e baixo.

– Quer me ouvir dizer isso, não?

– Quero.

– Preparado para minha boca, Ehlena. Lembra-se da sensação? Porque me lembro exatamente de como é seu sabor. Deixe o sutiã onde está e se belisque para mim… como se eu estivesse mordendo através de uma dessas suas preciosas taças de renda branca.

Ehlena apertou o polegar e o indicador, apanhando o mamilo entre eles. O efeito foi menor que a sucção cálida e úmida dele, mas foi bom o suficiente, especialmente com ele dizendo o que fazer. Repetiu o beliscão e se arqueou na cama, gemendo seu nome.

– Oh, Cristo… *Ehlena*.

– Agora… o que fazer?… – Enquanto soltava o ar pela boca, sentia que as coxas estavam latejando, estava molhada, desesperada por seja lá o que eles fossem fazer.

– Queria estar aí com você – ele gemeu.

– Você está comigo. Você está.

– Mais uma vez. Aperte para mim. – Ao estremecer e dizer alto seu nome, ele foi rápido com a próxima ordem. – Suba a saia para mim. De forma que fique ao redor de sua cintura. Faça isso rápido. Estou impaciente.

Deixou cair o telefone sobre a cama e arrastou a saia sobre as coxas e sobre os quadris. Teve de apalpar ao redor de si para encontrar o telefone e rapidamente o colocou no ouvido.

– Alô?

– Deus, isso soou bem… podia ouvir a roupa subindo por seu corpo. Quero que comece pelas coxas. Vá até lá primeiro. Deixe as meias e se acaricie ali

em cima.

As meias atuavam como um condutor de seu contato, amplificando a sensação assim como fazia a voz dele.

– Lembre-se de mim fazendo isso – disse com uma voz obscura. – *Lembre-se*.

– Sim, oh, sim…

Estava ofegando tão forte pela antecipação, que quase perdeu o grunhido dele ao dizer:

– Queria poder te cheirar.

– Mais acima? – perguntou.

– Não. – Quando seu nome deixou os lábios dela em protesto, riu como um amante faria, suave e baixo, uma risada que era tanto de satisfação quanto de promessa. – Suba pela parte externa da coxa até o quadril e em seguida para as costas e volte a baixar.

Fez o que pediu, e enquanto se acariciava, ele dizia:

– Adoraria estar com você. Mal posso esperar para estar lá outra vez. Sabe o que estou fazendo?

– O quê?

– Lambendo meus lábios. Porque estou pensando em mim abrindo caminho com beijos por suas coxas para em seguida passar minha língua para cima e para baixo pelo lugar onde estou morrendo de vontade de estar. – Ela gemeu seu nome outra vez e foi recompensada. – Desça, Ehlena. Por cima das meias. Vá onde eu quero estar.

Ao fazer isso, sentiu todo o calor que aquilo tinha gerado através do fino tecido da meia e seu sexo reagiu umedecendo-se ainda mais.

– Tire-as – ele disse. – As meias. Tire e as mantenha com você.

Ehlena apoiou o telefone outra vez, e em sua pressa por tirar as meias, nem se preocupou em deslizá-las. Tateou procurando o telefone, mal o pegou e já estava perguntando o que seria a próxima coisa a fazer.

– Deslize a mão sob a calcinha. E me diga o que encontra.

Houve uma pausa.

– Oh, Deus… estou úmida.

Quando Rehvenge gemeu, ela imaginou se ele teria uma ereção: tinha visto que era capaz de ter uma, mas, na verdade, a impotência não significava que não pudesse ficar duro. Só significava que por alguma razão não conseguia terminar.

Caramba, ela desejava poder dar algumas ordens, algumas que pudessem funcionar de qualquer maneira com ele. Só que não sabia até onde poderia chegar.

– Acaricie e imagine que sou eu – ele rosnou. – Que é a minha mão.

Ela fez o que pediu e teve um forte orgasmo, esparramando o corpo por toda a cama, pronunciando seu nome em uma explosão tão silenciosa quanto possível.

– *Livre-se dessa calcinha*.

Entendido, pensou, enquanto puxava pelas coxas e atirou Deus sabe onde.

Deitou de costas, procurando fazer algo parecido de novo, quando ele disse:

– Pode segurar o telefone entre a orelha e o ombro?

– Sim. – Dane-se, ela faria qualquer coisa que ele pedisse.

– Pegue as meias com as duas mãos, estique com força, em seguida passe entre suas pernas de frente para trás.

Ela riu com erotismo, em seguida disse docemente:

– Quer que eu me excite contra elas, não é?

A respiração dele foi como um disparo em seu ouvido.

– Oh, sim.

– Seu safado.

– Um banho de sua língua poderia me ajudar. O que me diz?

– Sim.

– Adoro essa palavra em seus lábios. – Enquanto ria, ele disse: – Então o que está esperando, Ehlena? Precisa dar um bom uso a essas meias.

Encaixou o celular no pescoço, encontrando uma boa posição e, em seguida, sentindo-se como uma *stripper* e adorando isso, pegou as meias brancas, virou-se até ficar de lado e deslizou a parte de náilon entre as pernas.

– Suave e com firmeza – disse ele, ofegando.

Ela engasgou com o contato, a dura e tensa corda se afundou em seu sexo, tocando todos os lugares certos.

– Mova-se contra isso – disse Rehvenge com satisfação. – Deixe-me ouvir como se sente bem com isso.

Ela fez exatamente isso, as meias se empaparam e se aqueceram para combinar com seu centro. Continuou fazendo, cavalgando nas sensações e no fluxo das palavras dele até que gozou uma e outra vez: no escuro, com os olhos fechados e a voz dele em seu ouvido, era quase tão bom quanto estar

com ele.

Ao relaxar e se jogar sobre a roupa de cama revirada, com a respiração entrecortada e sentindo-se fenomenal, aconchegou-se ao redor do telefone.

– Você é tão bonita – disse baixinho.

– Só porque você me faz assim.

– Oh, está muito enganada sobre isso – baixou a voz. – Esta noite você pode me ver mais cedo? Não posso esperar até às três.

– Sim.

– Bom.

– Quando?

– Estarei aqui com minha mãe e minha família até às dez, mais ou menos. Pode vir depois disso?

– Sim.

– Tenho aquela reunião, mas podemos ter mais ou menos uma hora juntos.

– Perfeito.

Houve uma longa pausa, uma que ela teve a alarmante sensação de que poderia bem ter sido preenchida com um "amo você" das duas partes se tivessem tido coragem.

– Durma bem – suspirou ele.

– Você também, se puder. E ouça, se não puder dormir, ligue para mim. Estou aqui.

– Vou fazer isso. Prometo.

Houve outro trecho de silêncio, como se cada um estivesse esperando que o outro desligasse primeiro.

Ehlena riu, apesar de seu coração doer por ter de desligar o telefone.

– Certo, no três. Um, dois…

– Espere.

– O quê?

Ele não respondeu, dando a maior pausa de tempo entre eles.

– Não quero desligar o telefone.

Ela fechou os olhos.

– Sinto a mesma coisa.

Rehvenge soltou um suspiro, lento e baixo.

– Obrigado. Por ficar comigo.

A palavra que veio à mente não fazia muito sentido, e ela não teve certeza de por que disse aquilo, mas assim fez:

– Sempre.

– Se quiser, pode fechar os olhos e imaginar que estou ao seu lado. Abraçando você.

– Vou fazer exatamente isso.

– Ótimo. Durma bem. – Foi ele quem finalizou a ligação.

Quando Ehlena afastou o telefone da orelha e apertou o botão *end*, o teclado se iluminou, emitindo uma luz azul brilhante. O aparelho estava quente por ter segurado durante tanto tempo e alisou a tela plana com o polegar.

Sempre. Ela queria estar com ele para sempre.

O teclado escureceu e a luz se apagou de forma tão objetiva que a aterrorizou. Mas ainda podia ligar para ele, não? Seria patético e mostraria carência, mas ele continuava no planeta embora não estivesse ao telefone.

A possibilidade de ligar para ele estava ali.

Deus, hoje sua mãe tinha morrido. E de todas as pessoas em sua vida com as quais poderia ter passado as horas, tinha escolhido ela.

Colocando os lençóis e a colcha por cima das pernas, Ehlena encolheu-se ao redor do telefone, embalou-o e dormiu.

# CAPÍTULO 39

**Ganhando tempo no maldito** rancho que decidiu usar como local para guardar as drogas, Lash sentou-se numa cadeira velha que em sua outra vida não seria boa nem para seu cachorro. A coisa era uma cadeira reclinável barata, uma coisa horrível, estofada, vendida em ponta de estoque, mas que infelizmente era muito confortável.

Não era exatamente o trono que aspirava, mas era um maldito lugar para acomodar os ossos.

A sala que observava atrás do *notebook* aberto media quatro por quatro, decorada com restrições financeiras que não permitiam substituições de peças: os braços dos sofás estavam puídos, havia uma imagem de um Jesus Cristo desbotado que pendia inclinada, e o tapete desbotado tinha manchas pequenas e arredondadas – que sugeriam ser urina de gato.

O Sr. D dormia com as costas apoiadas contra a porta da frente, a pistola na mão e o chapéu de caubói jogado sobre os olhos. Outros dois *redutores* estavam sentados sob uma arcada que havia na sala, apoiados um em cada pilastra com as pernas estendidas.

Grady estava no sofá, com uma caixa aberta de *pizza* ao seu lado e a única coisa que se via sobre o papelão branco eram manchas gordurentas e tiras de queijo. Havia comido uma *pizza* extragrande sozinho, e naquele momento lia um exemplar do dia anterior do jornal de Caldwell.

O fato de que o cara estivesse tão estranhamente relaxado fazia que Lash tivesse vontade de fazer uma autópsia enquanto o filho da mãe ainda respirava. Que inferno! O filho do Ômega merecia um pouco mais de medo de suas vítimas sequestradas, que droga!

Lash olhou o relógio e decidiu dar aos seus homens apenas meia hora a mais de recarga. Tinham outras duas reuniões com distribuidores de drogas naquele dia e, esta noite, seria a primeira vez que seus homens sairiam às ruas com o produto.

O que significava que o assunto com o rei *sympatho* ia ter de esperar até

amanhã – Lash ia cumprir o trato, mas os interesses financeiros da Sociedade vinham em primeiro lugar.

Lash olhou por cima de um de seus *redutores* cochilando na cozinha, onde uma longa mesa dobrável estava estendida. Espalhadas ao longo de sua superfície laminada havia pequenas bolsinhas de plástico, do tipo que se recebia quando comprava um par de brincos baratos no *shopping*. Havia pó branco dentro de algumas, pequenas pedras marrons em outras e havia comprimidos em uma terceira parte dos saquinhos. Os agentes de diluição que tinham sido utilizados, como fermento em pó e talco, formavam pilhas macias ao lado, e os invólucros de celofane que tinham embalado o material bruto estavam esparramados no chão.

Era mercadoria da boa. Grady pensava que aquilo valia aproximadamente duzentos e cinquenta mil dólares e que, com quatro homens na rua, seria negociado em aproximadamente dois dias.

Lash gostava daquela matemática e passou as últimas horas examinando seu plano de negócios. O acesso a mais mercadoria era um problema, não podia continuar com a rotina de meter bala nas pessoas para sempre, porque ficaria sem pessoas para ameaçar. A questão era onde se inserir na cadeia do negócio: havia os importadores estrangeiros como os sul-americanos, os japoneses ou os europeus; também havia atacadistas, como Rehvenge; e, em seguida, havia uma boa quantidade de varejistas, como os caras que Lash tinha eliminado. Considerando a dificuldade que seria chegar aos atacadistas e a quantidade de tempo que levaria para desenvolver uma relação com os importadores, o mais lógico seria se tornar um produtor.

A geografia limitava suas opções, pois Caldwell tinha uma estação para cultivo que durava muito pouco, mas drogas como o *ecstasy* e a meta-anfetamina não requeriam um bom clima. E, veja só, é possível conseguir instruções de como construir e gerenciar laboratórios de meta-anfetamina e fábricas de *ecstasy* pela internet. É claro, haveria problemas na hora de conseguir os ingredientes, pois havia leis e mecanismos de controle nos estabelecimentos para monitorar a venda de vários dos componentes químicos. Mas ele tinha o controle mental a seu favor. Sendo os humanos tão facilmente manipuláveis, haveria maneiras de lidar com esse tipo de problema.

Ao contemplar a brilhante tela do *notebook*, decidiu que o próximo grande trabalho do Sr. D seria conseguir algumas destas instalações para produção.

A Sociedade Redutora possuía muitos imóveis; inferno, uma das chácaras seria perfeita. O quadro de funcionários é que seria um problema, mas de qualquer maneira já era hora de fazer um recrutamento.

Enquanto o Sr. D providenciava a instalação das fábricas, Lash abriria caminho no mercado. Rehvenge tinha de desaparecer. Mesmo se a Sociedade distribuísse apenas *ecstasy* e meta-anfetamina, quanto menos distribuidores desses produtos houvesse, melhor, e isso significava tirar o atacadista do topo – embora descobrir como chegar a ele seria um pé no saco. No ZeroSum havia aqueles dois Mouros e aquela maldita fêmea transexual, além disso, possuiam câmeras de segurança e sistemas de alarme suficientes para deixar a Casa Branca com inveja. E Rehv era um filho da mãe esperto ou não teria durado tanto. O clube estava aberto há quanto tempo? Cinco anos?

Um ruído alto de papel fez que Lash olhasse por cima do computador. Grady tinha saído da sua posição relaxada no sofá e agora segurava o jornal com força, apertando os punhos até que sua aliança quase cortou seus dedos.

– O que foi? – disse Lash arrastando as palavras. – Você leu que *pizza* provoca colesterol ou alguma coisa do gênero?

Não que o desgraçado fosse viver tempo suficiente para se preocupar com suas artérias coronárias.

– Não é nada… nada, não é nada.

Grady atirou o jornal para um lado e se jogou sobre as almofadas do sofá. Quando seu rosto empalideceu, colocou uma mão sobre o coração, como se a coisa estivesse fazendo ginástica dentro da sua caixa torácica e, com a outra, passou a mão pelo cabelo, que já não precisava de nenhuma ajuda para sair da testa.

– Que diabos há com você?

Grady sacudiu a cabeça, fechou os olhos e moveu os lábios como se estivesse falando consigo mesmo.

Lash olhou para a tela do computador novamente.

Pelo menos o idiota estava perturbado. Já era alguma coisa.

# CAPÍTULO 40

**Na noite seguinte, Rehv** desceu com cuidado a escada curva do refúgio da família, guiando Havers de volta à porta da frente pela qual o médico da raça tinha passado há apenas quarenta minutos. Bella e a enfermeira que o auxiliou também o seguiam. Ninguém dizia nada; havia apenas o som alto e incomum dos passos sobre o tapete macio.

Enquanto caminhava, tudo o que podia sentir era o cheiro da morte. O perfume das ervas rituais permanecia no fundo das narinas, como se a porcaria tivesse encontrado refúgio do frio ali, e se perguntava quanto tempo passaria para que deixasse de sentir aquele odor cada vez que inalasse.

Fazia que o macho quisesse pegar um jato de areia para acabar com aquela sensação.

Verdade seja dita, sentia uma necessidade desesperada de ar fresco, só que não se atrevia a se movimentar mais rápido. Entre sua bengala e o corrimão esculpido, estava conseguindo prosseguir bem, mas depois de ver sua mãe envolta em linho, não apenas o corpo ficou adormecido, a mente também. A última coisa que precisava era acabar levando um tombo no corredor de mármore.

Rehv desceu o último degrau, passou a bengala para a mão direita e praticamente se equilibrou para abrir a porta. O vento frio que entrava era uma bênção e uma maldição. Sua temperatura interna caiu bruscamente, mas foi capaz de tomar um profundo e gelado fôlego que aliviou um pouco o que sentia.

Limpando a garganta, estendeu a mão para o médico da raça.

– Tratou a minha mãe com incrível respeito. Agradeço muito.

Atrás de seus óculos, os olhos de Havers não demonstravam somente compaixão profissional, mas honestamente se sentia assim e estendeu a mão como um companheiro enlutado.

– Ela era muito especial. A raça perdeu uma de suas luzes espirituais.

Bella deu um passo adiante para abraçar o médico e Rehv fez uma

reverência ante a enfermeira que o auxiliou sabendo que, sem dúvida, ela preferiria não ter de tocá-lo.

Quando os dois saíram pela porta principal para se desmaterializarem de volta à clínica, Rehv levou um momento contemplando a noite. Com certeza nevaria novamente e, desta vez, não seria apenas aquela neve rala da noite anterior.

Imaginou se sua mãe teria visto a neve de ontem. Ou será que perdeu o que foi sua última oportunidade de ver os delicados milagres cristalinos que caíam do céu à deriva?

Deus, não havia um número incontável de noites para ninguém. Nem um número infinito de nevascas para ver.

Sua mãe adorava ver a neve caindo. Sempre que surgia, ia à sala, acendia as luzes externas, apagava as de dentro e sentava ali olhando a noite. Ficava durante todo o tempo que caía a neve. Por horas.

O que ela via naquilo? Na neve que caía, o que veria? Nunca perguntou.

Cristo, por que as coisas tinham de acabar?

Rehv fechou a porta deixando o espetáculo invernal lá fora e se reclinou contra os sólidos painéis de madeira. Em pé diante dele, debaixo do lustre que havia no alto, estava sua irmã, com olhos fundos e indiferentes enquanto embalava a filha nos braços.

Desde o falecimento, não havia soltado Nalla, mas a pequena não se importava. A filha estava dormindo no colo de sua mãe, com o rosto tenso mostrando concentração, como se estivesse crescendo tão rápido que mesmo quando estava em repouso não se permitia um descanso.

– Eu costumava segurar você assim – disse Rehv. – E você dormia dessa maneira. Um sono muito profundo.

– É mesmo? – Bella sorriu e esfregou as costas de Nalla

O macacãozinho daquela noite era branco e negro com um logotipo da banda AC/DC, e Rehv não pôde deixar de sorrir. Não era surpresa nenhuma que sua irmã tivesse descartado coisas bonitinhas como patinhos e coelhinhos. Graças a Deus. Se alguma vez ele também tivesse um filho…

Rehv franziu a testa e parou com aqueles pensamentos.

– O que aconteceu? – perguntou sua irmã.

– Nada. – Sim, a não ser o fato de que, pela primeira vez em sua vida, ele pensou em ter filhos.

Talvez tenha sido a morte de sua mãe.

Talvez fosse Ehlena.

– Quer comer alguma coisa? – disse. – Antes que Z. e você peguem o caminho de volta?

Bella ergueu os olhos para as escadas, de onde se ouvia o som de uma ducha funcionando.

– Sim.

Rehv colocou a mão sobre seu ombro e caminharam juntos por um corredor e por uma sala de jantar com paredes vermelhas. A cozinha, que contrastava com o resto da casa, era muito funcional, mas havia uma mesa muito agradável, e ali acomodou sua irmã e a pequena em uma das cadeiras.

– Do que você gosta? – perguntou, indo para a geladeira.

– Tem cereais?

Ele se dirigiu ao armário onde armazenavam as bolachas e as conservas, esperando que… sim, Sucrilhos. Havia uma grande caixa ao lado de outros biscoitos.

Quando tirou os cereais, virou a frente da caixa e olhou Tony, o Tigre.

Passando a ponta do dedo sobre as linhas do desenho, disse em voz baixa:

– Você ainda gosta de Sucrilhos?

– Oh, com certeza. É o meu favorito.

– Que bom. Fico feliz por isso.

Bella riu um pouco.

– Por quê?

– Não se… lembra? – Deteve-se. – Porém, por que se lembraria?

– Lembraria o quê?

– Faz muito tempo. Eu observava enquanto você comia e… era legal, só isso. A maneira como você gostava de comer o cereal. Eu gostava da maneira como você gostava.

Pegou uma tigela, uma colher, o leite desnatado e levou até onde estava sua irmã, fazendo um pequeno ajuste para colocar tudo na frente dela.

Enquanto ela trocava a pequena de lugar para ter a mão direita livre, ele abriu a caixa e o fino saco de plástico e começou a despejá-los.

– Diga-me quando estiver bom.

O som dos flocos batendo na tigela, aquele pequeno ruído atingindo o fundo, falava de uma vida cotidiana normal e era alto demais. Como aqueles passos descendo a escada. Era como se o silenciar do batimento cardíaco de sua mãe tivesse feito o resto do mundo aumentar o volume até que sentiu que

precisava de abafadores para os ouvidos.

– Já está bom – disse Bella.

Ele trocou a caixa de cereais pela caixa de leite e derrubou um rio branco sobre os flocos.

– Mais uma vez.

– Já está bom.

Rehv sentou quando fechou a tampa e sabia que era melhor não oferecer para segurar Nalla. Não era nada prático para comer, mas Bella não soltaria aquela menina durante um bom tempo e estava tudo bem. Mais que bem. Ver como se consolava com a próxima geração contribuiu um pouco para consolá-lo também.

– Hum – murmurou Bella com a primeira colherada.

No silêncio que surgiu entre eles, Rehv se permitiu relembrar outra cozinha, em outro tempo, quando sua irmã era muito mais jovem e ele consideravelmente menos corrupto. Lembrou-se de uma tigela de cereais em particular que ela não se lembrava mais, aquela que após ter terminado, ainda continuou com vontade de comer mais e teve de lutar contra tudo que aquele bastardo de seu pai lhe tinha ensinado a respeito das fêmeas que deviam ser magras e que nunca repetiam o prato. Rehv comemorou silenciosamente quando ela cruzou a cozinha da antiga casa e voltou à cadeira com a caixa de cereais – quando ela começou a servir-se de novo, começou a chorar muito e teve de se desculpar dizendo que ia ao banheiro.

Tinha assassinado o pai dela por duas razões: sua mãe e Bella.

Uma de suas recompensas foi a tentativa de liberdade de Bella ao comer mais quando sentia fome. A outra foi saber que não haveria mais contusões no rosto de sua mãe.

Perguntava-se o que Bella teria pensado se soubesse o que ele tinha feito. Será que ela o odiaria? Talvez. Não tinha certeza se ela se lembrava de todos os maus-tratos, especialmente os que foram feito a sua *mahmen*.

– Você está bem? – perguntou ela de repente.

Ele passou a mão sobre seu moicano.

– Sim.

– Às vezes você é difícil de ler. – Dedicou-lhe um pequeno sorriso, como se quisesse ter certeza de que não havia ironia em suas palavras. – Nunca sei se está bem.

– Estou.

Ela olhou ao redor da cozinha.

– O que vai fazer com esta casa?

– Vou mantê-la por, pelo menos, mais seis meses. Comprei de um humano, faz um ano e meio e preciso ficar com ela um pouco mais ou vão me ferrar com os impostos.

– Sempre foi bom com dinheiro. – Inclinou-se para levar outra colherada à boca. – Posso perguntar uma coisa?

– Qualquer coisa.

– Existe alguém?

– Alguém como?

– Você sabe… uma fêmea. Ou um macho.

– Acha que sou *gay*? – Enquanto ria, ela corou com um vermelho brilhante e ele desejou abraçá-la com toda a sua força.

– Tudo bem, Rehvenge, não tem problema se você for – disse, fazendo um gesto com a cabeça como se tivesse estendido a mão para consolá-lo. – Quero dizer, você nunca apresentou nenhuma fêmea, nunca. E não quero pressupor… que você… ah… bem, fui ao seu quarto para ver se estava bem durante o dia e ouvi que estava falando com alguém. Não é que eu estava ouvindo atrás da porta… não estava… oh, droga.

– Tudo bem. – Sorriu para ela e então percebeu que não havia uma resposta fácil à sua pergunta. Ao menos, a parte que se referia se tinha alguém.

Ehlena era… o que ela era?

Franziu a testa. E achou uma resposta no fundo de seu ser. Muito profundamente. E dada à estrutura de mentiras sobre a qual estava construída sua vida, não estava seguro de que esse tipo de revelação fosse uma boa ideia.

Bella baixou a colher lentamente.

– Meu Deus… você tem alguém, não tem?

Ele se obrigou a responder de uma maneira que diminuiria a quantidade de complicações. Embora isso fosse como tirar apenas um pedaço de lixo da pilha.

– Não, não tenho. – Lançou um olhar para a tigela. – Quer mais?

Ela sorriu.

– Sim. – Enquanto a servia, ela disse: – Sabe? A segunda tigela é sempre a melhor.

– Concordo plenamente.

Bella bateu os cereais com as costas da colher.

– Amo você, irmão meu.

– E eu a você, irmã minha. Sempre.

– Acredito que *mahmen* está no Fade cuidando de nós. Não sei se você acredita nesse tipo de coisa, mas ela acreditava, e depois do nascimento de Nalla eu também comecei a acreditar.

Ele sabia bem que quase perderam Bella na mesa de parto e se perguntava o que ela teria visto naqueles momentos, quando sua alma não estava nem aqui nem lá. Nunca tinha pensado muito sobre onde a vida se acabava, mas podia apostar que ela estava certa. Se alguém podia velar por seus descendentes do Fade, essa seria sua encantadora e piedosa mãe.

Isso deu um pouco de consolo e propósito. Lá em cima, sua mãe nunca mais teria de se preocupar com seus problemas. Não no que dizia respeito a ele.

– Oh, olhe, está nevando – disse Bella

Olhou através da janela. Sob a luz das lâmpadas ao longo do caminho de entrada da casa, os pequenos pontos brancos caíam à deriva.

– Ela teria amado isto – murmurou ele.

– *Mahmen?*

– Lembra como ela costumava se sentar em uma cadeira para observar os flocos caírem?

– Ela não ficava observando a neve cair.

Rehv franziu a testa e a olhou do outro lado da mesa.

– Claro que observava. Durante horas, ela…

Bella balançou a cabeça

– Ela gostava da neve depois que caía.

– Como sabe?

– Perguntei uma vez. Você sabe, por que se sentava e ficava olhando para fora durante tanto tempo. – Bella reposicionou Nalla nos braços e com uma mão alisou as mechinhas de cabelo de sua menina. – Disse que era porque quando a neve cobria o chão, os galhos e os telhados, lembrava-se de quando estava no Outro Lado com as Escolhidas, onde tudo estava certo. Disse… que depois que a neve caía, ela voltava para aqueles tempos. Nunca entendi o que queria dizer com isso e ela nunca me explicou.

Rehv voltou a olhar pela janela. No ritmo em que os flocos estavam

caindo, levaria um tempo antes que a paisagem ficasse branca.

Não admira que sua mãe observasse aquilo durante horas.

Wrath despertou na escuridão, mas de uma forma deliciosa, familiar e feliz. Sua cabeça estava sobre o próprio travesseiro, as costas contra o próprio colchão, as mantas até o queixo e o aroma de sua *shellan* adentrava profundamente seu nariz.

Dormiu muito bem durante um bom tempo, podia dizer isso pelo tanto que precisou se espreguiçar. E sua dor de cabeça tinha ido embora. Sumiu… Deus, estava convivendo com a dor durante tanto tempo que apenas em sua ausência se dava conta de como aquilo era ruim.

Com um grande gesto, esticou os músculos das pernas e braços até fazer ranger os ombros e endireitar a coluna. Seu corpo se sentia glorioso.

Virando-se sobre a cama, encontrou Beth com o braço e a capturou por trás. Curvou-se ao redor dela e aconchegou seu rosto no suave cabelo de sua nuca. Ela sempre dormia sobre o lado direito, e Wrath procurava dormir de conchinha – gostava de envolver o corpo menor dela com o seu que era muito maior porque o fazia sentir que era suficientemente forte para protegê-la.

Entretanto, manteve os quadris afastados. Seu membro estava rígido e cheio de desejo, mas sentia-se agradecido somente por poder se deitar com ela – e não tinha intenção de arruinar o momento.

– Hum – disse ela, acariciando seu braço. – Está acordado.

– Estou. – E mais que isso.

Ela se moveu dentro de seu abraço até que ficou de frente para ele.

– Dormiu bem?

– Oh, sim.

Quando sentiu um ligeiro puxão de cabelo, soube que ela estava brincando com as pontas enroladas e ficou satisfeito em mantê-lo comprido. Mesmo tendo de prender a pesada massa negra na parte de trás da cabeça quando saía para lutar e que aquela porcaria levava uma eternidade para secar – tanto era verdade que tinha de usar um secador, o que era uma coisa feminina demais para sequer acreditar – Beth amava aquilo. Podia lembrar-se das muitas vezes que ela o espalhou em leque sobre seus seios nus…

Bom, desacelerar aquele trem em seus pensamentos seria muito boa ideia. Se continuasse com aquele tipo de coisa teria de montar sobre ela ou ia enlouquecer.

– Adoro seu cabelo, Wrath. – Na escuridão, sua voz baixa era como o toque de seus dedos, delicado, devastador.

– Eu adoro suas mãos sobre ele – respondeu, com voz rouca. – No meio dele ou de qualquer forma que você goste de tocá-lo.

Só Deus sabe quanto tempo passaram ali deitados lado a lado, encarando um ao outro, os dedos dela retorcendo e enroscando as densas ondas.

– Obrigada – disse ela baixinho –, por me contar sobre hoje à noite.

– Preferia ter dado boas notícias.

– Mesmo assim fiquei feliz por ter contado. Prefiro saber.

Encontrou o rosto dela com o toque de suas mãos, e enquanto deslizava os dedos sobre as bochechas, o nariz, até os lábios, enxergava-a com o tato e a conhecia com o coração.

– Wrath… – Ela colocou a mão sobre sua ereção.

– Oh, *droga*… – Seus quadris foram impulsionados para frente, a cintura ficou tensa.

Ela riu baixinho.

– Sua linguagem amorosa faria que um caminhoneiro se sentisse orgulhoso.

– Desculpe, eu… – A respiração se prendeu na garganta quando ela o acariciou por cima da cueca. – Merd… quero dizer…

– Não, eu gosto disso. É você.

Ela se movimentou e montou sobre seus quadris. Ele sabia que tinha vindo para a cama com uma camisola de flanela, mas onde quer que estivesse, não estava cobrindo as pernas, porque seu doce e quente centro acariciou seu membro.

Wrath rosnou e perdeu o controle. Com um súbito impulso, atirou-a de costas, baixou a cueca que raramente usava e se introduziu nela. Quando Beth gritou e arranhou suas costas com as unhas, suas presas se alargaram completamente e começaram a latejar.

– Preciso de você. Preciso disso.

– Eu também.

Não poupou nada de sua força, mas tudo bem, ela gostava assim algumas vezes, bruto, selvagem, seu corpo marcando o dela com firmeza.

O rugido que lançou quando se introduziu nela balançou o quadro que pendia sobre a cama e sacudiu os frascos de perfume que estavam sobre a cômoda. Wrath continuou movendo-se em seu interior com firmeza, mais

uma fera que um amante civilizado. Mas quando o aroma dela começou a encher seu nariz, soube que Beth o desejava exatamente como ele era… Cada vez que chegava ao orgasmo, ela atingia ao mesmo tempo, seu sexo apertava e puxava o dele, o mantendo profundamente em seu interior.

Com uma ordem ofegante, ela disse:

– Tome minha veia…

Ele rugiu como um predador e foi em busca de seu pescoço, mordendo-a com força.

O corpo de Beth sacudiu sob o dele, e entre seus quadris sentiu um calor surgindo que não tinha nada a ver com o que tinha deixado dentro dela. Em sua boca, o sangue dela era o dom da vida, sentia-o espesso na língua e descendo pela garganta, enchendo suas entranhas com uma fornalha de calor que acendia sua carne de dentro para fora.

Enquanto bebia, seus quadris assumiram o comando, dando prazer a ela, dando prazer a si mesmo. Quando ficou satisfeito, lambeu as marcas da mordida e voltou a ocupar-se dela: esticando-se para baixo, levantou uma das pernas para poder entrar ainda mais profundamente enquanto golpeava com força. Quando em uma das investidas voltou a gozar, segurou-lhe a nuca com a palma da mão e aproximou os lábios da garganta dela.

Mas não teve oportunidade de expressar uma ordem. Ela o mordeu, e no momento em que as agudas pontas acertaram sua pele, sentiu a dor e teve um novo orgasmo, um que foi mais brutal que todos os outros. Saber que possuía o que ela necessitava e desejava, que ela vivia do que pulsava em suas veias, era excitante demais.

Quando sua *shellan* terminou e fechou as feridas lambendo-as, ele rodou sobre suas costas mantendo-os unidos, esperando que…

Oh, sim, ele fez muito bem, e ela montou sobre Wrath. Enquanto Beth assumia o comando, ele ergueu as palmas das mãos até os seios dela e percebeu que ainda estava de camisola, de maneira que a tirou pela cabeça e jogou sabe-se lá onde. Encontrando os seios novamente, ao apalpá-los estavam tão pesados e abundantes em suas palmas que não pôde evitar se arquear para cima e tomar um dos mamilos na boca. Sugou enquanto ela movimentava os quadris pelos dois até que ficou muito difícil manter a conexão e ele teve de deixar cair seu corpo sobre a cama.

Beth gritou e, em seguida, ele também. Então, os dois tiveram um orgasmo juntos. Depois disso, ela saiu de cima dele e permaneceram um ao lado do

outro, ofegantes.

– Isso foi incrível – disse ela, ofegando.

– Foi muito incrível.

Ele tateou ao redor na escuridão, até que encontrou a mão dela e ficaram juntos assim por um tempo.

– Estou com fome – disse ela.

– Eu também.

– Certo, vou pegar alguma coisa para nós.

– Não quero que vá. – Ele puxou sua mão e a beijou. – É a melhor fêmea que um macho poderia ter.

– Também te amo.

Como se estivessem ligados na mesma sintonia, o estômago deles rugiu.

– Certo, talvez seja mesmo hora de comer. – Wrath soltou sua *shellan* enquanto riam juntos. – Espera, vou acender a luz para que possa encontrar sua camisola.

Imediatamente soube que alguma coisa estava errada. Beth deixou de rir e caiu em um silêncio mortal.

– *Leelan*? Você está bem? Machuquei você? – Oh, Deus… foi tudo tão bruto. – Eu sinto…

Ela o interrompeu com uma voz estrangulada.

– A luz já estava acesa, Wrath. Eu estava lendo antes de você acordar.

# Capítulo 41

**John levou um bom** tempo na ducha de Xhex, lavando-se completamente, não porque estivesse sujo, mas porque pensou que ele também podia jogar aquele jogo de "nada de mais aconteceu".

Contudo, depois que ela saiu, há muitas e muitas horas, seu primeiro pensamento foi negativo. Não ia mentir: tudo que queria fazer era sair e ficar sob o sol e, assim, terminar com aquela piada de ser um perdedor na vida.

Havia tantas coisas com as quais ele falhava. Não podia falar. Era péssimo em matemática. Seu estilo de moda, se o deixassem à própria sorte, era patético. Não era particularmente bom com as emoções. Geralmente perdia na sinuca e sempre no pôquer. E havia muitas outras carências.

Mas ser péssimo no sexo era a pior de todas.

Enquanto estava estendido na cama de Xhex considerando os méritos do autossacrifício, perguntou-se por que o fato de ser uma droga na hora de transar parecia mais importante que qualquer outra deficiência.

Talvez fosse porque o mais novo capítulo em sua vida sexual o tinha levado a um território ainda mais difícil, mais hostil. Talvez fosse porque o desastre mais recente tinha acabado de acontecer.

Talvez porque tinha sido a gota d'água.

A maneira como via a situação, considerava que tinha tido relações sexuais duas vezes e nas duas ele foi tomado. Uma vez de maneira violenta e contra sua vontade, e depois, há algumas horas, tinha sido com seu consentimento total e absoluto. A repercussão das duas experiências foi péssima, e durante o tempo que passou na cama de Xhex, tentou não reviver as feridas, mas falhou na maior parte do tempo. Lógico.

Contudo, ao cair da noite, o jogo ficou muito claro em sua mente ao dar-se conta de que estava deixando que outras pessoas o enlouquecessem. Não tinha feito nada de errado em nenhum dos casos. Então, por que diabos pensava em acabar com sua vida quando não era ele o problema?

A resposta não era se transformar no equivalente vampiro de uma geleia.

Droga, claro que não. A resposta era não ser nunca, jamais, uma vítima outra vez.

De agora em diante, quando se tratasse de transar, seria ele quem tomaria as rédeas da situação.

John saiu da ducha, secou seu poderoso corpo e ficou frente ao espelho, medindo os músculos e sua força. Quando colocou a mão em torno dos testículos e do pênis, gostou do que sentiu.

Não. Nunca mais seria vítima de outras pessoas. Era hora de crescer.

John deixou a toalha onde foi jogada sobre o balcão, vestiu-se rapidamente e, de alguma forma, quando ajustou as armas e foi em busca de seu telefone, sentiu-se mais alto.

Negava-se a continuar sendo um bebê fraco e chorão.

Sua mensagem para Qhuinn e Blay foi breve e concisa: *Vejo vcs no ZS. Vou ficar bêbado e quero q façam o mesmo*.

Após pressionar a tecla *send*, foi ao registro de chamadas. Várias pessoas discaram para seu telefone durante o dia, em sua maior parte Blay e Qhuinn, que evidentemente ligaram a cada duas horas. Também viu que ficou registrado um número privado desconhecido que tinha insistido três vezes.

O resultado era que tinha dois correios de voz, e sem muita curiosidade, acessou a sua conta e ouviu, esperando que o desconhecido fosse um humano que tinha ligado para um número errado.

Não era.

A voz de Tohrment era tensa e baixa:

*"Ei, John, sou eu, Tohr. Ouça… eu, ah, não sei se vai receber isso, mas poderia me ligar quando ouvir essa mensagem? Estou preocupado com você. Estou preocupado e quero dizer que sinto muito. Sei que estive extremamente ausente durante muito tempo, mas estou voltando. Fui… fui à Tumba. Eu estive lá. Tinha de retornar e ver… droga, não sei. Tinha de ver o lugar onde tudo começou antes de poder me lançar de volta à realidade. E então eu, ah, ontem à noite me alimentei. Pela primeira vez desde que… – sua voz ficou embargada e houve uma forte inspiração – desde que Wellsie morreu. Pensei que não conseguiria, mas consegui. Vai levar um tempo até que eu consiga…"*

Nesse momento a mensagem foi interrompida e uma voz automatizada perguntou se queria salvar ou excluir. Pressionou a tecla para ir à próxima mensagem.

Tohr outra vez:

*"Ei, desculpe, cortaram a minha ligação. Só queria dizer que sinto muito por ter te ferrado. Não foi justo. Você também esteve de luto por ela e não estive lá para ajudá-lo e isso sempre será um peso para mim. Abandonei você quando precisava de mim. E… sinto muito mesmo. Mas parei com essa coisa de fugir. Não vou à parte alguma. Acho… acho que estou aqui e é assim que deve ser. Droga, acho que não estou fazendo sentido. Olhe, por favor, ligue para que eu saiba que está bem. Tchau."*

Houve um sinal sonoro e a voz automatizada interrompeu:

"Salvar ou excluir?"

Quando John afastou o telefone do ouvido e olhou para a coisa, hesitou por um momento quando a criança que ainda havia nele chorou por seu pai.

Uma mensagem de texto de Qhuinn piscou na tela, tirando-o da imaturidade.

John apertou "apagar" para a segunda mensagem de voz de Tohr, e quando perguntaram se queria ouvir mais uma vez a primeira mensagem, respondeu que sim e excluiu aquela também.

O texto de Qhuinn era breve: *Encontramos vc lá*.

Ótimo, pensou John enquanto recolhia a jaqueta de couro e saía.

Para alguém que estava desempregada e cheia de contas para pagar, Ehlena não tinha muitos motivos para estar de bom humor.

Contudo, quando se desmaterializou até o edifício Commodore se sentia feliz. Tinha problemas? Sim, sem dúvida: se não encontrasse trabalho logo, ela e seu pai corriam o risco de perder o teto que tinham. Mas tinha solicitado um posto de faxineira com uma família de vampiros para sair do apuro e estava considerando fazer um bico no mundo humano. A área médica era uma ideia, o único problema era que não tinha uma identidade humana, e conseguir isso iria custar dinheiro. De qualquer forma, o salário de Lusie estava pago até o final de semana, e seu pai estava encantado por sua "história", como ele a chamava, ter agradado a sua filha.

E havia Rehv.

Não sabia como as coisas iriam acontecer, mas havia uma possibilidade de relacionamento entre eles. O sentimento de esperança e o otimismo dessa possibilidade a estimulava em todas as áreas de sua vida, incluindo o maldito fato do desemprego.

Tomando forma no terraço do apartamento, sorriu aos pequenos flocos de

neve que formavam redemoinhos com o vento, e se perguntou por que será que, por mais que a temperatura caísse, o frio não parecia tão frio.

Quando se virou, viu uma forma massiva através do vidro. Rehvenge a esperava e a observava, e o fato de ele querer esse encontro tanto quanto ela, fez com que seu sorriso se ampliasse tanto que seus dentes vibraram com o frio.

Antes mesmo de começar a andar até a porta, a coisa se abriu deslizando para um lado e Rehv cruzou rapidamente a distância que os separava; o vento de inverno apanhou o casaco de pele e o afastou do corpo dele. Seus olhos de ametista reluziram. O caminhar era poder puro. A aura era inegavelmente masculina.

Seu coração deu um salto quando ele parou diante dela. Sob o brilho da cidade, seu rosto estava severo e afetuoso ao mesmo tempo, e embora sem dúvida estivesse congelado até os ossos, abriu o casaco, convidando-a para compartilhar o calor de seu corpo.

Ehlena inclinou-se e passou os braços em volta dele, segurando-o com força, aspirando profundamente seu perfume.

Ele baixou a boca até a orelha dela.

– Senti saudades.

Ela fechou os olhos, pensando que essas pequenas palavras eram tão boas quanto um "eu te amo".

– Também senti saudades suas.

Quando ele riu baixinho, ela escutou o som com satisfação e, ao mesmo tempo, sentiu que seu peito retumbava. E, então, ele a abraçou aproximando-a ainda mais de seu corpo.

– Sabe? Com você assim apoiada contra mim, não sinto frio.

– Fico feliz com isso.

– Eu também. – Ele girou com ela nos braços para que os dois pudessem olhar o terraço e a vista da cidade, com os arranha-céus e as duas pontes com fileiras de faróis.

– Nunca cheguei a aproveitar esta vista de uma forma tão próxima e pessoal como agora. Antes de você… só observava através do vidro.

Agasalhada naquele casulo que o corpo e o casaco dele proporcionavam, Ehlena sentiu-se triunfante porque juntos tinham superado o frio.

Com a cabeça descansando sobre seu coração, ela disse:

– A vista é magnífica.

– Sim.

– E, mesmo assim… não sei… apenas você parece real para mim.

Rehvenge se afastou um pouco e levantou seu queixo. Quando sorriu, ela viu que as presas dele se alongaram e ela se excitou instantaneamente.

– Estava pensando exatamente a mesma coisa – ele disse. – Neste momento, não consigo ver nada além de você.

Inclinou a cabeça e a beijou, beijou e beijou mais um pouco enquanto alguns flocos de neve dançavam ao redor deles como se os dois fossem uma força centrífuga, um universo próprio que girava lentamente.

Quando ela deslizou os braços ao redor da nuca dele e os dois se empolgaram, Ehlena fechou os olhos.

E com isso, ela não viu, e Rehvenge não sentiu a presença que se materializou no alto do telhado da luxuosa cobertura…

E que os observava com olhos brilhantes da cor do sangue recém-derramado.

# CAPÍTULO 42

**– Por favor, se** possível, não se mexa… certo, assim está bom.

A doutora Jane passou a examinar o olho esquerdo de Wrath, direcionando a luz de sua caneta-lanterna para a parte traseira do cérebro, ao menos foi isso que pareceu a ele. Enquanto ela fazia o exame, o rei teve de resistir ao impulso de afastar a cabeça para trás.

– Você não gosta mesmo disso – murmurou ela enquanto apagava a caneta-lanterna.

– Não.

Esfregou os olhos e voltou a colocar os óculos, incapaz de ver qualquer coisa além de dois pontos negros e brilhantes.

Beth interveio:

– Mas isso é normal. Ele nunca conseguiu tolerar a luz.

Enquanto sua voz pairava no ar, ele estendeu o braço e apertou sua mão para tentar acalmá-la – algo que, se funcionasse, também o tranquilizaria.

Realmente aquilo estragou o clima entre os dois. Depois que ficou evidente que seus olhos tinham tirado umas férias não programadas, Beth chamou a doutora Jane, que estava na nova clínica e mais que disposta a fazer uma visita em domicílio imediatamente. No entanto, Wrath insistiu em ir para onde a médica estava. A última coisa que queria era que Beth tivesse de ouvir más notícias em seu quarto matrimonial – um lugar que era tão importante para ele que o considerava como um espaço sagrado. Além de Fritz que entrava para limpar, ninguém era bem-vindo em seu dormitório. Nem mesmo os Irmãos.

Além disso, a doutora Jane ia querer fazer exames. Os médicos sempre fazem exames.

Levou algum tempo para persuadir Beth, mas então Wrath colocou os óculos escuros, pôs o braço ao redor dos ombros de sua *shellan* e, juntos, saíram do quarto, desceram a escada privada e entraram na varanda do segundo andar. No caminho, tropeçou algumas vezes ao chocar as botas nos

cantos dos tapetes e esquecer a localização exata dos degraus – o árduo trajeto acabou sendo uma revelação. Não fazia ideia de que confiava tanto em sua defeituosa visão como aparentemente fazia.

Sagrada… Virgem Escriba, pensou. O que aconteceria se ficasse permanente e completamente cego?

Não poderia suportar. Simplesmente não poderia suportar isso.

Felizmente, quando estavam no túnel a meio caminho para o centro de treinamento, sua cabeça palpitou várias vezes e, de repente, o ligeiro brilho do teto atravessou seus óculos escuros. Ou melhor, foi algo que seus olhos registraram. Deteve-se, piscou, tirou os óculos e precisou colocá-los de volta imediatamente quando olhou para cima em direção aos painéis fluorescentes.

Certo, nem tudo estava perdido.

Quando a doutora Jane se deteve diante dele, cruzou os braços e as lapelas de seu avental branco se enrugaram. Estava completamente sólida, sua forma fantasmagórica era tão substancial quanto o rei ou Beth e praticamente conseguia sentir o cheiro da massa cinzenta queimando enquanto considerava seu caso.

– Suas pupilas estão praticamente sem reação, mas isso é porque estão quase que totalmente contraídas… droga, gostaria de ter feito um estudo óptico desde o início em você. Disse que a cegueira veio de repente?

– Deitei e quando acordei não conseguia ver nada. Não tenho certeza de quando aconteceu.

– Notou alguma coisa diferente?

– Além do fato de não ter tido dor de cabeça?

– Teve recentemente?

– Sim. É o estresse.

A doutora Jane franziu a testa. Ou ao menos ele sentiu que o fez. Para ele, seu rosto era um borrão pálido com cabelo loiro curto, seus traços eram indistintos.

– Quero que faça uma tomografia com Havers.

– Por quê?

– Para checar algumas coisas. Você acordou e sua visão simplesmente sumiu…

– Para que a tomografia?

– Quero saber se há alguma coisa errada em seu cérebro.

A mão de Beth apertou a sua como se estivesse tentando acalmá-lo, mas o

pânico o fez ser mal-educado.

– Como o quê? Que droga, doutora, apenas diga.

– Um tumor. – Quando ele e Beth respiraram fundo e prenderam o fôlego por um momento, a doutora Jane continuou rapidamente: – Eu sei, vampiros não têm câncer. Mas houve casos de tumores benignos e isso poderia explicar as dores de cabeça. Agora, diga-me outra vez, despertou e a visão… tinha sumido. Aconteceu algo diferente antes de dormir? Ou depois?

– Eu… – Caramba. Que droga. – Acordei e me alimentei.

– Quanto tempo se passou desde a última vez?

Beth respondeu:

– Três meses ou mais.

– É muito tempo – murmurou a doutora.

– Então, acha que pode ter sido isso? – perguntou Wrath. – Não me alimentei direito e perdi a visão, mas quando bebi de sua veia, meus olhos melhoraram e…

– Acho que precisa de uma tomografia.

Não se ouvia bobagens nas palavras dela, nada para se discutir. Então, ao ouvir que ela abria um telefone e discava, manteve a boca fechada apesar de aquilo o matar.

– Vou ver quando Havers pode te atender.

O que seria num piscar de olhos, sem dúvida. Wrath e o médico da raça tiveram suas diferenças, que remontavam à época em que estava com Marissa, mas o macho sempre priorizava sua atenção quando necessário.

Quando a doutora Jane começou a falar, Wrath interrompeu.

– Não diga a Havers para o que é. Você e só você verá os resultados. Estamos entendidos?

A última coisa que precisavam era que houvesse qualquer tipo de especulação sobre sua capacidade para governar.

Beth elevou a voz:

– Diga que é para mim.

A doutora Jane assentiu e mentiu com desenvoltura, e enquanto combinava tudo, Wrath puxou Beth para seu lado.

Nenhum deles disse nada, afinal, que tipo de conversa seria? Os dois estavam assustados demais… sua visão era uma porcaria, mas ele precisava do pouco que tinha. Sem ela? Que diabos faria?

– Tenho de ir à reunião do Conselho à meia-noite – disse em voz baixa.

Quando Beth se enrijeceu, ele negou com a cabeça. – Politicamente falando, tenho que ir. As coisas estão muito instáveis neste momento para não comparecer ou tentar mudá-la para outra noite. Tenho de mostrar uma posição de força.

– E se você perder sua visão no meio da reunião? – sussurrou ela.

– Então vou fingir até que eu possa sair dali.

– Wrath…

A doutora Jane fechou o telefone.

– Havers pode vê-lo agora mesmo.

– Quanto tempo vai levar?

– Mais ou menos uma hora.

– Tudo bem. Preciso estar em um compromisso à meia-noite.

– Por que não vemos o que diz o exame…

– Eu *tenho* de ir…

A doutora Jane o interrompeu com uma autoridade que deixava claro que Wrath era um paciente, não o rei.

– *Ter de* é um termo relativo. Vamos ver o que está acontecendo aí dentro e logo poderá decidir com quantos *tenho de* precisa lidar.

Ehlena poderia ficar no terraço com Rehvenge por vinte anos, mas ele sussurrou ao seu ouvido que tinha preparado algo para comerem – e sentar-se com ele à luz de velas soava igualmente bom.

Depois de um prolongado beijo final, entraram juntos, ela aconchegada nele, que rodeava sua cintura com o braço, enquanto ela tinha a mão em suas costas. O luxuoso apartamento de cobertura estava quente, então, tirou o casaco e o lançou sobre o sofá negro de couro.

– Pensei que poderíamos comer na cozinha – disse ele.

Não haveria luz de velas, mas o que importava? Desde que estivesse com ele, Ehlena brilharia o suficiente para iluminar todo o maldito apartamento de cobertura.

Rehvenge pegou em sua mão e a conduziu pela sala de jantar. A cozinha era de granito negro e aço inoxidável, muito urbana e elegante, e numa extremidade do balcão, onde havia uma saliência, havia uma mesa preparada para dois. Uma vela branca acesa brilhava, sua chama preguiçosa vagava em cima do pedestal de cera que diminuía lentamente.

– Oh, o cheiro está fantástico. – Ela sentou numa das cadeiras. – Comida

italiana. E você disse que só sabia preparar uma coisa.

– Bom, na realidade trabalhei como um escravo para fazer isto.

Inclinou-se para o forno e tirou uma fôrma plana com…

Ehlena explodiu numa risada:

– Minipizzas.

– Só o melhor para você.

– Congeladas?

– É obvio. E esbanjei ao comprar o sabor mais caro. – Usou um par de pegadores para transferir as minipizzas para os pratos, em seguida colocou a bandeja do forno sobre o balcão da cozinha. – Também tenho vinho tinto.

Enquanto voltava com a garrafa, a única coisa que ela pôde fazer foi olhar para ele e sorrir.

– Sabe? – disse ele enquanto servia um pouco em seu copo. – Gosto do jeito como me olha.

Ela colocou as mãos sobre o rosto.

– Não posso evitar.

– Não tente. Faz que me sinta mais alto.

– E você nem é pequeno. – Ela tentou conter-se, mas enquanto ele enchia seu copo, apoiava a garrafa e sentava ao seu lado, tinha muita vontade de rir como uma boba.

– Vamos lá? – disse ele, pegando o garfo e a faca.

– Oh, meu Deus, fico feliz por fazer isso também.

– Fazer o quê?

– Comer *minipizzas* com garfo e faca. No trabalho, as outras enfermeiras me enchiam a paciência… – Deixou a frase sem terminar. – Bom, de qualquer maneira, fico feliz que haja alguém como eu.

Houve um som de pão crocante quebrando-se sob as lâminas das facas quando começaram.

Rehvenge esperou até que ela desse a primeira garfada e então disse:

– Deixe-me ajudá-la a procurar trabalho. – Tinha planejado o momento com perfeição, porque ela nunca falava com a boca cheia, assim, tinha bastante tempo para continuar. – Deixe-me cuidar de você e de seu pai até que consiga outro trabalho que proporcione o mesmo salário que o da clínica. – Ela começou a negar com a cabeça, mas ele ergueu bem a mão. – Espere, pense nisso. Se não tivesse me comportado como um imbecil, não teria feito o que fez para que a despedissem. Então, é justo que eu a compense. E se

ajudar, pense nisso de um ponto de vista legal. De acordo com a Antiga Lei, devo isso a você. Não estou fazendo nada além de obedecer à lei.

Ela limpou a boca.

– Só parece… estranho.

– Você receber ajuda ao invés de dar ajuda?

Bem, que saco, era isso.

– Não quero me aproveitar de você.

– Mas estou oferecendo e, acredite, tenho recursos para isso.

Com certeza, pensou ela, olhando seu casaco, o pesado faqueiro de prata, o prato de porcelana, o…

– Você tem maneiras encantadoras à mesa – ela murmurou sem causa aparente.

Ele fez uma pausa.

– Minha mãe me educou assim.

Ehlena colocou a mão sobre seu enorme ombro.

– Posso dizer mais uma vez que sinto muito?

Ele limpou a boca com um guardanapo.

– Há algo melhor que pode fazer por mim.

– O quê?

– Deixe-me cuidar de você. Para que sua procura por trabalho seja para encontrar algo que queira fazer em vez de uma corrida louca por qualquer coisa que permita pagar as contas. – Ele ergueu os olhos para o teto e levou as mãos ao peito como se estivesse a ponto de desmaiar. – Isso aliviaria muito meu sofrimento. Você e só você tem o poder de me salvar.

Ehlena riu um pouco, mas não podia manter nenhuma aparência de jovialidade. Mesmo sob a superfície tranquila, percebeu que ele sofria: a dor estava exposta nas sombras que tinha sob os olhos e na tensão de sua mandíbula. Era evidente que se esforçava para aparentar normalidade querendo o bem dela, e embora apreciasse sua atitude, não sabia o que poderia fazer para que parasse com aquilo sem o pressionar.

Na verdade, ainda eram desconhecidos um para o outro, não? Apesar de todo o tempo que passaram juntos nos últimos dois dias, o que sabia realmente sobre ele? Sua linhagem? Quando estava com ele ou quando falavam por telefone, sentia como se soubesse tudo que precisava, mas falando sério, o que tinham em comum?

Ele franziu a testa enquanto deixava cair as mãos e cortava outra parte da

*pizza*. Então, Rehv disse:

– Não pense nisso.

– Como?

– Não leve seu pensamento para esse lado. É o lugar errado para você e para mim. – Tomou um gole de vinho. – Não vou ser rude e ler sua mente, mas posso sentir o que está sentindo e está se distanciando. Não é isso o que eu quero. Não no que se refere a você. – Levantou os olhos de ametista e a olhou fixamente. – Pode confiar que vou cuidar de você, Ehlena. Nunca duvide disso.

Olhando para ele, acreditava naquilo cem por cento. Absolutamente. Sem sombra de dúvidas.

– Sim. Confio em você.

Algo cintilou em seu rosto, mas ele escondeu.

– Ótimo. Agora, termine seu jantar e chegue à conclusão de que deixar ajudá-la é a coisa certa.

Ehlena voltou a comer, cortando lentamente na *pizza*. Quando acabou, apoiou os talheres na borda direita do prato, limpou a boca e tomou um gole de vinho.

– Certo. – Lançou um olhar para ele. – Deixarei que ajude.

Quando ele abriu um largo sorriso, porque estava conseguindo o que queria, ela interrompeu a satisfação que estava inflando seu peito.

– Mas há condições.

Ele riu.

– Está colocando restrições a um presente?

– Não é um presente. – Olhou para ele com máxima seriedade. – É só até eu encontrar um trabalho, não o emprego dos meus sonhos. E quero pagá-lo de volta.

Ele perdeu um pouco de sua satisfação.

– Não quero seu dinheiro.

– E eu sinto o mesmo sobre o seu. – Dobrou o guardanapo. – Sei que o dinheiro não lhe faz falta, mas é a única forma que aceitarei.

Ele franziu a testa.

– No entanto, não haverá juros. Não aceitarei nem um centavo de juros.

– Combinado. – Ela estendeu a mão e esperou.

Ele amaldiçoou. E voltou a amaldiçoar.

– Não quero que me devolva isso.

– Assim vai ser difícil.

Depois que sua boca explodiu em algumas maldições, colocou a mão na dela e eles as apertaram.

– Não foi fácil negociar com você, sabia? – ele disse.

– Mas você me respeita por isso, certo?

– Bem, sim. E me faz querer tirar sua roupa também.

– Oh…

Ehlena corou da cabeça aos pés enquanto ele deslizava de sua cadeira, erguia-se diante dela e colocava as mãos em torno de seu rosto.

– Vai deixar que eu a leve para minha cama?

Considerando a forma como brilhavam aqueles olhos violeta, estava disposta a permitir que a tomasse no maldito chão da cozinha se pedisse.

– Sim.

Um grunhido brotou de seu peito enquanto a beijava.

– Adivinhe?

– O quê?

– Essa foi a resposta certa.

Rehvenge a tirou de sua cadeira e a beijou de maneira rápida e suave. Com a bengala na mão, conduziu Ehlena até o outro lado da cobertura, atravessando salas que não viu e passando em frente a uma resplandecente vista que não apreciou. Tudo que ela sentia era uma profunda e palpitante antecipação pelo que ele faria com ela.

Antecipação e… culpa. O que ela podia dar em troca? Aqui estava ela o desejando sexualmente outra vez, mas para ele não haveria prazer. Apesar de dizer que obtinha algo do intercâmbio, sentia como se fosse…

– No que está pensando? – perguntou quando entravam no quarto.

Ela o olhou.

– Quero estar com você, mas… não sei. Sinto como se estivesse usando você ou…

– Não está. Confie em mim, estou bem familiarizado com o que significa ser usado. O que acontece entre nós não tem nada a ver com isso. – Ele a deteve antes que perguntasse a respeito. – Não, não quero entrar em detalhes, pois preciso… droga, preciso que este tempo com você seja único. Só você e eu. Estou cansado do resto do mundo, Ehlena. Estou extremamente cansado dele.

Pensou que se tratava daquela outra fêmea. E se ele não a queria entre

eles? Tudo bem para ela.

– Só preciso que dê tudo certo – disse Ehlena. – O que há entre nós. E quero que você também sinta algo.

– Eu sinto. Às vezes nem eu posso acreditar, mas sinto bastante.

Rehv fechou a porta atrás deles, apoiou a bengala na parede e tirou o casaco de pele. O terno que levava debaixo do casaco era outra obra-prima de um corte preciso, de uma cor cinza com riscas pretas. A camisa que havia por baixo era negra e os dois primeiros botões estavam desabotoados.

Seda, ela pensou. Aquela camisa devia ser de seda. Nenhum outro tecido emitiria aquele brilho.

– Você é tão bonita – disse enquanto a olhava fixamente. – Assim em pé sob essa luz.

Ela olhou para sua própria calça preta barata e o suéter de malha de gola alta que já tinha faz dois anos.

– Deve estar cego.

– Por quê? – perguntou ele, aproximando-se.

– Bom, sinto-me um pouco idiota por dizer isso – alisou a parte da frente das calças velhas e fora de moda –, mas eu gostaria de ter roupas melhores. Então, ficaria bonita.

Rehvenge fez uma pausa.

E, em seguida, deixou-a extremamente chocada ao ajoelhar-se na frente dela.

Quando ergueu os olhos, tinha um leve sorriso nos lábios.

– Não entende, Ehlena. – Com mãos suaves, acariciou suas pernas e levantou seu pé, apoiando-o na coxa. Enquanto desamarrava os cordões de sua sapatilha, sussurrou: – Não importa o que vista… para mim, sempre terá diamantes na sola de seus sapatos.

Ao deslizar a sapatilha e erguer os olhos para observá-la, Ehlena estudou seu duro e bonito rosto, desde aqueles olhos espetaculares até a rígida mandíbula e as maçãs do rosto que mostravam um certo orgulho.

Estava se apaixonando por ele.

E como acontecia com qualquer viagem em alta velocidade, não havia nada que pudesse fazer para deter isso. Já tinha saltado.

Rehvenge inclinou a cabeça.

– Fico feliz por me aceitar.

As palavras foram tão baixas e humildes, em total desacordo com a

incrível largura de seus ombros.

– Como não poderia? – ela disse.

Ele a olhou lentamente.

– Ehlena…

Pronunciou seu nome com dificuldade, como se houvesse muitas outras palavras por trás dele, palavras que não poderia suportar pronunciar. Ela não compreendia, mas sabia o que desejava fazer.

Ehlena retirou o pé, ajoelhou-se e o envolveu com os braços. Ela o segurou ao se inclinar, percorrendo a mão sobre os cabelos macios dele, da nuca até o final do corte moicano.

Parecia tão frágil quando se entregava a ela, e percebeu que se alguém tentasse fazer mal a ele, mesmo sendo perfeitamente capaz de cuidar de si mesmo, ela poderia cometer um assassinato. Para protegê-lo, seria capaz de matar.

A convicção era tão sólida quanto os ossos que havia debaixo de sua pele.

Às vezes, até mesmo os poderosos precisam de proteção.

# CAPÍTULO 43

**Rehv era o tipo** de macho que se orgulhava de seu trabalho, mesmo que fosse colocar *minipizzas* no forno e assá-las à perfeição ou servir vinho… ou dar prazer a sua Ehlena até que não passasse de uma fêmea nua relaxada, resplandecente e mais que satisfeita.

– Não consigo sentir os dedos dos pés – murmurou quando percorreu as coxas dela com beijos.

– Isso é ruim?

– Nem. Um. Pouco.

Quando se deteve para lamber seu seio, ela ondulou e Rehv sentiu o movimento contra seu próprio corpo. A esta altura, havia se acostumado com a sensação superando seu estado de dormência, e aproveitava o calor e a fricção sem se preocupar que seu lado mal pudesse escapar de sua jaula de dopamina. Mesmo que o registro de sensações não fosse tão acentuado como quando não estava medicado, era suficiente para que seu corpo estivesse indiscutivelmente excitado.

Rehv não podia acreditar, mas algumas vezes pensou que poderia chegar ao orgasmo. Entre o sabor dela quando sugava seu sexo e a forma com que seus quadris balançavam contra o colchão, quase tinha perdido o controle.

Só que era melhor manter seu membro fora de cena. Sério, como iria explicar aquilo? *Não sou mais impotente, milagre dos milagres, pois você ativou meu instinto, então o vampiro que há em mim venceu meu lado* sympatho. *Viva! É claro, isso significa ter de lidar com minha farpa e com o lugar onde estive colocando regularmente essa parte pendurada entre minhas pernas nos últimos vinte e cinco anos. Mas, vamos lá, isso é excitante, não?*

Sim, tinha uma pressa enorme em colocar Ehlena a par da situação.

Claaaaro.

Além disso, isso era suficiente para ele. Dar prazer a ela, servi-la sexualmente, era suficiente…

– Rehv…?

Levantou o olhar de seus seios. Dado o tom rouco de sua voz e a expressão erótica de seus olhos, estava preparado para ceder a qualquer coisa.

– Sim? – Lambeu um mamilo.

– Abra a boca para mim.

Franziu a testa, mas fez o que ela pedia, perguntando-se por que…

Ehlena estendeu o braço e tocou sua presa a qual estava completamente estendida.

– Você diz que gosta de me agradar e posso perceber isso. Elas estão tão alongadas… e afiadas… e brancas…

Quando uniu as coxas como se tudo que acabava de dizer estivesse excitando-a, soube onde aquilo os levaria.

– Sim, mas…

– Então, seria um prazer que as utilizasse em mim. Agora.

– Ehlena…

Aquele brilho especial começou a abandonar o rosto dela.

– Tem alguma coisa contra o meu sangue?

– Deus, não.

– Então por que não quer se alimentar de mim? – Sentando-se, segurou um travesseiro sobre os seios, seu cabelo loiro caiu e ocultou seu rosto. – Oh. Certo. Já se alimentou com… ela?

– Cristo, *não.* – Preferia chupar o sangue de um *redutor*. Droga, beberia o sangue de uma carcaça de cervo na sarjeta de uma estrada antes de tomar a veia da Princesa.

– Não toma a veia dela?

Olhou Ehlena diretamente nos olhos e negou com a cabeça.

– Não. E nunca beberei.

Ehlena suspirou e jogou o cabelo para trás.

– Sinto muito. Não sei se tenho direito de fazer esse tipo de pergunta.

– Você tem. – Tomou sua mão. – Tem todo o direito. Não é… que não possa perguntar…

Enquanto suas palavras ficavam suspensas no ar, o mundo deles se chocou e todo tipo de escombros caiu ao redor. É claro que ela podia perguntar… ele apenas não podia responder.

Ou podia?

– Você é a única a quem desejo – disse simplesmente, expressando tanta

verdade quanto poderia revelar. – Você é a única com quem desejo estar. Olhe, sobre a alimentação. Se quero fazer isso com você? Claro que sim. Mas…

– Então, não há nenhum *mas*.

O inferno que não havia. Tinha a sensação de que montaria sobre ela se tomasse sua veia. Mesmo agora, seu pênis estava pronto e isso porque estavam apenas conversando sobre o assunto.

– Isto é suficiente para mim, Ehlena. Dar prazer a você é suficiente.

Ele franziu a testa.

– Então deve ter algum problema com meus antecedentes.

– Como?

– Acha que meu sangue é fraco? Porque se acha que pode valer a pena, posso traçar minha linhagem até a aristocracia. Meu pai e eu estamos passando por momentos difíceis, mas durante gerações e durante a maior parte de sua vida, fomos membros da *glymera*. – Quando Rehv fez uma careta, ela se ergueu na cama, utilizando o travesseiro para se defender. – Não sei exatamente de onde descende sua família, mas posso assegurar que minhas veias são aceitáveis.

– Ehlena, essa não é a questão.

– Tem certeza? – Foi até onde ele tinha tirado sua roupa. Primeiro vestiu a calcinha, o sutiã e depois pegou sua calça preta.

Não podia compreender porque saciar sua necessidade de sangue era tão importante para ela – afinal, o que haveria de interessante nisso para Ehlena? Mas talvez fosse isso que os dividisse. Ela não fazia as coisas para aproveitar-se das pessoas, por isso seus cálculos não tinham objetivo de tirar vantagens. Para ele, mesmo quando se tratava de agradá-la, estava conseguindo algo tangível em troca: observá-la se contorcer sob sua boca o fazia sentir-se poderoso e forte, um autêntico macho e não um monstro assexuado sociopata.

Ela não era como ele. E por isso Rehv a amava.

Oh… Cristo. Ele?…

Sim, amava.

Aquela percepção fez que Rehv se levantasse da cama, caminhasse até ela e tomasse sua mão ao terminar de vestir a calça. Ela fez uma pausa e olhou para ele.

– Não é você – disse. – Pode acreditar em mim quanto a isso.

Deu-lhe um puxão e a trouxe contra seu corpo.

– Então, prove – disse ela suavemente.

Afastando-se, olhou seu rosto durante um longo momento. As presas pulsavam em sua boca; conseguia sentir isso muito bem. E podia sentir a fome em sua barriga, aniquilando-o, exigindo algo dele.

– Ehlena…

– Prove.

Não podia dizer não. Simplesmente não tinha forças para rejeitá-la. Estava errado em tantos aspectos, mas ela era tudo que queria, necessitava, desejava.

Rehv afastou cuidadosamente o cabelo dela da garganta.

– Serei gentil.

– Não tem que ser.

– Serei de qualquer jeito.

Embalando o rosto dela entre as palmas das mãos, inclinou sua cabeça para o lado e expôs a frágil veia azul que corria para seu coração. Enquanto ela se preparava para o momento, seu pulso se acelerou; ele pôde ver a pulsação ficar cada vez mais rápida até cintilar.

– Não me sinto digno de seu sangue – disse, percorrendo o pescoço com a ponta do dedo indicador. – Não tem nada a ver com sua linhagem.

Ehlena ergueu as mãos e alcançou o rosto dele.

– Rehvenge, o que é? Ajude-me a entender o que está acontecendo aqui. Quando estou com você… sinto-me mais próxima de você que até mesmo de meu próprio pai. Mas há buracos enormes. Sei que há coisas neles. Conte-me.

Agora seria a hora, pensou, de descarregar tudo.

E ficou tentado a isso. Seria um alívio enorme acabar com as mentiras. O problema era que não havia nada mais egoísta que pudesse fazer. Se ela conhecesse seus segredos, passaria a violar a lei junto com ele… ou isso ou enviaria seu amante à colônia. E se Ehlena escolhesse o último, ele estaria destruindo a promessa que tinha feito à sua mãe, porque seu disfarce seria totalmente revelado.

Ele não servia para ela. Não servia nem um pouco para ela e sabia disso.

Rehv queria deixar Ehlena partir.

Queria afastar as mãos dela, recuar e deixá-la terminar de vestir a roupa. Era bom em persuadir. Poderia convencê-la de que não beber seu sangue não era nada demais…

Só que sua boca se abriu. Abriu-se enquanto um silvo subia por sua

garganta e ultrapassava a fina barreira que separava suas presas da veia vital e palpitante.

Ela ofegou de repente e os músculos que subiam de seus ombros ficaram tensos, como se tivesse inclinado o rosto dela para baixo. Oh, espere, tinha feito isso. Estava muito adormecido, absolutamente insensível, mas não era pela medicação. Cada músculo de seu corpo estava rígido.

– Preciso de você – gemeu.

Rehv a mordeu com força e ela gritou, sua espinha dorsal se dobrou quase pela metade quando a enjaulou com sua força. Caramba, ela era perfeita. Tinha sabor de vinho espesso, e puxando-a contra seu corpo, bebeu profundamente.

E a levou até a cama.

Ehlena não teve a mínima chance. Ele também não.

Ativada pela alimentação, sua natureza vampira o dominou, a necessidade do macho de marcar o que desejava, de estabelecer seu território sexual, de dominar, assumiu o controle e o levou a tirar violentamente a calça de Ehlena, levantar uma de suas pernas e colocar seu membro na entrada do sexo dela…

E penetrá-la.

Ehlena deixou escapar outro grito quando sentiu a invasão. Ela era incrivelmente estreita, e temendo feri-la, ficou quieto para que seu corpo pudesse acomodá-lo.

– Você está bem? – ele perguntou, com um tom de voz tão gutural que não sabia se ela entenderia.

– Não pare… – Ehlena envolveu as pernas ao redor dele, colocando-se num ângulo onde Rehv pudesse entrar ainda mais profundamente.

O rosnado que saiu dele ecoou por todo o quarto – até que sua boca se fechou sobre a garganta dela mais uma vez.

Apesar de tudo, e mesmo em meio à fúria da alimentação e do sexo, Rehv foi cuidadoso com ela… nada daquilo que fazia com a Princesa. Rehv deslizou dentro e fora delicadamente, tentando garantir que Ehlena se sentisse bem com seu tamanho. Quando se tratava de sua chantagista? Queria dividir a dor. Com Ehlena? Castraria a si mesmo com uma faca enferrujada antes de machucá-la.

O problema era que ela se movia ao mesmo tempo, enquanto ele bebia até não poder mais, e o atrito selvagem do corpo deles logo tomou conta dele e

seus quadris já não se ondulavam com cuidado, mas batiam… até que teve que soltar sua veia ou correria o risco de rasgar seu pescoço. Depois de algumas lambidas nas marcas da mordida, deixou cair a cabeça entre o cabelo dela e se dedicou a penetrar de maneira rígida, profunda e ardente.

Ehlena teve um orgasmo, e quando Rehv sentiu as contrações ao redor de seu membro, ele também chegou ao clímax… algo que não podia acontecer. Antes que sua farpa se encaixasse, saiu dela, derramando-se sobre o sexo e a parte baixa de seu ventre. Quando tudo acabou, derrubou-se sobre ela e levou um momento antes que pudesse falar.

– Ah… droga… sinto muito, devo ser pesado.

As mãos de Ehlena deslizaram por cima de suas costas.

– Na verdade, você é maravilhoso.

– Eu… tive um orgasmo.

– Sim, teve – Havia um sorriso em seu tom de voz. – Teve mesmo.

– Não tinha certeza se eu… conseguiria, sabe? Foi por isso que saí… não esperava… pois é.

Mentiroso. Maldito *mentiroso*.

A felicidade na voz dela o deixou doente.

– Bom, fico feliz que tenha conseguido. E se voltar a ocorrer, ótimo. Se não, está tudo bem. Sem pressão por desempenho.

Rehv fechou os olhos, seu peito doía. Retirou-se para que ela não descobrisse que tinha uma farpa… e porque gozar dentro dela era uma traição, dada todas as coisas que ela não sabia sobre ele.

Enquanto Ehlena suspirava e o acariciava com o nariz, sentiu-se como um total e completo cretino.

# CAPÍTULO 44

**A tomografia não era** grande coisa. Wrath simplesmente deitou-se sobre a mesa fria e ficou quieto enquanto aquele equipamento médico murmurava e tossia educadamente em seu percurso ao redor da cabeça dele.

O problema era esperar os resultados.

Durante o exame, a doutora Jane era a única pessoa que havia do outro lado da divisória de vidro. Pelo que Wrath viu, ela passou todo o tempo com o rosto tenso, de olho na tela do computador. E agora que tudo tinha terminado, ainda continuava assim. Enquanto isso, Beth entrou e estava ao seu lado na pequena sala de azulejos.

Só Deus sabia o que a doutora Jane tinha encontrado.

– Não tenho medo de passar pelo bisturi – disse para sua *shellan.* – Desde que seja essa fêmea quem empunhe a maldita coisa.

– Ela conseguiria fazer uma cirurgia no cérebro?

Boa pergunta.

– Não sei.

Ele ficou brincando distraidamente com o Rubi Saturnino de Beth, dando voltas na pedra.

– Faça-me um favor – ele sussurrou.

Beth apertou sua mão.

– Qualquer coisa. O que precisa?

– Cante a canção daquele programa de perguntas e respostas para mim.

Houve uma pausa. Em seguida Beth começou a rir e deu um golpe em seu ombro.

– Wrath…

– Melhor, tire a roupa e cante enquanto faz a dança do ventre. – Quando sua *shellan* inclinou-se e beijou sua testa, ergueu o olhar e a observou através dos óculos. – Você acha que estou brincando? Anda, nós dois precisamos de distração. E prometo que darei uma boa gorjeta.

– Nunca carrega dinheiro no bolso.

Ele passou a língua sobre o lábio superior.

– Estava pensando em pagar de outra forma.

– Você é ultrajante – sorriu Beth. – E eu gosto disso.

Olhando para ela, sentiu-se bem e ao mesmo tempo com medo. Como seria sua vida se ficasse totalmente cego? Nunca mais ver o longo cabelo escuro ou o sorriso brilhante de sua *shellan* outra vez…

– Certo – disse a doutora Jane ao entrar. – Eis o que sei.

Wrath tratou de não gritar quando a doutora fantasmagórica colocou as mãos nos bolsos de seu jaleco branco e pareceu ordenar seus pensamentos.

– Não vejo evidências de um tumor nem de hemorragia. Mas há anormalidades em vários lóbulos. Eu nunca tinha visto uma tomografia do cérebro de um vampiro antes, então não faço a menor ideia do que seja "normal". Sei que gostaria que só eu visse o exame, mas não posso resolver nada com isso. Gostaria que Havers visse a tomografia. Antes que diga não, queria lembrá-lo de que ele jurou proteger sua privacidade. Não pode revelar…

– Traga-o aqui – disse Wrath.

– Não levará muito tempo. – A doutora Jane bateu em seu ombro e depois no de Beth. – Está aí fora. Pedi que esperasse no caso de ocorrer problemas com o equipamento.

Wrath observou a doutora atravessar a pequena sala de monitoramento e sair ao corredor. Pouco depois, voltou com o alto e magro médico. Havers fez uma reverência para ele e Beth através do vidro e logo foi para os monitores.

Os dois adotaram uma postura idêntica: inclinados pela cintura, com as mãos nos bolsos e as sobrancelhas tensas sobre os olhos.

– Treinam as pessoas a fazerem isso na faculdade de medicina? – perguntou Beth.

– Engraçado, estava me perguntando a mesma coisa.

Longo tempo. Longa espera. Muita conversa e gestos da dupla que estava do outro lado da grande janela, apontando a tela com canetas. Finalmente os dois se endireitaram e assentiram.

Entraram juntos.

– O exame está normal – disse Havers.

Wrath exalou com tanta força que praticamente produziu um chiado. Normal. Normal era bom.

Então, Havers fez uma série de perguntas, às quais Wrath respondeu, não

refletindo muito sobre nenhuma delas.

– Com a permissão de sua médica particular – disse Havers, fazendo uma reverência para doutora Jane –, gostaria de colher uma amostra de sangue de sua veia para analisá-la e realizar um breve exame.

A doutora Jane acrescentou:

– Acho que é uma boa ideia. É sempre bom ter uma segunda opinião quando as coisas não estão claras.

– Ao trabalho – disse Wrath, dando um rápido beijo na mão de Beth antes de soltá-la.

– Meu senhor, poderia fazer a gentileza de tirar os óculos?

Havers foi rápido com a caneta-lanterna; em seguida, o rodeou para fazer um exame de ouvido, seguido de uma verificação no coração. Uma enfermeira entrou com a seringa para coletar sangue, mas foi a doutora Jane quem fez o trabalho.

Quando tudo acabou, Havers voltou a colocar as mãos nos bolsos e exibiu outra daquelas carrancas de médico.

– Tudo parece normal. Bom, normal para você. Para todos os efeitos, sua pupila não reage, mas isso é um mecanismo de defesa, pois suas retinas são muito fotossensíveis.

– Moral da história? – perguntou Wrath.

A doutora Jane encolheu os ombros.

– Mantenha um diário para registrar as enxaquecas. E se a cegueira aparecer outra vez, voltaremos aqui imediatamente. Talvez com uma tomografia enquanto a coisa estiver acontecendo nos ajude a localizar com exatidão o problema.

Havers fez outra reverência à doutora Jane.

– Manterei sua médica informada sobre os resultados dos exames de sangue.

– Muito bom.

Wrath levantou o olhar para sua *shellan*, preparado para partir, mas Beth estava focada nos médicos.

– Nenhum de vocês parece muito satisfeito com isso – ela disse.

A doutora Jane falou lenta e cuidadosamente, como se estivesse escolhendo as palavras com precisão.

– Cada vez que há uma deficiência funcional que não podemos explicar, eu fico tensa. Não estou dizendo que é uma situação ruim. Mas ainda não estou

convencida de que está fora de perigo apenas por que a tomografia não mostrou nada de errado.

Wrath desceu da maca e pegou a jaqueta negra de couro que Beth segurava. Era fantástico poder vestir a coisa e abandonar o papel de paciente em que seus malditos olhos o haviam colocado.

– Não serei negligente – disse aos médicos. – Mas vou continuar trabalhando.

Houve um coro de "você precisa descansar alguns dias", que ele interrompeu saindo da sala de exames. Acontece que enquanto ele e Beth percorriam o corredor a passos largos, uma estranha sensação de urgência o invadiu.

Tinha uma sensação inabalável de que devia agir rápido, porque não restava muito tempo.

John levou um bom tempo para chegar ao ZeroSum. Depois de deixar a casa de Xhex, passeou pela Rua Dez e caminhou sob as rajadas de neve até um restaurante de comida mexicana. Dentro do local, sentou-se numa mesa próxima à saída de incêndio, e apontando as imagens no menu laminado, pediu dois pratos de costeleta de porco, acompanhadas de purê e salada de repolho.

A garçonete que anotou seu pedido e entregou a comida estava com uma saia suficientemente curta para ser considerada roupa de baixo, e parecia estar disposta a lhe servir algo mais que comida. Na verdade, ele até considerou isso. Tinha o cabelo loiro, não estava muito maquiada e suas pernas eram bonitas. Mas cheirava a churrasco e não gostou da maneira como falava devagar com ele, como se pensasse que era um idiota.

John pagou em dinheiro, deixou uma boa gorjeta e se apressou para sair antes que ela pudesse tentar dar seu telefone. Lá fora, no frio, pegou o longo caminho da Rua Trade. Que era o mesmo que dizer que se desviou em cada beco que encontrou.

Nenhum *redutor*. Também nenhum humano fazendo bobagens.

Finalmente, entrou no ZeroSum. Ao atravessar as portas de ferro e vidro e captar a enxurrada de luzes, música e pessoas, sua máscara de menino-mau caiu um pouco. Xhex estaria ali…

Sim. E daí? Será que ele seria uma maldita mocinha para não conseguir estar no mesmo clube que ela?

Não mais. John se ajeitou e caminhou com passos largos para a corda de veludo, passou pelos olhares dos seguranças e entrou na área VIP. Ao fundo, na mesa da Irmandade, Qhuinn e Blay estavam sentados como se fossem dois zagueiros deixados na reserva enquanto sua equipe estava se acabando no campo: estavam nervosos, tamborilavam os dedos e brincavam com os guardanapos que vinham com as garrafas de cerveja Corona.

Quando se aproximou, os dois ergueram o olhar e pararam com todo o movimento, como se alguém tivesse congelado a imagem de um DVD.

– Oi – disse Qhuinn.

John sentou junto aos amigos e gesticulou:

*Oi.*

– Tudo bem? – perguntou Qhuinn, enquanto a garçonete se aproximava com um perfeito senso de oportunidade. – Mais três Coronas…

John interrompeu o cara. *Quero algo diferente. Diga a ela… que quero um Jack Daniel's com gelo.*

As sobrancelhas de Qhuinn se ergueram, mas fez o pedido e observou como a mulher trotava até o balcão do bar.

– Alto teor de álcool, hum?

John deu de ombros e observou uma loira que estava duas mesas mais à frente. No segundo em que ela percebeu que ele a olhava, começou a agir para chamar atenção, jogando o cabelo denso e brilhante sobre as costas e erguendo os seios até que mal puderam se conter no seu quase inexistente vestidinho preto.

Podia apostar que ela não cheirava costelas.

– Hum… John, que droga está acontecendo?

*O que quer dizer?*, gesticulou para Qhuinn sem tirar os olhos da mulher.

– Está olhando aquela garota como se quisesse colocá-la num cachorro quente e derramar todo seu molho quente sobre ela.

Blay tossiu um pouco.

– Você não tem mesmo jeito com as palavras, sabia?

– Eu falo do jeito que as coisas são.

A garçonete chegou e colocou o uísque e as cervejas sobre a mesa. John atacou sua bebida com vontade, virando o copo de forma que pudesse cair como uma cascata diretamente no estômago.

– Hoje vai ser uma daquelas noites? – murmurou Qhuinn. – Uma daquelas que você acaba no banheiro?

*Com certeza que sim*, gesticulou John. *Mas não porque eu vá vomitar*.

– Então por quê?… Oh. – Parecia que alguém tinha espetado o traseiro de Qhuinn com uma agulha.

Sim, *oh*, pensou John enquanto examinava a área VIP no caso de aparecer uma candidata melhor.

Ao seu lado, havia um trio de homens de negócios, cada um tinha uma mulher consigo e todas pareciam estar prontas para sair na capa da revista *Vanity Fair*. Mais à frente, havia o pacote básico de lixo europeu que não paravam de fungar o nariz e iam com frequência em dupla ao banheiro. No bar, havia um par de investidores financeiros com suas amantes drogadas, e mais alguns viciados em coca que só buscavam as garotas profissionais.

Ainda estava observando o ambiente quando Rehvenge em pessoa entrou com passos largos na área VIP. Quando as pessoas o viram, uma onda de estremecimentos atravessou o lugar, porque mesmo que não soubessem que era o proprietário do clube, não havia muitos caras de dois metros de altura que andavam com uma bengala vermelha, um casaco negro de pele e um corte de cabelo moicano.

Além disso, mesmo na penumbra, dava para perceber que ele tinha olhos violeta.

Como sempre, estava acompanhado de dois machos que eram de seu tamanho e pareciam que comiam munição no café da manhã. Xhex não estava com eles, mas tudo bem. Isso era bom.

– Quero muito ser como esse cara quando eu crescer – disse Qhuinn arrastando as palavras.

– Só não corte o cabelo – disse Blay. – É muito boni… digo, moicanos precisam de muito cuidado.

Enquanto Blay segurava sua cerveja, os olhos díspares de Qhuinn olharam rapidamente o rosto de seu melhor amigo antes de afastar o olhar outra vez.

Depois de pedir por gestos à garçonete outro Jack, John virou-se e olhou através da cascata que formava uma parede em direção à seção comum do clube. Ali, na pista de dança, havia uma tonelada de mulheres procurando exatamente o que ele queria dar. Tudo que tinha de fazer era ir até lá e escolher entre as voluntárias.

Grande plano, só que, sem qualquer motivo, começou a pensar nesses programas que investigam a paternidade de filhos de mães solteiras. Queria mesmo correr o risco de engravidar alguma humana escolhida ao acaso?

Deveria saber quando estavam ovulando, mas o que ele sabia sobre essas coisas das fêmeas?

Franzindo a testa, voltou a olhar ao redor, apertou em sua mão o Jack recém-servido e se concentrou nas garotas profissionais.

As profissionais. Que conheciam o jogo do sexo casual que ele estava procurando. Muito melhor.

Concentrou-se numa mulher de cabelos escuros, cujo rosto era parecido ao da Virgem Maria. Marie-Terese, ele achava que era esse o seu nome. Era a chefe das profissionais, mas também estava disponível para contratação: naquele momento, estava jogando o quadril como se dissesse "venha aqui" para um cara que exibia um terno de três peças e parecia estar muito interessado em seus atributos.

*Venha comigo*, gesticulou John ao Qhuinn.

– Onde?… Certo, entendi. – Qhuinn acabou sua cerveja e levantou. – Acho que voltamos logo, Blay.

– Sim. Divirtam-se…

John liderou o caminho para a morena. Seus olhos azuis pareceram surpresos ao ver que os dois se aproximavam. Com uma espécie de desculpa sedutora, deixou de lado seu potencial cliente.

– Precisam de alguma coisa? – perguntou, sem evidenciar nenhum tipo de convite. Contudo, era amistosa, porque sabia que John e os caras eram convidados especiais do Reverendo. Contudo, naturalmente não sabia a razão disso.

*Pergunte quanto*, gesticulou para Qhuinn. *Por nós dois*.

Qhuinn limpou a garganta.

– Ele quer saber quanto.

Ela franziu a testa.

– Depende do que querem. As garotas têm… – John apontou para a mulher. – Eu?

John assentiu.

Quando a morena apertou os olhos azuis e os lábios vermelhos, John imaginou sua boca sobre ele, seu membro gostou da imagem e surgiu numa instantânea e alegre ereção. Sim, tinha uma boca muito bonita…

– Não – disse ela. – Não pode ser eu.

Qhuinn elevou a voz antes que as mãos de John pudessem começar a voar com gestos.

– Por quê? Nosso dinheiro é tão bom quanto o de qualquer outro.

– Eu escolho com quem faço negócios. Algumas das outras garotas podem pensar diferente. Vocês podem perguntar a elas.

John poderia apostar que aquela rejeição tinha algo a ver com Xhex. Deus era testemunha de que houve muito contato visual entre ele e a chefe de segurança do clube, e sem dúvida Marie-Terese não queria se meter nisso.

Ao menos, disse a si mesmo que era isso, do contrário, restava o fato de que nem mesmo uma prostituta podia suportar a ideia de estar com ele.

*Certo, tudo bem*, gesticulou John. *Quem sugere?*

Depois que Qhuinn traduziu, ela disse:

– Sugeriria que voltasse para seu uísque e deixasse as garotas em paz.

*Isso não vai acontecer e quero uma profissional.*

Qhuinn traduziu de novo, e o rosto de Marie-Terese ficou ainda mais tenso.

– Serei honesta. Parece que você quer magoar Xhex. Como se estivesse mandando uma mensagem. Quer transar com alguém? Vá em frente e encontre uma garota na pista de dança. Mas não faça com alguém que trabalha com ela, entendeu?

Certo. Estava tudo relacionado com Xhex.

O velho John teria feito o que ela sugeriu. Mas dane-se! Em primeiro lugar, o velho John nem teria essa conversa. Mas as coisas tinham mudado.

*Obrigado, mas acho que vamos perguntar a uma de suas colegas. Cuide-se.*

John já estava se virando quando Qhuinn falou, mas Marie-Terese o agarrou pelo braço.

– Está bem. Quer ser um idiota, vá falar com a Gina, bem ali, de vermelho.

John fez uma pequena reverência, em seguida, aceitou sua sugestão e se aproximou de uma mulher com um vestido de látex vermelho tão brilhante que aquela porcaria poderia ser classificada como uma luz estroboscópica.

Ao contrário de Marie-Terese, ela aceitou embarcar no plano antes que Qhuinn sequer perguntasse.

– Quinhentos – ela disse com um grande sorriso. – Cada um. Estou concluindo que irão juntos?

John concordou um pouco surpreso por ter sido tão fácil. Mas é claro, eles estavam pagando por isso. Facilidade.

– Vamos para os fundos? – Gina se posicionou entre ele e Qhuinn, tomou a

cada um pelo braço e os guiou, passando à frente de Blay, que estava concentrado em sua cerveja.

Enquanto caminhavam pelo corredor até os banheiros privados, John se sentia febril: quente e desvinculado do que o cercava, estava indo à deriva, preso apenas pelo fino braço da prostituta a quem estava prestes a pagar para transar.

Se ela o soltasse, tinha certeza de que sairia flutuando.

# CAPÍTULO 45

**Quando Xhex subiu as** escadas e entrou na área VIP, a princípio não tinha certeza de que diabos estava vendo. Parecia que John e Qhuinn estavam se dirigindo para os fundos com Gina. A menos, é claro, que acontecesse de existir outros dois caras iguais a eles, um com tatuagem no Antigo Idioma na nuca e outro com os ombros tão grandes quanto os de Rehv. Mas com toda certeza aquela era Gina com seu vestido vermelho "pode vir quente que eu estou fervendo".

Xhex recebeu a voz de Trez pelo fone de ouvido.

– Rehv está aqui, e estamos esperando por você.

Sim, bem, iam esperar um pouco mais.

Xhex virou-se e voltou a se dirigir para a área do cordão de veludo – ao menos até seu caminho ser bloqueado por um cara vestindo um terno Prada falso.

– Oi, *baby*, onde vai com tanta pressa?

Foi uma atitude ruim da parte dele. Aquele viciado em coca euro-irrelevante escolheu a fêmea errada para bloquear o caminho.

– Saia da minha frente antes que eu mesma o tire.

– Qual o problema? – disse estendendo a mão para seu quadril. – Não consegue lidar com um homem de verdade… Ah!

Xhex transformou o apalpar do cara num esmaga-tendões, retorcendo a mão em seu punho até que o braço dele formigou.

– Certo – disse ela. – Há mais ou menos uma hora e vinte minutos, comprou setecentos dólares em cocaína. Apesar da quantidade que esteve inalando no banheiro, estou disposta a apostar que ainda tem o suficiente para que o prendam por posse ilegal de drogas. Então, pare de encher o saco e saia do meu caminho! Se tentar me tocar outra vez, quebrarei todos esses dedos e em seguida vou fazer o mesmo com a outra mão.

Soltou-o com um empurrão, que o enviou, aos tropeções, até seus amigos.

Xhex continuou andando, deixando para trás a área VIP e atravessou com

passos largos a pista de dança. Sob a escada do mezanino, dirigiu-se a uma porta onde se lia apenas funcionários da segurança e digitou um código. O corredor do outro lado passava pelo vestiário dos funcionários antes de levá-la ao seu destino, o escritório da segurança. Depois de digitar outro código, entrou na sala de seis por seis onde toda a equipe de monitoramento descarregava dados nos computadores.

Tudo na propriedade, exceto o escritório de Rehv e a guarida onde Rally fracionava a droga, ficava registrado digitalmente ali, e havia telas que mostravam imagens do clube inteiro.

– Ei, Chuck – disse ao cara atrás da mesa. – Se importa se eu ficar um minuto sozinha aqui?

– Sem problema. De qualquer maneira, preciso de um intervalo para ir ao banheiro.

Trocou de lugar com ele, afundando-se na poltrona.

– Não vou precisar de muito tempo.

– Nem eu, chefe. Quer algo para beber?

– Estou bem, obrigada.

Quando Chuck assentiu e saiu com pressa, ela se concentrou nos monitores que mostravam os banheiros da área VIP.

Oh… Deus.

O trio do inferno estava apertado, com Gina no meio. John percorria um caminho até seus seios com beijos e Qhuinn, que estava em pé atrás da mulher, deslizava suas mãos para frente, rodeando seus quadris.

Presa entre os machos, Gina não parecia estar trabalhando. Parecia uma mulher que estava tendo um encontro em grande estilo.

Maldição.

Pelo menos era Gina. Xhex não tinha nenhuma relação com ela, já que a mulher tinha acabado de chegar na equipe, assim não era muito diferente de como se estivesse transando com alguma garota da pista de dança.

Xhex se recostou na cadeira e se esforçou para examinar os outros monitores. Havia pessoas por toda a parede, imagens agitadas de gente bebendo, fazendo filas, transando, dançando, conversando e olhando fixamente para o nada.

Aquilo era bom, pensou. Aquilo era… bom. John tinha abandonado seus delírios românticos e tentou outra coisa. Aquilo era bom…

– Xhex, onde você está? – soou a voz de Trez no fone de ouvido.

Levantou o braço e falou em seu relógio.

– Me dê um maldito minuto!

A resposta do segurança foi tipicamente tranquila.

– Você está bem?

– Eu… ouça, sinto muito. Estou chegando.

Sim, e Gina também estava chegando… ao orgasmo. Droga.

Xhex se levantou da poltrona, e seus olhos voltaram para a tela que deliberadamente tinha evitado olhar.

As coisas tinham progredido. E rápido.

John estava movendo os quadris.

Assim que Xhex estremeceu e começou a sair, ele ergueu o olhar para a câmera de segurança. Era difícil saber se ele fez isso de propósito, ou se simplesmente seus olhos acabaram focando o ponto por acaso.

Droga. Tinha o rosto sombrio, a mandíbula tensa e em seu olhar havia uma expressão desalmada que a entristeceu.

Xhex tentou não ver a mudança nele, mas não conseguiu. Ela tinha feito isso com ele. Talvez não tenha sido a única razão pela qual ele tenha se transformado, mas ela era uma grande parte disso.

Ele afastou o olhar.

Ela se virou.

Chuck colocou a cabeça pela porta.

– Precisa de mais tempo?

– Não, obrigada. Já vi o suficiente.

Deu uma palmada no ombro do cara e, ao sair, foi para a direita. Ao final do corredor havia uma porta negra reforçada. Digitando mais outro código, entrou no corredor, foi até o escritório de Rehv e quando atravessou a porta, os três machos em torno da mesa a olharam com cautela.

Ela se apoiou contra a parede na frente deles.

– O que foi?

Rehv se recostou na cadeira e cruzou os braços cobertos de pele sobre o peito.

– Está se preparando para entrar em seu período de necessidade?

Enquanto ele falava, Trez e iAm fizeram o movimento com as mãos que os Sombras utilizavam para repelir um desastre.

– Deus, não. Por que a pergunta?

– Porque, sem ofensas, mas está com um mau humor terrível.

– Não estou. – Quando os machos se olharam entre si, ela ladrou: – Parem com isso.

Ah, ótimo, agora todos eles incisivamente *não* olhavam um para o outro.

– Podemos começar essa reunião? – ela disse, tentando moderar o tom.

Rehv descruzou os braços e sentou, inclinando-se para frente.

– Sim. Estou prestes a sair para uma reunião do Conselho.

– Quer que o acompanhemos? – perguntou Trez.

– Desde que não tenhamos nenhuma negociação importante agendada para depois de meia-noite.

Xhex balançou a cabeça.

– O que tínhamos na agenda para esta semana foi às nove e terminou sem problemas. Embora possa dizer que nosso comprador estava muito nervoso. E isso foi antes de saber de outro relatório da polícia que dizia que outro traficante foi encontrado morto.

– Então, dos seis principais compradores, só restam dois? Cara, é uma luta territorial e bem na nossa frente.

– E é muito provável que seja lá quem estiver fazendo essa porcaria toda tentará subir uma posição na cadeia alimentar.

– Razão pela qual iAm e eu acreditamos que deve ter alguém com você vinte e quatro horas, sete dias da semana até que essa droga se resolva – disse Trez.

Rehv pareceu irritado, mas não discordou.

– Temos alguma informação de quem está deixando esses corpos por aí?

– Bem, é óbvio – disse Trez. – As pessoas pensam que é você.

– Não tem lógica. Por que eu mataria meus próprios compradores?

Agora era Rehv quem recebia todos os olhares desconfiados.

– Oh, parem com isso – disse. – Não sou *tão* mau assim. Bom, tudo bem, mas só se alguém me ferrar. E, me desculpem, mas os quatro que morreram? Eram bons homens de negócios. Nada de meias palavras. Eram bons clientes.

– Tem conversado com seus fornecedores? – perguntou Trez.

– Sim. Disse a eles que aguentem firme e confirmei minha expectativa de movimentar a mesma quantidade de produto. Aqueles que perdemos logo serão substituídos por outros, porque os vendedores são como erva daninha. Sempre voltam a crescer.

Discutiram um pouco sobre o mercado e os preços, e logo Rehv disse:

– Antes que nosso tempo termine, me falem do clube. Como estão as

coisas?

Bem, essa era uma ótima pergunta, pensou Xhex. E o que diz a nossa vigilância? Oh, sim, era muito provável que estivesse acontecendo algo chamado John Matthew. De joelhos, em frente à Gina.

– Xhex, está resmungando alguma coisa?

– Não. – Esforçou-se para se concentrar e dar um panorama geral dos incidentes acontecidos naquela noite, até o momento. Trez fez o relatório do Iron Mask, o qual estava ao seu encargo, e depois iAm falou das finanças e do Restaurante do Sal, outra das propriedades de Rehv. Tudo somado, eram os negócios de sempre… isso considerando que infringiam algumas leis humanas que acarretariam graves condenações se fossem capturados.

Ainda assim, a mente de Xhex estava apenas em parte no jogo, e quando chegou a hora de saírem, foi a primeira a sair, embora geralmente demorasse mais para fazer isso.

Saiu do escritório no momento perfeito.

Ou daria uma joelhada nas partes mais sensíveis deles.

Naquele exato momento, apareceu Qhuinn na entrada do corredor que levava aos banheiros privados. Tinha os lábios inchados e avermelhados, os cabelos despenteados e um aroma de sexo, orgasmos e atos indecentes.

Ela parou, apesar de ser uma ideia idiota.

Gina foi a próxima a parar e parecia que precisava de uma bebida. Como um Gatorade. A mulher estava mole, e não porque estivesse no modo "à procura de um cliente", mas porque teve uma apropriada sessão de prazer: o leve sorriso que ostentava na boca era muito íntimo e honesto para o gosto de Xhex.

John foi o último a sair, com a cabeça erguida, o olhar claro e os ombros jogados para trás.

Estava magnífico. E Xhex estava disposta a apostar… que tinha sido magnífico.

Ele virou a cabeça e seus olhos se encontraram. O respeito tímido, o rubor, as bajulações estranhas tinham desaparecido. Acenou com a cabeça uma única vez e afastou o olhar, calmo… e preparado para mais sexo, considerando a maneira como mediu as outras prostitutas.

Uma tristeza estranha e inquieta ecoou no peito de Xhex, alterando o firme batimento de seu coração. Em seu esforço para preservar John do caos pelo qual passou seu último amante, tinha arruinado uma coisa: ao afastá-lo, tinha-

lhe despojado de algo muito precioso.

Sua inocência foi perdida.

Xhex levou o relógio até a boca.

– Preciso de um pouco de ar.

A resposta de Trez foi de uma rápida aprovação.

– Boa ideia.

– Voltarei antes que saiam para a reunião do Conselho.

Quando Lash voltou do esconderijo de seu pai, só precisou de aproximadamente dez minutos para voltar completamente à vida antes de entrar no Mercedes e dirigir até aquele rancho ridículo onde as drogas tinham sido embaladas. Estava tão atordoado que pensou que seria um milagre se não se chocasse com algo e quase o fez. Enquanto esfregava os olhos e tentava fazer uma ligação telefônica, não freou suficientemente rápido num semáforo vermelho e quase bateu o carro.

Desligou o telefone e se concentrou na porcaria do volante. Provavelmente era melhor que falar com o Sr. D de qualquer forma, uma vez que ele ainda estava sob a neblina paterna, como ele a chamava.

Droga, o aquecedor o deixava ainda mais atordoado.

Lash baixou os vidros e desligou o ar quente que flutuava até o assento dianteiro do sedã, e quando chegou à porcaria da casa, estava muito mais alerta. Estacionando nos fundos, para que o carro ficasse protegido pelo alpendre fechado e pela garagem, entrou pela porta da cozinha.

– Onde você está? – gritou. – Quais as novidades?

Silêncio.

Colocou a cabeça dentro da garagem. Quando só viu o Lexus, concluiu que o Sr. D, Grady e os outros dois provavelmente estavam no caminho de volta depois de terem liquidado aquele outro traficante. O que significava que tinha tempo para arranjar alguma coisa para comer. Enquanto ia à geladeira que estava abastecida para ele, telefonou para o pequeno texano. Um toque. Dois toques.

Estava tirando um sanduíche de peru e checando o prazo de validade quando a caixa postal do Sr. D foi ativada.

Lash endireitou-se e encarou o telefone. Nunca recorria ao correio de voz. Nunca.

Claro, talvez a reunião tenha atrasado e nesse momento podiam estar no

meio dela.

Lash comeu e esperou, acreditando que retornaria a chamada imediatamente. Quando isso não aconteceu, entrou na sala de estar, ligou o *notebook* e acessou o *software* de GPS que localizava cada um dos telefones da Sociedade Redutora no mapa de Caldwell. Estabeleceu uma busca pelo Sr. D e descobriu…

O cara estava viajando em alta velocidade e se deslocava para leste. E os outros dois *redutores* estavam com ele.

Então, por que não atendia ao maldito telefone?

Desconfiado, Lash ligou outra vez e começou a andar enquanto a ligação chamava e chamava. Até onde conseguia enxergar, não havia nada fora do lugar na casa. A sala estava igual, os outros dois quartos e o quarto principal estavam em ordem, todas as janelas tinham o cadeado em seu lugar e as persianas estavam abaixadas.

Estava telefonando para o texano pela terceira vez quando passou pelo corredor que dava para a rua lateral da casa…

Lash se deteve no meio do caminho e virou a cabeça para a única porta que não tinha aberto – pela qual entrava uma brisa fria ao longo do batente.

Não tinha de abrir a coisa para saber o que tinha acontecido, mas mesmo assim arrombou a maldita coisa. A janela estava em pedaços e havia manchas pretas – eram de borracha, não era sangue de assassino – ao redor do peitoril.

Dando uma rápida olhada pela abertura, Lash observou que sobre a fina capa de neve havia pegadas que se dirigiam para a rua. Sem dúvida a fuga a pé não tinha durado muito. Nos arredores daquela tranquila vizinhança havia muitos carros onde poderia ser feita uma ligação direta, e isso era coisa de jardim de infância para qualquer criminoso que conseguia, minimamente, fazer valer as calças.

Grady tinha fugido.

E sua jogada o surpreendia. Não era o diamante mais brilhante da corrente, mas a polícia estava procurando por ele. Por que arriscar-se a ter outro grupo de filhos da mãe o caçando?

Lash entrou na sala e franziu a testa ao ver o sofá onde Grady deixou a caixa gordurenta da *pizza* e… o jornal de Caldwell que estava lendo.

O qual estava aberto na parte de obituários.

Pensando no punho machucado de Grady, Lash se aproximou e recolheu o jornal…

Cheirou algo nas páginas. Perfume Old Spice. Ah, então o Sr. D tinha um pouco de inteligência e tinha dado uma olhada na coisa também.

Lash examinou as colunas. Vários humanos idosos. Um na casa dos sessenta. Dois na dos cinquenta. Nenhum deles tinha um nome parecido com o de Grady nem com seu sobrenome. Três eram de fora da cidade, mas tinham família na cidade…

E lá estava: Christianne Andrews, de vinte e quatro anos. Não havia a causa da morte, mas tinha sido no domingo, e o enterro havia acontecido naquele dia no Cemitério Bosque dos Pinheiros. A observação sob seu nome? *No lugar de flores, por favor, envie donativos ao Departamento de Polícia de Caldwell que serão destinados ao Fundo de Vítimas de Violência Doméstica*.

Lash se lançou sobre o computador portátil e checou o relatório do GPS. O Focus do Sr. D se dirigia para… bem, o que acha? Para o Cemitério Bosque dos Pinheiros, onde a adorável Christianne descansaria por toda a eternidade nos braços dos anjos.

Agora a história de Grady estava clara: o imbecil espancava sua garota com regularidade até que uma noite seu jeito estúpido de amar foi longe demais. Ela morre, a polícia encontra seu corpo e começam a procurar o namorado traficante que descarregava o estresse de seu trabalho em casa com sua mulherzinha. Não era à toa que estavam atrás do cara.

E o amor superava tudo… até mesmo o senso comum dos criminosos.

Lash saiu e se desmaterializou para o cemitério, pronto para ter uma boa conversa não só com o humano idiota, mas também com os malditos e estúpidos assassinos que deveriam ter vigiado melhor o imbecil.

Materializou-se a uns nove metros de distância de um carro estacionado – o que quase o levou a ser visto pelo cara que estava sentado dentro da coisa. Deslocando-se rapidamente para trás da estátua de uma mulher que vestia uma túnica, Lash verificou o que estava acontecendo no sedã: a julgar pelo cheiro, havia um humano ali dentro. Um humano que tinha tomado muito café.

Um policial disfarçado. Que sem dúvida estava esperando que o filho da mãe do Grady fizesse exatamente o que ia fazer: ou seja, prestar suas condolências à garota que tinha assassinado.

Sim, bem, duas pessoas poderiam participar do jogo de "espere e verá". Lash pegou o telefone e protegeu a tela brilhante com a palma da mão. O texto que enviou ao Sr. D dizia para ele parar a busca, e Lash esperava muito

que ele lesse a mensagem a tempo. Com a polícia presente no lugar, Lash se encarregaria de Grady sozinho.

E, em seguida, se lançaria sobre quem quer que tenha deixado o humano sozinho tempo suficiente para que pudesse escapar.

# CAPÍTULO 46

**Parado ao pé da** escadaria principal, Wrath terminou de se preparar para a reunião com a *glymera* colocando um colete à prova de balas.

– É leve.

– O peso nem sempre indica que é melhor – disse V. enquanto acendia um cigarro feito à mão e fechava com rapidez seu isqueiro de ouro.

– Tem certeza disso?

– Quando se trata de coletes à prova de balas, sim, tenho. – Vishous exalou, e a fumaça escureceu seu rosto momentaneamente antes de flutuar para cima, em direção ao teto ornamentado. – Mas se isso fizer se sentir melhor, podemos amarrar uma porta de garagem em seu peito. Ou um carro, quem sabe.

O som de passos fortes que vinham atrás dele ecoou no suntuoso e colorido saguão, quando Rhage e Zsadist desceram juntos, como uma dupla de genuínos assassinos, com as adagas da Irmandade colocadas nos coldres próximos do peito e com os punhos para baixo. Quando chegaram diante de Wrath, houve um ruído de campainha que vinha da porta de entrada, e Fritz foi arrastando os pés para deixar que Phury entrasse; ele havia se desmaterializado vindo das Adirondacks, assim como Butch, que tinha acabado de atravessar o pátio.

Wrath sentiu que uma descarga elétrica passava por ele ao olhar seus Irmãos. Apesar de ainda faltar dois deles, podia sentir o sangue guerreiro que tinham em comum percorrendo o corpo deles e saboreou a necessidade coletiva de lutar contra o inimigo, seja ele um *redutor* ou alguém de sua própria raça.

Um suave som proveniente das escadas o fez girar a cabeça.

Tohr estava descendo do segundo andar com cuidado, como se não tivesse certeza se podia confiar nos músculos das coxas para que resistissem e sustentassem seu peso. Pelo que Wrath podia ver, o Irmão estava vestido com calças camufladas que se ajustavam a uns quadris do tamanho dos de um

menino, e usava um suéter negro grosso de gola alta, que acumulava um pouco de tecido sob as axilas. Não havia adagas no peito, mas tinha um par de pistolas penduradas no cinturão de couro que, com esperança e uma prece, estava mantendo as calças no lugar.

Lassiter estava ao seu lado, mas pela primeira vez o anjo não estava bancando o espertalhão. Contudo, não olhava por onde ia. Por alguma razão, olhava fixamente para o mural que havia no teto, o dos guerreiros lutando nas nuvens.

Todos os Irmãos olharam para Tohr, mas ele não parou, nem encontrou o olhar de ninguém, simplesmente continuou caminhando até chegar ao piso de mosaico. E também não parou ali. Passou pela Irmandade, foi até a porta que conduzia para a noite e esperou.

O único eco do que tinha sido antes era o porte de sua mandíbula. Aquela rígida estrutura óssea era paralela ao chão e continuava assim. Tudo que ele sabia é que ia sair e ponto.

Sim, mas estava errado.

Wrath aproximou-se dele e disse suavemente:

– Desculpe-me, Tohr…

– Não há razão para se desculpar. Vamos.

– Não.

Houve vários movimentos incômodos, como se os outros Irmãos estivessem odiando aquilo tanto quanto Wrath.

– Não está forte o suficiente. – Wrath queria colocar a mão sobre o ombro de Tohr, mas sabia que isso levaria a um violento encolher de ombros, dada a forma que mantinha o frágil corpo tenso. – Apenas espere até estar preparado. Esta guerra… esta maldita guerra ainda vai continuar.

O relógio de torre que ficava no andar superior começou a badalar, o som ritmado se difundia do escritório de Wrath, passando pelo corredor de estátuas e caindo sobre os ouvidos da Irmandade. Eram onze e meia. Hora de sair se quisessem examinar o local da reunião antes que os membros da *glymera* chegassem.

Wrath amaldiçoou em voz baixa e olhou por cima do ombro para os cinco guerreiros vestidos de negro. Eles permaneciam juntos como uma unidade. O corpo deles soava com poder, as armas não estavam constituídas apenas pelo que havia nos cintos e coldres, mas também pelo que eram suas mãos, pés, braços, pernas e mente. A força mental estava no sangue; o treinamento e a

força bruta na carne.

É preciso ter as duas coisas para lutar. A vontade levava apenas até certo ponto.

– Você vai ficar – disse Wrath. – Ponto final.

Com uma maldição, abriu caminho pelo corredor de entrada e saiu do outro lado. Deixar Tohr para trás era ruim, mas não havia outra escolha. O Irmão estava indefeso a ponto de ser um perigo para si mesmo e seria uma inconveniente distração. Se fosse até o local? Cada um dos Irmãos o teria em mente, por isso todo o grupo ficaria com a cabeça em outro lugar – isso não é exatamente o que se quer quando se vai a uma reunião onde alguém pode tentar assassinar o rei. Pela, vejamos… pela segunda vez na mesma semana.

Enquanto as portas externas da mansão se fechavam com um som ensurdecedor, Tohr ficou do outro lado. Wrath e os Irmãos se prepararam sob as rajadas de vento vigorosas que açoitavam a montanha do complexo, corriam através do pátio e ondulavam entre os carros que havia ali.

– Maldição – murmurou Rhage enquanto se concentravam no longínquo horizonte.

Após um momento, Vishous girou a cabeça para Wrath e seu perfil ficou contra o céu cinza.

– Precisamos…

O som de uma arma de fogo detonou, e o cigarro que V. tinha entre os lábios foi arrancado de sua boca. Ou talvez tivesse se transformado em vapor.

– Que droga! – gritou V. enquanto recuava.

Todos se viraram juntos, procurando suas armas, embora soubessem que não havia maneira alguma de que seus inimigos pudessem estar perto da grande fortaleza de pedra.

Tohr estava parado tranquilamente na entrada da mansão, os pés plantados solidamente, e as mãos segurando com força a arma que tinha acabado de disparar.

V. se jogou para frente, mas Butch o impediu, segurando o peito com firmeza, impedindo que derrubasse Tohr ao chão.

Mas isso não deteve a boca de V.

*– Em que diabos está pensando?*

Tohr baixou a arma.

– Talvez eu ainda não esteja preparado para lutar corpo a corpo, mas sou de longe o melhor atirador entre vocês.

– É um maldito louco – cuspiu V. – É isso que é.

– Acha mesmo que eu colocaria uma bala na sua cabeça? – O tom de voz de Tohr era uniforme. – Já perdi o amor da minha vida. Disparar num dos meus Irmãos não é o tipo de caça que estou procurando. Como falei, sou o melhor de todos com uma arma e esse não é o tipo de recurso que devem deixar na reserva numa noite como esta. – Tohr voltou a guardar sua pistola SIG. – E antes que seus *porquês* me enlouqueçam, eu tinha que fazer uma demonstração, e era melhor que fosse nesse seu horrível cavanhaque de bode. E isso não quer dizer que eu não mataria para obrigá-lo a barbear esse queixo que está implorando por isso.

Houve uma longa pausa.

Wrath explodiu em gargalhadas. O que, obviamente, era algo insano. Mas a ideia de não precisar deixar Tohr para trás como um cão foi um alívio tão impressionante que tudo que pôde fazer era continuar a rir.

Rhage foi o primeiro a se unir e atirou a cabeça para trás. As luzes da mansão refletiram em seu brilhante cabelo loiro e em seus dentes brancos. Enquanto ria, levantou a grande mão e a pousou sobre o coração como se estivesse esperando que a coisa não entrasse em curto.

Butch foi o próximo, o tira riu com força e soltou o peito de seu melhor amigo. Phury sorriu durante um segundo e, em seguida, seus grandes ombros começaram a estremecer – o que estimulou Z., até que seu rosto com cicatrizes apresentou um grande e largo sorriso.

Tohr não sorriu, mas a satisfação com a qual apoiou o peso do corpo nos calcanhares lembrou um reflexo do homem que costumava ser. Sempre foi um cara sério, daqueles mais interessados em se certificar de que todos estivessem calmos e bem do que em fazer brincadeiras e ser um gozador. Mas isso não significava que não pudesse rir de vez em quando.

Era a razão pela qual tinha sido o líder perfeito para a Irmandade. Tinha o conjunto de habilidades necessárias para esse trabalho: uma cabeça no lugar e um coração caloroso.

Em meio às risadas, Rhage olhou para Wrath. Sem uma palavra, os dois se abraçaram, e quando se afastaram, Wrath deu a seu Irmão o equivalente masculino de um pedido de desculpas – um bom golpe no ombro. Em seguida virou para Z., e este assentiu uma vez. O que era a versão abreviada de Zsadist para "sim, se comportou como um imbecil, mas tinha suas razões e já estamos bem".

Difícil saber quem começou, mas alguém colocou os braços sobre os ombros de alguém do seu lado, em seguida, esse fez o mesmo e terminaram num amontoado como se fossem jogadores de futebol americano. O círculo que formaram debaixo daquele vento frio era desigual e composto por alturas variadas, larguras de peitos e de braços diferentes. Mas juntos formavam uma unidade.

De pé, quadril com quadril com seus irmãos, Wrath viu algo muito raro e especial, algo que ele tinha certeza de que ia acontecer de novo: a Irmandade estava reunida uma vez mais.

– Ei… não querem dividir um pouco desse "romance entre Irmãos" por aqui?

A voz de Lassiter fez que erguessem a cabeça. O anjo estava em pé nos degraus da mansão e seu brilho conferia à noite uma luz suave e encantadora.

– Posso bater nele? – perguntou V.

– Mais tarde – respondeu Wrath, rompendo o círculo. – E muitas, muitas vezes.

– Não era exatamente o que eu tinha em mente – murmurou o anjo enquanto cada um se desmaterializou para a reunião, e Butch partiu dirigindo para encontrar-se com eles.

Xhex tomou forma entre um grupo de pinheiros que estava mais ou menos a noventa metros da tumba de Chrissy. Escolheu esse lugar não porque esperasse que Grady estivesse ali parado sobre a lápide, choramingando sobre a manga de sua jaqueta de águia, mas sim porque queria sentir-se ainda pior do que já se sentia… e não podia pensar em um lugar melhor para isso do que onde os restos mortais da garota acabariam sendo levados assim que chegasse a primavera.

Entretanto, e para sua surpresa, não estava sozinha. Por duas razões.

O sedã estacionado bem na curva, com um ângulo de visão claro até a tumba, era, sem dúvida, do detetive De la Cruz ou um de seus subordinados. Mas havia mais alguém.

Na verdade, uma força maléfica.

Cada instinto *sympatho* que possuía lhe dizia para andar com cuidado. Até onde podia distinguir, aquela coisa era um *redutor* muito poderoso, e num movimento de autoproteção, ela se isolou, fundindo-se na paisagem…

Bem, bem, bem… outro imprevisto para lidar.

Do norte, um grupo de homens se aproximava, dois deles eram altos e o

outro muito menor. Todos estavam vestidos de negro e sua coloração era tão clara que pareciam noruegueses.

Genial. A menos que houvesse uma nova gangue de loiros na cidade, aqueles caras eram *redutores*.

O departamento de polícia de Caldwell, a Sociedade Redutora e uma presença pior, todos brincando de correr ao redor da tumba de Chrissy? Quais eram as possibilidades?

Xhex esperou, observando como os assassinos se separavam e procuravam árvores atrás das quais poderiam se esconder.

Só havia uma explicação: Grady tinha se associado aos *redutores*. Não era nenhuma surpresa, se levasse em conta que faziam o recrutamento entre criminosos, especialmente do tipo violento.

Xhex deixou alguns minutos passarem, curtindo a situação, esperando apenas estourar o momento da ação que era inevitável, considerando o elenco do filme. Ela precisava voltar ao clube, mas as coisas iam ter de continuar por lá sem ela, porque não ia sair dali de jeito nenhum.

Grady tinha de estar a caminho.

Um pouco mais de tempo se passou, muito vento frio soprou e muitas nuvens de um azul-escuro e um cinza-brilhante passaram flutuando ao longo da face da lua.

E, então, do nada, os *redutores* foram embora.

A presença malévola também se desmaterializou.

Talvez tivessem desistido, mas não parecia provável. Pelo que sabia dos *redutores*, tinham muitos defeitos, mas *déficit* de atenção não era um deles. Isso poderia significar que ou tinha acontecido algo mais importante, ou tinham mudado de…

Ouviu um barulho na terra.

Olhando por cima do ombro, viu Grady.

Estava encolhido contra o frio, os braços dobrados num casaco preto grande demais e arrastava os pés sobre a fina cobertura de neve. Olhava ao redor, procurando entre as tumbas mais novas, e se continuasse procurando logo encontraria a de Chrissy.

É claro que isso também significava que logo veria o tira incógnito no carro. Ou o tira o veria.

Certo. Hora de fazer uma jogada.

Concluindo que os assassinos permaneceriam afastados, Xhex poderia

lidar com o policial sozinha.

Não perderia esta oportunidade. De jeito nenhum.

Desligando o celular, preparou-se para iniciar seu trabalho.

# CAPÍTULO 47

**– Maldição, temos de ir** – disse Rehv atrás de sua escrivaninha. Ao finalizar outra ligação para o celular de Xhex, atirou seu telefone novo como se não fosse nada além de um pedaço de lixo, algo que evidentemente estava se transformando num péssimo hábito. – Não sei onde diabos ela está, mas temos de ir.

– Ela vai voltar. – Trez colocou uma capa de couro negro e se dirigiu para a porta. – E com aquele humor é melhor que esteja ausente. Vou conversar com o supervisor de turno e pedir que me avise caso surja qualquer tipo de problema, em seguida vou pegar o Bentley.

Quando saiu, iAm voltou a checar as duas armas que tinha sob os braços, os olhos negros estavam calmos e as mãos eram firmes. Satisfeito, o macho pegou sua capa de couro cinza-aço e a vestiu.

O fato de que os casacos dos irmãos fossem parecidos fazia sentido. Trez e iAm gostavam das mesmas coisas. Sempre. Embora não fossem gêmeos de nascimento, vestiam-se de forma similar e sempre estavam armados com armas idênticas e compartilhavam as mesmas ideias, valores e princípios de maneira bastante consistente.

Havia, porém, algo em que eram diferentes: iAm permanecia perto da porta, em silêncio e quieto como um cão dobermann em serviço. Mas sua falta de conversa não significava que não fosse tão mortal quanto seu irmão, pois os olhos do cara expressavam um grande volume de coisas, apesar de sua boca permanecer firmemente fechada como que com parafusos: iAm nunca perdia nada.

Incluindo, é claro, os antibióticos que Rehv tirou do bolso e engoliu. Assim como o fato de utilizar uma agulha esterilizada em seguida.

– Bom – disse o macho, enquanto Rehv voltava a baixar a manga e vestia a jaqueta do terno.

– Bom o quê? – iAm simplesmente olhou-o fixamente do outro lado do escritório, com uma expressão de “não seja imbecil, sabe perfeitamente bem

do que estou falando".

Fazia isso com frequência. Falar muito com apenas um olhar.

– Deixa pra lá – murmurou Rehv. – Não se anime muito, não é como se eu tivesse virado uma página e começado de novo.

Podia estar tratando a infecção do braço, mas ainda havia muita porcaria pendente por todos os lados de sua vida.

– Tem certeza disso?

Rehv revirou os olhos e ficou em pé, deslizando um saco de M&M para dentro do bolso de seu casaco.

– Pode acreditar.

iAm adotou uma expressão de "ah, mesmo?" ao cravar os olhos no casaco de Rehv e disse:

– Virou fã de chocolate?

– Oh, cale a boca. Os comprimidos devem ser tomados com comida. Tem algum sanduíche de presunto e queijo com você? Eu não.

– Eu podia fazer um macarrão com molho igual ao do Restaurante do Sal. Avise com mais antecedência da próxima vez.

Rehv saiu do escritório.

– Podia deixar de ser tão atencioso. Faz me sentir pior do que já estou.

– Isso é problema seu, não meu.

Ao saírem do escritório, iAm falou em seu relógio e Rehv não perdeu nada de seu tempo no trajeto entre a porta lateral do clube e o carro. Quando estava dentro do Bentley, iAm desapareceu, viajando como uma sombra ondulada sobre o chão, revolvendo papéis, fazendo repicar uma lata velha e bagunçando a neve solta.

Chegaria antes ao lugar da reunião e abriria o local enquanto Trez dirigia com Rehv até lá.

Rehv marcou a reunião nesse lugar por dois motivos. Primeiro, ele era o *lídher*, então o Conselho deveria se reunir onde dissesse – e Rehv sabia que eles ficariam irritados por considerarem o local inferior. Sempre um prazer. E, segundo, era uma propriedade que adquiriu como investimento, então estava em seu território.

Sempre uma necessidade.

O Restaurante do Sal, lar do famoso "molho do Sal", era uma instituição italiana na cidade e fazia mais de cinquenta anos que tinha iniciado o negócio. Quando o neto do proprietário original, Sal III, como era conhecido,

desenvolveu um horrendo hábito pelo jogo e contraiu uma dívida de cento e vinte mil dólares com os apostadores de Rehv, deu-se a troca olho por olho: o neto transferiu a escritura legal do estabelecimento para Rehv e ele não rompeu o compasso da terceira geração.

O que, em termos leigos, significava que o cara não teve seus cotovelos e joelhos destroçados a ponto de precisar de substituições nas articulações.

Ah! E a receita secreta do molho do Sal tinha vindo com o restaurante – solicitação acrescentada por iAm: durante as negociações que tinham durado, se muito, um minuto e meio, o Sombra tinha elevado a voz para dizer que sem o molho, não haveria trato. E exigiu prová-lo para se certificar de que a receita estava certa.

Desde essa feliz transação, o Mouro administrava o lugar e, veja só, estava dando lucros. Mas isso é o que acontece quando não se emprega cada centavo disponível apostando em times de futebol ruins. O movimento estava em alta no restaurante, a qualidade da comida voltava a ser a de antes e o lugar estava recebendo uma cirurgia estética na forma de novas mesas, cadeiras, toalhas, tapetes e candelabros.

Todos os quais eram réplicas exatas do que havia antes.

Não se destrói a tradição, como dizia iAm.

A única mudança interna era uma que ninguém podia ver: uma malha de aço tinha sido aplicada em cada centímetro quadrado das paredes e tetos, e todas as portas, exceto uma, tinham sido reforçadas com a mesma coisa.

Ninguém poderia se desmaterializar para dentro ou para fora do local sem que a gerência soubesse ou aprovasse.

Para falar a verdade, o dono do lugar era Rehv, mas o restaurante era o bebê de iAm, e o Mouro tinha razão ao estar orgulhoso de seus esforços. Até os italianos mais tradicionais apreciavam sua comida.

Quinze minutos depois, o Bentley estacionou no pórtico do restaurante. No edifício, as luzes estavam apagadas, inclusive as que iluminavam o nome Sal, contudo, o estacionamento deserto estava iluminado com um brilho alaranjado das lanternas a gás antigas.

Trez aguardou na escuridão com o motor ligado e as portas do carro à prova de balas trancadas, enquanto evidentemente se comunicava com seu irmão da forma como faziam os Sombras. Após um momento, fez um gesto afirmativo com a cabeça e desligou o motor.

– Tudo tranquilo. – Saiu e deu a volta no Bentley para abrir a porta traseira

para Rehv, que agarrou sua bengala e deslizou seu corpo adormecido pelo assento de couro para sair. Durante o tempo que levaram para cruzar o pavimento e abrir a pesada porta negra, a arma do Mouro esteve sempre para fora da capa e sobre a coxa.

Entrar no Sal era como atravessar o Mar Vermelho.

Frank Sinatra os recebeu com a canção *Wives and lovers* fluindo dos alto-falantes embutidos no teto de veludo. No chão, o tapete vermelho tinha sido substituído recentemente e brilhava com a mesma luz e intensidade que sangue humano recém-derramado. As paredes ao redor também eram vermelhas, e a iluminação era como a de uma sala de cinema, ou seja, a maior parte estava no chão. Durante o horário comercial, a recepção e o lugar onde deixavam os casacos eram atendidos por vistosas mulheres de cabelo escuro com vestidos curtos, e todos os garçons usavam ternos negros com gravatas vermelhas.

Na lateral, havia uma fileira de telefones públicos dos anos cinquenta e duas máquinas de cigarros antigos e, como sempre, o lugar cheirava a orégano, alho e boa comida. No fundo, havia um aroma persistente de cigarros e charutos – mesmo a lei estabelecendo que não é permitido fumar nesse tipo de estabelecimento. Na sala dos fundos, onde estavam as mesas reservadas e se realizavam os jogos de pôquer, a administração permitia o fumo.

Rehv nunca gostou muito desse monte de vermelho por todos os lados, mas sabia que enquanto pudesse olhar em volta das duas salas de jantar e ver que as mesas com as toalhas brancas e as cadeiras de couro tinham a forma adequada, ele estava bem.

– A Irmandade já está aqui – disse Trez enquanto se dirigiam para a sala particular onde seria a reunião.

Quando entraram na sala, não se ouvia conversas, nenhuma risada, nem sequer um limpar de garganta entre os machos que ocupavam o espaço. Os Irmãos estavam alinhados ombro a ombro diante de Wrath, que estava parado frente à única porta que não estava reforçada com aço – assim, ele poderia se desmaterializar num piscar de olhos se as coisas chegassem a esse ponto.

– Boa noite – disse Rehv, escolhendo um lugar na cabeceira da longa e estreita mesa que tinha sido disposta com vinte cadeiras.

Os guerreiros resmungaram um cumprimento, mas estavam na verdade completamente focados na porta de entrada que Rehv acabara de atravessar.

A mensagem era simples: mexa com Wrath e terá de enfrentar todos os Irmãos juntos.

E quem diria? Parece que eles tinham adquirido um mascote. Um pouco mais afastado, para a esquerda, havia um cara forte que emitia um brilho fosco. Ele usava calça camuflada, e seu longo cabelo loiro e moreno o fazia parecer um metaleiro dos anos 1980 em busca de uma banda. Contudo, o aspecto de Lassiter, o anjo caído, não era menos feroz que o dos Irmãos. Talvez fossem os *piercings*. Ou talvez fosse por causa dos olhos, que eram completamente brancos. Não importa, as vibrações que o cara emitia eram realmente intensas.

Interessante. Dada a forma como olhava para a porta, como os outros, poderia se dizer que aquele anjo também faria de tudo para proteger Wrath.

iAm entrou pelos fundos, com a arma em uma mão e uma bandeja com *cappuccinos* na outra.

Vários Irmãos aceitaram o que foi oferecido, apesar de todos aqueles copos delicados pudessem atrapalhar caso tivessem de lutar.

– Obrigado, amigo. – Rehv também pegou um *cappuccino*. – Cannoli?

– Está vindo.

As instruções para ir à reunião foram indicadas com clareza de antemão. Os membros do Conselho deveriam chegar pela parte da frente do restaurante. Se algum deles sequer tocasse a campainha de outra porta correria o risco de ser baleado. iAm liberaria a entrada e os acompanharia até a outra sala. A saída também seria pela porta da frente e lhes daria cobertura para que pudessem se desmaterializar em segurança. Aparentemente, as medidas de segurança de Rehv se deviam à "preocupação com os *redutores*". Mas o verdadeiro motivo era proteger Wrath.

iAm entrou com os cannoli.

Os cannoli foram comidos.

Trouxeram mais *cappuccinos*.

Frank cantou *Fly me to the moon*. Em seguida veio aquela canção que falava do bar que estava fechando, e ele precisava encontrar outro no caminho.

E aquela das três moedas numa fonte. E o fato de que estava apaixonado por alguém.

Próximo a Wrath, Rhage trocou o peso imponente do corpo de uma bota para outra e a jaqueta de couro chiou. Perto dele, o rei fez rodar os ombros e

um deles estalou. Butch apertou os dedos. V. acendeu um cigarro. Phury e Z. se entreolharam.

Rehv lançou um olhar para iAm e Trez que estavam na entrada. Voltou a olhar para Wrath.

– Mas quem diria.

Fazendo um bom uso de sua bengala, ficou em pé e deu uma volta ao redor da sala, seu lado *sympatho* sentiu respeito pela tática ofensiva dos Irmãos que resultou na ausência inesperada dos outros membros do Conselho. Nunca teria pensado que tinham coragem suficiente para…

A campainha soou na porta da frente.

Quando Rehv virou a cabeça, ouviu o suave som metálico do deslizar das travas das armas que estavam nas mãos dos Irmãos.

Do outro lado da rua, em frente aos portões fechados do Cemitério Bosque dos Pinheiros, Lash caminhou até um Honda Civic que estava estacionado nas sombras. Quando colocou a mão sobre o capô, sentiu que estava quente e não teve de ir até o lado do banco do motorista para saber que a janela tinha sido quebrada. Aquele era o carro que Grady tinha utilizado para ir até a tumba de sua falecida ex.

Quando ouviu o som de botas se aproximando no asfalto, agarrou a arma que levava no bolso superior do paletó.

– Por que ligou pedindo que abandonássemos o caso?…

Com toda calma, Lash ergueu a arma apontado-a para a cabeça do *redutor*.

– Dê um motivo para que eu não abra um buraco nesse seu maldito cérebro agora.

Os assassinos que estavam do lado do Sr. D deram um passo atrás. Bem atrás.

– Porque fui eu quem descobriu que ele tinha fugido – disse o Sr. D com seu sotaque texano. – Esse é o motivo. Esses dois não tinham nem a menor ideia de onde ele estava.

– Você estava no comando. Você o perdeu.

O Sr. D tinha o olhar sereno.

– Eu cuido de todo seu dinheiro. Quer que outra pessoa faça isso? Acho que não.

Droga, bom argumento. Lash baixou a arma e olhou para os outros dois. Diferente do Sr. D, que estava firme como uma rocha, os outros estavam

muito agitados. O que indicava exatamente quem tinha perdido Grady.

– Quanto dinheiro entrou? – perguntou Lash, ainda encarando seus homens.

– Muito. Está tudo no Escort.

– Bom, quem diria, meu humor está melhorando – murmurou Lash, guardando a arma. – Quanto ao motivo de detê-los, Grady está a ponto de ser preso com minhas sinceras felicitações. Quero que seja a noiva de alguém algumas vezes e que desfrute da vida atrás das grades antes que o mate.

– Mas e quanto ao?…

– Temos os contatos dos outros dois traficantes e podemos vender o produto por nossa conta. Não precisamos mais dele.

O som de um carro aproximando-se dos portões de ferro vindo de dentro do cemitério fez que todos girassem a cabeça para a direita. Era o carro do policial que estava estacionado do outro lado da curva próximo daquela nova tumba, e quando aquele instrumento de trabalho parou, um vapor subiu do escapamento, emitindo sons como se o motor estivesse morrendo. Desceu um cara muito desarrumado de cabelo escuro. Depois de abrir as correntes, empurrou com violência um lado do portão que dizia não entre, em seguida, atravessou com o carro, voltou a descer e fechou o lugar outra vez.

Não havia mais ninguém no carro com ele.

Virou à esquerda, e as luzes vermelhas foram desaparecendo enquanto se afastava.

Lash olhou para o Civic que era a única maneira que Grady tinha para sair dali.

Que diabos tinha acontecido? O policial deve ter visto Grady, porque estava indo direto com o carro para o…

Lash se enrijeceu e girou sobre a bota.

Havia algo mais no cemitério. Algo que tinha acabado de se decidir por revelar a si mesmo.

Algo que percebia exatamente como aquele *sympatho* do norte do Estado.

E esse foi o motivo pelo qual o tira tinha ido embora. Foi induzido a fazer isso.

– Volte ao rancho com o dinheiro – disse ao Sr. D. – Vejo você lá.

– Sim senhor. Imediatamente.

Lash não registrou a resposta do cara. Estava interessado demais em saber que diabos estava acontecendo ao redor da tumba da garota.

# CAPÍTULO 48

**Xhex estava satisfeita que** a mente humana fosse como argila: não levou muito tempo para fazer que o cérebro de José De la Cruz registrasse a ordem que lhe deu, e assim que o fez, colocou seu copo de café frio no porta-copos e ligou o carro.

Do outro lado, entre as árvores, Grady parou sua marcha de zumbi. Parecia estar muito chocado ao ver que havia um sedã ali. Entretanto, ela não se preocupou de que o cara pudesse perder a coragem. A dor pela perda, o desespero e o remorso enchiam o ar que o rodeava, e aquela grade emocional logo faria ele avançar para aquela nova tumba, com maior determinação do que qualquer pensamento que ela pudesse implantar na mente do filho da mãe.

Xhex esperou enquanto ele esperava… e assim que De la Cruz se foi, as botas dele voltaram para o jogo, levando Grady para onde ela o queria.

Quando ele chegou à lápide, um som afogado escapou de sua boca e foi o primeiro soluço de muitos que seguiram. Começou a soluçar como uma mocinha, e sua respiração saía em nuvens brancas enquanto se agachava sobre o lugar onde a mulher que tinha assassinado passaria o próximo século em decomposição.

Se gostava tanto de Chrissy, por que não pensou nisso antes de liquidá-la?

Xhex saiu de trás de um carvalho e deixou sua máscara cair, revelando-se na paisagem. Enquanto se aproximava do assassino de Chrissy, levou a mão até a parte de trás da cintura e desencapou a faca de aço inoxidável que elegantemente estava guardada ao longo de sua espinha dorsal. A arma era longa como seu antebraço.

– Olá, Grady – disse.

Grady girou e caiu de repente, como se tivessem metido um cartucho de dinamite no traseiro e ele fosse apagar o pavio na neve.

Xhex manteve a lâmina atrás da coxa.

– Como vai?

– O que…?

Buscou com o olhar as duas mãos. Quando só viu uma, retrocedeu como um caranguejo, sobre as mãos e pés, arrastando o traseiro pelo chão.

Xhex o seguiu, procurando manter uma distância de um metro entre eles. A julgar pela forma como Grady insistia em olhar por cima do ombro, diria que estava se preparando para fazer um giro e sair correndo, e ela se manteria quieta até que ele…

Bingo.

Grady saltou para a esquerda, mas ela caiu sobre ele, agarrando-o pelo pulso e usando seu impulso de fuga para que viesse contra ela. Acabou de barriga para baixo com a arma dobrada atrás das costas e completamente à sua mercê. E é óbvio que ela tinha nascido com uma carência absoluta de misericórdia. Com um golpe rápido, fez um corte em seu braço, atravessando o grosso casaco e a pele fina e suave.

Fez isso só para distraí-lo e funcionou. Grady uivou com a dor e logo começou a cobrir a ferida.

Isso deu a ela tempo de sobra para agarrar sua bota esquerda e torcer até que ele não se importou mais com o que estava acontecendo no braço. Gritou e tentou aliviar a pressão fazendo um movimento, mas ela plantou um joelho na parte baixa das costas dele e manteve-o no lugar enquanto quebrava seu tornozelo. Saiu rapidamente de cima dele, e com outro corte incapacitou sua outra perna fatiando os tendões de sua coxa.

Isso cortou seu choramingar pela metade.

Quando Grady foi atingido pela dor, perdeu o fôlego e se acalmou… até que ela começou a arrastá-lo para a sepultura. Ele lutou por todo o caminho da mesma maneira que gritava, mas obteve mais ruído que resultado. Uma vez que ele estava no lugar onde o queria, cortou os tendões do outro braço para que não conseguisse mover as mãos. Então, ela o virou para que tivesse uma boa vista do céu e puxou seu casaco para cima.

Ela cortou seu cinto ao mesmo tempo em que mostrava a faca.

Homens são engraçados. Não importa o quanto estejam ferrados, é só aproximar algo comprido, afiado e brilhante de suas partes íntimas que eles perdem a estribeira.

– Não!…

– Oh, sim. – Aproximou a lâmina de seu rosto. – Claro que sim.

Ele lutou com força, apesar das feridas, e ela se deteve para desfrutar do

espetáculo.

– Vai estar morto antes de eu ir embora – disse, enquanto ele se sacudia por toda parte. – Mas você e eu vamos passar um tempo juntos antes de eu ir. Não muito, sabe? Tenho de voltar para o trabalho. É melhor eu ser rápida.

Colocou a bota sobre seu peito para imobilizá-lo, arrancou o botão e o zíper da braguilha e baixou-lhe as calças.

– Quanto tempo levou para matá-la, Grady? Quanto tempo?

Em pânico total, gemia e se contorcia. Seu sangue manchou a neve branca de vermelho.

– Quanto tempo, filho da mãe? – Fez um corte ao longo da cintura de sua cueca. – Quanto tempo a fez sofrer?

Um momento depois, Grady gritou tão forte que o som sequer foi humano; parecia mais com o eco estridente de um corvo negro.

Xhex fez uma pausa e desviou o olhar em direção à estátua da mulher com túnica que havia passado tanto tempo olhando durante o funeral de Chrissy. Por um momento, pareceu que o rosto de pedra tinha mudado de posição, como se a bonita fêmea já não estivesse olhando para Deus e, sim, para Xhex.

Só que isso não era possível, era?

Enquanto Wrath permanecia atrás da parede de Irmãos, seus ouvidos captaram o som distante da porta da frente do restaurante abrindo e fechando, isolando o sutil giro das dobradiças entre a voz de Sinatra. Seja lá quem estivessem esperando tinha acabado de chegar, e tanto seu corpo quanto seus sentidos e coração desaceleraram, como se estivessem se aproximando de uma curva fechada e se preparando para acelerar ao percorrê-la.

Apertou os olhos para poder focá-los melhor. A sala vermelha, a mesa branca e as nucas de seus Irmãos se fizeram um pouco mais claros enquanto iAm voltava a aparecer na porta.

Um macho extremamente bem-vestido o acompanhava.

Certo, aquele cara tinha a palavra *glymera* estampada por todo seu elegante visual. Com cabelos loiros ondulados penteados para um lado, tinha um estilo tipo *O Grande Gatsby*, seu rosto era tão perfeitamente proporcional e equilibrado que poderia se dizer que ele era mesmo muito bonito. Seu casaco de lã negra foi confeccionado para ajustar-se ao seu corpo magro e na mão levava uma fina maleta de documentos.

Wrath nunca o tinha visto antes, mas parecia jovem para a situação que

acabava de entrar. Muito jovem.

Não era nada além de um bode expiatório muito caro e cheio de estilo.

Rehvenge caminhou a passos largos até o menino. O *sympatho* segurava sua bengala como se fosse desembainhar uma espada, caso o Gatsby se atrevesse a sequer respirar fundo.

– É melhor que comece a falar. Agora.

Wrath se adiantou, metendo-se entre Rhage e Z., e nenhum dos dois ficou muito contente com a mudança de posição. Um rápido gesto de mão impediu que tentassem se manobrar para ficar na frente dele.

– Qual o seu nome, filho? – A última coisa de que precisavam era de um cadáver, e com Rehv nunca se tinha muita certeza de nada.

Gatsby fez uma sóbria reverência e logo se endireitou. Quando falou, foi com uma voz surpreendentemente profunda e segura, considerando a quantidade de pistolas automáticas prontas para atirar.

– Sou Saxton, filho de Tyhm.

– Já ouvi seu nome antes. Você prepara os relatórios das linhagens de sangue?

– Sim.

Então o Conselho realmente estava buscando novos membros fora das linhagens nobres? Ele não era nem mesmo filho de um membro do Conselho.

– Quem o enviou, Saxton?

– O tenente de um homem morto.

Wrath não fazia ideia de como a *glymera* soube da morte de Montrag e não se preocupava com isso. Contanto que a mensagem chegasse até a outra pessoa envolvida no complô. Isso era tudo que importava.

– Por que não nos diz o que veio dizer?

O macho colocou a maleta sobre a mesa e soltou a fechadura dourada. No instante em que fez isso, Rehv puxou sua espada vermelha e a colocou bem próxima de sua garganta pálida. Saxton congelou e olhou ao redor sem mover a cabeça.

– Seria melhor que se movesse devagar, filho – murmurou Wrath. – Há muitos caras com gatilhos a postos nesta sala e hoje você é o alvo favorito de todos.

Aquela voz estranhamente profunda disse palavras contidas.

– É por isso que disse a ele que tínhamos de fazer isso.

– Fazer o quê? – disse Rhage, sempre impulsivo. Apesar de a espada de

Rehv, Hollywood estava preparado para saltar sobre Gatsby tirando ou não algum tipo de arma daquela maleta.

Saxton olhou para Rhage e, em seguida, voltou a se concentrar em Wrath.

– No dia seguinte em que Montrag foi assassinado…

– Interessante escolha de palavras – disse Wrath, se perguntando o quanto aquele cara sabia exatamente.

– Claro que foi um assassinato. Quando se morre simplesmente, geralmente os olhos não somem do crânio.

Rehv sorriu, revelando um conjunto perfeito de presas na boca.

– Isso depende de seu assassino.

– Continue – incitou Wrath. – E, Rehv, se não se importa, relaxe um pouco essa sua lâmina.

O *sympatho* retrocedeu um pouco, mas não guardou a arma, e Saxton o olhou antes de continuar.

– Na noite em que Montrag foi assassinado, isto foi entregue a meu chefe. – Saxton abriu a maleta de documentos e tirou um envelope de seda. – Era de Montrag.

Colocou a coisa com a face para baixo sobre a mesa para mostrar que o selo de cera não tinha sido rompido e se afastou.

Wrath olhou o envelope.

– V., poderia fazer as honras da casa?

V. se adiantou e pegou o envelope com a mão enluvada. Ouviu-se o leve rasgar de um papel e, em seguida, um sussurro silencioso de papéis deslizando.

Silêncio.

V. guardou novamente os documentos, colocou o envelope no bolso de trás da calça e olhou fixamente para o Gatsby.

– Podemos acreditar que você não leu isso?

– Não li. Meu chefe também não. Ninguém o fez desde que a cadeia de custódia recaiu sobre meu chefe e sobre mim.

– Cadeia de custódia? Você é advogado ou só um assistente jurídico?

– Estou estudando para ser advogado na Antiga Lei.

V. se inclinou para frente e despiu as presas.

– Tem certeza de que não leu isto, certo?

Saxton devolveu o olhar ao Irmão como se estivesse momentaneamente fascinado com as tatuagens na têmpora de V. Depois de um momento,

balançou a cabeça e falou com aquela voz grave.

– Não estou interessado em ingressar na lista de pessoas que são encontradas mortas e sem olhos. Muito menos meu chefe. O selo que tinha nesse documento foi colocado pelas mãos de Montrag. Qualquer coisa que haja dentro não foi lido desde que ele deixou que a cera quente escorresse sobre o envelope.

– Como sabe que foi Montrag que o preencheu?

– A caligrafia que está na frente do envelope é dele, sei por que vi muitas notas suas em documentos. Além disso, seu *doggen* pessoal trouxe isso até nós a pedido dele.

Enquanto Saxton falava, Wrath estudava cuidadosamente as emoções do macho, aspirando com seu nariz. Não havia engano. Tinha a consciência limpa. O arrumadinho se sentia atraído por V., mas além disso? Não havia nada. Nem sequer medo. Estava cauteloso, mas calmo.

– Se estiver mentindo – disse V. suavemente –, vamos saber e iremos atrás de você.

– Não duvido disso nem por um segundo.

– Quem diria? O advogado tem um cérebro.

Vishous ocupou novamente seu lugar na fila e sua mão voltou a segurar a coronha da arma.

Wrath desejava saber o que havia no envelope, mas entendia que não era adequado verificar qualquer coisa que estivesse ali dentro em tão variada companhia.

– Então, onde estão seu chefe e seus amigos, Saxton?

– Nenhum deles virá. – Saxton olhou as cadeiras vazias. – Todos estão aterrorizados. Depois do que aconteceu com Montrag, trancaram-se em casa e permanecerão assim.

Bem, pensou Wrath. Com a *glymera* exibindo seu talento para covardia, tinha uma coisa a menos com a qual se preocupar.

– Obrigado por vir, filho.

Saxton entendeu muito bem a dispensa: voltou a fechar a maleta, fez outra reverência e se virou para ir embora

– Filho?

Saxton parou e voltou-se.

– Meu senhor?

– Teve de convencer seu chefe a fazer isso, não é? – Um discreto silêncio

foi a resposta. – Então é um bom assessor, e acredito em você… até onde sabe, nem você nem seu empregador espreitaram o envelope para ver o que havia dentro. Entretanto, dou um conselho. Se eu fosse você, procuraria outro trabalho. As coisas ficarão piores antes de melhorar e o desespero faz que até as pessoas mais honrosas se transformem em lixo. Já o enviaram à boca do leão uma vez. Vão fazer isso de novo.

Saxton sorriu.

– Se precisar de um advogado pessoal, avise-me. Depois de todo o treinamento em heranças, patrimônios e linhas sucessórias que tive neste verão, tenho a intenção de começar a trabalhar por conta própria.

Fez outra reverência e logo partiu acompanhado de iAm, com a cabeça alta e o passo firme.

– O que tem aí, V.? – perguntou Wrath em voz baixa.

– Nada de bom, meu senhor, nada de bom.

A visão de Wrath escureceu, voltando ao seu estado normal de inutilidade desfocada, e a última coisa que viu com alguma clareza foi como o olhar congelado de V. se deslocou e se fixou em Rehvenge.

# CAPÍTULO 49

**Quando o carro do** policial deixou o cemitério, Lash se concentrou completamente na presença *sympatho* que acabava de se revelar dentro dos portões.

– Saiam daqui – disse a seus homens.

Quando eles sumiram, Lash voltou para o túmulo da garota morta…

Ouviu um grito. Parecia vir de uma ópera desafinada, uma soprano que tinha perdido o controle de sua voz, e o tom estava voando alto de maneira que o canto se transformou em guincho. Quando Lash reassumiu sua forma, ficou irritado por ter perdido a diversão e os jogos… porque aquilo deve ter sido digno de ser visto.

Grady estava deitado de costas com as calças abaixadas, sangrando por vários lugares, mas, sobretudo, por um corte recente que atravessava seu esôfago. Estava vivo como uma mosca no peitoril de uma janela quente, tinha os braços e as pernas contorcendo-se lentamente.

Sua assassina erguia-se do chão: era aquela vadia machona do ZeroSum. E, ao contrário da mosca moribunda, ela soube o momento exato que Lash entrou em cena. Virou-se rapidamente e assumiu uma posição de combate, com o rosto focado, segurava firme a faca que gotejava e suas coxas estavam rígidas para que pudesse impulsionar seu corpo duro para frente.

Estava muito *sexy*. Especialmente quando franziu a testa ao reconhecê-lo.

– Pensei que estivesse morto – disse ela. – E pensei que fosse um vampiro.

Ele sorriu.

– Surpresa. E você também esteve mantendo um segredo, não?

– Não, eu nunca gostei de você, e isso não mudou.

Lash balançou a cabeça e olhou seu corpo descaradamente.

– Fica muito bem vestida de couro, sabia?

– E você ficaria bem melhor todo engessado.

Ele riu.

– Golpe baixo.

– Assim como meu alvo. Faça os cálculos.

Lash sorriu, e com algumas vívidas imagens, fez crescer sua atração até obter uma ereção completa porque sabia que ela perceberia: imaginou-a ajoelhada frente a ele, com seu membro na boca, enquanto sustentava sua cabeça com as mãos e ele gozava até que ela engasgasse.

Xhex revirou os olhos.

– Pornografia. Barata.

– Não. Sexo. Futuro.

– Sinto muito, não estou interessada em loirinhos cretinos parecidos com o Justin Timberlake. Ou Ron Jeremy.

– Veremos. – Lash assinalou com a cabeça o humano, cujas contorções abrandavam como se estivesse congelando no frio

– Então, tenho a impressão de que me deve algo.

– Se está se referindo a um ferimento com uma arma branca, faço isso já.

– Isso – disse apontando Grady – era meu.

– Deveria aumentar seus padrões. Isso – disse imitando sua postura – é porcaria de cachorro.

– Fezes são um bom fertilizante.

– Então vou espalhar você na terra pra ver o que acontece.

Grady deixou escapar um gemido e os dois olharam para ele. O bastardo estava na etapa final da morte, seu rosto tinha a mesma cor da terra congelada que havia ao redor da própria cabeça, o sangue que fluía de suas feridas estava diminuindo.

De repente, Lash percebeu o que ela tinha enfiado na boca dele e olhou para Xhex.

– Cara… poderia me interessar seriamente por uma mulher como você, devoradora de pecado.

Xhex passou a lâmina afiada de sua arma ao longo da lápide, o sangue de Grady foi transferido do metal à pedra como se estivesse marcando sua vingança.

– Você tem coragem, *redutor*, considerando o que fiz a ele. Será que vai continuar com esse sorriso depois que eu castrar você também?

– Sou diferente.

– Menor que ele? Cristo, que decepção. Agora, se me dá licença, estou dando o fora daqui.

Levantou a faca e o saudou, em seguida, desapareceu.

Lash encarou o espaço de ar que ela ocupava, até que Grady borbulhou como um ralo que escorre a última poça de água da banheira.

– Viu só? – perguntou Lash ao idiota. – Que fêmea. Vou ter de ir atrás dela.

O último suspiro de Grady saiu do buraco de sua garganta, porque não tinha outra saída, já que sua boca estava ocupada.

Lash colocou as mãos nos quadris e observou o corpo que esfriava.

Xhex… ele ia se certificar de que os caminhos deles se cruzassem novamente. E esperava que contasse aos Irmãos o que tinha visto: um inimigo perturbado era melhor que um equilibrado. Sabia que a Irmandade se perguntaria que diabos o Ômega tinha feito para transformar um vampiro num *redutor*, mas isso era só uma pequena parte da história.

Ele ainda apresentaria o final da piada.

Enquanto Lash passeava lentamente pela noite fria, acomodou-se dentro de sua calça e decidiu que precisava transar. Só Deus sabia o quanto estava no clima para isso.

Enquanto iAm trancava a porta da frente do restaurante, Rehvenge guardou sua espada vermelha e observou Vishous. O Irmão o olhava fixamente de uma maneira ruim.

– Então, o que há aí dentro? – Rehv disse.

– Você.

– Montrag tentou me responsabilizar pelo complô para matar Wrath? – Já não importava que fosse esse o caso. Rehv já tinha demonstrado de que lado estava ao fazer que passassem a faca no filho da mãe.

Vishous sacudiu a cabeça lentamente, em seguida, observou quando iAm se uniu a seu irmão.

Rehv falou bruscamente.

– Não há nada que não saibam sobre de mim.

– Bom, então, aí vai, devorador de pecado. – V. jogou o envelope sobre a mesa. – Aparentemente, Montrag sabia o que você é. E, sem dúvida, foi por isso que ele pediu a você para matar Wrath. Ninguém acreditaria que não foi ideia sua e apenas sua se fosse revelado que você é um *sympatho*.

Rehv franziu a testa e pegou o que parecia ser um depoimento que narrava como seu padrasto foi assassinado. Mas. Que. Droga! O pai de Montrag esteve na casa depois do assassinato; isso Rehv sabia. Mas que o cara não só

tinha feito o *hellren* de sua mãe falar, mas também atestar aquilo? E que não fez nada em seguida com a informação?

Rehv lembrou da reunião que teve dias atrás no escritório de Montrag… e o feliz comentário do cara a respeito de que sabia o tipo de macho que era Rehv.

Ele sabia de tudo. E não só sobre o tráfico de drogas.

Rehv colocou o documento de volta no envelope. Droga, se aquilo viesse à tona, a promessa que tinha feito para sua mãe explodiria em pedaços.

– Então, o que diz exatamente aí dentro? – perguntou um dos Irmãos.

Rehv colocou o envelope dentro de seu casaco de pele.

– Uma declaração juramentada assinada por meu padrasto pouco antes de morrer denunciando o fato de eu ser um *sympatho*. É original, a julgar pela assinatura que foi feita com sangue no final. Mas o quanto vocês querem apostar que Montrag tinha mais cópias?

– Talvez seja falsa – murmurou Wrath.

Improvável, pensou Rehv. Muitos detalhes do que aconteceu naquela noite estavam corretos.

Num instante, ele estava de volta ao passado, na noite em que tinha feito aquilo. Tiveram que levar sua mãe à clínica de Havers porque teve um de seus inúmeros "acidentes". Quando deixaram claro que ela precisaria ficar em observação durante o dia, Bella ficou com ela e Rehv tomou uma decisão.

Foi para casa, reuniu os *doggens* e encarou o pesar coletivo de todos aqueles que serviam à sua família. Podia se lembrar claramente de ter olhado os machos e as fêmeas da casa e encontrar um a um os olhares de todos eles. Muitos tinham chegado ao lar graças ao seu padrasto, mas permaneceram por causa de sua mãe. E todos esperavam que ele fizesse algo para deter o que estava acontecendo há tanto tempo.

Pediu para que todos saíssem da mansão por uma hora.

Não houve qualquer dissidência e cada um deles o abraçou ao sair. Todos sabiam o que faria e também era a vontade deles.

Rehv esperou até que o último *doggen* saísse, e em seguida foi ao escritório de seu padrasto e encontrou o macho examinando documentos à mesa. Em sua fúria, Rehv se encarregou do macho à moda antiga, medindo cada golpe, devolvendo a dor infligida à sua mãe antes de conduzir o filho da mãe à verdadeira e merecida recompensa.

Quando a campainha da porta de frente soou, Rehv concluiu que os

funcionários tinham voltado e estavam dando tempo para que pudessem declarar que não tinham visto o assassino em ação. Precisando dar um último "vá se ferrar", acertou um golpe tão forte no crânio de seu padrasto que a coluna do bastardo espancador saiu do lugar.

Movendo-se rapidamente, Rehv se desvencilhou do corpo, abriu a porta da frente da mansão com a mente e saiu pela porta dos fundos. Seria perfeito quando os *doggen* voltassem para casa e "encontrassem" o corpo, já que eles eram dóceis por natureza e nunca se envolveriam num ato de violência. Além disso, a essa altura, seu lado *sympatho* estava rugindo e precisava se controlar.

E, naquela época, isso não envolvia dopamina. Precisava usar a dor para domar o devorador de pecado que havia nele.

Tudo parecia estar em seu lugar… até que soube, na clínica, que o pai do Montrag tinha encontrado o corpo. Contudo, acabou não sendo grande coisa. Pelo que o macho havia dito na época, Rehm tinha entrado, deparou-se com a cena e chamou Havers. Quando o médico chegou, os funcionários já estavam lá e declararam que a ausência do grupo se devia ao solstício de verão e tinham estado fora se preparando para as cerimônias que celebrariam naquela semana.

O pai de Montrag tinha representado bem seu papel, assim como seu filho. Qualquer alteração emocional que Rehv tivesse captado, naquela época ou durante a reunião que teve há alguns dias, as teria atribuído à recente morte ou ao assassinato, dois fatos que estavam bem presentes nos dois momentos.

Deus, estava claro, muito claro, o motivo pelo qual Montrag buscou Rehv para assassinar Wrath. Depois que a morte ocorresse, Montrag mostraria a declaração juramentada que exporia Rehv como assassino e como *sympatho* e, dessa forma, quando fosse deportado, assumiria o poder não só do Conselho, mas também da raça inteira.

Hum. Bem pensado.

Pena que não deu certo. Fazia que uma maldita lágrima brotasse aos olhos, não?

– Sim, deve haver mais declarações – murmurou Rehv. – Ninguém enviaria sua única cópia ao mundo.

– Valeria a pena fazer uma visita a essa casa – disse Wrath. – Se os herdeiros de Montrag se apoderarem de algo assim, todos nós teremos problemas, entendem?

– Ele morreu sem descendência, mas, sim, há alguém de sua linhagem em algum lugar. E vou me certificar de que não descubram isso.

De maneira alguma o fariam quebrar a promessa que tinha feito à sua mãe.

Não ia acontecer.

# CAPÍTULO 50

**Enquanto Ehlena fazia suas** compras no supermercado ao qual sempre ia porque ficava aberto vinte e quatro horas, deveria estar de melhor humor. As coisas com Rehv não poderiam ter ficado melhores. Quando chegou a hora de partir para sua reunião, ele tomou um banho rápido e permitiu que ela escolhesse suas roupas, inclusive a gravata. Em seguida, a envolveu com seus braços e ficaram juntos por alguns momentos, coração com coração.

Finalmente, ela saiu do corredor da cobertura com ele e esperaram juntos o elevador. Quando as portas abriram, ele as manteve abertas enquanto a beijava uma vez, duas vezes. E uma terceira vez. Ao final, recuou, e enquanto as portas gêmeas se fechavam, ergueu seu telefone, apontou para ele e em seguida para ela.

O fato de prometer ligar para ela fez que a despedida fosse muito mais fácil. E adorava a ideia de ter escolhido o terno preto, a camisa branca engomada e a gravata vermelho-sangue que estava vestindo.

Então, sim, ela deveria estar mais feliz. Especialmente por causa de seu apuro financeiro ter sido minimizado com o empréstimo do Banco Rehvenge.

Mas Ehlena estava nervosa.

Deteve-se no corredor dos sucos, em frente a uma fileira ordenada no estilo "você encontra tudo aqui" e olhou por cima de seu ombro. À esquerda havia mais sucos e à direita barras de cereais e biscoitos. Na frente do supermercado estavam os caixas, a maioria dos quais fechados e, depois disso, as janelas de vidros escuros da loja.

Alguém a estava seguindo.

Percebia isso desde que tinha voltado à cobertura de Rehv, se vestido e desmaterializado no terraço depois de ele fechar o local.

Quatro garrafas de suco foram parar no carrinho, em seguida, foi ao corredor dos cereais. Na seção de carnes, escolheu um frango assado que parecia estar empalhado em vez de cozido, mas, a essa altura, só precisava de um pouco de proteína que pudesse simplesmente aquecer no fogão. Depois,

foi procurar um bife para seu pai. Leite. Manteiga. Ovos.

A única desvantagem de sair depois de meia-noite era que todos os caixas automáticos estavam fechados, então teve de esperar atrás de um homem que tinha o carrinho cheio de comida congelada. Enquanto a moça do caixa passava os bifes pelo escaner, Ehlena olhava fixamente através do vidro da frente da loja imaginando se estaria ficando louca.

– Sabe como cozinhar estes? – perguntou o homem enquanto erguia uma das finas caixas.

Evidentemente, ele tinha interpretado mal seu olhar fixo e achou que podia simplesmente passar uma cantada na fila do supermercado. Os olhos do humano mostravam desejo e vagavam pelo corpo de Ehlena, e tudo que ela conseguia pensar era no que Rehvenge poderia fazer ao homem.

Isso a fez sorrir.

– Leia a caixa.

– Você poderia ler pra mim.

Manteve o mesmo volume de voz e adotou um tom aborrecido.

– Sinto muito, acho que meu namorado não ia gostar disso.

O humano pareceu um pouco desapontado ao dar de ombros e entregar seu jantar congelado à garota que estava atrás da caixa registradora.

Dez minutos depois, Ehlena empurrou seu carrinho, atravessou as portas automáticas e um frio desagradável e cortante surgiu. Felizmente, o táxi que tinha tomado para ir à loja estava exatamente onde deveria estar e isso a deixou mais aliviada.

– Precisa de ajuda? – perguntou o taxista através da janela que tinha aberto.

– Não, obrigada. – Enquanto colocava os sacos plásticos no banco de trás, deu uma olhada ao redor, perguntando-se que diabos faria o motorista se um *redutor* saltasse da traseira de uma caminhonete e fizesse algumas travessuras com eles.

Depois de entrar e sentar-se, o motorista acelerou e Ehlena observou o supermercado, e a meia dúzia de carros que estavam estacionados bem perto da entrada. O senhor Comida Congelada vagava ao redor de sua caminhonete, seu rosto se iluminou quando acendeu um cigarro.

Nada. Ninguém.

Esforçou-se para se recostar contra o banco e decidiu que estava louca. Ninguém a observava. Ninguém a perseguia…

Ehlena levou a mão à garganta, quando um pavor repentino a afligiu. Oh, Deus… será que sofria da mesma enfermidade que seu pai? E se aquela paranoia fosse um dos primeiros sintomas? E se…?

– Está tudo bem aí atrás? – perguntou o motorista enquanto a olhava pelo espelho retrovisor. – Parece que está tremendo.

– É só o frio.

– Bem, deixe-me direcionar um pouco de ar quente até você.

Quando uma rajada quente soprou em seu rosto, olhou pela janela. Nenhum carro à vista. E os *redutores* não podiam se desmaterializar, então… será que era esquizofrênica?

Cristo, quase preferia estar sendo seguida por um assassino.

Ehlena pediu que o motorista a deixasse o mais perto possível dos fundos da casa alugada e deu um pouco mais de gorjeta por ter sido tão gentil.

– Vou esperar até que entre – disse ele.

– Obrigada. – E, cara, realmente se sentia agradecida.

Com duas sacolas de plástico penduradas em cada uma das mãos, caminhou rapidamente para a porta e teve de apoiar a carga no chão, porque ao ser uma idiota muito ocupada se torturando, não tinha separado as chaves. Justo quando colocava a mão na bolsa para remexer lá dentro, o táxi arrancou.

Ergueu os olhos quando as lanternas já estavam virando a esquina. Que diabos?…

– Olá.

Ehlena congelou. A presença estava bem atrás dela. E sabia muito bem quem era.

Quando girou bruscamente, viu uma fêmea alta com cabelos negros, vestindo túnica e olhos brilhantes. Ah, sim… aquela deveria ser a outra mulher de Rehvenge…

– A outra metade de Rehvenge… – a fêmea corrigiu. – Sou sua outra metade. E lamento que o motorista do seu táxi tenha ido embora tão rápido.

Por instinto, Ehlena cobriu os pensamentos com a imagem de uma propaganda que viu no supermercado: um pôster grande de latas vermelhas de batatas Pringles.

A fêmea franziu a testa como se não tivesse ideia do que estava vendo na mente que tentava invadir, mas logo sorriu.

– Não tem nada a temer de mim. Só pensei que poderia compartilhar

algumas coisas com você, referentes ao macho com quem acaba de transar naquela cobertura.

E isso acabou com o disfarce que estava usando para cobrir seus pensamentos. Para manter a calma, Ehlena precisou de todo seu treinamento profissional. Essa situação era como um caso de emergência, disse a si mesma. O corpo de um vampiro ensanguentado acabava de passar por ela numa maca e tinha de deixar de lado todos os temores e as emoções para lidar com a situação.

– Você ouviu o que eu disse? – perguntou a fêmea arrastando as palavras, seu tom discursivo não seguia qualquer padrão que Ehlena tivesse ouvido antes: os sons da letra "s" se estendiam até formarem assovios. – Observei vocês através do vidro, até o momento em que ele se retirou antes de gozar em você. Quer saber por que fez isso?

Ehlena manteve a boca fechada e começou a pensar como poderia chegar até o *spray* de pimenta que tinha na bolsa. De alguma maneira, porém, não acreditava que aquilo fosse surtir algum efeito…

Mas que droga, aquelas coisas eram… escorpiões vivos nas orelhas dela?

– Ele não é como você. – A fêmea sorriu com maligna satisfação. – E não apenas por ser um grande traficante de drogas. Ele não é um vampiro. – Quando Ehlena contraiu as sobrancelhas, a fêmea riu. – Não sabia de nada disso?

Evidentemente, seus Pringles e todo seu treinamento não estavam fazendo nem um pouco o trabalho deles.

– Não acredito em você.

– ZeroSum. No centro. Ele é o dono. Conhece o lugar? Provavelmente não, já que não parece o tipo que frequenta o local… e sem dúvida essa é a razão pela qual ele gosta de transar com você. Deixe-me dizer o que ele vende. Mulheres humanas. Drogas de todos os tipos. E sabe por quê? Porque ele é como eu, não como você. – A fêmea se aproximou e seus olhos brilharam. – E sabe o que eu sou?

Uma vadia, pensou Ehlena.

– Sou uma *sympatho*, garotinha. Isso é o que ele e eu somos. E ele é meu.

Ehlena começou a se perguntar se morreria naquela noite, ali na entrada dos fundos com quatro sacolas de alimentos a seus pés. Mas não porque aquela fêmea mentirosa fosse mesmo uma *sympatho* – mas porque qualquer um suficientemente louco para sugerir semelhante coisa, era completamente

capaz de matar.

A fêmea continuou com sua voz estridente.

– Quer mesmo conhecê-lo? Vá àquele clube e procure por ele. Faça que lhe diga a verdade e saiba o que deixou entrar em seu corpo, pequenina. E lembre-se, ele é todo meu, sexualmente, emocionalmente, tudo o que ele é, é *meu*.

Com um dedo de três articulações, ela acariciou o rosto de Ehlena e, então, sem mais nem menos, a fêmea desapareceu.

Ehlena tremia tanto que, por um momento, ficou paralisada, o tremor era tão profundo dentro de seus músculos que a imobilizou. O que a salvou foi o frio. Quando um sopro gelado atingiu a calçada, empurrou-a para frente, mas conseguiu se sustentar antes de tropeçar em suas compras.

A chave da casa, quando finalmente a encontrou, entrou na fechadura com tanto sucesso quanto àquela da ambulância. Pulava… pulava… pulava…

Finalmente.

Girou a chave, abriu a fechadura e praticamente atirou as sacolas no interior da casa antes de bater a porta e trancar tudo com cuidado, incluindo os cadeados internos e a corrente de segurança.

Avançou com as pernas bambas e sentou na mesa da cozinha. Quando seu pai elevou a voz perguntando o motivo de tanto barulho, disse que era o vento e rezou para que não subisse para vê-la.

No silêncio que se seguiu, Ehlena não sentiu nenhuma presença fora da casa, mas a ideia de que alguém assim soubesse da relação que tinha com Rehv e de seu endereço… oh, Deus, aquela fêmea demente os observou.

Cambaleando, correu para a pia da cozinha e ligou a torneira para cobrir o barulho se, por acaso, fosse sentir náuseas. Na esperança de acalmar o estômago, uniu as mãos em forma de concha, pegou um pouco de água nelas e bebeu alguns goles antes de lavar o rosto.

A bebida e o ato de enxaguar o rosto esclareceram um pouco sua mente.

As denúncias que aquela fêmea tinha feito eram totalmente estranhas e bizarras, muito longe do âmbito da realidade – e a julgar pelo brilho de seus olhos, era evidente que tinha motivos egoístas para dizer tudo aquilo.

Rehv não era nada daquilo. Senhor da droga. *Sympatho*. Cafetão. Sem chance!

Com certeza não se pode acreditar em nada que uma ex-namorada do tipo perseguidora diz, nem sequer qual é a cor favorita do macho. Especialmente

considerando que Rehv havia deixado bem claro que a garota era problemática – e com razão não queria falar sobre isso. Ninguém gostaria de admitir para a pessoa com a qual estava começando uma relação que em sua vida havia uma psicopata perseguidora e que não admite ser ignorada.

O que devia fazer agora? Bom, era óbvio. Ela contaria a Rehv. Não de uma maneira em que evidenciasse estar em pânico e que permitisse a continuidade do drama, mas sim diria algo como "foi isso o que aconteceu e deve ficar ciente de que essa pessoa é realmente instável".

Ehlena ficou satisfeita com o plano.

Até que tentou tirar o telefone da bolsa e percebeu que ainda estava tremendo. Sua reação mental poderia ser lógica, mas sua adrenalina estava sendo liberada a todo vapor.

O que estava fazendo? Ah… sim. Rehvenge. Ligar para Rehvenge.

Enquanto discava seu número, começou a relaxar um pouco. Iriam dar um jeito nisso.

Ficou surpresa por um momento quando escutou seu correio de voz, mas logo lembrou-se de que ele tinha uma reunião. Estava quase desligando, mas não gostava de fazer rodeios e não havia motivos para esperar.

– Oi Rehv, acabo de receber uma visita daquela… fêmea. Ela disse um monte de loucuras a seu respeito. Eu só… bom, pensei que deveria saber. Para ser honesta, ela é assustadora. Enfim, talvez possa me ligar para conversarmos sobre isso. Realmente agradeceria. Tchau.

Desligou e ficou olhando o telefone, rezando para que retornasse logo a ligação.

Wrath tinha feito uma promessa a Beth e a manteve. Apesar de aquilo estar lhe matando.

Quando ele e seus Irmãos finalmente saíram do restaurante, foi direto para casa, junto com seus novecentos quilos de guarda pessoal. Estava nervoso e com fome de socos, aborrecido e zangado, mas havia dito a sua *shellan* que não sairia ao campo de batalha depois do pequeno episódio da cegueira e não o faria.

A confiança é algo que deve ser trabalhado, e considerando o buraco que tinha aberto no alicerce de sua relação, ia ter muito trabalho para voltar ao nível de antes.

Além disso, se não podia lutar, havia outra coisa a fazer para aliviar a

tensão.

Quando a Irmandade entrou no corredor, o som de suas botas ecoou e Beth saiu correndo da sala de bilhar como se estivesse esperando exatamente isso. Com um salto, estava em seus braços antes que ele pudesse sequer piscar e isso era bom.

Depois de um rápido abraço, afastou-se para poder observá-lo.

– Você está bem? O que aconteceu? Quem apareceu? Como?…

Os Irmãos começaram a falar todos ao mesmo tempo, porém não sobre a reunião. Estavam falando do território de caça que ocupariam durante as três horas que restavam antes do amanhecer.

– Vamos ao escritório – disse Wrath por cima do barulho. – Não consigo ouvir nem meus próprios pensamentos.

Enquanto ele e Beth subiam as escadas, gritou a seus irmãos.

– Obrigado por me protegerem mais uma vez.

O grupo se deteve e se voltou para encará-lo. Depois de um instante de silêncio, formaram um semicírculo ao pé da escada e todos fecharam o punho com a mão que empunhava a arma. Com um grande grito de guerra, agacharam, apoiaram-se sobre o joelho direito e golpearam o chão de mosaico com os fortes punhos. O som foi como o de um trovão, de tambores e a explosão de uma bomba. Ricocheteou e se expandiu, preenchendo todos os cômodos da mansão.

Wrath olhou para eles, observando a cabeça curvada deles, as amplas costas dobradas e os poderosos braços plantados no chão. Todos tinham ido àquela reunião preparados para receber uma bala em seu nome e sempre seria assim.

Atrás da figura menor de Tohr, estava Lassiter, o anjo caído, com sua coluna ereta, mas sem fazer brincadeiras diante daquela reafirmação de lealdade. Em vez disso, olhou fixamente o maldito teto outra vez. Wrath olhou para cima, para o mural com silhuetas de guerreiros que se destacavam sobre um céu azul e não conseguiu distinguir as imagens que havia ali.

Voltando-se para o que estava acontecendo, disse no Antigo Idioma: *Nem aliados mais fortes, nem maiores amigos, nem melhores e mais honráveis guerreiros que estes que se reuniram a mim um rei poderia ter, meus Irmãos, meu sangue*.

Um ondulante grunhido de resposta se ergueu quando os guerreiros ficaram em pé outra vez e Wrath acenou com a cabeça a cada um deles. Não

tinha palavras para oferecer, pois sua garganta se fechou de repente, mas não precisavam de nada além disso. Eles o olhavam com respeito, reconhecimento e determinação, e Wrath aceitou aquela enorme oferta com solene gratidão e firmeza. Aquela era uma aliança milenar entre o rei e seus súditos, um compromisso das duas partes que se fazia com o coração e que se levava na mente perspicaz e no corpo forte.

– Deus, amo vocês, meninos – disse Beth.

Houve profundas risadas, e então Hollywood disse:

– Quer que golpeemos o chão outra vez para você? Os punhos são para os reis, mas usamos as adagas para as rainhas.

– Não quero que tirem lascas desse bonito chão. Mas obrigada de qualquer maneira.

– É só dizer, e o chão se transforma em entulho.

Beth riu.

– Acalmem-se, meus queridos.

Os Irmãos se aproximaram e beijaram o Rubi Saturnino que Beth usava no dedo, e quando cada um se inclinou para fazer as honras, a rainha acariciou gentilmente o cabelo dos guerreiros. Exceto Zsadist, a quem ela sorriu com ternura.

– Desculpem, caras – disse Wrath. – Precisamos de um momento a sós, entendem?

Houve uma onda de aprovação masculina, que Beth aceitou com calma – e com um rubor – e então chegou o momento de terem um pouco de privacidade.

Quando Wrath começou a subir as escadas com sua *shellan* sentia como se as coisas estivessem voltando ao normal. Bem, sim, havia complôs de assassinato, dramas políticos e *redutores* por todos os lados, mas isso fazia parte da sua rotina de trabalho. E, naquele momento, tinha seus Irmãos unidos ombro a ombro e sua amada companheira em seus braços. E o povo e os *doggen* estavam seguros, por enquanto.

Beth apoiou a cabeça em seu peito e as mãos em sua cintura.

– Estou muito feliz que todos estejam bem.

– Engraçado, estava pensando exatamente a mesma coisa.

Conduziu-a até o escritório e fechou as portas. O calor da lareira era um bálsamo… e um atrativo. Quando ela caminhou até a mesa cheia de papéis espalhados, ele seguiu com o olhar o balanço de seus quadris.

Com um simples movimento de pulso ele os trancou ali.

Enquanto se aproximava, Beth tentou ordenar um pouco os documentos.

– Então que acontec?…

Wrath pressionou seus quadris contra o traseiro dela e sussurrou:

– Preciso estar dentro de você.

Sua *shellan* ofegou e deixou cair a cabeça para trás sobre seu ombro.

– Oh, Deus… sim…

Grunhindo, ele deslizou uma mão ao redor de seus seios, e quando ela conteve a respiração, ele pressionou seu membro contra ela.

– Não quero perder tempo com isso.

– Nem eu.

– Encoste na mesa.

Observar como ela se inclinava e arqueava as costas quase o fez soltar um palavrão. Então, ela separou os pés, e um longo suspiro escapou dele.

Sabia exatamente o que fazer.

Wrath apagou a luminária para que só ficassem iluminados pela luz oscilante e dourada do fogo e percorreu seus quadris com as mãos de uma maneira bruta por causa da expectativa. Agachando-se atrás dela, percorreu-lhe a coluna com as presas e fez que apoiasse todo seu peso num só pé para poder tirar seu sapato de salto alto e a perna de sua calça. Entretanto, estava muito impaciente para fazer o mesmo do outro lado – especialmente quando olhou para cima e viu a simples e deliciosa calcinha preta.

Certo. Mudança de planos.

A penetração ia ter de esperar.

Ao menos a que faria com seu membro.

Continuou agachado e tirou as armas com cuidado e rapidez, certificando-se de que as pistolas estavam travadas e as adagas presas no coldre. Se a porta não estivesse trancada, as teria guardado no armário das armas que era trancado com código, sem importar quão excitado estivesse com sua *shellan*. Com Nalla nos arredores, ninguém na casa corria o risco de que a filha de Z. e Bella encontrasse algum tipo de arma. Nunca.

Desarmado, tirou os óculos e os jogou sobre a escrivaninha, então, deslizou as mãos subindo pela parte de trás das coxas suaves de sua companheira. Separando bem suas pernas, arqueou-se para cima e se colocou entre suas coxas, levantando a boca por volta do algodão que cobria seu centro que penetraria muito em breve.

Pressionou a boca contra ela, sentindo o calor através do que vestia. Seu aroma o enlouquecia, seu membro golpeava com tanta força dentro da calça de couro que não podia ter certeza se tinha acabado de ter um orgasmo ou não. Mas acariciá-la e lambê-la através da calcinha não era o suficiente… então, pegou o algodão entre os dentes e o esfregou contra seu sexo, sabendo muito bem que a costura estava massageando o local exato que ele estava morrendo de vontade de sugar.

Beth reposicionou as mãos sobre a mesa e derrubou alguns papéis no chão.

– Wrath…

– O quê? – murmurou, acariciando-a com o nariz. – Você não gosta?

– Cale a boca e continue com…

Sua língua deslizando sob a calcinha a silenciou… e também se obrigou a ir mais devagar. Estava tão escorregadia, molhada, suave e excitada, que tudo que ele queria fazer era atirá-la sobre o tapete para penetrá-la profundamente e com força.

Mas assim eles perderiam a diversão da expectativa.

Movendo a calcinha para o lado, beijou a carne rosada, em seguida, mergulhou nela. Beth estava demais, totalmente pronta para ele – e sabia disso pelo mel que estava saboreando ao passar a língua longa e lentamente.

Mas ele queria mais, e segurar a calcinha para o lado o distraía.

Com sua presa, ele furou e logo rasgou pela metade, deixando que as duas partes ficassem penduradas em seus quadris. As palmas de suas mãos subiram até seu traseiro e o apertou com força, parando com a brincadeira e começando a acariciar seriamente a sua fêmea com a boca. Sabia o que mais gostava, sabia exatamente como devia chupá-la, lambê-la e penetrá-la com a língua.

Fechando os olhos, conseguiu sentir tudo, o aroma, o sabor e a sensação trêmula que ela sentiu quando chegou ao clímax e se distanciou um pouco. Por trás da braguilha de sua calça de couro, seu pênis estava gritando por atenção, o roçar dos botões não era nem um pouco suficiente para satisfazer o que estava exigindo, mas e daí? Sua ereção ia ter de esperar um pouco, porque aquilo era muito bom para ser interrompido tão rápido.

Quando os joelhos de Beth vacilaram, colocou-a no chão e estendeu uma de suas pernas para cima, mantendo o ritmo enquanto empurrava sua blusa de lã até o pescoço e colocava a mão debaixo do sutiã. Quando teve outro orgasmo, ela se agarrou nas pernas da escrivaninha e puxou com força,

apoiando o pé livre sobre o tapete. O empenho que ele dedicava em suas carícias empurrava os dois cada vez mais para baixo da escrivaninha até que se viu obrigado a se abaixar para poder passar os ombros.

Finalmente, a cabeça dela saiu pelo outro lado e acabou agarrando-se na cadeira afeminada onde ele se sentava e a arrastou.

Quando voltou a gritar seu nome, ele espreitou seu corpo e olhou com fúria a estúpida cadeira.

– Preciso de algo mais pesado para me sentar.

Foi a última coisa coerente que disse. Seu corpo encontrou a entrada dela com uma facilidade que mostrava toda a prática que tinham… oh, *sim*, continuava sendo tão bom quanto a primeira vez. Envolvendo-a com os braços, montou-a com firmeza e ela o acompanhou até que a tormenta que percorria seu corpo se concentrou em seus testículos fazendo-os arder. Juntos, ele e sua *shellan* se moviam como se fossem um, dando, recebendo e acelerando o ritmo mais e mais até que ele gozou e continuou se movendo, então gozou de novo e continuou se movendo, até que alguma coisa golpeou seu rosto.

Num estado completamente animal, ele grunhiu e mordeu com suas presas.

Eram as cortinas.

Ele deu um jeito de abrir caminho por baixo da escrivaninha, passando junto à cadeira até chegar à parede.

Beth estalou em gargalhadas e ele também, e em seguida se abraçaram. Relaxando ao lado dela, Wrath segurou sua companheira contra o peito e colocou sua blusa de lã de volta para que não sentisse frio.

– Então, o que aconteceu na reunião? – perguntou ela finalmente.

– Nenhum integrante do Conselho se apresentou. – Hesitou, perguntando-se onde limitar o assunto sobre Rehv.

– Nem mesmo Rehv?

– Ele estava lá, mas os outros não apareceram. É evidente que o Conselho está com medo de mim, o que não é ruim. – Tomou as mãos dela de repente. – Escuta, ah, Beth…

A tensão estava entremeada em sua resposta.

– Sim?

– Honestidade, certo?

– Certo.

– Uma coisa veio à tona. Sobre Rehvenge… sua vida… mas não me sinto à

vontade falando sobre isso porque é assunto dele. Não meu.

Ela suspirou.

– Se não envolver você ou a Irmandade…

– Envolve apenas por que nos coloca numa situação difícil. – E Beth estaria na mesma situação complicada se soubesse de toda a informação. A questão era: proteger a identidade de um *sympatho* era só a metade do problema. Até onde ele sabia, Bella não fazia nem ideia do que era seu irmão. Assim, Beth também teria de manter segredo para sua amiga.

Sua *shellan* franziu a testa.

– Se perguntar como, exatamente, isso seria um problema para vocês, eu vou saber do que se trata, não é?

Wrath assentiu e esperou.

Ela passou a mão sobre seu queixo.

– E você me diria, certo?

– Sim. – Não gostaria, mas diria. Sem hesitar.

– Certo… não vou perguntar. – Ergueu-se para beijá-lo. – E fico feliz por ter me dado a escolha.

– Vê, sou domesticável. – Segurou-lhe o rosto e pressionou sua boca contra a dela algumas vezes, sentindo o sorriso que iluminava seus lábios.

– Falando em domesticável, você gostaria de comer alguma coisa? – perguntou.

– Oh, como eu te amo.

– Vou providenciar.

– Acho melhor eu limpá-la primeiro. – Tirou a camiseta negra e passou cuidadosamente pela parte interna das coxas dela até o centro.

– Está fazendo algo mais que me limpar – disse ela, arrastando as palavras enquanto permitia que as mãos dele esfregassem a parte interna de suas coxas.

Ele se impulsionou para cima, fazendo um movimento para montar sobre ela outra vez.

– Tenho culpa? Hum…

Ela riu e o deteve.

– Comida. Depois mais sexo.

Ele mordiscou a boca pensando que a comida era superestimada. Mas, nesse momento, o estômago de sua *shellan* rugiu, e imediatamente sua única preocupação era alimentá-la, seu instinto de protegê-la e prover tudo a ela

superava o instinto sexual.

Colocando a mão sobre o abdômen plano dela, disse:

– Deixe-me buscar…

– Não, eu quero servi-lo. – Ela tocou seu rosto outra vez. – Fique aqui. Não vou demorar muito.

Quando ela ficou em pé, Wrath virou-se sobre suas costas e colocou sua muito utilizada, mas ainda muito rígida ereção dentro do couro das calças.

Beth se agachou para pegar seu *jeans*, oferecendo um panorama impressionante que fez que se perguntasse se seria capaz de esperar cinco minutos antes de penetrá-la outra vez.

– Sabe do que estou com vontade? – murmurou enquanto colocava as calças.

– Acabou de fazer amor com seu *hellren* e está querendo mais do bom e velho movimento?

Deus, amava fazê-la rir.

– Bom, sim – disse. – Mas quanto à refeição… quero comida caseira.

– Já está preparado? – Por favor, que esteja…

– Há sobras de… ah, olha sua cara!

– Prefiro que esteja menos na cozinha e mais em cima do meu… – Bom, definitivamente, não ia terminar a frase.

Entretanto, ela não pareceu ter problemas em preencher as lacunas.

– Hum, serei rápida.

– Faça isso, *leelan* e te darei uma sobremesa que fará sua cabeça rodar.

Ao atravessar o quarto, ela mostrou um belo movimento de quadris, uma pequena dança sensual que o deixou rosnando. Beth deteve-se na porta e o olhou, a luz mais forte que vinha do corredor a iluminava.

E, veja só, sua visão fraca lhe deu o mais delicioso presente de despedida: sob aquele brilho, pôde ver seu cabelo comprido e escuro caindo sobre os ombros, seu rosto ruborizado e seu corpo alto com todas as curvas.

– Você é tão bonita – disse com calma.

Beth definitivamente brilhava para ele, o aroma da sua alegria e felicidade se intensificou até que tudo que conseguiu sentir foi a fragrância das rosas noturnas que era o perfume natural dela.

Beth levou a ponta dos dedos à boca que ele tinha beijado e lhe soprou um lento e suave beijo.

– Volto já.

– Vejo você logo, então. – Apesar do quanto tinha se excitado, era provável que os dois passassem um pouco mais de tempo sob a escrivaninha.

Depois que Beth se foi, ele deitou um pouco e seus perspicazes ouvidos a escutaram descer pela escada principal. Em seguida, obrigou-se a se levantar, colocou a cadeira afeminada em seu lugar e sentou atrás da escrivaninha. Estendeu a mão e pegou os óculos para que seus olhos não tivessem de suportar a tênue luz do fogo e deixou cair a cabeça para trás…

A batida na porta fez que suas têmporas pulsassem de frustração. Cara, não conseguia ter nem dois segundos de paz? E a julgar pelo aroma de tabaco turco, já sabia quem era.

– Entra, V.

Quando o Irmão entrou, o aroma de tabaco se mesclou com a sutil fumaça do fogo que ardia no outro lado da sala.

– Temos um problema – disse Vishous.

Wrath fechou os olhos e esfregou a ponta do nariz, esperando sinceramente que sua dor de cabeça não se instalasse por toda a noite como se seu cérebro fosse um hotel.

– Diga.

– Alguém nos mandou um *e-mail* a respeito de Rehvenge. Deram vinte e quatro horas para que o enviássemos à colônia *sympatho* ou revelarão sua identidade diante da *glymera* – e deixarão claro que você e todos nós sabíamos o que ele era e, mesmo assim, não tomamos providências.

Os olhos de Wrath se abriram.

– Mas que porcaria é essa?

– Já estou investigando o endereço do *e-mail*. Se a busca através do IP der certo, serei capaz de acessar a conta e saberei a quem pertence.

– Droga… até parece que aquele documento não foi lido por mais ninguém. – Wrath engoliu em seco, a pressão em sua cabeça o fazia sentir náuseas. – Olhe, entre em contato com Rehv e informe-o a respeito do que nos enviaram. Veja o que ele diz. A *glymera* está dispersa e com medo, mas se esse tipo de porcaria chegar a eles, não teremos escolha. Vamos precisar fazer alguma coisa… do contrário, podemos ter um motim em nossas mãos e não só por parte da aristocracia, mas também dos civis.

– Certo. Logo trarei uma resposta.

– Faça isso rápido.

– Ei, você está bem?

– Sim. Vá telefonar para Rehv. Maldição.

Depois que a porta se fechou novamente, Wrath gemeu. A luz suave do fogo piorava a agonia de suas têmporas, mas não ia apagar as chamas: a escuridão não era uma opção, não depois daquela tarde quando o escuro era tudo que conseguia enxergar.

Fechando as pálpebras, tentou superar a dor. Um pouco de descanso. Era tudo o que precisava.

Apenas um pouco de descanso.

# CAPÍTULO 51

**Quando Xhex retornou ao** ZeroSum, entrou pela porta dos fundos da seção VIP e manteve as mãos nos bolsos. Graças a seu lado vampiro, não deixava impressões digitais para trás, mas mãos ensanguentadas são mãos ensanguentadas.

E havia vestígios de Grady em suas calças também.

Mas era por isso que mesmo naqueles tempos modernos, o clube continuava tendo uma antiquada caldeira de lenha no porão.

Não avisou a ninguém que tinha chegado, simplesmente deslizou para dentro do escritório de Rehv e o atravessou em direção ao quarto que havia no outro lado. Felizmente, havia tempo de sobra para se limpar e trocar de roupa, pois o departamento de polícia de Caldwell com certeza iria demorar a encontrar o corpo de Grady. A ordem que Xhex plantou na mente do detetive De la Cruz foi para ficar fora dali pelo resto da noite. Porém, com um homem como ele, existia a possibilidade de que sua consciência pudesse superar o pensamento falso. Ainda assim, tinha no mínimo algumas horas.

No quarto privativo de Rehv, fechou a porta com chave e foi direto para o chuveiro. Depois de abrir a água quente, desarmou-se e colocou toda sua roupa e as botas numa calha que levava diretamente até a caldeira.

Dane-se a máquina de lavar roupa. Este era o tipo de limpeza que pessoas como ela precisavam.

Levou sua faca junto para o chuveiro e limpou seu corpo e a lâmina com o mesmo cuidado. Ainda usava os cilícios. O sabão ardia onde as bandagens com farpas de metal se afundavam na pele das coxas e esperou até que a dor diminuísse antes de soltar um e depois outro…

A úmida agonia foi tão grande que adormeceu suas pernas e disparou até o peito, fazendo que seu coração palpitasse com força. Enquanto respirava fundo pela boca, recostou-se contra o mármore, sabendo que havia uma grande chance de desmaiar.

De algum modo, manteve-se consciente.

Observando como florescia o vermelho ao redor do ralo, pensou no cadáver de Chrissy. Naquele necrotério humano, o sangue da mulher era negro e marrom sob sua carne salpicada de cinza. O sangue de Grady estava como a cor do vinho, mas com certeza em algumas horas iria ter o mesmo aspecto que a garota que tinha matado – morto sobre uma mesa de aço inoxidável.

Ela fez bem seu trabalho.

As lágrimas vieram do nada e de todos os lugares e ela as desprezou.

Envergonhada de sua fraqueza, Xhex cobriu o rosto com as mãos apesar de estar sozinha.

Alguém tentou vingar sua morte uma vez.

Acontece que ela não estava morta – mas queria estar, enquanto seu corpo era investigado com todo tipo de "instrumentos". E o ato de heroísmo de seu vingador não deu nada certo. Murhder enlouqueceu. Pensou que estava resgatando uma vampira, mas, surpresa! Na verdade, estava arriscando sua vida para levar uma *sympatho* para casa.

Ops. Acho que se esqueceu de dizer a seu amante essa pequena parte.

Desejou ela mesma ter revelado isso. Considerando o que era, ele tinha todo direito, e talvez se tivesse sabido, ainda estaria na Irmandade. Talvez tivesse se casado com uma boa fêmea. Com certeza, não teria perdido a sanidade nem teria saído correndo para Deus sabe onde.

A vingança é um negócio perigoso, não? No caso de Chrissy, estava tudo bem. Tudo tinha dado certo. Mas às vezes o que você deseja salvar não é digno do esforço.

E Xhex não era. E o preço disso não foi apenas a mente de Murhder. Rehv ainda estava pagando por seus erros.

Pensou em John Matthew e desejou com todas as forças não ter transado com ele. Murhder tinha sido algo casual para ela. John Matthew? A julgar pela dor que sentia no centro do peito cada vez que pensava nele, suspeitava ser muito mais que isso… razão pela qual estava tentando fechar a mente ao que tinha acontecido entre eles em seu porão.

O problema estava na forma como John Matthew a tinha tratado. A ternura que tinha demonstrado ameaçava parti-la pela metade, suas emoções tinham sido suaves, gentis, respeitosas… amorosas… apesar de saber o que era. Ela teve que afastá-lo com força, pois se ele não parasse com aquilo Xhex corria o risco de pressionar seus lábios contra os dele e perder-se completamente.

John Matthew era um bálsamo para sua alma, como diziam os *sympathos*, ou sua *perdição*, como diziam os vampiros. Era sua principal fraqueza.

E ela era muito fraca quando se tratava dele.

Com uma onda de dor, pensou em John naquele monitor de segurança com suas mãos sobre o corpo de Gina. Essa imagem a machucava tanto quanto as bandagens com farpas de metal que usava, e não pôde evitar pensar que ela merecia sofrer.

Fechou a ducha, recolheu os cilícios e a faca do piso de mármore escorregadio e saiu, deixando todo o metal numa pia para que escorresse até secar.

Enquanto colocava em uso uma das superluxuosas toalhas negras de Rehv, desejou que fosse…

– Uma lixa? – completou Rehv na porta, arrastando as palavras.

Xhex se deteve com a toalha nas costas e olhou o espelho. Rehv estava recostado contra o batente, seu casaco de pele o fazia parecer um grande urso macho, seu moicano e seus olhos púrpuras penetrantes mostravam todo seu lado guerreiro, apesar da roupa metrossexual que usava.

– Como foi esta noite? – perguntou-lhe, colocando um pé sobre o balcão e esfregando o tecido negro felpudo até o tornozelo.

– Eu poderia perguntar o mesmo. Que diabos está acontecendo?

– Nada. – Levantou a outra perna. – Então, como foi a reunião?

Rehv manteve os olhos nos dela, não porque respeitasse o fato de que estivesse nua, mas sim porque não dava a mínima se estava nua ou vestida. Diabos, teria agido da mesma maneira se Trez ou iAm estivessem mostrando o traseiro. Fazia muito tempo que tinha deixado de vê-la como fêmea, apesar de se alimentarem um do outro.

Talvez fosse isso que gostasse em John Matthew. Ele a olhava, a tocava e a tratava como se fosse uma fêmea. Como se fosse preciosa.

E não porque ela era mais fraca que ele, mas sim porque era rara e especial…

Cristo. Isso parece os hormônios dela falando. E, de qualquer forma, estava tudo no passado agora.

– A reunião? – ela solicitou.

– Certo. Se você não quer me contar, que seja. Quanto ao Conselho? Não apareceram, mas entregaram isto. – Rehv tirou um envelope comprido e fino do bolso de seu peito e o lançou sobre a bancada. – Vou deixar que leia mais

tarde. Basta dizer que meu segredo é conhecido há algum tempo. Meu padrasto deu com a língua nos dentes quando estava a caminho do Fade e foi um milagre que a porcaria não tenha vindo à tona antes.

– Filho da mãe.

– Aliás, isso é uma declaração juramentada. E não só uns rabiscos aleatórios atrás de um guardanapo. – Rehv balançou a cabeça. – Vou ter de entrar na casa de Montrag. Ver se existe mais alguma cópia por lá.

– Eu posso fazer isso.

Os olhos ametistas se estreitaram.

– Sem ofensas, mas vou recusar a oferta. Você não parece legal.

– Isso é só porque faz tempo que você não me vê sem roupa. Deixe eu colocar minhas roupas de couro e você vai ver que estou ótima como sempre.

Os olhos de Rehv desceram para as feridas abertas que tinha ao redor das coxas.

– É difícil imaginar que brigou comigo pelo que eu estava fazendo com meu braço, considerando o aspecto dessas suas feridas.

Ela se cobriu com a toalha.

– Irei à casa de Montrag hoje.

– Por que estava tomando banho?

– Porque estava toda ensanguentada.

Um sorriso se estendeu pela boca de Rehv revelando suas presas.

– Encontrou Grady.

– Sim.

– Muuuuito bom.

– Devemos esperar a visita da polícia a qualquer momento.

– Mal posso esperar.

Xhex secou os cilícios e a faca, então passou por Rehv e foi até o pequeno espaço no armário dele que lhe pertenciam. Tirando um par de calças de couro limpas e uma camiseta preta sem mangas, olhou por cima do ombro.

– Poderia me dar um pouco de privacidade?

– Vai colocar essas malditas coisas outra vez?

– Como vai seu fornecimento de dopamina?

Rehv deu uma risadinha e se dirigiu para a porta.

– Vou cuidar da busca na casa de Montrag. Você já fez muito trabalho sujo ultimamente.

– Eu consigo lidar com isso.

– Mas não significa que você deve. – Colocou a mão no bolso e tirou seu celular. – Caramba, esqueci de voltar a ligar essa coisa.

Quando a tela se iluminou, desceu o olhar e suas emoções… cintilaram.

Suas emoções realmente cintilaram.

Talvez fosse porque não estava usando o cilício e seu lado *sympatho* apareceu, mas ela não pôde evitar de se concentrar em Rehv. Havia uma fraqueza nele que a deixou curiosa.

Contudo, o que notou não foi tanto sua grade emocional… mas o fato de seu aroma estar diferente.

– Alimentou-se de alguém – disse.

Rehv congelou, entregando-se pela imobilidade daquele seu grande corpo.

– Nem tente mentir – murmurou ela. – Posso farejar.

Rehv deu de ombros e ela se preparou para ouvir que não foi nada importante. Ele até mesmo abriu a boca e seu rosto assumiu a expressão aborrecida que utilizava para distanciar as pessoas.

Só que não disse nada. Não parecia capaz de coordenar nada para dizer.

– Uau. – Xhex balançou a cabeça. – É algo sério então?

Era evidente que ignorar a pergunta era o melhor que ele podia fazer.

– Quando estiver pronta, vamos nos reunir com Trez e iAm e faremos todas as atualizações antes de fechar.

Rehv girou sobre os mocassins e voltou a sair em direção ao escritório.

Engraçado, pensou ela enquanto pegava um dos cilícios, nunca imaginou que o veria assim. Nunca.

Fazia que se perguntasse quem ela era. E quanto a fêmea sabia sobre ele.

Rehv foi até sua mesa e sentou com o telefone na mão. Ehlena tinha telefonado e deixado uma mensagem, mas em vez de perder tempo ouvindo, procurou seu número na agenda e…

A ligação que recebeu foi a única que poderia dissuadi-lo de terminar de discar. Atendeu e disse:

– Com qual Irmão eu falo?

– Vishous.

– O que está acontecendo, cara?

– Na verdade, nada de bom.

O tom seco de sua voz fez com que Rehv pensasse em acidentes de trânsito. Daqueles graves que requeriam um macaco hidráulico para liberar os

corpos.

– Diga.

O Irmão falou e falou e falou. *E-mail*. Disfarce revelado. Deportação.

Deve ter passado um longo intervalo de silêncio, porque Rehv ouviu seu nome.

– Você está aí? Rehvenge? Ei, cara?

– Sim, estou aqui. – Mais ou menos. Estava um pouco distraído com o ruído que soava em sua cabeça, como se o prédio onde estava estivesse cedendo ao redor.

– Ouviu minha pergunta?

– Ah… não. – O som cresceu tão alto que teve a certeza de que o clube tinha sido bombardeado, as paredes estavam desmoronando e o teto estava vindo abaixo.

– Tentei rastrear o *e-mail* e acho que é proveniente de um endereço de IP no norte do estado, perto da colônia, se é que não está dentro dela. Não acho mesmo que isso tenha vindo de um vampiro. Conhece alguém lá em cima que possa tentar divulgar sua identidade?

Então, a Princesa tinha perdido o interesse nos jogos de chantagem.

– Não.

Agora foi a vez de V. ficar quieto.

– Tem certeza?

– Sim.

A Princesa decidiu convocá-lo para ir à sua casa. E se não fosse, estava claro que enviaria *e-mails* para toda *glymera* e implicaria Wrath e toda a Irmandade ao revelar o segredo de Rehv. Junte a isso a declaração juramentada que tinha aparecido e qual o resultado?

A vida como ele a conhecia acabaria.

Mas a Irmandade não precisava saber disso.

– Rehv?

Com uma voz morta, disse:

– É apenas uma consequência da porcaria que Montrag fez. Não se preocupe com isso.

– Que diabos aconteceu?

A voz aguda de Xhex o ajudou a retomar o foco. Ao encontrar seu olhar, seu corpo forte e seus penetrantes olhos cinzentos lhe pareceram tão familiares como seu próprio reflexo e o mesmo acontecia com ela… soube

pela expressão de seu rosto exatamente o que estava acontecendo.

Lentamente a cor abandonou sua face.

– O que aconteceu? O que aquela desgraçada fez a você?

– Tenho que desligar, V. Obrigado por ligar.

– Rehvenge? – interrompeu o Irmão. – Olha, cara, vou continuar tentando rastrear…

– É uma perda de tempo. Ninguém sabe lá no norte. Acredite em mim.

Rehv finalizou a chamada, e antes que Xhex pudesse saltar sobre ele, acionou o correio de voz e iniciou a mensagem de Ehlena. De qualquer forma, sabia o que ela ia dizer. Sabia exatamente…

*"Oi Rehv, acabo de receber uma visita daquela… fêmea. Ela disse um monte de loucuras a seu respeito. Eu só… bom, pensei que deveria saber. Para ser honesta, ela é assustadora. Enfim, talvez possa me ligar para conversarmos sobre isso. Realmente agradeceria. Tchau."*

Apagou a mensagem e colocou o celular cuidadosamente sobre a escrivaninha.

Xhex se aproximou, houve uma rápida batida na porta e alguém entrou.

– Precisamos de um minuto, Trez – ele a ouviu dizer. – Leve Rally com você e não deixe que ninguém entre aqui.

– Que acont?…

– Agora. Por favor.

Rehvenge encarava o telefone, apenas vagamente consciente de um movimento e da porta se fechando.

– Ouviu isso? – disse com calma.

– Ouvi o quê? – perguntou Xhex enquanto se aproximava e se ajoelhava ao lado de sua cadeira.

– Esse som.

– Rehv, o que ela fez?

Olhou-a nos olhos e viu sua mãe em seu leito de morte. Engraçado, as duas mulheres tinham o mesmo tipo de súplica em seus olhares. E as duas eram pessoas às quais queria proteger. Ehlena estava nessa lista. Assim como sua irmã. Assim como Wrath e a Irmandade.

Rehvenge estendeu o braço e cobriu o queixo de sua segunda na linha de comando.

– Apenas coisas da Irmandade e estou realmente cansado.

– Pro inferno que são apenas coisas da Irmandade e pro inferno que está

cansado.

– Posso perguntar uma coisa?

– O quê?

– Se eu pedir para você cuidar de uma fêmea para mim, poderia fazer isso com certeza?

– Sim, droga, sim. Cristo, eu quero matar aquela vadia há mais de vinte anos.

Ele deixou cair a mão e, então, mostrou sua palma.

– Por sua honra, jure.

Xhex tocou sua mão como faria um homem, não apenas um toque, mas uma promessa.

– Tem minha palavra. Qualquer coisa.

– Obrigado. Ouça, Xhex, vou descansar…

– Mas primeiro tem de me dar uma ideia do que está acontecendo.

– Você fecha o clube sem mim?

Ela sentou sobre os tornozelos.

– O que. Diabos. Está. Acontecendo?

– Era apenas Vishous com outro contratempo na estrada.

– Droga, Wrath está tendo mais problemas com a *glymera*?

– Enquanto houver uma *glymera*, ele vai ter problemas.

Ela franziu a testa.

– Por que você está pensando numa propaganda de turismo na praia?

– Porque sim. E pare de tentar entrar na minha mente.

Houve um longo silêncio.

– Vou atribuir isso à morte de sua mãe.

– Excelente plano. – Firmou sua bengala contra o chão. – Agora, vou dormir um pouco. Estou acordado há uns dois dias seguidos.

– Tudo bem. Mas da próxima vez, tente me bloquear com algo que faça mais sentido.

Quando ficou sozinho, Rehv olhou ao redor. Aquele escritório tinha visto muita ação: montes de dinheiro trocando de mãos. Montes de droga fazendo o mesmo. Montes de sabichões sangrando que haviam tentado ferrá-lo.

Através da porta aberta do seu quarto, olhou o apartamento onde tinha passado um bom número de noites. Mal conseguia ver o chuveiro.

Tempos atrás, quando ele conseguia suportar o veneno da Princesa e voltar para casa com forças, sempre se lavava naquele chuveiro. Não queria

contaminar a casa da família com o que tinha sobre sua pele e precisava de muito sabão, água quente e esfregar com força antes de poder voltar a ver sua mãe e irmã. A ironia era que quando chegava em casa, sua mãe sempre perguntava se ele tinha ido na academia, porque "tinha um aspecto saudável no rosto".

Nunca se sentiu limpo o suficiente. Mas esse é o caso com más ações: não podem ser simplesmente limpas como sujeira.

Deixou a cabeça cair para trás e sua mente percorreu o ZeroSum, visualizando a sala onde Rally pesava as drogas, a área VIP, a cascata, a pista de dança e os bares. Conhecia cada centímetro do clube e tudo que acontecia nele, desde o que faziam as garotas, até os corredores de apostas e as overdoses com as quais Xhex tinha que lidar.

Tantos negócios sujos.

Pensou em Ehlena perdendo seu emprego por causa dos antibióticos. Aquilo sim foi uma boa ação. E sabia disso não só porque tinha convivido com a bondade de sua mãe, mas porque conhecia Ehlena muito bem. Ela é essencialmente bondosa e, como resultado disso, fazia boas ações.

O que ele vinha fazendo ali não era e nunca tinha sido bom, por ser ele quem era.

Rehv pensou no clube. Acontece que as coisas da vida, a roupa que você usa, o carro que você dirige, os amigos e sócios que possui, são produtos da maneira que você escolheu para viver. E ele vivia de forma obscura, violenta e decadente. E ia morrer assim também.

Merecia o destino ao qual se dirigia.

Mas mesmo que estivesse de saída, iria fazer as coisas direito. Pela primeira vez em sua vida, iria fazer o certo pelas razões certas.

E iria fazer isso pela curta lista de pessoas às quais… amava.

# CAPÍTULO 52

**Do outro lado da** cidade, na mansão da Irmandade, Tohr estava na sala de bilhar, sentado sobre uma cadeira que tinha arrastado e colocado num ângulo onde pudesse ver a porta do corredor. Em sua mão direita sustentava um relógio preto novinho em folha, ao qual estava ajustando a hora e a data; próximo ao seu cotovelo esquerdo tinha um copo cheio de *milk-shake* de café. Estava quase acabando com o relógio, mas só tinha consumido um quarto da bebida.

Seu estômago não estava digerindo bem toda a quantidade de alimento que lhe estavam dando, mas não se importava nem um pouco com isso. Precisava ganhar peso rapidamente, então, seu estômago ia ter de se ajustar ao programa.

Com um bipe final, o relógio estava ajustado e o colocou no pulso, observando um brilhante "4:57 a.m." na tela.

Voltou a olhar para a porta do corredor. Dane-se o relógio e a comida. O que realmente estava fazendo era esperar que John entrasse por aquela coisa com Qhuinn e Blay.

Queria seu garoto em casa e seguro. Mesmo John não sendo mais um garoto e não fosse mais dele desde que o deixou na mão há um ano.

– Sabe, não posso acreditar que não esteja assistindo isso.

A voz de Lassiter fez que pegasse o copo e tomasse um gole pelo canudinho para não soltar outro "cale a boca, seu filho da mãe". O anjo amava televisão, mas sofria de um grave caso de *déficit* de atenção. Estava sempre trocando de canal. Só Deus sabia o que estava assistindo agora.

– Quero dizer, é uma mulher, saindo sozinha pelo mundo. Ela é legal e usa roupas boas. É um programa muito bom.

Tohr olhou por cima do ombro. O anjo estava esparramado no sofá, com o controle na mão e a cabeça apoiada numa almofada bordada que Marissa tinha feito. E à frente dele, na tela plana, havia…

Tohr quase se afogou com a bebida.

– Que diabos está fazendo? Essa é Mary Tyler Moore, seu idiota.

– Esse é o nome dela?

– Sim. E, sem ofensas, mas não deveria se animar tanto com esse programa.

– Por quê?

– É como estar a um passo de ver um programa de beleza e saúde para mulheres. Poderia muito bem estar pintando as unhas dos pés enquanto assiste.

– Que seja. Eu gosto.

O anjo não parecia entender o fato de que assistir ao canal de ofertas não era o mesmo que assistir a um filme de ação. Se qualquer um dos Irmãos visse aquilo, não ia parar de rir.

– Ei, Rhage – gritou Tohr em direção à sala de jantar. – Venha ver o que este abajur está assistindo.

Hollywood entrou com um prato na mão onde havia uma montanha de purê de batata e rosbife. Geralmente, ele não acreditava em verduras e legumes, considerava "um desperdício de espaço", então as vagens da primeira refeição estavam visivelmente ausentes do prato reaquecido.

– O que ele está assistindo?… Ah, legal! Mary Tyler Moore. Adoro essa mulher. – Rhage estacionou num dos sofás perto do anjo. – Ela usa roupas legais.

Lassiter lançou um olhar em direção a Tohr como quem diz "Viu? Eu disse".

– E a Rhoda é muito *sexy*.

Golpearam as mãos fechadas entre si com um cumprimento.

– Concordo.

Tohr voltou para seu *milk-shake*.

– Vocês dois são uma vergonha para o sexo masculino.

– Por quê? Só porque não estamos assistindo ao *Godzilla*? – respondeu Rhage.

– Ao menos eu posso manter a cabeça erguida em público. Vocês dois deveriam estar assistindo essa porcaria num armário.

– Não vejo necessidade de ocultar minhas preferências. – Rhage arqueou as sobrancelhas, cruzou as pernas e estendeu o mindinho da mão com a qual segurava o garfo. – Sou o que sou.

– Por favor, não dê tanta bandeira… – murmurou Tohr, ocultando um

sorriso ao morder seu canudo outra vez.

Quando ficaram quietos, ele olhou a dupla pronto para continuar com as piadinhas…

Rhage e Lassiter estavam olhando fixamente para ele, com uma aprovação cautelosa no rosto.

– Oh, pelo amor de Deus, não me olhem assim.

Rhage foi o primeiro a responder.

– Não posso evitar. Você está tão *sexy* com essas calças folgadas no traseiro. Tenho de conseguir uma dessas, porque nada fica tão sensual quanto usar algo que parece dois sacos de lixo costurados para cobrir sua raquete e suas bolas.

Lassiter concordou:

– É mesmo fantástico. Também quero uma dessas.

– Comprou isso numa liquidação? – Rhage inclinou a cabeça para o lado. – Na seção de coleta de lixo?

Antes que Tohr pudesse revidar, Lassiter interveio.

– Cara, seu traseiro some totalmente nessa sua calça folgada. Você devia vender seu segredo para o mundo da moda.

Tohr teve que rir.

– Essa calça seria mais útil se fizesse *você* sumir.

– Ora, você sabe que não consegue viver sem mim.

Rhage contribuiu:

– Falando nisso, você parece tão magro quanto a Mary Tyler Moore. Podia até se inspirar nas roupas dela.

Tohr tomou um bom gole do *milk-shake*.

– Vou ganhar um pouco de peso só pra te dar uma surra por esse comentário.

O sorriso de Rhage permaneceu em seu lugar, mas seus olhos ficaram sérios.

– Estou ansioso para ver isso. Estou muito ansioso mesmo para ver isso.

Tohr voltou a se concentrar na porta do corredor, ficando quieto e colocando um ponto final às brincadeiras porque, de repente, começou a não se sentir muito bem.

Lassiter e Rhage não seguiram seu exemplo. Os dois eram uma combinação de duas malditas matracas do inferno e faziam comentários sarcásticos um para o outro, a respeito do que estava na televisão, do que

Rhage estava comendo e dos lugares onde o anjo tinha *piercings*.

Tohr teria saído se pudesse observar a porta principal de qualquer outra parte…

De repente, o sistema de segurança emitiu um sinal sonoro quando a porta externa da mansão se abriu. Houve uma pausa seguida de outro sinal.

Quando Fritz correu para atender ao chamado, Tohr endireitou-se, o que foi patético, considerando o estado de seu corpo. A posição de seu tronco não ia melhorar magicamente o fato de que pesava pouco mais que a cadeira onde seu inexistente traseiro estava estacionado.

Qhuinn foi o primeiro a entrar a passos largos, o garoto estava vestido de negro, seus *piercings* de bronze refletiam a luz. Blaylock foi o próximo, vestido com seu suéter de caxemira de gola alta. Ao se dirigirem às escadas, podia se ver que a expressão dos dois era tão diferente quanto seus trajes. Qhuinn evidentemente tinha tido uma noite muito boa, a julgar pelo sorriso de "transei com alguém" que se via em sua boca. Blay, por outro lado, parecia que tinha estado no dentista, a expressão de sua boca era tensa e tinha os olhos fixos no chão de mosaico.

Talvez John não fosse voltar. Mas, onde ele passaria a noite?…

Quando John entrou no corredor, Tohr não pôde evitar: levantou-se de seu lugar, recorrendo ao alto encosto da cadeira quando cambaleou.

O rosto de John estava absolutamente inexpressivo. Seu cabelo estava desarrumado, mas não pelo vento, e havia uma série de arranhões na lateral do seu pescoço, do tipo feito pelas unhas de uma fêmea. Dele se desprendia um aroma que era uma mescla de uísque Jack Daniel, múltiplos perfumes e sexo.

Parecia cem anos mais velho que quando estava sentado ao lado da cama de Tohr, parecendo uma estátua, há apenas algumas noites. Aquele não era um menino. Era um macho adulto desafogando suas mágoas do modo ao qual a maioria dos caras recorria.

Tohr voltou a afundar-se na cadeira, esperando ser ignorado, mas quando John chegou ao primeiro degrau, girou a cabeça como se soubesse que alguém estava lhe observando. Sua expressão não mudou nada quando encontrou o olhar fixo de Tohr. Só ergueu um pouco a mão e seguiu seu caminho.

– Eu estava preocupado que você não voltasse mais para o seu lar – disse Tohr em voz alta.

Qhuinn e Blay se detiveram. Rhage e Lassiter se calaram. As vozes vindas da televisão encheram o vazio.

John apenas se deteve para gesticular:

*Isto não é um lar. É uma casa. E preciso de um lugar para ficar*.

John não esperou a resposta e a disposição de seus ombros sugeria que não estava interessado em uma. Era evidente que Tohr poderia falar sobre como as pessoas que moravam ali se preocupavam com John até que sua língua se desgastasse, mas nada seria registrado.

Quando os três desapareceram nas escadas, Tohr terminou sua bebida, levou o copo à cozinha e colocou na máquina de lavar louças, sem nenhum *doggen* perguntando se queria mais alguma coisa para comer. No entanto, Beth estava mexendo numa panela com um cozido e parecia que iria oferecer, então Tohr saiu de lá rapidamente.

A viagem até o primeiro andar foi longa e difícil, mas não porque se sentisse fraco fisicamente. Fez um bom trabalho ferrando John e agora estava colhendo toda a indiferença que tinha semeado. Maldição…

O barulho e o grito que atravessaram as portas fechadas do escritório soaram como se alguém tivesse sido atacado, e o corpo do Tohr, embora frágil, respondeu por instinto, golpeando a porta com força e abrindo-a.

Wrath estava agachado atrás da escrivaninha, com os braços estendidos para frente, o computador, o telefone e os papéis estavam dispersos como se os tivesse empurrado para longe, sua cadeira estava ao seu lado. Os óculos que o rei sempre usava estavam em sua mão e olhava fixamente para frente.

– Meu senhor…

– As luzes estão acesas? – Wrath respirava com dificuldade. – *As malditas luzes estão acesas?*

Tohr correu e agarrou um dos braços do rei.

– No corredor, sim. E tem o fogo. O que…

O poderoso corpo do Wrath começou a tremer tanto que Tohr teve que sustentar o Irmão. Algo que requeria mais massa muscular do que tinha. Droga, se não conseguisse ajuda, os dois iam cair. Fechando a boca sobre os dentes da frente, deu um forte e comprido assovio e logo voltou ao trabalho de tentar não soltar seu rei.

Rhage e Lassiter foram os primeiros a chegar correndo e irromperam pela porta.

– Que diabos…

– Acendam as luzes – gritou Wrath outra vez. – *Alguém acenda as malditas luzes!*

Enquanto Lash permanecia sentado em frente ao balcão da cozinha, sua disposição melhorou muito. Não que tivesse esquecido que a Irmandade levou as caixas de armas e as jarras dos assassinos. Nem que os apartamentos de Hunterbred tivessem sido comprometidos. Nem que Grady tivesse escapado. Nem que um *sympatho* estivesse esperando por ele no norte que, sem dúvida, estava irritado porque Lash ainda não tinha ido assassinar alguém.

É que o dinheiro o distraía. E montes de dinheiro o distraía muito.

Observou enquanto o Sr. D trazia outra bolsa de papel do mercado. Saíram mais pilhas de notas, cada maço preso por um elástico barato. Quando o *redutor* terminou, não havia muito espaço livre no granito.

Que maneira ótima de se acalmar, pensou Lash ao erguer o olhar quando o Sr. D terminou de transportar as sacolas.

– Quanto há no total?

– Setenta e dois mil, setecentos e quarenta. Agrupei em maços de cem dólares.

Lash pegou um dos maços. Não era o dinheiro limpo e arrumado que vinha dos bancos. Era dinheiro sujo e enrugado, tirado de bolsos de *jeans*, de carteiras praticamente vazias e de casacos manchados. Era quase possível cheirar o desespero que emanava das notas.

– Quanto produto nos resta?

– O suficiente para outras duas noites como esta, mas não mais. E só restaram mais dois traficantes. Sem contar o grandão.

– Não se preocupe com Rehvenge. Vou cuidar dele. Enquanto isso, não mate os outros varejistas: leve-os para um centro de persuasão. Precisamos dos contatos que eles têm. Quero saber onde e como compram. – É claro que existia a possibilidade de que fizessem negócio com Rehvenge, mas talvez houvesse outra pessoa. Um humano mais maleável. – A primeira coisa que fará pela manhã é conseguir um cofre para colocar isso dentro. Esse dinheiro é importante e não podemos perdê-lo.

– Sim, senhor.

– Quem vendeu a porcaria com você?

– O Sr. N e o Sr. I.

Ótimo. Os malditos retardados que tinham deixado Grady escapar. Ainda assim, tinham mostrado desempenho nas ruas, e Grady tinha encontrado um final criativo e penoso. Além disso, Lash teve a oportunidade de ver Xhex em ação. Então, nem tudo foi perdido.

Iria fazer uma visita ao ZeroSum.

E quanto a N e a I, matá-los era mais que mereciam, mas agora precisava daqueles imbecis para fazer dinheiro.

– Ao cair da noite, quero esses dois *redutores* passando produto.

– Pensei que gostaria de…

– Antes de mais nada, você não pensa. Em segundo lugar, precisamos de mais disso. – Jogou as notas sujas de volta entre as pilhas. – Tenho planos que custam dinheiro.

– Sim, senhor.

Reconsiderando as coisas abruptamente, Lash se inclinou para frente e pegou o maço que tinha jogado. Não queria deixar aquele dinheiro para trás, apesar de tudo ser dele. E, por alguma razão, a guerra parecia menos interessante.

Abaixando-se, pegou uma das sacolas de papel e a encheu.

– Sabe aquele Lexus?

– Sim, senhor.

– Cuide dele. – Colocou a mão no bolso e atirou ao Sr. D as chaves da coisa. – É seu novo meio de transporte. Se for ser meu homem na rua, tem de aparentar que sabe o que está fazendo.

– Sim, senhor!

Lash revirou os olhos, pensando como custava pouco motivar um idiota.

– Não estrague nada enquanto eu estiver fora, entendeu?

– Pra onde vai?

– Manhattan. Pode entrar em contato comigo pelo celular. Até mais.

# CAPÍTULO 53

**Ao amanhecer de um** dia frio e com nuvens que salpicavam o céu azul leitoso, José De la Cruz dirigiu, passando pelas portas do Cemitério Bosque dos Pinheiros e percorreu entre filas e filas de lápides. Os caminhos e curvas estreitas lembravam "O jogo da vida", aquele velho jogo de tabuleiro que jogava com seu irmão quando eram crianças. Cada jogador tinha um carrinho com seis orifícios e começava com um pino que lhe representava. No decorrer do jogo, movia-se pelo caminho, conquistando mais pinos que representavam uma mulher e filhos. O objetivo era adquirir pessoas, dinheiro e oportunidades para cobrir os orifícios de seu carrinho e preencher os vazios com os quais tinha começado.

Olhou ao redor, pensando que na vida real, você mesmo acabava preenchendo um buraco de terra. O tipo de coisa que, dificilmente, gostaria que seus filhos aprendessem num tabuleiro.

Quando chegou ao túmulo de Chrissy, estacionou o carro no mesmo lugar onde tinha estado na noite anterior, até aproximadamente uma da manhã. Mais adiante, havia três carros de polícia, quatro caras uniformizados e uma fita amarela que envolvia a cena de um crime entre uma e outra lápide formando um estreito quadrado.

Levou seu café morno com ele, e enquanto se aproximava, viu as solas de um par de botas em meio aos policiais.

Um deles olhou por cima do ombro e sua expressão no rosto preveniu José sobre as condições do corpo.

– Olá… detetive.

– Tudo bem, Charlie?

– Estou… bem.

Sim, certo.

– Está parecendo mesmo.

Os outros caras deram uma olhada e balançaram a cabeça, cada um deles tinha uma expressão idêntica de "meu estômago está revirando".

Já a fotógrafa forense era conhecida por ser uma esquisita. Quando se agachou e começou a tirar as fotos, exibiu um pequeno sorriso no rosto, como se gostasse da visão. E talvez deslizasse uma das imagens para dentro de sua carteira.

Grady tinha mordido a isca com força. Literalmente.

– Quem o encontrou? – perguntou José, agachando-se para examinar o corpo. Cortes limpos. Muitos. Feitos por um profissional.

– O responsável pela área – disse um dos policiais. – Faz mais ou menos uma hora.

– Onde está esse cara agora? – José ficou em pé e se afastou para que a mulher pudesse continuar seu trabalho. – Gostaria de falar com ele.

– Voltou ao galpão para tomar um café. Estava precisando. Ficou muito chocado.

– Bem, posso entender. A maioria dos corpos por aqui não está em cima dos túmulos.

Os quatro policiais olharam como dizendo "sim, e tampouco nestas condições".

– Acabei com o corpo – disse a fotógrafa, enquanto colocava a tampa na lente. – E já fotografei o material que havia na neve.

José caminhou ao redor da cena com cuidado para não alterar as diversas pegadas nem as bandeirinhas numeradas, nem o caminho que tinha sido feito no chão. O que tinha acontecido estava claro. Grady tinha tentado fugir de quem quer que tivesse se aproximado dele e falhou. Considerando os rastros de sangue, tinha sido ferido, provavelmente o suficiente para ser incapacitado e, em seguida, o transportaram até o túmulo de Chrissy, onde foi esquartejado e morto.

José voltou para onde estava o corpo e deu uma olhada na lápide, percebendo uma faixa marrom que escorria. Sangue seco. E poderia apostar que tinha sido colocado ali de propósito quando ainda estava quente: parte da substância tinha escorrido entre as letras gravadas onde se lia CHRISTIANNE ANDREWS.

– Fotografou isso? – perguntou.

A fotógrafa o encarou. Em seguida, tirou a tampa da máquina, disparou e tampou outra vez.

– Obrigado – disse. – Vamos chamá-la se precisarmos de mais alguma coisa.

Ou se encontrassem algum outro cara retalhado desse jeito.

Ela voltou a baixar os olhos para Grady.

– É um prazer.

Óbvio, pensou ele, tomando um gole de seu café e fazendo uma careta. Velho. Frio. Desagradável. Não apenas a fotógrafa. Cara, o café da delegacia de polícia era definitivamente o pior, e se não estivesse na cena de um crime, teria jogado a porcaria no chão e esmagado o copo de plástico.

José olhou os arredores da cena. Árvores para se esconder. Nenhuma luz além das que havia na estrada. Portões fechados durante a noite.

Se tivesse ficado um pouco mais… poderia ter detido o assassino antes de castrar Grady, oferecer-lhe uma última refeição e, sem dúvida, desfrutar ao observá-lo morrer.

– Maldição.

Uma caminhonete cinza com o escudo do condado na porta do motorista se aproximou e parou. Dela saiu um cara com uma pequena bolsa preta e se aproximou com rapidez.

– Desculpe o atraso.

– Não tem problema, Roberts. – José apertou a mão do médico legista. – Gostaríamos de saber a hora estimada da morte assim que puder nos dizer.

– Claro, mas vai ser difícil. Talvez uma margem de erro de quatro horas?

– Tudo o que puder nos dizer será ótimo.

Quando o cara se agachou e começou a trabalhar, José voltou a olhar o lugar. Em seguida, observou as pegadas mais uma vez. Três pegadas diferentes, uma das quais era compatível com as de Grady. As outras duas teriam de ser analisadas e investigadas pelos peritos, que apareceriam a qualquer momento.

Uma das pegadas incógnitas era menor que as outras.

Estava disposto a apostar sua casa, seu carro e a poupança universitária de suas duas filhas que aquelas marcas foram feitas por uma mulher.

No escritório da mansão da Irmandade, Wrath estava sentado ereto em sua cadeira, apertando mortalmente os braços dela. Beth estava no cômodo com ele, e pelo aroma que desprendia, podia dizer que estava muito amedrontada. Havia outras pessoas também. Falando. Andando.

Não podia ver nada além da escuridão.

– Havers está vindo – anunciou Tohr. Sua voz silenciou a sala como se

tivesse apertado a tecla mudo, cortando todas as vozes e todos os sons de movimento. – A doutora Jane está com ele ao telefone agora. Virá em uma das ambulâncias, porque será mais rápido do que se Fritz for buscá-lo.

Wrath tinha insistido em esperar algumas horas antes de sequer chamar a doutora Jane. Tinha esperanças de que sua visão voltasse. Ainda esperava.

Rezava, era mais parecido com o que fazia.

Beth tinha sido tão forte, permanecendo ali ao seu lado, segurando sua mão enquanto ele lutava contra a escuridão. Mas há pouco tempo, pediu licença. Quando voltou, podia sentir o cheiro de suas lágrimas, embora, sem dúvida, as tivesse enxugado bem.

Foi isso que o fez chamar os médicos.

– Quanto tempo? – perguntou Wrath asperamente.

– O tempo estimado é de vinte minutos.

Quando o silêncio reinou, Wrath soube que outros Irmãos estavam ao seu redor. Ouviu Rhage desembrulhar outro pirulito. E V. raspar uma pedra para acender um cigarro de tabaco turco. Butch estava mastigando chiclete, as sutis mordidas pareciam uma metralhadora. Z. estava ali e tinha Nalla nos braços, seu doce e encantador aroma vinha de um canto mais afastado. Até mesmo Phury estava com eles, tinha escolhido passar o dia ali e estava próximo ao seu irmão gêmeo e sua sobrinha.

Sabia que estavam todos ali… e, ainda assim, estava sozinho. Totalmente sozinho; sugado para as profundezas de seu corpo, aprisionado na cegueira.

Wrath cravou os cotovelos sobre os braços da cadeira para não gritar. Queria ser forte para sua *shellan*, seus Irmãos e sua raça. Queria soltar algumas piadas, rir daquilo como se fosse um interlúdio que passaria logo, demonstrar que ainda tinha um par de bolas no meio das pernas e todo esse tipo de coisa.

Limpou a garganta. Mas em vez de contar uma piada, falou:

– A sua visão mostrava isso?

As palavras foram guturais e todos sabiam a quem se dirigiam.

A resposta de V. foi baixa.

– Não sei do que está falando.

– Mentira! – Wrath estava imerso na escuridão, seus Irmãos estavam em volta dele, ninguém era capaz de alcançá-lo. Foi o que Vishous tinha visto. – Pura. Mentira.

– Tem certeza de que quer fazer isso agora? – perguntou V.

– É a visão? – Wrath soltou a cadeira e golpeou o punho contra a mesa. – *É a maldita visão?*

– Sim.

– O médico está chegando – disse Beth rapidamente, acariciando o ombro dele. – A doutora Jane e Havers vão conversar sobre isso. Vão resolver tudo. Vão sim.

Wrath virou-se em direção ao som da voz de Beth. Quando estendeu a mão em busca da mão dela, foi ela quem encontrou a dele.

Era esse o futuro? Depender dela quando precisasse ir a algum lugar? Que lhe guiasse como se fosse um maldito aleijado?

*Acalme-se. Acalme-se. Acalme-se…*

Repetiu essas palavras algumas vezes até que… se acalmou.

Contudo, a ameaça de explosão iminente retornou quando ouviu a doutora Jane e Havers entrarem na sala. Soube quem eram pelo fato de que todos voltaram a parar o que estavam fazendo: nada de fumo, nada de mascar chiclete, nada de abrir alguma embalagem.

Estava tudo em silêncio, com exceção das respirações.

E logo se ouviu a voz do médico:

– Meu senhor, posso examinar seus olhos?

– Sim.

Houve um som de roupa em movimento… sem dúvida, Havers estava tirando o casaco. E, então, houve um suave golpe, como se um peso tivesse sido deixado sobre a mesa. Metal contra metal – era a fechadura da maleta do médico sendo liberada.

Em seguida, veio a voz bem-modulada de Havers:

– Com sua permissão, vou tocar seu rosto agora.

Wrath assentiu, em seguida, estremeceu quando o suave contato foi feito e, por um momento, veio uma esperança ao ouvir um clique de uma lanterna. Por força do hábito, ficou tenso, preparando-se para que a luz golpeasse sua retina. Deus, desde as primeiras lembranças que conseguia recordar de sua vida, nunca tinha tolerado bem a luz, e depois de sua transição, ficou muito pior. Conforme os anos foram se passando…

– Doutor, pode começar o exame?

– Eu… meu senhor, eu já terminei. – Houve um clique, provavelmente era Havers apagando a luz. – Pelo menos essa parte.

Silêncio. Então, a mão da Beth apertou a dele com mais força.

– O que vem em seguida? – perguntou Wrath. – O que pode fazer depois disso?

Mais silêncio, que de algum modo fez que a escuridão ficasse ainda mais densa.

Certo. Não havia muitas opções. Contudo, não sabia por que se surpreendia tanto. Vishous… nunca estava errado.

# CAPÍTULO 54

**Ao cair da noite,** Ehlena esmagou as pílulas de seu pai no fundo de um pote, e quando obteve um pó fino e uniforme, foi à geladeira, tirou o suco e serviu. Pela primeira vez, sentiu-se agradecida pela ordem que seu pai requeria, porque sua mente não estava em suas ações.

Naquele momento, teria sorte se soubesse em que cidade morava. Caldwell, certo?

Conferiu o relógio. Não tinha muito tempo. Lusie chegaria em vinte minutos, assim como o carro de Rehv.

O carro de Rehv, não ele.

Quase uma hora depois de deixar uma mensagem sobre sua ex, Ehlena recebeu uma mensagem de voz. Não uma ligação. Ele tinha discado diretamente para o serviço de mensagens, introduzido o número dela e gravado a mensagem.

O tom de voz era baixo e sério: "Ehlena, sinto muito que tenha sido abordada dessa forma e vou me certificar de que nunca mais volte a acontecer. Eu gostaria de vê-la ao anoitecer, se estiver livre. Enviarei meu carro para te pegar às nove, a menos que receba sua resposta me dizendo que não pode. – Pausa. – Sinto muito."

Sabia a mensagem de cor porque a ouviu umas cem vezes. Ele parecia tão diferente. Como se estivesse falando em outro idioma.

Naturalmente, não conseguiu dormir durante o dia, e, por fim, concluiu que havia duas formas de entender isso: ou ele estava horrorizado de que ela tivesse falado com a fêmea, ou a reunião tinha sido muito ruim.

Talvez fosse uma combinação das duas coisas.

Recusava-se a acreditar que aquela louca de olhar insano tivesse alguma credibilidade. Inferno, Ehlena lembrou-se muito de seu pai delirante quando viu a fêmea: obsessiva, vivendo em outra realidade. Tinha a intenção de fazer mal e tinha medido bem as palavras de acordo com isso.

Ainda assim, teria sido bom falar com Rehv. Ela se sentiria mais segura.

Mas pelo menos eles iriam se encontrar logo.

Depois de se certificar de que a disposição da cozinha estava exatamente a mesma de quando tinha entrado, desceu as escadas para o porão e foi ao quarto de seu pai.

Encontrou-o na cama com os olhos fechados e o corpo imóvel.

– Pai? – Ele não se moveu. – *Pai?*

Derramou o suco por toda parte quando ela praticamente atirou o copo sobre a mesa.

– Pai!

Os olhos se abriram e ele bocejou.

– *Sim, filha minha, como está você?*

– O senhor está bem? – Examinou-o, embora estivesse coberto pelo edredom de veludo. Estava pálido e tinha o cabelo como o de um chihuahua, mas parecia estar respirando naturalmente. – Está sentindo alguma coisa?…

– *O idioma atual é algo áspero para o ouvido, não lhe parece?*

Ehlena se deteve.

– *Perdoe-me. Eu só… você está bem?*

– *É óbvio que sim. Fiquei acordado até altas horas do dia pensando em outro projeto, foi por isso que demorei mais que o habitual para me levantar desta cama. Acredito que deixarei que as vozes de minha cabeça perambulem pelas páginas. Acredito que me beneficiaria se lhes desse outra forma de saída além de mim.*

Ehlena permitiu que os joelhos vacilassem e sentou sobre a cama pobre.

– *Seu suco, pai. O senhor gostaria de tomá-lo agora?*

– *Ah, encantadora. A empregada é tão atenciosa de prepará-lo para você.*

– *Sim, ela é muito atenciosa.* – Ehlena entregou-lhe os remédios e observou enquanto sua frequência cardíaca diminuía.

Ultimamente, a vida não tinha sido nada além de uma sequência de sustos, com ela ricocheteando por todos os lados até ficar tonta. Parece que ia levar um tempo para que cada pequena coisa parasse de explodir em sua mente e se transformasse num drama louco.

Quando seu pai terminou, beijou seu rosto, disse que ia sair um pouco e levou o copo de volta para cima. Quando Lusie bateu na porta, uns dez minutos mais tarde, a maior parte do cérebro de Ehlena tinha voltado para o lugar. Iria ver Rehv e desfrutar de sua companhia, em seguida, quando voltasse para casa, continuaria sua busca por trabalho. Tudo ia ficar bem.

Enquanto abria a porta, endireitou os ombros com determinação.

– Como está?

– Bem. – Lusie olhou para trás por cima de seu ombro. – Sabia que há um Bentley estacionado em sua porta?

As sobrancelhas da Ehlena se ergueram e olhou pela porta. De fato, havia um Bentley superbrilhante e espetacular estacionado diante de sua casinha de aluguel, parecia tão deslocado quanto um diamante na mão de um mendigo.

A porta do motorista se abriu e um macho incrivelmente bonito de pele escura se levantou do banco atrás do volante.

– Ehlena?

– Ah… sim.

– Vim buscá-la. Sou Trez.

– Eu… preciso de um minuto.

– Como quiser. – Seu sorriso revelou presas e isso a tranquilizou. Não gostava de estar na companhia de humanos. Não confiava neles.

Voltou a entrar na casa e pegou o casaco.

– Lusie… poderia continuar vindo? Acho que vou poder continuar a pagá-la.

– É claro. Faria qualquer coisa por seu pai. – Lusie ruborizou. – Quero dizer por vocês dois. Isso quer dizer que encontrou outro trabalho?

– O dinheiro vai render um pouco mais que esperava. E odeio que ele fique aqui sozinho.

– Bem, cuidarei dele muito bem.

Ehlena sorriu e desejou abraçar a mulher.

– Sempre faz isso. Quanto a esta noite, não tenho certeza de quanto tempo…

– Fique o tempo que quiser. Ele e eu estaremos bem.

Seguindo um impulso, Ehlena deu à mulher um rápido abraço.

– Obrigada, obrigada…

Pegou sua bolsa, fechou a porta e assim que saiu no frio da noite o motorista veio ajudá-la a entrar no Bentley. Vestido com seu casaco de couro negro, parecia mais um capanga que um chofer, mas quando voltou a sorrir, seus escuros olhos cintilaram com um extraordinário brilho verde.

– Não se preocupe. Vou fazer que chegue bem.

Ehlena acreditou nele.

– Aonde vamos?

– Ao centro. Ele está esperando por você.

Ehlena sentiu-se constrangida quando Trez abriu a porta para ela, embora soubesse que se tratava apenas de uma troca de boas maneiras e que não tinha nada a ver com estar servindo-a. Acontece que ela estava desacostumada a receber os cuidados de um macho de valor.

Jesus, o Bentley cheirava bem.

Enquanto Trez dava a volta e se colocava atrás do volante, ela acariciou o fino couro do assento e não se lembrou de ter sentido nada tão luxuoso antes.

Quando o carro saiu do beco e desceu pela rua, mal pôde sentir os buracos que normalmente a faziam segurar no puxador das portas dos táxis. Era um passeio suave. Um passeio caro.

Onde estavam indo?

Quando uma brisa suave e morna banhou o assento traseiro, aquela mensagem de voz de Rehv se reproduziu várias vezes em sua mente. A dúvida piscava em sua cabeça, como as luzes de freio dos carros que iam diante deles, apagava e acendia, desacelerando seu mantra de "está tudo bem".

A sensação piorou. O centro não era um local que ela conhecia muito bem e ficou tensa ao passarem direto por onde estavam os luxuosos arranha-céus. Era onde se encontrava com Rehv no Commodore.

Talvez a estivesse levando para dançar.

Sim, porque ele queria fazer uma surpresa.

Quanto mais avançavam pela Rua Trade, mais apertava o assento que tinha ao lado, embora não o fizesse para senti-lo. As coisas foram ficando cada vez mais barra-pesada, a sequência de bons restaurantes e os escritórios do jornal de Caldwell deram lugar aos salões de tatuagens e bares desses que tinham jeito de ter bêbados grisalhos e copos sujos de amendoins nos balcões. Depois vinham os clubes, do tipo barulhento e chamativo que nunca tinha visitado porque não gostava do barulho, nem das luzes, nem das pessoas que havia neles.

Quando um letreiro negro do ZeroSum apareceu, soube que iam parar em frente e seu coração desceu até o intestino.

Era estranho, mas teve a mesma reação quando viu Stephan no necrotério: *isso não pode estar certo. Isso não pode estar acontecendo. Não é assim que as coisas devem ser.*

Contudo, o Bentley não se deteve diante do clube, e por um momento teve

uma pequena esperança.

Mas é claro. Entraram no beco que havia mais à frente, parando em frente a uma entrada privativa.

– Ele é o dono desse clube – disse ela com voz morta –, não é?

Trez não respondeu, mas não precisava. Quando deu a volta e lhe abriu a porta, permaneceu sentada como uma estátua congelada na parte de trás do Bentley, olhando fixamente o edifício de tijolos. Distraidamente, notou que havia sujeira escorrendo do telhado e uma crosta caiu no chão. Manchado. Sujo.

Lembrou-se de ter ficado ao pé do edifício Commodore olhando para cima, para toda a vidraçaria e toda a estrutura cromada que brilhava por causa da limpeza. Aquela era a fachada que ele tinha escolhido mostrar.

Esta outra com a imundície é a que foi forçado a mostrar.

– Está esperando por você – disse Trez gentilmente.

A porta lateral do clube se abriu e apareceu outro Mouro. Atrás dele, tudo estava em penumbra, mas se ouvia um estrondo grave.

Precisava mesmo ver isso?

Bem, precisava conversar com Rehv, isso era certo, ainda mais concluindo que aquele trem seguiria na direção que parecia estar tomando. E então caiu em si: se tudo fosse verdade, tinha um problema ainda maior. Tinha feito sexo… com um *sympatho*.

Tinha deixado que um *sympatho* se alimentasse dela.

Ehlena balançou a cabeça.

– Eu não preciso disso. Leve-me para casa…

Uma fêmea apareceu, uma que tinha a constituição de um macho e não só por fora. Seus olhos eram gélidos e absolutamente calculistas.

Aproximou-se e se inclinou sobre o carro.

– Nada vai machucar você aqui dentro. Juro.

Que seja. A dor já estava se instalando, pensou Ehlena. Estava tendo dores no peito como se fosse ter um ataque cardíaco.

– Ele está esperando – disse a fêmea.

Ehlena tomou coragem. Em toda sua vida, nunca tinha fugido de nenhuma situação difícil e não ia começar agora.

Atravessou a porta e soube com toda certeza que estava num lugar ao qual nunca teria escolhido estar. Tudo estava escuro, a batida da música golpeava seus ouvidos como se fossem murros e o aroma de suor dava vontade de

tampar o nariz.

A fêmea liderava, e os Mouros andavam lado a lado com Ehlena, o enorme corpo deles abria caminho através de uma selva humana da qual não desejava fazer parte. As garçonetes vestidas em uniformes negros apertados serviam uma infinita variedade de bebidas alcoólicas, havia mulheres seminuas esfregando-se contra homens de terno e cada pessoa pela qual Ehlena passava no caminho tinha o olhar perdido.

Foi levada até uma porta negra blindada, que se abriu depois que Trez falou através de seu relógio de pulso, em seguida, afastou-se para um lado – como se esperasse que ela simplesmente entrasse lá, como se não fosse nada além da sala de estar de alguém.

Nem pensar.

Encarou a escuridão adiante, mas não viu nada além de um teto negro, paredes negras e um chão negro brilhante.

Mas então Rehvenge entrou em sua linha de visão. Estava exatamente igual ao que ela conhecia, um grande macho vestido com casaco de pele, corte de cabelo moicano, olhos cor de ametista e uma bengala vermelha. Entretanto, era um completo estranho.

Rehvenge olhou fixamente a fêmea que amava e viu em seu rosto pálido e tenso exatamente o efeito que desejava.

Repulsão.

– Vai entrar? – disse-lhe, precisando terminar com aquilo.

Ehlena olhou para Xhex:

– Você é segurança, não é? – Xhex franziu a testa, mas concordou. – Então, você vem comigo. Não quero ficar a sós com ele.

Quando ouviu as palavras dela, Rehv sentiu como se tivessem cortado sua garganta, mas não demonstrou nenhuma reação quando Xhex liderou e Ehlena a seguiu.

A porta se fechou e a música foi abafada, mas o silêncio era tão alto quanto um grito.

Ehlena olhou sua mesa, na qual ele tinha deixado deliberadamente vinte e cinco mil dólares em dinheiro e um pacote de cocaína que estava envolto em celofane.

– Você me disse que era um homem de negócios – disse ela. – Acho que foi minha culpa supor que era legítimo.

Tudo o que conseguia fazer era olhar para ela – a voz tinha lhe abandonado

e sua respiração superficial não podia sustentar as palavras. A única coisa que ele podia fazer, enquanto ela permanecia tensa e zangada diante dele, era memorizá-la, a forma em que mantinha seu cabelo loiro-avermelhado afastado do rosto, seus olhos cor de caramelo, o casaco negro simples que vestia e a maneira como deixava as mãos nos bolsos como se não quisesse tocar em nada.

Não queria se lembrar dela assim, mas como era a última vez que a veria, não podia deixar de se concentrar em cada detalhe.

Os olhos de Ehlena passaram pela droga, pelo dinheiro e logo voltaram a se fixar no rosto dele.

– Então, é verdade? Tudo o que sua ex-namorada disse.

– Ela é minha meia-irmã. E sim. Tudo.

A fêmea que ele amava deu um passo para trás, o medo fez que tirasse a mão do bolso e a levasse até a garganta. Sabia exatamente o que estava pensando: ele alimentando-se de sua veia, nus e a sós em sua cobertura. Ela estava reformulando suas lembranças, aceitando o fato de que não tinha sido um vampiro que se alimentou de seu pescoço.

Tinha sido um *sympatho*.

– Por que me trouxe aqui? – ela disse. – Podia ter dito isso por telefone… não, não importa. Estou indo para casa agora. Nunca mais volte a me ligar.

Ele inclinou-se ligeiramente, e com a voz estrangulada, disse:

– Como quiser.

Ela se virou e andou até ficar em frente à porta.

– Alguém, por favor, poderia abrir a porta para que eu possa sair desse maldito lugar?

Depois de Xhex abrir caminho para a liberdade, Ehlena saiu quase correndo dali.

Quando a porta se fechou, Rehv a trancou com a mente e ficou ali em pé, onde ela havia lhe deixado.

Arruinado. Estava totalmente arruinado. E não só porque estava entregando seu corpo e a si mesmo a uma sádica sociopata que ia desfrutar de cada minuto de sua tortura.

Quando sua visão se nublou de vermelho, soube que não era sua parte maligna aflorando. Sem chance. Durante as últimas doze horas tinha injetado dopamina suficiente nas veias para afogar um cavalo, pois, do contrário, não conseguiria deixar Ehlena partir. Precisava enjaular sua parte má uma última

vez… para poder fazer o certo, pela razão certa.

Então, não, aquela vermelhidão não ia ser seguida de uma visão plana e as sensações não retornariam ao seu corpo.

Rehvenge tirou um dos lenços que sua mãe tinha engomado do interior da jaqueta de seu traje e pressionou o quadrado dobrado debaixo dos olhos. Estava derramando lágrimas cor de sangue, e não eram apenas por ele e por Ehlena. Bella tinha perdido sua mãe há menos de quarenta e oito horas. E perderia seu irmão antes que aquela noite chegasse ao fim.

Respirou fundo e com força uma única vez, tão profundamente que suas costelas ficaram tensas. Então, voltou a guardar o lenço e continuou a levar sua vida para o túmulo.

Uma coisa era certa: a Princesa ia pagar por isso. Não pelas coisas que tinha feito e que ainda iria fazer.

Não. Ela ousou se aproximar de sua fêmea. Por isso, a mutilaria, mesmo que lhe custasse a vida.

# CAPÍTULO 55

**– Você gostou daquilo?** Rejeitá-lo daquela maneira?

Ehlena se deteve na saída lateral do clube e olhou por cima do ombro para a segurança fêmea.

– Como isso não é nem um pouco da sua conta, não vou responder sua pergunta.

– Vá se ferrar, garota, aquele macho se colocou em uma situação terrível por mim, sua mãe e sua irmã. E você se acha boa demais para ele? Certo. E de onde diabos você vem para ser tão perfeita?

Ehlena enfrentou a fêmea mesmo não sendo uma briga justa, considerando a constituição corpórea dela.

– Eu nunca menti para ele… o que acha desse conceito de *perfeição*? Na verdade, isso não é ser perfeito, é ser *normal.*

– Ele fez o que teve de ser feito por uma questão de sobrevivência. Isso é muito *normal*, não só para sua espécie, mas também para os *sympatho*s. Só porque teve tudo fácil…

Ehlena ergueu-se até ficar à altura do rosto da fêmea.

– *Você não me conhece*.

– *Nem quero*.

– *Digo o mesmo*. – A palavra "vadia" ficou implícita no tom de voz.

– Certo, certo. – Trez se interpôs e as separou. – Vamos nos acalmar e deixar de lado esta briga, ok? Vou levá-la para casa… e você – ele apontou à outra fêmea – vá ver se tudo está bem.

A segurança olhou furiosa para Ehlena.

– Mas fique esperta.

– Por quê? Por um acaso vai aparecer na minha porta? Como quiser… comparada com aquela coisa na noite passada, você parece uma Barbie.

Trez e a fêmea silenciaram.

– O que apareceu na sua porta? – perguntou a fêmea.

Ehlena dirigiu o olhar para Trez:

– Posso ir para casa agora?

– Diga o que encontrou em casa – ele pediu.

– Uma louca vestindo túnica com uma péssima atitude.

Os dois disseram em uníssono:

– Você precisa se mudar.

– Que boa sugestão. Obrigada. – Ehlena os empurrou para passar entre eles e se dirigiu à porta. Quando tentou abrir o trinco, viu que estava fechado, então a única coisa que poderia fazer era esperar que a deixassem sair. Sim, bom, dane-se isso. Mordendo o lábio inferior, agarrou o trinco e começou a puxá-lo, disposta a abrir caminho à força.

Felizmente Trez se aproximou e abriu a porta, liberando-a para fora do clube, saindo para o ar frio, longe do calor, do barulho e o desespero que a sufocava.

Ou talvez a falta de ar viesse de um coração partido.

O que importava?

Esperou em frente à outra porta, a que conduzia ao Bentley, desejando não precisar do carro para voltar para casa, mesmo sabendo que passaria um bom tempo antes que conseguisse voltar a respirar direito, quanto mais se desmaterializar.

Na viagem de volta, não conseguiria se lembrar de nada, de nenhuma das ruas pelas quais passaram, nem das luzes, nem dos carros que havia ao seu redor. Simplesmente permaneceu sentada no assento traseiro do Bentley, quase inanimada, com o rosto voltado para o vidro, seus olhos apenas miravam o vazio.

*Sympatho*. Dormia com sua meia-irmã. Cafetão. Traficante de drogas. Assassino, sem dúvida…

Quanto mais se afastavam do centro da cidade mais difícil ficava sua respiração, ao invés de ser o contrário. O que a deixava inquieta era que não podia esquecer a imagem de Rehvenge ajoelhado frente a ela, com suas sapatilhas baratas na mão e uma expressão doce e afetuosa nos olhos cor ametista, falando com aquela voz tão adorável que soava melhor que a música de qualquer violino: *Não entende, Ehlena? Não importa o que vista… para mim sempre terá diamantes na sola de seus sapatos*.

Ela teria duas imagens de Rehv na lembrança. Lembraria dele ajoelhado e faria a contraposição com a imagem dele naquele clube, depois de a verdade ser revelada.

Quis acreditar no conto de fadas. E foi isso que fez. Mas como o pobre e jovem Stephan, a fantasia estava morta e sua deterioração era horrível, um corpo golpeado e frio que ela deveria envolver em racionalizações que não teriam aroma de ervas, mas de lágrimas.

Fechando os olhos, recostou-se contra o assento suave como manteiga.

Em dado momento, o carro diminuiu a velocidade e parou, e ela estendeu a mão para a maçaneta. Trez chegou antes e abriu a porta.

– Posso dizer uma coisa? – murmurou.

– Claro – Pois ela não ouviria nada. A névoa que a rodeava era muito densa, seu mundo seria igual ao que seu pai desejava: limitado àquilo que estava mais próximo dela… e isso significava dor.

– Rehv não fez isso sem motivo.

Ehlena ergueu os olhos para o macho. Parecia tão sério, tão sincero.

– É claro que teve. Queria que acreditasse em suas mentiras, mas sua máscara caiu. Não havia mais nada para esconder.

– Não foi isso o que eu quis dizer.

– Ele teria me contado alguma coisa se não tivesse sido descoberto? – Silêncio. – Então, é isso.

– Há mais coisas que você não sabe.

– Você acha? Talvez haja menos dele do que você acredita. O que acha disso?

Virou-se e atravessou uma porta a qual abriu e fechou sozinha. Apoiando-se contra o batente, olhou ao redor do lugar onde tudo era tão velho e familiar e desejou poder se permitir ter um ataque de nervos.

Não sabia como superar esta situação. Realmente não sabia.

Depois que o Bentley partiu, Xhex foi direto ao escritório de Rehv. Quando bateu uma vez e não obteve resposta, digitou o código e abriu a porta.

Rehv estava atrás de sua mesa, teclando no *notebook*. Ao lado estava seu novo celular, uma pequena sacola de plástico que continha pílulas gordas e esbranquiçadas e um pacote de M&M.

– Você sabia que a Princesa foi vê-la? – perguntou Xhex. Quando não respondeu, soltou uma maldição. – Por que não me disse isso?

Rehv apenas continuou teclando e disse:

– Porque não era relevante.

– Pro inferno que não era. Quase acabo com aquela fêmea por…

Olhos púrpuras e cruéis se ergueram por cima da tela com um brilho maligno.

– *Jamais* sequer toque em Ehlena.

– O que é isso, Rehv? Ela acabou de chutar seu traseiro. Acha que foi divertido assistir isso?

Apontou o dedo em riste para ela.

– Não é da sua conta. E você nunca, jamais, a tocará. Você entendeu?

Quando os olhos dele brilharam em sinal de advertência, ela pensou que era evidente que estava à beira de um precipício, e, se continuasse avançando, ia cair com tudo, sem paraquedas.

– O que quero dizer é que teria sido bom saber que seu objetivo era fazer ela te rejeitar.

Rehv voltou a teclar. Xhex continuou:

– Então essa foi a ligação de ontem à noite. Foi naquele momento que você soube que sua namorada recebeu uma visita daquela vadia.

– Sim.

– Deveria ter me contado.

Antes que obtivesse uma resposta, seu aparelho de escuta emitiu um ruído e logo ouviu a voz de um de seus seguranças.

– O detetive De la Cruz está aqui para ver você.

Xhex levantou o pulso e falou pelo rádio.

– Leve-o até meu escritório. Estarei lá em um minuto. E tire as garotas da área VIP.

– A polícia? – murmurou Rehv enquanto continuava teclando.

– Sim.

– Fico contente que tenha matado Grady. Não suporto espancadores de esposa.

– Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por você? – perguntou-lhe friamente, sentindo-se excluída. Queria ajudar, acalmar e cuidar de Rehv, mas queria fazer essa coisa seguindo seu próprio conceito de mimar e cuidar: dane-se a história de preparar um banho e oferecer chocolate quente; ela queria matar a Princesa.

Rehv voltou a erguer os olhos.

– Como eu disse ontem à noite, vou pedir a você que cuide de alguém.

Xhex teve de ocultar sua decepção. Se fosse pedir que assassinasse a Princesa, não teria motivo para arrastar sua namoradinha até ali, fazer todo

um espetáculo a respeito das mentiras que havia dito e permitir que a fêmea se desfizesse dele como se fosse carne podre.

Droga, devia estar relacionado com a namoradinha. Ia pedir que se certificasse de que nada acontecerá a Ehlena. E conhecendo Rehv como conhecia, era provável que também tentasse ajudar a fêmea com apoio financeiro… a julgar pelo traje simples da garota, a falta de joias e seu caráter sensato, não parecia provir de uma família rica.

Que diversão. Fazer que aquela fêmea aceitasse dinheiro do macho ao qual odiava ia ser uma festa.

– O que precisar – disse Xhex quando saiu.

Percorrendo seu caminho ao longo do clube, rezou para que ninguém a tocasse de maneira errada, especialmente agora que tinha um policial na casa.

Quando finalmente chegou ao escritório, refreou sua frustração e abriu a porta, colocando um sorriso tenso no rosto.

– Boa noite, detetive.

De la Cruz se virou. Tinha uma pequena planta de hera com ele, que não era maior que a palma de sua mão.

– Tenho um presente para você.

– Já disse que não sou boa com os seres vivos.

Ele a colocou sobre a mesa.

– Então, talvez seja melhor começar devagar.

Ao sentar-se na cadeira, olhou fixamente a frágil planta e sentiu um surto de pânico.

– Não acho que…

– Antes que diga que não posso lhe dar nada de presente porque sou um funcionário público – tirou um recibo do bolso –, digo que custou menos de três dólares. O que é mais barato que um café na Starbucks.

Colocou o pequeno recibo branco junto ao vaso de plástico verde escuro.

Xhex limpou a garganta.

– Bom, apesar de apreciar sua preocupação por minha decoração…

– Não tem nada a ver com a sua mobília. – Sorriu e sentou. – Sabe por que estou aqui?

– Encontrou o homem que assassinou Chrissy Andrews?

– Sim, encontrei. E desculpe meu linguajar, mas ele estava em frente à lápide dela com o pênis cortado e colocado na boca.

– Caramba. Nossa.

– Poderia me dizer onde esteve ontem à noite? Ou prefere chamar um advogado primeiro?

– Por que precisaria de um? Não tenho nada a esconder. Estive aqui a noite toda. Pergunte aos meus seguranças.

– *Toda* a noite.

– Sim.

– Encontrei pegadas nas imediações da cena do crime. Estilo botas de combate, pequenas. – Baixou o olhar até os pés dela. – Mais ou menos como as que você usa.

– Estive no túmulo. Claro que sim. Estou de luto por uma amiga. – Ergueu a sola do sapato para que ele pudesse ver, sabendo que tinha um desenho diferente e que não eram do mesmo fabricante que a que tinha usado na noite anterior. Também eram de outro tamanho, com palmilhas em seu interior para que conseguisse usar um número maior.

– Hum. – Depois de uma inspeção, De la Cruz se reclinou para trás e uniu as pontas dos dedos, apoiando os cotovelos nos braços da cadeira.

– Posso ser honesto com você?

– Sim.

– Acho que você o matou.

– Mesmo?

– Sim. Foi um crime violento, os detalhes sugerem que foi cometido como se fosse uma vingança. Sabe, o legista acredita, assim como eu, que Grady estava vivo quando… digamos, deram conta dele. E não foi uma tarefa realizada com uma machadinha qualquer. Foi incapacitado de forma profissional, como se o assassino tivesse sido treinado para matar.

– Este é um bairro violento e Chrissy tinha um monte de amigos durões. Qualquer um deles poderia ter feito isso.

– Havia uma maioria de mulheres no funeral.

– E você não acredita que mulheres sejam capazes de fazer algo assim? Um tanto sexista, detetive.

– Oh, sei que as mulheres são capazes de matar. Acredite. E… você parece o tipo de mulher que conseguiria.

– Está me rotulando? Só porque uso roupa de couro preta e trabalho como segurança de um clube?

– Não. Estive ao seu lado quando identificou o corpo de Chrissy. Vi a maneira como olhava para ela, e isso é o que me faz pensar que foi você. Tem

motivo para vingança e teve a oportunidade, porque qualquer um poderia escapar deste lugar por uma hora, fazer o trabalho e voltar. – Ficou em pé, foi em direção à porta e se deteve com a mão sobre a maçaneta. – Aconselho que consiga um bom advogado. Vai precisar de um.

– Está latindo na casa errada, detetive.

Ele balançou a cabeça lentamente.

– Acho que não. Sabe? A primeira coisa que a maioria das pessoas com a qual converso quando há um cadáver envolvido me diz, seja verdade ou não, é que elas não fizeram nada. Você não disse nada parecido com isso.

– Talvez não sinta a necessidade de me defender.

– Talvez não sinta remorsos porque Grady era um lixo que bateu numa jovem até a morte. – Quando acionou o trinco, os olhos do detetive tinham uma expressão triste e cansada. – Por que não nos deixou capturá-lo? Teríamos apanhado o rapaz. Colocado na prisão. Deveria ter deixado que cuidássemos disso.

– Obrigada pela planta, detetive.

O cara assentiu, como se as regras do jogo acabassem de ser estabelecidas e tivessem concordado em como iriam agir no campo.

– Consiga aquele advogado. Rápido.

Quando a porta se fechou, Xhex recostou-se na cadeira e olhou a planta. Bonito tom de verde, ela pensou. E gostava do formato das folhas, a simetria agradava seus olhos e as pequenas nervuras formavam um bonito padrão.

Definitivamente ia terminar matando aquela pobre e inocente planta.

Uma batida na porta fez que erguesse os olhos.

– Entre.

Marie-Terese entrou, cheirando perfume e usando uma calça folgada e uma camiseta branca. Era óbvio que ainda não tinha começado seu turno.

– Acabei de entrevistar duas novas garotas.

– Gostou de alguma delas?

– Uma está escondendo alguma coisa. Não tenho certeza do que se trata. A outra não tem problema, embora tenha um serviço malfeito no seio.

– Deveríamos encaminhá-la ao doutor Malik?

– Acho que sim. É bonita o suficiente para atrair as notas mais altas. Quer conhecê-la?

– Sim, mas não agora. Que tal amanhã à noite?

– Trago ela aqui, só me diga que horas…

– Posso perguntar uma coisa?

Marie-Terese assentiu sem hesitar:

– Qualquer coisa.

Durante o silêncio que se seguiu, Xhex quase perguntou sobre a pequena sessão de movimentos intensos que John e Gina tiveram no banheiro. Mas o que haveria para saber? Só tinha sido uma transação de negócios, o que era comum no clube.

– Eu o encaminhei para Gina – disse Marie-Terese com calma.

Xhex encarou a mulher.

– Quem?

– John Matthew. Eu o encaminhei até ela. Achei que seria mais fácil.

Xhex brincou com o jornal de Caldwell que tinha sobre a mesa.

– Não faço ideia do que está falando.

A expressão de Marie-Terese foi de "sim, tanto faz", mas não continuou por esse caminho, o que dava crédito a ela.

– A que horas amanhã à noite?

– Para quê?

– Conhecer a nova garota.

Oh, claro.

– Digamos que dez em ponto.

– Parece bom.

Marie-Terese se voltou.

– Ei, posso pedir um favor? – disse Xhex.

Quando a mulher girou de volta, Xhex sustentou no alto a plantinha de hera.

– Poderia levar isto para sua casa? E, tipo… não deixar que ela morra?

Marie-Terese olhou a coisa, encolheu os ombros e se aproximou para pegá-la.

– Eu gosto de plantas.

– O que significa que esta aqui acaba de ganhar na loteria. Porque eu não gosto.

# CAPÍTULO 56

**Rehvenge clicou em "imprimir"** e se inclinou para trás para pegar os papéis que saíam da impressora. Quando a máquina emitiu um último zumbido e um suspiro, deixou a pilha em frente a ele, separou as páginas de maneira adequada, colocou suas iniciais no canto superior direito de cada uma delas e, em seguida, assinou seu nome três vezes. A mesma assinatura, as mesmas cartas, os mesmos rabiscos em letra cursiva.

Não chamou Xhex para testemunhar. Tampouco pediu a Trez que o fizesse.

Foi iAm quem o fez, assinando o nome que tinha assumido para propósitos humanos para dar credibilidade ao testamento, às transferências de bens imobiliários e outros negócios. Depois de fazer isso, assinou uma carta escrita no Antigo Idioma com seu verdadeiro nome e uma declaração da linha de descendência.

Quando terminaram, Rehv pôs tudo numa maleta preta e entregou a iAm.

– Quero que tire Xhex daqui em trinta minutos. Leve-a nem que tenha de nocauteá-la. E certifique-se de levar seu irmão com você e de que todos os funcionários tenham ido embora.

iAm não disse nada. Em vez disso, tirou a faca que levava na parte de trás da cintura, fez um talho na palma da mão e a estendeu, seu sangue caiu espesso e azul sobre o teclado do computador. Era tão fiel quanto Rehv precisava que fosse, totalmente imperturbável e firme.

Razão pela qual o escolheu há muito tempo para fazer as coisas mais difíceis.

Rehv teve de engolir em seco quando ficou em pé para apertar a mão que lhe oferecia. O aperto de mãos foi um voto de sangue, e logo o corpo deles se encontrou num firme abraço.

iAm disse em voz baixa e no Antigo Idioma:

– *Conheci-o bem. Amei-o como se fosse minha própria carne e osso. Irei honrá-lo para sempre.*

– Cuide dela, ok? Ficará enlouquecida por um bom tempo.

– Trez e eu faremos o que for necessário.

– Nada disso foi culpa dela. Nem o princípio nem o fim. Xhex vai ter de acreditar nisso.

– Eu sei.

Separaram-se, e foi difícil para Rehv deixar ir o ombro de seu velho amigo, sobretudo por ser esta a única despedida que teria: Xhex e Trez teriam lutado contra sua decisão, teriam tentado negociar outras soluções e perseguiriam com todas as forças outro resultado. iAm era mais fatalista. Também mais realista, porque não havia outra maneira.

– Vá – disse Rehv com a voz embargada.

iAm colocou a palma da mão ensanguentada sobre o coração, fez uma reverência dobrando-se pela cintura e se foi sem olhar para trás.

As mãos de Rehv estavam tremendo quando retirou a manga para checar seu relógio. O clube fechava às quatro. O pessoal da limpeza chegava às cinco da manhã em ponto. O que significava que depois que todos se fossem ele tinha meia hora.

Pegou o telefone e se dirigiu para o quarto, discou um número ao qual costumava ligar várias vezes.

Enquanto trancava a porta, ouviu a terna voz de sua irmã na linha.

– Olá, meu irmão.

– Olá. – Sentou-se sobre a cama, pensando no que dizer.

Ao fundo, Nalla choramingava um tanto melancólica, e Rehv ficou imóvel. Ele pôde imaginar as duas juntas, a menina apoiada contra o ombro de sua irmã, um conjunto frágil de futuro embrulhado em um macio cobertor enfeitado com fitas de cetim.

Para os mortais, a única coisa infinita são as crianças, não é?

Ele nunca as teria.

– Rehvenge? Você está aí? Está tudo bem?

– Sim. Liguei só por que… queria te dizer… – Adeus. – Que amo você.

– Isso é tão doce. É duro, não é? Ficar sem nossa *mahmen*.

– Sim. É sim. – Fechou os olhos com força, e como se tivesse recebido um sinal, Nalla começou a chorar de verdade.

– Desculpe minha caixinha de barulho – disse Bella. – Ela não dorme enquanto eu não caminhar pelo quarto, e meus pés estão começando a se render.

– Escute… lembra-se da canção de ninar que eu costumava cantar para você? Quando era pequena.

– Oh, meu Deus, aquela sobre as quatro estações? Sim! Faz anos que não penso nela… costumava cantá-la quando eu não conseguia dormir. Mesmo quando já era mais velha.

Sim, era essa, pensou Rehv. A que vinha diretamente dos Antigos Mitos sobre as quatro estações do ano e da vida, a que tinha ajudado a ele e a sua irmã a superar muitos dias de insônia, ele cantando, ela descansando.

– Como era mesmo? – perguntou Bella. – Não consigo…

Rehv cantou um pouco sem jeito no começo, as palavras tropeçando em sua memória enferrujada. As notas não eram perfeitas, pois sua voz sempre tinha sido grave demais para o tom em que estava escrita a canção.

– Oh… é isso mesmo! – sussurrou Bella. – Espere, deixe-me colocá-lo no viva-voz…

Ouviu-se um sinal sonoro e em seguida um eco, e ao continuar cantando, o choro de Nalla parou, as chamas foram extintas por uma chuva suave de palavras antigas.

O manto verde-pálido da primavera… o véu brilhante e florescido do verão… o tecido fresco do outono… o cobertor de frio do inverno. As estações não pertenciam apenas à terra, mas à toda criatura vivente que luta pela fruição e a conquista, seguido pela queda do topo e a suave luz branca do Fade que era o eterno descanso.

Cantou a canção de ninar duas vezes, e sua última viagem através das palavras foi a melhor. Parou por ali, porque não desejava correr o risco de que a próxima tentativa não ficasse tão boa.

A voz de Bella estava embargada pelas lágrimas.

– Conseguiu. Conseguiu fazê-la dormir.

– Pode cantar para ela se quiser.

– Vou cantar. Com toda certeza. Obrigada por me lembrar dela. Não sei por que não me ocorreu fazer isso antes.

– Talvez você fosse ainda lembrar. Em algum momento.

– Obrigada Rehv.

– *Durma bem, minha irmã*.

– Converso com você amanhã, pode ser? Parece distraído.

– Amo você.

– Oh… eu também amo você. Ligo amanhã.

Houve uma pausa.

– Cuide-se. Cuide de você, da sua pequena e de seu *hellren*.

– Vou fazer isso, querido irmão. Tchau tchau.

Rehv desligou e ficou sentado com o telefone na mão. Para manter a tela acesa, pressionava uma tecla a cada dois minutos.

Não ligar para Ehlena o matava. Não mandar uma mensagem. Não entrar em contato. Mas as coisas ficariam melhores assim: preferia que ela o odiasse do que chorasse por ele.

Às quatro e meia, recebeu a mensagem de texto de iAm que estava esperando. Apenas duas palavras.

Tudo limpo.

Rehv se levantou da cama. A dopamina estava perdendo efeito, mas ainda havia o suficiente dentro dele para que vacilasse sem a bengala e se visse obrigado a recuperar o equilíbrio. Quando se convenceu de que estava suficientemente estável, tirou o casaco de pele e o paletó e se desarmou, deixando sobre a cama as pistolas que geralmente levava debaixo dos braços.

Era hora de partir, hora de usar o sistema que tinha instalado do chão ao teto depois de ter adquirido aquele edifício.

O lugar estava conectado a uma grande instalação sonora. E não era do tipo Dolby.

Voltou ao escritório, sentou-se atrás da mesa e abriu a última gaveta do lado direito. Dentro havia uma caixa negra que não era maior que o controle remoto de uma TV e, além dele, iAm era o único que sabia o que era e para que servia. iAm também era a única pessoa que tinha conhecimento dos ossos que Rehv guardava debaixo de sua cama, ossos que eram de um macho humano e aproximadamente do tamanho de Rehv. Foi iAm quem os conseguiu.

Rehv pegou o controle remoto e ficou em pé, olhando ao redor pela última vez. As pilhas de papéis ordenadas na mesa. O dinheiro no cofre. As drogas na sala de produção de Rally.

Saiu do escritório. Depois de horas de trabalho, o clube estava bem-iluminado, e a área VIP estava coberta pelos resíduos da noite, como uma prostituta muito usada: havia pegadas no brilhante chão negro, marcas circulares de água sobre as mesas, guardanapos enrugados aqui e ali. As garçonetes limpavam depois que cada cliente saía, mas não era possível ver muito no escuro quando se é um ser humano.

No caminho, a cascata estava desligada, por isso tinha uma clara visão da área normal – que não parecia muito melhor. A pista de dança estava toda arranhada. Havia canudos e papéis por todos os lados, e até mesmo uma calcinha num canto. No teto, a rede de vigas, cabos e lâmpadas do sistema de iluminação estava exposta. Não havia música tocando, os alto-falantes enormes estavam hibernando como ursos negros em uma caverna.

Visto daquela maneira, o clube parecia a caverna do mágico de Oz: toda a magia que se desenvolvia ali noite após noite, todo o barulho e a excitação, na verdade era apenas uma combinação de aparelhos eletrônicos, bebidas alcoólicas e produtos químicos; uma ilusão para as pessoas que entravam pela porta da frente, uma fantasia que permitia ser algo que não poderiam ser no dia a dia de suas vidas. Talvez desejassem ser poderosos porque se sentiam fracos, ou sensuais porque se sentiam feios, ou elegantes e ricos quando na realidade não eram, ou jovens quando avançavam rapidamente na meia-idade. Talvez desejassem cauterizar a dor de um relacionamento fracassado ou cobrar vingança por terem sido abandonados ou fingir que não estavam procurando um companheiro quando, na verdade, estavam desesperados por isso.

Claro, eles saíam para "se divertir", mas Rehv tinha toda certeza de que debaixo da superfície alegre e radiante havia muita escuridão e decadência.

O clube em seu estado atual era a metáfora perfeita de sua vida. Ele era o Mago, enganando seus entes queridos mais próximos, misturando-se às pessoas normais por meio de uma combinação de drogas, mentiras e subterfúgios.

Esse tempo passou.

Rehv deu uma última volta pelo lugar e saiu pelas portas duplas da frente. O letreiro negro do ZeroSum não estava iluminado, indicando que estariam fechados naquela noite. Fechados para sempre seria mais adequado.

Olhou para os dois lados. Não havia ninguém na rua, nem carros ou pedestres à vista.

Deu a volta e verificou a entrada lateral, então atravessou rapidamente dirigindo-se para o outro beco. Nada de indigentes. Nada de parasitas.

Parado no vento frio, Rehv levou um momento vasculhando com a mente os edifícios que ficavam ao redor do clube, procurando grades emocionais que indicassem que havia humanos. Nada. Tudo vazio. E era assim que tinha de ser.

Pronto para partir, atravessou a rua, desceu dois quarteirões e então parou. Deslizou a tampa do controle remoto para baixo e introduziu um código de oito dígitos.

Dez… nove… oito…

Encontrariam os ossos totalmente queimados, e durante um breve momento, ele se perguntou de quem seriam. iAm não havia dito e ele não tinha perguntado.

Sete… seis… cinco…

Bella ia ficar bem. Ela tinha Zsadist, Nalla, os Irmãos e suas *shellans.* Ia ser brutal, mas ela superaria, e era melhor isso que saber sobre uma verdade que a destruiria: nunca deveria saber que sua mãe tinha sido violentada e que seu irmão era metade devorador de pecado.

Quatro…

Xhex permaneceria longe da colônia. iAm garantiria isso, porque ia forçá-la a cumprir a promessa que fez na noite anterior: Xhex prometeu cuidar de alguém, e na carta que Rehv tinha escrito no Antigo Idioma, a qual tinha feito iAm legitimar sendo testemunha, exigia que ela cuidasse de si mesma. Sim, ele a enganou sobre isso. Sem dúvida ela achava que pediria que matasse a Princesa ou talvez imaginou que pediria para proteger Ehlena. Mas ele era um *sympatho*, não? E ela tinha cometido o engano de dar sua palavra sem saber com o que estava se comprometendo.

Três…

Traçou com os olhos o teto do clube e tentou imaginar o aspecto que teriam os escombros, não apenas ao redor do clube, mas também aqueles que deixaria na vida das pessoas ao dirigir-se para o norte.

Dois…

O coração de Rehv doía demais e sabia que era por estar de luto por Ehlena. Apesar de, tecnicamente, ser o único que estivesse morrendo.

Um…

A explosão que detonou sob a pista de dança desencadeou mais duas, uma debaixo do bar da área VIP e outra no balcão do mezanino. Com um tremendo estrondo e um terremoto, o edifício estremeceu até os alicerces e uma rajada de tijolos e cimento vaporizado foi jogada para fora.

Rehvenge foi jogado para trás e se chocou contra a vitrine de um salão de tatuagens. Depois de recuperar o fôlego, observou como a fina névoa de poeira descia à deriva como se fosse neve.

Roma tinha caído. E, ainda assim, era difícil partir.

As primeiras sirenes soaram não mais que cinco minutos depois, e esperou que as luzes vermelhas passassem a toda velocidade pela Rua Trade.

Quando isso aconteceu, fechou os olhos, acalmou-se e… se desmaterializou para o norte.

Para a colônia.

# CAPÍTULO 57

**– Ehlena? – A voz** de Lusie desceu as escadas. – Estou indo embora.

Ehlena estremeceu e olhou a hora no canto inferior da tela do computador. Eram quatro e meia? Já? Deus, sentia-se como… bom, como se não soubesse se estava sentada durante horas ou dias. O *site* de busca de emprego do jornal de Caldwell esteve na tela todo o tempo, mas tudo que tinha conseguido fazer foram círculos com a ponta do dedo indicador sobre o tapete de apoio do *mouse*.

– Já vou. – Ficou em pé e se dirigiu às escadas. – Obrigada por limpar tudo depois da refeição de meu pai.

A cabeça de Lusie apareceu no alto das escadas.

– De nada, ouça, tem alguém aqui que quer ver você.

O coração de Ehlena agitou-se em seu peito.

– Quem?

– Um macho. Posso deixá-lo entrar?

– Oh, Deus – disse Ehlena em voz baixa. Enquanto subia correndo do porão, pensou que pelo menos seu pai estava dormindo profundamente depois de ter comido. A última coisa que precisava naquele momento era que se transtornasse pela presença de um estranho na casa.

Quando chegou à cozinha, estava preparada para dizer a Rehv ou Trez ou quem quer que fosse que podia ir a…

Um macho loiro com o aspecto de ser muito rico estava em pé ao lado da mesa barata, e trazia uma pasta negra na mão. Lusie estava ao lado dele, colocando seu casaco de lã e preparando sua bolsa.

– Posso ajudá-lo? – disse Ehlena franzindo a testa.

O macho fez uma pequena reverência, levando a palma da mão de maneira elegante ao peito, e quando falou, sua voz era de um tom grave e muito culto fora do comum.

– Estou procurando Alyne, filha de sangue de Uys. É filha dele?

– Sim, sou.

– Posso vê-lo?

– Está descansando. Do que se trata e quem é você?

O macho olhou Lusie, depois colocou a mão no bolso do peito e tirou uma identidade no Antigo Idioma.

– Sou Saxton, filho de Tyhm, advogado contratado pela casa de Montrag, filho de Rehm. O qual foi levado recentemente ao Fade sem deixar nenhum herdeiro direto, e de acordo com minha investigação de linhagens, seu pai é o parente mais próximo e, portanto, o único beneficiário.

As sobrancelhas de Ehlena se ergueram.

– Como? – Quando ele repetiu o que havia dito, continuou sem entender.

– Eu… ah… o quê?

Quando o advogado voltou a repetir a mensagem, sua mente rodeou embaralhada, tentando ligar os pontos. Rehm com certeza era um nome familiar para ela. Tinha visto nos registros de negócios de seu pai… e em seu manuscrito. Não era um cara legal. Nem de longe. Tinha uma vaga lembrança do filho, mas nada específico, apenas vestígios de seus dias passados como uma fêmea de valor em meio ao círculo de debutantes da *glymera*.

– Desculpe – murmurou –, mas isso é uma surpresa.

– Entendo. Posso falar com seu pai?

– Ele não… na verdade, ele não recebe visitas. Não está bem. Eu sou sua tutora legal. – Ela limpou a garganta. – Sob a Antiga Lei, ele foi declarado incapaz por causa de… problemas mentais.

Saxton, filho de Tyhm, fez uma pequena reverência.

– Lamento ouvir isso. Poderia mostrar a identificação de linhagem de vocês dois? E a declaração de incapacidade?

– Tenho tudo lá embaixo. – Olhou para Lusie. – Você precisa ir embora?

Lusie lançou um olhar a Saxton e pareceu chegar à mesma conclusão que Ehlena. O macho parecia perfeitamente normal e aquele terno, aquele casaco e aquela maleta nas mãos gritavam com força *ele é um advogado*. Sua identidade era legítima também.

– Posso ficar se quiser – disse Lusie.

– Não, vou ficar bem e, além disso, o amanhecer está se aproximando.

– Tudo bem, então.

Ehlena acompanhou Lusie para fora e depois voltou-se para o advogado.

– Poderia me dar licença um minuto?

– Leve o tempo que precisar.

– Gostaria… hã, de beber alguma coisa? Café? – Esperava que dissesse que não, já que o melhor que podia oferecer era suco, e ele parecia o tipo de homem que estava acostumado com xícaras de porcelana francesa.

– Estou bem, mas obrigado. – Seu sorriso era genuíno e não tinha nenhuma insinuação sexual. Entretanto, não havia dúvida de que só se interessava pelo tipo de fêmea aristocrática que talvez Ehlena tivesse sido caso sua vida tivesse tomado outro rumo.

– Volto já. Por favor, sente-se. – Embora a calça dele, passada com precisão, poderia se rebelar se o macho tentasse depositar seu peso sobre uma das pequenas e miseráveis cadeiras que havia ali.

Em seu quarto, entrou debaixo da cama e pegou seu cofre. Enquanto o levava escada acima, sentia-se dormente, totalmente fria pelo drama no qual tinha caído sua vida como se fosse um avião em chamas caindo do céu. Cristo, o fato de um advogado ter aparecido em sua porta procurando por herdeiros perdidos a fazia pensar… "até parece". Tanto faz. Não ia depositar muitas esperanças nisso. Considerando a maneira como as coisas estavam se desenvolvendo, esta "oportunidade de ouro" acabaria indo na mesma direção de tudo mais que tinha acontecido ultimamente.

Direto para o ralo.

De volta ao andar de cima, colocou a caixa sobre a mesa.

– Tenho tudo aqui.

Quando se sentou, Saxton também o fez, pondo a maleta no chão cheio de marcas e focando os olhos cinzentos na caixa. Depois de colocar a combinação, ela abriu a pesada tampa e tirou um envelope executivo e três pergaminhos enrolados, nos quais podia se observar fitas de cetim saindo de cada um deles em espiral.

– Esta é a declaração de incapacidade – disse, abrindo o envelope e tirando um documento.

Depois que ele examinou o papel e assentiu, ela apresentou o certificado de linhagem de seu pai que ilustrava uma árvore genealógica com uma encantadora e fluida tinta negra. Na base, as fitas amarelas, azul-pálido e vermelho-profundo estavam fixadas com um selo de cera negra que levava o brasão do pai do pai de seu pai.

Saxton levantou sua maleta, abriu e tirou um par de óculos de joalheiro, deslizou o peso até seu rosto e examinou cada centímetro do pergaminho.

– É autêntico – declarou. – E os outros?

– O de minha mãe e o meu. – Desenrolou os dois e ele realizou a mesma inspeção.

Quando terminou, recostou-se na cadeira e tirou os óculos.

– Posso ver a declaração de incapacidade outra vez?

Ela passou e ele leu, seu rosto ia ficando cada vez mais tenso.

– Poderia me responder qual é exatamente a condição médica de seu pai?

– Sofre de esquizofrenia. Para ser honesta, está muito doente e precisa de cuidados vinte e quatro horas.

Saxton percorreu lentamente a cozinha com o olhar, observando o chão manchado, o papel alumínio nas janelas e os eletrodomésticos antigos.

– Você tem emprego?

Ehlena se enrijeceu.

– Não vejo relevância nisso.

– Desculpe. Você tem toda a razão. É só que… – Voltou a abrir sua maleta e tirou um documento de umas cinquenta páginas e uma planilha. – Uma vez atestado que você e seu pai são os parentes mais próximos de Montrag… e baseado nesses pergaminhos, tenho tudo preparado para fazer a transferência… você nunca mais terá de se preocupar com dinheiro.

Girou o documento e a planilha para ela e tirou uma caneta de ouro do bolso do peito.

– Seu patrimônio líquido é hoje substancial.

Com a ponta de sua pluma, Saxton assinalou o número final que aparecia no canto inferior direito da folha.

Ehlena baixou o olhar. Piscou.

Depois se inclinou bem sobre a mesa, até que seus olhos não ficaram mais de três centímetros de distância da ponta da caneta, do papel e… daquele número.

– Isso… quantos dígitos estou vendo? – sussurrou.

– Deveriam ser oito à esquerda do ponto decimal.

– E começa com um três?

– Sim. Também há uma propriedade. Em Connecticut. Pode mudar-se quando quiser depois que eu terminar meu trabalho com os papéis de certificação, todos os quais redigirei durante o dia e passarei imediatamente ao rei para sua aprovação. – Ele recostou-se. – Legalmente, o dinheiro, o imóvel e os objetos pessoais, incluindo as obras de arte, antiguidades e os carros, serão de seu pai até que ele passe ao Fade. Mas com o seu documento

de tutela, você será encarregada de tudo que esteja em benefício dele. Presumo que seja herdeira direta dele no testamento?

– Ah… sinto muito, qual foi a pergunta?

Saxton sorriu gentilmente.

– Seu pai tem um testamento? Você está nele?

– Não… não, não tem. Já não temos mais nenhum bem.

– Tem algum irmão?

– Não. Só eu. Bem, ele e eu, desde que *mahmen* morreu.

– Gostaria que eu elaborasse um testamento para ele a seu favor? Se seu pai morrer sem um testamento, tudo passará para você de qualquer maneira, mas se lidarmos com isso antes, simplificará as coisas para qualquer advogado que contrate, porque não terá de conseguir a assinatura do rei para a transferência dos bens.

– Isso seria… espere, você custa caro, não? Acho que não podemos…

– Pode me contratar. – Tocou a planilha com sua caneta outra vez. – Confie em mim.

Nas longas e escuras horas depois que Wrath perdeu a visão, ele caiu pelas escadas – diante de todos que se reuniram na sala de jantar para a última refeição. Caiu como se tivesse pisado numa casca de banana, e se estatelou no chão de mosaico do saguão.

A única maneira de ter sido pior seria se tivesse começado a sangrar por toda parte.

Ah… espere. Quando ergueu a mão para colocar seu cabelo para trás, sentiu algo úmido e sabia que não estava babando.

– Wrath!

– Meu Irmão…

– Mas que droga…?

– Santo…

Beth foi a primeira que chegou para ajudá-lo, e colocou as mãos sobre os ombros dele enquanto o sangue quente escorria do nariz.

Outras mãos se estenderam na escuridão, mãos de seus Irmãos, mãos das *shellans* da casa, e todas eram amáveis, preocupadas, tinham compaixão.

Com um impulso furioso, empurrou a todos para trás e tentou ficar em pé. Entretanto, não tendo qualquer senso de orientação, uma de suas botas permaneceu no primeiro degrau – o que fez que perdesse totalmente o

equilíbrio. Agarrando o corrimão, conseguiu equilibrar as botas e arrastou os pés para trás, não tinha certeza se estava indo para a porta da frente ou para a sala de bilhar, ou para a biblioteca, ou sala de jantar. Estava completamente perdido num lugar que conhecia muito bem.

– Estou bem – ladrou. – Estou muito bem.

Todos ficaram em silêncio, sua voz de comando não tinha perdido a autoridade por causa da cegueira…

Suas costas bateram contra uma parede, e um candelabro de cristal tilintou pelo impacto, o delicado ruído se elevou no silêncio reinante.

Jesus… Cristo. Não podia continuar assim, como um carro de bate-bate, trombando nas coisas, caindo. Mas não tinha a opção de mudar isso.

Desde que as luzes se foram, esperava que seus olhos começassem a funcionar outra vez. Contudo, com o passar do tempo, sem que Havers tivesse encontrado respostas concretas e diante do desconcerto da doutora Jane, o que em seu coração já sabia que era verdade, começou a abrir caminho até seu cérebro: aquela escuridão em que se encontrava era a nova terra sobre a qual caminhava.

Ou caía, como era o caso.

Quando o candelabro se acalmou sobre sua cabeça, cada parte de seu ser gritava, e rezou para que ninguém, nem sequer Beth, o tentasse tocar ou conversar ou dizer que estava tudo bem.

Nada ficaria bem outra vez. Não ia recuperar a visão, não importava o que os médicos tentassem fazer, não importava quantas vezes se alimentasse, não importava o quanto descansasse ou cuidasse de si mesmo. Droga, mesmo antes de V. revelar o que tinha previsto, Wrath já sabia o que se aproximava: sua visão estava enfraquecendo com o passar dos séculos, a acuidade visual estava desaparecendo gradualmente com o tempo. E estava sofrendo dores de cabeça há anos, e a intensidade tinha crescido nos últimos doze meses.

Sabia que terminaria assim. Sabia disso e ignorou o fato durante toda sua vida, mas a realidade estava ali.

– Wrath. – Foi Mary, a *shellan* de Rhage, quem rompeu o silêncio, sua voz era estável e tranquila, sem rastros de frustração ou afobação. O contraste com o caos de sua mente o fez virar-se em direção ao som, contudo, não conseguiu responder nada porque não tinha voz.

– Wrath, quero que estenda a mão esquerda. Encontrará o batente da porta da biblioteca. Mova-se nessa direção e dê quatro passos para trás para entrar

na sala. Vou conversar com você e Beth está vindo comigo.

As palavras eram tão equilibradas e razoáveis que foram como um mapa para atravessar a crescente selva de espinhos, e seguiu as indicações com todo o desespero de um viajante perdido. Estendeu a mão… e, sim, ali estava o padrão irregular da moldura ao redor da porta. Arrastando-se para um lado, utilizou as duas mãos para encontrar o caminho além dos batentes e depois deu quatro passos.

Ouviu passos silenciosos. Dois pares. E as portas da biblioteca se fecharam.

Percebia a localização das duas fêmeas pelos sutis sons da respiração e nenhuma delas se aproximou muito dele, o que era bom.

– Wrath, acho que precisamos fazer algumas mudanças temporárias. – A voz de Mary vinha da direita. – No caso de não recuperar logo a visão.

Grande trabalho ao me enrolar, pensou ele.

– Como quais? – resmungou.

Beth respondeu, deixando claro que as duas já tinham conversado sobre isso.

– Uma bengala para ajudá-lo com o equilíbrio e uma infraestrutura de funcionários em seu escritório para que possa voltar ao trabalho.

– E talvez algum outro tipo de ajuda – acrescentou Mary.

Enquanto absorvia suas palavras, o som dos batimentos de seu coração rugia em seus ouvidos e tentou não prestar tanta atenção nisso. Sim, boa sorte com isso. Quando um suor frio veio sobre ele, molhando seu lábio superior e as axilas, não tinha certeza se era pelo medo ou pelo esforço de manter-se firme diante delas.

Provavelmente os dois. A questão era: não poder enxergar era ruim, mas o que realmente o matava era a claustrofobia. Sem uma referência visual, estava preso no espaço estreito e apertado que havia sob a capa de sua pele, aprisionado em seu corpo, sem saída… e não se dava nada bem com esse tipo de coisa. Lembrou-se de quando era menino e seu pai o trancou num espaço apertado… e permaneceu trancado enquanto via seu pais serem assassinados pelos *redutores*…

A lembrança terrível debilitou seus joelhos e perdeu o equilíbrio, pendendo para um lado até que começou a cair sobre as botas. Foi Beth quem o segurou e gentilmente o carregou até que pudesse se jogar sobre um sofá.

Enquanto tentava respirar, apertou a mão dela com força, e esse contato foi

tudo que o impediu de chorar até soluçar como se fosse um menino.

O mundo acabou… o mundo acabou… o mundo…

– Wrath – disse Mary –, voltar a trabalhar vai ajudar e podemos fazer que esse período seja mais fácil. Há soluções que podem tornar as coisas mais seguras para você e ajudar a se acostumar…

Ele não ouvia o que Mary dizia. E tudo que podia pensar era que não voltaria a lutar, nunca mais. Nada de passear com facilidade pela casa. Nada de enxergar sequer uma imagem imprecisa do que haveria em seu prato, ou de quem estava sentado à mesa, ou do que Beth vestia. Não sabia como ia fazer para se barbear ou encontrar a roupa em seu armário, ou ver onde estava o xampu e o sabonete. Como faria exercícios? Não seria capaz de preparar os pesos que queria ou ligar a esteira e… droga, amarrar os cadarços…

– Sinto como se tivesse morrido – disse engasgado. – Se é assim que vai ser… sinto como se a pessoa que eu era… tivesse morrido.

A voz de Mary estava bem na frente dele.

– Wrath, já vi pessoas atravessarem exatamente o mesmo tipo de situação com a qual você está lutando. Meus pacientes autistas e seus pais tiveram de aprender a olhar as coisas de uma maneira nova. Mas não estava tudo acabado para eles. Não houve nenhuma morte, apenas um estilo diferente de vida.

Enquanto Mary falava, Beth acariciava seu braço, deslizando a mão para cima e para baixo ao longo da tatuagem que ilustrava sua linhagem. O toque o fez pensar nos muitos machos e fêmeas que tinham morrido antes dele, cuja coragem tinha sido provada por desafios tanto internos quanto externos.

Franziu a testa e, de repente, sentiu-se envergonhado por sua fraqueza. Se seu pai e sua mãe estivessem vivos agora, teriam se envergonhado se o vissem agindo dessa maneira. E Beth… sua amada, sua companheira, sua *shellan*, sua rainha, também não deveria vê-lo assim.

Wrath, filho de Wrath, não deveria se inclinar sob o peso que lhe foi imposto. Deveria suportá-lo. É isso que os membros da Irmandade fazem. É isso que um rei faz. É isso que um macho de valor faz. Deveria suportar sua carga, elevar-se por cima da dor e do medo, enfrentar a tudo com força não só por aqueles a quem amava, mas por si mesmo.

Em vez disso, andava caindo pelas escadas como um bêbado.

Limpou a garganta. E teve de fazer isso outra vez.

– Tenho… tenho de conversar com alguém.

– Tudo bem – disse Beth. – Podemos trazer esse alguém até você…

– Não, irei sozinho. Se me derem licença. – Ficou em pé e avançou… para dar em cheio com a mesa do café. Reprimindo uma maldição enquanto esfregava a canela, disse: – Poderiam me deixar sozinho aqui? Por favor.

– Posso… – A voz de Beth ficou embargada. – Posso limpar seu rosto?

Distraidamente, Wrath limpou a bochecha e sentiu que estava molhada. Sangue. Ainda estava sangrando.

– Estou bem.

Houve um suave sussurro enquanto as duas mulheres se encaminhavam para a porta, em seguida o ruído do trinco quando uma delas acionou a maçaneta.

– Amo você, Beth – disse Wrath rapidamente.

– Eu também te amo.

– E… vai ficar tudo bem.

Com outro ruído, a porta voltou a se fechar.

Wrath se sentou no chão no mesmo lugar em que se encontrava, porque não confiava em si mesmo para circular pela biblioteca. Enquanto estava sentado, o rangido do fogo da lareira deu um ponto de referência… e então percebeu que podia visualizar a biblioteca em sua mente.

Se estendesse a mão à direita… sim. Sua mão roçou uma das pernas lisas da mesa que havia ao lado do sofá. Deslizou a mão até a tampa retangular e apalpou a superfície da coisa até encontrar… sim, os porta-copos que Fritz empilhava ordenadamente ali. E um pequeno livro de couro… e a base do abajur.

Isso era reconfortante. De alguma estranha maneira ele tinha sentido como se o mundo tivesse desaparecido só porque não podia vê-lo. Mas, na verdade, continuava tudo ali.

Fechando os olhos, ele enviou um pedido de permissão com sua mente.

Passou-se um longo tempo antes que fosse atendido, um longo, longo tempo antes que seu espírito se desprendesse e ele se transportasse para um chão duro, ao lado de uma fonte que jorrava suavemente. Imaginou se ficaria cego também no Outro Lado; e estava. Ainda assim, como tinha acontecido com o espaço da biblioteca, conhecia o lugar, embora não pudesse vê-lo. À direita, havia uma árvore cheia de pássaros cantando e, diante dele, do outro lado da fonte, estaria a galeria com colunas que formavam parte dos aposentos privados da Virgem Escriba.

– Wrath, filho de Wrath. – Não ouviu a mãe da raça se aproximar, pois ela levitava de modo que sua túnica negra nunca tocava o chão. – Com que propósito vem a mim?

Ela sabia muito bem por que estava ali, e ele não ia continuar seu jogo.

– Quero saber se você me fez isto.

Os pássaros se calaram, como se estivessem chocados com sua ousadia.

– Fiz o que a você? – Sua voz soava como quando tinha aparecido na Tumba com Vishous: distante e desinteressada. O que irritava muito um cara que estava tendo dificuldades para descer sua própria escada.

– Minha maldita visão. Tirou minha visão porque saí para lutar? – Arrancou os óculos de sol do rosto e os atirou sobre o chão escorregadio. – *Fez isso a mim?*

Em tempos passados, ela o teria açoitado até sangrar por esse tipo de insubordinação, e enquanto Wrath aguardava para ver sua resposta, quase pensou que iria ser atingido por um raio.

No entanto, não houve qualquer ferimento.

– O que está destinado a acontecer, assim será. Sua luta não teve nada a ver com sua perda de visão, nem eu tampouco. Agora, volte para seu mundo e deixe-me no meu.

Soube que ela se afastava, porque sua voz se desvanecia enquanto se encaminhava na direção oposta.

Wrath franziu a testa. Esperava uma briga ao chegar até ali e queria uma. Em vez disso? Não tinha nada para contra-argumentar e nem sequer sofreu uma reprimenda por seu desrespeito deliberado.

A mudança radical em seu comportamento era tão gritante, que, por um momento, esqueceu todo o assunto sobre sua cegueira.

– O que há de errado com você?

Não obteve nenhuma resposta, só uma porta fechando-se suavemente.

Na ausência da Virgem Escriba, os pássaros permaneceram em silêncio, o delicado som da água caindo era o único que o envolvia. Até que outra pessoa se aproximou.

Por instinto, virou-se em direção aos passos e assumiu sua posição de combate, surpreso ao descobrir que não estava tão indefeso quanto pensava. Na ausência da visão, sua audição formava a imagem que seus olhos já não produziam mais: sabia onde estava a pessoa pelo roçar de sua túnica e um estranho "clique" que ouvia… droga, podia ouvir até mesmo as batidas de

seu coração.

Forte. Estável.

O que um macho estava fazendo ali?

– Wrath, filho de Wrath. – Não era a voz de um macho. Era uma fêmea. E mesmo assim dava a impressão de masculinidade. Ou seria poder?

– Quem é? – perguntou.

– Payne.

– Quem?

– Não importa. Diga uma coisa, planeja fazer alguma coisa com esses punhos? Ou vai ficar aí parado?

Deixou cair os braços imediatamente, pois era totalmente inadequado levantar a mão a uma fêmea…

Um gancho atingiu sua mandíbula com tanta força que sacudiu a cabeça e os ombros. Atordoado, mais surpreso que dolorido, lutou para recuperar o equilíbrio. No instante em que conseguiu, ouviu um som sibilante e recebeu outro golpe sob a mandíbula que jogou a cabeça para trás.

Contudo, esses foram os únicos golpes precisos que ela conseguiu acertar. Seus instintos defensivos e seus anos de treinamento responderam mesmo não vendo nada, sua audição fez a parte dos olhos, indicando onde estavam as coisas, como braços e pernas. Agarrou um pulso surpreendentemente magro e puxou a fêmea…

O calcanhar dela fez um forte contato com sua canela, a dor espetava sua perna e o irritava, ao mesmo tempo que uma corda parecia oscilar diante de seu rosto. Agarrou-a com a esperança de que fosse uma trança de seu cabelo…

Puxando com força, sentiu que o corpo dela se contorceu para trás. Sim, presa à sua cabeça. Perfeito.

Fazê-la perder o equilíbrio foi fácil, mas, cara, era uma filha da mãe forte. Com apenas uma perna para apoiar o próprio peso, conseguiu saltar e girar no ar, golpeando o ombro dele com o joelho.

Ouviu onde ela aterrissou e começou a se movimentar, mas a manteve presa pelo cabelo, controlando-a. Contudo, ela parecia como a água, sempre fluida, sempre em movimento, golpeando continuamente até que se viu forçado a tombá-la sobre a terra e imobilizá-la.

Foi um caso de força bruta vencendo movimentos graciosos.

Ofegando, olhou em direção a um rosto que não podia ver.

– Qual é seu maldito problema?

– Estou entediada. – Ao dizer isso, deu-lhe uma cabeçada atingindo em cheio seu nariz.

A dor o fez sentir como se estivesse num carrossel, diminuindo brevemente sua pressão. Que era tudo que ela precisava para se libertar outra vez. Agora era ele quem estava por baixo e ela tinha o antebraço ao redor de sua garganta.

Wrath se esforçou para levar ar aos pulmões. Mas que droga, se continuasse assim, ia matá-lo. Ia mesmo.

Das profundezes de seu ser, do fundo de sua medula e da dupla hélice de seu DNA, chegou-lhe a resposta. Não ia morrer aqui e agora. De maneira alguma. Ele era um sobrevivente. Era um lutador. E fosse quem fosse essa vadia, ela não ia emitir sua passagem para o Fade.

Wrath deixou escapar um grito de guerra apesar do braço que tinha ao redor do pescoço e se moveu tão rápido que nem percebeu o que fez. Tudo que soube foi que uma fração de segundo depois, a fêmea estava com o rosto sobre o mármore e com os braços retorcidos atrás das costas.

Sem qualquer motivo, lembrou-se de que há algumas noites atrás tinha quebrado os braços daquele *redutor* no beco antes de matar o filho da mãe.

Ia fazer exatamente a mesma coisa com ela…

O riso que começou a vir debaixo dele o deteve. A fêmea… estava rindo. E não como alguém que tivesse enlouquecido. Estava se divertindo mesmo, apesar de saber que estava a ponto de desmaiar pelo tipo de dor que ia infligir a ela.

Wrath afrouxou ligeiramente a pressão.

– É uma vadia doente, sabia?

O corpo firme dela tremeu enquanto continuava rindo.

– Sei.

– Se a soltar, vamos acabar nessa posição outra vez?

– Talvez sim. Talvez não.

Estranho, mas ele meio que gostava dessas probabilidades, e depois de um momento, soltou-a como se ela fosse um cara durão de mau humor: foi rápido e logo saiu do caminho. Ao ficar em pé, estava preparado para que ela voltasse a atacá-lo, e de certa forma, esperava que o fizesse.

A fêmea ficou onde estava, estendida sobre o chão de mármore e voltou a ouvir aquele som de “clique” outra vez.

– Que som é esse? – perguntou ele.

– Tenho o hábito de raspar a unha do dedo anelar contra a unha do polegar.

– Ah. Legal.

– Ouça, vai voltar aqui em breve?

– Não sei. Por quê?

– Porque isso foi a coisa mais divertida que me aconteceu desde… muito tempo atrás.

– De novo, quem é você? E por que não a vi aqui antes?

– Vamos apenas dizer que Ela nunca soube o que fazer comigo.

Estava claro pelo tom de voz da fêmea quem era Ela.

– Bom, Payne, posso voltar para ter mais um pouco disso.

– Bom. Faça isso logo. – Ouviu-a ficar em pé. – A propósito, seus óculos estão ao lado de seu pé esquerdo.

Houve um farfalhar e o suave fechar de uma porta.

Wrath pegou os óculos e depois sentou sobre o mármore para dar um intervalo a suas pernas. Engraçado, ele gostou da dor na perna, do latejar de seu ombro e do palpitar agudo de cada uma de suas contusões. Tudo isso era familiar, parte de seu passado e presente, e algo que iria precisar em seu desconhecido e assustadoramente escuro futuro.

Seu corpo ainda era dele. Ainda funcionava. Ainda podia lutar e talvez, com prática, poderia voltar a ser como antes.

Não tinha morrido.

Ainda estava vivo. Sim, não conseguia enxergar, mas ainda podia tocar sua *shellan* e fazer amor com ela. E ainda podia pensar, andar, falar e ouvir. Seus braços e pernas funcionavam muito bem, assim como os pulmões e o coração.

A adaptação não ia ser fácil. Uma luta impressionante não ia fazer desaparecer o que seriam meses e meses de uma aprendizagem desajeitada, frustração, fúria e passos em falso.

Mas tinha perspectiva. Ao contrário do nariz sangrando que tinha conseguido ao cair pelas escadas, o sangue que tinha agora não parecia um símbolo de tudo que tinha perdido. Era mais como uma representação de tudo que ainda possuía.

Quando Wrath voltou para a biblioteca da mansão da Irmandade, estava sorrindo, e quando ficou em pé, riu quando uma de suas pernas gritou de dor.

Concentrando-se, deu dois passos mancando à esquerda e… encontrou o

sofá. Deu dez para frente e… encontrou a porta. Abriu-a, deu quinze passos à frente e… encontrou o corrimão da escadaria.

Podia ouvir a refeição que estava sendo consumida na sala de jantar, o suave tinido de prata contra a porcelana enchendo o vazio que normalmente era ocupado por conversas. E pôde cheirar o… oh, sim, cordeiro. Um dos seus pratos favoritos.

Enquanto dava trinta e cinco passos de caranguejo à esquerda, começou a rir, especialmente quando limpou o rosto e o sangue escorreu em sua mão.

Soube exatamente o momento em que todos o viram. Garfos e facas caíram sobre os pratos, cadeiras se arrastaram para trás e o ar se encheu de palavrões.

Wrath simplesmente riu e riu e riu mais um pouco.

– Onde está minha Beth?

– Oh, bom Deus – disse ela enquanto se aproximava. – Wrath… o que aconteceu?

– Fritz – chamou enquanto encaixava sua rainha contra ele. – Poderia me trazer um prato? Estou com fome. E traga uma toalha para que eu possa me limpar. – Apertou Beth. – Poderia me levar até meu assento, meu amor?

Fez-se um grande silêncio que soava muito com um "mas que droga é essa?".

Hollywood foi quem perguntou:

– Quem diabos usou seu rosto como bola de futebol?

Wrath simplesmente deu de ombros e acariciou as costas de sua *shellan*.

– Fiz uma nova amizade.

– Que grande amigo.

– Ela é.

– *Ela*?

O estômago de Wrath resmungou.

– Olha, nós vamos comer ou não?

Aquilo fez que todos voltassem ao normal, e Beth o guiou através da sala. Quando sentou, puseram-lhe um pano úmido na mão e o aroma celestial de alecrim e cordeiro surgiu bem na frente dele.

– Pelo amor de Deus, poderiam se sentar? – disse-lhes enquanto limpava o rosto e o pescoço. Quando ouviu todo tipo de ruídos de cadeiras, encontrou sua faca e garfo e começou a cravar ao redor de seu prato, identificando o cordeiro, as batatas… e as ervilhas. Sim, os redondinhos eram ervilhas.

O cordeiro estava delicioso. Do jeito que gostava.

– Tem certeza de que era uma amiga? – perguntou Rhage.
– Sim – disse ele, apertando a mão de Beth. – Tenho certeza.

# CAPÍTULO 58

**Vinte e quatro horas** em Manhattan eram suficientes para transformar até mesmo o filho do mal em um novo homem.

Atrás do volante do Mercedes, com o porta-malas e o assento traseiro cheio de sacolas da Gucci, Louis Vuitton, Armani e Hermès, Lash era um excursionista feliz. Alojou-se numa suíte do Waldorf, transou com três mulheres – duas delas ao mesmo tempo – e comeu como um rei.

Enquanto deixava a estrada Northway pela saída que conduzia à colônia *sympatho*, verificou a hora em seu novo e reluzente relógio da Cartier Tank de ouro, o substituto daquela porcaria de Jacob & CO falsificado, que era tão inferior a ele.

A hora que mostrava o relógio não estava tão ruim, mas a data era um problema: o rei *sympatho* ia dar-lhe uma bronca, mas não se importava. Pela primeira vez desde que tinha sido transformado por Ômega, sentia-se como ele mesmo. Vestia calças de sarja da Marc Jacobs, uma camisa Luis Vuitton de seda, um colete de caxemira Hermès e mocassins Dunhill. Seu pênis estava satisfeito, seu estômago ainda estava cheio com o jantar do restaurante Le Cirque e sabia que a qualquer momento poderia voltar à Big Apple e fazer tudo de novo.

Desde que seus garotos continuassem jogando bem.

Pelo menos as coisas pareciam estar indo bem nesse sentido. O Sr. D tinha telefonado há mais ou menos uma hora e informado que o produto continuava saindo com rapidez. O que eram boas e más notícias. Teriam mais dinheiro, mas sua oferta estava diminuindo rapidamente.

No entanto, os *redutores* estavam familiarizados com a persuasão, e por esse motivo o último homem que estava disposto a se reunir com eles para negociar um pedido grande não foi assassinado, mas preso.

O Sr. D e os outros estavam fazendo exercícios com ele – e não era numa academia.

O que fez Lash pensar no tempo que tinha passado na cidade.

A guerra com os vampiros sempre seria em Caldwell, a menos que a Irmandade decidisse mudar-se. Mas Manhattan era uma das capitais do mundo da droga e estava muito, muito perto. Apenas a uma hora de carro.

Naturalmente, a viagem ao sul tinha um objetivo além das compras na Quinta Avenida. Tinha passado a maior parte da noite indo de clube em clube, explorando os cenários, procurando padrões de comportamento – porque isso indicaria o que as pessoas estavam comprando e onde. O pessoal das *raves* gostava de *ecstasy*. Os novos ricos inquietos gostavam de coca e *ecstasy*. Os universitários preferiam erva e alucinógenos, mas também podia vender oxi e meta. Os góticos e os emos gostavam de *ecstasy* e lâminas de barbear. E os drogados que se encontravam em todos os becos que havia ao redor dos clubes gostavam de *crack*, injetáveis e heroína.

Se conseguisse se estabelecer em Caldwell, podia fazer o mesmo em maior escala em Manhattan. E não havia razão para não pensar grande.

Desligando o motor no caminho de terra onde já tinha estado antes, estendeu o braço sobre o banco e pegou sua pistola SIG Sauer calibre quarenta que comprou na noite anterior.

Não havia razão para trocar de roupa. Um bom assassino não precisava suar para fazer seu trabalho.

A fazenda branca ainda estava instalada de maneira encantadora na paisagem, que agora estava coberta de neve e parecia perfeita para o cenário de um cartão de natal. Na escuridão da noite, Lash podia ver um pálido fio de fumaça de uma de suas chaminés: as baforadas capturavam e amplificavam a suave luz da lua, criando sombras que corriam sobre o telhado. Do outro lado das janelas, a iluminação dourada das velas deslocava-se como se houvesse uma brisa sutil passando entre todos os cômodos. Ou talvez fossem apenas aquelas malditas aranhas.

Cara, apesar da aparência acolhedora, o lugar realmente amedrontava.

Quando estacionou o Mercedes junto ao letreiro da ordem monástica e saiu do carro, a neve se aninhou sobre seu novo terno Dunhill. Enquanto sacudia a porcaria com um xingamento, perguntou-se por que diabos aqueles *sympathos* do inferno não podiam ter sido confinados em Miami.

Mas nããããão, os devoradores de pecado se instalaram a um tiro de espingarda do Canadá.

Bem, ninguém gostava deles, então até que fazia sentido.

A porta da fazenda se abriu e o rei surgiu nela, com a túnica branca

flutuando ao seu redor e os brilhantes olhos vermelhos resplandecendo de maneira estranha.

– Está atrasado. Por uma questão de dias.

– Tanto faz, suas velas se mantiveram muito bem.

– E meu tempo não é tão valioso quanto a cera consumida?

– Não disse isso.

– Mas suas ações sim, em voz alta.

Lash subiu as escadas com a arma na mão, e ao ver o rei observar os movimentos de seu corpo, sentiu a necessidade de checar se a braguilha estava bem-fechada. Mesmo assim, ao ficarem cara a cara, sentiu que a corrente entre eles se acendia outra vez, lambendo o ar frio.

Dane-se. Não pescava com aquele tipo de vara. Não mesmo.

– Então, vamos cuidar dos negócios? – murmurou Lash, encarando aqueles olhos cor de sangue, tentando não se sentir cativado.

O rei sorriu e ergueu os dedos de três articulações até os diamantes que tinha ao redor da garganta.

– Sim, acredito que deveríamos. Venha por aqui e vou conduzi-lo ao seu objetivo. Está na cama…

– Pensei que só se vestia de vermelho, Princesa. E que diabos você está fazendo aqui, Lash?

Quando o rei se enrijeceu, Lash virou-se, apontando sua arma. Atravessando o gramado estava… um macho enorme com reluzentes olhos cor de ametista e um moicano inconfundível que era sua assinatura: Rehvenge, filho de Rempoon.

O bastardo não parecia dar a mínima por encontrar-se em terreno *sympatho*. Pelo contrário, parecia bastante à vontade. E também muito irritado.

Princesa?

Um rápido olhar sobre o ombro revelou… nada que Lash não tivesse visto antes. Um cara magro, com túnica branca, o cabelo recolhido como… na verdade… o de uma garota.

Nestas circunstâncias, foi bom ter sido enganado. Muito melhor querer transar com uma fêmea mentirosa do que ter de confrontar o fato de que era um… sim, não havia razão para pensar nisso, nem sequer em sua própria mente.

Voltando a girar a cabeça rapidamente, Lash pensou que essa estranha

interrupção tinha acontecido na hora certa. Tirar Rehv do jogo da droga liberaria todo tipo de oportunidades comerciais em Caldwell.

Quando seu dedo já estava apertando o gatilho, o rei se lançou para frente e agarrou o cano da arma.

– Não é ele! Não é ele!

Quando um disparo percorreu a noite e uma bala foi cuspida cravando-se no tronco de uma árvore, Rehvenge observou Lash e a Princesa lutarem pelo controle da arma. De certa forma, não dava a mínima para qual dos dois venceria, nem se ele ou qualquer outra pessoa recebesse um tiro, nem porque um pirralho que tinha morrido estava bem vivo. Sua vida iria acabar onde tinha sido concebida, naquela colônia. Se fosse morrer esta noite ou amanhã ou dentro de cem anos, se fosse a Princesa ou Lash quem o matasse, o resultado tinha sido decidido, por isso os detalhes não importavam.

Contudo, será que aquela atitude de não se importar com nada era resultado da perda de Ehlena? Afinal, era um macho vinculado, sem sua companheira, a caminho da sala de espera do inferno.

Pelo menos, era assim que pensava seu lado vampiro. Mas a outra metade de sua linhagem estava começando a despertar: um drama mortal sempre era um incentivo para seu lado mau, e não se surpreendeu quando o *sympatho* nele venceu a última dose de dopamina que tinha injetado nas veias. Num instante, sua visão perdeu completamente o espectro de cores e se aplanou, a túnica da Princesa ficou vermelha e os diamantes de sua garganta se converteram em sangrentos rubis. Era evidente que estava vestida de branco, mas como nunca a tinha visto sem seus olhos de devorador de pecado, tinha concluído que se vestia da cor do sangue.

Como se ele desse a mínima para o guarda-roupa dela.

Com seu lado maligno vindo à tona, Rehv não pôde evitar se envolver. Quando as sensações inundaram seu corpo, tirando seus braços e pernas da dormência, subiu a varanda com um salto. O ódio esquentava seu interior, e embora não tivesse interesse em aliar-se a Lash, queria dar uma boa lição à Princesa, mas não no bom sentido.

Colocando-se atrás dela, agarrou-a pela cintura e a levantou do chão, o que deu a Lash a oportunidade de puxar com força a arma e girar para afastar-se.

Aquele cretino do Lash tinha se tornado um macho muito forte depois de sua transição. Mas isso não era tudo que tinha mudado nele. Cheirava à pura

maldade, do tipo que exalava dos *redutores*. Evidentemente, o Ômega fez que ele retornasse da morte, mas por quê? E como?

Rehv não se importava muito com essas questões. Contudo, estava entusiasmado por apertar a caixa torácica da Princesa, e o fazia com tanta força que ela se viu obrigada a lutar para respirar. Com as unhas dela afundadas em seu antebraço através da camisa de seda, ele tinha toda certeza de que se ela pudesse, iria furá-lo com os dentes, mas não ia dar a oportunidade. Agarrava de uma maneira mortal a parte de trás do coque, com muita força, mantendo a cabeça dela sob controle.

– Você é um ótimo escudo corporal, vadia – disse ao seu ouvido.

Enquanto ela tentava falar, Lash endireitou suas roupas caras e apontou a SIG para a cabeça de Rehv.

– Prazer em vê-lo, Reverendo. Estava a ponto de procurá-lo e acaba de me economizar a viagem. Entretanto, devo admitir que vê-lo se escondendo atrás dessa fêmea; ou macho, seja lá o que for; não faz justiça à sua reputação de durão.

– Isto aqui não é um macho, e se a visão não me enojasse como o inferno, rasgaria a parte da frente dessa túnica para provar. E ouça, me atualize, por favor. Da última vez que fiquei sabendo, você estava morto.

– Não foi por muito tempo. – O macho sorriu, mostrando longas presas brancas. – Então, ela é mesmo uma fêmea, hum?

A Princesa lutou, e Rehv a controlou apertando seu pescoço e quase tirando seu crânio da coluna. Quando ela ofegou e gemeu, disse:

– Ela é. Não sabia que os *sympatho*s são praticamente hermafroditas?

– Não posso dizer o quanto me alivia saber que mentiu.

– Vocês dois são almas gêmeas feitas no inferno.

– Penso a mesma coisa. Agora, que tal se soltar minha namorada?

– Sua namorada? Está indo um pouco rápido demais, não? E vou pular essa coisa de soltá-la. Eu gosto da ideia de que atire em nós dois.

Lash franziu a testa.

– Pensei que era um lutador. Mas pelo jeito é apenas um maricas. Deveria ter ido direto ao seu clube e ter atirado em você lá.

– Na verdade, já estou morto há uns dez minutos. Então, não dou a mínima. Mas ainda estou curioso para saber quais motivos você tem para querer me matar.

– Contatos. E não do tipo social.

Rehv arqueou as sobrancelhas. Era Lash quem estava matando os traficantes? Que inferno! Contudo… o filho da mãe tentou vender drogas no território do ZeroSum há um ano e foi chutado do estabelecimento por isso. Obviamente, agora que estava com Ômega, queria ressuscitar seus velhos e lucrativos hábitos.

Olhando em retrospectiva, as coisas começaram a se encaixar. Os pais de Lash foram os primeiros a serem assassinados durante as invasões dos *redutores* no verão passado. Quando uma família atrás da outra começou a aparecer morta em suas casas, supostamente secretas e protegidas, a pergunta que surgiu na mente do Conselho, da Irmandade e de cada civil, era como a Sociedade tinha descoberto todos aqueles endereços.

Simples: Lash tinha sido transformado por Ômega e era responsável por isso.

Rehv aumentou sua força ao agarrar a caixa torácica da Princesa enquanto os últimos vestígios de sua dormência desapareciam.

– Então, está tentando entrar no meu negócio, hein? Foi você quem derrubou todos aqueles varejistas.

– Só estava abrindo caminho na cadeia alimentar, como se diz. E com você fora do jogo, chegarei ao topo, ao menos em Caldwell. Então, solte-a para que eu possa atirar em sua cabeça e poderemos todos sair daqui…

Uma onda de pavor atravessou a varanda, erguendo-se com força até cair sobre Rehv, a Princesa e Lash.

Rehv olhou ao redor e congelou. Bem, bem, bem, quem diria? Tudo acabaria muito mais rápido do que tinha imaginado.

Aproximando-se através da grama coberta de neve, com túnicas cor vermelho-rubi, havia sete *sympathos* em formação de flecha. No centro do grupo, caminhando com uma bengala e levando um turbante de rubis e uma lança negra, havia um macho encurvado.

O tio de Rehv. O rei.

Parecia muito mais velho, mas apesar da velhice e da fraqueza de seu corpo, sua alma era tão forte e obscura como sempre, causando calafrios em Rehv e fazendo que a Princesa deixasse de lutar. Até mesmo Lash teve o bom-senso de recuar.

A guarda real se deteve na base da escada da varanda, com suas vestes sendo sopradas pela brisa fria que agora Rehv podia sentir contra o rosto.

O rei falou com voz fraca, prolongando os sons da letra “s”.

– Bem-vindo a casa, meu querido sobrinho. E saudações, visitante. Rehv encarou seu tio. Não via o macho há… Deus, fazia muito tempo. Muito, muito tempo. Desde o funeral de seu pai. Evidentemente, os anos não foram bons com o rei, e isso fez Rehv sorrir, pois imaginou a Princesa deitada junto àquele corpo flácido e deformado.

– Boa noite, tio – disse Rehv. – E este é Lash. No caso de ainda não saber.

– Não, não fomos devidamente apresentados, embora tenha conhecimento de seus propósitos em minhas terras. – O rei fixou seus aquosos olhos vermelhos na Princesa. – Minha cara menina, acreditava que eu não sabia de suas visitas regulares a Rehvenge? E pensava que eu ignorava seu plano mais recente? Acho que eu estava bastante afeiçoado a você e por isso permiti os encontros amorosos com seu irmão…

– Meio-irmão – interrompeu Rehv com firmeza.

– … no entanto, não posso permitir esta traição com o *redutor*. Na verdade, não estou surpreso com suas ações, uma vez que revoguei seus direitos ao trono. Mas não me deixarei dominar por minha adoração anterior. Você me subestimou, e por essa falta de respeito lhe darei um castigo que seja de acordo com os seus desejos e necessidades.

O rei assentiu com a cabeça, e por puro instinto, Rehv virou-se. Tarde demais. Atrás dele havia um *sympatho* com uma espada erguida desferindo um golpe… e embora a lâmina não estivesse direcionada a ele, o cabo da maldita coisa acertou Rehv no alto do crânio.

Para ele, o impacto foi a segunda explosão da noite, e ao contrário da primeira, dessa vez Rehv não ficou de pé quando toda a luz e o ruído desapareceram.

# CAPÍTULO 59

**Ehlena ainda estava acordada** às dez da manhã. Presa na casa pela luz do sol, passeava pelo lugar encolhida e abraçando a si mesma, as meias faziam pouco para manter seus pés quentes.

Sentia, porém, tanto frio por dentro que podia estar calçada com um par de churrasqueiras e ainda assim estaria gelada. Parecia que o choque tinha levado a zero sua temperatura interna, o interruptor dentro dela apontava "Refrigerar" em vez de "Normal."

Do outro lado do corredor, seu pai dormia profundamente, e de vez em quando ia a seu quarto para checar seu estado. Uma parte dela desejava que despertasse, porque queria perguntar a respeito de Rehm e Montrag e as linhagens e…

Só que era melhor não dizer nada. Deixá-lo todo exasperado por algo que poderia muito bem dar em nada era a última coisa que precisava. Claro que ela tinha examinado o manuscrito de seu pai e encontrado aqueles nomes, mas havia apenas uma única menção dentre um bom número de parentes. Além disso, o que seu pai recordava não tinha importância concreta. O que importava era o que Saxton poderia provar.

Só Deus sabia qual seria o resultado disso.

Ehlena se deteve no meio do cômodo, de repente sentindo-se exausta demais para continuar com seu andar constante. Entretanto, não foi um bom plano. No instante em que ficou quieta, sua mente se deslocou até Rehv, então voltou a andar em círculos com os pés frios.

Cara, não desejava a morte de ninguém, mas quase se alegrava que Montrag tivesse falecido e dado uma pequena distração com o assunto da herança. Sem isso, já teria perdido a cabeça naquele momento, com toda certeza.

Rehv…

Enquanto arrastava seu corpo cansado para a cama, baixou os olhos. Em cima do edredom, com o mesmo tipo de repouso plácido e tranquilo de seu

pai, estava o manuscrito que ele tinha escrito. Pensou em tudo que tinha colocado naquelas páginas e que agora sabia exatamente o que significava. Ele foi enganado e traído de maneira muito parecida com a que ela mesma foi, deixando-se levar por aparências de honestidade e confiança, incapaz de se comportar de maneira tão cruel quanto os outros. O mesmo aconteceu com ela. Será que um dia Ehlena confiaria outra vez em sua capacidade de interpretar as pessoas?

A paranoia se agitava em sua mente e em suas entranhas. Onde estava a verdade nas mentiras de Rehv? Havia alguma? Enquanto as imagens dele flutuavam diante de seus olhos, sondou suas lembranças, perguntando-se onde estava a divisão entre a realidade e a ficção. Precisava saber mais… o problema era que a única pessoa que poderia preencher aquele quadro era um homem de quem ela nunca, jamais, iria se aproximar novamente.

Contemplando um futuro cheio de perguntas sem respostas, levou as mãos trêmulas ao rosto e afastou o cabelo. Segurando-o com força, puxou como se pudesse arrancar todos os vertiginosos e loucos pensamentos da cabeça.

Cristo, e se a decepção com Rehv fosse o equivalente à ruína financeira de seu pai? A coisa que a levaria à beira da loucura?

E esta era a segunda vez que um macho a expunha, não? Seu noivo tinha feito algo parecido – a única diferença é que ele tinha mentido para todos, *exceto* para ela.

Ela deveria ter aprendido a lição. Mas era evidente que esse não era o caso.

Ehlena parou de andar, esperando por… que inferno, não sabia… esperando que sua cabeça explodisse ou algo assim.

Não explodiu. E também não teve sucesso arrancando os cabelos. Tudo que estava conseguindo era uma dor de cabeça e um cabelo despenteado.

Ao afastar-se da cama, observou o *notebook*.

Com uma maldição, atravessou o espaço vazio e se sentou em frente ao Dell. Afrouxando o aperto mortal que exercia sobre o cabelo, colocou a ponta do dedo sobre o *mouse* e desativou a proteção de tela.

Internet Explorer. Procurou o *site* do jornal de Caldwell.

O que precisava era uma dose de realidade concreta. Rehv era o passado, e o futuro não tinha nada a ver com um advogado com uma brilhante ideia. Naquele momento, a única coisa em que poderia confiar era em sua busca por trabalho: se Saxton e seus papéis fracassassem, em menos de um mês ela e seu pai estariam na rua, a menos que encontrasse emprego.

E não havia nada falso ou enganoso nisso.

Enquanto carregava a página do *Correio de Caldwell*, disse a si mesma que ela não era seu pai, e que Rehv era um macho com o qual saiu por uma… questão de dias? Sim, ele tinha mentido. Mas era um jogador *supersexy* que vestia roupas luxuosas, e relembrando tudo desde o princípio, não deveria ter depositado sua fé nele. Especialmente considerando o que ela já sabia sobre machos.

Uma atitude ruim dele, um erro da parte dela. E embora a compreensão de que ela havia sido seduzida não a tenha animado muito, entender a lógica da situação fez ela se sentir menos louca…

Ehlena franziu a testa e se inclinou para aproximar-se da tela. Na página inicial do *site* havia uma foto da explosão de um edifício. A manchete dizia: *Explosão derruba clube local*. E em letras menores, mais abaixo: *ZeroSum, última baixa na guerra de drogas?*

Leu o artigo sem respirar: as autoridades investigam. Não se tem conhecimento se havia alguém no clube no momento da explosão. Suspeita de múltiplas detonações.

Uma coluna lateral detalhava a quantidade de pessoas suspeitas de tráfico de drogas que tinham sido encontradas mortas por todo o território de Caldwell no decorrer da semana passada. Quatro. Todos assassinados de maneira profissional. O departamento de polícia estava investigando cada um dos assassinatos, e entre os suspeitos estava o proprietário do ZeroSum, um tal Richard Reynolds, mais conhecido como Reverendo – aparentemente desaparecido no momento. Havia uma nota que indicava que Reynolds tinha estado na lista de suspeitos do departamento de narcóticos durante anos, entretanto, nunca tinha sido acusado formalmente de nenhum crime.

A implicação era óbvia: Rehv foi o verdadeiro alvo do atentado porque tinha matado os outros.

Moveu a barra de rolagem para baixo até as fotos do clube dizimado. Ninguém poderia sobreviver àquilo. Ninguém. A polícia informaria que ele estava morto. Poderiam levar uma semana ou duas, mas encontrariam um corpo e declarariam que era seu.

Nenhuma lágrima caiu de seus olhos. Nenhum soluço saiu de seus lábios. Estava muito distante para isso. Ela apenas ficou ali sentada em silêncio, envolveu o corpo com os braços outra vez e manteve os olhos fixos na tela brilhante.

O pensamento que veio à mente era bizarro, mas inevitável: apenas uma coisa seria pior que descobrir a verdade sobre Rehv: se ela tivesse lido aquele artigo antes de ter feito a viagem até o centro.

Não é que quisesse ver Rehv morto, Deus… não. Mesmo depois da maneira como a enganou, não queria que morresse de forma violenta. Mas estava apaixonada por ele antes de saber sobre a mentira.

Estava… apaixonada por ele.

Seu coração realmente já pertencia a ele.

Agora seus olhos se encheram e derramaram lágrimas, a tela ficou ondulada e indistinta, as imagens do clube aos pedaços foram lavadas. Apaixonou-se por Rehvenge. Tinha sido rápido, impetuoso e não durou, mas os sentimentos tinham florescido mesmo assim.

Com uma dor que se espalhava, recordou seu corpo quente e agitado sobre o seu, seu aroma de vinculação, seus enormes ombros se aproximavam e ficavam tensos enquanto faziam amor. Tinha sido lindo naqueles momentos, um amante muito generoso. Ele gostava mesmo de dar prazer…

Mas isso era o que Rehv queria que ela acreditasse, e como *sympatho*, era bom em manipulação. Contudo, Deus, não podia evitar perguntar-se o que, exatamente, ele tinha conseguido ao estar com ela. Não tinha dinheiro, nem posição, nada que o beneficiasse e nunca havia pedido nada, nunca a usou, de forma alguma…

Ehlena forçou-se a parar de ver qualquer tipo de aparência romântica no que tinha acontecido. A moral da história era que ele não merecia seu amor e não porque fosse um *sympatho*. Por mais estranho que pareça, poderia ter vivido com isso – embora, talvez, isso apenas demonstrasse o quão pouco sabia sobre os devoradores de pecado. Não, foi a mentira e o fato de que era um traficante de drogas o que matou tudo para ela.

Um *traficante de drogas*. Num instante, lembrou dos casos de overdose que entraram pelas portas da clínica de Havers, aquelas jovens vidas em perigo sem qualquer motivo. Foi possível ressuscitar alguns daqueles pacientes, mas não todos, e mesmo que as drogas de Rehv causassem apenas uma morte, já seria demais.

Ehlena secou o rosto e esfregou as mãos contra as calças. Chega de lágrimas. Não podia se dar ao luxo de ser fraca. Tinha de cuidar de seu pai.

Passou a meia hora seguinte se candidatando a empregos.

Às vezes, o fato de ser obrigada a ser forte é suficiente para que realmente

seja forte.

Quando finalmente seus olhos jogaram a toalha e começou a ultrapassar a exaustão, desligou o computador e se estendeu na cama ao lado do manuscrito de seu pai. Quando deixou que as pálpebras se fechassem, teve a sensação de que não ia dormir. Seu corpo podia estar rendido, mas seu cérebro não parecia interessado em se desligar.

Deitada no escuro, tentou se acalmar imaginando a antiga casa onde tinha morado com seus pais, antes que tudo mudasse. Imaginou-se andando pelos cômodos imensos, passando pelas encantadoras antiguidades, detendo-se para sentir o perfume de um buquê de flores que tinha sido recém-colhido do jardim.

O truque funcionou. Aos poucos, sua mente se revestiu do pacífico e elegante lugar, os pensamentos reduziram a velocidade, em seguida, frearam e estacionaram em seu crânio.

Assim que o descanso se instalou, teve a mais estranha das convicções atingindo o centro de seu peito, e a segurança disso fluiu ao longo de todo seu corpo.

Rehvenge estava vivo.

*Rehvenge estava vivo*.

Lutando contra a maré que a nocauteava, Ehlena obrigou-se a pensar racionalmente, querendo fixar o como e o porquê dessa certeza, mas o sono se infiltrou nela, levando-a para longe de tudo.

Wrath estava sentado atrás de sua escrivaninha percorrendo gentilmente a superfície com as mãos. Telefone, ok. Abridor de cartas em forma de adaga, ok. Papéis, ok. Mais papéis, ok. Onde estava o?…

Sua mão derrubou algo. Certo, porta-caneta e canetas.

Tudo esparramado. Ok.

Enquanto recolhia o que tinha deixado cair, ouviu os suaves passos de Beth atravessando o tapete para ajudá-lo.

– Está tudo bem, *leelan* – disse. – Eu consigo.

Pôde senti-la pairando sobre a mesa e ficou contente por não intervir. Por mais infantil que aquilo parecesse, precisava arrumar sua bagunça sozinho.

Tateando, encontrou cada uma das canetas. Ao menos, achava que sim.

– Caiu alguma no chão? – perguntou.

– Uma. Perto de seu pé esquerdo.

– Obrigado. – Abaixou-se, tateou o chão e fechou o punho ao redor de um objeto liso, com forma de charuto que tinha de ser uma Mont Blanc. – Essa seria mais difícil de encontrar.

Enquanto se erguia, tomou o cuidado de localizar a tampa da mesa, assegurando-se de que sua cabeça estivesse longe dela. O que era um avanço em relação ao que tinha feito mais cedo. Certo, derrubou as canetas, mas estava melhorando quando se tratava de se levantar. Não tinha um boletim perfeito, mas também não estava xingando nem sangrando.

Então, considerando como estava horas antes, as coisas estavam melhorando.

Wrath terminou o passeio de sua mão por cima da mesa, encontrando o abajur, o selo real e a cera que utilizava para marcar os documentos.

– Não chore – disse suavemente.

Beth fungou um pouco.

– Como sabia?

Ele tocou o nariz.

– Senti. – Empurrou a cadeira para trás e bateu em seu colo. – Venha até aqui e sente-se. Deixe que seu macho a abrace.

Ouviu sua *shellan* deslizar ao redor da escrivaninha, e o aroma de suas lágrimas se fez mais forte, porque quanto mais se aproximava mais caíam. Como fazia sempre, encontrou sua cintura, enganchou-a com o braço e a puxou, a delicada cadeira rangeu ao acomodar o peso extra. Com um sorriso, Wrath deixou que suas mãos encontrassem o ondulado comprimento do cabelo dela e acariciou sua suavidade.

– Você é tão linda.

Beth estremeceu e se inclinou, e Wrath ficou feliz por isso. Ao contrário de quando tinha de usar as mãos como olhos e procurar por algo que tivesse derrubado, o corpo terno dela entre seus braços o fazia se sentir forte. Grande. Poderoso.

Ele precisava de tudo isso naquele momento, e considerando a maneira como ela se deixou cair contra seu peito, Beth também precisava.

– Sabe o que vou fazer depois de terminar com a papelada? – murmurou ele.

– O quê?

– Vou levá-la para a cama e a manter ali durante um dia inteiro – Quando seu aroma se acendeu, riu com satisfação. – Não se incomodaria com isso,

hum? Mesmo sabendo que vou despi-la e fazer que permaneça assim?

– Nem um pouco.

– Bom.

Permaneceram juntos durante um longo momento, até que Beth levantou a cabeça de seu ombro.

– Quer trabalhar um pouco agora?

Moveu a cabeça de modo que, se pudesse enxergar, estaria olhando a escrivaninha.

– Sim, eu meio que… droga, preciso disso. Não sei por que. Simplesmente preciso. Vamos começar com algo fácil… onde está a bolsa de correio de Fritz?

– Bem aqui, ao lado da velha poltrona de Tohr.

Quando Beth se inclinou, deslocou-se sobre o colo dele, conduzindo o corpo para cima de seu membro de uma maneira muito satisfatória, e com um gemido Wrath agarrou os quadris dela e impulsionou os seus para cima.

– Hum, há algo mais no chão que precisa ser recolhido? Talvez eu deva derrubar mais canetas. Ou atirar o telefone.

A risada rouca de Beth era mais sensual que a *lingerie*.

– Se quiser que me abaixe, tudo que precisa fazer é pedir.

– Deus, amo você. – Quando ela se endireitou, ele virou a cabeça e beijou seus lábios, demorando-se sobre a suavidade de sua boca, roubando uma rápida lambida… ficando duro como um tronco. – Vamos analisar a papelada bem rápido para que eu possa colocar você onde quero.

– E onde seria isso?

– Em cima de mim.

Beth riu outra vez e abriu a maleta de couro que Fritz utilizava para recolher as solicitações que chegavam por carta. Houve um deslocamento de envelopes contra envelopes e um profundo suspiro de sua *shellan*.

– Certo – disse ela. – O que temos aqui?

Havia quatro pedidos de casamento que deviam ser assinados e selados, e normalmente, isso teria levado um minuto e meio. Agora, porém, todo o trabalho de assinar, derramar a cera e apertar precisou da coordenação com Beth – mas foi divertido com ela sentada em seu colo. Em seguida, havia um monte de extratos bancários da casa. Seguido por contas. Contas. E mais contas. Todas as quais seriam direcionadas a V. para que realizasse os pagamentos pela internet, graças a Deus, já que Wrath não se dava muito bem

com computadores.

– Uma última coisa – disse Beth. – Um envelope grande de um escritório de advocacia.

Quando ela se esticou para frente, sem dúvida para alcançar o abridor de cartas em forma de adaga, percorreu-lhe as coxas com as mãos, subindo pela parte interna.

– Adoro quando sua respiração fica meio suspensa assim – disse ele, roçando o nariz na nuca dela.

– Você percebeu?

– Pode apostar – Continuou com a carícia, imaginando se deveria acomodá-la em cima de sua ereção. Deus era testemunha de que podia fechar a porta de onde estava. – O que há no envelope, *leelan*? – Deslizou a mão diretamente entre suas coxas, cobrindo seu centro, massageando-o. Desta vez, seu suspiro pronunciou seu nome e, oh, como era *sexy* ouvir isso. – O que tem aí, fêmea?

– É… uma declaração de… linhagem – disse Beth com a voz rouca, começando a balançar os quadris. – Para efetivar um testamento.

Wrath moveu o polegar sobre o doce local e mordiscou o ombro.

– Quem morreu?

Depois de um suspiro, disse:

– Montrag, filho de Rehm. – Ao ouvir o nome, Wrath congelou e Beth mudou de posição, como se tivesse girado a cabeça para olhá-lo. – Você o conhecia?

– Era a pessoa que queria me assassinar. O que significa que, pela Antiga Lei, tudo que era dele agora é meu.

– Que cretino. – Beth amaldiçoou um pouco mais e Wrath ouviu o som de páginas sendo viradas. – Bem, tem um monte de… uau. Nossa. Muito rico. Ei. É Ehlena e seu pai.

– Ehlena?

– É uma enfermeira da clínica de Havers. A fêmea mais agradável que existe. Foi ela quem ajudou Phury a esvaziar as antigas instalações quando as invasões começaram, não foi? Fica evidente aqui que ela… bem, seu pai… é o parente mais próximo, mas ele está muito doente.

Wrath franziu a testa.

– O que há de errado com ele?

– Aqui diz incapacidade mental. Ela é sua tutora legal e cuidadora. Sua

vida não deve ser fácil. Não acredito que tenham muito dinheiro. Saxton, o advogado, escreveu uma nota pessoal… oh, isto é interessante…

– Saxton? Eu o conheci na outra noite. O que ele disse?

– Diz que está muito certo de que os certificados de linhagem de seu pai e dela são autênticos e que está disposto a colocar sua reputação em jogo para testemunhar por eles. Espera que você acelere a partilha do patrimônio, já que está preocupado com as pobres condições em que vivem. Diz… diz que são dignos dos ganhos que se apresentaram de maneira inesperada. "Maneira inesperada" está sublinhado. Em seguida acrescenta que… não viam Montrag há um século.

Saxton não tinha passado a impressão de ser um homem estúpido. Longe disso. Mesmo que toda a questão do assassinato não tivesse sido confirmada no restaurante, aquela nota escrita à mão com certeza parecia ser uma forma sutil de pedir a Wrath que não exercesse seus direitos adquiridos como monarca… em favor de parentes que ficaram chocados ao saber que eram os próximos na linha sucessória, que necessitavam de dinheiro – e que não tinham nada a ver com o complô.

– O que vai fazer? – perguntou Beth, afastando o cabelo dele da testa.

– Montrag merecia o que aconteceu, mas seria legal se algo bom resultasse de tudo isso. Nós não precisamos dos bens, e se essa enfermeira e seu pai…

Beth pressionou sua boca contra a dele.

– Eu amo tanto você.

Ele riu e a deteve contra seus lábios.

– Quer demonstrar isso?

– Depois que aprovar esta petição? Pode apostar.

Para tramitar o testamento, tiveram que brincar com a chama, a cera e o selo real outra vez, mas desta vez ele tinha pressa, era incapaz de esperar um segundo a mais que o necessário para entrar em sua fêmea. Sua assinatura ainda estava secando e o selo esfriando quando tomou de novo a boca de Beth…

A batida na porta o fez rosnar enquanto fulminava com o olhar a origem do som.

– Vá. Embora.

– Tenho novidades. – A voz abafada de Vishous se ouvia baixa e tensa. O que acrescentava um tom ruim ao que havia dito.

Wrath abriu as portas com a mente.

– Diga. Mas faça isso rápido.

A inspiração chocada de Beth deu uma ideia da expressão de V.

– O que aconteceu? – murmurou ela.

– Rehvenge está morto.

– O quê? – os dois disseram ao mesmo tempo.

– Acabo de receber uma ligação de iAm. O ZeroSum foi reduzido a cinzas, e segundo o Mouro, Rehv estava lá dentro quando aconteceu. Não há qualquer chance de que haja sobreviventes.

Houve um longo silêncio enquanto as informações eram processadas.

– Bella já sabe? – disse Wrath severamente.

– Ainda não.

# CAPÍTULO 60

**John Matthew girou sobre** sua cama e acordou quando algo duro espetou sua bochecha. Com uma maldição, levantou a cabeça. Oh, certo, ele e Jack Daniel's tinham lutado alguns *rounds* e as consequências dos golpes do uísque ainda permaneciam: estava com muito calor mesmo nu, a boca estava tão seca quanto a casca de uma árvore e precisava chegar ao banheiro antes que sua bexiga explodisse.

Sentando-se, passou a mão pelo cabelo e esfregou os olhos… e conseguiu acordar de ressaca.

Quando a cabeça começou a latejar forte, agarrou a garrafa que tinha utilizado como travesseiro. Só restava um centímetro de álcool no fundo, mas isso era o suficiente para um café da manhã rápido. Preparado para aliviar-se, foi desenroscar a tampa do Jack e descobriu que não estava colocada. Pelo visto, foi bom ter dormido com a garrafa na posição vertical.

Bebendo com vontade, colocou a porcaria sobre a barriga e disse a si mesmo que tinha apenas que respirar até passarem as ondas de náuseas que disparavam em seu estômago. Quando só havia ar na garrafa, apoiou o soldado morto sobre o colchão e olhou para seu corpo. Seu membro estava dormindo contra a coxa e não conseguia se lembrar da última vez que tinha acordado sem uma ereção. Mas, bem, ele transou com… três? Quatro? Com quantas mulheres tinha estado? Deus, não fazia ideia.

Ele usou camisinha uma vez. Com a prostituta. O resto tinha sido sem nada e retirando-se no momento certo.

Em imagens imprecisas, viu-se com Qhuinn fazendo dupla com alguma das mulheres, depois com outras. Não podia recordar como tinha se sentido, não se lembrava dos orgasmos que teve, nem de nenhum dos rostos, mal se lembrava da cor dos cabelos. O que sabia era que assim que voltou para seu quarto, tomou uma ducha longa e quente.

Toda aquela porcaria que não conseguia se lembrar tinha deixado uma mancha em sua pele.

Com um gemido, tirou as pernas da cama e deixou que a garrafa caísse ao chão, junto a seus pés. A viagem ao banheiro foi uma verdadeira festa, estava tão sem equilíbrio que cambaleou… bem, como um bêbado. E caminhar não era o único problema. Em pé, em frente ao vaso sanitário, teve que apoiar-se contra a parede e concentrar-se em sua pontaria.

De volta à cama, puxou um lençol sobre a parte inferior do corpo, apesar do calor que sentia: embora sozinho, não queria ficar estendido como uma estrela pornô procurando uma atriz coadjuvante.

Droga… a cabeça o estava matando.

Quando fechou os olhos, desejou ter apagado a luz do banheiro.

De repente, porém, deixou de se importar com a ressaca. Com uma clareza total, lembrou-se de Xhex com as pernas abertas sobre seus quadris, montando-o com um ritmo fluido e poderoso. Oh, Deus, era tão vívido, muito mais que só uma lembrança. Quando as imagens se esgotaram, sentiu a tensa pressão do corpo dela sobre seu sexo e a firmeza com que ela segurava seus ombros e reviveu aquela sensação de ser dominado.

Conhecia cada movimento, todos os aromas, até mesmo a forma como ela respirava.

Com ela, lembrava-se de tudo.

Deitando-se de lado, recolheu o Jack do chão, como se por algum milagre os elfos do álcool pudessem ter enchido a garrafa. Não teve tanta sorte…

O grito que ouviu do outro lado da porta era do tipo que alguém solta quando é apunhalado, e o clamor cortante lhe devolveu a sobriedade como se tivesse sido jogado numa banheira com água gelada. John agarrou sua arma, saltou da cama e quando tocou os pés no chão já estava correndo; abriu a porta com um empurrão e saiu rapidamente em direção ao corredor das estátuas. Dos dois lados da porta de seu quarto, Qhuinn e Blay faziam o mesmo, preparados para o combate assim como ele.

No final do corredor, a Irmandade estava parada na porta do quarto de Zsadist e Bella, com rostos sombrios e tristes.

– Não! – A voz de Bella era tão alta como tinha sido o grito. – Não!

– Sinto muito – disse Wrath.

De onde os Irmãos estavam reunidos, Tohr olhou para John. O rosto do homem estava pálido e flácido, seu olhar vazio.

*O que aconteceu?*, gesticulou John.

As mãos de Tohr se moveram lentamente. *Rehvenge está morto*.

John respirou fundo várias vezes. Rehvenge… morto?

– Jesus Cristo – murmurou Qhuinn.

Da porta do quarto, os soluços de Bella ecoavam no corredor e John desejou ir até ela. Lembrava-se de como era essa dor. Esteve naquela mesma situação horrível e paralisante quando Tohr fugiu e a Irmandade fez exatamente o mesmo que estava fazendo agora: comunicou a pior das notícias que alguém poderia ouvir.

Ele tinha gritado da mesma maneira que Bella. Chorado do mesmo modo.

John voltou a lançar um olhar para Tohr. Os olhos do Irmão queimavam, como se houvesse coisas que desejasse dizer, abraços que desejasse oferecer, lamentos que gostaria de expressar.

Por uma fração de segundo, John quase se aproximou dele.

Mas então se voltou e entrou cambaleando em seu quarto, fechou a porta e a trancou. Quando sentou na cama, sustentou o peso dos ombros com as mãos e deixou que a cabeça ficasse pendurada. O caos do passado esmurrava seu cérebro, mas no centro do peito havia uma única e primordial palavra: *não*.

Não podia ir até lá e ficar com Tohr outra vez. Tinha sido passado por um triturador muitas vezes. Além disso, já não era mais uma criança e Tohr nunca tinha sido seu pai, então, toda aquela baboseira de "papai me ajude" não se aplicava a nenhum dos dois.

A relação mais próxima que teriam era entre guerreiros.

Tirando com força aquela história sobre Tohr de sua mente, pensou em Xhex.

Estava sofrendo naquele momento. Demais.

Odiava não haver nada que pudesse fazer por ela.

Mas logo se lembrou de que, mesmo se pudesse fazer algo, ela não queria o que ele tinha para oferecer. Tinha deixado isso perfeitamente claro.

Xhex sentou sobre a cama de solteiro em sua casa próxima ao rio Hudson, com a cabeça baixa e o peso dos ombros apoiado sobre as mãos. Junto a ela, sobre a fina manta, estava a carta que iAm tinha lhe dado. Depois de tirá-la do envelope, leu uma vez, voltou a dobrar de acordo com os vincos já existentes e se retirou para aquele pequeno quarto.

Movendo a cabeça para um lado, olhou o rio vagaroso e turvo através das janelas cobertas de geada. Fazia um frio penetrante, e a temperatura diminuía

o fluxo da corrente de água que descia por entre as margens rochosas.

Rehv era um grande bastardo.

Quando ela jurou a ele que cuidaria de uma fêmea, não tinha pensado o suficiente na promessa. Na carta, ele chamava sua atenção ao juramento e identificava a fêmea como sendo ela mesma: não devia ir atrás dele, nem, de maneira alguma, colocar em perigo a vida da Princesa. Além disso, no caso de mesmo assim fazer algo em nome dele, não aceitaria sua ajuda e escolheria permanecer na colônia, sem se importar em como ela precisou agir para salvá-lo. Finalmente, indicava que se fosse contra seus desejos e sua própria palavra, iAm a seguiria à colônia, o que colocaria em perigo a vida do Sombra.

Filho. Da. Mãe.

Era o plano perfeito, digno de um macho como Rehv: podia estar tentada a esquecer sua promessa e pensar que havia um modo de fazer que seu chefe recuperasse o bom-senso, mas já carregava o peso da morte de Murhder em sua consciência. E agora carregaria também a de Rehvenge. Acrescentar a de iAm seria demais.

Além disso, Trez seguiria seu irmão. Somando quatro.

Enjaulada pela situação, agarrou a borda do colchão tão forte que seus antebraços tremeram.

De alguma maneira, a faca chegou até sua mão; só mais tarde se lembraria que teve de se levantar e caminhar nua até o outro lado do quarto para encontrar sua calça de couro e tirá-la da capa.

De volta à cama, pensou em quantos machos tinha perdido ao longo da vida. Viu o longo cabelo escuro de Murhder, seus profundos olhos e a firmeza que sempre ostentava no forte queixo… ouviu seu sotaque do Antigo País e lembrou-se de como ele sempre cheirava a pólvora e a sexo. Depois, viu o olhar ametista de Rehvenge, seu moicano e sua roupa boni-ta… sentiu sua colônia Must de Cartier e reviveu sua elegante brutalidade.

Finalmente, imaginou os olhos azul-escuros de John Matthew e o cabelo cortado ao estilo militar… sentiu-o movendo-se profundamente em seu interior… ouviu sua pesada respiração quando seu corpo de guerreiro deu a ela o que desejava e que não tinha sido capaz de lidar.

Todos se foram, mesmo que dois deles ainda estivessem vivos sobre o planeta. Mas uma pessoa não precisa morrer para sair de sua vida.

Baixou o olhar para a lâmina cruelmente afiada e brilhante e inclinou a

faca de forma que captasse a débil luz do sol, emitindo um brilho que a cegou momentaneamente. Era boa com as facas. Na verdade, era sua arma favorita.

A batida na porta a fez levantar a cabeça.

– Está tudo bem aí?

Era iAm – que não só tinha atuado como carteiro de Rehv, mas também quem evidentemente tinha sido encarregado de ser sua babá. Tentou expulsá-lo de sua casa, mas ele simplesmente se transformou em sombra, assumindo uma forma que ela não conseguia dominar e muito menos chutar para fora da maldita porta.

Trez também estava ali, sentado na sala principal da cabana de caça. Foi realmente uma inversão de papéis. Quando ela se trancou no quarto, ele ficou sentado imóvel numa cadeira de encosto duro, olhando para o rio num profundo silêncio. Na sequência da tragédia, os irmãos trocaram de personalidade, sendo iAm o que falava: até onde ela lembrava, Trez não havia dito nenhuma palavra desde que tinham recebido a notícia.

Contudo, todo aquele silêncio não significava que Trez estivesse sofrendo. Sua grade emocional estava marcada pela fúria e pela frustração, e tinha a sensação de que Rehv, com toda sua irritante sabedoria, encontrou uma maneira de pregar uma peça em Trez também, impedindo-o de entrar em ação. O Mouro estava, assim como ela, tentando encontrar uma saída, e conhecendo Rehv como conheciam, não haveria nenhuma. Era um mestre da manipulação… sempre foi.

E passou muito tempo pensando nessa saída estratégica. De acordo com iAm, estava tudo certo, não só em termos pessoais, mas também financeiros. iAm ficava com o Restaurante do Sal; Trez com o Iron Mask; ela ficou com um bom dinheiro. Ehlena também tinha sido beneficiada, embora iAm dissesse que ele próprio se encarregaria disso. A maior parte das propriedades da família foi passada a Nalla: a pequena receberia milhões e milhões de dólares, junto com toda a herança da família que, de acordo com o direito do primogênito, eram propriedade de Rehv e não de Bella.

Ele saiu muito bem de cena, apagando completamente os negócios com drogas e apostas do ZeroSum. O Mask ainda tinha garotas de programa, mas nenhuma ramificação chegava até lá, nem ao Restaurante do Sal. Com o desaparecimento do Reverendo, todos eles estavam praticamente limpos.

– Xhex, diga alguma coisa para eu saber que está viva.

Não havia chance alguma de iAm atravessar a porta ou se desmaterializar

lá dentro para verificar se ainda respirava. O quarto era uma caixa forte de aço, completamente impenetrável. Havia inclusive uma fina malha ao redor do batente da porta, de forma que ele não podia entrar como sombra.

– Xhex, já o perdemos esta noite. Se fizer mais um ponto nesse jogo eu vou matá-la outra vez.

– Estou bem.

– Nenhum de nós está bem.

Quando ela não respondeu, ouviu iAm amaldiçoar e afastar-se da porta.

Talvez mais tarde pudesse ajudá-los. Afinal, eram as únicas pessoas que sabiam como se sentia. Nem sequer Bella, que tinha perdido seu irmão, conhecia com precisão a tortura que eles três teriam que conviver durante o resto de seus dias. Bella pensava que Rehv estava morto, então passaria pelo processo da dor e continuaria com sua vida de alguma maneira.

Para Xhex, iAm e Trez? Estariam presos no limbo do inferno por saber a verdade, sem serem capazes de fazer nada para alterá-la – a realidade era que a Princesa estava livre para torturar Rehvenge enquanto seu coração pulsasse.

Ao pensar no futuro, Xhex agarrou o punho da adaga com força.

E quando baixou a arma até sua pele, apertou-a ainda mais.

Com a boca fechada para conter a dor dentro de si, Xhex derramou seu próprio sangue em vez de lágrimas.

Contudo, que diferença havia realmente? Os *sympathos* choravam lágrimas vermelhas, exatamente como aquilo que corria nas veias dos vampiros e humanos.

# CAPÍTULO 61

**O cérebro de Rehv** voltou a se conectar em uma lenta onda oscilante de consciência. Sua percepção surgia, apagava e retornava, expandindo-se da base do crânio até o lóbulo frontal.

Seus ombros estavam em chamas. Os dois. A cabeça o estava matando desde que aquele *sympatho* o enviou para um doce sonho com um golpe. Sentia o resto de seu corpo curiosamente leve.

Do outro lado de suas pálpebras fechadas, uma luz brilhava ao redor, e ele a registrou como sendo de um vermelho-profundo. O que significava que seu sistema estava completamente livre de dopamina e agora Rehv era o que sempre seria.

Respirando pelo nariz sentiu um cheiro de… terra. Terra limpa e úmida.

Levou um tempo antes que estivesse preparado para dar uma olhada no local, mas, ao final, ele precisou de outro ponto de referência além da dor em seus ombros. Abriu os olhos e piscou. Havia velas tão longas quanto suas pernas dispostas nos limites do que aparentava ser uma espécie de caverna, as chamas trêmulas eram de uma cor vermelho-sangue e se refletiam sobre paredes que pareciam líquidas.

Líquidas não. Havia coisas que se arrastavam pela pedra negra… rastejando por todo…

Baixou os olhos com rapidez para seu corpo e sentiu alívio ao ver que seus pés não estavam em contato com o chão em movimento. Olhou para cima… e viu correntes que se prendiam no alto do teto e o sustentavam no ar, correntes que estavam segurando… barras que tinham sido inseridas através de seu corpo, abaixo de seus ombros.

Estava suspenso no meio da caverna, seu corpo nu pairava preso entre as paredes pulsantes.

Aranhas. Escorpiões. Sua prisão estava repleta de guardas peçonhentos. Fechando os olhos, vasculhou com sua mente de *sympatho* tentando encontrar outros de sua espécie, determinado a sair do lugar onde estava

manipulando mentes e emoções para libertar-se. É verdade que ele foi até a colônia para ficar, mas isso não significa que deveria ficar pendurado para sempre.

Mas tudo que encontrou foi uma teia estática.

As centenas de milhares de criaturas ao redor formavam um impenetrável cobertor psíquico que castrava seu lado *sympatho*, permitindo que nada entrasse ou saísse daquela caverna.

Em vez do medo, foi a fúria que apertou seu peito. Estendeu-se em direção a uma das correntes e puxou usando seu enorme peitoral. A dor o fez tremer da cabeça aos pés, fazendo seu corpo oscilar no ar, mas suas amarras não se moveram, ou sequer houve um deslocamento do mecanismo que atravessava sua carne.

Quando se balançou para trás ficando em posição vertical, ouviu um som, como se uma porta tivesse sido aberta atrás dele.

Alguém entrou, e soube de quem se tratava pelo forte bloqueio psíquico que foi imposto.

– Tio – disse.

– Exato.

O rei dos *sympathos* entrou, arrastando suas vestes e apoiando-se em sua bengala. As aranhas no chão romperam brevemente a colcha que formavam para abrir caminho e depois fechá-lo outra vez atrás dele. Sob aquele traje imperial cor de sangue, o corpo de seu tio era débil, mas o cérebro que havia sobre aquela coluna encurvada era incrivelmente poderoso.

Prova cabal de que a força física não era a melhor arma de um *sympatho*.

– Como se sente em seu repouso flutuante? – perguntou o rei, enquanto seu anel real de rubis refletia a luz das velas.

– Sinto-me lisonjeado.

O rei ergueu as sobrancelhas por cima de seus brilhantes olhos vermelhos.

– Como assim?

Rehv olhou ao redor.

– Veja só a chave e o cadeado que escolheu para me manter preso. Isso só pode significar que sou mais poderoso do que você gostaria, ou que você é mais fraco do que aparenta.

O rei sorriu com a serenidade de alguém que não se sentia nem um pouco ameaçado.

– Sabe que sua irmã queria ser rainha?

– Meia-irmã. E isso não me surpreende.

– Durante um tempo, dei a ela o que queria em meu testamento, mas percebi que eu estava sendo influenciado de forma inadequada e mudei tudo. Era por causa disso que ela recebia os seus dízimos. E estava usando as joias que recebia de você para negociar com humanos. – O tom de voz do rei mostrava seu desgosto com a espécie humana. – Apenas essa atitude mostra que ela é completamente indigna de governar. O medo é muito mais útil para motivar indivíduos… o dinheiro é comparativamente irrelevante se alguém está tentando ganhar o poder. E querer me matar? Ela presumiu que dessa forma poderia melhorar meu plano de sucessão, superestimando demais suas próprias habilidades.

– O que fez com ela?

Mais daquele sorriso sereno.

– O que era apropriado.

– Quanto tempo vai me manter assim?

– Até que ela morra. Saber que tenho você e que está vivo é parte de seu castigo. – O rei olhou as aranhas que havia ao seu redor e algo parecido com afeto verdadeiro flamejou em seu rosto branco. – Minhas amigas vão cuidar de você, não se preocupe.

– Não estou preocupado.

– Mas estará. Prometo. – Seus olhos retornaram a Rehv e seus traços andróginos mudaram para algo demoníaco. – Eu não gostava de seu pai e fiquei muito contente quando o matou. Mas não terá oportunidade de fazer o mesmo comigo. Viverá apenas enquanto sua irmã estiver viva. Depois disso, seguirei seu bom exemplo e reduzirei o número de meus parentes.

– *Meia-irmã*.

– Quanta determinação em distanciar os laços que o unem à Princesa. Não me admira que ela o adore. Para ela, aquilo que é inalcançável sempre ostenta um fascínio maior. E ela é, repito, a única razão pela qual você está vivo.

O rei se inclinou sobre a bengala e começou a se arrastar para trás, retrocedendo pelo caminho que tinha percorrido ao chegar. Antes de sair do campo de visão de Rehv, fez uma pausa.

– Já esteve na tumba de seu pai?

– Não.

– É meu lugar favorito em todo o mundo. Ficar sobre a terra onde sua carne foi queimada até virar cinzas… adorável. – O rei sorriu com fria

alegria. – Que tenha sido assassinado por sua mão faz disso ainda mais doce, já que ele sempre considerou você débil e inútil. Deve tê-lo atormentado bastante saber que foi superado por um ser inferior. Descanse bem, Rehvenge.

Rehv não respondeu. Estava muito ocupado cutucando as paredes mentais de seu tio, buscando um caminho para entrar.

O rei sorriu, como se aprovasse suas tentativas e seguiu seu caminho.

– Sempre gostei de você. Apesar de ser apenas um mestiço.

Houve um estalo, como se uma porta tivesse se fechado.

Todas as velas se apagaram.

A desorientação fez que a garganta de Rehvenge se fechasse. Ao ser deixado sozinho, flutuando na escuridão sem nada que o orientasse, o terror lhe tomou conta com força. Ficar sem visão era a pior…

As barras que atravessavam a parte superior de seu corpo começaram a tremer ligeiramente, como se uma brisa soprasse fazendo vibrar as correntes.

Oh… Deus, *não*.

As cócegas começaram nos ombros e se intensificaram em alta velocidade, fluindo para a parte debaixo da barriga e das coxas, indo para a ponta dos dedos, cobrindo as costas, florescendo pelo pescoço até o rosto. Usou as mãos na medida do possível, tentando afastar a multidão de aranhas, mas quanto mais ele as atirava ao chão, mais apareciam. Estavam sobre ele, movendo-se, cobrindo-o como uma camisa de força de pequenos toques e em constante movimento.

A vibração nas narinas e ao redor dos ouvidos foi sua ruína.

Ele teria gritado. Mas então, as teria engolido.

Em Caldwell, na casa de arenito marrom para a qual se mudaria, Lash tomava banho com preguiçosa precisão, gastando seu tempo com a esponja, passando-a por entre os dedos do pé e atrás das orelhas, prestando especial atenção aos ombros e à parte baixa das costas. Não havia nenhuma necessidade de ter pressa.

Quanto mais esperasse, melhor.

Além disso, que belo banheiro para se passar o tempo. Tudo era de primeira qualidade, do mármore que cobria o chão e as paredes, até os acessórios de ouro e a incrível extensão de espelhos gravados que havia ao longo das pias.

As toalhas penduradas nas prateleiras ornamentadas eram do Wal-Mart.

Sim, e seriam substituídas o mais rápido possível. Aquelas porcarias eram as únicas coisas que o Sr. D tinha trazido do rancho, e Lash não estava disposto a perder tempo dirigindo por toda Caldwell em busca de algo melhor para se secar – não quando tinha um novo equipamento de exercícios para testar. E depois da malhação pela manhã, entraria na internet e compraria coisas como móveis, roupa de cama, tapetes e artigos de cozinha.

Tudo, porém, teria de ser entregue na porcaria do rancho, onde o Sr. D e os outros ficavam agora. Os homens do correio não eram bem-vindos por aqui.

Lash deixou a luz do banheiro acesa e foi para o quarto principal. O teto daquele lugar era altíssimo, dava a impressão de que nuvens poderiam se formar ali. O piso de madeira nobre era deslumbrante, com lindos frisos de cerejeira, e as paredes estavam forradas com um incrível papel de parede verde-escuro, como se fosse a contra-capa de um livro antigo.

As janelas tinham sido cobertas com mantas baratas que tiveram de pregar nas molduras – uma vergonha. Mas assim como as toalhas, isso mudaria. Assim como a cama. Que não era nada além de um colchão *king-size* jogado no chão, com sua pele branca e acolchoada exposta.

Lash deixou cair a toalha de seus quadris e sua ereção saltou para frente.

– Eu adoro que seja uma mentirosa.

A Princesa levantou a cabeça, seu cintilante cabelo negro emitia brilhos azuis.

– Vai me soltar? A transa será melhor, prometo.

– Não estou preocupado no quanto vai ser bom.

– Tem certeza? – Seus braços puxaram correntes de aço que tinham sido fixadas no chão. – Não quer que eu te toque?

Lash sorriu em direção ao seu corpo nu – que agora possuía, para todos os seus intentos e propósitos. Ela era seu presente, dado pelo rei *sympatho* como um gesto de boa-fé, um sacrifício que era também um castigo por sua traição.

– Não vai a lugar algum – ele disse. – E a transa vai ser fantástica.

Iria usá-la até quebrar, e depois iria levá-la ao campo de batalha e obrigá-la a encontrar vampiros. Era a relação perfeita. E se ele se cansasse dela ou se ela não funcionasse como detectora de vampiros? Simplesmente iria se livrar dela.

A Princesa o fulminou com o olhar, a cor avermelhada de seus olhos era como um forte xingamento lançado no volume máximo.

– Vai me soltar.

Lash baixou a mão e começou a acariciar seu membro.

– Só se for para colocá-la em seu túmulo.

O sorriso dela foi pura maldade e seu membro ficou tenso, pronto para gozar.

– Veremos – ela disse com voz baixa e profunda.

A Princesa tinha sido drogada pela guarda real antes que Lash deixasse a colônia levando-a, e quando a estendeu sobre o colchão, abriu suas pernas o máximo possível.

Fez isso para que pudesse ver quando o sexo dela brilhasse por ele.

– Nunca vou soltá-la – disse quando se ajoelhou sobre o colchão e agarrou seus tornozelos.

Sua pele era macia e branca como a neve, seu centro era rosado como os mamilos.

Iria deixar muitas marcas em seu corpo magro. E levando em conta a maneira como movimentava os quadris, ela ia gostar.

– Você é minha – rosnou.

Num súbito lampejo de inspiração, imaginou a coleira de seu velho rottweiler ao redor daquele pescoço esguio. As placas de identificação do cão ficariam ótimas nela.

Perfeito. Totalmente perfeito.

# CAPÍTULO 62

UM MÊS DEPOIS…

**Ehlena acordou com o** som do roçar de porcelana contra porcelana e o perfume de chá aromatizado. Ao abrir os olhos, viu uma *doggen* uniformizada lutando com o peso de uma enorme bandeja de prata. Sobre ela havia uma rosquinha, um pote de geleia de morango, uma colherada de creme e, sua parte favorita, um vaso fino com uma flor.

Cada noite havia uma flor diferente. Naquele entardecer era um ramo de azevinho.

– Oh, Sashla, não precisa fazer isso. – Ehlena se endireitou afastando lençóis tão finos e bem-acabados que eram mais suaves ao tato que o ar do verão contra a pele. – É adorável de sua parte, mas de verdade…

A criada fez uma reverência e ofereceu um tímido sorriso.

– A senhora deve despertar com uma refeição adequada.

Ehlena elevou os braços quando uma pequena mesa dobrável foi colocada sobre a cama e a bandeja em cima dela. Quando baixou o olhar para a prata polida e viu a refeição minuciosamente preparada, seu primeiro pensamento foi que seu pai acabava de receber o mesmo, servido pelo *doggen* chamado Eram.

Acariciou a fina base ondulada da faca.

– Você é boa conosco. Todos vocês. Estão nos fazendo sentir muito bem-vindos nesta casa esplêndida e agradecemos muito.

Quando ergueu o olhar, havia lágrimas nos olhos da *doggen*, e a criada se apressou para secá-las com um lenço.

– Senhora, você e seu pai transformaram esta casa. Estamos muito contentes de que sejam nossos mestres. Tudo… é diferente agora que estão aqui.

Era o máximo que a criada diria, mas dada a forma como ela e os outros

funcionários se sobressaltavam durante as duas primeiras semanas, Ehlena deduziu que Montrag não devia ter sido um chefe de família muito fácil.

Ehlena estendeu a mão e apertou a da mulher.

– Fico feliz que isso esteja dando certo para todos nós.

Enquanto a criada se afastava, parecia nervosa, mas feliz. Na porta, deteve-se.

– Oh, e as coisas da senhora Lusie já chegaram. Instalamos a senhora no quarto de hóspedes ao lado de seu pai. Além disso, o chaveiro chegará em meia hora, como solicitou.

– Perfeito para os dois casos, obrigada.

Enquanto a porta se fechava silenciosamente, e a *doggen* partia cantarolando uma melodia do Antigo País, Ehlena retirou a cúpula do prato e pegou com a faca um pouco de creme. Lusie tinha concordado em mudar-se com eles e trabalhar como enfermeira e assistente pessoal do pai de Ehlena – o que era fantástico. No geral, ele tinha aceitado a nova situação com relativa facilidade, seu comportamento e estabilidade mental estavam melhores do que tinham sido durante anos, mas uma supervisão de perto contribuía bastante para tranquilizar a persistente preocupação de Ehlena.

Ser cuidadosa com ele continuava sendo uma prioridade.

Ali na mansão, por exemplo, ele não exigia papel-alumínio sobre as janelas. Em vez disso, preferia olhar para fora, para os jardins que eram belos, mesmo adormecidos pelo inverno, e fazendo uma retrospectiva, imaginava se parte de seu isolamento do mundo não tinha sido causado pelo lugar onde estavam morando. Também estava muito mais tranquilo e em paz, trabalhando continuamente no outro quarto de hóspedes que havia ao lado. Entretanto, ainda ouvia vozes e exigia que tudo estivesse ordenado, além de ainda precisar da medicação. Mas isso era o paraíso comparado com o que tinha sido os últimos dois anos.

Enquanto comia, Ehlena passeou o olhar pelo quarto que tinha escolhido e se lembrou da antiga mansão de seus pais. As cortinas eram do mesmo tipo das que estavam penduradas na casa de sua família, enormes faixas cor de pêssego, creme e vermelho desciam dos suportes revestidos com franjas. As paredes tinham o mesmo acabamento luxuoso, exibindo um desenho de rosas que combinava perfeitamente com as cortinas e com o tapete bordado que havia no chão.

Ehlena também se sentia em casa, mas ao mesmo tempo completamente

deslocada… e não só porque sua vida parecia ter sido um veleiro naufragado em águas geladas que de repente foi consertado e deslocado para os trópicos.

Rehvenge estava com ela. De maneira implacável.

Seu último pensamento antes de dormir e o primeiro ao acordar era que estava vivo. E sonhava com ele, via-o com os braços ao lado do corpo e a cabeça pendurada, sua silhueta estava contra um fundo negro cintilante. Mas era uma total contradição aquela imagem com sua sensação de que estava vivo.

Era como ser assombrada por um fantasma.

Ou torturada por um.

Frustrada, afastou a bandeja, levantou-se e tomou um banho. As roupas que colocou não eram elegantes, eram as mesmas que tinha adquirido nas lojas de departamento e nas ofertas que encontrava na internet antes que tudo tivesse mudado. Os sapatos… eram os mesmos que Rehv tinha segurado nas mãos.

Mas se recusava a pensar nisso.

Acontece que não parecia correto sair correndo e gastar um monte de dinheiro com qualquer coisa. Nada daquilo parecia ser dela, nem a casa, nem os funcionários, nem os carros, nem todos aqueles dígitos em sua conta corrente. Ainda estava convencida de que Saxton ia aparecer ao cair da noite dizendo algo como "oh, desculpe, tudo isso deveria ser passado a outra pessoa".

Que mancada seria.

Ehlena pegou a bandeja de prata e se dirigiu ao quarto de seu pai no final do corredor para ver como ele estava. Quando chegou, bateu na porta com a ponta do tênis.

– *Pai?*

– *Entre, filha minha!*

Deixou a bandeja em uma mesa de mogno e abriu caminho dentro da sala que ele usava como escritório. Havia trazido sua antiga mesa da casa de aluguel e a tinham colocado perto da porta. Seu pai estava sentado trabalhando como sempre fazia, com papéis por toda parte.

– *Como está?* – perguntou ela, inclinando-se para beijar o rosto dele.

– *Estou bem, muito bem na verdade. O* doggen *acaba de me trazer o suco e a refeição*. – Passou a mão elegante e ossuda sobre a bandeja de prata idêntica a que ela havia trazido. – *Adoro os novos* doggen*, você não?*

– *Sim, pai, eu…*

– *Ah, Lusie, queridíssima!*

Enquanto seu pai ficava em pé e alisava o paletó de veludo do *smoking*, Ehlena deu uma olhada sobre o ombro. Lusie entrou vestindo um casaco de lã feito à mão. Nos pés usava um par de tamancos e meias grossas que também pareciam feitas em casa. Usava o comprido e ondulado cabelo jogado para trás, preso com uma discreta presilha na base do pescoço.

Ao contrário de tudo que tinha mudado ao seu redor, ela ainda era a mesma. Amável e… acolhedora.

– *Trouxe as palavras cruzadas*. – Ergueu uma edição do *New York Times* que estava dobrada em quatro e também um lápis. – *Preciso de ajuda*.

– *E, obviamente, estou à sua disposição, como sempre*. – O pai de Ehlena se levantou, e de maneira muito galante afastou uma cadeira para Lusie. – *Sente-se aqui e veremos quantos espaços conseguiremos preencher*.

Lusie sorriu e sentou.

– *Não conseguiria fazer sem ele*.

Os olhos de Ehlena focaram no rosto corado da fêmea e depois no rosto do pai. Que também mostrava um brilho distinto.

– Vou deixá-los a sós – disse com um sorriso.

Quando partiu, dois acenos de despedida foram dados a ela, e não pôde deixar de pensar que soava muito bem a seus ouvidos.

No andar debaixo, no elegante *hall* de entrada, virou à esquerda na sala de jantar e se deteve para admirar todo o cristal e porcelana que estavam dispostos – bem como o candelabro reluzente.

Entretanto, não havia velas coroando aqueles elegantes braços de prata.

Não havia velas na casa. Nem fósforos nem tampouco isqueiros. E, antes de se mudarem, Ehlena fez com que os *doggen* trocassem o fogão industrial que funcionava a gás por um elétrico. Da mesma forma, as duas televisões na sala de estar tinham sido entregues aos funcionários, e os monitores de segurança tinham sido levados de um lugar aberto que havia na despensa para um quarto fechado que poderia ser trancado.

Não havia nenhum motivo para arriscar. Especialmente levando em conta que qualquer tipo de tela em aparelhos eletrônicos, incluindo os dos celulares e as calculadoras, ainda deixava seu pai nervoso.

Na primeira noite que passaram na mansão, ela teve o cuidado de andar com seu pai por todo o lugar lhe mostrando as câmeras de segurança, os

sensores e os feixes de luz não só na casa, mas também em volta. Como não tinha certeza de como lidaria com a mudança e com todas as medidas de segurança, fez o *tour* apenas depois de ele ter tomado a medicação. Felizmente, considerou a mudança de moradia como um retorno à normalidade, e ficou encantado com a ideia de que havia um sistema de vigilância em todo o imóvel.

Talvez esse fosse outro motivo pelo qual não sentia a necessidade de ter as janelas cobertas. Sentia como se estivesse sendo vigiado de uma maneira adequada agora.

Empurrando a porta, Ehlena entrou na despensa e saiu na cozinha. Depois de conversar com o mordomo que cozinhava a última refeição e de fazer um elogio a uma das criadas, Ehlena se dirigiu ao escritório do outro lado da casa.

A viagem foi longa, através de muitos cômodos encantadores, e, enquanto andava, passava a mão com delicadeza sobre as antiguidades, os batentes das portas esculpidos à mão e os móveis cobertos de seda. Aquela bela casa ia fazer a vida de seu pai muito mais fácil, e, como consequência disso, ela ia ter muito mais tempo e energia mental para concentrar-se em si mesma.

Mas não desejava isso. A última coisa que de precisava eram horas vazias sem nada além das tolices de sua mente. E mesmo parecendo estar bem adaptada, queria ser produtiva. Talvez não precisasse mais de dinheiro para manter um teto sobre o que tinha restado de sua família, mas sempre trabalhou e gostava de ter um propósito. E sentia que a clínica lhe deu um.

Acontece que ela tinha queimado essa ponte.

Como os outros trinta ou mais cômodos da mansão, o escritório estava decorado ao estilo da realeza europeia, com delicados padrões artísticos de damasco nas paredes e sofás, muitas franjas nas cortinas e uma grande quantidade de quadros profundos e brilhantes que pareciam janelas abertas para outros mundos ainda mais perfeitos. Contudo, havia uma coisa fora de compasso. O chão estava nu, as poltronas, a mesa antiga e todas as cadeiras descansavam diretamente sobre o piso de madeira. O centro da sala parecia mais escuro do que nas bordas, como se tivesse sido coberto anteriormente.

Quando perguntou aos *doggen*, eles explicaram que o tapete sofreu uma mancha impossível de ser removida e, portanto, foi encomendada uma nova peça ao revendedor de antiguidades da família que residia em Manhattan. Não entraram em detalhes sobre o que tinha acontecido, mas considerando

como eram preocupados por executar bem seus trabalhos, podia imaginar o que Montrag teria feito se tivesse havido algum tipo de falha. Alguém teria derramado uma bandeja de chá? Sem dúvida devem ter tido um grande problema com isso.

Ehlena deu a volta e sentou atrás da mesa. Sobre o mata-borrão de couro estava o *Correio de Caldwell* do dia, um telefone e um agradável abajur francês, assim como uma encantadora estátua de cristal de um pássaro voando. Seu computador antigo, o qual tinha tentado devolver à clínica, encaixava perfeitamente na gaveta grande da mesa – ela o mantinha ali no caso de o pai entrar.

Achava que podia se permitir comprar um novo computador, entretanto não ia fazer isso. Assim como suas roupas, o *notebook* que ela tinha funcionava muito bem e já estava acostumada com ele.

Além disso, ela mantinha os pés no chão por causa das coisas familiares. E, cara, ela precisava disso.

Colocando os cotovelos sobre a mesa, olhou através do aposento no lugar onde um quadro espetacular de paisagem marinha deveria repousar. Entretanto, a pintura estava inclinada para fora da parede, e a face de um cofre estava exposta como uma fêmea comum escondida atrás de uma máscara de baile glamorosa.

– Senhora, o chaveiro está aqui.

– Por favor, peça para entrar.

Ehlena se levantou e foi até o cofre para tocar o suave e opaco painel com suas teclas digitais negras e prateadas. Tinha encontrado a coisa apenas porque ficou tão maravilhada com o quadro que teve de tocá-lo. Quando toda a imagem saltou para frente, ficou horrorizada, pois pensou que tinha prejudicado a moldura de alguma maneira, mas então olhou atrás do quadro e… quem diria?

– Senhora? Este é Roff, filho de Rossf.

Ehlena sorriu e caminhou até o macho que estava vestido com um macacão preto e carregava uma caixa de ferramentas. Quando ia estender a mão, ele tirou o chapéu e fez uma profunda reverência, como se ela fosse alguém especial. O que foi muito estranho. Depois de anos sendo apenas uma civil, a formalidade a incomodava, mas estava aprendendo que devia deixar os outros honrarem a etiqueta social. Pedir que não o fizessem, fossem os *doggen*, trabalhadores ou seus assistentes, só piorava as coisas.

– Obrigada por ter vindo – disse.

– É um prazer ser útil. – Olhou para o cofre. – É este aqui?

– Sim, não tenho a combinação. – Dirigiram-se para o objeto. – Espero que exista alguma maneira de abrirmos.

A tensão que ele tentou esconder não era muito animadora.

– Bem, senhora, conheço este tipo de cofre e não vai ser fácil. Teria que ter trazido uma furadeira industrial para atravessar os pinos e soltar a porta e isso seria barulhento. Além disso, quando eu terminar, o cofre ficará arruinado. Não quero desrespeitá-la, mas não há alguma maneira de recuperar a combinação?

– Não saberia onde procurá-la. – Percorreu com o olhar as prateleiras de livros, em seguida, a mesa. – Nós acabamos de mudar e não havia instruções.

O macho seguiu seu exemplo e passou os olhos pela sala.

– Normalmente os proprietários deixam essas coisas num lugar secreto. Se pudesse encontrá-lo, poderia ensinar como restaurar a combinação, assim poderia voltar a utilizar o cofre. Como eu disse, se tiver que perfurá-lo terá que ser substituído.

– Bem, eu procurei na mesa quando estava explorando a casa ao chegar aqui pela primeira vez.

– Encontrou algum compartimento secreto?

– Hum… não. Mas só estava examinando os papéis ao acaso e tentando abrir algum espaço para minhas coisas.

O macho observou a peça da mobília.

– Em muitas mesas desse estilo encontramos ao menos uma gaveta com o fundo falso para esconder um pequeno espaço. Você gostaria que eu ajudasse a procurar? Além disso, as molduras em um escritório como este também poderiam ocultar espaços.

– Eu adoraria poder contar com outro par de olhos para isso, obrigada. – Ehlena se aproximou e foi tirando todas as gavetas da mesa, uma a uma, deixando-as no chão. Enquanto fazia isso, o macho tirou uma pequena lanterna e começou a observar dentro dos espaços que iam sendo revelados.

Ela hesitou quando chegou na grande gaveta da parte inferior esquerda, não querendo ver o que tinha guardado ali. Mas não era como se o chaveiro pudesse ver através da maldita coisa.

Silenciando uma rápida maldição, puxou a alça de bronze e não olhou todas as edições que tinha guardado do *Correio de Caldwell*, cada uma delas

dobrada para esconder os artigos que tinha lido e guardado embora não quisesse lê-los outra vez.

Colocou aquela gaveta tão longe quanto possível.

– Bem, essa é a última.

Com a cabeça do macho debaixo da mesa, sua voz ecoou.

– Acredito que há um… preciso da fita métrica da minha caixa de…

– Aqui, peguei.

Quando trocou a coisa de mãos, ele parecia atônito por ela ter ajudado.

– Obrigada, senhora.

Ela se ajoelhou ao seu lado enquanto voltava a agachar-se embaixo da mesa.

– Tem alguma coisa diferente?

– Parece que há… sim, essa é um pouco mais rasa que as outras. Deixe-me só… – Houve um rangido, e o braço do macho estremeceu. – Consegui.

Quando ele se ergueu, tinha uma pequena caixa rústica nas mãos ásperas.

– Acho que é só girar para abrir a tampa, mas deixarei que faça isso.

– Uau, sinto-me como Indiana Jones sem o chicote. – Ehlena levantou o painel superior e… – Bom, não há nenhuma combinação. Apenas uma chave. – Pegou o pedaço de aço, examinou, e em seguida colocou em seu lugar. – Melhor deixar onde a encontramos.

– Vou mostrar como colocar a gaveta secreta de volta.

O macho saiu vinte minutos mais tarde, depois de baterem em todas as paredes, prateleiras e molduras da sala sem encontrar nada. Ehlena decidiu que iria procurar apenas mais uma vez, e se não encontrasse nada, iria pedir para que o chaveiro retornasse com suas grandes armas para arrebentar o cofre.

Quando retornou à mesa, colocou as gavetas nas aberturas, fazendo uma pausa quando chegou naquela que continha os artigos de jornais.

Talvez fosse o fato de que não tinha mais que se preocupar com seu pai. Talvez fosse o fato de ter algum tempo livre.

Mas provavelmente estava apenas tendo um momento de fraqueza na sua luta para não saber os detalhes.

Ehlena tirou todos os jornais, desdobrou-os e estendeu sobre a mesa. Todos os artigos eram sobre Rehvenge e a explosão do Zero-Sum e, sem dúvida, quando abrisse a edição de hoje, encontraria mais um para acrescentar à coleção. Os jornalistas estavam fascinados com a história, e durante o último

mês houve várias reportagens a respeito disso – não só a imprensa escrita, mas também os noticiários noturnos na TV.

Nenhum suspeito. Nenhuma prisão. O esqueleto de um homem encontrado nos escombros do clube. Os outros negócios que possuía agora eram dirigidos por seus sócios. O tráfico de drogas em Caldwell estava parado. Não houve mais assassinatos de traficantes.

Ehlena pegou um dos artigos que havia em cima da pilha. Não estava entre os mais recentes, e já tinha manuseado tantas vezes que tinha manchado o papel do jornal. Ao lado do texto havia uma foto imprecisa de Rehvenge, tirada há dois anos por um oficial de polícia à paisana. Seu rosto estava nas sombras, mas o casaco de pele, a bengala e o Bentley se viam claramente.

Havia destilado suas lembranças de Rehvenge nas últimas quatro semanas, desde os momentos em que estiveram juntos até a forma com que tinham terminado tudo com aquela viagem ao ZeroSum. Em vez de dissolver as imagens em sua mente, o passar do tempo as reforçava ainda mais, fazia com que suas lembranças ficassem ainda mais claras, como um uísque que fica mais forte com o passar do tempo. E era estranho. Curiosamente, de todas as coisas que foram ditas, boas e ruins, o que Ehlena se lembrava com mais frequência era do que aquela fêmea chefe de segurança tinha gritado quando estava a caminho da saída do clube.

*...aquele macho se colocou numa situação terrível por mim, sua mãe e sua irmã. E você se acha boa demais para ele? Muito bem. De onde diabos você vem para ser tão perfeita?*

Sua mãe. Sua irmã. Ela.

Quando as palavras golpearam sua mente mais uma vez, Ehlena deixou o olhar vagar pelo escritório até chegar à porta. A casa estava em silêncio, seu pai estava ocupado com Lusie e as palavras cruzadas, os empregados trabalhavam felizes.

Pela primeira vez em um mês, estava sozinha.

Levando tudo isso em consideração, deveria tomar um banho quente e procurar um lugar acolhedor com um bom livro… mas em vez disso, pegou o computador, abriu a tela e o ligou. Tinha a sensação de que se conseguisse fazer o que queria, ia acabar caindo em um buraco profundo e escuro.

Mas não conseguia se conter.

Tinha salvado as buscas que fez nos registros clínicos de Rehv e sua mãe, e já que os dois tinham sido declarados mortos, os documentos eram,

tecnicamente, de domínio público – então, não sentiu como se estivesse invadindo a privacidade deles ao levantar os dois arquivos.

Primeiro estudou o histórico da mãe, observando algumas coisas familiares por já tê-lo examinado antes, quando ficou curiosa sobre a fêmea que lhe tinha dado à luz. Contudo, agora, tomou seu tempo, procurando algo concreto. Embora só Deus soubesse do que se tratava.

Os registros recentes não tinham nada de extraordinário, eram apenas comentários de Havers a respeito dos exames anuais da fêmea ou do tratamento de algum vírus ocasional. Enquanto se deslocava pelas páginas, começou a perguntar-se por que estava perdendo tempo – até que chegou à operação de joelho que tinham realizado em Madalina há cinco anos. Nas observações do pré-operatório, Havers mencionou algo sobre o desgaste da articulação resultante de lesões por impactos crônicos.

Impactos crônicos? Em uma fêmea de valor da *glymera*? Isso parecia estar mais de acordo com os registros de um jogador de futebol, não com a mãe da alta linhagem de Rehvenge.

Não fazia sentido.

Ehlena retrocedeu mais e mais, passando por muitas páginas… e a partir de vinte e três anos atrás, contados do presente, começou a ver as entradas. Uma após outra. Ossos quebrados. Hematomas. Contusões.

Ehlena sabia o que isso significava… ela podia jurar ser violência doméstica.

Rehv era quem a levava todas as vezes. Levava e permanecia com ela.

Voltou para os registros da última entrada que parecia indicar o abuso de uma fêmea por parte de seu *hellren*. Madalina tinha sido acompanhada por sua filha, Bella. Não por Rehv.

Ehlena observou fixamente a data como se pudesse chegar de repente a uma conclusão importante. Quando cinco minutos depois ela ainda continuava olhando, sentiu como se o fantasma da enfermidade de seu pai estivesse outra vez movendo-se ao longo dos pisos e paredes de sua mente. Por que diabos estava obcecada por isso?

E, ainda assim, apesar desse pensamento, seguiu o impulso que só pioraria sua obsessão. Abriu o registro de Rehv.

Retrocedeu pelos registros mais e mais e mais… ele começou a precisar de dopamina mais ou menos ao mesmo tempo em que sua mãe parou de ingressar com machucados.

Talvez fosse apenas uma coincidência.

Sentindo-se meio louca, Ehlena navegou na internet e acessou a base de dados dos registros públicos da raça. Digitando o nome de Madalina, encontrou o registro de transição da fêmea, logo saltou para o de seu *hellren*, Rempoon…

Ehlena inclinou-se para frente na cadeira e soltou a respiração com um assovio. Sem querer acreditar no que lia, retornou ao registro de Madalina.

Seu *hellren* tinha morrido na noite em que ela tinha ingressado machucada na clínica pela última vez.

Com a sensação de estar a ponto de obter respostas, Ehlena considerou as coincidências nas datas junto com o que disse aquela segurança sobre Rehvenge. E se ele tivesse matado o macho para proteger sua mãe? E se aquela guarda de segurança sabia disso? E se?…

Observando com o canto dos olhos, viu a foto de Rehvenge no *Correio de Caldwell*, seu rosto na sombra, seu carro elegante e sua tão óbvia bengala de cafetão.

Com uma maldição, fechou o computador com um golpe, colocou-o de volta na gaveta e se levantou. Podia não ser capaz de controlar seu subconsciente, mas poderia lidar com suas horas de vigília e não incentivar essa loucura.

Em vez de enlouquecer ainda mais, iria subir para o quarto principal onde Montrag dormia e procuraria ali a combinação do cofre. Mais tarde, teria a última refeição com seu pai e Lusie.

E, então, precisava descobrir o que faria com o resto de sua vida.

– … há sugestões de que os recentes homicídios de traficantes na área podem ter acabado com a provável morte do suspeito traficante e dono do clube Richard Reynolds. – Houve um ruído quando Beth colocou o *Correio de Caldwell* sobre a mesa. – Esse é o final do artigo.

Wrath mudou a posição das pernas para sustentar melhor o peso de sua rainha no colo. Tinha ido ver Payne fazia umas duas horas e seu corpo foi golpeado até parecer uma geleia, o que o fazia se sentir realmente bem.

– Obrigado por ler para mim.

– O prazer é meu. Agora vou cuidar da lareira. Tem um tronco que está prestes a rolar sobre o tapete. – Beth o beijou e se levantou, a cadeira

efeminada rangeu aliviada. Enquanto ela cruzava o escritório para ir até a lareira, o relógio de torre começou a badalar.

– Oh, isso é bom – disse Beth. – Ouça, Mary deve estar chegando. Está trazendo uma coisa para você.

Wrath assentiu e estendeu a mão, percorrendo com as pontas dos dedos a parte superior da mesa até chegar à taça de vinho tinto que estava bebendo. Pelo peso, soube que estava quase terminando, e considerando seu estado de espírito, ia querer mais. Aquela coisa toda sobre Rehv o incomodava. Muito.

Depois de terminar seu Bordeaux, apoiou a taça e esfregou os olhos abaixo dos óculos que ainda usava. Poderia ser estranho continuar com os óculos, mas tudo bem – não gostava da ideia de que outras pessoas pudessem ver suas pupilas desfocadas e ele não conseguir observá-las ao encará-lo.

– Wrath? – Beth ficou ao seu lado, e pelo tom tenso de sua voz soube que estava tentando manter o medo distante da fala. – Você está bem? Sua cabeça está doendo?

– Não. – Wrath puxou sua rainha sentando-a de novo em seu colo, a pequena cadeira rangeu outra vez, as pernas tremeram. – Estou bem.

As mãos dela afastaram seu cabelo do rosto.

– Não parece.

– Eu só… – Encontrou a mão dela e a segurou. – Droga, não sei.

– Sim, sabe.

Franziu a testa com força.

– Não se trata de mim. Pelo menos, não diretamente.

Houve uma longa pausa e, então, os dois falaram ao mesmo tempo:

– Do que se trata?

– Como está Bella?

Beth limpou a garganta como se estivesse surpresa com a pergunta.

– Bella está… fazendo o melhor que pode. Não a deixamos muito tempo sozinha, e foi bom Zsadist ter tirado férias. É muito duro ter perdido os dois em poucos dias. Quero dizer, sua mãe e seu irmão…

– Essa porcaria sobre Rehv é uma mentira.

– Não entendo.

Estendeu a mão para o jornal de Caldwell e deu leves golpes sobre o artigo que tinha acabado de ler.

– É difícil acreditar que alguém o tenha explodido. Rehv não era idiota. E aqueles Mouros que o protegiam? Aquela chefe de segurança? É impossível

que tenham deixado alguém se aproximar dele com uma bomba no clube. Além disso, Rhage disse que ele e V. foram ao Iron Mask para trazer John para casa, e os três estavam trabalhando lá: iAm, Trez e Xhex ainda estão juntos. Normalmente, as pessoas se afastam depois de uma tragédia. Mas aquele grupo está como sempre foi, como se estivessem esperando que ele retorne.

– Mas havia um esqueleto entre os escombros, não?

– Pode ser de qualquer um. Claro que era de um macho, mas o que mais a polícia sabe? Nada. Se eu quisesse desaparecer do mundo humano, até mesmo do mundo vampiro, plantaria um corpo e explodiria meu edifício. – Balançou a cabeça, pensando em Rehv estendido na cama daquele grande rancho, tão doente… e, ainda assim, suficientemente bem para fazer com que sua assassina se ocupasse do cara que queria matar Wrath. – Cara, aquele filho da mãe estava do meu lado. Teve todas as oportunidades do mundo para me ferrar quando Montrag quis se reunir com ele. Tenho uma dívida com ele.

– Espera… por que diabos simularia a própria morte? Amava Bella e sua Nalla. Que inferno, praticamente criou sua irmã e não posso acreditar que a magoasse assim. Além disso, pra onde iria?

À colônia, pensou Wrath.

Wrath queria contar à sua rainha tudo o que tinha em mente, mas hesitou, porque estava acalentando uma decisão que ia complicar muitíssimo as coisas. A questão era: o que foi aquele *e-mail* sobre Rehv? A intuição de Wrath dizia que o cara tinha mentido. Era coincidência demais que a coisa tivesse chegado e, na noite seguinte, Rehv tivesse "morrido". A mensagem deve ter sido verdadeira. Mas, com Montrag morto, quem poderia ter…

Houve um estalo na madeira, uma queda e uma dura aterrissagem.

A rainha gritou e Wrath amaldiçoou:

– Mas que porcaria foi essa?

Apalpou ao redor e tocou as lascas da antiga e delicada madeira francesa que estavam estilhaçadas em volta dele.

– Você está bem, *leelan*? – ele disse bruscamente.

Beth riu e se levantou.

– Oh, meu Deus… quebramos a cadeira.

– Pulverizamos seria mais preciso…

A batida na porta fez que Wrath lutasse para ficar em pé entre gemidos de dor. Aos quais estava se acostumando. Payne sempre atacava sua canela, e a

perna esquerda o matava. Mas ele devolveu o favor. Depois daquela última sessão, era bastante provável que ela estivesse tratando de alguma contusão.

– Entre – gritou.

No mesmo instante em que a porta se abriu, soube quem era… e que não estava sozinha.

– Quem está com você, Mary? – perguntou e estendeu a mão até a adaga que levava no quadril. O cheiro não era humano… mas também não era vampiro.

Houve um tinido sutil e sua *shellan* exalou um longo e encantador suspiro, como se estivesse vendo algo que lhe agradasse demais.

– Este é George – disse Mary. – Por favor, guarde a arma. Ele não vai machucar você.

Wrath manteve a adaga na mão e suas narinas se abriram muito. O cheiro era…

– É um cão?

– Sim. Está treinado para auxiliar cegos.

Wrath recuou um pouco diante daquela palavra, ainda lutando para aceitar que aquela classificação pertencia a ele.

– Eu gostaria de levá-lo até você – disse Mary com aquele tom de voz tão próprio dela. – Mas não vou fazer isso enquanto não guardar a arma.

Beth permaneceu em silêncio e Mary se afastou, o que foi inteligente da parte delas. Seus neurônios dispararam em todas as direções, seus pensamentos correram por toda parte. Durante o mês que tinha se passado, obteve muitos triunfos e muitas derrotas: ao retornar de seu primeiro encontro com Payne, sabia que tinha um caminho difícil pela frente, mas era mais longo e mais íngreme do que tinha pensado.

Os dois maiores problemas era que odiava ter de depender tanto de Beth e de seus Irmãos, e voltar a aprender as coisas mais simples era curiosamente desgastante. Como, por exemplo… pelo amor de Deus, fazer uma torrada agora era uma proeza. Ontem havia tentado outra vez e acabou quebrando o prato onde guardavam a manteiga. O que, naturalmente, levou uma eternidade para limpar.

Mesmo assim, a ideia de utilizar um cão para andar por aí era… demais.

A voz de Mary deslizou até o outro lado do aposento com todo cuidado possível.

– Fritz foi treinado para cuidar do cachorro e, juntos, ele e eu estamos

preparados para trabalhar com você e com George. Há um período experimental de duas semanas, depois delas, se você não gostar ou se não estiver funcionando, podemos devolver o animal. Não há nenhum tipo de obrigação aqui, Wrath.

Estava a ponto de dizer que levassem o cão quando ouviu um suave gemido e mais daquele tinido.

– Não, George – disse Mary. – Não pode se aproximar dele.

– Ele quer vir comigo?

– O treinamos utilizando uma de suas camisetas. Conhece seu cheiro.

Houve um longo, longo período de silêncio e, então, Wrath balançou a cabeça.

– Não sei se sou o tipo de cara que gosta de cães. Além disso, temos o Boo…

– Ele está bem aqui – Beth disse. – Está sentado ao lado de George. Desceu as escadas logo que o cão entrou na casa, e depois disso não saiu do lado dele. Acho que os dois meio que se gostam.

Maldição, nem o gato estava do seu lado.

Mais silêncio.

Wrath guardou a adaga lentamente e deu dois grandes passos à esquerda para que pudesse circular a mesa. Caminhando para frente, deteve-se no centro do escritório.

George choramingou um pouco, e logo se ouviu outra vez o silencioso tinido de uma corrente.

– Deixe que ele se aproxime de mim – disse Wrath, sentindo como se o estivessem pressionando e não gostava nem um pouco.

Ouviu o animal aproximar-se, as suaves pisadas das patas e o tinido da coleira cada vez mais perto, e então…

Um focinho suave como o veludo cheirou a palma da mão dele e uma língua áspera lambeu rapidamente sua pele. Em seguida, o cão se agachou sob a palma e se apoiou contra sua coxa.

As orelhas eram sedosas e cálidas, o pelo do animal era um pouco enrolado.

Era um cão grande com uma grande cabeça quadrada.

– De que raça é?

– Um *golden retriever*. Fritz foi quem o escolheu.

O *doggen* falou da porta, como se tivesse medo de entrar no aposento, em

vista de como a situação parecia tensa.

– Pensei que era a raça perfeita, senhor.

Wrath apalpou os flancos do cachorro, encontrando o suporte que rodeava o peito e o cabo que a pessoa sem visão segurava.

– O que ele pode fazer?

Mary respondeu:

– Qualquer coisa que precisar. Ele pode aprender a disposição da casa, e se você der a ordem de levá-lo à biblioteca, ele fará. Pode ajudá-lo na cozinha, atender o telefone, localizar objetos. É um animal brilhante, e se vocês dois se ajustarem, pode ser tão independente quanto você quiser.

Que fêmea impressionante. Sabia exatamente o que lhe incomodava. Mas a resposta era um animal?

George gemeu baixinho, como se quisesse desesperadamente o trabalho.

Wrath soltou o cão e deu um passo para trás enquanto todo seu corpo começava a tremer.

– Não sei se posso fazer isso – disse com voz rouca. – Não sei se posso… ser um cego.

Beth limpou um pouco a garganta, como se ela estivesse sufocando por ele estar sufocando.

Depois de um momento, Mary, com suas maneiras amáveis e firmes, disse a coisa difícil que precisava ser dita:

– Wrath, você *é* cego.

O indizível ressoou em sua mente, lançando uma luz sobre a realidade através da qual ele cambaleava. Claro, tinha deixado de acordar todos os dias com a esperança de que sua visão retornasse, tinha lutado com Payne e feito amor com sua *shellan*, e isso não o deixava se sentir fraco fisicamente, e também continuou trabalhando e mantendo em dia aquela coisa de rei e tudo o mais. Mas nada disso significava que as coisas estivessem fantásticas: movia-se com dificuldade, tropeçava constantemente, derrubava coisas… apoiava-se em sua *shellan* – que por sua causa não tinha saído de casa durante um mês – precisava dos Irmãos para levá-lo aos lugares. Ele era um peso para os outros, e odiava isso.

Disse a si mesmo que dar uma oportunidade àquele cão não significava que estava tudo bem por ele ser cego. Mas poderia ajudá-lo a se movimentar sozinho.

Wrath se virou de forma que ele e George ficassem olhando na mesma

direção e aproximou-se do cão. Inclinando-se para um lado, encontrou a correia e a agarrou.

– Agora, o que fazemos?

Depois de um emocionado silêncio, como se tivesse surpreendido muitíssimo seu público, ouviu algumas discussões e demonstrações, das quais só assimilou um quarto de tudo. Ficou, porém, evidente que tinha ouvido o suficiente para começar, por que logo ele e George fizeram um passeio pelo escritório.

A correia teve de ser ajustada ao limite para que Wrath não tivesse que se inclinar para segurá-la, e o cão lidou muito bem com a situação. Mas depois de um momento, os dois saíram do escritório e entraram no corredor. O próximo passeio era para encarar as escadas e voltar a subir.

Sozinho.

Quando Wrath voltou para o escritório, enfrentou o grupo reunido – que tinha aumentado, já que cada um de seus Irmãos, assim como Lassiter, tinha se unido a Beth, Fritz e Mary. Wrath captou o aroma de cada um deles… e também havia um monte de esperança e preocupação no ar.

Não podia culpá-los por se sentirem assim, mas não gostava da atenção.

– Como escolheu a raça, Fritz? – perguntou, porque precisava encher o silêncio e não havia razão para ignorar o elefante branco que havia no aposento.

Ou o cão amarelo, melhor dizendo.

A voz do velho mordomo embargou como se, juntamente com todos os outros, estivesse lutando com a emoção.

– Eu, ah… escolhi… – o *doggen* pigarreou – escolhi essa raça ao invés de um labrador porque ele perde mais pelo.

Os olhos cegos de Wrath piscaram.

– Por que isso seria uma coisa boa?

– Porque seus empregados gostam de passar o aspirador. Pensei que seria um belo presente para eles.

– Oh, certo… é claro. – Wrath sorriu um pouco para si mesmo e logo começou a dar risada. Quando os outros se uniram a ele, parte da tensão se dissipou no aposento. – Por que não pensei nisso antes?

Beth se aproximou e o beijou.

– Vamos ver como se sente, certo?

Wrath acariciou a cabeça de George.

– Sim. Está bem. – Levantou a voz: – Chega de conversa. Quem está de guarda esta noite? V., preciso de um relatório financeiro. John ainda está desmaiado na cama pela bebedeira? Tohr, quero que entre em contato com as famílias remanescentes da *glymera* para ver se podemos fazer com que alguns alunos voltem a…

Enquanto Wrath dava ordens, era bom obter respostas, era bom sentir as pessoas se movimentando, era bom que Fritz saísse para continuar a limpeza e que Beth se instalasse na velha poltrona de Tohr.

– Oh, e preciso de outra coisa para me sentar – disse enquanto ele e George se localizavam atrás da mesa.

– Uau, você acabou com ela, heim? – disse Rhage arrastando as palavras.

– Posso produzir alguma coisa? – sugeriu V. – Sou bom na escultura.

– O que acha de uma poltrona igual à de Tohr? – interrompeu Butch.

– Quer esta daqui? – Beth ofereceu.

– Alguém pode simplesmente pegar aquela poltrona que está no canto perto da chaminé? – pediu Wrath.

Quando Phury a aproximou, Wrath sentou e puxou a poltrona para frente… só para dar um violento golpe nos joelhos contra a gaveta da mesa.

– Sim, isso deve ter doído – resmungou Rhage.

– Precisamos de algo mais baixo – alguém disse.

– Isso vai servir – interrompeu Wrath rigidamente, tirando a palma da mão da correia de George e esfregando os joelhos doloridos. – Não me importo onde eu me sente.

Enquanto a Irmandade descia para trabalhar, viu-se colocando a mão na cabeça do grande cão e acariciando… brincando com uma orelha… baixando a mão para encontrar as longas ondas que fluíam do grande e forte peito do animal.

É claro que isso não significava que ia ficar com o animal.

Era apenas uma sensação boa, só isso.

# CAPÍTULO 63

**Na noite seguinte,** Ehlena observou como seu novo amigo, Roff o chaveiro, perfurou e tirou o maldito cofre da parede. O gemido de sua ferramenta de alta potência latejava em seus ouvidos, e o intenso aroma de metal quente lembrava o desinfetante que utilizavam nos pisos da clínica de Havers. No entanto, a sensação de que estava fazendo alguma coisa – qualquer coisa – compensava tudo isso.

– Já estou quase terminando – gritou o chaveiro por cima do barulho.

– Leve o tempo que precisar – gritou Ehlena em resposta.

A questão entre ela e o cofre tornou-se pessoal, e aquela coisa se abriria naquela noite custe o que custasse. Depois de procurar com a ajuda dos funcionários por todo o quarto principal e revistado até mesmo as roupas de Montrag, o que foi horripilante, telefonou para o chaveiro e agora estava gostando de ver a broca da furadeira desaparecendo cada vez mais fundo no metal.

Em última instância, não importava o que houvesse dentro da maldita coisa, o importante era superar a ansiedade por não ter a combinação… e era um alívio voltar a sentir-se ela mesma. Sempre foi aquela que atravessava as dificuldades… muito parecido com o que fazia aquela furadeira.

– Estou dentro – disse Roff, retirando a ferramenta. – Finalmente! Venha dar uma olhada.

Quando o macho fez uma pausa, ela se aproximou e abriu o painel. Dentro estava escuro como a meia-noite.

– Lembre-se – disse Roff enquanto começava a guardar suas coisas –, tivemos de cortar a eletricidade e o circuito do sistema de segurança. Geralmente, uma luz se acende.

– Certo. – Ela examinou de qualquer forma. Era como uma caverna. – Muito obrigada.

– Se quiser que eu encontre um substituto, posso fazer isso.

Seu pai sempre teve cofres, alguns nas paredes, dois no porão, tão velhos e

pesados quanto carros.

– Acho que… vamos precisar de um.

Roff percorreu o escritório com o olhar e logo sorriu para ela.

– Sim, senhora. Acho que vai. Eu mesmo vou cuidar disso. Vou garantir que consiga aquilo de que precisa.

Ela se virou e estendeu a mão.

– Foi muito gentil.

Ele ruborizou do pescoço até a linha escura do cabelo.

– Foi… um prazer trabalhar para a senhora.

Ehlena o acompanhou até a porta da frente e depois voltou para o escritório com uma lanterna que tinha conseguido com o mordomo.

Acendendo o feixe de luz, enxergou dentro do cofre. Arquivos. Montes de arquivos. Algumas caixas de couro planas que eram familiares, de quando ainda tinham as joias de sua mãe. Mais documentos. Certificados de ações. Maços de dinheiro. Dois livros contábeis.

Aproximou uma mesinha e esvaziou o cofre colocando tudo em cima dela, formando pilhas. Quando chegou mais ao fundo, encontrou outro pequeno cofre e o levantou gemendo.

Levou aproximadamente três horas para revisar a papelada, e quando terminou, estava absolutamente atônita.

Montrag e o pai dele tinham sido o equivalente corporativo de mafiosos.

Levantando-se da cadeira, subiu ao quarto que estava utilizando e abriu a gaveta de uma cômoda antiga na qual tinha guardado sua roupa. O manuscrito de seu pai estava preso com elástico simples, o qual emitiu um estalo ao ser liberado com um movimento da mão. Folheando as páginas… encontrou a descrição do trato de negócios que tinha mudado tudo para sua família.

Ehlena desceu com o manuscrito até onde estavam os documentos que tinha tirado do cofre. Percorrendo o conjunto de livros onde estavam os registros de centenas de transações de interesses comerciais, imobiliários e outros investimentos, encontrou um que concordava com a data, a quantidade de dólares e o assunto que seu pai tinha descrito.

Lá estava. O pai de Montrag foi quem traiu o pai dela e o filho estava junto.

Recostando-se outra vez na cadeira, lançou um longo e duro olhar ao escritório.

Ninguém escapa do carma.

Ehlena voltou para os livros velhos para ver se tinham se aproveitado de alguma outra família da *glymera*. Não havia nada, não desde que Montrag e seu pai tinham arruinado a sua família, e teve de se perguntar se teriam começado a fazer negociações com humanos para diminuir as probabilidades de serem descobertos como bandidos e estelionatários dentro da raça.

Baixou o olhar ao pequeno cofre.

Como aquela parecia ser a noite para lavar a roupa suja, levantou a coisa. A fechadura não se abria com uma combinação, mas com uma chave.

Olhando sobre o ombro, observou a mesa.

Cinco minutos depois, após ter forçado com êxito o compartimento secreto da gaveta inferior, levou a chave que tinha encontrado na noite anterior até o pequeno cofre. Não tinha dúvida de que abriria a coisa.

E assim foi.

Colocando a mão dentro, encontrou apenas um documento, e enquanto desenrolava as grossas e aveludadas páginas, teve exatamente a mesma sensação que tinha tido quando falou pela primeira vez com Rehvenge por telefone e ele perguntou: *Ehlena, você está aí?*

Aquilo ia mudar tudo, pensou sem nenhum bom motivo.

E assim foi.

Era uma declaração juramentada do pai de Rehvenge apontando-o como seu assassino, escrita enquanto o macho falecia de feridas mortais.

Leu-a duas vezes. E uma terceira.

A testemunha era Rehm, pai de Montrag.

Sua mente se lançou num redemoinho ao processar tudo e correu para seu computador, pegou o Dell e recuperou a busca que tinha feito sobre a mãe de Rehv… Bom, veja só, a data em que a declaração tinha sido ditada pelo macho moribundo coincidia com a da última noite em que a mãe de Rehv tinha dado entrada na clínica por ter sido espancada.

Pegou a declaração e a releu. Segundo seu padrasto, Rehvenge era um *sympatho* e um assassino. E Rehm sabia. E Montrag sabia.

Seus olhos se dirigiram para os livros velhos. De acordo com o que havia naqueles registros, pai e filho tinham sido oportunistas totais. Era difícil acreditar que aquele tipo de informação não foi utilizada num momento ou outro. Muito difícil.

– Senhora? Trouxe seu chá.

Ehlena olhou a *doggen* que estava à porta.

– Preciso saber de uma coisa.

– Claro, senhora. – A criada entrou com um sorriso. – O que posso responder?

– Como Montrag morreu?

Houve um forte barulho de louça quando a criada quase deixou cair a bandeja sobre a mesa que havia diante do sofá.

– Senhora… certamente não gostaria de falar sobre tais coisas.

– Como?

A *doggen* olhou todos os papéis que tinham sido espalhados ao redor do cofre retirado à força. A julgar pela resignação que viu nos olhos da fêmea, Sashla se deu conta de que alguns segredos tinham sido revelados, segredos que não deixavam seu mestre anterior em uma boa situação.

A diplomacia e a deferência acalmaram a voz da criada.

– Não desejaria falar mal dos mortos, nem faltar com respeito ao senhor Montrag. Mas a senhora é a chefe da família agora e como solicitou…

– Está tudo bem. Não está fazendo nada de errado. E preciso saber. Se ajudar, pense nisso como uma ordem direta.

Isso pareceu aliviar à fêmea que assentiu com a cabeça e falou num tom vacilante. Quando se calou, Ehlena baixou o olhar ao chão brilhante.

Ao menos sabia por que o tapete estava faltando agora.

Xhex ficava com o turno de meia-noite no Iron Mask, assim como era no ZeroSum. O que significava que quando seu relógio de pulso marcava as três e quarenta e cinco, era hora de fazer um percurso pelos banheiros enquanto os atendentes do bar atendiam aos últimos pedidos e seus seguranças conduziam os bêbados e drogados à rua.

Na superfície, o Mask não tinha nada a ver com o ZeroSum. Em vez de aço e vidro, tudo tinha um estilo neo vitoriano, de cor preta e um azul-profundo. Havia um monte de cortinas de veludo, mesas com sofás e aquela porcaria de *tecno pop*; a música era um suicídio acústico, mais depressiva que qualquer outra batida. Nada de pista de dança. Nem área VIP. Mais lugares para o sexo. Menos drogas.

Mas o clima de escapismo era o mesmo, as garotas continuavam trabalhando e a bebida continuava saindo mais rápido que um deslizamento de terra.

Trez administrava o lugar com um estilo muito discreto… já não havia

mais um escritório oculto e a presença estilizada de um proprietário chamativo. Ele era um gerente, não um traficante de drogas, e ali a política e os procedimentos não envolviam socos nem golpes de pistola. Moral da história: despertava menos interesse da polícia por causa da ausência de drogas em grandes e em pequenas quantidades. Além disso, os góticos eram mais depressivos e introspectivos por natureza, ao contrário dos tarados acelerados que se reuniam regularmente no ZeroSum.

Contudo, Xhex sentia falta do caos. Sentia falta de… muitas coisas.

Com uma maldição, entrou no banheiro feminino, que estava ao lado do maior dos dois balcões e encontrou uma mulher inclinada sobre o espelho. Com um olhar de determinação, estava passando as pontas dos dedos sob os olhos, não para limpar o rímel, mas para esparramá-lo ainda mais sobre sua pele branca como o papel. Deus sabia que tinha bastante base de maquiagem sobre a qual trabalhar; usava tanto daquilo que parecia como se alguém tivesse desferido dois murros com um punho de ferro nela.

– Estamos fechando – disse Xhex.

– Certo, sem problema. Vejo você amanhã. – A garota separou-se de seu reflexo que parecia saído da *Noite dos Mortos Vivos* e se dirigiu apressadamente à porta.

Aquilo era a coisa mais bizarra dos góticos. Sim, pareciam aberrações, mas, na realidade, eram muito mais simpáticos que os tipos esnobes frustrados do ZeroSum. Além disso, tinham tatuagens mais legais.

Sim, o Mask era muito menos complicado… o que significava que Xhex tinha tempo mais que suficiente para permitir-se aprofundar sua relação com o detetive De la Cruz. Já tinha estado na delegacia duas vezes para ser interrogada, como muitos de seus seguranças – incluindo Big Rob e Silent Tom, os dois que tinha enviado para procurar Grady.

Naturalmente, os dois tinham mentido maravilhosamente bem sob juramento, dizendo que estavam trabalhando com ela no momento da morte de Grady.

A esta altura já estava claro que ia ser levada a julgamento, mas as acusações não iam se sustentar. Sem dúvida, os legistas obtiveram fibras e cabelos do corpo de Grady, mas fazendo isso não iam conseguir muita informação a respeito dela, já que o DNA vampiro, assim como o sangue, desintegrava-se rapidamente. Além disso, já tinha queimado a roupa e as botas que usou naquela noite e a faca utilizada estava disponível em quase

todas as lojas de caça.

Tudo que De la Cruz tinha eram provas circunstanciais.

Não que isso importasse. Se por alguma razão as coisas ficassem piores, simplesmente desapareceria. Talvez se dirigisse para o oeste. Talvez voltasse para o Antigo País.

Droga, já deveria ter abandonado Caldwell. Estar tão perto e ao mesmo tempo tão longe de Rehv a matava.

Depois de checar cada um dos cubículos, Xhex saiu e virou a esquina para o banheiro dos homens. Bateu com força e colocou a cabeça para dentro.

Os movimentos, a respiração ofegante e o barulho significavam que havia ao menos uma mulher e um homem. Talvez dois de cada?

– Estamos fechando – ladrou.

Evidentemente, seu senso de oportunidade estava em forma, porque o gemido de uma mulher tendo um orgasmo ressoou entre os azulejos, e depois houve muita respiração ofegante para se recuperar.

Algo que ela não estava disposta a escutar. Aquilo apenas fazia com que se lembrasse de seu curto período de tempo com John… mas, oras, o que não a fazia se lembrar disso? Desde que Rehv se entregou e ela parou de tentar dormir, tinha muitas, muitas, muitas horas durante o dia para olhar fixamente o teto de sua cabana de caça e contar a quantidade de formas em que tinha se ferrado.

Não tinha voltado para o apartamento do subsolo. E estava pensando que ia ter de vendê-lo.

– Vamos, mexam-se – disse. – Estamos fechando.

Nada. Apenas respirações.

Cansada de esperar, levantou a mão formando um punho e golpeou o dispensador de toalhas de papel.

– Deem o fora daqui. *Agora*.

Aquilo os colocou em movimento.

A mulher que saiu era uma mistura de gótica cheia de maquiagem preta e uma Barbie de rosto e de corpo perfeitos.

E tinha sido bem-servida.

Suas bochechas estavam vermelhas e seu cabelo negro despenteado: sem dúvida, as duas coisas foram causadas por ter sido montada contra os azulejos da parede.

Qhuinn foi o próximo a sair do cubículo, e Xhex se enrijeceu, sabendo

exatamente quem era o terceiro daquele trio maldito.

Qhuinn acenou com a cabeça de maneira seca, e sabia que ele não iria muito longe. Não até que…

John Matthew saiu fechando seu zíper. A camiseta Affliction chegava só até a barriga e não usava cueca. Sob o brilho das luzes fluorescentes, a pele suave que havia abaixo de seu umbigo estava tão tensa que podia ver as fibras do músculo que percorriam seu tronco até as pernas.

Ele não olhou para ela, não porque fosse tímido ou estivesse envergonhado. Simplesmente não se importava que ela estivesse ali e não estava fingindo. Sua grade emocional estava… vazia.

Ao chegar às pias, John abriu a torneira da água quente e bombeou o dispensador de sabão da parede. Enquanto lavava as mãos que tinham percorrido todo o corpo daquela mulher, fez rodar os ombros como se estivessem tensos.

Havia barba por fazer. E bolsas sob os olhos. E fazia um tempo que não cortava o cabelo, então as pontas tinham começado a encaracolar na nuca e ao redor das orelhas. Acima de tudo, sentia o cheiro de álcool, o aroma emanava de seus poros como se não importasse o quão duro seu fígado estivesse trabalhando, não conseguia filtrar aquela porcaria de seu sangue rápido o suficiente.

Nada bom, nem seguro: sabia que continuava lutando. Viu quando chegou com machucados recentes e alguns curativos.

– Quanto tempo mais vai continuar com isso? – perguntou sem rodeios. – Com essa coisa de bebedeiras e prostitutas?

John desligou a água e se aproximou da caixa de toalhas de papel na qual ela tinha acabado de produzir um belo amassado. Estava a menos de cinquenta centímetros dela quando puxou dois quadrados brancos e secou as mãos tão cuidadosamente quanto as tinha lavado.

– Cristo, John, essa é uma maneira horrível de desperdiçar sua vida.

Atirou as toalhas no cesto de papéis. Quando chegou à porta, olhou-a pela primeira vez desde que o tinha deixado em sua cama. Não havia qualquer sinal de reconhecimento em seu rosto, ou qualquer recordação, nada. O olhar azul que uma vez brilhava estava opaco agora.

– John… – Sua voz estava ligeiramente embargada. – Sinto muito, mesmo.

Delicadamente, ele estendeu o dedo médio para ela e saiu.

Sozinha no banheiro, Xhex se aproximou do espelho e se inclinou como

tinha feito a gótica no banheiro do lado. Quando seu peso se deslocou para frente, pôde sentir os cilícios afundando em suas coxas e ficou surpresa por notá-los.

Já não precisava mais deles, agora só usava as tiras por força do hábito.

Desde que Rehv se sacrificou, estava sentindo tanta dor que não precisava mais de ajuda extra para controlar seu lado mau.

Seu celular tocou no bolso da calça de couro. Quando tirou a coisa, checou o número… e fechou os olhos com força.

Estava esperando por isso. Desde que tinha transferido todas as ligações de Rehv para seu telefone.

Aceitando a chamada, disse com voz calma:

– Olá, Ehlena.

Houve uma longa pausa.

– Não esperava que alguém atendesse.

– Então, por que ligou para o número dele? – Produziu-se outra longa pausa. – Olha, se for pelo dinheiro que entrou em sua conta, não há nada que eu possa fazer a respeito. Foi parte de seu testamento. Se não o quiser, doe a uma instituição de caridade.

– O que… que dinheiro?

– Talvez não tenha entrado em sua conta ainda. Pensei que o testamento tinha sido certificado pelo rei. – Houve outra longa pausa. – Ehlena? Você está aí?

– Sim… – A resposta veio em voz baixa. – Estou.

– Se não foi pelo dinheiro, então por que ligou?

O silêncio não foi uma surpresa, considerando o quanto já tinham ficado quietas. Mas a resposta da fêmea foi um choque mortal.

– Estou ligando porque não acredito que ele esteja morto.

# CAPÍTULO 64

**Ehlena esperou por uma** resposta da chefe de segurança de Rehv. Quanto mais tempo demorava, mais certeza tinha de que estava certa.

– Ele não está morto, não é? – disse com firmeza. – Estou certa, não estou?

Quando Xhex finalmente falou, sua voz profunda e ressonante estava curiosamente reservada.

– Acho que é justo que você saiba que está falando com uma *sympatho*.

Ehlena segurou o celular com força.

– De alguma forma, isso não é novidade.

– Por que você não me diz o que acha que sabe?

Resposta interessante, pensou Ehlena. Ela não confirmou. Longe disso. Se a fêmea era uma *sympatho*, poderia muito bem ocultar a verdade.

O que significa que não havia razão para não ser direta.

– Eu sei que ele matou seu padrasto porque batia na mãe dele. E sei que seu padrasto sabia que ele era um *sympatho*. Também sei que Montrag, filho de Rehm, sabia sobre o assunto de ser *sympatho* e que Montrag foi assassinado ritualisticamente em seu escritório.

– E como essa matemática acrescenta alguma coisa a você?

– Eu acho que Montrag revelou a identidade de Rehvenge, e ele teve que ir para a colônia. Aquela explosão no clube foi para esconder de sua família a verdade sobre ele ser um mestiço. Eu acredito que foi por isso que ele escolheu me levar ao ZeroSum como fez. Era para se livrar de mim com segurança. Quanto a Montrag… acho que Rehvenge cuidou dele.

Longo, longo, longo silêncio.

– Xhex… você está aí?

A fêmea soltou uma risada curta e forte.

– Rehv não matou Montrag. Eu matei. E não foi por nada diretamente ligado à identidade de Rehv. Mas como você sabe tudo isso sobre o homem morto?

Ehlena endireitou-se na cadeira.

– Acho que devemos nos encontrar.

Agora a risada foi mais longa e um pouco mais natural.

– Você tem muita coragem, sabia? Eu acabei de dizer que matei um cara e você quer sair comigo?

– Eu quero respostas. Eu quero a verdade.

– Você tem certeza de que consegue lidar com a verdade?

– Estou no telefone, não estou? Estou conversando com você, não estou? Olha, eu sei que Rehvenge está vivo. Se você quer admitir isso para mim ou não, não faz diferença.

– Garota, você não sabe de nada.

– Dane-se. Ele se alimentou de mim. Meu sangue está nele. Então eu sei que Rehv está respirando.

Longa pausa e uma risada curta.

– Estou começando a entender porque ele gostou tanto de você.

– Então você vai me encontrar?

– Sim. Claro. Onde?

– No refúgio de Montrag, em Connecticut. Se você o matou, sabe o endereço.

Ehlena sentiu uma pontada de satisfação quando a linha ficou muda. Depois, disse:

– Oh, será que esqueci de mencionar que meu pai e eu somos os parentes mais próximos de Montrag? Herdamos tudo o que ele tinha. Bom, os criados tiveram que se livrar do tapete que você estragou. Bem que você podia ter feito o serviço no corredor, sobre o mármore.

– Jesus… Cristo. Você não é apenas uma enfermeirinha, não é mesmo?

– Não. Então, você vem ou não?

– Estarei aí em meia hora. E não se preocupe, você não vai ter uma hóspede. *Sympathos* não têm problemas com a luz do sol.

– Até mais, então.

Quando Ehlena desligou, uma energia percorreu suas veias, e ela correu para se arrumar, reunindo todos os livros, pastas, documentos e preenchendo o que agora era um cofre inútil.

Em seguida, colocou o quadro de volta na parede, desligou o computador, avisou o *doggen* que estava esperando uma visita e…

O som da campainha reverberou pela casa e ela correu para chegar à porta primeiro. Não acreditava que os empregados se sentiriam à vontade na

presença de Xhex.

Abrindo bem os painéis da porta, recuou um pouco. Xhex estava exatamente como ela se lembrava, uma fêmea durona vestida em couro preto e o cabelo curto como o de um homem. Contudo, alguma coisa havia mudado desde que ela tinha visto a segurança pela última vez. Ela parecia… mais magra, mais velha. Alguma coisa.

– Importa se fizermos isso no escritório? – Ehlena perguntou, esperando estar com ela de portas fechadas antes que o mordomo e os empregados aparecessem.

– Você é corajosa, não? Considerando a última coisa que fiz naquela sala.

– Você teve chance de vir atrás de mim. Trez sabia onde eu estava morando antes de virmos para cá. Se você estivesse tão furiosa sobre eu e Rehv, teria vindo atrás de mim. Vamos?

Quando Ehlena estendeu o braço em direção à sala em questão, Xhex sorriu um pouco e se dirigiu até lá. Quando conseguiram privacidade, Ehlena disse:

– Então, quanto daquilo tudo que eu disse estava certo?

Xhex andou ao redor do lugar, parando para olhar as pinturas, os livros nas prateleiras e um abajur feito com um vaso oriental.

– Você está certa. Ele matou o padrasto por causa dos abusos que cometia em sua mãe.

– Então foi por isso que você disse que ele se colocou numa posição difícil por sua mãe e irmã?

– Parcialmente. Seu padrasto aterrorizava aquela família, especialmente Madalina. Acontece que ela achava que merecia e, além disso, era menos do que o verdadeiro pai de Rehv tinha feito a ela. Era uma fêmea de valor. Eu gostava dela, mesmo tendo me encontrado apenas uma ou duas vezes. Eu não era seu tipo de garota, mas ela era legal comigo.

– Rehvenge está na colônia. Ele forjou a própria morte?

Xhex parou na frente do quadro de paisagem marinha e olhou sobre o ombro.

– Ele não gostaria que conversássemos assim.

– Então, ele está vivo.

– Sim.

– Na colônia.

Xhex encolheu os ombros e continuou a andar com seus passos sinuosos,

não fazendo nada para esconder o poder inato de seu corpo.

– Se ele quisesse envolvê-la em tudo isso, teria feito tudo muito diferente.

– Você matou Montrag para evitar que a declaração aparecesse?

– Não.

– Por que você o matou, então?

– Não é da sua conta.

– Resposta errada.

Quando a cabeça de Xhex se virou bruscamente, Ehlena endireitou os ombros.

– Considerando aquilo que você é, eu poderia ir até o rei agora e acabar com seu disfarce. Então, acho que precisa me dizer.

– Ameaçando uma *sympatho*? Cuidado, eu mordo.

O sorriso preguiçoso que veio logo depois das palavras fez o coração de Ehlena se apertar de medo, lembrando-a de que aquilo que a encarava do outro lado da sala não era nada do que estava acostumada a lidar e não só por causa da coisa toda de ser *sympatho*. Aqueles olhos cinza, frios e metálicos de Xhex já haviam olhado para muitas pessoas mortas – mortas por ela mesma.

Mas Ehlena não ia recuar.

– Você não vai me ferir – disse ela com convicção.

Xhex descobriu suas longas presas brancas, um silvo subiu pela garganta.

– Não?

– Não… – Ehlena balançou a cabeça e a imagem do rosto de Rehvenge segurando sua sapatilha veio a sua mente. Saber o que ele havia feito para manter sua mãe e sua irmã em segurança… a fez acreditar no que enxergou naquele momento. – Ele teria dito para não me tocar. Ele teria me protegido ao sair de cena. Por isso fez o que fez no ZeroSum.

Rehvenge não tinha sido bom. De jeito nenhum. Mas ela tinha olhado em seus olhos, sentido seu cheiro de vinculação e sentiu suas mãos gentis em seu corpo. E no ZeroSum ela viu dor nele e ouviu tensão e desespero em sua voz. Tinha considerado aquilo tudo apenas como uma encenação, ou provocado pela decepção de seu disfarce ter sido revelado. Agora, ela tinha uma imagem diferente de tudo isso.

Ela o conhecia, droga. Mesmo depois de toda aquela porcaria ter acontecido, mesmo depois das omissões, ela o conhecia. Ehlena ergueu o queixo e encarou a assassina profissional do outro lado do escritório.

– Eu quero saber tudo e você vai me contar.

Xhex falou direto por meia hora e se surpreendeu com o quanto se sentiu bem. Surpreendeu-se também com o quanto ela aprovava a escolha de Rehv para sua companheira. Durante todo o tempo em que ela contava os horrores, Ehlena ficou sentada em um dos sofás de seda calma e estável – mesmo detonando todas aquelas bombas.

– Então, a fêmea que veio à minha porta – disse Ehlena –, era quem o chantageava?

– Sim. É sua meia-irmã. Ela é casada com o tio dele.

– Deus, quanto dinheiro ela tirou dele nos últimos vinte anos? Não é à toa que ele precisava manter o clube aberto.

– Ela não estava apenas atrás de dinheiro. – Xhex olhou diretamente para o rosto de Ehlena. – Ela fez dele um prostituto.

A cor foi drenada do rosto de Ehlena.

– O que você quer dizer com isso?

– O que você acha que eu quero dizer? – Xhex amaldiçoou e começou a andar pela linda sala cheia de franjas pela centésima vez. – Olha… vinte e cinco anos atrás eu entrei em apuros, e para me proteger, Rehv fez um acordo com a Princesa. Todo mês ele ia para o norte e dava dinheiro a ela… e fazia sexo com ela. Ele detestava e a desprezava. Além disso, ela o deixava doente, literalmente… ela o envenenava quando transavam, e essa era a razão pela qual ele precisava de um antídoto. Mas você sabe… mesmo que custasse muito para ele, Rehv continuou indo até lá para que ela não estragasse nossos disfarces. Ele pagou pelos meus erros, mês após mês, ano após ano.

Ehlena balançou a cabeça lentamente.

– Meu Deus… sua meia-irmã…

– Não se atreva a dar uma dura nele por isso. Existem poucos *sympathos* sobrando, então a reprodução entre parentes acontece muito, e mais que isso, ele não teve escolha, porque eu o coloquei naquela posição de ser chantageado. Se você pensar por um segundo que ele se voluntariou para esse tipo de coisa, está completamente louca.

Ehlena ergueu a mão como para acalmar as coisas.

– Eu entendo. É só que… sinto muito por você e por ele.

– Não desperdice esse sentimento comigo.

– Não me diga como me sentir.

Xhex teve de rir.

– Sabe? Sob outras circunstâncias, eu poderia gostar de você.

– Engraçado, eu sinto o mesmo.

A fêmea sorriu, mas de uma forma triste.

– A Princesa está com ele, então?

– Sim.

Xhex se virou no sofá, porque não queria mostrar o que seus olhos diziam.

– Foi a Princesa quem entregou seu disfarce, não Montrag.

– Mas Montrag iria fazer alguma coisa, não é? Foi por isso que você o matou.

– Isso era somente parte do que ele ia fazer. O resto de seus planos não sou eu quem deve contar, mas vamos dizer apenas que Rehv não era o personagem principal dessa história.

Ehlena franziu a testa e se recostou nas almofadas. Estava brincando com seu rabo de cavalo e tentava colocar para trás as mechas que caíram do prendedor. Sentada no sofá de seda em frente ao abajur, a luz parecia abraçar sua silhueta.

– Eu fico me perguntando se o mundo precisa ser tão difícil – ela murmurou.

– Pela minha experiência, sim.

– Por que você não foi atrás dele? – ela perguntou baixinho. – E isso não é uma crítica, sério, não é. É que não parece seu estilo.

A forma como a questão foi formulada fez Xhex ficar um pouco menos na defensiva.

– Ele me fez jurar que não iria. Até colocou por escrito. Se eu voltar atrás na minha palavra, dois dos seus melhores amigos vão morrer, porque virão atrás de mim.

Encolhendo os ombros de uma maneira desajeitada, Xhex pegou a maldita carta do bolso de sua roupa de couro.

– Eu preciso manter isso comigo, pois é a única coisa que me ajuda a ficar parada. Se não, eu estaria naquela maldita colônia esta manhã.

Os olhos de Ehlena se fixaram no envelope dobrado.

– Posso… posso ver, por favor? – Sua delicada mão tremeu quando ela a estendeu. – Por favor.

A grade emocional da fêmea era uma bagunça emaranhada de desolação, medo e tristeza. Ela tinha passado por tanta pressão nas últimas quatro

semanas que estava no seu limite e sendo forçada a ir além… mas na essência, no fundo do coração… o amor queimava.

O amor queimava profundamente.

Xhex colocou a carta sobre a palma da mão de Ehlena e a segurou por um breve momento. Com a voz embargada, disse:

– Rehvenge… tem sido meu herói há anos. Ele é um bom macho, apesar de seu lado *sympatho*, e merece o sentimento que você tem por ele. Rehv merece bem mais que a vida lhe trouxe, e para ser honesta, eu não posso imaginar o que aquela fêmea está fazendo com ele nesse exato momento.

Quando Xhex soltou o envelope, Ehlena piscou rapidamente, como se estivesse tentando conter as lágrimas.

Xhex não suportaria olhar para a fêmea, então foi para perto de uma pintura a óleo que mostrava um lindo sol se pondo sobre um mar calmo. As cores escolhidas eram tão quentes e encantadoras, era como se a paisagem marinha realmente projetasse um calor ardente que se podia sentir sobre seu rosto e ombros.

– Ele merecia uma vida de verdade – Xhex murmurou. – Com uma *shellan* que o amasse e alguns filhos. E… em vez disso, sofreu abuso e tortura por…

Era o mais longe que poderia chegar, sua garganta se fechava tanto que ela encontrou dificuldade em respirar. Na frente do sol brilhante, Xhex quase se despedaçou e chorou. A pressão interna de manter o passado, o presente e o futuro dentro de si veio à tona em uma combustão tão forte que ela pensou que iria explodir.

Mas não, seu corpo estava tenso como sempre.

Prendendo tudo aquilo em seu interior.

Ouviu-se um ruído de papel e a carta voltou ao envelope.

– Bem, só há uma coisa a fazer – Ehlena disse.

Xhex focou o sol ardente no centro da pintura e obrigou-se a se concentrar.

– E isso seria?…

– Nós vamos até lá libertá-lo.

Xhex olhou sobre o ombro.

– Correndo o risco de parecer óbvia… mas não temos chance alguma de enfrentar uma horda de *sympathos*. Além disso, você leu a carta. Você sabe com o que eu concordei.

Ehlena deu leves batidas no envelope sobre o joelho.

– Mas diz que você não pode ir por ele, não é? Então… e se eu pedisse

para você ir comigo? Seria por mim, certo? Se você é uma *sympatho*, com certeza deve gostar desse jogo de palavras.

O cérebro de Xhex se agitou considerando as implicações, e ela sorriu brevemente.

– Raciocínio rápido. Mas sem ofensa, você é uma civil. Eu vou precisar de um pouco mais de cobertura além de você.

Ehlena levantou-se do sofá.

– Eu sei atirar e sou treinada como enfermeira, então posso lidar com ferimentos. Além disso, você precisa de mim se quiser manter aquele juramento ao qual está presa. Então, o que me diz?

Xhex gostava da ideia, mas se Ehlena morresse no processo de libertar Rehv, isso não seria nada bom.

– Certo, então eu vou sozinha – Ehlena disse, jogando a carta no sofá. – Eu o encontrarei e…

– Espere aí, cabeça dura. – Xhex respirou fundo, pegou a carta de Rehv e permitiu pensar nas possibilidades. E se houver um jeito de…

Do nada, um propósito pulsou dentro dela, suas veias queimaram por outro motivo além da dor. Sim, ela pensou. Poderia pensar em como fazer isso funcionar.

– Eu sei a quem devemos recorrer – ela começou a sorrir. – E sei como podemos fazer isso.

– Quem?

Estendeu sua mão para Ehlena.

– Se quer ir até lá, estou dentro, mas faremos do meu jeito.

A enfermeira de Rehv olhou para baixo antes de nivelar os olhos cor de caramelo no rosto de Xhex.

– Eu vou com você. É minha única condição. Eu. Vou.

Xhex concordou devagar.

– Eu entendo. Mas o resto é comigo.

– Combinado.

Quando as palmas das mãos delas se encontraram, o aperto de mão dela era forte e firme. O que, considerando tudo que contemplavam fazer, seria bom para quando Ehlena segurasse o cano de uma arma.

– Nós vamos tirá-lo de lá – Ehlena respirou.

– Que Deus nos ajude.

# CAPÍTULO 65

**– Certo, o negócio é** o seguinte, George. Vê esses degraus? São problemas, problemas de verdade. Sei que fizemos isso algumas vezes, mas não vamos ficar presunçosos.

Quando Wrath tateou o primeiro degrau da escada da mansão com sua bota, imaginou o trecho de tapete vermelho atingindo seu traseiro ao subir todos os lances do corredor até o segundo andar.

– A boa notícia? Você pode ver o que está fazendo. A má? Se eu cair, há o risco de levá-lo comigo. E não queremos isso.

Acariciou a cabeça do cão.

– Vamos?

Deu o sinal de avanço e começou a subir. Os movimentos de George se transmitiam através do cabo enquanto subiam. No topo, o cão se deteve.

– Escritório – disse Wrath.

Juntos, seguiram em frente. Quando o cão se deteve outra vez, Wrath se orientou pelo som dos rangidos da madeira queimando na lareira e foi capaz de andar com o cão até a sua mesa. Assim que se sentou em sua nova poltrona, George sentou-se também, bem ao seu lado.

– Não posso acreditar que esteja fazendo isso – disse Vishous da porta.

– Pensou errado.

– Diga-me que nos quer aqui dentro com você.

Wrath percorreu com a mão o corpo de George. Deus, o pelo do cão era muito macio.

– A princípio, não.

– Tem certeza? – A sobrancelha erguida de Wrath falou por si só. – Sim, certo. Tudo bem. Mas estarei bem do outro lado da porta o tempo todo.

E V. não ia estar sozinho, sem dúvida. Quando o telefone de Bella tocou no meio da última refeição, foi uma surpresa: todas as pessoas que poderiam ligar para ela estavam naquela sala. Ela atendeu, e depois de um longo silêncio Wrath ouviu o som de uma cadeira sendo arrastada e passos suaves

que se aproximavam dele.

– É para você – disse ela com voz trêmula. – É… Xhex.

Cinco minutos depois, tinha concordado em encontrá-la, e ainda que nada específico tivesse sido discutido, não precisava ser um gênio para saber por que a fêmea tinha telefonado e o que queria. Afinal, Wrath não só era rei, também era o guardião da Irmandade.

Todos pensaram que Wrath estava louco ao concordar em vê-la, mas essa é a vantagem de ser o soberano da raça: podia fazer o que quisesse.

No térreo, a porta da entrada principal se abriu e a voz de Fritz ecoou até o andar de cima, enquanto escoltava as duas convidadas ao interior da mansão. O velho mordomo não estava sozinho ao entrar com as fêmeas: Rhage e Butch o acompanharam quando tirou o Mercedes para buscá-las.

Vozes e muitos passos começaram a subir pelas escadas.

George se endireitou e sua respiração mudou sutilmente.

– Está tudo bem, cara – murmurou Wrath. – Estamos bem.

O cão se tranquilizou imediatamente, o que fez que Wrath dirigisse o olhar para o animal mesmo sem poder ver nada. Algo a respeito daquela confiança incondicional era… muito agradável.

A batida na porta fez com que voltasse a girar a cabeça.

– Entre.

Sua primeira impressão sobre Xhex e Ehlena foi a que emitiam um propósito sombrio. A segunda foi que Ehlena, que estava à direita, parecia particularmente nervosa.

Considerando o leve roçar das roupas, imaginou que estavam fazendo uma reverência diante dele, e confirmou sua intuição quando disseram juntas "vossa alteza".

– Sentem-se – disse. – E quero que todos os outros saiam da sala.

Nenhum de seus Irmãos se atreveu a reclamar, porque o botão do protocolo tinha sido acionado: diante de estranhos, tratavam-no como senhor soberano e seu rei. O que significa que não podia haver nenhuma resposta nem insubordinações.

Talvez precisassem de visitantes mais vezes naquela maldita casa.

Quando as portas se fecharam, Wrath disse:

– Digam-me por que estão aqui.

Na pausa que seguiu, imaginou que as fêmeas estariam se entreolhando para decidir quem falava primeiro.

– Deixem-me adivinhar – interrompeu ele. – Rehvenge está vivo e querem tirá-lo da situação em que se meteu.

Quando Wrath, filho de Wrath, falou, Ehlena não ficou nada surpresa de que o rei soubesse o motivo de terem vindo. Sentada do outro lado de uma delicada e adorável escrivaninha, estava exatamente como ela se lembrava, quando quase a derrubou na clínica: cruel e inteligente ao mesmo tempo, um líder em plena forma física e mental.

Aquele era um macho que sabia como o mundo real funcionava. E estava acostumado a ter o tipo de músculo necessário para executar as coisas difíceis.

– Sim, meu senhor – disse ela. – Isso é o que queremos.

Seus óculos negros se dirigiram para ela.

– Então, você é a enfermeira da clínica de Havers. A que se revelou ser parente de Montrag.

– Sim, sou.

– Importa se eu perguntar como se envolveu nesta situação?

– É pessoal.

– Ah – disse o rei. – Entendo.

Xhex se fez ouvir com um tom de voz grave e respeitoso.

– Ele fez algo bom por você. Rehvenge fez uma coisa muito boa por você.

– Não precisa me lembrar disso. Essa é a razão pela qual vocês duas estão sentadas aqui em minha casa.

Ehlena olhou Xhex, tentando ler no rosto da fêmea do que estavam falando. Não conseguiu nada. Não se surpreendeu.

– Aí vai minha pergunta – disse Wrath. – Se o trouxermos de volta, como vamos contornar aquele *e-mail* que chegou até nós? Ele disse que não era nada, mas é claro que mentiu. Alguém do norte ameaçou identificar o garoto de vocês, e se o resgatarmos… esse gatilho será acionado.

Xhex falou:

– Vou me certificar pessoalmente de que a pessoa que fez essa ameaça não será capaz de utilizar um computador depois que eu acabar com ela.

– Booooom.

Enquanto sorria, o rei se inclinou para um lado e pareceu estar acariciando… com um sobressalto, Ehlena percebeu um *golden retriever* sentado ao seu lado, a cabeça do cão mal aparecia por cima da escrivaninha.

Uau. De certa forma, era uma escolha de raça estranha, já que o acompanhante do rei dava a impressão de ser amável e acessível, coisa que ele próprio não era… e mesmo assim Wrath era gentil com o animal.

– Esse é o único buraco que precisa ser tapado a respeito de sua identidade? – perguntou o rei. – Se essa lacuna for preenchida, há mais alguém que ameace denunciá-lo?

– Montrag está morto e bem morto – murmurou Xhex. – E não consigo pensar em mais ninguém que saiba. É claro que o rei *sympatho* poderia vir atrás dele, mas você pode detê-lo. Rehv também é um de seus súditos.

– Exatamente – Wrath voltou a sorrir brevemente. – Além disso, o líder dos *sympathos* não vai querer se meter comigo, porque se ficar irritado, posso lhe tirar o pequeno lar feliz que tem naquela geladeira do norte. Ele está submetido ao meu privilégio, como se dizia no Antigo País, o que quer dizer que ele governa apenas porque eu permito.

– Então, vamos fazer isso? – perguntou Xhex.

Fez-se um longo silêncio, e enquanto esperavam o rei falar, Ehlena olhou ao redor da elegante sala de estilo francês para evitar os olhos de Wrath. Não queria que soubesse o quanto estava ansiosa e temia que seu rosto refletisse sua fraqueza: estava totalmente deslocada ali, sentada diante do líder da raça, apresentando um plano que implicava entrar no cerne de um lugar incrivelmente nefasto. Mas não podia arriscar, deixando que ele duvidasse dela nem que a excluísse, pois, por mais nervosa que estivesse, não ia recuar. Sentir medo não implicava necessariamente que se afastaria de seu objetivo. Inferno, se acreditasse nisso, seu pai estaria internado naquele momento e ela poderia muito bem ter acabado como sua mãe.

Às vezes, fazer a coisa certa é assustador, mas o coração a trouxe até ali e iria ajudar a superar… qualquer coisa que viesse a seguir e o que fosse necessário para libertar Rehvenge.

*Ehlena... você está aí?*

Sim, com certeza estava.

– Duas coisas – disse Wrath enquanto se virava e fazia uma careta, como se tivesse uma ferida de guerra. – O rei de lá de cima… não vai gostar que nós nos infiltremos em seu território para levar um dos seus.

– Com todo o devido respeito – interrompeu Xhex –, o tio de Rehv pode ir se danar.

As sobrancelhas de Ehlena se ergueram. Rehvenge era o sobrinho do rei?

Wrath encolheu os ombros.

– Acontece que eu concordo, mas a questão é que haverá um conflito. Um conflito armado.

– Sou boa nisso – disse Xhex tranquilamente, como se estivessem conversando sobre um filme que iriam assistir. – Muito boa.

Ehlena sentiu a necessidade de intervir na conversa.

– E eu também sou. – Quando viu os ombros do rei se enrijecerem, tentou não falar com tanta firmeza, porque a última coisa que precisavam era que ele as expulsasse por desrespeito. – Quero dizer, não esperaria nada além disso e estou preparada.

– Está preparada? Não se ofenda, mas cuidar de um civil não é algo muito proveitoso numa luta.

– Com todo o devido respeito – disse, repetindo as palavras de Xhex –, mas eu irei também.

– Mesmo se isso significar que deixarei meus homens de fora?

– Sim. – Houve uma longa inspiração, como se o rei estivesse pensando em como rejeitá-la de forma educada. – Não compreende, meu senhor. Trata-se do meu…

– Do seu o quê?

Impulsivamente, para dar maior peso à sua argumentação, disse:

– Ele é meu *hellren*. – Com sua visão periférica, captou Xhex girando rapidamente a cabeça em sua direção, mas tinha se jogado na piscina e não poderia deixar de se molhar. – Ele é meu companheiro e… se alimentou de mim há um mês. Se o esconderam, posso encontrá-lo. Além disso, se tiverem feito o que – Oh, Deus – provavelmente fizeram, vai precisar de cuidados médicos. E darei isso a ele.

O rei brincou com as orelhas de seu cão, esfregando o polegar sobre a suave orelha marrom-claro. Era evidente que o animal gostava da sensação e se inclinou em direção à perna de seu mestre com um suspiro.

– Temos um médico – disse Wrath. – E uma cirurgiã.

– Mas não têm a *shellan* de Rehvenge, têm?

– Meus Irmãos – disse Wrath abruptamente –, venham até aqui.

Quando as portas do escritório se abriram, Ehlena olhou por cima de seu ombro, perguntando-se se tinha ido longe demais e estava a ponto de ser "escoltada" para fora da mansão. Com certeza, qualquer um dos dez enormes machos que entraram estava apto para a tarefa. Já os tinha visto antes na

clínica, menos o de cabelo negro e loiro, e não surpreendia em nada observar que estavam completamente armados.

Para seu alívio, não desempenharam um "pega e arrasta" nela e apenas se acomodaram por toda a delicada sala azul-claro. Pareceu um pouco estranho que Xhex não olhasse para nenhum deles, permanecendo centrada em Wrath… embora talvez aquilo fizesse sentido. Por mais durões que fossem os Irmãos, o rei era o único cuja opinião realmente importava.

Wrath olhou para seus guerreiros, com os grandes óculos protegendo os olhos de forma que não havia maneira de dizer o que estava pensando.

O silêncio era terrível e o trovejar do coração de Ehlena soava em seus ouvidos.

Enfim, o rei falou.

– Cavalheiros, estas encantadoras damas querem fazer uma viagem ao norte. Estou disposto a permitir que façam isso e nos tragam Rehv de volta para casa, mas não irão sozinhas.

A resposta dos Irmãos foi imediata.

– Estou dentro.

– Conte comigo.

– Quando vamos?

– Já não era sem tempo.

– Oh, cara, amanhã à noite vai passar uma maratona de *Beaches*. Podemos ir depois das dez?

Todas as pessoas na sala se voltaram para o cara de cabelo negro e loiro, que estava encostado contra a parede com os enormes braços cruzados sobre o peito.

– O que foi? – ele disse. – Olha, não é *Mary Tyler Moore*, ok? Então vocês não podem falar nada.

Vishous, que usava uma luva negra na mão, lançou um olhar furioso através do escritório.

– Isso é *pior* que *Mary Tyler Moore*.

– Está brincando? Bette Midler arrasa. E adoro o oceano. Se você não gosta, problema seu.

Vishous olhou o rei.

– Disse que eu poderia bater nele. Prometeu.

– Assim que voltarmos para casa – respondeu Wrath enquanto ficava em pé. – Vamos pendurá-lo no ginásio e poderá fazer dele seu saco de pancadas.

– Ah, obrigado.

O cara de cabelo loiro e moreno balançou a cabeça.

– Juro que qualquer dia desses simplesmente vou embora.

Todos os Irmãos apontaram para a porta aberta e deixaram que o silêncio falasse por si.

– Caras, vocês são um saco.

– Certo, já chega. – Wrath circulou a escrivaninha e…

Ehlena endireitou-se bruscamente no assento. A mão do rei estava empunhando uma correia que envolvia o peito do cão, e seu rosto olhava para frente com o queixo erguido. Caramba, ele não estava olhando para o chão.

Estava cego. Considerando a posição que assumia agora, não podia ver absolutamente nada. Quando será que aconteceu, perguntou-se. A última vez que o viu parecia ter um pouco de visão.

O respeito percorreu o peito de Ehlena quando ela e todos os outros ergueram os olhos para ele.

– Isso vai ser complicado – disse Wrath. – Precisamos enviar guerreiros suficientes para dar cobertura e também para fazer a busca e o resgate, mas não queremos criar mais distúrbios do que o absolutamente necessário. Quero duas equipes, a segunda ficará na retaguarda. Também vamos precisar do apoio de veículos, se por acaso Rehvenge estiver incapacitado e tivermos que transportá-lo de volta…

– Do que estão falando? – uma voz feminina veio da porta.

Ehlena olhou por cima de seu ombro e reconheceu quem era: Bella, companheira do irmão Zsadist, que frequentemente ajudava as pacientes do Abrigo. A fêmea estava em pé entre os batentes esculpidos da porta com sua menina nos braços, o rosto desprovido de cor, e os olhos tinham uma expressão vazia.

– O que tem Rehvenge? – exigiu, elevando a voz. – O que estão falando sobre meu irmão?

Quando Ehlena começou a ligar os pontos, Zsadist se aproximou de sua *shellan*.

– Acredito que vocês dois precisam conversar – disse Wrath com cuidado. – Em particular.

Z. concordou e escoltou sua companheira e sua filha para fora da sala. Enquanto o casal percorria o corredor, a voz de Bella podia ser ouvida, e suas perguntas estavam salpicadas com um pânico crescente.

E, então, houve um "*o quê?!*" que parecia indicar que tinham soltado uma bomba sobre a pobre fêmea.

Ehlena fixou o olhar no adorável tapete azul. Deus… sabia exatamente o que Bella estava passando naquele momento. As ondas de choque, a reformulação do que acreditava saber, o sentimento de traição.

Um lugar difícil de entrar. Difícil de sair também.

Depois do som de uma porta se fechando e das vozes atenuando-se, Wrath olhou ao redor da sala como se estivesse dando a todos a oportunidade de avaliar sua decisão.

– O confronto será amanhã à noite, porque agora não há tempo antes de amanhecer suficiente para levar um carro até o norte. – O rei assinalou com a cabeça para Ehlena e Xhex. – Vocês duas permanecerão aqui até então.

Bom, isso queria dizer que ela iria junto? Obrigada, Virgem Escriba. Quanto a passar o dia, teria que avisar seu pai, mas não se preocupava em ficar ausente, pois Lusie estava na casa.

– Sem problema para mim…

– Eu tenho que ir – disse Xhex, tensa. – Mas voltarei às…

– Não é um convite. Você fica aqui para que eu saiba onde está e o que está fazendo. E caso se preocupem com as armas, temos muitas delas… tiramos um carregamento completo de armas dos *redutores* no mês passado. Quer fazer isto? Ficará sob nosso teto até o anoitecer.

Era totalmente óbvio que o rei não confiava em Xhex, dado a forma como lhe sorria ferozmente.

– Então, o que vai ser, devoradora de pecado? – perguntou suavemente. – Vai ser da minha maneira ou a rua?

– Está bem – revidou Xhex. – Como quiser.

– Como sempre – murmurou Wrath. – Como sempre.

Uma hora depois, Xhex estava em pé com os braços estendidos diante dela e as botas afastadas uma da outra. Em suas mãos, tinha uma pistola SIG Sauer que cheirava a talco de bebê e estava no campo de tiro da Irmandade disparando rajadas. Apesar do cheiro, a arma era fantástica, com um gatilho suave e uma pontaria excelente.

Enquanto testava a arma, podia sentir os machos atrás dela, observando-a insistentemente. A favor deles poderia dizer que não era seu traseiro que olhavam.

Não, os Irmãos não estavam interessados em seu traseiro. Nenhum deles se sentia particularmente atraído por ela, embora, considerando suas expressões de reticente respeito enquanto recarregava a arma, viam sua boa pontaria como um atrativo.

Na cabine de disparo ao lado, Ehlena demonstrava que não tinha mentido quanto à sua habilidade com uma arma. Tinha escolhido uma de carga automática com um pouco menos de potência de disparo, o que fazia sentido, já que não tinha a mesma força na parte superior do corpo que Xhex. Sua pontaria era impressionante para uma amadora, e, além disso, segurava a arma com o tipo de confiança tranquila que sugeria que não atingiria o joelho de ninguém por engano.

Xhex tirou o protetor de ouvidos e se voltou para a Irmandade, deixando a arma abaixada, junto à coxa.

– Quero testar a outra, mas essas duas me servirão bem. E quero minha faca de volta.

A arma foi tirada dela antes que entrassem na mansão, ainda no Mercedes negro.

– Você a terá – alguém disse –, quando precisar dela.

Contra sua vontade, seus olhos verificaram rapidamente quem estava falando. O mesmo elenco de músculos. O que significava que John Matthew não tinha entrado sorrateiramente ali.

Dado o enorme tamanho que parecia ter o complexo da Irmandade, imaginava que podia estar em qualquer lugar: quando terminou a reunião no escritório do rei, ele simplesmente saiu, e ela não voltou a vê-lo.

Era bom. Naquele momento, precisava estar focada no que pairava sobre todos eles, não em sua maldita e inexistente vida amorosa. Felizmente, tudo parecia estar se encaixando. Tinha ligado para iAm e Trez e deixado mensagens no correio de voz dizendo que tiraria um dia de folga, e eles responderam que não havia problema. Sem dúvida, voltariam a entrar em contato com ela, mas tinha a esperança de que com o apoio dos Irmãos, entraria e sairia da colônia antes que seus instintos de babá os afligissem.

Vinte minutos depois, terminou de provar a outra SIG e não surpreendeu em nada quando as duas armas lhe foram confiscadas. A viagem de volta para a mansão foi longa e tensa, e deu uma olhada em Ehlena para ver como a outra fêmea estava se saindo. Era difícil não aprovar a força resoluta que havia na expressão do rosto da enfermeira: a fêmea de Rehv iria recuperar

seu macho, e nada ia entrar em seu caminho.

O que era ótimo… mas essa determinação deixava Xhex nervosa mesmo assim. Estava disposta a apostar que Murhder tinha essa mesma determinação nos olhos quando foi à colônia buscá-la.

E olhe só como deu certo.

Ele foi escondido, sem reforços. Pelo menos ela e Ehlena foram suficientemente inteligentes para conseguir ajuda, e agora só podiam rezar para que aquilo fizesse toda a diferença.

De volta à mansão, Xhex pegou um pouco de comida na cozinha e foi levada para um quarto de hóspedes no segundo andar, que estava ao final de um comprido corredor de estátuas.

Comida. Bebida. Banho.

Deixou a luz do banheiro acesa porque estava em uma casa estranha, deitou-se nua na cama e fechou os olhos.

Quando a porta se abriu meia hora mais tarde, ficou chocada, mas não surpresa diante da grande sombra que se mostrou sob a luz do corredor.

– Você está bêbado – disse.

John Matthew entrou sem convite e fechou a porta sem pedir permissão. Estava realmente bêbado, mas isso não era novidade.

O fato de que estava excitado também não poderia ser manchete de capa.

Quando colocou uma garrafa sobre a mesa, ela soube que suas mãos se dirigiam ao zíper de seu *jeans* e havia mais ou menos cem mil razões pelas quais ela deveria dizer que ficasse bem longe dela.

Em vez disso, Xhex afastou o edredom de seu corpo e colocou as mãos por trás da cabeça, os seios formigaram pelo frio e por muito mais que isso.

Dentre todas as justificativas para não fazer aquilo, havia uma realidade incontornável que desintegrava os alicerces das escolhas saudáveis: no final da noite seguinte, havia a possibilidade de que um, ou os dois, não voltassem para casa.

Mesmo com o apoio da Irmandade, ir à colônia era uma missão suicida – e estava disposta a apostar que naquele momento havia muitas pessoas transando sob o teto da mansão. Às vezes, é preciso saborear a vida antes de bater à porta da morte.

John tirou o *jeans* e a camiseta e deixou a roupa no mesmo lugar onde caiu. Ao aproximar-se, seu corpo era magnífico sob a luz brilhante, com o membro enrijecido e pronto, sua figura extremamente musculosa era tudo o

que uma fêmea poderia desejar em sua cama.

Mas ela não prestou atenção nisso quando ele subiu no colchão e a montou. Ela queria ver seus olhos.

Não teve sorte, porém. Seu rosto ficou na penumbra, já que a luz do banheiro vinha diretamente por trás dele. Por um momento, ela quase ligou o abajur que havia perto deles, mas então se deu conta de que não queria ver a carga da insensível frieza que sem dúvida havia em seu olhar.

Xhex pensou que não ia conseguir o que procurava com isso. Não era a realidade.

E estava certa.

Nada de preliminares. Nenhuma carícia. Ela abriu as pernas, ele empurrou, seu corpo relaxou e o aceitou por causa da biologia. Enquanto transavam, sua cabeça ficou junto à dela no travesseiro, mas voltada para o outro lado.

Ela não gozou. Ele sim. Quatro vezes.

Quando ele saiu de seu corpo e deitou-se de costas, respirando com dificuldade, ela estava com o coração completa e absolutamente partido: depois de deixá-lo em seu apartamento no porão, a maldita coisa ficou trincada, mas com cada pesada penetração feita por ele agora, seu coração foi sendo estilhaçado mais e mais, saindo de seu lugar.

Alguns minutos depois, John se levantou, colocou a roupa, agarrou a garrafa de bebida e saiu.

Quando a porta se fechou com um estalo, Xhex puxou o edredom.

Não fez nada para tentar controlar os tremores que sacudiam seu corpo e também não se esforçou para conter o pranto. As lágrimas fluíram de seus olhos caindo pelos cantos, escorrendo para fora e inundando as têmporas. Algumas caíam nas orelhas. Algumas desciam pelo pescoço e eram absorvidas pelo travesseiro. Outras nublavam sua visão, como se não quisessem sair de casa.

Sentindo-se ridícula, passou as mãos sobre o rosto e as capturou o melhor que pôde, enxugando-as no edredom.

Chorou durante horas.

Sozinha.

---

*Sunset Beaches*, seriado americano de curta duração.

# CAPÍTULO 66

**Na noite seguinte,** Lash estava a vinte e cinco quilômetros ao sul de Caldwell quando desacelerou a Mercedes no caminho de terra e desligou os faróis do sedã. Dirigindo lentamente pelo caminho, usou a lua crescente para se guiar, movendo-se por um desordenado milharal.

– Peguem suas armas – ele disse.

No banco do passageiro, o Sr. D pegou sua pistola e, atrás, os dois assassinos prepararam as armas que receberam.

Noventa metros adiante, Lash pisou nos freios e girou o volante forrado de couro com sua mão enluvada. O bom de uma Mercedes preta é que quando você sai dela, parece um executivo, não um traficante assassino. Além disso, seus seguranças cabem todos no banco de trás.

– Vamos.

Sincronizados, ergueram as travas das portas e saíram, encarando a terra com neve e outra Mercedes poderosa.

Vermelho-escuro. Outra boa cor para uma Mercedes.

E Lash não foi o único a levar armas e munição para a reunião. Quando as portas do outro carro se abriram, três caras com armas de calibre quarenta e um que parecia desarmado saíram.

Apesar de os carros sugerirem civilidade, todos os homens dentro deles representavam o lado violento do comércio de drogas – que tinha tudo a ver com calculadoras, contas fora do país e lavagem de dinheiro.

Lash se aproximou do homem que não estava armado e tinha as duas mãos fora dos bolsos do seu casaco Joseph Abboud. Enquanto se aproximava, ele vasculhou a mente do importador sul-americano que, de acordo com o traficante que haviam torturado por diversão e lucro, tinha vendido muito produto para Rehvenge.

– Você queria me encontrar? – o homem perguntou com sotaque.

Lash colocou a mão no bolso da jaqueta e sorriu.

– Você não é Ricardo Benloise. – Olhou para a outra Mercedes.

– E eu não gosto que você e seu chefe brinquem comigo. Fale para aquele filho da mãe sair do carro agora ou eu vou embora… ou ele nunca mais vai fazer negócios com o cara que limpou Caldwell e que a partir de agora vai servir toda a clientela do Reverendo.

O humano pareceu perplexo por um momento, então deu uma olhada para os três camaradas atrás dele. Após um momento, seus olhos finalmente se voltaram para a Mercedes vermelha e balançou a cabeça sutilmente. Houve uma pausa, então a porta do passageiro se abriu e um homem menor e mais velho saiu. Estava vestido de maneira impecável, seu casaco preto estava perfeitamente ajustado aos ombros estreitos e seus sapatos de couro engraxados deixavam um caminho de pegadas na neve.

Ele se aproximou com calma total, como se tivesse mil por cento de certeza de que seus homens podiam lidar com qualquer coisa que acontecesse.

– Vai entender minha precaução – disse Benloise com um sotaque que parecia parte francês, parte latino-americano. – É um bom momento para se ter cuidado.

Lash removeu a mão da jaqueta, deixando a arma onde estava.

– Não tem nada com que se preocupar.

– Você parece ter muita certeza.

– Sendo aquele que está ganhando a competição, tenho muita certeza.

Os olhos do velho homem percorriam Lash de cima a baixo fazendo uma avaliação, e ele não veria nada além de força.

Imaginando que não havia tempo a perder, Lash despejou tudo.

– Eu quero movimentar o que o Reverendo fazia em termos de volume e quero agora. Tenho muitos homens e o território é meu. O que eu preciso é de um bom e estável fornecedor de pó e por isso quis encontrar com você. Na verdade, é tudo bem simples. Estou entrando no lugar do Reverendo, e como você trabalhava com ele, quero fazer negócios com você.

O velho sorriu.

– Nada é simples. Mas você é jovem e vai descobrir por si mesmo se viver o suficiente.

– Vou ficar por aí muito tempo. Confie em mim.

– Eu não confio em ninguém, nem na minha família. E temo não saber do que você está falando. Sou um importador de arte colombiana e não tenho ideia de como soube do meu nome ou por que acha que estou envolvido em

coisas ilegais. – O velho curvou-se levemente. – Eu desejo boa noite e sugiro que encontre objetivos legítimos para seus muitos e inegáveis talentos.

Lash franziu a testa quando Benloise voltou para o carro, deixando seus homens para trás.

Mas que droga é essa? Será que aquilo iria se transformar num banho de chumbo?…

Quando Lash pegou sua arma, preparou-se para um tiroteio… mas isso não aconteceu. O homem que havia tentado se passar por Benloise deu um passo para frente e estendeu a mão.

– Prazer em conhecê-lo.

Quando Lash olhou para baixo, viu que havia alguma coisa na mão do cara. Um cartão.

Lash apertou sua mão, pegou o que lhe foi dado e voltou para sua própria Mercedes. Quando sentou atrás do volante, viu o outro carro se movimentar até a pista, o escapamento soltando sua fumaça no frio.

Olhou para o cartão. Era um número.

– O que você tem aí? – o Sr. D perguntou.

– Acho que entramos no negócio. – Ele pegou seu celular e discou, em seguida, deu a partida no carro e foi na direção oposta da equipe de Benloise.

Benloise atendeu.

– Muito mais confortável falar dentro de um carro aquecido, não?

– Sim – Lash riu.

– Eis o que ofereço: um quarto do produto que eu enviava mensalmente para o Reverendo. Se for capaz de circular isso nas ruas de maneira segura, aumentamos a oferta. Estamos de acordo?

Era um prazer lidar com um profissional, Lash pensou.

– Estamos.

Depois de discutirem o dinheiro e o sistema de entrega, desligaram.

– Tudo certo – ele disse com satisfação.

Depois de todo tipo de cumprimentos dentro do carro, ele se permitiu sorrir como um filho da mãe. A perspectiva de estabelecer laboratórios estava sendo mais difícil do que ele esperava – apesar de ainda estar providenciando isso, precisava de um ótimo e confiável fornecedor, e Benloise era a chave. Com o dinheiro que iria gerar, poderia recrutar, comprar armas de última geração, adquirir mais imóveis e mirar nos Irmãos. Naquele momento, sentia como se a Sociedade Redutora estivesse neutra desde que assumiu, mas isso

havia acabado graças ao velho homem com o sotaque.

De volta à propriedade de Caldwell, Lash deixou o Sr. D e os outros *redutores* naquele rancho nojento e continuou em direção ao caminho de arenito. Quando estacionou, foi invadido pelas possibilidades do futuro, e aquele pensamento fez com que percebesse o quanto estava chateado antes. O dinheiro importava. Era a liberdade para fazer o que quisesse, comprar o que precisasse.

Era poder colocado em pilhas ordenadas e envolto em autoridade.

Ele precisava disso para ser quem era.

Quando chegou na cozinha, parou um momento para saborear os avanços que já havia conseguido. Nada de armários e balcões vazios. Havia máquinas de café expresso, pratos e copos bons, nada de coisa barata. Havia comida refinada na geladeira e vinhos finos na adega do porão e na prateleira de bebidas no bar.

Passou pela sala de jantar, que ainda estava vazia, e subiu os degraus de dois em dois, afrouxando as roupas enquanto subia, seu pênis ficava mais rígido a cada passo. No andar de cima, sua Princesa o esperava, pronta para ele. Banhada, cheia de óleos aromáticos e perfumada por dois de seus assassinos, preparada para seu uso como a escrava sexual que era.

Cara, ele estava feliz que todos aqueles *redutores* fossem impotentes ou uma avalanche de castrações teria acontecido na Sociedade.

Atingindo o primeiro lance de degraus, desabotoou a camisa, revelando os arranhões que percorriam seu peito. Tinham sido feitos pelas unhas de sua amante e ele sorriu, pronto para colecionar mais alguns. Depois de tê-la por aproximadamente duas semanas completamente amarrada, Lash havia começado a soltá-la, primeiro uma das mãos e um dos pés. Quanto mais lutavam melhor.

Deus, ela era uma baita fêmea…

Ele congelou quando chegou ao alto da escada, o cheiro que chegava ao *hall* o detinha. Oh… Deus, a saturação doce era tão forte, como se mil vidros de perfume tivessem se quebrado.

Lash correu para a porta do quarto. Se alguma coisa tivesse acontecido a…

A carnificina era impressionante, o sangue escuro manchava o tapete novo e o papel de parede fresco: os dois *redutores* que ele havia deixado guardando sua fêmea estavam no chão, perto da cama, cada um com uma faca na mão direita. Os dois tinham múltiplos cortes no pescoço, haviam se

golpeado tantas vezes que perderam sangue demais e agora estavam desmaiados.

Seus olhos correram para a cama. Os lençóis de cetim estavam amassados e as quatro correntes dadas pelo rei *sympatho* caíam pelos cantos. Lash voou para seus homens. *Redutores* não morrem a não ser que você os acerte no peito com aço, então os dois estavam incapacitados, mas ainda vivos.

– Que diabos aconteceu aqui?

A boca deles se mexia, mas ele não entendia nada. Os idiotas não tinham voz graças ao ar que escapava dos buracos que eles mesmos haviam feito. Idiotas de mente fraca…

Oh, que inferno, não. Oh, não, ela não havia feito isso.

Lash foi até os lençóis desarrumados e achou a coleira de seu velho cão rottweiler. Ele havia colocado no pescoço da Princesa para marcá-la como sua propriedade, e não tirava nem mesmo quando bebia de sua veia durante o sexo.

Ela cortou a coleira em vez de desafivelá-la. Arruinou a coisa.

Lash jogou a coleira na cama, abotoou a camisa e a enfiou dentro da calça. Da escrivaninha que havia comprado três dias atrás, tirou outra arma e uma longa faca para se juntar àquela que levou para se encontrar com Benloise.

Havia apenas um lugar para onde a Princesa poderia ir.

E Lash iria até lá para pegar sua vadia de volta.

Com George orientando o caminho, Wrath deixou o escritório às dez da noite e alcançou as escadas com uma confiança que o surpreendeu. Ele estava começando a confiar no cão e antecipar os sinais que George transmitia pela alça. Cada vez que chegava às escadas, George parava e deixava que Wrath encontrasse o primeiro degrau. Quando terminavam de descer, o cão parava para que Wrath percebesse que haviam alcançado o saguão. E então havia uma espera até que Wrath anunciasse em que direção iria.

Era… um sistema muito bom, de fato.

Quando desceram, os Irmãos estavam reunidos, checando suas armas e conversando. No meio do grupo, V. estava fumando seu tabaco turco, Butch estava rezando em voz baixa e Rhage estava desembrulhando um pirulito. As duas fêmeas estavam com eles e as reconheceu pelo cheiro. A enfermeira estava nervosa, mas não histérica, e Xhex estava louca por uma luta.

Quando Wrath pisou no chão de mosaico, apertou forte a alça em sua mão

e os músculos de seu antebraço se contraíram. Que droga, ele e George iam ficar para trás. E isso era um saco.

Que ironia. Há pouco tempo ele ficou aborrecido por sair e deixar Tohr em casa como um cachorro. Agora havia uma inversão de papéis. O Irmão foi quem saiu pela noite… e era ele quem ia ficar para trás.

Um assovio agudo de Tohr calou a todos.

– V. e Butch, eu quero vocês com Xhex e Z. na equipe um. Rhage, Phury e eu ficaremos na equipe dois e daremos cobertura para vocês quatro com os meninos. De acordo com a mensagem de texto que recebi de Qhuinn, ele, Blay e John chegaram lá e estão em posição a mais ou menos três quilômetros da entrada da colônia. Estamos prontos para ir…

– E eu? – perguntou Ehlena.

A voz de Tohr era gentil.

– Você vai esperar com os meninos no Hummer…

– Pro inferno que vou. Vocês vão precisar de um médico…

– E Vishous é um. Por isso que ele vai primeiro com os outros.

– E vou junto com ele. Eu posso encontrá-lo… Rehv se alimentou de…

Wrath estava para interferir quando a voz de Bella atravessou a discussão.

– Deixe-a ir com os outros. – As respirações ficaram suspensas e houve um rápido silêncio de todos quando a irmã de Rehvenge falou bruscamente: – Eu quero que ela vá.

– Obrigada – Ehlena falou em voz baixa, como se já tivesse sido decidido.

– Você é a fêmea dele – Bella murmurou –, não é?

– Sim.

– Você estava na mente dele na última vez que o vi. Era claro o que ele sentia por você. – A voz de Bella ficou ainda mais forte. – Ela tem de ir. Mesmo se vocês o encontrarem, ele viverá apenas por ela.

Wrath, que nunca gostou muito da ideia da enfermeira se juntando ao grupo, abriu a boca para se opor… mas então voltou um ano ou dois atrás, lembrando-se de quando levou um tiro no estômago e Beth esteve ao seu lado. Ela foi a razão pela qual ele sobreviveu. Sua voz, seu toque e o poder de sua conexão foram as únicas coisas que o fizeram prosseguir.

Só Deus sabia o que os *sympathos* estavam fazendo com Rehv na colônia. Se ainda estivesse respirando, havia grandes chances de que fosse apenas por um fio.

– Ela deve ir – Wrath disse. – Pode ser a única coisa que vai tirá-lo de lá

vivo.

Tohr limpou a garganta.

– Eu não acho…

– É uma ordem.

Houve uma pausa longa e desaprovadora. Que foi quebrada apenas quando Wrath levantou a mão direita para mostrar o enorme diamante negro que foi usado por todos os reis da raça.

– Tudo bem. Certo. – Tohr limpou a garganta. – Z., quero que a proteja.

– Entendido.

– Por favor – Bella disse asperamente –, traga meu irmão para casa. Traga-o de volta para onde ele pertence.

Houve um instante de silêncio.

Então, Ehlena jurou:

– Faremos isso. De um jeito ou de outro.

Nenhuma explicação era necessária. A fêmea queria dizer vivo ou morto e todos, inclusive a irmã de Rehvenge, sabiam.

Wrath disse algumas coisas no Antigo Idioma, coisas que ele podia lembrar seu pai falando para a Irmandade. Contudo, a voz de Wrath tinha um tom diferente. Seu pai não teria se importado em ficar em casa para continuar no trono. Mas isso acabava com Wrath. Depois de algumas despedidas, os Irmãos e as fêmeas partiram sob um som de botas batendo sobre o chão de mosaico.

A porta do corredor de entrada se fechou.

Beth pegou sua mão livre.

– Como você está?

Pela tensão em sua voz, sabia exatamente como ele estava, mas não ignorou a pergunta. Ela estava preocupada, assim como ele estaria no lugar dela e, às vezes, a única coisa que pode ser feita é perguntar.

– Já estive melhor. – Ele a puxou para perto, e quando Beth encaixou seu corpo no dele, George encostou a cabeça para um afago.

Mesmo com os dois, Wrath sentia-se solitário.

Em pé no grande saguão, cujas cores e profundidade ele não podia mais admirar, parecia que havia acabado exatamente no lugar onde nunca quis estar: sair à luta, mesmo sendo um rei, não era só pela guerra e pela espécie, mas também era por si mesmo. Ele queria ser mais que um aristocrata burocrata.

Contudo, era evidente que o destino estava determinado a empurrá-lo para aquela situação de assumir um trono, de uma forma ou de outra.

Ele apertou a mão de Beth, a soltou e deu a George o comando de seguir em frente. Quando ele e o cão chegaram ao vestíbulo, passou pelas várias portas até sair da casa.

De frente para o pátio, Wrath ficou parado no vento frio, os cabelos esvoaçavam. Respirando fundo, ele sentiu o cheiro de neve, mas não sentiu nada na face. Apenas a aparente promessa de uma tempestade. George ficou sentado enquanto Wrath procurava o céu que ele não podia ver. Será que iria nevar, será que o céu estava nublado? Será que era possível ver as estrelas? Em que fase a lua estaria?

O anseio em seu peito fez que ele apertasse os olhos mortos em uma tentativa de enxergar as formas do mundo. Costumava funcionar… dava-lhe uma dor de cabeça, mas costumava funcionar. Agora ele tinha apenas a dor de cabeça.

Por trás dele, Beth disse:

– Quer que eu pegue um casaco para você?

Ele sorriu de leve e olhou sobre o ombro, imaginando-a em pé sob o grande portal da mansão, com as luzes internas emoldurando sua silhueta.

– Sabe? – ele disse. – É por isso que eu te amo tanto.

O tom da voz dela era carinhoso, de partir o coração.

– O que você quer dizer com isso?

– Você não me pede para ir para dentro porque está frio. Você só quer que seja mais fácil ficar onde estou. – Ele se virou para ficar de frente para ela. – Para ser honesto, eu me pergunto por que diabos você fica comigo. Depois de toda essa porcaria… – Ele andou pela fachada da mansão. – As interrupções constantes da Irmandade, as lutas, o reinado. Eu sendo um idiota de não te contar coisas. – Ele tocou levemente seus óculos. – A cegueira… eu juro, você vai ser santificada.

Quando ela se aproximou, o aroma de rosas noturnas veio forte até ele mesmo com o vento.

– Não é isso.

Ela tocou seu rosto, e quando Wrath abaixou para beijá-la, Beth o interrompeu. Segurando sua cabeça com firmeza, ela tirou seus óculos escuros e acariciou as sobrancelhas dele com a mão livre.

– Eu fico com você porque, se você tem visão ou não, eu vejo o futuro em

seus olhos. – As pálpebras dele tremeram quando ela roçou gentilmente seu nariz. – O meu. O da Irmandade. O da raça… Você tem olhos tão lindos. E para mim, você é ainda mais corajoso que nunca. Você não precisa lutar com as mãos para ter coragem. Ou ser o rei que seu povo precisa. Ou ser meu *hellren*. – Ela colocou a palma sobre seu peitoral largo. – Você vive e lidera daqui. Com seu coração…

Wrath piscou com força.

Engraçado, acontecimentos transformadores nem sempre são planejados ou esperados. Sim, claro, a transição o transforma num macho. E quando você passa pela cerimônia de acasalamento, você é parte de um todo, não mais só você. E as mortes e nascimentos fazem você ver o mundo de forma diferente.

Mas, às vezes, sem aviso, alguém alcança esse lugar quieto onde você passa seu tempo sozinho e muda a forma como vê a si mesmo. Se você tem sorte, essa pessoa é sua companheira… e a transformação o lembra mais uma vez de que você está com toda e absoluta certeza ao lado da pessoa certa: porque o que essa pessoa diz não afeta você por ser quem ela é, mas pelo conteúdo de sua mensagem.

Payne golpeando seu rosto fez que acordasse.

George trouxe sua independência de volta.

Mas Beth entregou sua coroa.

Acontece que se ela podia alcançá-lo no humor em que estava, Beth provava que aquilo podia ser feito. Você pode dizer o que os outros querem ouvir. Mas o coração é a resposta. Ela provou seu ponto de vista.

Ele ascendeu ao trono e fez algumas coisas. Mas, em sua alma, ele era um lutador preso numa mesa de trabalho. O ressentimento o deixava nervoso, e mesmo não tendo consciência disso, ficava de olho na saída todas as noites.

Sem visão. Sem saída.

Mas, e se isso fosse… certo? E se aquele velho ditado estivesse correto? Quando uma porta se fecha, abre-se uma janela. E se perder a visão fosse exatamente o que ele precisava para ser… o verdadeiro rei de sua raça?

Não apenas um filho assumindo as obrigações de seu pai.

Se fosse verdade que a perda de um sentido aguçava os outros, talvez seu coração fosse aquilo que faria toda a diferença. E se isso fosse verdade…

– O futuro – Beth sussurrou –, está em seus olhos.

Wrath abraçou sua *shellan* com força, segurando-a tão perto que ele a

absorveu em seu corpo. Ao ficarem parados juntos, unidos contra o vento do inverno, a escuridão em seu corpo foi envolvida por um brilho especial.

O amor dela era a luz em sua cegueira. A sensação de tê-la era o paraíso, ele não precisava ver para saber. E se ela tinha tanta fé nele, Beth seria sua coragem e também seu propósito.

– Obrigado por ficar comigo – ele disse com voz rouca em meio aos longos cabelos dela.

– Não há nenhum outro lugar onde eu prefira estar. – Ela apoiou a cabeça no peito dele. – Você é meu homem.

# CAPÍTULO 67

**Quando Ehlena materializou-se** ao norte com os Irmãos, ela não conseguia tirar Bella da cabeça. A fêmea pareceu estranhamente transparente quando estava naquele saguão grande e majestoso, rodeada de machos armados até os dentes. Seus olhos eram vagos, sua face estava pálida e magra como se sua vontade tivesse sido submetida a terríveis provações.

Mas ela queria o irmão de volta.

A natureza da mentira é tal que seus componentes são sempre os mesmos: a verdade objetiva é distorcida, escondida ou reescrita com a intenção de enganar. O mais difícil de definir são as motivações por trás da mentira, e Ehlena pensou no que havia feito quando pegou aqueles comprimidos para Rehvenge. Ela queria fazer o certo, e embora aquilo não tornasse a ação correta ou a livrasse de merecer as consequências, pelo menos ela não teve maldade no coração. O mesmo era verdade sobre as escolhas de Rehvenge. Não eram corretas nem apropriadas, mas ele estava protegendo Ehlena, sua irmã e as outras pessoas em sua vida, apesar do que a Antiga Lei ordenava e do quanto a Princesa era destrutiva.

Foi por isso que Ehlena escolheu perdoar Rehvenge – e ela esperava que sua irmã fizesse o mesmo.

É claro que o perdão não significava que Ehlena e Rehv fossem acabar juntos – quando disse ao rei que ele era seu *hellren*, queria apenas garantir que a levassem para a colônia. Além disso, quem poderia dizer se iriam mesmo conseguir voltar a Caldwell inteiros?

Vidas poderiam ser perdidas naquela noite.

Ehlena e os Irmãos tomaram forma no meio de grandes pinheiros, um ponto protegido escolhido após Xhex ter detalhado a área. Mais à frente, exatamente como a fêmea tinha descrito, havia uma casa de fazenda pitoresca com uma placa que dizia: ORDEM MONÁSTICA TAOÍSTA, FUND. EM 1982.

Olhando superficialmente, era difícil acreditar que outra coisa acontecia dentro daquelas paredes imaculadas além da fabricação de doce em compota

e colchas de retalhos. Mais difícil ainda era pensar que aquele lugar encantador era a entrada para a colônia dos *sympathos*. Havia algo de muito errado naquele cenário, como se um campo de força de medo envolvesse a recepção.

Ao olhar em volta, Ehlena podia sentir que Rehv estava perto, e um pouco antes de Xhex começar a falar, ela focou uma construção que estava a mais ou menos noventa metros da casa da fazenda. Ali… sim, ele estava *ali*.

– Entraremos por aquele celeiro – Xhex disse em voz baixa, apontando para onde Ehlena se sentia atraída. – É o único caminho para o labirinto. Como eu disse ontem à noite, eles já sabem que estamos aqui, então, quando estivermos cara a cara, nossa melhor opção é fazer uma abordagem ostensivamente diplomática: nós simplesmente queremos o que é nosso sem derramar sangue. Eles entenderão e respeitarão o motivo… e então começarão a lutar.

Um cheiro doce foi trazido pela brisa fria.

Quando todas as cabeças se viraram, Ehlena franziu a testa com a visão do macho que apareceu do nada no gramado da casa.

Seu cabelo loiro estava penteado para trás e seus olhos tinham um estranho brilho negro. Ao caminhar em direção à varanda, seu andar mostrava raiva, seu corpo poderoso estava tenso, pronto para a batalha.

– Mas que droga é essa… – V. respirou fundo. – Aquele cara é o Lash?

– Parece que sim – Butch respondeu.

Xhex interrompeu:

– Vocês não sabiam?

Todos os Irmãos olharam para ela quando V. disse:

– Que ele está vivo e agora é um *redutor*? Bom, a resposta seria um grande não. E por que você não está surpresa?

– Eu o vi há algumas semanas. Apenas conclui que a Irmandade sabia.

– Não. Brinca.

– Não estou brinc…

– Parem com isso – Z. sibilou. – Os dois.

Todos voltaram a prestar atenção no macho, que já tinha pulado a varanda e estava batendo na porta.

– Vou chamar os outros – V. sussurrou. – A presença do *redutor* deve ser neutralizada antes de entrarmos.

– Ou pode ser uma distração para nos ajudar – Xhex disse num tom cheio

de "*é óbvio*".

– Ou poderíamos chamar reforços e não sermos idiotas – V. revidou.

– Isso seria difícil para você.

– Vá se fe…

Z. colocou o telefone na mão enluvada de V.

– Disque. – Então apontou para Xhex. – Pare de provocá-lo.

Quando V. começou a falar e Xhex se calou, adagas e armas eram retiradas, e, um momento depois, os outros apareceram. Xhex foi até o Irmão Tohrment.

– Olha, eu realmente acho que deveríamos nos dividir. Vocês cuidam de Lash e eu procuro Rehv. O caos da luta vai dividir as atenções da colônia. É melhor assim.

Houve uma pausa quando todos olharam para Tohr.

– Concordo – ele disse. – Mas você não vai entrar sozinha. V. e Zsadist vão com você e Ehlena.

Todos concordaram e… de repente já estavam em movimento, andando muito rápido pela neve. À medida que Ehlena se dirigia ao celeiro, as botas que recebeu trituravam ruidosamente o solo, suas mãos suavam dentro das luvas e a mochila cheia de suprimentos médicos pesava sobre seus ombros. Ela não se armou, concordou que não ia sacar sua arma a não ser que houvesse uma boa razão para isso. Fazia sentido. Você não ia querer uma amadora numa sala de emergência, não havia razão para complicar a situação com ela tentando fingir que se sentia à vontade apertando o gatilho como, claramente, Xhex e os Irmãos se sentiam.

O celeiro era grande, com portas frontais que deslizavam para trás em dobradiças bem-lubrificadas. Xhex, porém, não pegou o caminho óbvio e liderou-os pela lateral até uma porta baixa.

Antes de entrarem no espaço grande e vazio, Ehlena olhou para trás, para a casa da fazenda. O macho loiro estava cercado pelos Irmãos e o cara estava calmo e frio como alguém em um coquetel, e na opinião de Ehlena, seu sorriso convencido sugeria grandes problemas: apenas alguém com muitas armas à disposição pareceria assim ao confrontar uma parede de músculos.

– Rápido – disse Xhex.

Ehlena se abaixou e estremeceu, mesmo estando fora do vento. Cara… tudo estava errado. Assim como a casa da fazenda, havia algo errado sobre tudo: sem feno, pasto, arreios ou pregos. Nenhum cavalo nas baias também.

Nada.

A vontade de fugir a sufocou e ela agarrou a gola de sua blusa. Zsadist colocou a mão no ombro dela.

– É o equivalente deles do *mhis*. Simplesmente respire. É uma ilusão que impregna o ar, mas o que você está sentindo não é real.

Ela engoliu em seco e olhou para o rosto cheio de cicatrizes do Irmão, tirando força da estabilidade dele.

– Certo. Certo… estou bem.

– Boa menina.

– Por aqui – Xhex disse enquanto se dirigia ao estábulo e abria a porta dupla.

O piso interno era de concreto e marcado com um estranho padrão geométrico.

– Abre-te sésamo. – Xhex curvou-se e levantou o que pareceu ser uma pedra, os Irmãos vieram ajudá-la com o peso.

A escada que foi revelada tinha um suave brilho vermelho.

– Sinto como se estivesse entrando num filme pornô – V. murmurou enquanto descia com cuidado.

– Só falta aquelas velas pretas que você tanto gosta – Zsadist provocou.

No fim da escada, eles olharam para os dois lados num corredor de pedra esculpida e observaram nada além de filas de… velas negras com chamas cor de rubi.

– Retiro o que disse – murmurou Z.

– Se uma música de filme pornô começar a tocar – V. respondeu –, posso te chamar de Zad Bengala?

– Não se você quiser continuar respirando.

Ehlena virou à direita, esmagada por um senso de urgência.

– Ele está aqui embaixo. Eu posso senti-lo.

Sem esperar pelos outros, ela saiu correndo.

De todos os milagres que poderiam ter sido concedidos no planeta, a ressurreição que John via era uma loucura.

Lash estava em frente a uma conservadora casa colonial branca, vestindo roupas elegantes, parecendo estar não apenas vivo, mas cheio de si, como sempre. Era como se de alguma forma ele tivesse sido turbinado: cheirava como um *redutor*, mas quando olhou da varanda, era como se fosse o próprio

Ômega – nada além de poder maligno que não se impressionava com nenhuma exibição mortal de força.

– Ei, John, garoto – Lash falou lentamente. – Não posso dizer o quanto é bom ver sua cara de mocinha outra vez. Quase tão bom quanto meu renascimento.

Jesus… Cristo. Por que Wellsie não poderia ter sido beneficiada com uma dádiva dessas? Mas não… um puxa-saco psicótico com um transtorno narcisista ganhou a dádiva de Lázaro.

A ironia era que John havia rezado por isso. Droga, assim que Qhuinn cortou a garganta do cara, John havia rezado para que de alguma forma Lash pudesse sobreviver à enorme perda de sangue. Ele podia se lembrar de se abaixar sobre o piso molhado no chuveiro do centro de treinamento e tentar fechar o corte com sua camisa. Implorou para Deus, a Virgem Escriba, a quem quisesse ouvir para, de alguma forma, corrigir a situação.

Contudo, Lash se transformar num vampiro equivalente ao Anticristo não era exatamente o que ele esperava.

Quando a neve começou a descer do céu nebuloso, algumas palavras foram trocadas entre Rhage e Lash, mas o zumbido na cabeça de John afogava os sons. O que ele ouvia claramente era a voz de Qhuinn bem atrás dele.

– Bom, pense assim. Pelo menos o mataremos outra vez.

Então, o mundo explodiu.

Do nada, um meteoro se formou na palma da mão de Lash e veio voando em direção a John e aos Irmãos, uma bola de boliche metafísica vinda do inferno. Quando entrou em contato com eles, a onda de choque brilhante os derrubou num *strike* total. Caído no chão de costas com os outros, John lutou para recuperar o fôlego enquanto cinzas caíam suavemente sobre sua face e boca. A próxima explosão estava por vir. Tinha que ser. Isso ou algo pior.

O rugido que iluminou toda a paisagem se originou na frente dele, e, a princípio, pensou que Lash havia se transformado em algum tipo de monstro de cinco cabeças que ia comê-los vivos.

Só que… bom, era uma besta, mas quando escamas roxas apareceram e um rabo com ferrão varreu o ar, John ficou aliviado. Era o Godzilla deles, não o de Ômega: o *alter ego* de Rhage havia saído de dentro dele e o dragão enorme estava chateado.

Até Lash pareceu um pouco surpreso.

O dragão inalou uma grande quantidade de ar noturno, então esticou o

pescoço para frente e soltou uma rajada de fogo tão intensa que a pele de John se contraiu… mesmo estando fora do alcance. Quando as chamas se dissiparam, Lash estava parado entre os suportes da varanda, suas roupas estavam fervendo; seu corpo, ao contrário, estava ileso.

Ótimo. O filho da mãe era à prova de fogo.

E pronto para servir outra rodada de bomba. Como algo saído de um *video game*, ele formou outra porção quente e pesada na mão e enviou a energia rolando direto para a besta.

Que a recebeu como um macho. A outra metade de Rhage permaneceu firme contra o ataque e deu aos outros o tempo que precisavam para se levantarem e se prepararem para atirar. Foi um movimento ousado – mas quando você pode cuspir uma fogueira, é bom ser capaz de aguentar o calor ou você pode se ferrar.

John começou a atirar, assim como os outros, mesmo suspeitando de que precisariam de mais que balas para acabar com o novo e melhorado Lash.

Ele estava trocando outro cartucho quando dois carros cheios de *redutores* apareceram.

---

Irmão de Marta e Maria Madalena, foi ressucitado por Cristo (Evangelho de São João).

# CAPÍTULO 68

**Xhex queria seguir Ehlena,** mas ela não se sentia bem com a fêmea liderando. Pegando velocidade, ela alcançou a companheira de Rehv.

– Diga se pegarmos um caminho errado, certo?

Quando Ehlena concordou, os Irmãos ficaram atrás dela para protegê-la. À medida que avançavam pelo corredor de pedra, Xhex não tinha uma boa impressão. Ela não podia sentir Rehv, o que não era surpresa do ponto de vista de um vampiro – Ehlena foi a última fêmea de quem ele se alimentou, então seu sangue se sobrepunha ao de Xhex. O problema era que de *sympatho* para *sympatho* ela não sentia nada. Na verdade, ela não podia localizar onde ele ou qualquer um da colônia estava. Não fazia sentido. *Sympathos* podiam sentir qualquer coisa com emoções, em qualquer lugar. Então ela estava encontrando todo tipo de grade emocional.

Ela observou a parede enquanto avançavam. Da última vez que esteve ali, era tudo pedra rústica, mas agora havia uma superfície lisa. Parece que eles melhoraram as coisas durante as décadas.

– O corredor vai se ramificar daqui a noventa metros – ela sussurrou sobre o ombro. – Eles mantêm os prisioneiros à esquerda e seus aposentos e salas comuns à direita.

– Como sabe? – Vishous perguntou.

Ela não respondeu ao Irmão. Não havia razão para mencionar que já estivera em uma das celas. Ela continuou, seguindo as fileiras de velas pretas, descendo profundamente dentro da colônia, mais perto de onde seus habitantes dormiam e comiam e brincavam com a mente um do outro. E ainda assim ela não sentia nada.

Não, isso não era totalmente verdade. Havia um tipo estranho de estática. Primeiro ela achou que vinha das chamas sobre a cera preta, agitadas pelas sutis correntes de vento. Mas não… era outra coisa. Quando chegaram à ramificação tripla, ela automaticamente foi para a esquerda, mas Ehlena disse:

– Não, direto para frente.

– Não faz sentido – Xhex parou e manteve a voz baixa. – Aí é onde estão as instalações dos dutos de ventilação.

– Ele está lá.

Vishous abriu caminho.

– Olha, vamos para onde Ehlena diz. Precisamos encontrá-lo antes que a batalha lá fora venha parar aqui dentro.

Quando o Irmão continuou em frente, Xhex se irritou por ele estar na frente. Mas para não alongar o assunto, o que era uma perda de tempo, ela ficou na posição número dois e ficou por isso mesmo.

Entraram num corredor que dava para uma rede de túneis menores que levavam ao sistema de ventilação. A colônia foi construída seguindo as linhas de uma fazenda de formigas, um ambiente subterrâneo sustentável que cresceu e se expandiu com o tempo, com ramificações muito, muito profundas na terra. A construção e a manutenção estavam nas costas da classe trabalhadora dos *sympathos*, que eram nada mais que escravos, incentivados a se reproduzirem para que seus números dobrassem ao longo do tempo. Não havia classe média. Depois dos servos havia a família real e os aristocratas.

E eles não se misturavam.

O pai de Xhex tinha sido da classe servil. O que a fazia inferior a Rehvenge e não porque ele era da realeza. Tecnicamente, ela estava um passo acima do fundo do poço.

– Parem! – Ehlena gritou.

Eles pararam rapidamente, em frente a… uma parede de pedra.

Juntos, passaram as mãos sobre a superfície lisa. Zsadist e Ehlena encontram fissuras ao mesmo tempo, a junção quase oculta formava um quadrado alto.

– Como diabos entramos aqui? – Z. disse, enquanto empurrava a pedra.

– Para trás – Xhex gritou.

Quando saíram da frente, claramente esperando algo extravagante, ela foi para trás, bateu com o ombro contra a coisa e não conseguiu nada além de uma luxação.

– Droga – disse estremecendo.

– Isso deve ter machucado – Z. murmurou. – Você está bem?

A parede começou a vibrar e todos pularam para o lado, sacando suas armas para a porta que emergia da pedra e escorregava abrindo caminho.

– Acho que ficou com medo de você – Vishous disse com uma ponta de respeito.

Xhex franziu a testa quando a estática aumentou até seus ouvidos zumbirem.

– Não acho que ele está aí dentro. Não posso senti-lo.

Ehlena deu um passo à frente, claramente disposta a mergulhar na escuridão que foi revelada.

– Mas eu posso. Ele está bem aqui…

Três pares de mãos a seguraram e a trouxeram para trás.

– Espere – Xhex disse, enquanto tirava uma minilanterna de seu cinto. Quando acendeu, um corredor estreito de aproximadamente quarenta e cinco metros se revelou. No final havia uma porta.

Vishous foi primeiro e Xhex foi bem atrás dele, com Ehlena e Z. vindo rapidamente em seguida.

– Ele está vivo – Ehlena disse ao chegarem no fim do corredor. – Posso senti-lo!

Xhex esperava encontrar dificuldade com a porta de aço – mas não, ela abriu com facilidade, revelando uma sala que… se movia?

V. praguejava à medida que a luz de Xhex penetrava na sala.

– Mas que… *porcaria* é essa?

No meio daquela sala com paredes e pisos que pareciam cobertos com um líquido, havia a forma maciça de um casulo preto que movia-se e cintilava.

– Oh… Deus – Ehlena ofegou. – *Não*.

Lash vinha praticando suas novas habilidades no covil de Ômega e, cara, todo o trabalho veio a calhar naquela noite. Enquanto os dois esquadrões de *redutores* que ele havia chamado lutavam com os Irmãos, Lash enfrentava uma besta do tamanho de um tanque – e trocava bolas de fogo com o filho da mãe.

Afastando-se da casa, porque a última coisa que a situação precisava era de uma visita dos bombeiros, avistou um grupo separado de vampiros indo em direção à dependência do outro lado. Eles entraram, e quando Lash não os viu mais, teve a sensação de que aquele era o caminho para entrar na colônia.

O que significava que por mais agradável que fosse jogar vôlei-bomba com o dragão, ele precisava parar de lutar e começar a procurar sua fêmea. Lash não fazia ideia por que diabos os Irmãos apareceram ao mesmo tempo que ele, mas em se tratando de *sympathos*, apostava que coincidências não

existiam. Será que a Princesa sabia que ele viria e deu a dica para a Irmandade?

O dragão cuspiu outra rajada de chamas e a explosão iluminou a luta que acontecia em volta da casa. Para todos os lugares onde olhava, havia Irmãos enfrentando assassinos com os punhos, sacando suas adagas e coturnos voando.

A sinfonia de grunhidos e palavrões, além dos sons de pancadas e coisas quebrando, o fez sentir-se mais forte, mais poderoso.

Suas tropas estavam lutando contra seus ex-professores.

Aquilo não era poético?

Mas chega de nostalgia. Concentrando-se na sua mão, ele criou um turbilhão de moléculas, girando-as com sua mente cada vez mais rápido até que a força centrífuga entrou em combustão espontânea. Quando a massa de energia se concentrou, ele a manteve em sua palma e correu em direção à besta de escamas roxas, sabendo que a maldita coisa tinha de fazer uma pausa depois de suas bombas.

O dragão não era burro e se abaixou, seus braços com garras levantaram violentamente para se defender. Lash parou apenas para sair do alcance do golpe e não deu chance para o bastardo atacar. Jogou a bola de energia bem no meio do peito da besta, nocauteando-a.

Ele não esperou diante da carcaça esfumaçada. Com certeza aquele dragão iria pular do chão depois de se recuperar, e, naquele momento, a área entre Lash e o celeiro estava limpa.

Em uma investida rápida, ele correu para o prédio e entrou no espaço vazio, viu uma baia de cavalo e seguiu as pegadas úmidas sobre ela. Os passos desapareciam em um quadrado preto.

Levantar a pedra foi difícil, mas a visão de mais pegadas no chão o estimulou. Seguindo-as para baixo, ele se viu num corredor de pedra, e graças ao brilho vermelho das velas pretas, foi capaz de seguir as pegadas de neve – contudo, as indicações não duraram para sempre. Com todo aquele calor irradiando, a água evaporou rapidamente, e quando ele chegou à ramificação tripla, não fazia ideia de qual caminho o grupo teria tomado.

Respirando fundo, tentou sentir algum cheiro, mas tudo que seu nariz captou foi cera queimada e terra.

Não havia mais nada. Nenhum som. Nenhum movimento. Era como se os quatro tivessem desaparecido.

Olhou para a esquerda. Direita. Em frente.
Seguindo um impulso, ele foi para a esquerda.

# CAPÍTULO 69

**Os olhos de Ehlena** se recusaram a processar o que estava vendo: simplesmente não havia como aceitar a situação.

Não era possível que fossem aranhas. Não era possível que estivesse vendo milhares e milhares de aranhas… oh, Deus, aranhas e escorpiões… cobrindo não só as paredes e o chão, mas também…

Horrorizada, compreendeu o que era aquilo que estava pendurado no centro da sala. Suspenso com cordas ou correntes. Suspenso e coberto pela massa que também cobria cada centímetro quadrado da cela.

– Rehvenge… – gemeu – querida Virgem Escriba.

Sem pensar, lançou-se para frente, mas a mão forte de Xhex puxou-a para trás.

– Não.

Lutando contra o braço que se fechou sobre si, Ehlena sacudiu a cabeça violentamente.

– Temos de salvá-lo!

– Não estou sugerindo que o deixemos aqui – disse a outra fêmea com firmeza. – Mas se entrarmos aí, vamos ser atacados por algo parecido com as pragas da Bíblia. Temos de pensar numa maneira de…

Um brilhante resplendor fulgurou, interrompendo Xhex e fazendo que Ehlena girasse a cabeça. Vishous tinha tirado a luva da mão direita, e quando a ergueu, os traços de seu rosto rígido e os redemoinhos da tatuagem que tinha ao redor do olho se destacaram com um relevo acentuado.

– Repelente natural. – Flexionou os dedos luminosos. – O pessoal da dedetização adoraria ter uma mão dessas.

– E eu tenho uma ótima serra elétrica – disse Z., agarrando uma ferramenta negra de seu cinturão. – Se conseguir limpar o caminho, posso descê-lo.

Vishous se agachou junto à borda do emaranhado de insetos, sua mão iluminou o mar de pequenas pernas que subiam umas nas outras.

Ehlena colocou a mão sobre a boca, tentando conter a ânsia. Não podia

imaginar tudo aquilo sobre seu corpo. Rehvenge estava vivo… mas como tinha sobrevivido? Sem ser picado até morrer? Sem enlouquecer?

A luz do Irmão disparou em linha reta, chamuscando tudo que encontrava pela frente até chegar ao lugar onde Rehv estava pendurado, deixando apenas cinzas e um cheiro úmido que a fez suplicar por prendedores para o nariz. Uma vez estendida, a ardente iluminação se dividiu e se propagou, criando um caminho.

– Posso manter a coisa assim, mas ajam depressa – disse Vishous.

Xhex e Zsadist saltaram para o interior da caverna. As aranhas do teto responderam produzindo fios e se deixando cair como se estivessem emanando sangue de uma ferida profunda. Ehlena observou um instante como os dois espantavam os invasores com as mãos antes de tirar a mochila e remexer dentro dela.

– Você fuma, certo? – perguntou a Vishous enquanto desembrulhava um lenço e o colocava sobre a cabeça. – Diga que trouxe um isqueiro.

– Que diabos vai?… – V. sorriu ao ver a lata de *spray* antibiótico que ela tinha na mão. – No bolso de trás. Do lado direito.

Ele mudou de posição para que ela pudesse lidar com o pesado isqueiro de ouro e assim que pegou a coisa, Ehlena entrou na câmara. A lata não ia durar muito, então não a utilizou até que chegou onde estavam Xhex e Zsadist.

– Abaixem-se! – disse, enquanto pressionava o botão do aerossol e acionava o isqueiro.

Os dois se agacharam e ela vaporizou o ar sobre a cabeça deles com uma explosão de fogo.

Com o caminho momentaneamente aberto, Xhex subiu no ombro de Z. e alcançou as correntes com a serra. Enquanto o agudo chiado enchia a caverna, Ehlena mantinha sua ofensiva, deixando escapar rajadas de fogo que mantinham a maior parte das aranhas no teto, longe da cabeça dos dois. A serra também ajudava, já que lançava faíscas que repeliam os guardas aracnídeos, mas como em represália, as aranhas aterrissavam sobre as mangas da jaqueta de Ehlena e rastejavam sobre ela.

Rehvenge se sacudiu. Depois se moveu.

Estendeu um dos braços para ela, com escorpiões e aranhas ainda cobrindo-o. O braço se ergueu lentamente, como se o peso de sua segunda pele de aracnídeos o deixasse pesado demais para movê-lo.

– Estou aqui – disse Ehlena agitada. – Estamos aqui por você…

Ouviram um golpe surdo proveniente do lugar por onde entraram. E de repente a luz que Vishous estava emitindo se apagou, deixando a câmara numa escuridão total.

Dando aos carcereiros de Rehvenge livre acesso a todos que estavam na caverna.

Debaixo da horrível massa que lhe cobria, a frágil consciência de Rehvenge despertou no momento em que Ehlena entrou pela porta da câmara. Contudo, a princípio, não confiou no que sentia. Na eternidade que tinha passado suspenso no inferno, tinha sonhado muito com ela, seu cérebro se agarrava às lembranças, utilizando-as como comida, água e ar.

Mas aquilo parecia diferente.

Talvez fosse uma ruptura da realidade, algo pelo qual ele tanto rezava. Afinal, apesar de ter lamentado que as coisas chegassem a um fim quando sua mãe faleceu, tudo que ele desejava agora era um final… físico ou mental, não importava.

Então, talvez finalmente lhe foi concedido um pouco de misericórdia em sua vida miserável.

Além disso, a ideia de que Ehlena realmente tivesse vindo lhe buscar o assustava mais que o lugar onde se encontrava ou qualquer outra tortura que o futuro reservasse.

Só que… não. Era ela e estava acompanhada por outras pessoas… podia ouvir as vozes. Nesse momento, captou um brilho de luz… e sentiu uma espécie de cheiro rançoso que lembrava o aroma desagradável de uma praia na maré baixa.

Um gemido agudo seguiu. Junto a uma série de… explosões?

Rehv ficou incapaz de se mover depois dos dois primeiros dias, seu corpo foi se debilitando com rapidez, mas agora precisava estender-se para tentar se comunicar, para tentar dizer a Ehlena e a quem quer que tivesse vindo com ela, que se afastassem daquele lugar terrível.

Concentrando toda sua força, conseguiu erguer o braço e acenar para que recuassem.

A luz foi extinta tão rapidamente quanto no momento em que apareceu.

E foi substituída por um brilho avermelhado que significava que sua amada estava em perigo mortal.

O medo por Ehlena fez que entrasse em pânico, seu corpo começou a ter

espasmos dentro dos limites de suas amarras, debatendo-se como um animal numa armadilha.

Precisava acordar de uma vez por todas. Precisava… *acordar!*

# CAPÍTULO 70

**Nada. Absolutamente** nada.

Lash se deteve e olhou dentro de outra cela que era feita com um estranho tipo de vidro. Vazia. Assim como as outras três.

Respirando profundamente, fechou os olhos e ficou imóvel. Nenhum som. Nenhum aroma além do cheiro de cera de abelha combinado com terra fresca que estava ali o tempo todo.

Onde quer que o grupo tivesse ido, não tinha sido até ali, maldição.

Refazendo os passos, retornou ao ponto onde o corredor se ramificava em três direções e olhou para baixo. Alguém tinha acabado de passar por ali: um rastro de pontos azul-escuros se estendia em duas direções, à direita e à frente, o que queria dizer que alguém tinha vindo de um desses pontos e tomado a direção do outro.

Abaixando-se, Lash passou lentamente seu dedo indicador pela gota viscosa e esfregou a substância contra o polegar. Sangue *sympatho*. Deus era testemunha de que tinha derramado o suficiente de sua fêmea para saber exatamente o que era aquela porcaria.

Levando a mão até o nariz, inalou. Não era de sua fêmea. Era de outra pessoa. E não estava claro onde tinha estado e para onde se dirigia.

Sem nenhuma pista, estava a ponto de seguir para a direita quando um lampejo de brilho vermelho explodiu no menor dos três túneis, o que estava bem na frente dele. Ficando em pé com um salto, correu naquela direção, seguindo o rastro do sangue.

Quando o túnel diminuiu em uma curva, o brilho se intensificou. Não tinha a menor ideia do que diabos iria encontrar e não importava. Sua Princesa estava ali e alguém ia lhe dizer onde encontrar aquela vadia.

De repente, uma entrada oculta surgiu, emergindo do corredor. Do fundo, uma luz vermelha emanava tão brilhante que até ardia os olhos. Lash se dirigiu para a fonte daquela luz.

Entrou e se encontrou com um monte de… *que porcaria é essa*?

Encolhido na entrada de uma câmara estava o Irmão Vishous, e mais à frente se desenvolvia um quadro que não fazia sentido algum.

A Princesa estava em pé vestida com o que ele tinha colocado nela na noite anterior: o corpete, as meias e o salto-agulha a deixavam ridícula fora do contexto do seu quarto. Seu cabelo negro-azulado estava todo desarrumado, suas mãos gotejavam sangue azul e seus selvagens olhos vermelhos eram a fonte do brilho que ele tinha seguido. Em frente a ela, cativando toda sua atenção, havia algo como uma gigantesca peça de carne bovina coberta pelo que parecia ser o prêmio acumulado de uma loteria de insetos.

Droga, aquelas coisas estavam por toda parte.

E agrupados ao redor do corpo suspenso estavam aquele Irmão Zsadist marcado com cicatrizes, Xhex, a guarda de segurança lésbica, e uma fêmea vampira com um isqueiro em uma das mãos e uma lata de aerossol na outra.

O grupo não ia durar muito naquele mundo. As aranhas e os escorpiões estavam avançando a todo vapor, projetando-se em direção ao trio que tinha invadido seu território, e Lash teve uma breve e sangrenta premonição a respeito de esqueletos descarnados.

Mas essa não era sua preocupação.

Ele queria a *sua* fêmea.

E era evidente que ela tinha ideias próprias. A Princesa levantou a mão ensanguentada, e num piscar de olhos, os bastardos rastejantes que cobriam as paredes, o teto e o chão, recuaram como uma inundação absorvida pela terra sedenta. Com seu sinal, Rehvenge foi revelado, seu pesado corpo nu estava pendurado em barras que atravessavam seus ombros. Era um milagre que sua pele não estivesse marcada com um milhão de mordidas: parecia que seu corpo havia sido preservado naquele tapete de monstruosidades de oito patas e duas garras.

– Ele é meu – gritou a Princesa. – *E ninguém o terá além de mim*.

O lábio superior de Lash se retraiu, suas presas se alargaram rapidamente. Ela não disse aquilo. Decididamente ela não tinha dito aquilo.

Pois aquela mulher era *dele*.

Contudo, bastou lançar um olhar a seu rosto para saber a verdade. Aquela fixação doentia com a qual encarava Rehvenge nunca tinha brilhado por Lash, não importava o quão intenso o sexo fosse… não, nunca tinha olhado com aquela sincera obsessão. Ela só estava passando seu tempo com ele, esperando até conseguir se libertar… não porque não queria ser presa contra

sua vontade, mas sim porque queria voltar a se encontrar com Rehvenge.

– Sua cadela maldita – cuspiu ele.

A Princesa virou-se, e seu cabelo se moveu formando um arco.

– Como ousa se dirigir a mim dessa?…

Tiros foram disparados, um, dois, três, quatro, tão alto quanto tábuas caindo sobre o chão duro. A Princesa ficou rígida, em choque, quando as balas se incrustaram em seu peito, atravessando o coração e os pulmões, fazendo que o sangue azul escorresse pelas feridas abertas e salpicasse a parede que estava atrás dela.

– Não! – gritou Lash, correndo para frente. Segurou sua amante enquanto caía, sustentando-a com delicadeza. – Não!

Olhou para o outro lado da câmara. Xhex estava baixando uma arma e tinha um leve sorriso nos lábios, como se acabasse de desfrutar uma boa refeição.

A Princesa apertou as lapelas do casaco chamuscado de Lash, o forte puxão no tecido atraiu seus olhos para seu rosto novamente.

Não estava olhando para ele. Estava olhando para Rehvenge… tentando se aproximar dele.

– Meu amor… – As últimas palavras da Princesa flutuaram à deriva pelo lugar.

Lash rosnou e jogou o corpo contra a parede mais próxima, esperando que o impacto pudesse ser aquilo que a matava, precisando da satisfação de saber que tinha sido ele quem havia acabado com ela afinal.

– Você – disse ele apontando para Xhex – agora me deve *duas vezes*…

A princípio, o cântico foi ouvido baixo, nada além de um eco reverberando pelos corredores, mas foi ficando cada vez mais alto e insistente, mais alto… até que pôde ouvir cada sílaba pronunciada pelo que deveriam ser centenas de bocas. Não entendia nada, não era uma linguagem que ele conhecia, mas aquela droga era uma reverência, isso era certeza.

Lash se virou na direção de onde vinha o canto, tomando cuidado de conservar as costas contra a parede. Teve a vaga sensação de que os outros também estavam se preparando para o que vinha.

Os *sympathos* chegaram seguindo uma formação de dois em dois, vestindo túnicas brancas e largas. Os corpos magros não pareciam andar, mas oscilar para frente. Cada um usava uma máscara facial branca, do tipo que deixa dois buracos negros para os olhos e o queixo livre. Quando entraram na câmara e

começaram a fazer um círculo em torno de Rehvenge, não pareciam nem um pouco preocupados com os vampiros, nem com o corpo da Princesa, nem tampouco com Lash.

Entrando, eles gradualmente preencheram o local, obrigando os outros a retrocederem até que todos os intrusos ficaram apertados contra as paredes, como já estavam Lash e o cadáver da Princesa.

Hora de sair fora. Seja lá o que aquilo fosse, não era algo que precisava estar envolvido. Primeiro porque a raiva enfraquecia seus poderes. Segundo, esta situação poderia sair do controle a qualquer momento e apenas parte daquela luta dizia respeito a ele.

Entretanto, não ia embora sozinho. Tinha vindo em busca de uma fêmea e não ia sair sem uma.

Em uma rápida investida, cortou caminho através da fila de *sympathos* e foi até Xhex. A fêmea estava com o olhar erguido para Rehvenge, muito impressionada, como se a assembleia significasse alguma coisa para ela. Era exatamente o tipo de distração que um cara precisa num momento assim.

Estendendo ambas as mãos, Lash convocou uma sombra e a comandou até que cobriu o chão como um manto.

Com um rápido movimento, fez a sombra cobrir Xhex, fazendo que ela desaparecesse, apesar de ainda estar ali. Como era de se esperar, ela lutou, mas um forte soco na cabeça fez que ficasse quieta, tornando a fuga muito mais fácil.

Lash simplesmente a arrastou para fora da caverna, bem debaixo do nariz de todos.

Cânticos… cânticos que se elevavam e enchiam o ar com uma percussão rítmica.

Mas, primeiro, houve disparos.

Rehvenge lutou para abrir os olhos e teve de piscar para esclarecer sua visão avermelhada. Já não havia mais aranhas ao seu redor, desapareceram da câmara… foram substituídas por vários de seus irmãos *sympatho*, com máscaras e vestes cerimoniais, que mantinham o rosto deles no anonimato para que o poder da mente pudesse brilhar com ainda mais clareza.

Havia sangue fresco.

Seus olhos dispararam até… oh, obrigado, Virgem Escriba… Ehlena ainda estava em pé, e Zsadist estava tão perto dela como se fosse um colete à prova

de balas. Essas eram as boas notícias. As más? Os dois estavam junto à parede oposta, com, ah, aproximadamente uns cem devoradores de pecado entre eles e a saída.

Contudo, considerando como sustentavam o olhar, não iriam sem ele.

– Ehlena… – sussurrou com voz rouca. – Não.

Ela balançou a cabeça e gesticulou com a boca: *Vamos libertá-lo*.

Afastou o olhar frustrado, observando o movimento, compreendendo melhor do que Ehlena o que aquela procissão e aquele cântico significavam.

Que… droga. Mas como?

A pergunta foi respondida quando viu o cadáver da Princesa contra a parede. Suas mãos estavam manchadas de azul e ele sabia o motivo: tinha matado seu tio, que era seu companheiro… o rei.

Movendo-se, perguntou-se como teria feito aquilo. Não deve ter sido fácil… conseguir passar pela guarda real era praticamente impossível, e seu tio era astuto, ardiloso e desconfiado.

Contudo, a vingança foi rápida. Mas ela não foi assassinada da maneira que os *sympathos* fazem: suicidando-se. Alguém atirou em seu peito quatro vezes, e considerando a precisão das feridas, imaginou que Xhex fez os disparos.

Ela sempre marcava suas vítimas, e uma cruz na forma dos pontos cardeais era uma de suas marcas favoritas quando usava uma arma de fogo.

Voltou a se concentrar em Ehlena. Ainda continuava a olhar fixamente para ele, com um olhar incrivelmente terno. Por um momento, permitiu se perder na compaixão, mas logo seu lado vampiro assumiu o controle. Sendo um macho vinculado, a segurança de sua companheira era sua primeira e maior prioridade, e apesar do quanto estava fraco, seu corpo estremeceu contra as correntes que o prendiam no alto.

– *Vá!* – articulou com a boca. Quando ela negou com a cabeça, ele a encarou com força. – *Por que não?*

Ela colocou a mão sobre o coração e respondeu: *Porque não*.

Ele deixou a cabeça cair, apesar da rigidez do pescoço. O que a fez mudar de ideia? Como era possível que tivesse vindo lhe buscar depois de tudo o que tinha feito? E quem teria fraquejado e lhe contado a verdade?

Iria matá-los.

Supondo que saíssem vivos dali.

Os *sympathos* pararam de cantar e ficaram quietos. Depois de um

momento de silêncio, viraram-se para ficar de frente para ele com precisão militar e fizeram uma profunda reverência.

As grades emocionais foram registradas rapidamente quando cada um deles se apresentou diante de Rehvenge… lembrava-se de todos, de muito tempo atrás. Eram uma extensão de sua família.

Eles o queriam como rei. Apesar do que dizia o testamento de seu tio, escolheram a ele.

As correntes que o mantinham pendurado sacudiram e começaram a descer, seus ombros rugiram de dor e tinha o estômago revolto pela agonia. Mas não podia deixar transparecer quão fraco estava. Rodeado por seus irmãos sociopatas, sabia que aquele momento de respeito não iria durar muito, e se desse a impressão de ter qualquer tipo de vulnerabilidade, estava ferrado.

Então, fez a única coisa que faria sentido.

Quando os pés tocaram o chão de pedra fria, permitiu que os joelhos se dobrassem brandamente e forçou a parte superior do corpo a permanecer erguida – como se a clássica postura contemplativa de um rei fosse exatamente o que tinha decidido assumir, e não o único movimento que podia fazer por causa das dores que sentia desde…

Quanto tempo já tinha passado? Não fazia a menor ideia.

Rehv baixou o olhar para seu corpo. Estava mais magro. Muito. Mas sua pele estava intacta, o que era um maldito milagre, considerando aquela porcaria toda de insetos caminhando sobre ele.

Respirou fundo… e tirou forças de seu lado vampiro para abastecer sua mente de *sympatho*: com a vida de sua *shellan* em jogo, tinha reservas às quais não teria sido capaz de conseguir com ninguém mais.

Rehvenge ergueu a cabeça, iluminou a câmara com os olhos de ametista e aceitou a adulação.

Quando as velas que estavam no corredor brilharam, o poder surgiu através de seu corpo. Rehv levantou com uma grande onda de autoridade e dominação, mudando a visão, passando do vermelho para púrpura. Na base de suas entranhas, encontrou sua essência e marcou mentalmente cada um dos *sympathos* da colônia com o conhecimento de que agora era ele quem mandava na vida deles. Fariam qualquer coisa que ele mandasse. Cortariam a própria garganta. Transariam com o companheiro do outro. Caçariam e matariam animais ou humanos ou qualquer outra coisa com pulsação vital.

O rei era o computador central da colônia. O cérebro principal. E aqueles cidadãos da raça tinham aprendido bem a lição de seu tio e de seu pai: os *sympathos* eram sociopatas com um profundo instinto de autopreservação… e a razão pela qual escolheram Rehvenge, um mestiço, era porque queriam manter os vampiros afastados. Com ele no comando, poderiam continuar vivendo entre eles, encerrados na colônia.

Em um dos cantos, houve um movimento descuidado e um grunhido.

Apesar dos ferimentos, a Princesa ficou em pé, com o cabelo formando um emaranhado ao redor do rosto maníaco e sua *lingerie* brilhava com o próprio sangue azul.

– *São meus para governar*. – Sua voz soou aguda, mas cheia de determinação, sua obsessão era suficiente para reanimar o que estava ou deveria estar morto. – É meu reino e você é *meu*.

A assembleia reunida levantou a cabeça para observá-la. Em seguida, voltaram a olhar para Rehv.

Droga, o feitiço mental tinha sido desfeito.

Rehv lançou rápidos pensamentos para Ehlena e Zsadist indicando que bloqueassem a mente, pensando em alguma coisa, qualquer coisa, quanto mais claramente melhor. Imediatamente, sentiu como trocavam seus padrões, Ehlena imaginando… o óleo sobre tela do escritório de Montrag?

Rehv voltou a focar a Princesa.

A qual havia notado Ehlena e avançava cambaleando em direção a ela com uma adaga na mão.

– É meu! – resmungou com o sangue azul escorrendo da boca.

Rehvenge descobriu suas presas e silvou como uma grande serpente. Com sua vontade, invadiu a mente da Princesa, fazendo buracos mesmo através das defesas que ela tinha sido capaz de levantar, tomando o controle e chegando até sua ânsia de governar e de ter a ele como companheiro. Seus desejos a detiveram, e ela se voltou para ele, com seu olhar demente cheio de amor. Dominada por seus desejos, tremendo com visões extáticas, à mercê de sua fraqueza…

Esperou até que ela estivesse bem convencida e distraída.

Em seguida, açoitou a Princesa com uma só mensagem: *Ehlena é minha reverenciada rainha*.

As cinco palavras a despedaçaram. Quebraram-na com mais força do que se tivesse tirado uma pistola e disparado outro ponto cardeal no peito dela.

Ele era o que ela queria ser.

Ele era o que ela queria ter.

E aquele era seu fim.

A Princesa colocou as mãos sobre os ouvidos, como se estivesse tentando deter o zumbido que havia na cabeça, mas ele simplesmente fez sua mente girar mais e mais e mais depressa.

Com um grito agudo, ela elevou a faca que tinha na mão e a cravou nas próprias entranhas, completamente, até o cabo. Não satisfeito, Rehv fez que virasse a arma com um rápido puxão para a direita.

E, então, solicitou um pouco de ajuda de seus amigos.

Como uma onda negra, saindo das pequenas fissuras das paredes, a multidão de aranhas e escorpiões retornou. As hordas que uma vez foram controladas por seu tio, estavam agora sob o domínio de Rehvenge e avançaram enfurecidas, envolvendo-a.

Ordenou-lhes que picassem e assim fizeram.

A Princesa gritou, arranhou e então sucumbiu, caindo sobre um colchão que a destruiria.

Os *sympathos* assistiram a tudo.

Enquanto Ehlena girava a cabeça para o ombro de Zsadist, Rehv fechou os olhos e permaneceu quieto como uma estátua no centro do lugar, prometendo a cada um dos cidadãos que estavam diante dele algo pior se não lhe obedecessem. O que, no distorcido sistema de valores dos *sympathos*, apenas confirmou sua eleição a governante.

Quando a Princesa parou de soluçar e ficou quieta, Rehv levantou os olhos e ordenou a retirada da guarda de aracnídeos. Ao retroceder, revelou-se o corpo inchado e picado e ficou claro que ela não ia se levantar outra vez – o veneno injetado em suas veias fez com que o coração parasse, os pulmões fossem obstruídos e o sistema nervoso central fosse desligado.

Não importava o tamanho de seus desejos, não havia como reanimar aquele cadáver.

Com muita calma, Rehv disse para que seus súditos se retirassem para os quartos e meditassem sobre aquela exibição. Em resposta, recebeu a versão *sympatho* do amor: eles o temiam totalmente e, portanto, o respeitavam.

Pelo menos por enquanto.

Como se fossem um, os *sympathos* se ergueram e fizeram fila para sair, e Rehv balançou a cabeça em direção a Ehlena e a Z., rezando para que

fizessem o que ele precisava que fizessem… que era ficar exatamente onde estavam.

Com um pouco de sorte, seus irmãos mascarados concluiriam que ele mataria os intrusos com prazer.

Rehv esperou até que o último devorador de pecado saísse não só da câmara, mas também dos corredores. E então relaxou a tensão da coluna.

Quando seu corpo atingiu o chão com força, Ehlena foi correndo até ele, movendo a boca como se estivesse falando. Contudo, não conseguia ouvi-la, e seus olhos cor de caramelo pareciam muito estranhos vistos através da lente rosada de seus olhos *sympatho*.

*Sinto muito*, disse apenas movendo os lábios, *sinto muito*.

Alguma coisa muito ruim aconteceu com seus olhos naquele momento e, de repente, Ehlena estava revolvendo uma mochila trazida por… Cristo, Vishous também estava ali?

Rehv perdia e recuperava a consciência enquanto coisas eram feitas e injetadas nele. Um pouco mais tarde, o zumbido recomeçou.

Onde Xhex estava? Provavelmente deve ter saído depois de matar a Princesa. Ela era assim, sempre preocupada com a estratégia de saída. Deus era testemunha de que essa prática tinha definido sua vida.

Enquanto pensava em sua chefe de segurança… sua colega… sua amiga… ficou muito chateado pelo fato de que tivesse quebrado a promessa que lhe fez, mas aquilo não o surpreendeu completamente. A verdadeira pergunta era como tinha feito para chegar até ali sem os Mouros. A menos que… será que eles também tinham vindo?

O zumbido parou e Zsadist sentou-se sobre os calcanhares, balançando a cabeça.

Em câmara lenta, Rehv olhou para si mesmo.

Ah, ele ainda estava preso pelos ombros e não estavam tendo sorte ao tentar romper as correntes. Conhecendo seu tio, aqueles elos devem ter sido feitos de algo mais forte do que qualquer serra pudesse atravessar.

– Deixem-me… – murmurou. – Apenas me deixem. Vão…

O rosto de Ehlena voltou a aparecer em frente ao dele e seus lábios se moveram com determinação, como se tentasse explicar alguma coisa…

De repente, tê-la tão perto despertou o macho vinculado que havia em seu sangue e fez que sua percepção de profundidade retornasse… e sentiu-se aliviado ao ver que o rosto dela começava a adotar seu contorno habitual e

suas… cores.

Rehv ergueu uma mão trêmula, imaginando se permitiria tocá-la.

Ela fez mais que isso. Agarrou a palma da mão dele com força e a levou aos lábios para beijá-lo. Ainda continuava falando, mas Rehv continuava sem ouvir o que dizia, então tentou se concentrar. *Fica comigo*. Parecia que era isso o que ela estava tentando comunicar. Ou talvez fosse a mensagem que estivesse captando dela pela maneira como segurava sua mão.

Ehlena estendeu a mão e acariciou o cabelo dele, e ele teve a impressão de que ela dizia: *Respire fundo para mim*.

Rehv respirou para fazê-la feliz, e quando fez isso, ela olhou para alguma coisa ou alguém que havia atrás dele. Fez um rápido gesto afirmativo em direção a quem quer que fosse.

Em seguida, a dor estalou em seu ombro direito, todo seu corpo se contorceu e a boca se abriu para deixar sair um grito.

Ele não se ouviu gritar. Nem viu mais nada. A agonia o nocauteou.

# CAPÍTULO 71

**Ehlena retornou para casa** no banco traseiro de um Escalade preto, com Rehv aconchegado em seu colo. Os dois estavam esmagados no banco de trás, mas não importava que só houvesse espaço para seu enorme corpo. Ela o queria perto.

Precisava colocar as mãos sobre ele e as manter ali.

Assim que arrancaram os ganchos dos ombros dele, ela fez todo o possível com as horríveis feridas, enfaixando rapidamente com gaze estéril que fixou no lugar com esparadrapo. Quando terminou, Zsadist o levantou e o tirou daquela câmara esquecida por Deus, com ela e Vishous dando cobertura.

Xhex não foi vista em parte alguma enquanto saíram.

Ehlena tentou se convencer de que a fêmea se juntou aos guerreiros na luta contra os *redutores*, mas esse raciocínio não encaixava. Xhex nunca teria deixado Rehvenge até que tivesse sido libertado de modo seguro da colônia.

Quando o temor cintilou em seu peito, tentou acalmar-se acariciando a franja do denso cabelo escuro que percorria a cabeça de Rehvenge. Em resposta, ele voltou o rosto para ela, como se precisasse de aconchego.

Deus, poderia existir uma parte *sympatho* nele, mas provou onde estava seu coração: tinha destruído a Princesa e os protegido de todas aquelas criaturas terríveis com máscaras e túnicas. E isso mostrava claramente de que lado estava, não é? Sem ele controlando a colônia de alguma maneira, não haveria chance alguma de saírem dali vivos, incluindo os Irmãos que lutaram na superfície contra os *redutores*.

Lançou um olhar aos outros que estavam no carro. Rhage estava envolto em jaquetas de couro, nu, tremendo de frio. Tiveram de parar várias vezes para que ele pudesse vomitar, e considerando a maneira como estava engolindo com dificuldade, logo teriam de parar outra vez. Vishous estava ao seu lado e não tinha um aspecto muito melhor. As fortes pernas do cara estavam estiradas sobre o colo de Rhage… e tinha a cabeça virada para um lado e os olhos bem-fechados, o que deixava evidente que tinha tido uma

concussão por causa do golpe que a Princesa desferiu nele. Na frente, Butch ocupava o banco do passageiro e dele se desprendia um aroma adocicado doentio que, sem dúvida, fazia que o estômago de Rhage piorasse.

Tohrment estava atrás do volante, dirigindo com calma e firmeza.

Ao menos não tinha que se preocupar em como voltar para casa.

Rehvenge se agitou e imediatamente se concentrou nele. Quando seus olhos de ametista lutaram para se abrir, ela balançou a cabeça:

– Shhh… só fique assim deitado. – Acariciou o rosto. – Shh…

Ele mexeu os ombros e encolheu-se tão abruptamente que seu pescoço estalou. Desejando poder fazer algo mais por ele, ajeitou a manta que o envolvia. Tinha dado tantos analgésicos quanto possível, assim como antibióticos para as feridas, mas guardou o antídoto, já que parecia que não fora picado.

Considerando a maneira como a Princesa foi massacrada, teve a impressão de que aquelas aranhas e escorpiões picavam só se fossem ordenados a fazer isso e, por alguma razão, Rehv foi poupado.

De repente, ele resmungou e ficou tenso, as mãos começaram a apalpar o que havia embaixo do corpo.

– Não, não tente levantar – disse Ehlena, empurrando gentilmente seu peito para baixo. – Só fique deitado aqui comigo.

Rehvenge voltou a se jogar sobre o colo dela e trouxe sua mão para frente. Quando encontrou a palma da mão dela, murmurou:

– Por quê?…

Ela teve de sorrir.

– Você pergunta muito isso, sabia?

– Por que veio?

Depois de um momento, disse em voz baixa:

– Segui meu coração.

Ficou evidente que aquilo não o deixou muito feliz. Pelo contrário, fez uma careta, como se estivesse com dor.

– Não… mereço… seu…

Ehlena ficou tensa e se alarmou quando ele começou a sangrar pelos olhos.

– Rehvenge, fique quieto por mim.

Tentando não entrar em pânico, estendeu-se para pegar a mochila cheia de suprimentos, perguntando-se que tipo de crise médica ele estava tendo.

Rehvenge pegou suas mãos.

– São só… lágrimas.

Ela contemplou o que parecia ser sangue caindo em seu rosto.

– Tem certeza? – Quando ele assentiu, tirou um lenço de papel da calça e enxugou seu rosto com cuidado. – Não chore. Por favor, não chore.

– Não deveria… ter vindo me buscar. Deveria ter… me deixado lá.

– Eu já disse – sussurrou, secando mais lágrimas. – Todo mundo merece ser salvo. Essa é a forma como eu vejo o mundo. – Quando encontrou seus lindos olhos iridescentes, pareceram ainda mais mágicos ao brilharem através da capa de lágrimas vermelhas. – É como vejo você.

Ele fechou as pálpebras com força, como se não pudesse suportar sua compaixão.

– Tentou me proteger de tudo isso, não é? – disse ela. – Esse foi o motivo daquele confronto no ZeroSum. – Quando ele assentiu, ela encolheu os ombros. – Então, por que não entende minha necessidade de salvá-lo, se você fez o mesmo por mim?

– É diferente… eu sou um… *sympatho*.

– Porém, você não é completamente *sympatho*. – Pensou em seu aroma de vinculação. – Não é mesmo?

Rehvenge negou com a cabeça relutante.

– Mas não o bastante… vampiro… para você.

A tristeza nele brotou enquanto ela lutava para encontrar palavras. Ehlena tocou seu rosto outra vez… e descobriu que sua pele estava muito fria. Droga… ia perdê-lo entre seus braços. A cada quilômetro que passavam, chegavam mais perto da segurança, mas o corpo dele estava falhando. Sua respiração estava ficando mais lenta e a frequência cardíaca estava baixando.

– Pode fazer algo por mim? – disse ela.

– Por favor… sim – respondeu com dificuldade, mesmo com os olhos vibrando até se fecharem e ele começar a tremer. Quando se aconchegou formando uma bola ainda mais compacta, ela pôde ver a coluna vertebral dele se sobressair através da pele as costas, mesmo através do cobertor.

– Rehvenge? Acorde. – Quando a olhou, a cor púrpura de seus olhos era como a de um hematoma, opaco e dolorido. – Rehvenge, por favor, poderia tomar de minha veia?

Abriu rapidamente as pálpebras como se tivesse ouvido algo como *Estamos indo para a Disney!* ou *Que tal hambúrguer e batata frita no jantar?* O que ela disse era a última coisa que ele esperava sair de sua boca.

Quando ele abriu os lábios, ela o deteve antes que falasse.

– Se me perguntar por que, vou ser forçada a te dar um tapa.

Um pequeno sorriso curvou sua boca, mas, em seguida, desapareceu. E apesar de suas presas terem se revelado, negou com a cabeça.

– Não sou como você – murmurou, tocando o peito tatuado com uma mão fraca. – Não sou bom o suficiente para você… para seu sangue.

Ela encolheu os ombros para tirar um lado da jaqueta e afrouxou a manga de seu suéter de gola alta.

– Sou eu quem julgo isso, certo?

Quando pôs o pulso sobre a boca, ele lambeu os lábios, sua fome aumentou tanto e tão rápido que a cor foi devolvida para sua pálida face. Mas, ainda assim, ele hesitou.

– Tem… certeza?

Ela teve uma estranha lembrança de quando os dois estavam na clínica há uma eternidade, disputando, dando voltas um ao redor do outro, desejando, mas sem abrir o jogo. Sorriu.

– Total e absoluta.

Ela baixou a veia até colocá-la entre seus lábios sabendo que não seria capaz de resistir… com certeza ia tentar lutar… e perderia. Rehvenge mordeu com habilidade, sugou profundamente e deixou escapar um gemido enquanto revirava os olhos extasiado.

Ehlena acariciou o cabelo que tinha crescido ao lado do moicano e se alegrou em silêncio enquanto ele se alimentava.

Aquilo iria salvá-lo.

Ela ia salvá-lo.

Não com seu sangue, mas com seu coração.

Enquanto Rehvenge se alimentava do pulso de sua amada, sentia-se sobrecarregado e exausto, à mercê de emoções mais poderosas que sua mente. Ela tinha ido lhe buscar. Tinha-o libertado. E mesmo sabendo de tudo o que sabia sobre ele, deixava que se alimentasse dela e o contemplava com bondade.

Mas será que ela estava fazendo isso por ser uma pessoa bondosa, e não por seus sentimentos por ele? Será que aquilo não foi motivado pelo sentido do dever e pela compaixão em vez do amor?

Estava muito fraco para ler sua grade emocional. Ao menos no início.

Quando seu corpo, porém, começou a reviver, sua mente também se religou, e o que ela sentia tornou-se perceptível…

Dever. Compaixão.

*E* amor.

Uma complexa alegria queimou em seu peito. Parte dele sentia como se tivesse ganhado na loteria contra todas as probabilidades. Mas em seu coração sabia que ser um *sympatho* os separaria, mesmo se o resto da população de vampiros nunca chegasse a saber que tinha sangue mestiço: supostamente, ele era o chefe daquela colônia.

A qual não era lugar para Ehlena.

Rehv liberou a veia e lambeu os lábios. Deus… era uma delícia.

– Quer mais? – perguntou ela.

*Sim*.

– Não. Bebi o suficiente.

Ela continuou acariciando o cabelo dele, suas unhas arranhavam com suavidade o couro cabeludo. Fechando os olhos, ele sentiu seus músculos e ossos se fortalecendo, enquanto o generoso sangue dela revivia seu corpo

Sim, não só os braços e pernas reviviam. Seu pênis inchou e seus quadris foram para frente, apesar de estar meio morto e de seus ombros estarem pegando fogo. Mas os machos vampiros se excitavam quando se alimentavam da veia de suas companheiras.

Biologia. Não podia evitar.

Quando a temperatura de seu corpo começou a se estabilizar, ele se espreguiçou e afastou parte da manta em que estava envolto. Preocupado em estar exibindo seu membro, estendeu a mão para puxar a coisa de volta.

Ehlena chegou lá primeiro.

E seus olhos brilharam na escuridão ao fechar a tampa que ocultava a parte do carro onde estavam.

Rehvenge engoliu em seco algumas vezes, ainda tinha seu sabor na língua e na garganta.

– Sinto muito por isso.

– Não sinta – Sorriu e olhou fixamente dentro de seus olhos. – Não pode evitar. Além disso, é provável que signifique que está fora da zona de perigo.

E dentro da zona erótica. Ótimo. Nada como os extremos para apimentar a vida.

– Ehlena… – disse soltando um longo e lento suspiro. – Não posso fazer

que as coisas voltem a ser como eram.

– Se quer dizer que não voltará a ser um traficante e um cafetão, não me sinto mal com isso.

– Ah, essa porcaria teria de acabar de qualquer forma. Mas não é isso, não posso retornar a Caldwell.

– Por que não? – Quando não respondeu imediatamente, ela continuou: – Tenho esperanças de que retorne. Eu quero que retorne.

O macho vinculado que havia nele ficou extremamente feliz ao ouvir aquilo. Mas ele tinha de ser prático.

– Sou diferente de você – repetiu, como se aquela fosse a trilha sonora de sua vida.

– Não, não é.

Por ele precisar convencê-la e por não lhe ocorrer uma maneira melhor de provar isso, pegou a mão dela, colocou-a sob a manta e sobre seu pênis. O contato fez que ele estremecesse de prazer, seus quadris arquearam, mas lembrou sua libido de que estava fazendo isso para mostrar exatamente o quanto ele era diferente.

Ele a guiou até sua farpa, ao lugar na base que era ligeiramente desigual.

– Sente isso?

Ela pareceu se controlar por um momento, como se estivesse lutando contra a mesma corrente erótica que ele.

– Sim…

O tom rouco que imprimiu à palavra fez que sua coluna se elevasse e se retraísse, fazendo que sua ereção deslizasse dentro da palma da mão dela. Sua respiração ficou mais curta, o coração começou a bater forte e sua voz se fez mais profunda.

– Isso se fixa no lugar, quando eu… quando eu gozo. Sou diferente de tudo que já viu antes.

Enquanto o explorava, Rehv tentou permanecer imóvel, mas o poder que circulava por seu corpo, por causa da alimentação, agregado ao lugar onde se encontrava a mão dela, provou que tudo aquilo era excitante demais. Moveu-se contra a mão dela, arqueando-se em seu colo, sentindo-se estranhamente sob seu controle.

O que foi apenas outra enorme fonte de excitação.

– Foi por isso que se retirou de mim? – perguntou ela.

Rehv lambeu os lábios de novo, lembrando-se da sensação do centro

úmido dela em contato com seus lábios…

O Escalade passou por cima de um buraco da estrada, e Rehv se lembrou de que o escuro refúgio da parte traseira do veículo era apenas semiprivado: não estavam, de fato, sozinhos.

Mas Ehlena não tirou a mão.

– Foi por isso?

– Não queria que soubesse nada disso. Eu queria… ser normal para você. Queria que se sentisse segura quando estivesse em minha companhia… e queria estar com você. Esse é o motivo das mentiras. Não tinha a intenção de me apaixonar por você. Não queria isso para você…

– O que disse?

– Eu… eu estou apaixonado por você. Desculpe, mas é o que sinto.

Ehlena ficou tão calada que ele ficou preocupado em ter interpretado completamente errado tudo o que houve entre eles. Será que ele projetou na grade emocional dela tudo aquilo que a parte fraca de seu ser precisava encontrar?

Só que quando aproximou sua boca dele, ela sussurrou:

– Nunca mais se esconda de mim. Amo você assim como é.

Uma corrente de gratidão anulou toda lógica e Rehv segurou seu rosto e a beijou. Naquele momento, não deu a mínima para saber se haveria complicações além de seu controle ou coisas que os separariam outra vez.

Ser aceito… ser aceito e amado, sendo exatamente quem ele é, pela pessoa que ele amava, era uma alegria muito grande para que a fria realidade pudesse fazê-la naufragar.

Enquanto se beijavam, Ehlena começou a mover a mão sob a manta, subindo e descendo ao longo de sua ereção.

Quando ele tentou se afastar, ela recapturou sua boca.

– Shh… confie em mim.

Rehvenge sucumbiu à paixão, cavalgando na onda que ela convocou em seu corpo, deixando que fizesse o que quisesse com ele. Tentou manter-se quieto, não querendo que os outros soubessem e rezou para que pelo menos os dois que estavam sentados no banco da frente estivessem dormindo.

Não demorou muito para que seu pênis se enrijecesse ainda mais e suas mãos agarrassem o cabelo dela. Ofegando contra sua boca, ele empurrou com força uma última vez e gozou, ensopando sua mão, sua barriga e o cobertor.

Quando Ehlena deslizou a mão até sua farpa e mediu a extensão dela, Rehv

ficou imóvel, rezando para que ela não sentisse repugnância do corpo dele.

– Quero sentir isso dentro de mim – gemeu ela contra seus lábios.

Quando conseguiu compreender as palavras, o corpo do Rehvenge explodiu em um novo orgasmo.

Cara… não via a hora de chegaram onde quer que estivessem indo.

# CAPÍTULO 72

**Na manhã seguinte,** Ehlena acordou nua na cama em que havia dormido no dia anterior ao resgate. Próximo a ela, o enorme e terno corpo de Rehvenge estava tão perto quanto possível, e ele estava acordado.

Pelo menos em um dos sentidos da palavra.

Sua ereção estava quente e dura contra a parte de trás da coxa dela. Ehlena sabia o que viria a seguir, e o recebeu muito bem quando ele rolou em cima dela, montado-a, achando seu caminho entre as pernas dela. Assim que ele afundou-se e moveu-se por instinto, o corpo dela ecoou o ritmo dele e Ehlena o envolveu com os braços.

Existiam marcas de mordida na garganta dele. Muitas.

Marcas de mordida na garganta dela também.

Ela fechou os olhos, perdendo-se uma vez mais em Rehvenge…

O dia que eles passaram juntos naquele quarto de hóspedes da Irmandade não foi apenas sexo. Tinham conversado muito. Ela explicou tudo o que havia acontecido, incluindo a herança, a maneira como soube de tudo sobre ele, além de como Xhex não havia quebrado sua promessa.

Deus… Xhex.

Ninguém sabia nada sobre ela. E qualquer alegria, alívio e triunfo por causa do resgate estava escurecido ao ponto do remorso.

Rehvenge iria subir até a colônia ao anoitecer e procurar, mas Ehlena podia ler em seu rosto que ele não acreditava que Xhex estava lá.

Isso era muito estranho e assustador. Ninguém havia visto o corpo dela, nem a viram partir. Era como se ela tivesse simplesmente desaparecido.

– Oh, Deus, Ehlena… eu vou gozar…

Quando o corpo de Rehv se impulsionou, ela se concentrou em seu companheiro e deixou o sexo assumir o comando, sabendo que pensamentos difíceis e muita ansiedade estariam esperando por ela do outro lado do orgasmo. Ouviu Rehv gritar seu nome enquanto gozava, e então sentiu aquela excitante farpa agarrando-a enquanto ele se lançava profundamente nela.

Tudo que ela teve de fazer foi pensar sobre isso e seu próprio orgasmo entrou em erupção, levando-a ao clímax.

Quando os dois estavam saciados, Rehvenge rolou para o lado, sendo cuidadoso para não tentar separá-los muito cedo. Quando seus olhos de ametista focaram tudo corretamente, ele afastou o cabelo dela do rosto.

– Maneira perfeita de acordar – ele murmurou.

– Eu concordo.

Seus olhos se encontraram e ficaram fixos, e depois de um tempo, ele disse:

– Posso perguntar uma coisa? E não é um "por que", é um "o que".

– Pergunte. – Ela inclinou-se para cima e o beijou depressa.

– O que você vai fazer com o resto de sua vida?

A respiração de Ehlena ficou suspensa.

– Eu pensei que… você disse que não poderia ficar em Caldwell…

Seus volumosos ombros, que ainda estavam enfaixados, encolheram.

– A questão é que eu não posso deixar você. Isso simplesmente não vai acontecer. Cada hora que passo perto de você só torna essa realidade ainda mais clara. Eu literalmente… não posso ir embora a menos que você me obrigue.

– O que não vai acontecer.

– Não… vai?

Ehlena envolveu o rosto dele com as mãos, e no momento em que ela o fez, Rehv congelou. O que era algo que acontecia toda vez que ela o tocava. Era como se ele estivesse constantemente esperando por algum tipo de comando dela… mas é isso que vampiros vinculados sentem, não é? Sim, eles eram mais fortes e mais poderosos fisicamente que suas companheiras, mas as *shellans* comandavam o espetáculo.

– Parece que vou passar meu futuro com você – ela disse contra a boca dele.

Ele estremeceu, como se estivesse deixando suas últimas dúvidas irem embora.

– Eu não mereço você.

– Sim, você merece.

– Eu vou cuidar de você.

– Eu sei.

– E, como eu disse, não vou voltar a fazer o que fazia antes aqui na cidade.

– Bom. – Ele fez uma pausa, como se quisesse garantir isso a ela mais uma vez e estivesse procurando palavras. – Pare de falar e beije-me outra vez. Meu coração está convencido e minha mente também, e não existe mais nada que você precise me dizer. Eu sei quem você é. Você é meu *hellren*.

Assim que a boca deles se encontraram, ela estava bem ciente de que havia muita coisa para resolver. Se eles vivessem entre os vampiros, iriam ter de continuar a proteger sua identidade *sympatho*. E ela não sabia o que ele faria com a colônia no norte – teve a sensação de que todo aquele negócio dos cânticos e adoração significava que ele estava assumindo algum tipo de papel de liderança ali.

Mas eles enfrentariam tudo aquilo e muito mais juntos.

O que era a única coisa que importava.

Em dado momento, ele recuou.

– Vou tomar um banho e ver Bella, ok?

– Tudo bem, fico feliz com isso. – Ele e sua irmã trocaram apenas um breve e desajeitado abraço antes de todo mundo dormir. – Diga se precisar de qualquer coisa que eu possa fazer.

– Pode deixar.

Rehvenge deixou o quarto meia hora depois, vestindo um par de calças de moletom e um grosso suéter que um dos Irmãos tinha lhe dado. Sem nenhuma pista de onde ir, ele alcançou um *doggen* que estava passando o aspirador no corredor e pediu direções para o quarto de Bella e Z.

Não era longe. Só algumas portas de distância.

Rehv foi para o fim do corredor cheio de estátuas greco-romanas e bateu onde havia sido orientado. Quando não houve resposta, tentou a próxima porta, através da qual ele podia ouvir o suave choro de Nalla.

– Entre – Bella gritou.

Rehv abriu caminho pelo berçário lentamente, inseguro da recepção que iria ter.

Através de uma sala que tinha coelhinhos estampados nas paredes, Bella estava sentada numa cadeira de balanço, o pé empurrando contra o tapete, a filhinha embalada nos braços. Apesar da ternura, Nalla não estava feliz. Nervosa, choramingava seu descontentamento ao mundo.

– Oi – Rehv disse antes que sua irmã erguesse o olhar. – Sou eu.

Os olhos azuis de Bella floresceram ao encontrar os seus, e ele viu seu

rosto passar através de todo tipo de emoção.

– Oi.

– Posso entrar?

– Por favor.

Ele fechou a porta atrás de si, mas se perguntou se ela iria sentir-se segura fechada com ele. Rehv foi reabrir a porta, mas ela o deteve.

– Está tudo bem.

Ele não tinha tanta certeza disso, então ficou do outro lado do quarto, vendo como Nalla registrava sua presença. E ela estendeu os bracinhos para ele.

Um mês atrás, uma vida atrás, ele teria avançado e tomado a bebê em seus braços. Agora não. Provavelmente nunca mais.

– Ela está tão nervosa hoje – Bella disse. – E mais uma vez meus pés estão cansados. Eu não consigo andar com ela por aí em meus braços nem mais um minuto.

– Entendo.

Houve um longo silêncio enquanto os dois focavam a bebê.

– Eu nunca soube sobre você – Bella disse em dado momento. – Nunca poderia ter imaginado.

– Eu não queria que você soubesse. E a *mahmen* também não. – Assim que as palavras deixaram seus lábios, ele fez uma rápida e silenciosa prece para a mãe deles, esperando que ela o perdoasse pelo fato de que o sombrio e horrível segredo fosse agora conhecido. Mas a vida havia jogado suas cartas e não esteve nas mãos dele controlar a revelação.

Deus sabia que ele fez o melhor que pôde para manter o véu de mentiras no lugar.

– Ela… como isso aconteceu? – Bella perguntou em voz baixa. – Como… você… aconteceu?

Rehvenge pensou como poderia explicar as coisas, tentou algumas linhas de raciocínio, alterou as palavras e adicionou novas. Mas, a imagem do rosto de sua mãe continuava se intrometendo e, no fim, ele só olhou para sua irmã e balançou lentamente a cabeça de um lado a outro. Quando Bella empalideceu, ele soube que ela supôs a essência daquilo tudo. *Sympathos* eram conhecidos por sequestrar fêmeas da população em geral. Particularmente as mais bonitas e refinadas.

Aquilo era parte da razão pela qual os devoradores de pecado acabaram

naquela colônia.

– Oh, Deus… – Bella fechou os olhos.

– Eu sinto muito. – Ele quis muito ir até ela. Quis desesperadamente.

Quando Bella abriu os olhos outra vez, afastou as lágrimas e endireitou os ombros como se estivesse reunindo forças.

– Meu pai… – ela limpou a garganta – ele se casou com ela sabendo a verdade sobre você?

– Sim.

– Ela nunca o amou. Pelo menos, não que eu tenha visto. – Quando Rehv ficou mudo, porque não iria entrar na questão do casamento, se pudesse evitar, ela franziu as sobrancelhas. – Se ele sabia sobre você… então ele obrigou minha mãe a se casar ou então iria expor o segredo?

O silêncio de Rehv pareceu ser uma resposta suficiente, porque sua irmã movimentou a cabeça firmemente.

– Isso faz mais sentido para mim… e me deixa com muita raiva. Mas entendo por que ela ficou com ele agora. – Houve uma dura pausa. – O que mais você não está me dizendo, Rehvenge?

– Ouça, o que aconteceu no passado…

– É minha *vida*! – Como a bebê reclamou, Bella baixou a voz. – É minha vida, droga. Uma vida que todo mundo ao meu redor sabia mais que eu. Então seria muito melhor você me dizer tudo, Rehvenge. Se você quiser que tenhamos qualquer tipo de relação, será melhor dizer tudo.

Rehv exalou com força.

– O que você quer saber primeiro?

Sua irmã engoliu em seco.

– Aquela noite em que meu pai morreu… eu levei *mahmen* para a clínica. Eu a levei porque ela caiu.

– Eu me lembro.

– Ela não caiu, não é?

– Não.

– Nenhuma vez.

– Não.

Os olhos de Bella brilharam. Tentando se distrair, capturou um dos punhos caídos de Nalla.

– Você… aquela noite, você…

Ele não queria responder a pergunta inacabada, mas não mentiria mais para

seus entes mais próximos e queridos.

– Sim. Mais cedo ou mais tarde ele a teria matado. Era ele ou *mahmen*.

Uma lágrima tremeu nos cílios de Bella e caiu, aterrissando na bochecha de Nalla.

– Oh… Deus…

Enquanto ele via os ombros de sua irmã se encolherem como se ela estivesse com frio e precisasse de um casaco, ele queria lembrá-la de que ainda estavam juntos. Que ele ainda estaria lá por ela se Bella quisesse. Que ele continuaria sendo seu guardião, seu irmão, seu protetor. Mas Rehv já não era o mesmo para ela e jamais seria novamente. Apesar de ele não ter mudado, a percepção dela sobre ele estava completamente alterada, e isso significava que Rehv era uma pessoa diferente.

Um estranho com um rosto surpreendentemente familiar.

Bella limpou os olhos.

– Sinto como se não conhecesse minha própria vida.

– Eu posso chegar um pouco mais perto? Não vou machucar você ou a bebê.

Ele esperou uma eternidade.

E mais um pouco.

A boca da Bella se comprimiu em uma linha apertada, como se ela estivesse tentando conter os soluços. Então estendeu a mão, a mesma que tinha enxugado as lágrimas.

Rehv se desmaterializou através do quarto. Porque correr levaria muito tempo.

Abaixando-se próximo a ela, pegou a mão entre as suas e trouxe aqueles dedos frios para seu rosto.

– Eu sinto tanto, Bella. Eu sinto tanto por você e *mahmen*. Eu tentei me desculpar com ela pelo meu nascimento… eu juro que tentei. É só que… conversar sobre isso era muito difícil para ela e para mim.

Os luminosos olhos azuis de Bella se ergueram até os dele, as lágrimas aumentavam a beleza de seu olhar fixo.

– Mas por que você se desculparia? Nada disso foi culpa sua. Você era inocente… totalmente inocente. Isso não foi culpa sua, Rehvenge. Não. Foi. Culpa. Sua.

O coração dele parou quando percebeu… que era o que precisava ouvir. Durante toda sua vida ele tinha se culpado por nascer, e desejou que pudesse

fazer reparações pelo crime que tinham cometido contra sua mãe e que havia resultado… nele.

– Não era sua obrigação, Rehvenge. E ela amou você. Com tudo o que ela tinha, *mahmen* amou você.

Ele não soube como aconteceu, mas de repente sua irmã estava em seus braços, apoiando-se com firmeza contra seu peito, ela e sua filha no abrigo de força e amor que ele oferecia.

A canção de ninar deixou os lábios dele com nada além de um suspiro… não havia palavras para a melodia gentil, porque sua garganta se recusou a deixá-las passar. A única coisa que saiu dele foi o ritmo da velha rima antiga.

Mas era tudo que precisavam… aquilo que não podia ser ouvido foi suficiente para trazer o passado ao presente e unir irmão e irmã outra vez.

Quando Rehvenge não podia mais continuar, mesmo com o tão pouco que estava fazendo, descansou a cabeça no ombro da irmã e apenas murmurou a canção…

Nesse meio tempo, a próxima geração dormiu profundamente, cercada por sua família.

# CAPÍTULO 73

**John Matthew deitou na** cama que Xhex tinha usado, a cabeça nos travesseiros e o corpo nos lençóis que transmitiam não só o cheiro dela, mas aquele frio e cruel sexo que eles tiveram ali mesmo. No caos da noite, a *doggen* ainda estava com o quarto por limpar, e quando a criada finalmente chegasse para fazer isso, ele iria mandá-la embora.

Ninguém iria tocar naquele lugar. Ponto final.

Ficou estendido ali, completamente armado e vestido com as roupas que tinha usado na colônia para lutar. Estava cortado em vários lugares, um dos quais ainda estava sangrando, e tinha uma enxaqueca que era ou uma ressaca ou outro ferimento de batalha. Nada disso importava.

Seus olhos estavam fixos na escrivaninha do outro lado do quarto.

Os cilícios que Xhex insistia em usar ao redor das coxas estavam largados em cima da cômoda da mesma maneira que ele estava deitado na cama: fora de lugar e não combinavam com a escova de prata que estava próxima.

O fato de que ela os deixou para trás lhe deu esperança. Concluiu que ela usava a dor que o cilício causava para controlar seus impulsos de *sympatho*, então se ela não estivesse com eles, poderia usar mais essa arma na luta.

E ela estaria lutando. Onde quer que estivesse, ela estaria em batalha, pois essa era sua natureza.

Contudo, cara, ele desejava ter se alimentado dela. Assim… talvez pudesse sentir onde estava. Ou saber com certeza que ainda estava viva.

Para evitar ficar violento, ele revisou os vários relatórios de campo que tinham chegado quando todos voltaram para a mansão.

Zsadist e V. estiveram com ela e Ehlena na câmara onde Rehvenge havia sido encontrado. A Princesa tinha aparecido e Lash também. Xhex tinha atirado na cadela *sympatho*… pouco antes da colônia inteira ter decidido instaurar uma rotina de total adoração ao redor de Rehv, o novo rei.

A Princesa, então, reapareceu ao estilo *Noite dos Mortos Vivos*. Rehv tinha acabado com ela. A poeira baixou… e Lash e Xhex não tinham sido vistos

novamente.

Isso era tudo que sabiam.

Evidentemente, Rehv planejava dirigir até a colônia ao anoitecer para procurar por ela… mas John sabia que o sujeito não iria encontrar nada. Ela não estava com os *sympathos*.

Lash a sequestrou. Era a única explicação possível. Afinal, o corpo dela não tinha sido encontrado no caminho, e não havia maneira alguma de ela ter saído sem ter feito com que todos os outros ficassem em segurança primeiro. E de acordo com todos que estiveram naquela câmara, Rehv tinha dominado a vontade de todos aqueles *sympathos*. Então não havia chance de algum deles ter se libertado e a dominado mentalmente.

Lash estava com ela.

Lash estava de volta dos mortos e se aliou ao Ômega de alguma maneira, e em seu caminho de saída da colônia, levou Xhex com ele.

John iria matar aquele filho da mãe. Com as próprias mãos.

A raiva cresceu em seu interior a ponto de ele quase se afogar na própria fúria. Deu as costas à cômoda, incapaz de suportar a ideia de que Xhex poderia estar sofrendo.

Pelo menos os *redutores* são impotentes. E se Lash era um *redutor*… ele era impotente.

Graças a Deus.

Com um suspiro melancólico, John esfregou o rosto num lugar da cama onde sentia com muita força o maravilhoso e misterioso perfume de Xhex.

Se ele pudesse, voltaria ao dia anterior… ao ponto em que ainda não havia cruzado a porta dela. Sim, ele teria entrado lá outra vez. Mas teria sido mais amável com ela do que Xhex tinha sido com ele na primeira vez que estiveram juntos.

E ele também a teria perdoado quando ela disse que sentia muito.

Deitado no escuro com seu remorso e sua fúria, contou as horas até o anoitecer e fez planos. Sabia que Qhuinn e Blay iriam sair com ele… não porque pediria, mas porque eles não iriam escutar quando dissesse para cuidarem de suas próprias vidas.

Mas era isso. Ele não iria dizer nada a Wrath ou aos Irmãos. Não precisava deles impondo todo o tipo de medida de segurança em sua busca. Não, ele e seus amigos iriam encontrar Lash e o massacrariam de uma vez por todas. Se isso fizesse com que John fosse expulso de casa? Tudo bem. Ele estava

sozinho de qualquer maneira.

Acontece que Xhex era sua fêmea, quer ela quisesse ser ou não. E ele não era o tipo de macho que ficaria sentado enquanto sua companheira estava lá fora num mundo de dor.

Ele faria exatamente o que foi feito por Rehvenge.

Iria vingá-la.

Iria trazê-la para casa em segurança… e faria que a pessoa que a levou acabasse no inferno.

# CAPÍTULO 74

**Quando Wrath ouviu a** batida na porta do escritório, levantou-se atrás da escrivaninha. Havia levado uma hora para ele e Beth limparem a delicada coisa, o que foi uma surpresa. Havia muitas coisas em suas minúsculas gavetas.

– Está aqui? – ele perguntou a sua *shellan.* – São eles?

– Espero que sim. – Os passos de Beth soaram enquanto a porta se abria, como se ela estivesse tentando dar uma boa olhada. – Oh… é lindo.

– Superpesado e forte – Rhage resmungou. – Meu senhor, não tinha uma menor para escolher?

– Isso vindo de você? – Wrath disse, enquanto ele e George deram dois passos para a esquerda e um para trás. Com a mão, ele procurou o tecido das cortinas e se apoiou quando tocou as franjas.

O som de pessoas caminhando pelos arredores com botas pesadas ficou mais alto e acompanhado por um monte de palavrões. E grunhidos. Muito mais grunhidos. Bem como algumas coisas indistintas sobre reis e suas prerrogativas reais serem um pé no saco.

Então houve um barulho como se duas coisas pesadas batessem no chão, um som parecido ao que se ouvia quando dois cofres caíam de um precipício e aterrissavam com toda força lá embaixo.

– Podemos queimar o resto desses móveis de mulherzinha? – Butch murmurou. – Principalmente esse sofá…

– Não, todo o resto vai ficar – Wrath murmurou, imaginando se o caminho estava livre para a nova mobília. – Só precisava de uma atualização.

– Vai continuar nos ferrando?

– O sofá já foi reforçado para seu traseiro gordo. Me agradeça depois.

– Bom, você conseguiu uma atualização, realmente – Vishous disse. – Essa coisa é… imponente.

Wrath continuou a recuar, ficando de lado enquanto Beth dizia a seus Irmãos exatamente onde a mobília precisava ser recolocada.

– Certo, quer fazer um teste, meu senhor? – Rhage disse. – Acho que está pronto.

Wrath limpou a garganta.

– Sim. Sim, vou fazer isso.

Ele e George seguiram adiante, e o rei estendeu a mão até encontrar…

A escrivaninha de seu pai foi esculpida à mão em ébano, com desenhos ornamentais feitos por um verdadeiro mestre artesão.

Wrath inclinou-se, sentindo o contorno, lembrando o que seus jovens olhos tinham visto, recordando como séculos de uso só aumentaram sua beleza imponente. As pernas volumosas da escrivaninha tinham o formato de estátuas de machos que representavam as quatro estações da vida, e a parte superior lisa era marcada com os mesmos símbolos de linhagem que foram tatuados no interior dos braços de Wrath. Ao seguir para a outra extremidade, ele achou as três gavetas largas que corriam em baixo da superfície e lembrou-se de seu pai sentado atrás da coisa com documentos, editais e penas por todos os lados.

– É extraordinário – Beth disse suavemente. – Bom Deus, é…

– Do tamanho do meu maldito carro – Hollywood murmurou. – E duas vezes mais pesado.

– … a escrivaninha mais bonita que eu já vi – sua *shellan* concluiu.

– Era do meu pai – Wrath limpou a garganta. – Temos a cadeira também, certo? Onde está?

Butch gemeu e algo pesado foi arrastado.

– Eu… pensei que isso… fosse um… elefante. – O som das pernas da coisa batendo na tapeçaria foi trovejante. – Do que é feito esta coisa? Concreto reforçado pintado para parecer com madeira?

Vishous exalou tabaco turco.

– Eu disse a você para não tentar sozinho, tira. Quer ficar aleijado?

– Eu estou muito bem. As escadas foram moleza.

– Oh, mesmo? Então por que você está curvado e esfregando as costas na parte da cintura?

Houve outro gemido e então o tira murmurou:

– Eu não estou curvado.

– Não mais.

Wrath correu as mãos pelo alto dos braços do trono, sentindo os símbolos no Antigo Idioma que diziam que aquela não era uma mera cadeira, mas uma

cadeira de liderança. Era exatamente como ele se lembrava… e, sim, no alto do encosto achou metal frio e pedras lisas, e lembrou-se da vislumbrante visão do ouro, platina, diamantes… e um rubi não lapidado do tamanho de um punho.

A escrivaninha e o trono eram as únicas coisas que sobreviveram da casa de seu pai e que foram trazidas do Antigo País, não por ele, mas por Darius. D. foi quem encontrou o humano que tinha comprado o conjunto depois de ter sido vendido pelos *redutores* como fruto da pilhagem.

Sim… e Darius também tinha se importado o suficiente para ter certeza de que quando a Irmandade atravessasse o oceano, o trono da raça e a mesa que compunha a mobília do rei viessem junto.

Wrath nunca esperou usar qualquer um deles.

Mas quando ele e George se decidiram e se sentaram… aquilo pareceu correto.

– Droga, mais alguém está sentindo necessidade de fazer uma reverência? – Rhage perguntou.

– Sim – Butch disse. – Mas estou tentando aliviar a pressão no meu fígado. Acho que ele se enrolou ao redor da minha espinha.

– Eu disse que você precisava de ajuda – V. alfinetou.

Wrath deixou que seus Irmãos continuassem, porque sentiu que eles precisavam da liberação e da distração daquele velho duelo de palavras.

As coisas não foram muito bem durante a viagem à colônia no norte. Sim, Rehv fora resgatado dali e isso era ótimo, mas a Irmandade não deixava guerreiros para trás. E Xhex não estava em nenhum lugar onde pudesse ser encontrada.

A próxima batida na porta era o outro assunto que Wrath estava esperando. Quando Rehv e Ehlena entraram, ficaram impressionados com a nova mobília, e então a Irmandade saiu, deixando Wrath, Beth e George a sós com o casal.

– Quando voltará para o norte? – Wrath perguntou ao macho. – Para encontrá-la.

– No segundo em que eu possa suportar a luz que estiver se desvanecendo no céu.

– Ótimo. Você quer reforços?

– Não. – Houve um suave farfalhar, como se Rehv tivesse puxado sua companheira para ficar ao seu lado por não se sentir confortável. – Eu vou só.

É melhor. Além de procurar por Xhex, eu também vou nomear um sucessor e isso significa que as coisas podem ficar feias.

– Um sucessor?

– Minha vida é aqui. Em Caldwell. – Embora a voz de Rehv estivesse estável e forte, as emoções do macho estavam saltando por todo o lugar e Wrath não se surpreendeu. O liquidificador da vida havia girado o filho da mãe com força total nas últimas vinte e quatro horas, e se existia uma coisa que Wrath sabia em primeira mão era que, às vezes, salvamentos eram tão desorientadores quanto uma captura.

Claro que o resultado do último foi muito mais agradável. Que a Virgem Escriba conceda tal benção a Xhex.

– Olha, sobre Xhex – Wrath disse. – Qualquer coisa que precisar para encontrá-la, qualquer tipo de suporte que nós possamos oferecer, você o terá.

– Obrigado.

Quando Wrath pensou na fêmea e percebeu que a essa altura seria mais gentil lhe desejar a morte do que a vida, envolveu o braço ao redor da cintura de sua *shellan* para que pudesse sentir Beth ao seu lado.

– Ouça, sobre o futuro – ele disse a Rehv. – Preciso anunciar minhas intenções sobre o candidato.

– O que você quer dizer?

– Eu quero que você lidere o norte.

– *O quê?*

Antes que o macho pudesse dizer "de jeito nenhum!", Wrath interrompeu.

– A última coisa que preciso agora é de instabilidade na colônia. Eu não sei que droga está acontecendo com Lash e os *redutores*, ou por que ele estava lá, ou por que diabos ele estava promovendo aquela confusão toda com aquela Princesa, mas tenho certeza de uma coisa… pelo que Z. disse, aquele grupo de devoradores de pecado está morto de medo de você. Ainda que não viva lá em cima em tempo integral, eu quero que você se responsabilize por eles.

– Eu entendo onde você quer chegar, mas…

– Eu concordo com o rei.

Foi Ehlena quem falou e, evidentemente, ela surpreendeu seu companheiro porque o discurso de Rehv se transformou em uma sequência de gaguejos.

– Wrath está certo – Ehlena disse. – Você é o único que deve reinar.

– Sem ofensa – Rehv murmurou. – Mas esse não é o tipo de futuro que eu

tinha em mente para você e para mim. Primeiro, seria muito bom não ter que aparecer por lá nunca mais. Segundo, eu não estou interessado em liderá-los.

Wrath sentiu o duro trono debaixo de seu traseiro e teve de rir.

– Engraçado, às vezes sinto-me da mesma maneira sobre meus cidadãos. Mas o destino tem outros planos para pessoas como você e como eu.

– O inferno que tem. Eu não faço ideia sobre como fazer essa coisa de ser rei. Eu estaria voando às cegas. – Houve uma pausa rápida. – Quero dizer… droga… não que ser incapaz de enxergar seja… droga.

Wrath sorriu novamente, imaginando o pesar no rosto do sujeito.

– Não, tudo bem. Eu sou o que eu sou. – Quando Beth encontrou sua mão, ele a apertou para tranquilizá-la. – Eu sou o que eu sou, e você é o que é. Nós precisamos de você lá em cima cuidando dos negócios. Você nunca me decepcionou antes e sei que não me decepcionará agora. Quanto à liderança… tenho uma novidade para você: todos os reis são cegos, amigo. Mas se você tiver o coração no lugar certo, sempre conseguirá ver seu caminho com clareza.

Wrath ergueu os olhos cegos para o rosto de sua *shellan*.

– Uma fêmea de uma sabedoria extraordinária disse isso uma vez. E ela estava muito, muito certa.

Filho da mãe, Rehv pensou, enquanto olhava fixamente para o grande e reverenciado Rei Cego da raça vampira. O cara estava sentado numa espécie de trono tradicional em que todos esperariam que um líder se sentasse… a coisa era uma mobília impressionante e a escrivaninha também. E, veja só, enquanto permanecia ali sentado todo real, o filho da mãe soltava bombas com a certeza casual de um monarca, cujas exigências eram sempre atendidas.

Cristo, era como se ele esperasse ser sempre obedecido, mesmo se estivesse dizendo tolices.

O que significava… bom, ele e Wrath tinham bastante coisas em comum, não tinham?

Sem nenhum motivo específico, nenhum mesmo, absolutamente nenhum, Rehv imaginou o local de onde o rei dos *sympathos* governava. Era apenas uma cadeira com pedestal de mármore branco. Nada de especial. Contudo, o que é respeitado lá em cima são os poderes da mente… demonstrações externas de autoridade não são vistas como tão impressionantes.

A última vez que Rehv esteve na sala do trono foi quando abriu a garganta

de seu pai com um corte, e lembrava como o sangue azul do macho escorreu sobre as finas fissuras da pedra antiga como uma garrafa de tinta derramada.

Rehv não gostou da imagem, mas não porque tivesse vergonha do que tinha feito. Era só que… se ele cedesse aos desejos de Wrath, seria este o seu futuro? Ser fatiado por um dos integrantes de sua extensa família?

Era esse o destino que esperava por ele?

Com tudo isso em mente, olhou para Ehlena em busca de ajuda… e ela deu justamente o tipo de força que precisava. Ela o encarou com um amor tão firme e ardente que ele decidiu que talvez não devesse ter essa visão pessimista do destino.

E quando ele olhou de volta para Wrath, viu que o rei tinha o mesmo tipo de apoio em sua *shellan*.

Aquele era o modelo para inspirar-se, Rehv pensou. Bem na frente dele estava quem e o que ele queria ser: um líder responsável e poderoso com uma rainha que permaneceria ao seu lado e governaria tanto quanto ele.

Só que seus civis não eram nada parecidos com os de Wrath. E Ehlena não poderia governar na colônia. Nunca.

Apesar de ela ser ótima conselheira: não existia ninguém de quem ele preferiria buscar conselho… exceto por aquele vampiro filho da mãe sentado naquele trono do outro lado da sala.

Rehv tomou as mãos de sua companheira.

– Ouça-me bem. Se eu fizer isso, se eu governar, irei interagir na colônia sozinho. Você não pode subir lá. E eu prometo a você, vão existir partes feias. Partes realmente feias. Algumas coisas acontecerão que poderão mudar sua opinião sobre mim…

– Meu caro, já passei por tudo isso, não se lembra? – Ehlena balançou a cabeça. – E não importa o que aconteça, você é um bom macho e sempre será… a história tem provado isso várias vezes, e é a única garantia que alguém pode querer.

– Deus, eu amo você.

E, ainda assim, quando ela sorriu, Rehv sentiu a necessidade de confirmar.

– Você tem certeza mesmo? Uma vez que entrarmos nessa…

– Tenho total e absoluta… – ela ergueu-se e o beijou – certeza.

– Caramba. – Wrath bateu as mãos como se o time da casa tivesse acabado de marcar um gol. – Eu amo uma boa fêmea.

– Sim, eu também. – Com um pequeno sorriso, Rehv apertou sua *shellan*

nos braços, sentindo como se o mundo tivesse se endireitado de muitas maneiras. Agora, se eles conseguissem Xhex de volta…

Não é *se*, ele disse a si mesmo. É *quando*.

Ehlena deitou a cabeça contra o peito e Rehv acariciou as costas dele e olhou com firmeza para Wrath. Depois de um momento, o rosto do rei deslocou-se de sua rainha, como se soubesse que Rehv estava olhando para ele.

No silêncio do adorável e pálido azul do escritório, uma comunhão estranha era firmada entre os dois. Mesmo sendo tão diferentes de tantas maneiras, mesmo compartilhando tão poucas coisas e conhecendo um ao outro menos ainda, estavam unidos por uma familiaridade que nenhum deles tinha com qualquer outra pessoa no planeta.

Eram governantes que sentavam sozinhos em seus tronos.

Eram… reis.

– A vida é um trauma glorioso, não é mesmo? – Wrath murmurou.

– Sim. – Rehv beijou o topo da cabeça de Ehlena, pensando que antes de conhecê-la, teria cortado o *glorioso* daquela frase. – É exatamente o que ela é.

# A SEGUIR UMA PRÉVIA DO OITAVO ROMANCE DA IRMANDADE DA ADAGA NEGRA, *LOVER MINE*

**Do outro lado da cidade,** longe dos bares e lojas de tatuagens da Rua Trade, em um enclave de casas geminadas de arenito vermelho e ruas de paralelepípedos, Xhex ficou em pé perto de uma janela saliente e olhou para fora através do antigo vidro ondulado.

Ela estava nua, com frio e machucada.

Mas não era fraca.

Lá embaixo, na calçada, uma fêmea humana passeava com um cachorrinho em uma coleira e tinha um telefone celular na orelha. Do outro lado, as pessoas que ocupavam outros edifícios elegantes estavam bebendo, comendo e lendo. Carros passavam lentamente, tanto por respeito aos vizinhos, quanto por temerem o dano que a rua irregular poderia causar aos sistemas de suspensão de seus carros.

Todo aquele público de *Homo sapiens* não podia vê-la nem ouvi-la. E não apenas porque as habilidades dessa outra raça eram reduzidas em comparação às dos vampiros. Ou, no seu caso, metade vampiro, metade *symphato*.

Mesmo que ela acendesse a luz e gritasse até suas pregas vocais desistirem de funcionar, mesmo que acenasse com os braços até que caíssem do corpo, os homens e mulheres que estavam ao redor simplesmente continuariam a fazer o que estavam fazendo, sem saber que ela estava presa naquele quarto, bem no meio deles. E não era como se ela pudesse pegar a escrivaninha ou o criado mudo e quebrar o vidro. Nem derrubar a porta a chutes ou rastejar pela janela do banheiro.

Já havia tentado tudo isso.

A assassina dentro dela não conseguiu deixar de ficar impressionada com a natureza penetrante da sua cela invisível: não havia, literalmente, nenhuma chance de contorná-la, atravessá-la ou sair dela.

Afastando-se da janela, andou ao redor da cama *king-size* com lençóis de seda e memórias horríveis… passou pelo banheiro de mármore… e seguiu pela porta que levava ao corredor. Considerando a forma como as coisas estavam com seu sequestrador, não era como se ela precisasse de mais exercício, mas ela não podia ficar parada, seu corpo estava tendo espasmos e zumbia.

Ela já havia passado por essa coisa de ficar em um lugar contra sua vontade antes. Sabia que a mente, assim como um corpo faminto, poderia canibalizar-se após muito tempo se você não a alimentasse com algo para funcionar direito.

Sua distração favorita? Drinques diversos. Depois de ter trabalhado em clubes por anos, conhecia legiões de drinques e misturas e percorreu todos eles com a mente, imaginando as garrafas, os copos, o modo de servir, o gelo e as especiarias.

Essa rotina de Enciclopédia Ambulante de *Bartender* a manteve sã.

Até agora, tinha esperado um erro, um deslize, uma oportunidade para escapar. Nada disso aconteceu, e a esperança estava começando a desaparecer, expondo um enorme buraco negro que estava pronto para devorá-la. Então, ela não parava de fazer drinques em sua cabeça e de buscar uma brecha.

E sua experiência ajudou de uma forma estranha. O que acontecia naquele lugar, por pior que fosse, por mais que doesse fisicamente, não era nada comparado ao que ela havia enfrentado antes.

Era coisa de pouca importância.

Ou… pelo menos era o que ela dizia a si mesma. Às vezes, parecia pior.

Andando mais um pouco, passou por mais duas janelas salientes, pela escrivaninha e depois ao redor da cama novamente. Desta vez ela entrou no banheiro. Não havia navalhas ou escovas ou pentes, apenas algumas toalhas que estavam ligeiramente úmidas e uma ou duas barras de sabão.

Quando Lash a raptou, usando o mesmo tipo de magia que a mantinha naquele conjunto de salas, trouxe-a àquele elegante local e sua primeira noite e dia juntos foi um indicativo de como as coisas seriam.

No espelho sobre o lavatório duplo, observou a si mesma e realizou uma análise desapaixonada do seu corpo. Havia hematomas por toda parte… cortes e arranhões também. Era brutal no que fazia e ela lutava revidando, pois seria amaldiçoada antes de deixar que a matasse – por isso era difícil

dizer quais marcas haviam sido feitas por ele e quais foram acidentais pelo que ela tinha feito ao bastardo.

Se ele colocasse seu traseiro nu diante de algum espelho, poderia apostar seu último suspiro que não aparentava melhor do que ela.

Olho por olho.

A conclusão infeliz de tudo isso era que ele gostava que ela combatesse o fogo com fogo. Quanto mais lutavam, mais ficava excitado, e ela sentia que Lash estava surpreso com suas próprias emoções. Nos primeiros dias, esteve no modo punição, tentando retribuir o que ela havia feito à sua última namorada – evidentemente, aquelas balas que tinha colocado no peito da cadela o irritaram mesmo. Mas, então, as coisas mudaram. Ele começou a falar menos sobre sua ex e mais sobre as partes do corpo e fantasias envolvendo um futuro que incluía ela dando a luz à sua desova.

Conversa mole do sociopata.

Agora, seus olhos brilhavam por outro motivo quando vinha até ela, e se a surrava até ficar desacordada, geralmente recuperava a consciência com ele envolvido em seu corpo.

Xhex afastou-se de seu reflexo e congelou antes de dar outro passo.

Alguém estava lá embaixo.

Saindo do banheiro, ela foi até a porta que levava ao corredor e respirou lenta e profundamente. Quando o cheiro de carniça suada flutuou em sua cavidade nasal, ficou claro que o que estava perambulando no andar debaixo era um *redutor* – mas não era Lash.

Não, era seu subordinado, o que vinha toda noite antes de seu sequestrador chegar para fazer-lhe algo para comer. O que significava que Lash estava a caminho do edifício geminado de arenito vermelho.

Cara, ela era sortuda: ser sequestrada pelo único membro da Sociedade Redutora que comia e transava. O restante deles era impotente como alguém com noventa anos de idade e sobreviviam com uma dieta à base de ar, mas Lash? O filho da mãe era totalmente funcional.

Voltando para a janela, ela esticou a mão em direção ao vidro. A fronteira que marcava sua prisão era um campo de energia que sentia como alfinetadas quentes quando ela entrava em contato com ele. A maldita coisa era como uma barreira invisível para coisas maiores que cães… com o benefício adicional de que uma coleira não era necessária.

A coisa cedeu um pouco… quando ela pressionou para frente, houve uma

insinuação de flexibilidade, mas só até certo ponto. Em seguida, as moléculas que foram agitadas agruparam-se, e a sensação de queimação foi tão aguda que ela teve que agitar a mão e andar para aliviar a dor.

Enquanto esperava Lash voltar, sua mente saiu à deriva até o macho no qual ela tentava não pensar.

Especialmente se Lash estava por perto. Não ficou claro o quanto seu sequestrador poderia entrar em sua mente, mas ela não quis arriscar. Se o desgraçado suspeitasse que aquele soldado mudo era o bálsamo de sua alma, tal como o seu povo dizia, poderia usar aquilo contra ela… e contra John Matthew.

Uma imagem do macho veio à sua mente, seus olhos azuis ressoavam em sua lembrança tão claramente, que conseguia ver as manchas azuis marinho neles. Deus, aqueles belos olhos azuis.

Lembrava-se de quando ela o conheceu, quando ainda estava na fase pré-transição. Ele havia olhado para ela com tal temor e admiração, como se ela fosse maior que a vida, uma revelação. Claro que, naquela época, tudo o que sabia era que ele estava carregando armas no ZeroSum e, como chefe de segurança do clube, tentou desarmá-lo e jogá-lo na rua. Mas depois ela descobriu que o Rei Cego era seu *ghia* e isso mudava tudo.

Após saber a feliz notícia sobre quem comandava seu negócio, John não apenas recebeu permissão para entrar armado; passou a ser um convidado especial, juntamente com seus dois colegas. Depois disso, vinha regularmente e sempre a observava, aqueles olhos azuis a seguiam onde quer que fosse. E então ele passou pela transição. Mas que droga, transformou-se em um macho dos grandes e, de repente, aquele olhar tinha algo quente adicionado à suave timidez.

Foi preciso muita coisa para matar essa bondade. Fiel à sua natureza assassina, porém, havia conseguido acabar com o calor… que havia na maneira como a olhava.

Concentrando-se na rua, pensou no tempo que tinham passado juntos no porão de sua casa. Depois do sexo, quando tentou beijá-la, quando seus olhos azuis brilharam com a marca registrada de vulnerabilidade e compaixão que era associada a ele, afastou-se e o deteve.

Era um caso de coragem perdida. Ela simplesmente não conseguia lidar com a pressão da coisa toda de "corações e flores"… ou a responsabilidade que acompanha estar perto de alguém que se sentia assim por ela… ou com a

realidade de que tinha a capacidade de amar de volta.

A vingança foi a morte daquele olhar especial.

O consolo que tinha era que entre os homens que estavam propensos a tentar ir atrás dela – Rehvenge, iAm e Trez… a Irmandade – John não estava em uma cruzada. Se estivesse procurando por ela, era porque tinha que fazê-lo como um soldado, não por ser compelido a fazer parte de uma missão suicida pessoal.

Não, John Matthew não estaria à caminho da guerra por causa de seus sentimentos por ela.

Já tendo visto um macho de valor destruir a si mesmo ao tentar resgatá-la, ao menos não teria de fazer isso de novo.

Quando o cheiro de bife grelhado permeou o local, ela desligou seus pensamentos e reuniu sua vontade em torno dela como uma armadura.

Seu "amante" estaria aqui a qualquer minuto, por isso precisava fechar suas escotilhas mentais e se preparar para a batalha daquela noite. Um esgotamento difuso se arrastou nela, mas sua vontade afastou o peso morto. Ela precisava se alimentar, precisava disso ainda mais do que um bom descanso, mas nenhum deles ia acontecer tão cedo.

Era uma questão de colocar um pé na frente do outro até que algo se rompesse.

Isso e acabar com o macho que ousou detê-la contra sua vontade.

# J. R. Ward, autora *best-seller* da lista do *New York Times*, nos oferece um evento único: um volume inteiro dedicado aos bastidores da amada série da Irmandade da Adaga Negra

**Você vai encontrar informações** privilegiadas sobre a Irmandade, incluindo dossiês com estatísticas e os dons especiais de cada integrante. Você vai ler entrevistas com seus personagens favoritos, incluindo uma conversa comovente com Tohrment e Wellsie, realizada três semanas antes de ela ser assassinada pelos *redutores*. Vai descobrir cenas deletadas – acompanhadas pelo motivo dos cortes – além de fatos interessantes dos fóruns de fãs e respostas a perguntas dos leitores. Vai saber como é para a autora escrever cada volume da série e, numa reviravolta fascinante, vai ler uma entrevista com a própria J. R. Ward – feita pelos Irmãos. Pela primeira vez, vai ler um conto original sobre Zsadist e Bella, e vai testemunhar o milagre do nascimento de sua filha, Nalla, e a profundidade do amor que sentem um pelo outro.

Este é um compêndio que nenhum fã da Irmandade da Adaga Negra pode perder. É uma visão íntima tão poderosa e sedutora quanto os próprios Irmãos e o mundo em que vivem.

# SOBRE A AUTORA

**J. R. Ward vive no** Sul dos Estados Unidos com o marido incrivelmente solidário e o seu amado *golden retriever*. Depois de se formar em Direito, começou sua vida profissional na área da saúde, em Boston, e passou muitos anos como chefe de gabinete de um dos mais importantes centros médicos acadêmicos do país. Conheça mais sobre a autora e a Irmandade da Adaga Negra no site *www.jrward.com*.